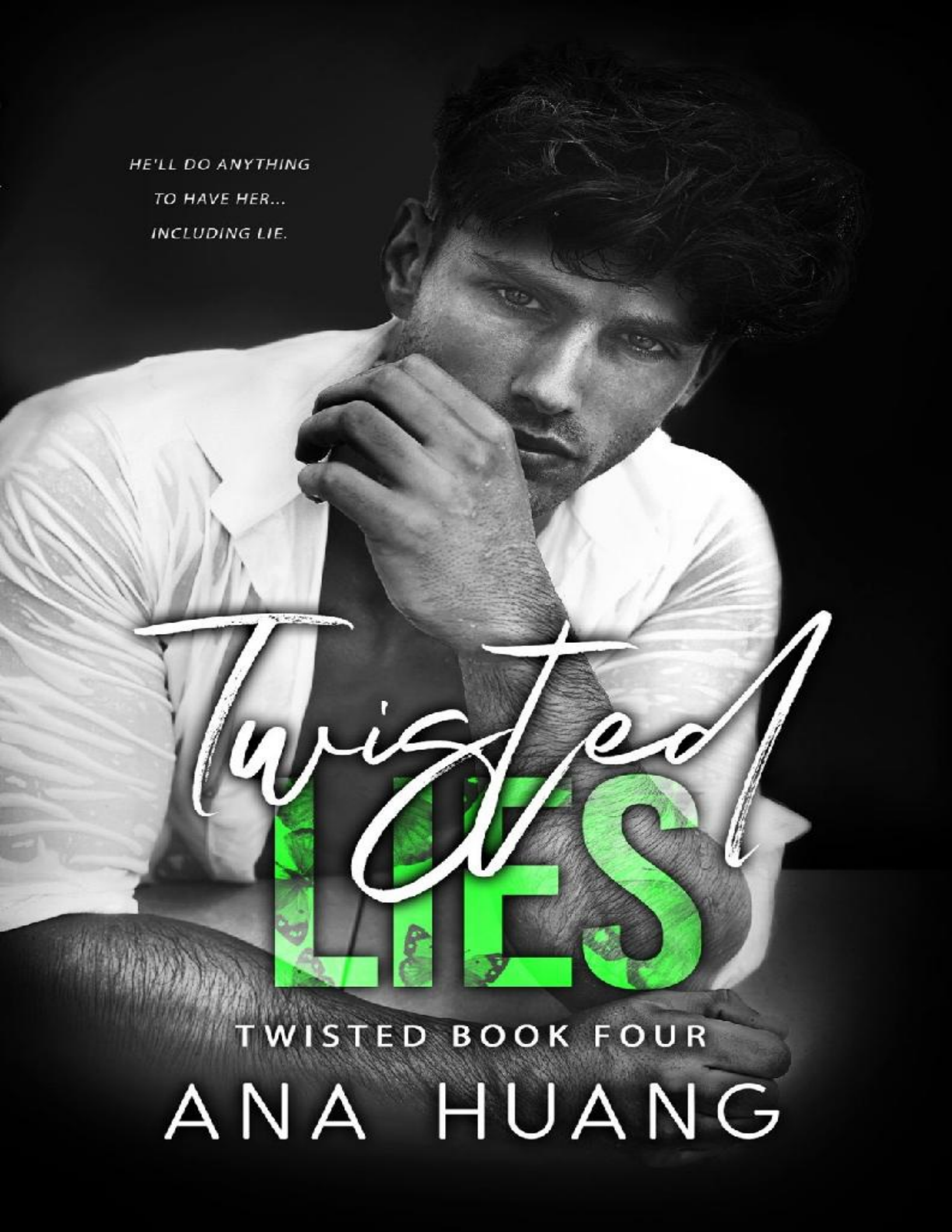

HE'LL DO ANYTHING
TO HAVE HER...
INCLUDING LIE.
Twisted
LIES
TWISTED BOOK FOUR
ANA HUANG


WICKED LADY



A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

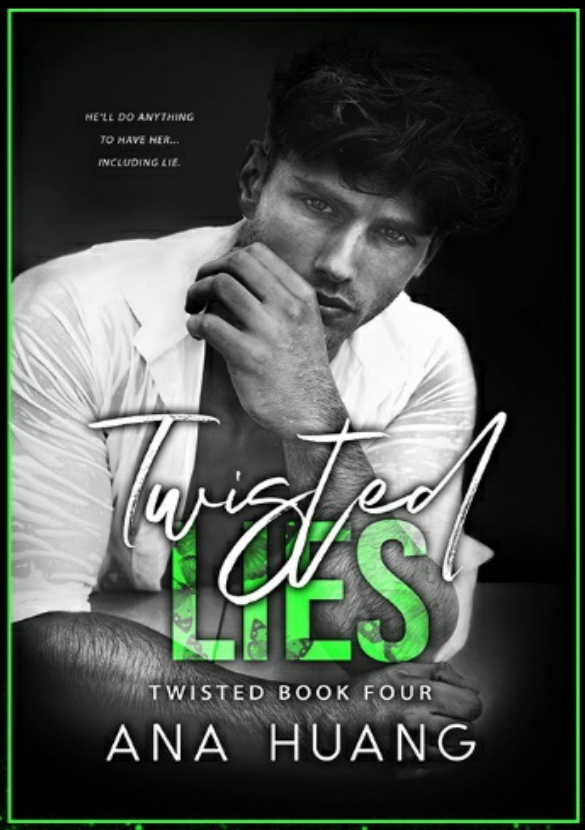
O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Série Twisted

LANÇAMENTO

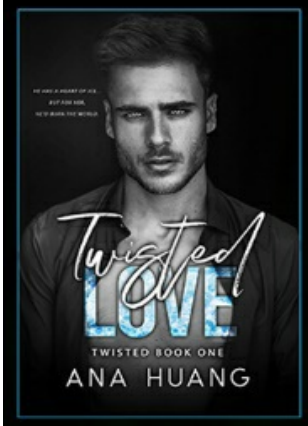


LIVRO QUATRO

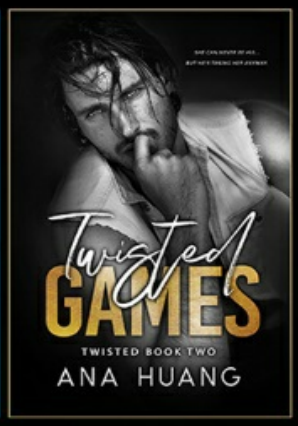


Twisted

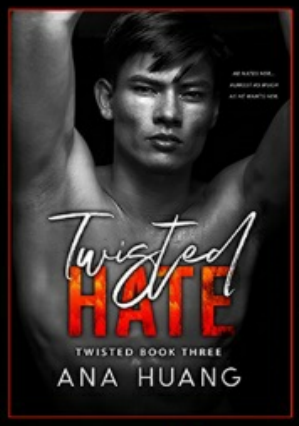
ORDEM DA SÉRIE



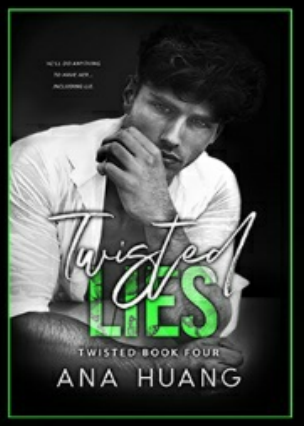
LIVRO UM



LIVRO DOIS



LIVRO TRÊS



LIVRO QUATRO



SINOPSE

Ele fará qualquer coisa para tê-la... inclusive mentir.

Charmoso, mortal e inteligente o suficiente para esconder isso, Christian Harper é um monstro vestido com os ternos perfeitamente adaptados de um cavalheiro.

Ele tem pouco uso para a moral e menos ainda para o amor, mas não pode negar a estranha atração que sente pela mulher que mora apenas um andar abaixo dele.

Ela é o objeto de seus desejos mais sombrios, o único quebra-cabeça que ele não consegue resolver. E quando surge a oportunidade de se aproximar dela, ele quebra suas próprias regras para oferecer a ela um acordo que ela não pode recusar.

Todo monstro tem sua fraqueza. Ela é a dele.

Sua obsessão.

Seu vício.

Sua única exceção.

* * *

Doce, tímida e introvertida apesar de sua fama nas redes sociais, Stella Alonso é uma romântica que mantém seu coração em uma gaiola.

Entre seus dois empregos, ela tem pouco tempo ou desejo de um relacionamento.

Mas quando uma ameaça de seu passado a leva para os braços – e para a casa – do homem mais perigoso que ela já

conheceu, ela fica tentada a se permitir sentir algo pela primeira vez em muito tempo.

Porque apesar da natureza fria de Christian, ele a faz sentir tudo quando está com ele.

Apaixonada.

Protegida.

Realmente querida.

O amor deles é retorcido por segredos e maculado por mentiras... e quando as verdades são finalmente reveladas, elas podem destruir tudo.

PLAYLIST

“Tears of Gold (Slowed)” — Faouzia

“Made to Love” — John Legend

“God is a Woman” — Ariana Grande

“Infinity” — Jaymes Young

“Style” — Taylor Swift

“Crazy in Love” — Sofia Karlberg

“Coffee” — Miguel

“Heat Waves” — Glass Animals

“I Know You” — Skylar Grey

“Earned It” — The Weeknd

“Beautiful” — Bazzi

“Die for You” — The Weeknd

“Harleys in Hawaii” — Katy Perry

“Said I Loved You But I Lied” — Michael Bolton

NOTAS DE CONTEÚDO

Esta história contém um herói alfa moralmente cinza, conteúdo sexual explícito, palavrões, violência gráfica e tópicos que podem ser sensíveis para alguns leitores.

Para todos cuja cor favorita é moralmente cinza.

1

Stella

— Stella!

Minha frequência cardíaca acelerou. Nada desencadeava minha luta ou fuga como o som da voz de Meredith.

— Sim? — Eu escondi minha ansiedade atrás de uma expressão neutra.

— Eu confio que você pode levar todos os itens de volta para o escritório sozinha. — Ela vestiu o casaco e jogou a bolsa por cima do ombro. — Tenho uma reserva de jantar que simplesmente não posso perder.

— Cla...

Ela desapareceu pela porta.

— Claro que posso — eu terminei.

O fotógrafo me lançou um olhar solidário, que respondi com um encolher de ombros cansado. Eu não era a primeira assistente de revista que sofria com uma chefe tirânica, e não seria a última.

Era uma vez, trabalhar em uma revista de moda teria sido um sonho. Agora, depois de quatro anos na *D.C. Style,* a realidade do trabalho havia enfraquecido qualquer brilho que a posição antes trazia.

No tempo em que eu arrumei tudo da sessão de fotos, deixei os itens no escritório e comecei minha caminhada para casa, minha testa estava escorregadia de suor e meus

músculos estavam a caminho de se tornar gelatina.

O sol havia se posto meia hora atrás, e as luzes da rua lançavam um brilho alaranjado nebuloso sobre as calçadas cobertas de neve.

A cidade estava sob um aviso de nevasca, mas o mau tempo não iria aparecer até mais tarde da noite. Também era mais rápido eu caminhar para casa do que pegar o metrô, que ficava louco sempre que havia mais de um centímetro de neve.

Alguém poderia pensar que a cidade estaria mais bem preparada considerando que nevava todos os anos, mas não. Não D.C.[1]

Eu não deveria estar olhando para o meu telefone enquanto caminhava, especialmente devido ao clima, mas não pude evitar.

Abri o e-mail que recebi naquela tarde e o encarei, esperando que as palavras se reorganizassem em algo menos perturbador, mas nunca o fizeram.

A partir de 1º de abril, o custo de um quarto privativo na Greenfield Senior Living aumentará para US$ 6.500 por mês. Pedimos desculpas antecipadamente por qualquer inconveniente que isso possa causar, mas estamos confiantes de que as mudanças resultarão em um atendimento de qualidade ainda maior para nossos residentes...

O smoothie verde que eu bebi durante o almoço revirou no meu estômago.

Inconveniente, eles disseram. Como se eles não estivessem aumentando os preços de uma instalação de repouso para idosos em mais de vinte por cento. Como se seres humanos vivos, respirando, *vulneráveis* não sofressem com o resultado da ganância da nova administração.

Inspira, um, dois, três. Expira, um, dois, três.

Tentei deixar as respirações profundas lavarem minha ansiedade crescente.

Maura praticamente me criou. Ela era a única pessoa que sempre esteve lá para mim, mesmo que ela não soubesse quem eu era agora. Eu *não podia* movê-la para outra instalação de repouso para idosos. A Greenfield era a melhor da região e se tornara sua casa.

Os meus amigos e familiares não sabiam que eu estava pagando por seus cuidados. Eu não queria que as perguntas inevitáveis fossem levantadas.

Eu só teria que encontrar uma maneira de cobrir os custos mais altos. Talvez eu pudesse fazer mais parcerias ou negociar taxas mais altas para meu blog e Instagram. Eu tinha um jantar próximo com Delamonte em Nova York, que meu gerente disse que era uma audição para o cargo de embaixadora da marca. Se eu...

— Srta. Alonso.

A voz profunda e rica roçou minha pele como veludo preto e me parou. Um calafrio seguiu seu rastro, nascido de partes iguais de prazer e advertência.

Eu reconhecia aquela voz.

Eu a tinha ouvido apenas três vezes na minha vida, mas isso foi o suficiente. Como o homem que a possuía, era inesquecível.

A cautela cintilou em meu peito antes que eu a cobrisse. Virei a cabeça, meu olhar percorrendo os potentes pneus de inverno e as linhas elegantes e distintas do McLaren preto parado ao meu lado antes de alcançar a janela do passageiro abaixada e o proprietário em questão.

Meu coração desacelerou uma fração de uma batida.

Cabelo escuro. Olhos de uísque. Um rosto tão primorosamente esculpido que poderia ter sido obra do próprio Michelangelo.

Christian Harper.

CEO de uma empresa de segurança de elite, dono do Mirage, o prédio onde eu morava, e possivelmente o homem mais bonito e perigoso que já conheci.

Eu não tinha nada além do instinto para apoiar a parte *perigosa* da minha avaliação, mas meu instinto nunca me enganou.

Eu inalei uma pequena respiração. Eu a soltei. E sorri.

— Sr. Harper. — Minha resposta educada foi recebida com diversão seca.

Aparentemente, só ele tinha permissão para se dirigir às pessoas por seus sobrenomes, como se todos vivêssemos em uma sala de reuniões gigante e abafada.

Os olhos de Christian roçaram os flocos de neve flutuando no meu ombro antes de encontrarem os meus olhos novamente.

Meu coração desacelerou outra fração de uma batida.

Minúsculas crepitações de eletricidade zumbiam sob o peso de seu olhar, e levou cada grama de força de vontade para não dar um passo para trás e me livrar da sensação estranha.

— Tempo lindo para uma caminhada. — Sua observação foi ainda mais seca do que seu olhar.

Calor correu sobre a parte de trás do meu pescoço. — Não está tão ruim.

Foi só então que percebi a velocidade alarmante com que a neve engrossava. Talvez a previsão de nevasca estivesse *um pouco* fora de sua estimativa.

— Meu apartamento fica a apenas vinte minutos de distância — adicionei para... eu não sabia. Provar que eu não era estúpida caminhando pela cidade em uma tempestade de neve, eu acho.

Em retrospectiva, talvez eu devesse ter pegado o metrô.

— A nevasca já está acontecendo e há manchas de gelo por todas as calçadas. — Christian descansou o antebraço no volante – uma ação que não tinha o direito de ser tão atraente quanto foi. — Vou te dar uma carona.

Ele também morava no Mirage, então fazia sentido. Na verdade, o apartamento dele ficava apenas um andar acima do meu.

Ainda assim, eu balancei minha cabeça.

O pensamento de me sentar em um espaço confinado com Christian, mesmo que por alguns minutos, me encheu com uma estranha sensação de pânico.

— Estou bem. Tenho certeza de que você tem coisas melhores para fazer do que me levar de carona, e andar clareia minha cabeça. — As palavras saíram com pressa. Eu não divagava com frequência, mas quando o fazia, nada menos que uma explosão nuclear poderia me parar. — É um bom exercício, e eu preciso testar minhas novas botas de neve de qualquer maneira. Esta é a primeira vez que eu as uso nesta estação. — *Pare de falar.* — Então, por mais que eu aprecie sua oferta, tenho que recusar educadamente.

Terminei meu minidiscurso quase incoerente com uma nota de falta de ar.

Eu estava ficando melhor em dizer não, mas ainda

exagerava todas as vezes.

— Isso faz sentido? — acrescentei quando Christian permaneceu em silêncio.

Uma rajada de vento gelado escolheu aquele momento para passar. Isso tirou o capuz do meu casaco da minha cabeça e passou por minhas camadas de roupas até meus ossos, provocando uma explosão de arrepios involuntários.

Eu estava suando muito no estúdio, mas agora estava com tanto frio que até a memória do calor estava coberta de azul.

— Isso faz — Christian finalmente falou, seu tom e expressão ilegíveis.

— Bom. — A palavra estremeceu através dos meus dentes trêmulos. — Então eu vou deixar você...

O *clique* suave de uma porta se abrindo me interrompeu.

— Entre no carro, Stella.

Eu entrei no carro.

Disse a mim mesma que era porque a temperatura de alguma forma havia caído vinte graus no espaço de cinco minutos, mas eu sabia que era mentira.

Foi o som do meu nome, naquela voz, emitido com uma autoridade tão calma que meu corpo obedeceu antes que eu pudesse protestar.

Para um homem que eu mal conhecia, ele tinha mais poder sobre mim do que quase qualquer outra pessoa.

Christian se afastou do meio-fio e girou um botão no painel. Um segundo depois, o calor explodiu das aberturas e aqueceu minha pele fria.

O carro cheirava a couro legitimo e especiarias caras, e

estava estranhamente limpo. Sem embalagens, sem xícaras de café meio vazias, nem mesmo um pedaço de fiapo.

Afundei mais no meu assento e olhei para o homem ao meu lado.

— Você sempre consegue o que quer, não é? — perguntei levemente, tentando dissolver a tensão inexplicável que cobria o ar.

Ele deslizou um breve olhar em minha direção antes de se concentrar novamente na estrada. — Nem sempre.

Em vez de se dissolver, a tensão engrossou e escorregou em minhas veias. Quente e inquieta, como uma brasa à espera de um sopro de oxigênio para lançá-la à vida.

Missão fracassada.

Virei a cabeça e olhei pelo para-brisa, muito desconcertada pelos acontecimentos do dia para tentar mais conversa.

Os nervos subindo pelo meu peito e na minha garganta não ajudaram.

Eu deveria ser a pessoa legal e calma, aquela que via o lado bom em cada momento e permanecia sensata, não importava a situação. Essa era a imagem que eu projetei a maior parte da minha vida porque era o que se esperava de mim como uma Alonso.

Uma Alonso não sofria de ataques de ansiedade nem passava as noites se preocupando com cada coisinha que poderia dar errado no dia seguinte.

Uma Alonso não procurava terapia nem lavava roupa suja para um estranho.

Uma Alonso deveria ser perfeita.

Eu torci meu colar no meu dedo até cortar a circulação.

Meus pais provavelmente *adorariam* Christian. No papel, ele era tão perfeito quanto parecia.

Rico. Boa aparência. Bem-educado.

Eu me ressentia quase tanto quanto me ressentia do jeito que ele dominava o espaço ao nosso redor, sua presença se derramando em cada canto e fenda até que era a única coisa em que eu conseguia me concentrar.

Fixei meus olhos na rua à frente, mas meus pulmões estavam cheios com o cheiro de sua colônia e minha pele vibrava com a consciência da forma como seus músculos flexionavam a cada volta do volante.

Eu não deveria ter entrado no carro.

Além do calor, a única vantagem era que eu chegaria em casa para o meu banho e cama mais cedo. Eu não podia esperar...

— As plantas estão indo bem.

A declaração foi lançada tão casual e inesperadamente que levei vários segundos para perceber que 1) alguém havia quebrado o silêncio e 2) esse alguém era, de fato, Christian e não uma invenção da minha imaginação.

— Desculpe?

— As plantas no meu apartamento. — Ele parou em um sinal vermelho. — Elas estão indo bem.

O que isso... *oh*.

A compreensão surgiu, seguida por um pequeno lampejo de orgulho.

— Estou feliz. — Dei-lhe um sorriso hesitante agora que a conversa estava em território seguro e neutro. — Elas só precisam de um pouco de amor e atenção para prosperar.

— E água.

Pisquei com sua declaração óbvia e inexpressiva. — E água.

As palavras pairaram entre nós por um momento antes de uma risada escapar da minha garganta e a boca de Christian se curvar no mais ínfimo dos sorrisos.

O ar finalmente iluminou, e o nó no meu peito afrouxou um pouco.

Quando a luz ficou verde, o poderoso ronco do motor quase abafou suas próximas palavras. — Você tem um toque mágico.

Minhas bochechas aqueceram, mas eu respondi com um pequeno encolher de ombros. — Eu gosto de plantas.

— Pessoa perfeita para o trabalho, então.

As plantas dele estavam em aparelhos vitais quando eu assumi seus cuidados em troca de manter meu aluguel atual.

Depois que minha amiga e ex-colega de quarto Jules se mudou no mês passado para morar com o namorado, minhas opções eram arranjar outra colega de quarto ou sair do Mirage, já que eu não podia pagar as duas partes do nosso aluguel. Eu me apeguei ao Mirage, mas preferia rebaixar minha casa do que viver com um estranho. Minha ansiedade não aguentaria isso.

Christian já havia reduzido o aluguel mensal para nós quando visitamos o apartamento pela primeira vez e mencionou que o preço normal estava fora do nosso orçamento, então fiquei chocada quando ele propôs nosso acordo atual depois que mencionei a possibilidade de me mudar.

Era um pouco suspeito, mas ele era amigo do meu outro amigo, o marido de Bridget, o que facilitou a aceitação de sua oferta. Eu estava cuidando de suas plantas por cinco semanas

e nada terrível aconteceu. Eu nem o via quando subia as escadas. Apenas entrava, regava as plantas e ia embora.

— Como você sabia que eu poderia fazer isso? — Ele poderia ter proposto qualquer tipo de tarefa – anotar seus recados, lavar a roupa, limpar a casa (embora já tivesse uma governanta em tempo integral). A coisa da planta foi estranhamente específica.

— Eu não sabia. — Desinteresse e um fio de algo imperceptível se entrelaçaram em sua voz. — Foi uma coincidência de sorte.

— Você não parece alguém que acredita em coincidências.

A falta de sentimentalismo de Christian transparecia em tudo que ele fazia e vestia – as linhas afiadas de seu terno, a calma precisão de suas palavras, o distanciamento frio de seu olhar.

Eram os traços de alguém que adorava a lógica, o poder e o pragmatismo frio e duro. Não algo tão nebuloso quanto a coincidência.

Por alguma razão, Christian achou isso engraçado. — Eu acredito nisso mais do que você pensa.

Intriga acendeu em seu tom autodepreciativo.

Apesar de ter acesso ao apartamento dele, eu sabia muito pouco sobre ele. Sua cobertura era um estúdio de design impecável e luxo, mas continha pouco ou nenhum objeto pessoal.

— Gostaria de compartilhar? — eu tentei.

Christian entrou na garagem privada do Mirage e estacionou em sua vaga reservada perto da entrada dos fundos.

Nenhuma resposta.

Então, novamente, eu não esperava uma.

Christian Harper era um homem envolto em rumores e sombras. Mesmo Bridget não sabia muito sobre ele, apenas sua reputação.

Não voltamos a falar quando passamos pela entrada e entramos no saguão.

Com 1,90m, Christian tinha uns bons 15 centímetros a mais que eu, mas eu ainda era alta o suficiente para combinar com seus passos largos.

Nossos passos caíram em perfeita sincronia contra o chão de mármore.

Eu sempre fui um pouco autoconsciente sobre minha altura, mas a presença poderosa de Christian me envolveu como um cobertor de segurança, desviando a atenção do meu corpo amazônico.

— Chega de andar na nevasca, Srta. Alonso. — Paramos no acesso aos elevadores e nos encaramos. Sua sombra de sorriso retornou, todo charme preguiçoso e confiança. — Eu não posso ter um dos meus inquilinos morrendo de hipotermia. Seria ruim para os negócios.

Outra risada inesperada roçou minha garganta. — Tenho certeza que você vai encontrar alguém para me substituir em um instante.

Eu não tinha certeza se devia minha leve falta de ar ao frio persistente em meus pulmões ou ao impacto total de estar tão perto dele.

Eu não estava interessada em Christian romanticamente. Eu não estava interessada em *ninguém* romanticamente; entre a revista e meu blog, não tinha tempo nem de pensar em

namoro.

Mas isso não significava que eu era imune à sua presença.

Algo brilhou naqueles olhos de uísque antes de esfriar. — Provavelmente não.

A leve falta de ar se transformou em algo mais pesado que estrangulou minha voz.

Cada frase que saía de sua boca era um código que eu não conseguia decifrar, imbuído de um significado oculto que só ele conhecia enquanto eu era deixada no escuro.

Eu conversei com Christian três vezes na minha vida: uma vez quando assinei meu contrato de aluguel, uma vez de passagem no casamento de Bridget e uma vez quando discutimos minha situação de aluguel sem Jules.

Todas as três vezes, eu saí mais inquieta do que antes.

O que estávamos falando mesmo?

Fazia menos de um minuto desde a resposta de Christian, mas esse minuto tinha se estendido tão devagar que poderia ter sido uma eternidade.

— Christian.

Uma voz profunda e levemente acentuada cortou o fio segurando nosso momento suspenso no ar.

O tempo voltou à sua cadência habitual, e minha respiração saiu em uma corrida afiada antes de eu virar a cabeça.

Alto. Cabelo escuro. Pele oliva.

O recém-chegado não era tão classicamente bonito quanto Christian, mas ele preenchia as linhas de seu terno Delamonte com tanta masculinidade crua que era difícil desviar o olhar.

— Espero não estar interrompendo. — O cara do terno Delamonte lançou um olhar em minha direção.

Eu nunca fui super atraída por homens mais velhos, e ele tinha que estar em seus trinta e tantos anos, mas *uau*.

— De jeito nenhum. Você está bem na hora. — Uma pitada de irritação endureceu a resposta tranquila de Christian. Ele entrou na minha frente, bloqueando-me da visão do cara de terno Delamonte e vice-versa.

O outro homem levantou uma sobrancelha antes de sua máscara de indiferença cair para revelar um sorriso.

Ele deu a volta em Christian, tão deliberadamente que era quase como se ele estivesse provocando-o, e estendeu a mão. — Dante Russo.

— Stella Alonso.

Eu esperava que ele apertasse minha mão, mas, para minha surpresa, ele a levantou e roçou a boca em meus dedos.

Vindo de qualquer outra pessoa, teria sido brega, mas um arrepio de prazer irrompeu em seu lugar.

Talvez fosse o sotaque. Eu tinha uma fraqueza por todas as coisas italianas.

— Dante. — Sob a superfície calma da voz de Christian havia uma ponta afiada que era o suficiente para cortar osso. — Estamos atrasados para a nossa reunião.

Dante parecia imperturbável. Sua mão permaneceu na minha por um segundo extra antes de soltá-la.

— Foi um prazer conhecê-la, Stella. Tenho certeza de que vou vê-la por aí novamente. — Seu rico sotaque continha uma pitada de riso.

Suspeitei que sua diversão não era dirigida a mim, mas ao

homem que nos observava com gelo nos olhos.

— Obrigada. Foi bom conhecer você também. — Eu quase sorri para Dante, mas algo me disse que não seria uma jogada inteligente agora. — Tenha uma boa noite.

Olhei para Christian. — Boa noite, Sr. Harper. Obrigada pela carona.

Injetei uma cadência brincalhona em minha voz, esperando que o retorno da nossa absurda formalidade de mais cedo quebrasse sua expressão de granito.

Mas não vacilou tanto enquanto ele inclinava a cabeça. — Boa noite, Srta. Alonso.

Está bem, então.

Deixei Christian e Dante no saguão, alvos de mais do que alguns olhares de admiração dos transeuntes, e peguei o elevador até o meu apartamento.

Eu não sabia o que havia causado a mudança repentina de humor em Christian, mas eu já tinha preocupações suficientes sem adicionar a dele à mistura.

Vasculhei a bolsa, tentando localizar minhas chaves entre a confusão de maquiagem, recibos e laços de cabelo.

Eu realmente precisava de uma maneira melhor de organizar minha bolsa.

Após vários minutos de busca, minha mão se fechou em torno da chave de metal.

Eu tinha acabado de inseri-la na fechadura quando um calafrio familiar varreu minha pele e arrepiou os cabelos da minha nuca.

Minha cabeça se ergueu.

Não havia nenhum outro sinal de vida no corredor, mas o zumbido silencioso do sistema de aquecimento de repente assumiu um tom sinistro.

Memórias de notas datilografadas e fotos espontâneas deixaram minha respiração ofegante antes que eu piscasse para afastá-las.

Pare de ser paranoica.

Eu não estava mais morando em uma casa velha e insegura perto do campus. Eu estava no Mirage, um dos prédios residenciais mais bem guardados de D.C., e não tinha notícias *dele* há dois anos.

As chances de ele aparecer aqui, de todos os lugares, eram quase nulas.

No entanto, a urgência quebrou o feitiço congelando meus membros no lugar. Eu rapidamente destranquei a porta da frente e a fechei atrás de mim. As luzes se acenderam quando eu deslizei a trava no lugar.

Foi só depois que verifiquei todos os cômodos do meu apartamento e confirmei que não havia nenhum intruso escondido no meu armário ou embaixo da minha cama que consegui relaxar.

Tudo estava bem. *Ele* não estava de volta, e eu estava segura.

Mas, apesar da minha autoconfiança, uma pequena parte de mim não conseguia afastar a sensação de que meu instinto estava certo e que alguém *estava* me observando no corredor.

2

Christian

A porta da biblioteca se fechou com um clique silencioso atrás de mim.

Atravessei a sala, meus passos lentos e deliberados, até chegar à área de estar onde Dante se acomodou com um copo de uísque.

Um músculo pulsou em minha mandíbula.

Se não tivéssemos uma história tão longa juntos, e se eu não lhe devesse pelo favor que ele me concedeu, sua cabeça já estaria esmagada no carrinho do bar perto dele.

Não só por se servir da minha bebida, mas por seu show nada divertido no saguão.

Eu não gostava que as pessoas tocassem no que era meu.

— Acalme essa carranca, Harper. — Dante tomou um gole preguiçoso de sua bebida. — Caso contrário, vai congelar desse jeito, e as mulheres não vão mais gostar tanto do seu rosto.

Meu sorriso frio disse a ele o quão pouco eu me importava. — Talvez se você seguisse seu próprio conselho, você não estaria dormindo em um quarto diferente do da sua noiva.

Satisfação encheu meu peito em seus olhos estreitos. Se Stella era minha fraqueza, Vivian era a dele.

Eu não estava interessado nos meandros do relacionamento deles, mas me divertia vê-lo rosnar toda vez que eu falava sobre a noiva que ele dizia odiar.

Achei que eu tinha problemas. Dante tinha dois bilhões de dólares deles.

— Ponto tomado — disse ele em uma voz cortada. Todo o humor desapareceu, trazendo de volta o idiota carrancudo com quem eu estava acostumada a lidar. — Mas eu não vim aqui para discutir Vivian ou Stella, então vamos ao que interessa. Quando *diabos* posso me livrar da pintura? A coisa é uma monstruosidade.

Forcei os pensamentos de cachos escuros e olhos verdes de lado com a menção da outra mulher enigmática na minha vida.

Magda, a pintura que havia sido a ruína da minha existência por décadas. Não pelo que era, mas pelo que representava.

— Ninguém lhe disse para pendurá-la em sua galeria. — Fui até o bar e me servi de uma bebida. Dante, aquele bastardo, não tinha tampado a garrafa do meu melhor uísque. — Você pode enfiá-la no fundo do seu armário por tudo que eu me importo.

— Eu pago todo esse dinheiro por *Magda* só para enfiá-la no fundo do meu armário? Isso não seria nem um pouco suspeito. — O sarcasmo pesava em sua voz.

— Você tem um problema; eu dei uma solução. — Eu dei de ombros negligente. — Não é minha culpa que você não queira levá-la. E para constar... — Eu me acomodei no assento em frente ao dele. — *Eu* paguei pela pintura.

Secretamente, de qualquer maneira. Até onde o público sabia, Dante Russo era o orgulhoso proprietário de uma das mais feias obras de arte existentes. Por outro lado, as pessoas também pensaram que a peça hedionda era uma pintura inestimável que valia a pena matar e roubar graças a um simples conjunto de documentos forjados.

Eu não queria que as pessoas fossem atrás dela, mas eu precisava de uma desculpa para eu gastar tantos recursos a protegendo.

Não continha segredos de negócios devastadores como todos pensavam. Mas *continha* algo pessoal que eu nunca compartilharia.

Ele me examinou por cima do copo. — Por que você ainda se importa tanto com isso? Você conseguiu o que precisava e encontrou seu traidor. Apenas queime a maldita coisa. *Depois* que eu a vender de volta para você — acrescentou. — Pelo bem das aparências.

— Tenho meus motivos.

Um, para ser exato, mas ele não acreditaria em mim se eu contasse.

Eu não suportaria destruir a pintura. Estava muito embutida nos pedaços irregulares do meu passado.

Eu não era uma pessoa sentimental, mas havia duas áreas da minha vida onde meu pragmatismo habitual não se aplicava: Stella e *Magda.*

Infelizmente para Axel, o ex-funcionário que roubou *Magda* e a penhorou para a Sentinel, meu maior concorrente, ele não caiu na categoria de exceções.

Ele achava que a pintura continha segredos de negócios altamente secretos e, portanto, altamente lucrativos, porque foi isso que eu disse às poucas pessoas a quem confiei para guardá-la.

Mal sabiam eles que o valor da pintura derivava de algo muito mais pessoal e muito menos útil para eles.

Eu despachei Axel, esperei um período de tempo apropriado para a Sentinel relaxar, então fodi com seu sistema

cibernético o suficiente para que fossem varridos milhões de seu valor. Não o suficiente para destruí-los, já que algo dessa magnitude poderia ser rastreado até mim, mas o suficiente para enviar uma mensagem.

Os idiotas que comandavam a Sentinel eram tão estúpidos que tentaram roubar a pintura *de volta* depois de vendê-la porque achavam que poderiam usá-la como retaliação contra mim.

Eles não encontraram nenhum segredo comercial em *Magda*, mas sabiam que era importante para mim. Eles estavam no caminho certo; eu daria isso a eles. Mas eles deveriam ter contratado alguém que não fosse um membro de gangue de segunda categoria de Ohio para fazer o trabalho.

A tentativa da Sentinel de encobrir seus rastros foi tão ruim, quase um insulto.

Agora a pintura estava aos cuidados de Dante, o que serviu a um duplo propósito: eu não precisava olhar para ela, e ninguém, nem mesmo a Sentinel, ousaria tentar roubá-la.

A última pessoa que tentou acabou em coma por três meses com dois dedos faltando, um rosto mutilado e costelas esmagadas.

Dante fez um barulho impaciente, mas foi esperto o suficiente para não pressionar mais.

— Tudo bem, mas eu não vou mantê-la para sempre. Está arruinando minha reputação como colecionador — ele resmungou.

— Todo mundo acha que é uma peça rara de arte do século XVIII. Você está bem — falei secamente.

Na realidade, a pintura existia há menos de duas décadas.

Era incrível como era fácil forjar arte e documentações

inestimáveis atestando sua autenticidade.

— Vou ficar cego de tanto olhar para aquela monstruosidade todos os dias. — Dante esfregou um polegar em seu lábio inferior. — Falando em monstruosidades, Madigan foi oficialmente expulso de Valhalla esta manhã.

A atmosfera mudou com o peso do novo tópico.

— Boa viagem.

Eu não tinha nenhum amor perdido pelo magnata do petróleo atualmente sendo processado por meia dúzia de ex-funcionários por assédio e agressão sexual.

Madigan sempre foi um verme. Esta foi apenas a primeira vez que ele foi responsabilizado.

O Valhalla Club se orgulhava de suas associações exclusivas, apenas para convidados, para os mais ricos e poderosos do mundo. Um bom número desses membros, inclusive eu, se engajava em atividades menos do que legais.

Mas mesmo o clube tinha seus limites, e certamente não queria ser arrastado para o circo da mídia em torno do julgamento de Madigan.

Eu só estava surpreso que eles não o tivessem exilado antes.

Dante e eu discutimos o julgamento e os negócios por um tempo até que ele se desculpou para atender uma ligação.

Como CEO do Grupo Russo, um conglomerado de bens de luxo que englobava mais de três dúzias de marcas de moda, beleza e estilo de vida, ele passava metade do tempo acordado em ligações de negócios.

Na ausência de conversa, minha mente se desviou para uma certa morena.

Se meus pensamentos eram um caos, ela era minha âncora.

Eles sempre voltavam para ela.

A memória dela andando pela rua coberta de neve, seu cabelo agitado pelo vento e seus olhos brilhando como jade, permaneceu em meu cérebro. O calor dela, como um raio de sol espreitando depois de uma tempestade, permanecia em todos os outros lugares.

Eu não deveria ter abaixado o aluguel dela quando ela veio ver o prédio, e eu não deveria ter *mantido* o aluguel depois que Jules se mudou. Em troca de cuidar da porra das minhas plantas, nada menos, porque uma concessão altruísta da minha parte teria sido muito suspeita.

Eu não dou a mínima para aquelas plantas. Elas só estavam lá porque meu designer de interiores insistiu que elas *completavam o apartamento*. Mas eu sabia que Stella adorava plantas, e era melhor do que pedir a ela para arquivar meus papéis.

Morar no mesmo prédio que ela era o pior tipo de distração, e eu não tinha ninguém além de mim para culpar.

Chamas gêmeas de ressentimento e frustração queimaram em meu peito. Eu era fraco por Stella Alonso e odiava isso.

Peguei meu telefone e quase bati em um determinado aplicativo de mídia social antes de me parar. Em vez disso, digitei o código da minha rede móvel criptografada.

Não era tão poderosa quanto a que residia no meu laptop, mas fazia o trabalho em um piscar de olhos.

Minha frustração precisava de uma válvula de escape, e hoje John Madigan era o alvo de sorte. Eu não conseguia pensar em ninguém mais merecedor.

Eu puxei uma lista de seus dispositivos. Telefones, computadores, até mesmo sua geladeira inteligente e despertador com Bluetooth, além de todas as contas associadas.

Levei menos de cinco minutos para encontrar o que estava procurando – um vídeo que ele estupidamente fez de si mesmo forçando um boquete em sua assistente e uma série de mensagens repugnantes que ele enviou a um de seus amigos de golfe após o fato.

Eu os encaminhei para a promotoria usando o e-mail do amigo de golfe. Se fossem decentes em seu trabalho, poderiam convencer o juiz de que era uma prova admissível.

As mensagens também foram para os principais meios de comunicação, por que não?

Então, só porque o rosto de Madigan me irritava, troquei suas ações mais valiosas por lixo e doei uma parte significativa de seu dinheiro para organizações antiviolência sexual.

A tensão foi liberada dos meus músculos com cada toque de um botão.

A sabotagem cibernética era melhor do que uma massagem profunda.

Guardei meu telefone no bolso assim que Dante voltou a entrar na biblioteca.

— Eu tenho que voltar para Nova York. — Ele pegou sua jaqueta do encosto do sofá, seu rosto estampado com irritação. — Há um... assunto pessoal com o qual preciso lidar.

— Desculpe ouvir isso — eu disse suavemente. — Eu vou levá-lo até a porta.

Esperei até que ele estivesse na metade da porta antes de acrescentar: — O assunto pessoal não seria o ex-namorado de

Vivian aparecendo na sua casa, seria?

Surpresa passou por seus olhos, seguida de fúria. — Que porra você fez, Harper?

— Eu apenas facilitei um reencontro entre sua noiva e um velho amigo. — Uma pequena mensagem de 'Vivian', e o ex foi correndo. Patético, mas útil. — Já que você gostou tanto de foder comigo, pensei em retribuir o favor. Ah, e Dante? — Fiz uma pausa com a mão na maçaneta. A raiva de Dante era uma força pulsante no ambiente, mas ele a superaria. Ele deveria ter pensado melhor do que fazer aquele pequeno show no saguão. — Toque em Stella novamente e você não terá mais *uma* noiva.

Bati a porta na cara dele.

Dante foi meu primeiro cliente e um velho amigo. Eu não o provocava com frequência.

Mas como eu disse, eu não gostava que as pessoas tocassem no que era meu.

Eu endireitei as mangas da minha camisa e voltei para a biblioteca, onde meu olhar percorreu o comprimento da sala até que descansou no quebra-cabeça gigante pendurado sobre a lareira.

Dez mil pedaços minúsculos formavam um gradiente de arco-íris de tirar o fôlego cujas linhas criavam um efeito esférico tridimensional.

Levei quatro meses para completá-lo, mas valeu a pena.

Palavras cruzadas, quebra-cabeças, cifras, todos eles alimentavam minha necessidade insaciável de um desafio. Estímulo. *Algo* para iluminar o tédio de um mundo que estava sempre cinco passos atrás.

Quanto mais difícil o quebra-cabeça, mais eu ansiava e

temia sua solução.

Havia apenas um quebra-cabeça que eu não tinha resolvido. Ainda.

Passei meu polegar sobre o pequeno anel turquesa aninhado no meu bolso.

Assim que o fizesse, poderia deixar para trás minha obsessão perturbadora por Stella Alonso de uma vez por todas.

3

Stella

Diário da Stella

25 de fevereiro

Já se passaram três dias desde que soube que a Greenfield está aumentando seus preços e ainda não encontrei uma boa solução.

Estou procurando outro emprego, mas minha maior esperança agora é o jantar da Delamonte chegando. Brady está convencido de que é uma audição para o cargo de embaixadora da marca e que o acordo será em torno de seis dígitos... se eu o conseguir.

Acho que nunca quis tanto um acordo como este. Isso resolveria meu problema com a Greenfield – pelo menos para o próximo ano – e a Delamonte é uma marca com a qual sempre quis trabalhar. A primeira marca de grife que eu comprei para mim.

Ok, foi um perfume que eu comprei quando estava no ensino médio, mas ainda assim. Eu adorava aquele perfume, e honestamente abriria mão de qualquer outra parceria que eu tivesse para trabalhar com eles.

Eu só gostaria de saber o que eles estão procurando para eu me planejar de acordo. Eu nem sei quantos outros blogueiros estarão no jantar ou quem eles convidaram.

Acho que vou descobrir quando chegar lá.

Enquanto isso... deseje-me sorte. Eu vou precisar.

Gratidão diária:

1. *Croissants*
2. *Trens DC-NYC*
3. *Brady (não diga a ele que eu disse isso, ou ele nunca vai parar de se gabar)*

* * *

Minha viagem a Nova York foi uma série de desastres.

Peguei um trem no sábado, e quando cheguei à casa onde o jantar da Delamonte estava sendo realizado, soube que Brady estava certo. Era uma audição.

Além da equipe da Delamonte, as únicas pessoas presentes eram blogueiros.

Mas mesmo sendo seis de nós no jantar, Luisa passou uma hora inteira do coquetel se divertindo com Raya e Adam, os mais recentes queridinhos do mundo dos influenciadores e o único casal presente.

Eu mal consegui dizer uma palavra entre sua empolgação com Raya atingindo a marca de um ponto quatro *milhões* de seguidores na semana passada e a próxima viagem do casal a Paris.

A única vez que tentei interromper fazendo uma pergunta sobre a nova linha da marca, Luisa respondeu com uma resposta de três palavras antes de voltar para Raya.

Se meus pais estivessem aqui, eles me repudiariam por

pura decepção por não fazer jus ao nome Alonso e chamar a atenção de todos no evento.

Esse foi o desastre número um.

O desastre número dois entrou depois que todos se sentaram e os aperitivos foram servidos.

— Desculpe, estou atrasado. — O sotaque preguiçoso enviou choque vibrando para a vida no meu peito. — Trânsito.

Não. Não tem como.

Eu tinha mais chance de ser atingida por um meteorito do que encontrar Christian Harper duas vezes na mesma semana fora do Mirage. Em *Nova York,* nada menos.

Mas quando olhei para cima, lá estava ele.

Maçãs do rosto esculpidas e olhos de uísque, pecado e perigo, tudo embrulhado em um terno impecável.

Minha comida virou cinza na minha língua. De todas as pessoas que eu não queria que me visse falhar, ele estava no topo da lista.

Não porque eu pensava que ele iria me julgar, mas porque eu estava com medo de que ele *não iria.* Um quase estranho que me tratou melhor do que aqueles que deveriam me amar incondicionalmente.

Eu não seria capaz de suportar.

Luisa se levantou e o cumprimentou com um abraço caloroso, mas não consegui ouvir muito de sua apresentação por causa do rugido de sangue em meus ouvidos.

— ...CEO da Harper Security... velho amigo...

A expressão de Christian permaneceu educada, quase desinteressada, enquanto Luisa falava, mas não havia nada de

desinteressado na forma como seus olhos fixaram nos meus.

Escuros e conhecedores, como se pudessem tirar todas as máscaras que mostrei ao mundo e encontrar os pedaços quebrados da garota escondida por baixo.

Como eles achavam que os quebrados eram bonitos de qualquer maneira.

Desconforto queimou através de mim, e eu cortei a conexão com um piscar de olhos.

Ele não poderia estar pensando em nenhuma dessas coisas.

Ele nem me conhecia.

Luisa terminou o que deveria ser a introdução mais longa da história das apresentações, mas foi só depois que Christian começou a andar em minha direção que percebi que havia apenas um lugar vazio na mesa.

Era ao lado do meu.

Luisa havia mencionado que estava reservado para outro convidado. Eu não sabia que seria *ele.*

— Stella. — O timbre profundo e suave de sua voz enviou um arrepio quente na minha espinha. — Esta é uma agradável surpresa.

Aumentei e soltei o aperto no meu garfo em conjunto com minhas exalações.

— Christian. — Eu não poderia chamá-lo de Sr. Harper quando ele usou meu primeiro nome.

Era minha primeira vez dizendo seu nome de batismo, e as sílabas demoraram mais na minha língua do que o esperado. Não desagradável, mas muito íntimo para o meu gosto.

Resisti à vontade de me mexer na cadeira enquanto ele olhava para mim, seu rosto relaxado, mas seus olhos como âmbar quente derretido se moviam do topo da minha cabeça até o fim do meu vestido.

O escrutínio durou menos de cinco segundos, mas um rastro de fogo irrompeu em seu caminho.

Tranquila, calma, controlada.

— Eu não sabia que você era... — Eu procurei pelo termo certo. — Afiliado à Delamonte.

Esse não era o termo certo, mas eu não sabia de que outra forma chamar isso. Todos na mesa eram blogueiros de moda ou membros da equipe Delamonte. Christian não era visivelmente nenhuma dessas coisas.

— Eu não sou — ele disse ironicamente.

— Blogueiro de moda secreto, então? — Eu arregalei meus olhos e fiz minha voz intencionalmente sair sem fôlego com surpresa. — Não me diga. Seu blog se chama... Ternos e Uísque. Não? Guns and Roses. Espere, isso é uma banda. — Bati meu dedo contra a mesa. — Laços e...

— Se você terminou... — Eu não achei que fosse possível, mas a voz de Christian ficou ainda mais seca. — Troque de lugar comigo.

Minha batida parou. — Por quê?

Ele tinha um lugar privilegiado ao lado de Luisa, que estava muito ocupada conversando com – quem mais – Raya do outro lado dela para perceber que Christian ainda não havia se sentado.

— Não gosto do canto da mesa.

Meu olhar era de incredulidade. — O que você faz se for

uma de quatro lugares? — Então *cada* assento estaria no canto da mesa.

A impaciência saudou minha pergunta.

Suspirei e troquei de lugar com ele. Estávamos começando a atrair a atenção do resto da mesa, e eu não queria fazer uma cena.

Eu estava nervosa que Luisa ficaria chateada por eu ter tomado o lugar de seu convidado especial, mas à medida que a noite avançava, a peculiaridade estranha de Christian acabou sendo bastante vantajosa para mim.

Agora eu tinha acesso direto a Luisa, que não parecia nem um pouco chateada e finalmente se virou para mim depois que Raya pediu licença para usar o banheiro.

— Obrigada por vir a Nova York. Eu sei que é um pedido maior para você do que para as outras garotas. — O anel de cocktail de Luisa brilhava sob as luzes enquanto ela tomava um gole de sua bebida.

— É claro. — Como se *alguém* recusasse um convite para um jantar privado da Delamonte. — Eu não teria perdido isso por nada no mundo.

— Estou curiosa porque você não se muda para a cidade. Há mais oportunidades aqui do que em D.C. se você quiser entrar na moda. — Ela parecia igualmente curiosa e desaprovadora, como se eu estivesse intencionalmente sendo obtusa por não procurar grama mais verde em outro lugar.

Uma bola de algodão se formou na minha garganta com a lembrança indireta de Maura e do que estava em jogo.

— Quero estar perto da família. — Maura era como uma família, então eu não estava mentindo *completamente.* — Mas estou considerando uma mudança em breve.

Também não estava mentindo. Eu *estava* considerando uma mudança. Eu só sabia que isso não poderia acontecer tão cedo.

— A propósito, parabéns por uma semana de moda maravilhosa. — Mudei de assunto para algo mais relevante. Eu não estava aqui para falar sobre minha vida pessoal; eu estava aqui para conseguir um acordo. — Adorei especialmente os sobretudos pasteis.

Luisa se iluminou com a menção da última coleção outono/inverno da marca e, logo, estávamos conversando sobre as tendências que havíamos visto na semana de moda de Nova York da semana passada.

Eu não pude comparecer por causa do trabalho – apenas editores seniores da *D.C. Style,* como Meredith, tinham orçamento para participar da NYFW –, mas eu consegui acompanhar o desfile online.

Quando Raya voltou do banheiro, seu rosto azedou ao me ver conversando animadamente com Luisa.

Eu tentei o meu melhor para ignorá-la.

Era uma vez, Raya e eu éramos amigas. Ela abriu sua conta há dois anos e me procurou para pedir conselhos. Fiquei feliz em compartilhar o que sabia, mas depois que ela me superou em seguidores alguns meses atrás, ela parou de responder minhas mensagens. O único contato que tínhamos nesses dias era o ocasional olá em um evento.

Sua ascensão meteórica podia ser atribuída diretamente ao seu relacionamento com Adam, que era um grande influenciador no nicho de viagens. Quando eles começaram a namorar no ano passado, o conteúdo deles se tornou viral e as duas contas explodiram.

Não havia nada como promoção cruzada[2] e alimentar o

desejo voyeurístico do público de seguir a vida amorosa de estranhos.

Enquanto isso, eu estava blogando há quase uma década, e minha conta estava parada em torno de novecentos mil seguidores por mais de um ano. Ainda era um grande público, e eu estava grata por cada um deles (exceto os bots e homens assustadores que tratavam o Instagram como se fosse um aplicativo de encontro), mas não podia negar a verdade.

Minhas redes sociais estavam estagnadas e eu não tinha ideia de como reanimá-las.

Eu vacilei e perdi minha linha de pensamento no meio de uma frase.

Raya mergulhou na calmaria como um abutre atrás da presa. — Luisa, eu adoraria ouvir sobre o arquivo de tecidos da Delamonte em Milão — disse ela, chamando a atenção da CEO de volta. — Adam e eu estamos visitando a Itália nesta primavera e...

Frustração mordeu minhas veias quando Raya sequestrou com sucesso a conversa.

Abri a boca para interrompê-las. Eu podia me *ver* fazendo isso na minha cabeça, mas na vida real, as palavras não conseguiam passar pelo filtro da minha educação e ansiedade social ao longo da vida.

Desastre número três.

Para qualquer outra pessoa, a interrupção de Raya não chegaria ao nível de um desastre, mas meu cérebro nem sempre conseguia desvendar a diferença entre um contratempo e uma catástrofe.

— Você fez bem.

Meu coração pulou uma batida com a voz de Christian

antes de voltar ao seu ritmo normal. — Com?

— Luisa. — Ele inclinou a cabeça para a outra mulher. Eu não tinha percebido que ele estava prestando atenção em nossa conversa; ele estava conversando com o convidado do outro lado o tempo todo. — Ela gosta de você.

Eu dei-lhe um olhar duvidoso. — Conversamos por cinco minutos.

— Basta um para causar uma boa impressão.

— Um minuto não é suficiente para conhecer alguém.

— Eu não disse para conhecer alguém. — Christian levou seu vinho aos lábios, suas palavras relaxadas, mas perceptivas. — Eu disse para causar uma boa impressão.

— Que impressão eu causei em você?

A pergunta faiscou e assobiou como um fio vivo entre nós, engolindo oxigênio suficiente para tornar cada respiração uma luta.

Christian pousou o copo com uma precisão que pulsava em minhas veias. — Não faça perguntas para as quais você não quer a resposta.

Surpresa tingida de dor floresceu em meu peito. — Tão ruim?

Pelo que eu me lembrava, nosso primeiro encontro foi bastante normal. Eu disse um total de duas palavras para ele.

— Não. — A palavra foi uma carícia áspera contra minha pele. — Foi boa.

Calor inundou minha pele.

— Oh. — Engoli a nota ofegante na minha voz. — Bem, caso você esteja se perguntando, minha primeira impressão de

você foi que estava muito bem-vestido.

Essa foi minha segunda impressão. Minha primeira impressão foi realmente aquele *rosto.* Tão perfeitamente esculpido e simétrico que deveria estar estampado dentro de livros didáticos como um excelente exemplo da proporção áurea.

Mas eu não admitiria isso mesmo que Christian colocasse uma arma na minha cabeça.

Se eu fizesse, ele poderia pensar que eu estava flertando com ele, e isso abriria uma lata de vermes com os quais eu não queria lidar.

— Bom saber. — Seu tom seco voltou.

Os garçons trouxeram a sobremesa, que ele recusou com um aceno de cabeça.

Dei uma mordida no bolo de chocolate em camadas antes de perguntar, o mais casualmente que pude: — Como você sabe que Luisa gosta de mim?

— Eu sei.

Se esta era a maneira como Christian conduzia todas as suas conversas, eu estava surpresa que ninguém tinha tentado esfaqueá-lo em uma sala de reuniões ainda. Ou talvez eles tivessem tentado e falhado.

— Isso não responde minha pergunta.

— Lu, você vai para D.C. em breve? — ele perguntou, ignorando minha resposta direta e interrompendo a conversa de Luisa com Raya como se a outra blogueira nem estivesse lá.

— Ainda não há planos. — Luisa o lançou um olhar curioso. — Por quê?

— Stella estava me contando sobre esse local que seria

perfeito para sua sessão de roupas masculinas.

Eu quase me engasguei com a boca cheia de bolo.

— *Sério?* — Luisa me olhou com interesse renovado. — Esse seria o momento perfeito. Nosso olheiro de localização tem tido muita dificuldade em encontrar um local que esteja no tema e não seja exagerado. Onde?

— É... — Eu lutei para chegar a uma resposta enquanto silenciosamente xingava Christian por me colocar na mira assim.

Que lugar em D.C. seria ideal para uma sessão de moda masculina?

— Você disse que era um antigo armazém em algum lugar — Christian apontou.

Clareza surgiu em um instante.

Havia um antigo prédio industrial na periferia da cidade onde eu tinha fotografado algumas vezes. Foi uma fábrica movimentada até a década de 1980, quando o proprietário mudou sua sede para a Filadélfia. Na ausência de novos proprietários, o edifício caiu em desuso e ficou coberto de ervas daninhas e hera.

Foi uma caminhada para chegar lá, mas o contraste do verde com o aço velho serviu de cenário marcante para as sessões de fotos, principalmente as de luxo.

Como Christian sabia disso?

— Certo. — Soltei um pequeno suspiro e sorri para Luisa. — Não tem um endereço real, mas ficarei feliz em mostrar a você ou a um membro da equipe como chegar lá, se isso for do seu interesse.

Ela bateu as unhas contra a mesa em pensamento. — É

muito possível. Você tem fotos de amostra?

Peguei algumas das minhas fotos antigas e mostrei para Luisa, cujas sobrancelhas se ergueram com aprovação.

— Ah, essas são *lindas*. Você pode enviá-las para mim? Eu tenho que mostrá-las ao nosso olheiro...

Meu coração pulou quando Luisa me deu seu número de celular para que eu pudesse enviar o link para ela, mas quando olhei para cima, a emoção evaporou ao ver Raya e Adam sussurrando furiosamente um para o outro enquanto lançavam olhares de lado em minha direção.

A ansiedade zumbia sob minha pele como um enxame de abelhas.

Esses sussurros me trouxeram de volta aos meus dias de ensino médio, quando todos riam e falavam por trás de suas mãos quando eu entrava em uma sala. Eu atingi meu surto de crescimento cedo e, aos treze anos, eu era alta, magra e desajeitada o suficiente para ser um alvo fácil para valentões.

Desde então, cresci na minha própria pele, mas a ansiedade nunca foi embora.

— Por que não nos contam a piada de vocês? — O pedido casual de Christian mascarou um tom escuro que apagou os sorrisos dos rostos de Raya e Adam. — Deve ser uma boa.

— Nós estávamos falando sobre algo pessoal. — Raya revirou os olhos, mas sua expressão continha uma pitada de nervosismo.

— Entendo. Da próxima vez, evite fazê-lo em um evento público. É desrespeitoso. — O conteúdo da repreensão de Christian foi suave, mas ele a entregou com um desprezo tão cruel que o rosto de Raya ficou vermelho.

Em vez de defender sua namorada, Adam olhou para seu

prato, seu próprio rosto pálido.

A troca foi tão curta e realizada em tons tão baixos que o resto da mesa estava alheio. Nem Luisa percebeu; ela estava muito ocupada mandando mensagens de texto para alguém (provavelmente seu olheiro de localização).

— Obrigada — falei baixinho, desejando ser ousada o suficiente para responder Raya eu mesma.

— Eles estavam me irritando. — Foi a resposta de Christian.

No entanto, o calor se instalou no meu estômago e ficou comigo durante o resto do jantar e nas despedidas ao final da noite.

Quando saí da casa meia hora depois, eu me senti um pouco melhor sobre minhas chances de ser embaixadora, mas estava longe de ser uma certeza. Eu ainda estava convencida de que Luisa preferia Raya, não importava o que Christian dissesse.

Falando dele...

Eu deslizei um olhar de lado para ele enquanto caminhava comigo. Eu estava hospedada em um hotel boutique não muito longe da casa de Luisa, mas duvidava que Christian estivesse hospedado lá também. Ele provavelmente tinha um lugar na cidade; no mínimo, ele ficaria em algum lugar como The Carlyle ou The Four Seasons, não um hotel de oito quartos sem instalações de grife.

— Você está me seguindo? — perguntei levemente quando viramos a esquina para uma rua lateral.

A presença de Christian dominava a calçada, mergulhando nas sombras e tornando o ar ao nosso redor invencível. Tão quieto e letal que nem a escuridão ousava tocá-lo.

— Apenas certificando-me de que você retorne ao seu hotel sã e salva — ele falou lentamente.

— Primeiro a carona de carro no outro dia, agora isso. Você sempre fornece aos seus inquilinos esse serviço presencial?

Um brilho esfumaçado passou por aqueles olhos de uísque e enviou calor correndo para minhas bochechas, mas Christian se absteve de fazer a piada óbvia.

— Não. — Curto e simples, entregue com a autoconfiança de quem nunca precisou se explicar.

Caminhamos em silêncio por mais um minuto antes que ele dissesse: — Para responder à sua pergunta anterior, sei que ela gosta de você porque conheço Luisa. Parece contraintuitivo, mas sempre que ela fica impressionada com alguém, ela os coloca em segundo plano. Ela fica mais interessada em interrogar aqueles sobre os quais não tem certeza.

Eu já estava tão acostumada com suas mudanças abruptas de assunto que não pulei uma batida.

— Pode ser. — Eu vou acreditar quando eu vir, também conhecido como conseguir o negócio. — Como você a conhece tão bem?

Luisa é vinte anos mais velha que Christian, mas isso não significa nada. Mulheres mais velhas dormem com homens mais jovens todos os dias. Isso explicaria a maneira como ela se iluminou quando o viu.

Uma pequena carranca enrugou minha testa por uma razão que eu não conseguia nomear.

— Sou amigo do sobrinho dela. E não, eu nunca dormi com ela. — Uma pitada de risada atravessou sua voz.

Minhas bochechas ficaram mais quentes, mas felizmente, minha voz saiu fria e uniforme. — Obrigada pela informação,

mas eu não estou interessada em sua vida amorosa — falei com uma inclinação régia do meu queixo.

— Nunca disse nada sobre amor, Srta. Alonso.

— Tudo bem, eu não estou interessada em sua vida *sexual*.

— Hum. Isso é uma vergonha. — A sugestão de riso se intensificou.

Se ele estivesse tentando me irritar, não conseguiria.

— Só para você — eu disse docemente.

Paramos em frente ao meu hotel. A luz das janelas dividiu o rosto de Christian, lançando metade dele na sombra. Claro e escuro.

Duas metades da mesma moeda.

— Mais uma coisa. — Minhas respirações formavam pequenas baforadas brancas no ar. — Por que você apareceu no jantar hoje à noite?

Não foi para conversar com Luisa; ele mal falou com ela a noite toda.

Uma sombra passou por seus olhos antes de afundar sob a fria superfície âmbar. — Eu queria ver alguém.

As palavras encharcaram o bolsão de ar que nos separava. Eu não tinha percebido o quão perto estávamos até agora.

Couro, especiarias e inverno. Isso era tudo o que existia antes de Christian dar um passo para trás e inclinar a cabeça em direção à entrada do hotel. Uma dispensa clara.

Abri minha boca, em seguida, a fechei antes de passar por ele.

Foi só quando cheguei às portas giratórias de vidro que minha curiosidade dominou minha hesitação.

Eu me virei, meio esperando ver Christian já indo embora, mas ele permanecia na base da escada. Cabelo escuro, casaco escuro e um rosto que era de alguma forma ainda mais devastador quando parcialmente envolto em sombras.

— Quem você queria ver?

Estava tão frio que meus pulmões queimavam, mas ainda assim esperei por sua resposta.

Algo divertido e perigoso surgiu em seus olhos antes que ele se virasse. — Boa noite, Stella.

As palavras chegaram aos meus ouvidos depois que a noite já o havia engolido inteiro.

Eu exalei uma respiração áspera e sacudi as alfinetadas de eletricidade que pontilhavam minha pele.

No entanto, os pensamentos de Christian, Luisa e até mesmo Delamonte desapareceram quando entrei no meu quarto, verifiquei meu telefone e o desastre número quatro aconteceu.

Eu mantive meu celular na minha bolsa a noite inteira porque eu não queria ser *aquela* pessoa mandando mensagens na mesa de jantar. Luisa estava fazendo isso, mas ela era a anfitriã; ela podia fazer o que quisesse.

Agora, percebi que minha tentativa de parecer profissional poderia ter saído pela culatra, porque minha tela estava cheia de chamadas perdidas e textos de Meredith. A última era de vinte minutos atrás.

Oh, Deus.

O que estava errado? Há quanto tempo ela estava tentando falar comigo?

Uma dúzia de possibilidades passou pela minha cabeça

enquanto eu a ligava de volta, meu coração na garganta e minhas palmas úmidas de suor.

Talvez o escritório estivesse pegando fogo ou eu tivesse esquecido de mandar a bolsa Prada de volta para...

— Stella. Que bom finalmente ouvir de você. — Sua saudação gelada deslizou pela minha espinha como a pele fria de um réptil.

— Eu sinto muito. Coloquei meu telefone no silencioso e acabei de ver...

— Eu sei onde você estava. Eu vi você no fundo do stories do Instagram de Raya.

Apesar de seu desprezo pelos blogueiros, Meredith acompanhava religiosamente suas mídias sociais. Algo sobre competição e ficar por dentro das tendências.

Eu parecia ser a única que via a ironia nisso.

Eu engoli em seco. — Algo está errado? Como posso ajudar?

Não importava que fosse perto da meia-noite de um sábado. O equilíbrio entre vida profissional e pessoal não existia para os funcionários juniores da revista.

— Houve um problema com a sessão de fotos da próxima semana, mas nós resolvemos enquanto você estava festejando — Meredith disse friamente. — Vamos discutir isso na segunda-feira. Esteja no meu escritório às sete e meia em ponto.

A ligação ficou muda, assim como qualquer esperança de que ela deixasse a transgressão da noite passar.

Tive a sensação de que, às oito horas da manhã de segunda-feira, eu não teria mais emprego.

4

Stella

— Você está demitida.

Três palavras. Eu me preparei mentalmente para elas desde o fiasco de sábado à noite, mas elas ainda me atingiram como um soco no estômago.

Respira. Inspira, um, dois, três. Expira, um, dois, três.

Não funcionou. O oxigênio não conseguiu contornar o nó na minha garganta, e pequenas alfinetadas de preto nadaram em minha visão enquanto eu olhava para a figura sentada de Meredith.

Ela tomou um gole de café e folheou o último *Women's Wear Daily* como se não tivesse reduzido minha vida a escombros no espaço de dez segundos.

— Meredith, se eu...

— Não. — Ela levantou uma mão bem cuidada, sua expressão entediada. — Eu já sei o que você vai dizer, e isso não vai me fazer mudar de ideia. Eu tenho observado você e sua falta de entusiasmo por um tempo, Stella, e sábado à noite foi a gota d'água.

O gosto acobreado do sangue encheu minha boca com a força com que mordi minha língua.

Falta de entusiasmo? *Falta de entusiasmo*?

Era a primeira pessoa a entrar e a última a sair do escritório. Fiz oitenta por cento do trabalho nas filmagens por

uma fração do crédito. Eu nunca reclamei, mesmo quando ela fez os pedidos mais ultrajantes para mim, como fazer com que Chanel nos enviasse um vestido de alta costura de edição limitada de *Paris* com menos de 24 horas de antecedência.

Se isso era falta de entusiasmo, estremeci ao pensar no que ela considerava um nível apropriado de dedicação.

— Sim, eu notei — Meredith disse, confundindo meu silêncio com concordância. — Eu admito, você tem um bom olho para o estilo, mas também tem milhares de outras garotas que matariam para estar em sua posição. Você claramente não quer estar aqui. Eu vejo isso em seus olhos toda vez que falo com você. Honestamente, não deveríamos ter contratado você em primeiro lugar. Seu blog gera tráfego suficiente para ser considerado um concorrente, e nosso contrato proíbe nossos funcionários de se envolverem em práticas comerciais competitivas. A única razão pela qual não a demitimos antes foi porque seu trabalho paralelo não interferiu no seu trabalho.

Meredith tomou outro gole de café. — Na noite de sábado, isso aconteceu. Você receberá um e-mail e a papelada oficial de rescisão até o final do dia.

O pânico apertou meus pulmões com a perspectiva de perder meu emprego, mas também detectei um núcleo de outra coisa.

Raiva.

Meredith poderia dar todas as desculpas que quisesse, mas nós duas sabíamos que ela estava morrendo de vontade de me demitir por anos. Ela fazia parte da velha guarda que não gostava das mudanças que as blogueiras estavam trazendo para a indústria e descontava seu ressentimento em mim.

Talvez se você tratasse melhor seus funcionários, eu ficaria mais entusiasmada. Talvez se você não fosse tão insegura, você veria como meu blog poderia ajudar a revista, não a atrapalhar.

Nesse sentido, você deveria verificar o guia de tons de pele que publiquei na semana passada, porque a cor da sua base não combina com a sua pele.

A quantidade incomum de insultos correu para a ponta da minha língua, mas eu os engoli antes que eles se espalhassem e me colocassem na lista negra da indústria.

Tudo o que eu queria era trabalhar com moda e estar perto de Maura. Foi por isso que fiquei na cidade e consegui um emprego na *D.C. Style,* apesar da insistência dos meus pais para que eu encontrasse um emprego – mais condizente com uma Alonso.

Eu desisti de muitas coisas por outras pessoas, mas meu sonho não seria um deles... a menos que estivesse fora de minhas mãos, e eu fosse demitida.

— Eu entendo. — Forcei um sorriso que combinava com o torno apertado em volta do meu peito.

— Tenha suas coisas recolhidas até esta tarde — Meredith adicionou sem olhar por cima de seu computador. — Há caixas esperando por você em sua mesa.

A humilhação tomou conta da minha pele quando saí de seu escritório e caminhei até minha mesa. Todo mundo sabia que eu tinha sido demitida. Alguns deles me lançaram olhares de pena; outros não esconderam seus sorrisos.

Mas nenhuma das reações poderia se comparar com a da minha família quando eu lhes contasse o que aconteceu. Eles já desaprovavam o fato de eu *desperdiçar* meu diploma da Universidade de Thayer em uma carreira de moda. Se eles descobrissem que eu tinha sido demitida...

Minhas mãos tremiam antes que eu me controlasse e as firmasse. Recusei-me a dar aos meus colegas de trabalho a alegria de me ver suar enquanto pegava minhas caixas e saía

do escritório com toda a dignidade que podia reunir.

Tudo vai ficar bem. Tudo está bem.

Minha viagem de Uber para casa foi um borrão. Eu não conseguia parar de imaginar os rostos dos meus pais quando eles descobrissem o que aconteceu. A decepção, o julgamento e, pior, o silencioso *eu disse a você,* sem dúvida, comporiam metade da nossa conversa.

Eu disse a você que trabalhar numa revista de moda não é sustentável.

Eu disse para você parar de gastar tanto tempo em seu blog. É um hobby, não um trabalho.

Eu lhe disse para fazer algo mais significativo com seu diploma. Tornar-se uma advogada ambientalista como sua mãe, ou pelo menos trabalhar para um jornal respeitável.

E essa era apenas uma consequência da minha demissão.

Eu nem tinha pensado no impacto nas minhas finanças ou na minha capacidade de encontrar outro emprego.

A pressão aumentou no meu peito, mas consegui voltar ao meu apartamento antes de desmaiar.

As caixas de papelão contendo os itens da minha mesa de escritório caíram ao meu lado com um baque quando eu afundei no chão da sala e fechei os olhos.

Tudo está bem.

Tudo está bem.

Tudo está bem.

O mantra silencioso conseguiu acalmar minha respiração superficial.

Não era o fim do mundo. As pessoas eram demitidas todos

os dias, e eu ainda tinha dinheiro vindo do meu blog e das colaborações das marcas.

Além disso, eu poderia vender um pouco do meu guarda-roupa por um dinheiro extra. O dinheiro que eu receberia com isso seria lamentável, mesmo para itens de grife, mas era melhor do que nada.

Se o pior acontecer, poderia concordar com algumas parcerias bem pagas que eu havia recusado no passado.

Recusava-me a colaborar com marcas cujos produtos eu não amava genuinamente, o que deixava Brady louco porque eu era muito exigente com as roupas e os produtos que usava. Isso prejudicava significativamente meu potencial de ganhos, mas eu preferia ganhar menos e ser genuína do que representar algo em que não acreditava por um pagamento rápido.

Claro, isso foi quando eu tinha um salário em tempo integral para complementar meu negócio paralelo.

Tudo está bem.

Tudo está bem.

Tudo...

O som familiar do meu toque me tirou dos meus pensamentos antes que eu escorregasse demais na minha espiral.

Forcei meus olhos a abrirem e verifiquei a tela.

Brady.

Fiquei tentada a deixá-lo ir para o correio de voz, mas talvez ele tivesse uma atualização sobre uma das minhas colaborações pendentes. Eu concordaria com qualquer coisa paga agora.

Bem, quase tudo.

— Alo? — Minha voz saiu áspera e rouca, mas pelo menos eu não estava chorando.

— Como foi? — Um carro buzinou ao fundo, quase abafando a voz de Brady. — Você ignorou todas as minhas ligações! Dê-me os detalhes, o mais rápido possível.

Uma enxaqueca floresceu atrás da minha têmpora. — Como foi o quê?

— *Delamonte*. — O *duh* estava implícito. — Um passarinho confirmou que o jantar *era* uma audição, então me diga. Eles te amam ou te amam?

A lembrança de Delamonte não fez nada para melhorar meu humor. — Eles me amam. Só não tanto quanto Raya.

Não importa o que Christian dissesse, eu estava convencida de que o negócio com a Delamonte era uma causa perdida. Se eu não conseguia manter meu emprego em uma revista pequena no mercado, como poderia ser a embaixadora de uma das principais marcas de moda do mundo?

Tecnicamente, não era uma correlação direta, mas na minha mente chocada e em pânico era.

Uma pequena pausa seguiu minha declaração antes de Brady explodir. — Você está me zoando? Você viu as botas que Raya usou em seu último post? Fale sobre ser brega. Esse não é o estilo da Delamonte. *Você* é Delamonte! Sua estética é tão perfeita para eles, é como se eles... é como se eles tivessem criado você em seu laboratório supersecreto. Ou alguma coisa assim.

— Sim, bem, Raya tem mais seguidores do que eu, e ela tem Adam. É como um negócio dois em um.

Eu odiava chafurdar em autopiedade, mas uma vez que

comecei, não consegui parar.

Eu estava tentando alcançar um milhão de seguidores há *anos*, e Raya conseguiu em menos de duas postagens sobre seu novo namorado e usando as dicas que *eu* dei a ela.

Eu não me importava de compartilhar o que eu sabia. A vida, na maioria das vezes, não era uma competição. Mas eu estaria mentindo se dissesse que o conhecimento não doeu nem um pouco.

— Ela está crescendo tão rápido por causa de Adam e vice-versa — Brady resmungou. — Eu odeio dizer isso, mas os casais de influenciadores estão em alta agora. Você raramente vê influenciadores individuais dispararem assim. As pessoas adoram seguir a vida amorosa dos outros. É doentio.

Eu reuni uma risada seca. — Pena que eu não sou parte de um casal.

O grupo de solteiros da *D.C.* era, por falta de uma palavra melhor, sombrio.

Então, novamente, eu não tinha mais um emprego tomando meu tempo, então havia isso.

Eu contaria a Brady sobre a *D.C. Style* depois que eu tivesse tempo de processar isso. Falar sobre isso o tornaria real, e eu poderia usar um pouco de fantasia agora.

Ele ficou tão quieto que pensei que a linha havia sido cortada porque Brady *nunca ficava* quieto. Uma verificação rápida me disse que não era o caso. Eu estava prestes a instigá-lo novamente quando ele finalmente falou.

— Não, mas você *poderia*... — ele disse lentamente.

Minha enxaqueca se intensificou. — O que você está falando?

— Estou falando sobre você arrumar um namorado. Pense nisso. — Sua voz ficou mais alta com entusiasmo. — Seus seguidores *nunca* viram você namorar alguém. Você não namora, certo? Imagine se você namorar. Eles ficariam *loucos*! E veja todo o conteúdo de casal que está se tornando viral. As pessoas comem essa merda. Você estará com um milhão de seguidores a qualquer momento! Se você atingir esse marco, Delamonte notará. Há rumores de que eles não tomarão uma decisão final por mais algumas semanas. Confie em mim. Eles já te amam, eu *sei* que eles te amam. Você só precisa dar a eles um empurrãozinho extra.

Meu maxilar se desequilibrou.

— Você está brincando? Não vou enrolar alguém e namorar só para conseguir mais seguidores e uma campanha de marca!

— Então seja honesta. Diga-lhe a verdade de frente. Encontre um namorado *falso.* Alguém que também terá algo a ganhar com isso.

— Outro influenciador? — Estremeci com a perspectiva.

Não que isso importasse, porque *de jeito nenhum* eu faria o que Brady estava sugerindo. A ideia de que eu tinha que arrumar um namorado para ser considerada *interessante* fazia minha pele arrepiar.

Tínhamos progredido desde os dias em que as mulheres não podiam ir a lugar algum ou fazer qualquer coisa sem a aprovação do marido, mas a triste verdade era que nosso valor ainda estava ligado à nossa capacidade de *conseguir* um parceiro, pelo menos aos olhos da sociedade.

O número de vezes que as pessoas me perguntavam *por que* eu ainda não tinha namorado era prova disso. Como se estar solteira fosse um problema que eu precisava resolver em vez de uma escolha que eu tinha feito. Como se minha falta de um parceiro de alguma forma significasse que *eu* estava

carente de alguma forma.

Eu não tinha nada contra o namoro. Eu estava feliz por minhas amigas que encontraram seu Único, e estaria aberta a um relacionamento se encontrasse a pessoa certa.

Mas eu tinha certeza de que a pessoa certa não resultaria de um ardil para conseguir mais seguidores nas redes sociais e promover minha carreira.

— Talvez outro influenciador — Brady disse pensativo. — Ou alguém que se beneficiará de ter uma linda mulher em seus braços.

Meu estômago revirou.

— Você faz isso soar tão desprezível. De jeito nenhum. — Eu balancei minha cabeça. — Não tenho tempo ou energia para um relacionamento real *ou* falso.

— Stella, estou lhe dizendo isso como seu amigo e gerente. — Sua voz era mais severa do que eu já tinha ouvido. — Você quer o acordo com a Delamonte? Você quer um milhão de seguidores? Você quer mostrar a Raya e todas as garotas que estão morrendo de vontade de ver você falhar que você ainda tem o que é preciso para ficar no topo? Então arranje um namorado.

As palavras de Brady passaram pela minha mente muito depois que desliguei.

Era o século XXI. Eu não deveria *ter* que namorar alguém para permanecer relevante.

Mas por mais que eu odiasse admitir, ele estava certo. Havia uma razão pela qual as celebridades sempre entravam em relacionamentos magicamente antes do lançamento de um grande álbum ou estreia de um filme, e por que políticos solteiros raramente ganhavam campanhas.

Esfreguei minha têmpora.

A ideia de um namorado falso parecia absurda, mas seria *tão* absurda assim?

Se estrelas de cinema podiam *namorar* alguém por publicidade, eu também poderia. Que eu não era uma celebridade era irrelevante; o princípio era o mesmo.

Eu não posso acreditar que estou considerando isso.

Abri meu Instagram e olhei para o número no topo do meu perfil.

899 mil. Eu estava presa lá há mais de um ano, e isso me lembrou de onde eu estava indo na vida – lugar nenhum. Mesma cidade, mesma rotina dia após dia.

A atração de um milhão de seguidores e o que isso representava pairava na minha frente como um diamante cintilante.

Validação. Oportunidade. Sucesso.

Se eu apenas alcançar e esticar...

O 899K olhou para mim, provocando-me.

Eu sabia que não deveria derivar valor da minha contagem de seguidores, mas esse número impactava minha renda e meu sustento.

Talvez fosse ego.

Talvez eu quisesse provar a todos, inclusive a mim mesma, que o sangue, o suor e as lágrimas que derramei no crescimento da conta não foram em vão.

Ou talvez Brady estivesse certo, e eu precisava agitar as coisas.

Fosse o que fosse, obrigou-me a sair do aplicativo e entrar

na minha lista de contatos.

Olhei para a lista de nomes, meus olhos instintivamente focando nos masculinos.

Eu não posso acreditar que estou considerando isso.

Mas eu não tinha emprego e nada a perder… exceto minha integridade.

Infelizmente, a integridade não pagava as contas, e não era como se eu estivesse assassinando ou roubando. Seria apenas uma pequena mentira para vender o show que era minha presença online.

Meus dentes cavaram em meu lábio inferior.

Então, antes que eu me permitisse segundos pensamentos, liguei para o primeiro nome que parecia bom.

— Ei, Trent, é Stella. Eu sei, faz muito tempo, mas eu tenho uma pergunta para você…

5

Stella

Eu superestimei o número de homens solteiros e heterossexuais na minha vida.

Depois de examinar meus contatos, encontrei três que poderiam desempenhar o papel de meu namorado falso, e depois de dois encontros de teste desastrosos, esse número diminuiu para um.

Meu primeiro encontro continuou tentando me vender criptomoedas enquanto o segundo me pediu um boquete no banheiro entre a entrada e a sobremesa.

Quando meu terceiro encontro chegou, meu otimismo havia se reduzido a uma brasa moribunda, mas me agarrei àquela chama bruxuleante como se fosse minha última esperança.

O que era.

Ninguém sabia quando a Delamonte tomaria sua decisão, mas tinha que ser logo. Eu tinha um tempo limitado para encontrar um namorado falso, jogar algumas fotos de casal e rezar para que isso tirasse minha conta da queda. Quando se tratava de conseguir acordos de marca competitivas, tudo ajudava.

Não era o melhor ou mais bem pensado plano do mundo, mas era *um plano*. Não importava o quão ridículo fosse, isso me fazia sentir como se estivesse assumindo o controle da minha vida, e esse conhecimento – que eu não estava completamente desamparada e ainda tinha o poder de moldar meu futuro – era

a única coisa que me mantinha à tona no momento.

— Terceira vez é o charme. — As palavras soaram com partes iguais de esperança, cansaço e um toque de auto aversão.

Eu me joguei no Plano do Namorado, como Brady o chamava, porque não tinha escolha, mas uma parte de mim se encolhia toda vez que eu pensava no que um plano de sucesso implicaria.

Decepção. Mentira. Fingir ser alguém que eu não era.

Cultivei relacionamentos próximos com meus seguidores ao longo dos anos. Alguns deles estavam comigo desde que eu era uma caloura da faculdade postando fotos granuladas do meu campus.

O pensamento de trair essa confiança fez meu estômago revirar.

No entanto, eu não podia decepcionar Maura. E, para ser honesta, eu *realmente* queria um milhão de seguidores.

Era o grande marco. A porta que abriria mais mil oportunidades e provaria que eu não era a decepção que meus pais pensavam que eu era.

Meus amigos achavam que eu tinha a família perfeita, e eu nunca disse a verdade porque parecia um problema tão trivial. Famílias julgadoras existiam às dúzias.

Mas isso não significava que não doía.

Meus pais nem sempre expressavam isso, mas eu via a decepção em seus olhos toda vez que olhavam para mim.

Respirei fundo, passei a mão na frente do meu vestido e verifiquei meu reflexo no espelho do corredor uma última vez.

Cabelo torcido em um coque elegante, brincos que

adicionavam um toque de glamour e batom que iluminava minha pele opaca de inverno.

Perfeito.

Peguei o elevador no andar de baixo e passei a viagem verificando meus e-mails por atualizações da Delamonte ou respostas dos doze empregos aos quais me candidatei na semana passada.

Nada.

Nenhuma notícia era uma boa notícia, certo? Talvez não pelos empregos, mas pelo menos quanto à Delamonte.

Até que eu recebesse um e-mail ou um comunicado de imprensa anunciando sua próxima embaixadora da marca, eu não me debruçaria sobre negatividade. Eu não queria manifestar acidentalmente e perder a campanha.

As portas do elevador se abriram. Saí e passei o polegar sobre os cristais pendurados no meu colar. Quartzo rosa para sorte no amor, citrino para boas vibrações gerais.

Esperando que eles funcionem.

— Oi, Stella! — A voz ansiosa chamou minha atenção para a recepção, onde o concierge sorriu para mim, todos os dentes brilhantes e olhos de cachorrinho por trás do balcão de mármore.

Eu soltei meu colar e sorri de volta. — Olá, Lance. Preso no turno da noite de novo?

— Isso é o que acontece quando você é o membro mais jovem da equipe. — Ele deu um suspiro exagerado antes de me examinar. — Você está toda vestida esta noite. Encontro quente?

Parte de mim brevemente cogitou a ideia de pedir a ele para

ser meu namorado falso antes de eu descartar isso. Isso seria muito confuso por uma infinidade de razões, a menor das quais era o fato de ele trabalhar no meu prédio.

— Esperançosamente. — Eu dei um giro brincalhão, minha saia metálica girando em torno dos meus joelhos. Eu a combinei com um suéter preto justo e botas para um visual de primeiro encontro elegante, mas simples. — Como estou?

— Você está bonita. — Havia uma nota melancólica em sua voz. — Você sempre...

Ele não teve a chance de terminar antes que eu batesse em uma parede de tijolos. Eu tropecei e instintivamente estendi a mão para me equilibrar.

Algodão macio e calor masculino tocaram meus dedos.

Não uma parede, minha mente atordoada notou.

Meus olhos viajaram pelas lapelas pontiagudas de um terno preto, o colarinho aberto de uma camisa branca e a coluna bronzeada de uma garganta forte e masculina antes de descansarem em um rosto lindamente esculpido, sombreado com desaprovação.

— Srta. Alonso. — A voz fria de Christian enviou arrepios pela minha pele. Não havia vestígios do parceiro de jantar meio brincalhão de Nova York. — Distraindo minha equipe do trabalho novamente?

Novamente? Eu nunca distraí ninguém de nada, exceto talvez quando Lance me ajudou a carregar um pacote para os elevadores e o residente atrás de mim na fila teve que esperar mais dois minutos.

Tirei minha mão do peito de Christian. Seu calor queimava tão profundamente que eu senti em meus ossos mesmo quando dei um passo para trás e aumentei a potência do meu sorriso.

Frio, fresco, recolhido.

— Estava conversando. Eu queria a opinião de Lance sobre algo, mas já que você está aqui, eu posso perguntar a você. — Eu girei novamente. — O que você acha? Essa roupa é digna de um encontro?

Eu nem completei meu primeiro giro antes que a mão de Christian se fechasse em volta do meu braço.

Quando olhei para cima, a sombra da desaprovação se transformou em algo mais escuro. Mais perigoso.

Então eu pisquei e a escuridão foi substituída por sua habitual impassibilidade educada.

De alguma forma, isso me perturbou ainda mais.

— Você vai a um encontro.

Christian tinha talento para transformar cada pergunta em... bem, não uma pergunta.

— Sim. — Uma explosão incomum de travessura floresceu dentro de mim. — É onde você leva alguém para jantar, beber, talvez dar as mãos. Pode soar como um conceito estranho, mas você deveria tentar algum dia, Sr. Harper. Vai te fazer bem.

Talvez isso o soltasse um pouco.

Apesar de todo o seu charme e riqueza, ele estava mais rígido do que a mola de seu relógio Audemars Piguet. Era evidente na precisão de seu andar, na postura de seus ombros e na perfeição antinatural de sua aparência.

Nem um fio de cabelo fora do lugar, nem uma partícula de fiapo em suas roupas.

Christian Harper era um homem que prosperava em controlar tudo, inclusive seus sentimentos.

Ele olhou para mim, sua mandíbula tão tensa que eu praticamente podia ouvir seus dentes rangendo. — Eu não seguro as mãos.

— Tudo bem, sem dar as mãos. Aconchegar então, em um banco com vista para o rio, seguido por algumas palavras doces sussurradas e um beijo de boa noite. Isso não soa legal?

Engoli uma risada com a forma como seu lábio se curvou. A julgar por sua expressão, minha sugestão soou tão boa quanto ser jogada em um tonel de ácido borbulhante.

— Você não costuma ter encontros.

Minha diversão desapareceu, substituída por uma alfinetada de aborrecimento. — Você não sabe disso. Eu poderia ter ido a cem encontros desde que me mudei e você não saberia.

— Você foi?

Droga. Eu não podia mentir, nem mesmo quando cada célula do meu corpo me incitava a limpar o olhar conhecedor de seus olhos.

— Esse não é o ponto — eu disse. — Talvez não cem, mas alguns.

Dois, e foram encontros de teste que me lembraram por que eu odiava namorar. Mas ele não precisava saber disso.

— E onde é o seu encontro hoje à noite?

Era uma pergunta inocente, mas a intuição me disse para manter a localização exata para mim. — Um bar.

— Que específico.

— Como não é da sua conta. — Eu dei a ele um olhar aguçado.

O sorriso de Christian não suavizou a borda suave e afiada de sua voz. — Divirta-se no seu encontro, Stella.

A conversa acabou, o que foi bom. Eu já estava atrasada.

Mas quando saí para o meu encontro, não consegui me concentrar no homem que estava prestes a ver.

Eu estava muito ocupada pensando em olhos de uísque e ternos pretos.

* * *

Meia hora depois, eu desejei ter ficado no saguão com Christian porque meu encontro estava indo tão bem quanto o esperado, ou seja, nada bom.

Klaus era um dos poucos blogueiros de moda masculinos que moravam em D.C., e eu gostei bastante dele nas poucas vezes em que conversamos em eventos.

Infelizmente, esses bate-papos foram muito curtos para eu perceber o que se tornou óbvio depois de uma longa conversa.

Klaus era um babaca enorme.

— Eu disse a eles que não trabalho de graça. Eu entendo que é uma instituição de caridade, mas eu sou um blogueiro de *luxo.* — Klaus ajustou seu Rolex de segunda mão. — Que parte de mim grita *mensagens gratuitas para conscientização sobre o câncer?* Claro, é uma grande causa — ele acrescentou apressadamente. — Mas leva tempo para eu filmar e postar, sabe? Eu até dei a eles um desconto de dez por cento sobre minha taxa habitual, mas eles disseram que não.

— Há uma razão pela qual se chama caridade. — Terminei minha bebida. Duas taças de vinho em vinte minutos. Um

recorde para mim, e uma prova do quanto eu *não* queria estar aqui. Mas Klaus era minha última esperança, e dei a ele mais liberdade do que o normal. Talvez ele tivesse boas intenções, mas não conseguisse expressá-las da maneira correta. — Eles não podem pagar milhares de dólares por cada postagem.

— Eu não pedi a eles que pagassem por cada postagem. Pedi que *me pagassem*.

Querido Senhor, dê-me força.

— Eu fiz essa campanha de graça. Levei menos de uma hora e não morri — eu apontei.

Eu tinha uma queda por instituições de caridade e aceitava quase todas essas colaborações se a organização fosse legítima. Brady odiava, principalmente porque sempre eram de graça, e ele não ganhava nada com esses negócios.

Klaus riu. — Sim, bem, essa é a diferença entre homens e mulheres, não é?

Minha coluna endureceu. — O que isso significa?

— Significa que a maioria dos homens pedem o que valem e a maioria das mulheres não. — O encolher de ombros casual de Klaus fez meus olhos se contraírem. — Não é um insulto, apenas uma observação. Mas alguém tem que ganhar menos dinheiro, certo?

Meus dedos se apertaram ao redor da haste da minha taça de vinho.

De repente, desejei que não estivesse vazia. Eu nunca estive mais tentada a jogar uma bebida na cara de alguém.

Ele não estava *errado* sobre *pedir o que valem*, mas seu tom era tão condescendente que ofuscou todo o resto. Além disso, ele tinha cobrado de uma instituição de caridade contra o câncer, de todas as coisas.

— Klaus. — Minha voz calma não traiu nada da raiva fervendo no meu sangue. — Obrigada pelas bebidas, mas chegamos ao fim do nosso encontro.

Ele parou de brincar com uma mecha de cabelo perdida para olhar para mim. — Com licença?

— Não somos compatíveis e não quero desperdiçar os nossos tempos.

Eu também preferiria esfaquear meu olho com um salto Christian Louboutin do que passar mais um minuto com você, acrescentei silenciosamente.

O rosto de Klaus ficou vermelho de raiva.

— Que seja. — Ele se levantou e puxou o casaco do encosto da cadeira. — Eu só fiquei por pena, de qualquer maneira. Você não é nem de longe tão gostosa quanto todo mundo diz que você é.

Diz o cara que compra seguidores e usa uma conta fake para comentar o quão gostoso ele é em seus próprios posts. A réplica formigava na ponta da minha língua até que minha aversão ao confronto a esmagou.

Se eu tivesse um centavo para cada retorno que guardei para mim, não precisaria do acordo com a Delamonte. Eu já seria uma milionária.

Esperei até que Klaus saísse em uma nuvem de colônia e indignação avassaladora antes de gemer e enterrar o rosto nas mãos.

Agora que Klaus estava fora da mesa, eu oficialmente não tinha perspectivas de um namorado falso decente.

Sem namorado falso, sem aumento de seguidores, sem acordo com Delamonte, sem dinheiro, sem cuidados para Maura...

Meus pensamentos correram juntos em um fluxo confuso.

Havia outra maneira de aumentar minha conta além de conseguir um namorado falso? Talvez.

Fazer minha conta crescer com rapidez suficiente garantiria que eu conseguisse o negócio da Delamonte? Não.

Mas uma vez que meu cérebro se prendia a uma ideia, tentar arrancá-la era como tentar arrombar um cofre com um palito de dente. Além disso, sem emprego e sem mentir no meu currículo, eu estava ficando desesperada.

A ideia do namorado podia ter me deixado desconfortável, mas também ofereceu um vislumbre de esperança. Agora, aquele brilho tinha se tornado um marrom feio e manchado.

Eu esvaziei minha água, esperando que isso aliviasse a secura na minha garganta. Tudo o que fez foi me dar um pequeno ataque de tosse quando desceu pelo buraco errado.

— Eu suponho que as palavras doces sussurradas e o beijo de boa noite estão fora de questão.

Minha pele ficou quente com o sotaque familiar atrás de mim.

Tranquila, calma, controlada.

Esperei meus pulmões se encherem de ar antes de responder.

— Uma vez é coincidência, duas vezes é padrão. — Eu virei minha cabeça. — E três vezes, Sr. Harper?

Primeiro, a volta de carro para casa. Então, o jantar Delamonte. Eu não contei nosso encontro no saguão mais cedo naquela noite, já que morávamos no mesmo prédio, mas no geral, eu esbarrei em Christian um número suspeito de vezes nas últimas duas semanas.

— Destino. — Ele deslizou para o banco ao lado do meu e acenou para o barman, que o cumprimentou com um aceno respeitoso e voltou menos de um minuto depois com um copo de líquido âmbar. — Ou que D.C. é uma cidade pequena e temos círculos sociais sobrepostos.

— Você pode me convencer de que acredita em coincidência, mas nunca vai me convencer de que acredita em destino.

Era uma noção para românticos e sonhadores. Christian não era nenhum dos dois.

Os românticos não olhavam para alguém como se quisessem devorá-lo até que não sobrasse nada além de cinzas e êxtase. Escuridão e submissão.

Algo quente e desconhecido se enrolou no meu estômago antes que os sinos acima da porta da frente tocassem e quebrassem o feitiço.

— Há quanto tempo está aqui? — Eu não tinha notado sua chegada.

— Tempo o suficiente para ver você de olho naqueles coquetéis com anseio enquanto seu encontro estava falando.

— Não foi um encontro ruim. Ele só teve que sair mais cedo para... uma emergência. — Era uma mentira descarada, mas eu não queria admitir que tinha falhado. Não para Christian.

— Sim, parecia positivamente excitante. — Sua voz estava mais seca do que um gin martini. — Eu poderia dizer pela forma como seus olhos vidrados se desviavam para o seu telefone a cada cinco segundos. Os verdadeiros sinais de uma mulher apaixonada.

Aborrecimento apertou meus pulmões.

Entre Klaus e Christian, o convento parecia melhor a cada

segundo.

— As pessoas dizem que o sarcasmo é a forma mais baixa de humor.

— Mas é a forma mais elevada de inteligência. — A boca de Christian puxou minhas sobrancelhas levantadas. — Oscar Wilde. Conheço bem a citação *completa.*

Por que não fiquei surpresa?

— Não me deixe mantê-lo — eu disse incisivamente. — Tenho certeza de que você tem coisas melhores para fazer na sexta à noite do que beber com a garota que cuida de suas plantas.

— Eu vou sair depois que você explicar por que você parecia tão infeliz depois que ele se foi. — Christian se acomodou em seu banco, a imagem de elegância relaxada, mas seus olhos estavam afiados enquanto esperava pela minha resposta. — De alguma forma, eu duvido que você tenha ficado desapontada com a saída dele.

Esfreguei meu polegar sobre a condensação no meu copo de água, debatendo o quanto dizer a ele.

— Precisava da ajuda dele com uma coisa. — A vergonha invadiu meu peito.

— Com o quê? — Ele era uma cobra em traje de rei, sem paciência à vista.

Apenas diga. — Eu preciso de um namorado falso.

Aí. Eu disse isso e não morri, embora o constrangimento aquecesse meu pescoço.

Mas para seu crédito, Christian não riu ou me repreendeu. — Explique.

Álcool e desespero soltaram minha língua, então eu o fiz.

Expliquei tudo – Maura, Delamonte, *D.C. Style*. Eu até disse a ele que fui demitida.

Uma parte de mim temia que ele me expulsasse, já que eu não tinha mais uma renda fixa, mas não consegui evitar que as palavras saíssem.

A pressão dentro de mim encontrou uma válvula de escape temporária e eu estava aproveitando ao máximo.

Embora minhas amigas soubessem que eu tinha sido demitida, elas não sabiam que eu estava pagando pelos cuidados de Maura. Ninguém sabia, exceto a equipe da Greenfield... e agora Christian.

Por alguma razão, contar a ele parecia natural, quase fácil. Talvez porque fosse mais fácil compartilhar segredos com alguém que não me conhecesse bem e, portanto, julgaria menos.

Quando terminei, Christian olhou para mim com um olhar longo e avaliador.

O silêncio se estendeu por tanto tempo que me preocupei em tê-lo quebrado com o puro absurdo da minha ideia.

Eu coloquei um cacho solto que tinha caído do meu penteado atrás da minha orelha. — Eu sei que parece ridículo, mas pode funcionar. Potencialmente? — A dúvida transformou minha declaração em uma pergunta.

— Não soa ridículo. — Christian pousou seu copo agora vazio. O barman reapareceu em um piscar de olhos e o encheu novamente. Depois de um olhar ponderado de Christian, ele completou minha bebida também. — Na verdade, tenho uma proposta mutuamente benéfica.

— Eu não estou interessada em dormir com você.

Eu estava desesperada, mas não estava tão *desesperada*.

Uma coisa era conseguir um namorado falso. Outra era dormir com alguém por dinheiro, mesmo que esse *alguém* fosse rico e lindo.

Aborrecimento passou pelos olhos de Christian. — Essa não é a minha proposta — disse ele, sua voz afiada com irritação. — Você precisa de dinheiro, e eu preciso de uma... companhia que possa me acompanhar nos eventos. Eles são uma parte necessária e, infelizmente, frequente do meu negócio.

— Então você quer um rostinho bonito. — Algo parecido com decepção se instalou no meu estômago. — Tenho certeza de que você poderia arranjar um encontro com um estalar de dedos. Você não precisa de mim para isso.

Mesmo agora, todas as mulheres no bar estavam olhando para Christian com expressões atordoadas e sonhadoras.

— Não apenas um encontro, Stella. Eu quero alguém com quem eu possa ter uma conversa real. Que deixa as pessoas à vontade e que pode conquistar uma sala comigo. Alguém que não vai querer mais depois que o encontro acabar.

Bati meus dedos na mesa. — E se eu fizer isso...

Christian sorriu. — Vamos fazer um acordo, Srta. Alonso. Você concorda em ser minha acompanhante quando necessário, e eu pagarei por todos os cuidados de Maura.

Minha batida parou.

Pagar por todos os cuidados de Maura?

Meu primeiro instinto foi um *sim entusiástico e retumbante.* Não ter que me preocupar com as contas da Greenfield tiraria um peso dos meus ombros.

Mas a alegria durou apenas um minuto antes de sinos de alerta soarem entre meus ouvidos.

Se algo parecia bom demais para ser verdade, provavelmente era.

— Obrigada, mas não posso. — As palavras eram dolorosas de dizer, mas eram para o melhor. — Pagar todas as taxas de Maura... é demais.

Era estúpido da minha parte recusar sua oferta de pagamento quando eu precisava tão desesperadamente? Talvez. Especialmente quando eu sabia que pagar por seus cuidados não prejudicaria sua carteira? Provavelmente.

Se ele fosse qualquer outra pessoa, eu poderia ter aceitado, considerando minhas circunstâncias. Mas entre o aluguel inicial reduzido e nosso risível acordo de aluguel ainda *mais baixo* depois que Jules se mudou – cuidar de suas plantas não equivalia aos milhares de dólares que ele deixava passar todos os meses – eu já devia muito a ele.

E meu instinto me dizia que quando se tratava de homens como Christian Harper, quanto menos devesse a eles, melhor.

Porque, eventualmente, o pagamento venceria e custaria mais do que todo o dinheiro do mundo.

Christian aceitou a recusa com calma. — Eu entendo. Então vamos alterar o acordo. Se você agir como minha acompanhante, eu agirei como seu namorado.

Meu coração saltou. Agora *isso* era um arranjo mais equilibrado.

Ainda assim, eu não deveria.

Era selvagem e absurdo e totalmente ridículo se eu pensasse muito sobre isso, mas... *Christian Harper* como meu (falso) namorado. Se isso não explodisse minha contagem de seguidores, nada explodiria.

— Com uma estipulação, é claro — acrescentou.

É claro.

— Que estipulação?

— Você não deve, sob nenhuma circunstância, mostrar meu rosto nas mídias sociais.

Minha excitação acabou mais rápido do que um fogo de artifício na água. — Isso anula todo o propósito do que estou tentando fazer.

O rosto de Christian poderia lotar estádios e teatros. Não o exibir online seria um desperdício monumental.

— Com base no que você me disse, é o relacionamento aparente que importa, não quem é a outra pessoa. — Ele bateu um dedo no meu telefone. — As redes sociais são uma forma de voyeurismo, e os casais são mais interessantes do que os indivíduos. É a triste verdade. Mas as pessoas também adoram um pouco de mistério. Você pode mostrar minha mão, minhas costas, qualquer parte de mim, exceto meu rosto. Não vai diminuir o que você está tentando fazer. Pode até ajudar.

— Mas... — *Seu rosto é tão bonito.* — As pessoas saberão que é você se comparecermos a eventos juntos, então qual é o sentido de não mostrar seu rosto?

— Não tenho nenhum problema com as pessoas saberem que estamos juntos. — A suavidade de suas palavras me envolveu como um lenço de seda. — No entanto, mantenho os detalhes da minha vida pessoal privados e meu rastro digital o mais limpo possível.

Eu não deveria estar surpresa. Christian era um especialista em segurança cibernética, então sua aversão às mídias sociais e ao compartilhamento de dados online fazia sentido.

Ainda assim, achei difícil acreditar que alguém hoje em dia pudesse manter *todas* as fotos de si mesmo fora da internet.

— Huh. — Era tarde demais para mim. Meu rastro digital era tão grande que poderia se qualificar para seu próprio CEP. — Sem ser identificado.

Um sorriso cintilou em sua boca. — Temos um acordo, então?

— Contanto que você concorde com minhas condições também. — Desta vez, fui eu quem sorriu com seu lampejo de surpresa. — Você não achou que era o único que tinha que fazer as regras, achou?

— Claro que não. — A diversão preguiçosa surgiu em seus olhos. — Quais são os seus termos?

Eu marquei em meus dedos. O barman estava servindo os clientes do outro lado do bar e ninguém estava sentado perto de nós, então eu não estava preocupada com bisbilhoteiros.

— Um, contato físico apenas quando necessário. Segurar as mãos é ok. Beijar é permitido em um status caso a caso[3]. Sem sexo. — Olhei para Christian para ver se isso seria um problema. Sua expressão permaneceu impassível, então continuei.

— Dois, continuamos o acordo enquanto for benéfico para *nós dois.* Se qualquer um de nós quiser terminá-lo por qualquer motivo, damos um aviso de duas semanas a outra parte. E finalmente... — Eu respirei fundo. — Lembramos o que é isso. Um relacionamento *falso.* Isso significa não ter sentimentos e não se apaixonar um pelo outro.

Eu não achava que Christian se apaixonaria por mim, e duvidava que me apaixonaria por ele, mas foi bom estabelecer as expectativas certas. Isso evitava que as coisas ficassem feias no caminho.

Uma risada suave retumbou de sua garganta. — Eu aceito esses termos. Vou redigir o contrato hoje à noite.

— Um contrato escrito parece um exagero.

— Eu nunca faço um acordo sem um. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Isso é um obstáculo?

Parte de mim não estava confortável com um contrato formal para algo tão fluido, mas outra parte concordava que era a coisa mais inteligente a se fazer. Estabeleceria as regras básicas em termos claros e protegeria nós dois.

Apenas no caso de.

— Não. Um contrato é bom.

— Bom. E não se preocupe, Srta. Alonso. — A risada permaneceu na voz de Christian enquanto ele levava o copo aos lábios. — Eu não acredito no amor.

6

Stella

13 de março

Acho que assinei um acordo com o diabo.

Ok, isso soa um pouco dramático, mas você entendeu. Christian tem sido muito legal e prestativo desde que nos conhecemos, mas ele não chegou aonde está hoje sendo todo caloroso e difuso.

Já se passaram quatro dias desde que assinamos (eu ainda não consigo acreditar que ele me fez assinar um acordo formal, mas acho que é por isso que ele é um CEO). E toda vez que penso no nosso primeiro post de casal, eu me sinto um pouco doente.

Eu aceitaria ter que mentir para meus seguidores, mas minhas amigas e familiares também verão o post. Bem, não meus pais, mas Natalia vai ver e vai contar para mamãe e papai. E eu vou ter que explicar o súbito aparecimento de um namorado para minhas amigas, que SABEM que eu não quero um namorado. Elas vão surtar, especialmente Jules. Ela odeia não estar em todas as fofocas.

Depois, há a questão de esconder o rosto de Christian quando eu fizer nosso post oficial. Talvez eu possa colocar um emoji nele. É tão brega que poderia ser engraçado...

Ideias de emojis para Christian:

1. *Diabo (por razões óbvias)*

2. *Rosto neutro (basicamente sua expressão 80% do tempo)*
3. *Cara de coração (faz sentido se ele for meu namorado, mas é muito fofo?)*

* * *

— Estou tão feliz que podemos conversar. — Jules suspirou e colocou uma batata frita na boca. — Eu me sinto tão fora do circuito desde que voltei.

Jules e seu namorado Josh fizeram uma viagem de uma semana para a Nova Zelândia algumas semanas atrás, e esta era a primeira vez que a encontrava desde que ela voltou. Entre sua agenda exigente como advogada e as constantes viagens de Ava como fotógrafa para a revista *World Geographic*, era difícil para todas nós estarmos no mesmo lugar ao mesmo tempo.

Ainda agendávamos pelo menos um encontro por mês, mesmo que tivesse que ser virtual. Pelo menos assim, Bridget, que morava na Europa, poderia participar.

As amizades adultas exigiam *trabalho* e esforço consciente para serem mantidas, mas as que ficavam eram as que mais importavam.

Por isso era tão difícil mentir para Jules, Ava e Bridget. Elas sabiam que eu tinha sido demitida, mas eles não sabiam sobre Christian.

Ao mesmo tempo, eu não queria sobrecarregá-las com muitos dos meus problemas, e quanto mais eu escondia as coisas delas, menos eu queria explicar por que eu não tinha dito algo em primeiro lugar.

Os tacos de peixe que comi no almoço reviraram meu

estômago.

— Você não perdeu nada grande. — Ava tirou uma mecha de cabelo do olho. — Minha vida é só trabalho e casamento até outubro.

Apesar de suas palavras casuais, seu rosto brilhava de excitação.

Seu namorado Alex propôs casamento no verão passado, e eles estavam planejando um casamento no outono em Vermont. Conhecendo Alex, seria o casamento mais luxuoso que o estado já vira. Ele já havia contratado o melhor planejador de casamentos do país para coordenar um exército de floristas, fornecedores, fotógrafos, cinegrafistas e quem mais estivesse envolvido nas núpcias.

— Hum. — Jules parecia desapontada que não havia notícias mais suculentas esperando por ela. — E você, Stell? Alguma chance de você ter ficado com uma celebridade em um evento? Ter ganhado um milhão de dólares? Ofereceram uma viagem para Bora Bora em troca de fotos dos seus pés de novo?

Minha risada saiu tensa. — Desculpe desapontar, mas não.

Embora eu tenha arranjado um namorado falso.

As palavras estavam na ponta da minha língua, mas eu as engoli junto com o resto da minha água.

Eu precisava de mais tempo para processar minha situação antes de discuti-la com qualquer outra pessoa.

— Oh. — Jules fez beicinho. — Bem, o ano ainda está no início. E oh, meu Deus, falando em celebridades... — Seus olhos se iluminaram novamente. — Vocês não vão *acreditar* em quem vimos no aeroporto no caminho de volta para D.C., *Nate Reynolds*! Ele estava com sua esposa...

Eu relaxei no meu lugar enquanto ela divagava sobre sua

estrela de cinema favorita. Esse era um tópico mais seguro do que qualquer coisa sobre a minha vida.

Os resquícios de vergonha arrepiaram minha pele, mas me consolei com o fato de que não mentiria para minhas amigas *para sempre*.

Eu contaria a elas sobre Christian em breve.

Apenas não hoje.

Ficamos no restaurante por mais meia hora antes de Ava ter que encontrar Alex para alguma coisa de casamento e Jules foi *surpreender* Josh depois de seu turno no hospital. Eu tinha certeza de que era um código para sexo, mas sabiamente escolhi não perguntar.

Depois de nos despedirmos, peguei o trem para a Greenfield.

Era uma viagem de uma hora da cidade, e quando eu trabalhava na *D.C. Style*, eu tinha que correr para cá depois do trabalho. Às vezes eu não conseguia; quando chegava, geralmente só ficava dez ou quinze minutos com Maura antes do horário de visita terminar.

Essa era uma vantagem de estar desempregada, eu acho. Eu não precisava mais pegar o trem de ida e volta à noite, e não precisava me preocupar em não ter tempo para vê-la.

Eu distraidamente brinquei com meu colar enquanto observava as calçadas de concreto da cidade e a arquitetura de inspiração europeia dar lugar a campos abertos e terrenos mais planos.

Eu não tinha falado com Christian pessoalmente desde o nosso acordo, embora ele tenha me mandado uma mensagem no dia seguinte me pedindo para acompanhá-lo em um evento de arrecadação de fundos.

Eu nem sabia para que servia a arrecadação de fundos, apenas que seria um evento black-tie e aconteceria no Museu Smithsonian de História Natural.

O solavanco do trem ao parar na estação da Greenfield coincidiu com o aumento dos nervos no meu estômago.

Vai ficar tudo bem. É apenas uma festa. Você participou de muitos eventos black-tie.

Eu inalei e exalei uma lufada de ar.

Vai ficar tudo bem.

Levantei-me e esperei que um grupo de passageiros de aparência cansada passasse antes de segui-los para fora do trem. Eu só havia chegado na metade antes de um calafrio agarrar minha nuca e puxar minha cabeça para cima.

Foi o mesmo calafrio que experimentei no meu corredor na noite em que Christian me deu uma carona para casa.

Meus olhos correram descontroladamente ao redor do vagão de trem, mas estava vazio, exceto por um homem idoso roncando no canto e o atendente tentando acordá-lo.

Parte da tensão vazou dos meus ombros.

Nada estava errado. Eu estava no limite sobre a arrecadação de fundos e o arranjo de namoro falso, isso era tudo.

A Greenfield ficava a dez minutos a pé da estação de trem e, quando cheguei, já tinha me livrado de minhas dúvidas do trem. Eu não poderia viver minha vida olhando por cima do ombro, especialmente quando não havia nada lá.

A Greenfield abrangia três prédios e vários acres no subúrbio de Maryland. Com suas janelas salientes, pisos de bambu e abundância de vegetação, parecia mais um hotel

boutique de luxo do que uma comunidade pra idosos, então não fiquei surpresa por ter sido classificado como uma das melhores instalações de vida assistida de luxo do país.

Também parecia diferente durante o dia, e não apenas por causa da luz. O ar estava mais calmo e os aromas eram mais doces, mesmo no ápice do inverno.

Era um novo dia, e a cada novo dia vinha a esperança.

O otimismo encheu meu peito quando parei do lado de fora do quarto de Maura e bati na porta.

Hoje, ela se lembraria de mim. Eu tinha certeza disso.

Eu bati novamente. Nenhuma resposta. Eu não esperava uma, mas eu sempre batia duas vezes por via das dúvidas. Ela podia viver em um asilo, mas seu quarto era seu quarto. Ela merecia alguma opinião sobre quem entrava em seu espaço pessoal.

Esperei uma batida extra antes de girar a maçaneta e entrar.

Maura estava sentada em uma cadeira perto da janela, olhando para o lago nos fundos da instalação. A água estava congelada, e as árvores e flores que floresciam durante o verão nada mais eram do que galhos nus e pétalas murchas durante o inverno, mas ela não parecia se importar.

Ela exibia um pequeno sorriso enquanto cantarolava uma melodia baixa. Algo familiar, mas indistinguível, feliz, mas nostálgico.

— Oi, Maura —falei suavemente.

O cantarolar parou.

Ela se virou, seu rosto registrando interesse educado enquanto seus olhos varriam sobre mim. — Olá. — Ela inclinou

a cabeça para o meu olhar expectante. — Eu conheço você?

A decepção puxou meu peito, seguida por uma dor aguda.

A doença de Alzheimer variava muito de pessoa para pessoa, mesmo aquela na fase intermediária, como Maura. Alguns esqueciam habilidades motoras básicas, como segurar uma colher, mas se lembravam de sua família; outros esqueciam quem eram seus entes queridos, mas podiam funcionar normalmente na vida diária.

Maura caiu na última categoria.

Eu deveria estar agradecida por ela ainda poder se comunicar claramente depois de ser diagnosticada com Alzheimer há quatro anos, e eu *estava*. Mas ainda doía quando ela não me reconhecia.

Foi ela quem me criou enquanto meus pais estavam ocupados construindo suas carreiras. Ela me pegava e me deixava na escola todos os dias, assistia a todas as minhas peças da escola e me consolou depois que Ricky Wheaton me trocou por Melody Renner na sexta série. Ricky e eu tínhamos apenas 'namorado' por duas semanas, mas aos onze anos fiquei com o coração partido.

Na minha cabeça, Maura sempre seria vibrante e cheia de vida. Mas os anos e a doença cobraram seu preço, e vê-la tão frágil fez com que as lágrimas engrossem na minha garganta.

— Sou uma nova voluntária. — Limpei a garganta e coloquei um sorriso, não querendo obscurecer nossa visita com melancolia. — Eu trouxe um tembleque para você. Um passarinho me disse que é o seu favorito. — Enfiei a mão na minha bolsa e tirei o pudim de coco gelado.

Era uma sobremesa tradicional porto-riquenha que Maura e eu costumávamos fazer juntas durante nossas noites de *experimentação*.

Toda semana, tentávamos uma nova receita. Algumas ficaram incríveis, outras nem tanto. O tembleque era uma das nossas favoritas, no entanto, justificando fazê-la mais de uma vez, incorporando-a com sabores diferentes a cada vez. Canela em uma semana, laranja na outra, seguida de limão.

Voilá! Uma nova receita.

Na minha mente de oito anos, fazia sentido.

Os olhos de Maura se iluminaram. — Tentando me amanteigar com doces no seu primeiro dia — ela estalou. — Está funcionando. Eu já gosto de você.

Eu ri. — Fico feliz em ouvir isso.

Entreguei a ela a sobremesa que fiz ontem à noite e esperei até que ela a segurasse com firmeza antes de me sentar em frente a ela.

— Qual o seu nome? — Ela colocou um pouco de pudim na boca, e eu tentei não notar quão lento o movimento era ou quão forte sua mão tremia.

— Stella.

O que parecia reconhecimento brilhou em seus olhos. A esperança inchou novamente, apenas para esvaziar quando a escuridão apagou o brilho um segundo depois.

— Lindo nome, Stella. — Maura mastigou com uma expressão pensativa. — Eu tenho uma filha, Phoebe. Ela tem mais ou menos a sua idade, mas eu não a vejo há algum tempo…

Porque ela morreu.

A dor no meu peito voltou com força total.

Seis anos atrás, Phoebe e o marido de Maura estavam voltando do supermercado para casa quando um caminhão

destruiu seu carro. Ambos morreram com o impacto.

Maura afundou em uma profunda depressão depois, especialmente porque ela não tinha parentes vivos para se apoiar.

Por mais que eu odiasse a doença de Alzheimer por roubar a vida que ela tinha vivido, às vezes eu era grata por isso. Porque a ausência de boas lembranças também significava a ausência de más, e pelo menos ela poderia esquecer a dor de perder seus entes queridos.

Nenhuma mãe deveria ter que enterrar seu filho.

A mastigação de Maura diminuiu. Suas sobrancelhas se juntaram, e eu podia vê-la lutando para lembrar por que, exatamente, ela não via Phoebe há um tempo.

Sua respiração acelerou do jeito que sempre fazia antes da agitação começar.

A última vez que ela se lembrou do que aconteceu com Phoebe, ela ficou tão agressiva que as enfermeiras tiveram que sedá-la.

Pisquei de volta a ardência em meus olhos e aumentei a potência do meu sorriso. — Então, eu ouvi que hoje é a noite do bingo — eu disse rapidamente. — Você está animada?

A distração funcionou.

Maura relaxou novamente e, por fim, nossa conversa passou de bingo a poodles e *"The Days of Our Lives"*.

Suas memórias eram irregulares e variavam de dia para dia, mas hoje era um dos melhores. Ela costumava ter um poodle de estimação e adorava assistir *"The Days of Our Lives"*. Eu não tinha certeza se ela entendia o significado desses tópicos, mas pelo menos ela sabia que eles eram importantes em um nível subconsciente.

— Eu tenho bingo esta noite. O que você tem? — Ela mudou abruptamente de assunto depois de um monólogo de dez minutos sobre lavar roupa à mão. — Uma linda garota como você deve ter planos divertidos para sexta à noite.

Era sábado, mas não a corrigi.

— Eu tenho uma grande festa — falei. — No Smithsonian.

Embora *divertido* não fosse o adjetivo que eu usaria.

Os nervos correram pelo meu estômago, deixando-me enjoada.

Assinar um contrato era uma coisa; realizá-lo era outra.

E se eu arruinar o evento? E se eu tropeçar ou disser algo estúpido? E se ele perceber que eu não era a companhia que ele esperava afinal e terminar nosso acordo?

Eu instintivamente peguei meu pingente de cristal. Eu tinha escolhido um jaspe unakite hoje para a cura, e agarrei-o por minha vida até que a pedra fria aqueceu e acalmou meus nervos.

Está bem. Tudo vai ficar bem.

Maura, alheia ao meu tumulto interior, animou-se e inclinou-se para a frente à menção de uma festa. — Ooh, chique. O que você vai vestir?

Naquele momento, ela parecia tão com seu antigo eu que meu peito apertou.

Ela costumava me provocar o tempo todo por causa dos meninos. Eu pré-adolescente iria bufar e reclamar, mas contava todas as minhas paixões secretas para ela de qualquer maneira.

— Ainda não decidi, mas tenho certeza de que encontrarei algo. A verdadeira questão é: o que devo fazer com meu cabelo?

— Apontei para meus cachos. — Um penteado no alto ou deixar solto?

Nada a animava como o tema do cabelo. O dela era liso, mas ela teve que aprender a cuidar da textura específica do meu cabelo quando eu era jovem, e ela se tornou uma especialista não oficial ao longo dos anos.

Eu ainda usava a rotina de cabelo pós-banho que ela montou para mim quando eu tinha treze anos: aplicar creme para cachos, desembaraçar com um pente de dentes largos, espremer o excesso de umidade, aplicar óleo de argan e amassar o cabelo para cima para definir.

Funcionava como um encanto.

Um sorriso curvou meus lábios ao ouvir a rouquidão indignada de Maura. — É uma festa no *Smithsonian.* Você *deve* colocá-lo em um penteado alto. Venha aqui. — Ela me chamou. — Tenho que fazer tudo sozinha — ela murmurou.

Eu sufoquei uma risada e movi minha cadeira ao lado dela enquanto ela tirava os alfinetes de seu coque para que pudesse fazer sua mágica.

Fechei os olhos, deixando o silêncio pacífico e o familiar e reconfortante puxa e solta de seus dedos me lavarem.

Seus movimentos eram lentos e hesitantes. O que ela levava alguns minutos para fazer quando eu era criança levou o triplo do tempo agora. Mas não me importava quanto tempo demorasse ou como seria o resultado; eu só me importava em passar um tempo com ela quando ainda podia.

— Pronto. — A satisfação encheu a voz de Maura. — Tudo feito.

Abri meus olhos e peguei nossos reflexos no espelho pendurado na parede oposta. Ela torceu meu cabelo em um *updo* alto e de lado. Metade dos cachos já estava caindo, e o

resto provavelmente seguiria assim que eu me movesse.

Maura estava ao meu lado com uma expressão orgulhosa, e eu me lembrei da noite do meu primeiro baile na escola – de nós duas em nossas exatas posições agora, exceto que éramos treze anos mais jovens e mil anos mais despreocupadas.

Ela tinha feito meu cabelo naquela noite, também.

— Obrigada — eu sussurrei. — É lindo.

Estendi a mão para apertar suavemente a mão dela, que repousava no meu ombro. Era tão fina e frágil que fiquei com medo de quebrar.

— De nada, Phoebe. — Ela me deu um tapinha com a outra mão, sua expressão suavizando em algo mais nebuloso, mais reminiscente.

O oxigênio foi cortado a meio caminho dos meus pulmões.

Abri a boca para responder, mas nenhuma palavra conseguiu passar pelas lágrimas que brotaram da minha garganta.

Em vez disso, baixei o olhar para o chão e tentei respirar pelo punho que apertava meu coração.

De nada, Phoebe.

Eu sabia que Maura me amava mesmo que ela não se lembrasse de mim, e ela me tratou como sua própria filha quando ela *se* lembrou de mim.

Mas eu *não era* filha dela e nunca poderia substituir Phoebe.

Eu não queria.

Mas eu poderia cuidar dela e dar-lhe uma vida o mais confortável possível. Isso significava fazer de tudo para mantê-

la na Greenfield, inclusive um acordo com Christian Harper.

Meu estômago revirou. Eu não podia estragar a festa hoje à noite com ele, e não podia mais enrolar. Eu tinha que anunciar nosso relacionamento em breve se quisesse fechar o negócio com a Delamonte.

Maura cuidou de mim quando eu não tinha mais ninguém para me apoiar. Era hora de eu fazer o mesmo por ela.

Ela valia os sacrifícios.

7

Stella

Fiquei mais uma hora na Greenfield, conversando e resolvendo quebra-cabeças com Maura. Nós migramos para a sala da comunidade depois que eu controlei minhas emoções, e passamos o resto do nosso tempo juntas montando uma paisagem montanhosa de quinhentas peças.

Eu teria ficado mais tempo, mas precisava me preparar para a arrecadação de fundos. Eu já estava ficando sem tempo; quando cheguei em casa, eu tinha pouco menos de duas horas antes de Christian me pegar.

Uma onda de nervos bateu contra minhas entranhas e abafou a melancolia persistente da minha visita à Maura.

Esta noite seria a primeira vez que passaria uma noite inteira com Christian. O jantar da Delamonte não contava, pois não havíamos conversado muito durante o jantar em si.

Liguei o chuveiro e entrei sob o jato de água quente, tentando não entrar em pânico com o que estava à minha frente.

Christian Harper era apenas um homem.

Não um rei, mesmo que fosse mais rico do que um, e não um deus, mesmo que parecesse com um.

Eu não tinha nada para ficar nervosa.

Como eu estava sem tempo, lavei meu cabelo na ducha, me depilei e me esfoliei com velocidade recorde, em vez de demorar no banho como eu queria.

Mas apesar da minha pressa, eu ainda estava fazendo minha maquiagem no meu roupão quando a campainha tocou.

Christian não deveria aparecer por mais meia hora. *A menos que...*

Meu batimento cardíaco acelerou quando o arrepio inquietante que experimentei no trem passou pela minha mente.

Pare com isso. Não é ele.

Eu não sabia por que estava me preocupando tanto quando ele ficou em silêncio por dois anos, mas a última coisa que eu precisava era manifestar meu perseguidor de volta à minha vida, concentrando muita energia nele.

Eu pulei quando a campainha tocou novamente.

Sempre foi tão *alta?*

Tampei meu rímel e corri para a sala de estar enquanto meu pulso batia o triplo.

Não é ele. Não é ele.

Desacelerei até parar na porta da frente e espiei pelo olho mágico com o coração na garganta.

Um segundo depois, o alívio esfriou meus pulmões e abri a porta.

Christian estava no corredor, parecendo ainda mais devastador do que o habitual em um smoking preto. Com seu cabelo perfeitamente ondulado e rosto bem barbeado, ele poderia passar por uma estrela de cinema a caminho do Oscar.

Um formigamento de consciência se espalhou pela minha pele, misturado com curiosidade pela caixa branca em suas mãos. De tamanho médio e plana, amarrada com um laço dourado sedoso que tampava o logotipo.

Afastei meus olhos da caixa e cruzei os braços.

Não se distraia com o objeto brilhante.

— Você está adiantado. — A arrumação era a minha parte favorita de um evento. Às vezes, eu gostava mais do que o evento em si.

Eu não gostava de ser apressada, mesmo que fosse minha culpa por não ter saído da Greenfield mais cedo. Ainda assim, pensei que tinha meia hora para mim.

— Você não está vestida. — O olhar de Christian passou do meu rosto semifeito para os meus dedos dos pés nus e pintados de vermelho. Algo inescrutável passou por seus olhos por uma fração de segundo antes de desaparecer.

— Porque você está *adiantado*.

Ele ignorou o lembrete aguçado. — Posso entrar?

Fiquei tentada a responder não e dizer a ele para voltar no horário combinado, mas como ele tecnicamente era o dono do apartamento, abri mais a porta e dei um passo para o lado.

O ar mudou no minuto em que Christian entrou. Tornou-se mais pesado, mais lânguido, como a primeira flor abafada do verão depois de uma estação de chuvas de primavera.

O calor penetrou através do tecido felpudo grosso do meu roupão e enrolou no meu estômago enquanto seus olhos varriam a sala, observando a tigela de cristais na porta da frente, a planta de bambu no peitoril da janela e o canto aconchegante aesthetic[4] que eu configurei para sessões de foto de estilo de vida.

Ele parou no unicórnio roxo felpudo apoiado nas almofadas do meu sofá.

A diversão encheu seus olhos. — Bonitinho.

— Bonitinho? — Tentei não soar muito insultada. — Sr. Unicórnio não é bonitinho. Ele é *lindo.*

Pelo menos, ele tinha sido durante seu apogeu. Agora, um de seus olhos estava torto, metade de seu cabelo havia caído e o enchimento vazava de um pequeno rasgo em seu estômago, mas ele sempre seria lindo para *mim*.

Eu não me importava se o Sr. Unicórnio era uma sombra de seu antigo eu glorioso; ele era meu companheiro desde que eu tinha sete anos, e eu o seguraria até que ele se desintegrasse em pó.

— Minhas desculpas — disse Christian secamente. — Eu não quis insultar o *lindo* Sr. Unicórnio. Bom trabalho no nome original, a propósito.

Calor subiu pelo meu pescoço. — Eu tinha sete anos. O que mais eu deveria nomeá-lo? Sr. Lisa Frank na Natureza?

Uma risada baixa acariciou minha pele como veludo. — *Isso* seria um nome e tanto, mas podemos discutir alternativas para o seu unicórnio de estimação mais tarde. — Ele estendeu a caixa branca. — Isto é para você.

Ignorei a sutil discussão do *unicórnio de estimação* e olhei para a caixa com partes iguais de antecipação e cautela. — O que é isso?

— Seu vestido para esta noite.

Meu coração pulou uma batida quando eu desfiz o laço e vi o nome rabiscado em ouro na parte superior. Era uma das casas de alta costura mais importantes do mundo.

Eu não queria aceitar mais dele do que já tinha, mas não pude resistir a abrir a caixa. Uma *espiada* nunca fez mal a ninguém...

Oh, meu Deus.

Minha resistência desmoronou no segundo em que vi o vestido aninhado contra uma cama de papel de seda branco delicado.

Eu não era estranha a roupas lindas. Eu participei de dezenas de desfiles de moda e recebi alguns itens realmente incríveis de designers, mas *isso...*

Este vestido podia ser a coisa mais impressionante que eu já vi.

— Obrigada. Isto é... — Eu corri uma mão reverente sobre a seda verde. — Incrível.

— Experimente. Veja se cabe. — Christian se inclinou contra a parede, seus olhos brilhando com suave satisfação. — Estarei aqui.

Ele não teve que me dizer duas vezes.

Levou toda a minha força de vontade para não correr para o meu quarto. No segundo em que fechei a porta, tirei o roupão e o vesti.

Uau.

Eu respirei fundo. A rica cor verde contrastava contra a minha pele e deu um brilho etéreo, enquanto o decote em V de bom gosto transformou minhas meninas modestas em algo mais delicioso. A saia caía no chão em dobras graciosas e teria sido quase recatada se não fosse pela ousada fenda de um lado.

O vestido brilhava com uma luminescência sutil toda vez que eu me movia, e quando me virei e torci a cabeça, pude ver as delicadas alças cruzando minhas costas.

Não havia um grama de tecido em excesso ou um bolso de alfaiataria ruim.

Christian tinha acertado minhas medidas exatamente. Cada centímetro de seda se agarrava ao meu corpo como se tivesse sido feito sob medida para mim.

Eu não era propensa a dramas, mas não achei que estava sendo dramática quando disse que morreria por esse vestido.

Era perfeito.

Eu me permiti um minuto extra apreciando o vestido antes de terminar de me arrumar.

Maquiagem? Verificado.

Saltos e joias? Verificado.

Clutch[5] grande o suficiente para levar meu telefone, chaves, cartão de crédito, um pequeno pedaço de ágata[6] e batom? Verificado.

Acrescentei um xale para o caso de ficar com frio, verifiquei meus dentes em busca de batom perdido e me equilibrei com uma respiração profunda antes de voltar para a sala de estar.

Christian ainda estava encostado na parede, olhando para um pequeno objeto em sua mão. Eu não consegui entender o que era antes que ele se endireitasse e o colocasse no bolso.

Nossos olhos se conectaram, e um fogo acendeu no meu estômago.

Ele não estava mais olhando para o objeto ou qualquer outra coisa na sala.

Cada grama de sua atenção foi redirecionado para mim, e eu podia *sentir* o peso dela na minha pele, como a carícia áspera de um amante.

A eletricidade líquida escorria pela minha espinha e se acumulava no meu estômago.

Com um simples olhar, Christian me iluminou de dentro para fora.

— Perfeita. — Reverência pesou sua avaliação suave.

Perfeita.

Não importava o quanto eu tentasse, eu nunca fui perfeita, nem nunca seria.

Ainda assim, a única palavra libertou as borboletas enjauladas em meu peito antes que eu as pusesse de volta em seu domínio.

Ele está falando sobre o vestido, sua idiota. Isso nem é um encontro de verdade. Você assinou um contrato afirmando isso há menos de uma semana.

As borboletas esvoaçavam, indiferentes.

— Você tem um bom olho para roupas. — Forcei minhas pernas a se moverem até ficar a menos de um metro dele. Seu perfume delicioso e masculino inundou meus pulmões e exalava as notas calmantes da minha vela de eucalipto lavanda favorita. — Estou impressionada.

— É um dos meus muitos talentos — disse Christian.

A sugestão foi sutil, mas o suficiente para enviar uma onda de calor sobre minhas bochechas.

A risada dançou em seus olhos quando eu levantei meu queixo e o fixei com o que eu esperava ser um olhar indiferente.

Tranquila, calma, controlada.

— Bom saber. — Eu não mordi a isca dele.

Uma coisa era meu corpo surtar perto dele. Outra era mostrar.

Apaguei a vela e as luzes antes de seguir Christian escada

abaixo. Um discreto carro preto nos esperava do lado de fora da entrada.

— Nada de McLaren esta noite? — Eu me acomodei no banco de trás.

Christian deslizou ao meu lado, o motorista fechou a porta e, assim, estávamos abrigados em um mundo silencioso e privado de couro italiano e detalhes em madeira elegante. Uma divisória fechada separava os bancos do motorista e do passageiro, mantendo nossa conversa privada.

— Estacionar é uma dor, e eu não confio em manobristas. — Christian olhou para o telefone no meu colo. — Percebi que você ainda não contou aos seus seguidores sobre nós.

A palavra *nós* se misturou com os aromas do meu perfume e sua colônia antes de se dissipar com um suspiro suave.

Eu levantei uma sobrancelha para sua observação casual, mas estranhamente ponderada. — Achei que você não tinha redes sociais.

— Só porque eu não uso mídia social não significa que eu não esteja ciente do que acontece lá.

— Você acha que sabe tudo.

— Eu sei. — As palavras soaram com a confiança de alguém que realmente acreditava no que estava dizendo.

Não é à toa que seu nome era Christian. Ele tinha um grande complexo de Deus.

— Então você saberia que eu vou anunciar isso. Em breve. — Meus dentes afundaram em meu lábio inferior enquanto meus nervos reapareciam prematuramente.

— Você deve. — A resposta lânguida de Christian abafou minha ansiedade trêmula. — Você vai ao evento desta noite

comigo. Você deveria tirar algo disso.

— Eu vou. Estou apenas esperando a oportunidade fotográfica certa. — Eu aliviei uma respiração calmante através dos meus pulmões. — Talvez eu poste hoje à noite.

Se uma festa de gala chique não fosse uma boa fonte de mídia social, eu não sabia o que seria.

— Bom.

Consciência corou através de mim com a sugestão de possessividade em sua voz.

Uma mecha de cabelo solto escorregou do meu penteado e se espalhou pelo meu rosto. Fiquei tão aérea com a chegada antecipada de Christian que esqueci de colocar mais spray de cabelo.

Felizmente, era um daqueles estilos que parecia melhor quanto mais bagunçado fosse, mas uma corrente estranha manteve meus lábios selados e meu corpo tenso quando Christian levantou a mão para colocar o cabelo solto atrás da minha orelha.

O movimento foi lânguido, seu toque leve como um sussurro, mas meus mamilos atingiram o pico com o suave toque de sua pele contra minha bochecha. Duro, sensível, implorando por um grama da mesma atenção.

Eu não estava usando sutiã.

Christian se acalmou. Sua atenção se concentrou na reação do meu corpo ao seu simples toque, e eu teria ficado horrorizada se não estivesse tão distraída pela dor florescendo em meu núcleo.

Uísque e chamas acenderam naqueles olhos marcantes.

Sua mão permaneceu na minha bochecha, mas sua

atenção me tocou em todos os lugares – meu rosto, meus seios, meu estômago e clitóris dolorosamente sensíveis. Deixou um rastro de fogo tão abrasador que eu meio que esperava que meu vestido se desintegrasse.

— Cuidado, Stella. — Sua baixa advertência pulsou entre minhas pernas. — Eu não sou o cavalheiro que você pensa que sou.

Imagens de seda amassada e ternos descartados, palavras ásperas e toques mais ásperos, passaram pela minha mente. Os produtos do instinto, não da experiência.

Minha resposta lutou contra minha garganta seca. — Eu não acho que você é um cavalheiro em tudo.

Um sorriso lento e preguiçoso puxou seus lábios. — Garota esperta.

Ele se inclinou para trás e baixou a mão ao mesmo tempo em que virou a cabeça para olhar pela janela. As ruas de D.C. passavam zunindo, mas tudo que eu conseguia focar era o peso quente e possessivo na minha perna.

A mão de Christian descansou na minha coxa quase descuidadamente, como se fosse o lar natural para o seu toque e não algo que ele havia planejado.

A fenda do meu vestido desnudou a maior parte da minha perna direita, e a visão de sua mão forte e bronzeada contra minha pele exposta não fez nada para aliviar a pressão líquida enrolada em meu estômago.

Mas quanto mais eu olhava, mais minha névoa lasciva desaparecia, substituída pelo instinto estético.

Seda esmeralda. Traje Preto. Abotoaduras e um relógio caro que brilhava sob os raios moribundos da luz do sol.

A foto perfeita e sem esforço da noite de um casal.

Antes que eu pudesse pensar melhor, eu levantei meu telefone e tirei a foto.

Eu dei uma espiada em Christian. Ele olhava pela janela, seu perfil impecável contra o vidro. Se ele sabia que eu tinha tirado a foto, ele não mostrou.

Então, novamente, eu não tinha capturado seu rosto, não era contra nossos termos.

Finalmente reuni coragem para postar quando o carro parou na frente do Smithsonian.

Noite de encontro com meu amor <3

Eu hesitei na parte *meu amor* da legenda antes de pressionar o botão de compartilhamento.

Se eu estava fazendo isso, eu poderia muito bem ir com tudo. *Meu namorado* não tinha o mesmo tom que *meu amor.*

— Está pronta? — Christian perguntou quando o motorista abriu a porta traseira.

Enfiei meu telefone na bolsa. Dez segundos e minhas notificações já estavam explodindo, mas eu lidaria com elas depois.

Eu tinha uma gala para participar.

Peguei sua mão e colei um sorriso.

Tranquila, calma, controlada.

— Absolutamente.

Era hora do show.

8

Christian

Preto sempre foi minha cor favorita.

Silencioso. Mortal. Impenetrável.

Eu me sentia em casa nele, como sombras se fundindo com os poços de tinta da noite.

No entanto, no espaço de um segundo, ela derrubou isso como tinha feito com todas as outras coisas na minha vida.

Calor escorreu pelo meu sangue enquanto Stella andava na minha frente e se virava lentamente, apreciando a decoração luxuosa. A longa exibição de elefantes do museu serviu como uma peça central de quatro metros de altura enquanto projeções de vida marinha dançavam nas paredes, dando a ilusão de que estávamos debaixo d'água. Garçons vestidos de preto circulavam com champanhe e aperitivos, e um palco estava no outro lado da sala, esperando o anfitrião subir e parabenizar a todos pelo dinheiro que haviam levantado no final da noite.

Os lugares para este evento custaram oito mil dólares por pessoa.

Eu gastei mais do que isso em seu vestido, e valeu cada centavo.

— Isso é lindo — Stella respirou, sua atenção repousando em algo atrás de mim.

Olhos verdes. Vestido verde. Símbolo da vida e da natureza.

Verde.

Aparentemente, era minha nova cor favorita, porra.

— É sim. — Eu não me virei para ver pelo que ela estava tão extasiada, nem prestei atenção aos olhares curiosos que as pessoas mandavam em nossa direção.

Eu não tinha sido visto com uma mulher no meu braço há mais de um ano. Até amanhã de manhã, a cidade estaria agitada sobre o encontro que eu trouxe, mas eu não poderia me importar menos.

A partir do momento em que Stella entrou em sua sala usando aquele maldito vestido, todos os outros pensamentos se transformaram em pó.

Uma chama suave de ressentimento queimou em meu peito. Eu odiava o poder que ela tinha sobre mim, mas ainda assim, eu não conseguia parar de olhar para ela.

Uma virada da minha cabeça no carro.

Um voo de última hora para um país distante para me manter longe.

Dispersas semanas e meses em que me joguei no trabalho para esquecê-la.

Não importava o que eu fizesse, algo sempre me chamava de volta – a cadência suave de sua voz, o cheiro de flores frescas e vegetação. Um anel turquesa que abriu um buraco no meu bolso muito depois de eu ter prometido jogá-lo no lixo.

Não era amor. Mas era enlouquecedor.

O olhar de Stella deslizou para encontrar o meu. Uma exalação suave separou seus lábios com o que ela viu no meu rosto, e o desejo de empurrá-la contra a parede, agarrar seu cabelo e persuadir sua boca aberta até que eu a reivindicasse

se acendeu completamente em meu peito.

A tensão se retorceu entre nós como uma corda invisível, tão tangível que senti seu arranhão abrasivo enquanto serpenteava em volta do meu peito.

O momento se estendeu por um segundo até a eternidade antes que Stella desviasse o olhar.

Seus dedos ficaram brancos em torno de sua bolsa, mas sua voz estava calma e uniforme quando ela falou novamente.

— Você não me disse para que serve o evento. — Ela evitou meus olhos enquanto olhava ao redor da sala novamente. — Conservação do oceano?

O aperto ao redor do meu peito tinha afrouxado, mas a liberação me deixou estranhamente insatisfeito.

— Perto. Filhotes de tartaruga.

Minha boca se inclinou quando sua cabeça virou.

Minha resposta erodiu um pouco da tensão anterior, e o aperto de Stella em sua bolsa afrouxou visivelmente.

— Eu não imaginei que você fosse um amante de tartarugas, Sr. Harper. O que vem depois? Alimentando patos? Adotando cachorrinhos?

Suas perguntas brincalhonas provocaram um sorriso mais amplo. — Não prenda a respiração. Eu assisti muito *Franklin* na infância.

Seu rosto brilhou com o riso. — Ah, isso explica. Eu mesma fui uma garota *Arthur*.

Eu arquivei isso para referência futura. Não havia detalhes sem importância quando se tratava de Stella.

— Porcos-da-terra são subestimados, mas, infelizmente,

eles não são uma causa para a esposa de Richard Wyatt. Sem trocadilhos — eu acrescentei.

Um brilho de conhecimento entrou em seus olhos. — Suponho que Richard Wyatt seja importante para o seu negócio. Cliente potencial?

Eu escondi outro sorriso com a rapidez com que ela se recompôs. — Sim. Grande cara de capital privado, muito dinheiro, procurando uma nova equipe de segurança. Sua esposa é sua fraqueza.

Eu tinha avistado os Wyatts no minuto em que entramos. Eles se reuniram no canto nordeste da sala, cercados por admiradores bajuladores, incluindo o equivalente humano de um pedaço de carvão.

Mike Kurtz, CEO da Sentinel Security.

Meu bom humor desapareceu ao vê-lo.

O bastardo ia atrás de todas as contas que fiz. Não havia um único pensamento original chacoalhando sob aquele cabelo com excesso de gel.

Kurtz olhou para cima, e um sorriso oleoso se espalhou por seu rosto antes que ele se separasse do grupo e caminhasse na minha direção.

Nós dois estávamos em nossos trinta e poucos anos, mas eu já via os toques de cirurgia plástica sustentando sua aparência desbotada – um aumento do queixo aqui, um pouco de Botox ali.

Ao meu lado, Stella olhava o recém-chegado com curiosidade, o que aprofundou meu mau humor. Kurtz não merecia um pingo de sua atenção.

— Christian! Que prazer ver você de novo. — Ele alisou a mão sobre a gravata, exalando tanta sinceridade quanto um

vendedor de carros faminto por comissões. — Estou tão feliz que você não está lambendo suas feridas sobre as contas de Deacon e Beatrix. Espero que você não esteja *muito* chateado comigo por roubar seus clientes. —Sua risada raspou contra a minha pele como unhas contra o quadro-negro. — Não é nada pessoal. Apenas negócios.

A irritação aumentou. Perdi duas contas para a Sentinel em uma semana. Deacon e Beatrix eram triviais em comparação com os VIPs no topo da lista de clientes da minha empresa, mas as perdas me irritavam mesmo assim.

Eu não gostava de perder.

— Claro que não — eu disse facilmente. Eu seria amaldiçoado se mostrasse um pouco de fraqueza na presença de Kurtz. — Não os culpo por testar outros serviços, mas a qualidade sempre vence no final. Falando nisso, como está indo a reconstrução do sistema? É horrível o que pode acontecer quando seus sistemas estão abaixo da média.

O rosto de Kurtz se apertou. Ele era um oportunista, mas ele era inteligente o suficiente para reconhecer que eu tinha contribuído para causar a falha do sistema que eliminou milhões do valor de mercado da Sentinel no ano passado.

Ele simplesmente não podia provar isso.

— Está indo muito bem — ele finalmente disse. — Mas a força de uma empresa é medida pela retenção de clientes, não por falhas bizarras. Tenho certeza de que Richard Wyatt concordaria.

— Tenho certeza que sim.

Ele sorriu.

Eu sorri.

Um buraco de bala na testa seria o complemento perfeito

para sua vaidade. Ele morreria jovem e intocado pela velhice.

Para sempre trinta e três.

Seria um ato de misericórdia, entregue com a rapidez de um tiro silenciado.

40320 Eastshore Drive. Código de segurança 708.

Tão fácil.

Uma bala no meio da noite, um rival apagado para sempre.

A tentação lambeu as bordas da minha consciência antes que eu a sufocasse.

Sentinel e Harper Security eram concorrentes bem conhecidos. Se um jogo sujo acontecesse com Kurtz, eu seria um dos primeiros suspeitos, e não teria tempo para a porra da papelada *que* isso traria.

— Falando em qualidade... — Kurtz virou-se para Stella, que estava assistindo nossa conversa com uma expressão confusa. — Quem é o seu par *deslumbrante*?

Ela respondeu depois de várias batidas de hesitação. — Eu sou Stella. — Ela o agraciou com um sorriso hesitante.

Algo escuro e volátil queimou na boca do meu estômago.

— Eu sou Mike. — Ele escorria charme desprezível quando ele estendeu a mão.

Ela não teve a chance de apertá-la antes de eu cortar entre eles para tirar duas taças de champanhe da bandeja de um garçom que passava.

— Eu quase esqueci de dar minhas condolências — falei lentamente. Entreguei uma taça para Stella e entrelacei minha mão livre com a dela. — Eu ouvi sobre o... infeliz incidente com um de seus clientes. É uma pena que não haja guarda-costas

mais confiáveis hoje em dia, mas pelo menos o cliente ainda tem a maior parte de seus dedos.

Stella deslizou um olhar em minha direção.

Ela era o tipo de pessoa que tinha um sorriso e palavras gentis para todos, que pagava pelos cuidados de sua antiga babá às suas próprias custas e daria a alguém o que era dela.

A corrente viciosa de minha conversa com Kurtz provavelmente era tão estranha para ela quanto a caridade altruísta era para mim.

Eu só podia imaginar como ela reagiria se descobrisse algumas das coisas que eu tinha feito.

Não que ela jamais o faria.

Havia algumas coisas que ela nunca poderia saber.

O calor de sua palma irradiou até meu braço e aliviou um pouco da energia negra e inquieta que agitava meu peito.

Parecia errado tocá-la quando eu estava no limite, como se minha escuridão se infiltrasse no meu toque e devorasse sua luz.

Eu me forcei a diminuir a hostilidade, mesmo que apenas por causa dela. Eu não queria manchar nosso primeiro *encontro*.

Ainda assim, não pude resistir a uma última provocação em Kurtz.

— Você pode querer aprimorar o treinamento de seus funcionários, no entanto. — Tomei um gole lânguido da minha bebida. — Às vezes, a maior ameaça para uma empresa não é a concorrência externa. É incompetência interna.

O rosto de Kurtz corou em um tom carmesim satisfatório. — Um prazer como sempre, Harper. — Sarcasmo gotejou de

sua resposta. Ele acenou para Stella. — Stella, foi um prazer conhecê-la. Espero vê-la novamente em breve, e com um encontro mais agradável.

Minha mão flexionou em torno da minha taça de champanhe.

Sobre a porra do meu corpo morto.

— Amigo seu? — Stella perguntou ironicamente depois que Mike saiu furioso.

— Meu menos favorito. Mike Kurtz, o CEO da Sentinel Security…

— A maior concorrente da Harper Security — ela terminou.

Um calor agradável acabou com minha irritação anterior. — Esteve pesquisando no Google, Srta. Alonso?

Ela ergueu o queixo, suas bochechas ficando de um adorável vermelho escuro. — Eu não entro em relacionamentos falsos sem fazer minha pesquisa.

— Hum. — Eu lutei contra uma risada em seu tom digno. — Então você saberá que eu frequentei o MIT. Mike era um colega de classe. Nós competimos por tudo – notas, garotas, estágios. Eu estava sempre um passo à frente, e ele odiava isso. Ele fez a missão de sua vida superar tudo o que faço. — Uma nota irônica entrou na minha voz. — Ele ainda não conseguiu.

A menos que ele contasse as contas de Deacon e Beatrix, que não eram nada no grande esquema das coisas.

Eu era uma competição para ele. Ele era um aborrecimento para mim.

A testa de Stella franziu. — Isso soa como uma maneira exaustiva de viver.

— Talvez.

Pessoas como Mike eram muito mesquinhas para traçar seus próprios objetivos, então, em vez disso, procuravam aqueles que eram mais bem-sucedidos do que eles em busca de um roteiro.

Sem originalidade. Sem verdadeiro propósito ou unidade. Apenas uma necessidade irracional de acariciar seus egos para uma audiência de um.

Teria sido triste se eu me importasse com suas vidas.

— Bem, tenho certeza de que você vai conseguir a conta. — A travessura iluminou os olhos de Stella. — Eu, pessoalmente, não confiaria meu bem-estar a alguém que usa um terno azul claro para um evento black-tie.

Desta vez, eu não escondi minha risada.

Stella e eu circulamos pela sala pela próxima hora antes de finalmente ficarmos cara a cara com Richard Wyatt.

Depois da conversa fiada obrigatória, direcionei a conversa para suas necessidades de segurança, mas ele parecia mais interessado em meu relacionamento com Stella.

— Christian Harper com uma namorada. Nunca pensei que veria o dia. — Richard riu. — Como vocês se conheceram?

— Nós nos conhecemos no casamento da rainha Bridget — eu disse suavemente. — Eu a vi do outro lado da sala e a convidei para dançar. O resto é história.

Na verdade, trocamos apenas uma rápida saudação no casamento de Bridget, mas a história que Stella e eu inventamos para o nosso encontro servia a vários propósitos: era simples, fácil de lembrar, mais interessante do que admitir que nos conhecemos durante um passeio pelo apartamento, e perto o suficiente da verdade, não tropeçaríamos se alguém cavasse mais fundo.

Além disso, usar o nome Bridget sempre impressionava os clientes, embora o rosto de Richard permanecesse ilegível.

— Falando em história, entendo que você teve experiências ruins com serviços de proteção no passado. — Conduzi a conversa de volta ao tópico em questão. — Mas dado o seu perfil público, um guarda-costas é uma necessidade, não um luxo.

Richard me deu um olhar irônico. — É sempre um negócio com você, Harper.

Sim, eu não compareci a esta angariação de fundos pela porra da minha saúde. Filhotes de tartaruga? Fofos, mas não fofos o suficiente para eu passar uma noite de sábado salvando-os ou o que diabos a festa deveria fazer.

Eu não *precisava* de Richard como cliente. A maior parte do meu dinheiro vinha dos bastidores do desenvolvimento de software e hardware, não de serviços de proteção.

Mas sua seletividade na hora de contratar era lendária, e eu prosperava diante de um desafio.

— Você deveria passar mais tempo com a família — disse ele. — Relaxar um pouco. Levei minha esposa e filhos para esquiar no mês passado, e foi o melhor…

Eu o desconectei enquanto ele falava sobre o talento natural de seu filho em esportes de neve. Eu caguei para suas férias em família, e seus filhos pareciam irritantes *pra* caralho.

Stella, por outro lado, parecia genuinamente interessada. Ela fez perguntas sobre os hobbies de seus filhos e se ofereceu para conectá-lo a uma marca de moda ecológica que poderia ser uma boa parceira para o desfile anual de moda beneficente de sua esposa.

Foi tudo tão cordial que eu queria atirar em alguém só para animar as coisas.

— Onde foram suas últimas férias em família? — Richard chamou minha atenção de volta para ele.

— Não saio de férias em família. — Mesmo que minha família estivesse viva, eu preferiria cortar meu braço do que fazer um cruzeiro em grupo pelo Caribe.

As sobrancelhas espessas de Richard se curvaram em uma carranca enquanto Stella apertava minha mão no que parecia uma advertência.

— Christian pode ser um workaholic, mas ele não é só negócios o tempo *todo* — disse ela rapidamente. — Fato engraçado: nós dançamos no casamento, mas eu não concordei em namorar Christian até mais tarde. Quando eu o encontrei enquanto fazia trabalho voluntário em uma instituição de idosos.

Meu sorriso congelou. *Que porra?*

Essa *não* era a história que tínhamos concordado.

—Christian sendo voluntário? — O ceticismo coloriu as palavras de Richard.

Eu não o culpava. Minha caridade ia até o ponto de assinar um grande cheque.

— Sim. — O sorriso de Stella não se mexeu. Ela ignorou meu olhar de advertência para permanecer no roteiro e continuou: — Ele estava um pouco desconfortável no começo, mas cresceu nele. Ele é natural. Os moradores simplesmente o adoram, especialmente durante a noite de bingo.

Ela baixou a voz. — Ele não admite, mas deixa que ganhem de propósito. Eu o vi escondendo uma carta vencedora uma vez.

Noite de bingo? Deixá-los ganhar? Mas que porra.

— Huh. — Richard me olhou com interesse recém-descoberto. — Não sabia que tinha isso em você, Harper.

— Confie em mim. — Meu tom combinava com o Saara em secura. — Nem eu.

Conversamos por mais alguns minutos antes que a esposa de Richard viesse até nós. Ela e Stella instantaneamente estabeleceram um relacionamento e caíram em sua própria conversa, deixando-me discutindo negócios com Richard.

Ele me ouviu argumentar porque precisava de uma equipe de proteção profissional, mas me interrompeu antes que eu pudesse fazer um discurso oficial.

— Eu sei por que você veio, Harper, e não foi pelos filhotes de tartaruga. Não que eu fosse dizer isso à minha esposa. Ela ficou emocionada quando você respondeu sim. — Richard lançou um olhar afetuoso para sua esposa, que conversava com o embaixador de Eldorra.

Meus ombros endureceram. Onde diabos estava Stella?

Ela estava falando com a esposa de Richard apenas dez minutos atrás.

Meus olhos escanearam a sala, mas não a encontrei antes de Richard falar novamente. — Meu telefone está tocando sem parar com ofertas de segurança desde que deixei minha antiga equipe. E sim, eu sei que a Harper Security é a melhor. — Ele levantou a mão quando eu abri minha boca para responder. — Mas gosto de me dar bem com as pessoas com quem trabalho. Eu preciso confiar nelas. Você sempre foi um bastardo frio, mas... — Ele esfregou a mão sobre sua mandíbula. — Talvez eu estivesse errado.

As peças do quebra-cabeça para o motivo de Stella ter saído do roteiro se encaixaram.

Ela deve ter percebido a necessidade desconcertante de

Richard de *conexão pessoal.*

Nenhum dos meus parceiros de negócios e clientes atuais dava a mínima para conexão pessoal. Eles só se preocupavam em ter o trabalho feito.

Há um primeiro para tudo, suponho.

Escondi um pequeno sorriso antes de fechar o negócio que Stella havia aberto para mim.

Eu a subestimei.

Assim que tive a abertura, levei menos de dez minutos para extrair um acordo verbal de Richard. Ele teria o contrato em sua caixa de entrada até o final da noite.

Kurtz estava fora do jogo antes mesmo de entrar no ringue.

Quando Richard saiu para cumprimentar outro convidado, examinei o local novamente em busca de Stella.

A esposa de Richard e o embaixador ainda conversavam perto da exibição de elefantes. Kurtz estava dando em cima de uma loira azarada no bar.

Nada de Stella à vista.

Mesmo que ela tivesse ido ao banheiro, ela já deveria estar de volta.

Já tinha muito tempo.

Algo estava errado.

Meu batimento cardíaco diminuiu até que se tornou um tambor distante em meus ouvidos.

Atravessei a multidão, ignorando os protestos e olhares sujos enquanto procurava qualquer vislumbre de cachos escuros e seda verde.

Nada.

Uma imagem fugaz dela deitada no chão em algum lugar, ferida e sangrando, passou pela minha mente. O pânico aumentou, tão estranho que meu corpo lutou contra sua invasão até que a corrida quente e frenética finalmente dominou minha resistência e inundou minhas veias.

As reações da maioria das pessoas não teriam se desviado imediatamente para o território *ela está em perigo*, mas eu trabalhava em segurança pessoal. Esse era o meu maldito trabalho.

Além disso, eu acumulei uma longa lista de inimigos ao longo dos anos. Muitos não hesitariam em chegar até mim através de alguém de quem eu gostava, e Stella e eu debutamos como um casal esta noite.

Droga. Eu deveria ter sido mais cuidadoso, mas examinei a lista de convidados. Além de Kurtz, que era tão competente quanto uma criança operando máquinas pesadas, eu não tinha visto ninguém que fosse motivo de preocupação.

Claro, alguém poderia facilmente ter entrado com os garçons, porteiros ou dezenas de outras pessoas trabalhando na festa.

Meu maxilar tiquetaqueou quando entrei em um corredor mal iluminado ao lado da sala principal.

Se alguém tocasse um maldito fio de cabelo em sua cabeça...

Uma porta se abriu no final do corredor e, como se eu a tivesse conjurado por pura força de vontade, Stella saiu, parecendo calma e ilesa.

Surpresa cruzou seu rosto quando ela me viu.

— Ei! Você fechou o... — Sua frase foi cortada com um suspiro suave quando eu fechei a distância entre nós e a apoiei

contra a parede.

— Onde você estava? — Meu pulso batia em um ritmo furioso enquanto eu a examinava da cabeça aos pés, procurando por ferimentos ou sinais de angústia enquanto ela olhava para mim como se eu fosse um alienígena que caiu na terra.

— Eu estava no banheiro. — Ela falou devagar como faria com uma criança. Foi só então que notei as placas do banheiro marcando as portas.

Uma carranca vincou sua testa. — Está tudo bem? Você está agindo estranho.

Não, não estava. As coisas não estavam bem desde o dia em que te vi pela primeira vez.

— Pensei que algo tivesse acontecido com você. — A aspereza da minha voz me assustou quase tanto quanto a intensidade do meu alívio.

Eu não deveria me importar tanto. Nada de bom vinha ao permitir outras pessoas controlarem minhas emoções.

Mas caramba, eu deixei, não importava o quanto eu me odiasse por isso.

— Da próxima vez, me avise antes de fugir. — A aspereza se aprofundou em um comando.

Eu não tinha vontade de experimentar o terror que havia me dominado nos últimos dez minutos novamente.

Era feio, estranho e completamente inaceitável.

— Eu não fugi. Fui ao *banheiro*. — Uma sugestão de fogo cintilou sob as palavras de Stella. — Eu não preciso te dizer toda vez que saio do seu lado. Isso não estava em nosso acordo. Além disso, você estava ocupado.

— Você ficou no banheiro por meia hora?

— Alguém derramou champanhe no meu vestido. Eu estava tentando consertar isso.

Meus olhos caíram para a pequena mancha escura em sua saia.

— Não funcionou. — Seu lábio inferior desapareceu entre os dentes. — Eu sinto muito. Eu sei o quão caro deve ter sido. Eu vou encontrar uma maneira de pagar

— Foda-se o vestido. — Custou quase dez mil dólares, mas eu não conseguia falar nada sobre o que aconteceu com ele.

Se eu pudesse, eu mesmo o arrancaria dela.

Uma consciência quente e inebriante substituiu meu pânico. Não havia mais ninguém no corredor, e o cheiro de Stella – fresco, sutil, mas inebriante – nublou minha cabeça.

A memória dela no carro, olhando para mim com aqueles grandes olhos verdes e lábios entreabertos, seus mamilos duros quase me implorando para tomá-los em minha boca e provar o quão doce eles eram, passou pela minha mente.

Não muito diferente do jeito que ela estava olhando para mim agora, só que desta vez, o desafio aguçou as bordas de sua suavidade.

E foda-se, isso era excitante.

O calor correu para minha virilha até que meu pau doeu em um latejar doloroso.

— O que eu quero... — Eu pressionei um polegar contra o pulso na base de seu pescoço. Sua agitação selvagem me disse que ela não era tão indiferente à atração entre nós quanto fingia ser. — É que você esteja segura. Existem pessoas más neste mundo, Butterfly[7], e algumas delas estão na sala ali fora.

Então, da próxima vez, não me importo se estou no meio de uma conversa com a porra da Rainha da Inglaterra. Interrompa-me. Entendido?

Os olhos de Stella se estreitaram. — Butterfly?

Linda. Enganosa. Difícil de pegar.

Quando eu não respondi, ela soltou um suspiro que acariciou meu peito e apertou minha virilha ao ponto de doer. — Isso é tudo que você quer?

— Nem mesmo perto.

Um pequeno arrepio a percorreu — Porque você não quer se dar ao trabalho de encontrar outra companhia regular para eventos.

— Porque eu não quero ser preso por assassinato se alguém tocar em um fio de cabelo da sua cabeça.

Um sorriso sombrio tocou meus lábios quando seus olhos se arregalaram. Ela não tinha ideia de quem eu era ou do que eu era capaz.

Enquanto isso, eu sabia mais sobre ela do que gostaria de admitir.

Frustração e ódio queimavam sob minha pele.

Eu me afastei da parede e dei um passo para trás.

Ajustei minhas abotoaduras.

Tentei aliviar a necessidade implacável e latejante no meu peito.

— É hora de voltar para a festa. — Gelo esfriou minha voz. — Vamos?

Voltamos para a festa em silêncio.

Eu não tirei meus olhos dela o resto da noite e disse a mim mesmo que era porque eu não queria uma repetição do meu susto anterior.

Afinal, eu sempre fui bom em mentir para mim mesmo.

9

Stella

— Stella! Eu sei que você está aí. Abra!

Oh, não.

Eu enterrei meu rosto na minha fronha de seda, esperando que a voz fosse embora, mas conhecendo sua dona, ela acamparia no meu corredor até que eu inevitavelmente tivesse que sair para tomar ar fresco e comer.

Minha visitante matinal não era nada se não persistente.

— Stella Alonso! Você não pode se esconder de mim. — Uma pausa, seguida por um mais conciliador: — Eu tenho matcha.

Um gemido escapou em meu travesseiro.

Eu não deveria ter colocado Jules na minha lista de visitantes aprovados, mas também não esperava que ela batesse na minha porta às... levantei a cabeça e olhei para o meu relógio digital... sete e cinquenta e quatro da manhã.

Como ela já estava aqui e as chances de ela sair sem respostas eram pequenas, eu me forcei a sair da cama e ir para a sala.

Eu gostaria de ter mais tempo para me preparar para a interação humana. Eu ainda não tinha tido a chance de lavar o rosto, muito menos meditar ou praticar minha yoga matinal.

Eu sufoquei um bocejo quando abri a porta e pisquei para a figura confusa vestida de roxo na minha frente.

— Já estava na hora. — Jules estava no corredor, uma mão plantada no quadril e a outra carregando uma bandeja de bebidas de uma cafeteria próxima. — Mais cinco minutos e eu teria arrombado sua porta.

— Com a força do seu braço? Duvidoso.

Eu abri um sorriso para seu suspiro ofendido. — Quem é você e o que você fez com Stella? Ela *nunca* diria algo tão doloroso.

— A Stella de que você está falando normalmente não tem pessoas batendo na porta dela às oito da manhã.

Eu esfreguei a mão no meu rosto. Minha cabeça parecia estar cheia de bolas de algodão, e eu não conseguia me concentrar em nada além do quanto eu preferia rastejar de volta para a cama.

— Primeiro de tudo, são oito e cinco. Em segundo lugar, *você pode me culpar* depois da bomba que você soltou no Instagram ontem? Você... — Jules exalou bruscamente e passou a mão sobre seu casaco roxo felpudo. — Não, não vamos fazer isso no corredor. Vamos conversar lá dentro. Posso entrar?

— Você sairia se eu dissesse não?

Seu olhar de laser queimou através de seus óculos de sol gigantes e em minha pele.

Certo.

Suspirei e abri mais a porta. — Você mencionou matcha?

Eu desisti do café anos atrás porque piorava minha ansiedade. Os lattes matcha eram o mais próximo que eu chegava do café expresso nos dias de hoje.

— Sim. Considere este meu suborno para todos os detalhes

suculentos. — Jules me entregou a bebida enquanto entrava e empurrou os óculos de sol em cima da cabeça. — Agora... — Ela inalou uma respiração longa e profunda. — *Você está namorando alguém? Você o chamou de meu amor? Como eu não sabia disso? Há quanto tempo você namora?*

Estremeci com o volume crescente de suas perguntas enquanto uma equipe de construção invadia minha cabeça.

Bang. Bang. BANG!

Cada golpe de um martelo reverberava em meu crânio com uma força de chocar os ossos.

Quanto eu bebi ontem à noite? Não *muito*, certo? Eu geralmente limitava minha ingestão de álcool a três copos por noite, mas eu não ficaria de ressaca depois de três copos.

Apertei a ponte do meu nariz e tentei juntar os pedaços difusos da noite passada.

Filhotes de tartaruga. Olhos de uísque. Champanhe e vestido e...

— Isso é tudo que você quer?

— Nem mesmo perto.

A memória do meu encontro com Christian me bateu com tanta força que tirou o fôlego dos meus pulmões.

Tudo voltou correndo – nosso acordo, a foto que postei, a deliciosa aspereza de sua mão na minha quando estávamos conversando com Mike, e o seu inebriante cheiro quando ele me prendeu na parede.

Parte de mim estava irritada com sua superproteção quando eu tinha acabado de ir ao banheiro, pelo amor de Deus.

Outra parte maior e mais vergonhosa se emocionou com a ideia de que ele se importava.

Patético? Provavelmente.

Verdadeiro? Inegavelmente.

Ninguém se importava tanto comigo desde Maura, e Christian e eu nem estávamos realmente namorando.

— ...quem é esse?

— Hum? — Christian estava em casa ou já tinha saído?

Tentei imaginá-lo comendo e dormindo como uma pessoa normal e não consegui.

— Quem é seu namorado? — Jules repetiu. — Você não o marcou, mas aquele *relógio...* — Ela balançou as sobrancelhas. — Eu posso dizer apenas pela mão dele que ele é gostoso.

Outra peça da noite passada se encaixou no lugar.

Minha postagem no Instagram. Eu estava tão ocupada na gala que não verifiquei minhas notificações.

Engoli o nó repentino na minha garganta. — Eu...

— Bom dia! — Uma batida rápida na porta entreaberta interrompeu minha resposta. Ava entrou, parecendo muito brilhante e com o rosto fresco para o início da manhã. — Eu estou atrasada? Perdi alguma coisa boa? — Ela colocou um saco branco Crumble & Bake em uma mesa lateral. — Doces para o café da manhã — ela explicou, seguindo meu olhar.

Ela abriu o saco e distribuiu muffins.

Minha boca encheu de água com o cheiro.

Pelo menos minhas amigas trouxeram comida para o meu interrogatório. Eu não estava acima de aceitar suborno.

Eu quase gemi quando o gosto de muffin quente e recém assado explodiu na minha língua. *Definitivamente não acima de aceitar suborno.*

— Stella estava prestes a me dizer quem é seu homem misterioso. — Jules arrancou um pedaço de muffin de mirtilo e o colocou na boca.

O rosto de Ava se iluminou. — Eu aposto que ele é gostoso — ela disse. — Você pode dizer pelo relógio.

— Foi o que eu disse! — Jules sorriu. — Mentes brilhantes pensam igual.

O muffin de banana ficou azedo na minha boca enquanto elas olhavam para mim com expectativa.

Uma coisa era mentir nas redes sociais; outra era mentir na cara das minhas amigas. Não contei a elas tudo sobre minha vida – elas achavam que eu tinha um ótimo relacionamento com minha família e não sabiam sobre Maura. Ser a família 'perfeita' era tão importante para meus pais que compartilhar qualquer coisa que não combinasse com isso parecia mais difícil do que deveria.

Ava e Jules eram minhas melhores amigas, mas eu ainda guardava muito da minha vida para mim.

Mas eu poderia ficar aqui e dizer a elas que Christian e eu estávamos namorando quando não estávamos? Não realmente, de qualquer maneira.

Um passo de cada vez.

Elas só pediram o nome dele, não os detalhes do nosso relacionamento. Eu cruzaria aquela ponte quando chegasse a ela.

— Ele é...

Fui interrompida mais uma vez, desta vez pelo toque insistente do meu telefone.

Eu não precisei verificar o identificador de chamadas para

saber quem estava ligando, e uma rápida olhada no FaceTime provou que eu estava certa.

— Oi, Bridget. — Esfreguei meu rosto novamente. Eu mataria por um pouco de yoga agora. Eu nunca me sentia bem quando começava o dia sem ela. — Eu suponho que você está ligando para se juntar à inquisição?

— Engraçado. — Bridget ergueu uma sobrancelha loira elegante. — Mas já que você mencionou, sim. Esta é a *segunda* vez que sou mantida fora do circuito sobre suas vidas amorosas. Eu não aprecio isso.

No verão passado, Jules chocou a todas nós quando anunciou que estava namorando o irmão de Ava, Josh. Josh e Jules se odiavam desde o dia em que se conheceram, e um relacionamento romântico entre eles parecia tão provável quanto uma queda de neve em Miami.

No entanto, eles ainda estavam fortes depois que oficializaram as coisas sete meses atrás, então acho que o velho ditado era verdade. Realmente havia uma linha tênue entre o amor e o ódio.

Apesar dos nervos enrolados no meu estômago, eu tive que lutar contra uma risada com os resmungos atípicos de Bridget.

— Tenho certeza de que você tem mais coisas com que se preocupar do que nossas vidas amorosas, *Sua Majestade* — eu provoquei.

Ela tinha sido uma princesa durante nossos dias de faculdade, mas ela se tornou rainha depois que seu irmão mais velho abdicou e seu avô deixou o cargo por motivos de saúde.

Ainda me atordoava que eu fosse a melhor amiga de uma rainha literalmente, mas Bridget era tão pé no chão que esquecia que ela era a realeza metade do tempo.

Ela torceu o nariz. — Mais coisas? Sim. Coisas mais

interessantes? Discutível.

— Gente, por favor. Vamos colocar as coisas de volta nos trilhos — disse Jules. — Quem você tem escondido de nós, Stel? Dê a nós um nome. Foto. Qualquer coisa. *Por favor,* preciso saber antes de morrer de curiosidade.

Ela caiu no sofá em uma pilha dramática.

Eu balancei minha cabeça.

Se eu procurasse a *rainha do drama* no dicionário, encontraria o rosto de Jules Ambrose ao lado, mas eu a amava mesmo assim. Pelo menos ela gostava de drama divertido e não do tipo desagradável e traiçoeiro.

— Certo. Eu vou dizer, mas não surtem. — Eu segurei meu lábio inferior entre os dentes. — É Christian Harper.

Três olhares vazios saudaram minha confissão.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que minhas amigas ficaram tão sem palavras. Elas geralmente falavam mais do que um apresentador de talk show diurno.

O gosto de cobre encheu minha boca de quão forte eu estava mordendo meu lábio.

— O antigo chefe de Rhys? — A testa de Bridget se enrugou com confusão.

O marido dela, Rhys, trabalhava para a Harper Security. Na verdade, foi assim que eles se conheceram. Ele foi designado para ela depois que seu guarda-costas anterior voltou para casa em Eldorra para licença-paternidade.

— Sim.

— O que ele tem a ver com isso? — Jules parecia igualmente confusa.

— Ele é meu namorado.

Nada ainda. Eu poderia muito bem estar conversando com as versões de cera do Madame Tussaud das minhas amigas por toda a reação que elas mostraram.

— Quem é seu namorado? — Ava perguntou.

Ah, pelo amor de Deus.

— *Christian Harper.* — Eu joguei minhas mãos para cima. — Ele é o cara da foto que postei ontem à noite! Estamos namorando. Bem, namoro falso, mas isso é outra história.

O silêncio se estendeu por um longo e atordoado segundo antes do caos irromper.

— *Christian Harper?*

— O que você quer dizer com *namoro falso?*

— Ele é perigoso…

— Há quanto tempo isso vem acontecendo…

— Ele está forçando você a isso, porque eu vi o jeito que ele olha para você…

— *Parem.* — Eu belisquei a ponte do meu nariz.

Era por isso que eu não compartilhava coisas sobre minha vida com frequência. Não porque eu não quisesse responsabilidade, mas por causa das reações e expectativas de outras pessoas, sejam elas quem fossem.

Forcei uma respiração calmante pelo nariz antes de abordar os pontos das minhas amigas um por um.

— Sim, Christian é meu namorado falso. Como eu disse, é uma longa história. Ele *não* é perigoso, quero dizer, ele é um pouco intenso, mas dirige uma empresa de segurança. Seu trabalho é literalmente proteger a vida das pessoas. Além disso,

ele é amigo de Rhys, então ele não pode ser tão ruim assim. Ontem à noite foi nosso primeiro encontro falso, e não, ele não está me forçando a isso.

A última parte era definitivamente verdade. O resto era discutível, mas guardei isso para mim.

— Eu não diria que ele é o *melhor* amigo de Rhys. Eles têm... — Bridget fez uma pausa. — Um relacionamento interessante.

— Esqueça Rhys — disse Jules. — Sem ofensa, Bridge. Ele é ótimo e tudo, mas eu quero saber sobre a parte do namoro. Stel, você nem quer um relacionamento de verdade. Por que diabos você está em um falso? Você está em apuros? — A preocupação diminuiu um pouco o brilho em seus olhos.

A culpa ganhou vida em meu peito.

Eu odiava sobrecarregar as pessoas com meus problemas, mas deveria ter antecipado sua preocupação. Qualquer relacionamento romântico estava fora da norma para mim. Eu não era contra namorar, eu só... não estava interessada.

Eu gostava da *ideia* disso. Quando lia um livro de romance, assistia a uma cena romântica ou via casais fofos no jantar, um anseio por algo semelhante puxava minhas entranhas. Mas uma vez que o livro ou filme acabava e eu voltava a entrar na luz brilhante da realidade, o desejo desaparecia.

Romantizar o amor era fácil. Apaixonar-se era mais difícil, especialmente quando em meus relacionamentos anteriores faltava... *algo*. Algum tipo de conexão emocional que faria valer a pena o risco de se apaixonar.

Além disso, eu tinha me acostumado a ser solteira e duvidava que a realidade do amor pudesse corresponder às minhas fantasias, então nem tentava.

— Eu não estou em apuros. Eu prometo — falei quando

notei a expressão cética de Jules. — Eu só... — *Preciso de mais seguidores nas redes sociais para ganhar mais dinheiro.* Minha pele aqueceu com o quão superficial isso soou.

A verdade era mais complicada, mas eu não podia entrar nisso sem contar as minhas amigas sobre Maura, e *essa* era uma conversa que eu não estava preparada para ter às oito e meia da manhã.

— Estou concorrendo a um grande acordo de marca, mas não tenho tantos seguidores quanto algumas das outras garotas. Achei que poderia melhorar minhas chances se atingisse a marca de um milhão.

A carranca de Bridget se aprofundou. — Como isso se relaciona com conseguir um namorado?

Eu relutantemente expliquei o resto do meu plano. Soou ainda mais ridículo quando eu disse isso em voz alta para pessoas que não estavam familiarizadas com o mundo dos influenciadores, mas não havia sentido em se conter.

Quando terminei, o silêncio era mil vezes mais pesado que o anterior.

— Uau — Ava finalmente disse. — Isso é... uau.

— Sexo é parte do acordo? Se não for, deveria ser. Christian parece que seria uma *fera* na cama. — Como esperado, Jules foi a primeira a superar o choque e pular direto para a parte suja. — Sem ofensa, mas você poderia usar um pouco de amor em sua vida. Por mais que adoremos você, há algumas coisas que não podemos fornecer.

— Não, não é, e nunca será — eu disse com firmeza.

Deixei claro para Christian que nosso acordo não incluiria nenhuma demonstração física de afeto, a menos que fosse necessário para vender nossa imagem pública como casal.

O sexo não era fator na equação. *De forma alguma.* Não importava o quão lindo ele fosse ou quão bom ele *pudesse* ser na cama.

Minha pele aqueceu com a imagem mental de um nu…

Não vá lá.

Isso era o que acontecia quando eu perdia minha rotina matinal. Meu cérebro surtava e começava a imaginar coisas que não tinha nada a ver.

Eu não conseguia nem me lembrar da última vez que fantasiei sobre sexo, muito menos o tive.

— Tem *certeza* de que está tudo bem? — A preocupação de Ava era palpável. — Você nunca se importou tanto com sua contagem de seguidores antes.

Eu não estava obcecada com isso como outros blogueiros ficavam, mas dizer que não me importava era me dar muito crédito.

Todos que tentavam desenvolver uma plataforma nas mídias sociais se importavam, e aqueles que diziam que não estavam mentindo.

Esses pequenos números podiam causar estragos na saúde mental de qualquer pessoa.

— Eu não estou tentando ser agressiva — Ava acrescentou suavemente. — Se é isso que você quer fazer, nós a apoiaremos. Parece um pouco…

— Fora do personagem — Bridget terminou.

Olhei para o copo meio vazio na minha mão. — Pode ser. Mas talvez também seja hora de tentar algo novo.

Eu tinha vinte e seis. Eu tinha um emprego ‘de verdade’ desde que me formei e nenhum desenvolvimento significativo

em minha vida pessoal ou profissional. Eu considerava ser blogueira como meu segundo emprego, mas muitas pessoas não o consideravam assim e eu odiava como eu deixava suas opiniões afetarem as muitas horas de trabalho real que eu despejei em escrita, estilo, fotografia e mídia social.

Eu estava basicamente fazendo a mesma coisa que fazia desde a faculdade, só que mais velha e um pouco mais cansada.

Enquanto isso, Ava se mudou para Londres (mesmo que tenha sido apenas temporário), ficou noiva e conseguiu seu emprego dos sonhos viajando pelo mundo como fotógrafa; Bridget se casou e se tornou uma maldita *rainha,* e Jules passou no exame da ordem, tornou-se uma advogada poderosa e foi morar com o namorado.

Todo mundo estava começando novos capítulos de suas vidas enquanto eu estava presa no prólogo, esperando que minha história fosse contada.

Engoli a amargura cobrindo minha língua. Se eu não agitasse as coisas, seria um manuscrito inacabado para sempre. Mil palavras em potencial que nunca chegariam às páginas. Alguém que *poderia ter* sido algo em vez de alguém que *fez* algo.

— Compreensível. A mudança é o tempero da vida — concordou Jules. Seu rosto se suavizou antes que ela acrescentasse: — Como Ava disse, não estamos tentando desafiá-la com isso. Nós só queremos ter certeza de que é o que você realmente quer. Se você está feliz, nós estamos felizes.

— Eu sei. — Eu abri um pequeno sorriso. — Correndo o risco de soar completamente brega... eu amo vocês.

— Você ouviu isso? — Jules colocou a mão sobre o peito e olhou para Ava. — Ela nos ama. Ela realmente nos ama!

— Você sabe o que isso significa — Ava disse solenemente.

— Vocês...— Eu mal tive a chance de colocar minha bebida para baixo antes que elas me agarrassem em um abraço. — Parem! — Eu ri, minha melancolia anterior derretendo sob a afeição delas.

— Não se importem comigo. Estou aqui em Eldorra, sem ciúme — disse Bridget.

Eu levantei meu telefone para que pudéssemos vê-la novamente. Ela tinha uma expressão meio divertida, meio invejosa.

— Você precisa nos visitar em breve. Sentimos sua falta.

Nós não a víamos pessoalmente desde o aniversário de Ava no ano passado, quando ela nos surpreendeu na festa.

— Eu irei, eu prometo. — Bridget ficou séria. — Enquanto isso, tenha cuidado com Christian. Ele não é o tipo de homem que faz qualquer coisa pela bondade de seu coração.

Não, ele não era. Mas eu não precisava que Bridget me dissesse isso.

Quando minhas amigas saíram uma hora depois com promessas de não contar a ninguém, incluindo seus outros significativos, sobre meu acordo com Christian, tomei banho e preparei um bule de chá antes de finalmente pegar meu telefone. Olhei para o ícone do Instagram na minha tela e prendi a respiração quando entrei no meu perfil.

Oh. Meu. Deus.

Olhei para os meus números, certa de que estava alucinando.

Mais de cem mil curtidas, quatro mil comentários e dez mil novos seguidores da noite para o dia.

Eu me belisquei e me encolhi com a forte explosão de dor. *Não alucinando.*

Eu esperava um bom engajamento na foto com Christian, mas não esperava *isso*.

A vertigem inflava no meu peito enquanto minha mente corria com as possibilidades.

Outra foto com Christian se tornaria viral de maneira semelhante, ou essa era única porque foi a primeira?

Só havia uma maneira de descobrir.

Visões de um milhão de seguidores, acordos de marca de seis dígitos e pagamento do valor de um ano inteiro dos cuidados de Maura de uma só vez com as economias sobrando dançaram na minha cabeça.

Talvez eu tenha assinado um acordo com o diabo quando concordei com meu acordo com Christian...

Mas isso não significava que não valesse a pena.

10

Christian

Eu olhei para o último post de Stella no Instagram da nossa carona para o evento de arrecadação de fundos no fim de semana. Minha mão em sua coxa nua, o verde vívido de seu vestido contrastando com a manga preta como carvão do meu terno.

Algumas fotos valiam mais que mil palavras. Esta foto dizia apenas uma.

Minha.

Uma sensação estranha despertou no meu peito antes de afastá-la e clicar nos comentários abaixo do post. As reações variavam de curiosidade a alegria e desespero de centenas de homens perturbados que lamentavam a perda de uma chance com ela.

Jayx098: Como pode me trair assim? Já contei aos meus pais que íamos nos casar :(

Brycefitness: abandone o namorado e vá a um encontro comigo em vez disso. Vou fazer valer a pena ;)

Threetriscuits: também posso usar terno e abotoaduras, apenas dizendo

Meus olhos se estreitaram. Toquei no perfil de brycefitness e o estudei. Músculos grandes. Cérebro pequeno. Cara padrão de academia que achava que era um presente de Deus para as mulheres.

Quantos quilos em uma barra seriam necessários para

esmagar alguém? *Hum...*

Uma nova mensagem de texto apareceu, interrompendo meus cálculos.

Luisa: Christian Harper. Você tem guardado segredos.

Luisa: Por que você não me disse que estava namorando Stella??

Uma carranca tocou meu rosto. Olhei o perfil de brycefitness uma última vez antes de fechar o aplicativo. Ele teve sorte.

Parte de mim, mesmo a parte que vibrava com o cheiro acobreado de sangue e medo, reconheceu que minha reação não era normal. Foi um comentário no Instagram, pelo amor de Deus.

Eu tinha um negócio para administrar, mas aqui estava eu, percorrendo a porra da mídia social na minha conta descartável.

Sem foto de perfil, sem biografia, sem seguidores. Seguindo apenas um.

O anel turquesa queimou no meu bolso enquanto eu digitava uma resposta.

Eu: Era irrelevante.

Stella não tinha mostrado meu rosto na foto, mas um número suficiente de pessoas nos viu juntos na gala para que as notícias se espalhassem.

Aparentemente, a notícia escapou dos limites da sociedade de D.C. e chegou a Nova York.

Luisa: Você agiu como se não a conhecesse no jantar!

Eu: Eu não queria influenciar sua decisão.

Houve uma longa pausa antes que ela respondesse.

Luisa: Que decisão?

Eu: Não minta, Lu. Eu sou melhor nisso do que você.

Luisa: Você é um idiota.

Luisa: De qualquer forma, não teria influenciado minha decisão. Estou 95% decidida sobre quem eu quero que seja nosso próximo embaixador da marca.

Fiquei olhando para o texto. Meus dedos tamborilaram em um ritmo distraído no apoio de braço.

Após outro momento de deliberação, respondi.

Eu: Estou feliz. Faz muito tempo.

Neutro, semidesinteressado.

Ela mordeu a isca, como eu sabia que ela faria.

Luisa: Você não vai perguntar quem é?

Eu: Eu também estava no jantar. A resposta é óbvia.

Eu deixei assim. Luisa era esperta o suficiente para saber a quem eu me referia.

Uma batida quebrou o silêncio.

Eu levantei meu olhar. — Entre.

Kage entrou, tão alto e largo que mal cabia no batente da porta do meu escritório.

— Ouvi dizer que você tem uma namorada. — Ele não perdeu tempo em ir direto ao ponto. — Como eu não sabia disso? — Uma nota acusatória penetrou em sua voz.

Ele era meu empregado mais antigo e, agora que Rhys se foi, meu empregado mais procurado pelos clientes. Ele também

era a única pessoa na Harper Security que não mentia para mim – uma liberdade que lhe dei por salvar minha vida na Colômbia uma década atrás.

— Eu dirijo uma empresa de segurança, não uma revista de fofocas. Minha vida pessoal não é da conta de ninguém. — Uma borda correu sob meu tom indiferente. Suas liberdades só iam até certo ponto.

Kage segurou meu olhar por um segundo antes de desviar o seu. — Entendido. Mas a equipe está curiosa. Você namorar uma influenciadora é... inesperado.

Eu me inclinei para trás na minha cadeira e coloquei minha mão embaixo do meu queixo. Meu telefone estava explodindo o dia todo com pessoas expressando sentimentos semelhantes. Cada nova mensagem e ligação minavam minha paciência, e a observação de Kage não foi diferente.

— Esteve pesquisando sobre ela, não é? — perguntei friamente. A mídia social de Stella estava lá para todos verem, mas o pensamento de meus caras se debruçando sobre fotos e vídeos dela enviou uma onda de irritação pelo meu sangue.

— Uh, bem... — Kage passou a mão tímida pela nuca. — Nós a procuramos durante o almoço.

Cristo. Todos os funcionários da Harper Security eram ex-militares ou ex-CIA, mas fofocavam como colegiais.

— Ela é gostosa. — Kage afundou na cadeira em frente à minha. — De alguma forma, não estou surpreso que sua namorada pareça uma maldita supermodelo. É a vida encantadora de um CEO bilionário — acrescentou secamente.

Uma chama escura se acendeu em meu peito antes que eu a sufocasse.

— A única coisa que estou interessado em discutir agora é como perdemos as contas de Deacon e Beatrix — falei

friamente. — *Não* minha namorada.

O outro homem ficou instantaneamente sóbrio. — Eu pesquisei e parece um caso clássico de subcotação de preços. A Sentinel prometeu-lhes mais por menos. Deacon e Beatrix sempre foram bastardos mesquinhos. Não é à toa que eles pularam do navio.

É verdade, mas eu não queria que circulassem rumores de que a Harper Security não podia manter seus clientes.

— Você acha que é um grande negócio? — Kage avaliou corretamente meu silêncio. — Precisamos recuperá-los?

— Não. — Regra número um para sobreviver em um negócio implacável: nunca demonstre fraqueza, nem mesmo para o próprio time. — Deixe-me preocupar com a estratégia de negócios. Você faz o que faz de melhor.

— Chutar bundas e ser devastadoramente bonito?

— Se é isso que você pensa, você precisa de um novo espelho, porque está mentindo para você.

— Nem todos nós podemos ser você, Sr. Garoto Bonito, mas nenhuma mulher jamais reclamou da minha aparência. — Ele mexeu as sobrancelhas. — Falando nisso, vamos sair mais tarde? Já faz um tempo desde que fomos ao bar juntos. Eu sei que você é um homem conquistado agora, mas você pode atrair as mulheres enquanto eu fecho o negócio.

— Não posso. — Levantei-me e ajustei a manga do meu terno. — Outro compromisso.

— Por que não estou surpreso? Não saímos juntos há meses. — Kage se desdobrou de sua cadeira. — Você vai me dizer o que é esse misterioso 'compromisso'?

Eu respondi com um olhar sardônico.

— Certo. Eu posso pegar a dica — ele resmungou. — Divirta-se com seu *compromisso.*

Depois que Kage saiu, arrumei minha mesa em seu estado meticuloso de pré-trabalho antes de sair do escritório.

Dez minutos depois, eu estava acelerando pela Avenida Connecticut quando meu telefone tocou.

Mal aceitei a chamada, um grunhido irritado encheu o interior.

— O que *diabos* você está pensando?

— Olá para você também, Larsen. — Fiz uma curva suave para uma estrada privada e arborizada. — É uma pena que você não tenha adquirido mais boas maneiras agora que é da realeza. As lições de etiqueta do palácio são severamente deficientes.

Parei no portão e mostrei meu cartão de membro para o guarda armado. Ele o examinou e assentiu.

Os scanners de segurança pegaram as especificações do meu carro antes que os portões se abrissem com um zumbido suave.

— Engraçado — Rhys disse categoricamente. — Os clientes devem pagar mais pelo seu senso de humor.

— Isso é enorme, vindo de um cara que *não* tem senso de humor.

Minha boca puxou para cima em seu segundo rosnado ainda mais irritado.

Rhys Larsen costumava ser meu principal guarda-costas até ser vítima da doença que as pessoas chamavam de amor. Agora, ele era o Príncipe Consorte de Eldorra.

Às vezes, eu mandava fotos dele parecendo entediado e

mal-humorado em várias funções diplomáticas só para foder com ele. Eu não precisava dizer nada para ele entender a essência.

Você está acorrentado, e é patético.

Minha obsessão por Stella podia estar saindo do controle, mas pelo menos eu não estava participando de cerimônias de corte de fita para uma instituição de caridade que ela gostava e plantando árvores para uma sessão de fotos do Dia da Terra.

— Não tente mudar de assunto. O que diabos você está fazendo namorando Stella? — Rhys exigiu.

Estacionei o carro na garagem privada e caminhei em direção à entrada. As pesadas portas duplas se abriram com um aceno do meu cartão sobre o leitor.

— As mesmas coisas que todo homem faz em um relacionamento.

— Pare com essa bobagem vaga, Harper. — Uma nota de advertência escorregou em sua voz. — Ela é a melhor amiga de Bridget. Se ela está chateada, Bridget está chateada. E se Bridget está chateada...

— Você vai me nocautear com sua coroa cerimonial? — Meus sapatos ecoaram contra o piso polido, onde o gigante *V* dourado gravado no meio brilhava contra o mármore preto ao redor. — Devidamente anotado. Agora, eu acredito que você tem um evento amanhã de manhã cedo. Melhor dormir, Alteza. Você precisa do seu descanso de beleza para as fotos.

— Foda-se.

— Infelizmente, embora eu tenha certeza de que você tem as mulheres de Eldorra desmaiando, você não é meu tipo. — Passei pelo restaurante e pela entrada do clube de cavalheiros antes de chegar à biblioteca. — Dê à rainha meus cumprimentos.

Desliguei antes que ele pudesse responder.

Eu deveria saber que ele ficaria irritado com a situação de Stella. Ele foi totalmente enlaçado por sua esposa, e ela era protetora de Stella.

Compreensível, mas isso não era problema meu. Eu não tinha me inscrito para ser incomodado por seus amigos sobre minhas intenções.

Abri as portas da biblioteca e achei a pessoa que eu estava encontrando sentada à nossa mesa de sempre perto de um dos vitrais. Livros encadernados em couro subiam três andares até o teto estilo catedral, e o murmúrio baixo da conversa interrompia o silêncio reverente.

Não havia nenhum bibliotecário severo gritando com os clientes por falar, mas uma taxa anual de trinta mil dólares dava aos membros do clube mais liberdade do que em qualquer espaço público.

A biblioteca do Valhalla Club era onde os negócios eram feitos e as alianças eram forjadas. Todo jogador poderoso em D.C. sabia disso.

— Você está atrasado. — Olhos verdes frios acompanharam meu progresso quando me aproximei da mesa. Um raro tabuleiro de xadrez do século XVIII estava em cima do carvalho grosso ao lado de dois copos de cristal vazios e um decantador cheio de uísque escocês de malte Glenfiddich 40 anos.

— Tão ansioso para perder? — Tirei minha jaqueta e a coloquei sobre as costas da minha cadeira antes de me sentar, meus movimentos sem pressa e deliberados.

Eu arregacei minhas mangas e me servi de um copo de uísque. Nada como uma boa bebida para começar a noite.

Alex Volkov me prendeu com um olhar irônico. — Estamos empatados nas vitórias.

— Não depois desta noite.

Alex e eu tivemos partidas de xadrez no Valhalla Club todos os meses nos últimos cinco anos. Nossos jogos sempre foram muito disputados e difíceis de vencer.

Raramente interagimos fora dos confins silenciosos de Valhalla e nas raras ocasiões em que ele precisava da minha ajuda com algo relacionado a cibernética, mas nossas reuniões mensais eram um dos poucos compromissos sociais que eu realmente gostava.

— Sua arrogância será sua ruína um dia, Harper. — Alex encheu o copo até a metade e o levou à boca.

— Talvez — eu concordei. — Mas não hoje.

— Veremos.

Normalmente, nossas partidas eram silenciosas com concentração, mas Alex me surpreendeu ao mover seu peão para e4.

— Então, você e Stella.

— Sim. — Uma não resposta para uma não pergunta.

— O que você está segurando sobre ela?

Parei por uma fração de segundo antes de contra-atacar seu movimento.

O Alex Volkov que eu conhecia não dava a mínima para a vida pessoal de ninguém.

— Perguntando pela sua noiva? — Como a esposa de Rhys, Bridget, a noiva de Alex, Ava, também era a melhor amiga de Stella.

— Stella nunca se interessou por um relacionamento. — Alex ignorou minha pergunta. — Ela também não mencionou

nada sobre você ou um namorado até postar aquela foto. Portanto, é lógico que você a está chantageando. — Aqueles olhos verdes afiados se estreitaram. — Então, novamente, *você* não está interessado em namorar, o que significa que você quer usá-la para alguma coisa ou vocês dois fizeram um acordo mutuamente benéfico.

Era por isso que eu gostava da companhia de Alex. Ele me mantinha na ponta dos pés.

— Não deixe que as teorias da conspiração nublem seu cérebro — falei lentamente. — Você está perdendo.

Mentira descarada. Estávamos em pé de igualdade até agora no jogo.

— Suas táticas de desvio deixam algo a desejar, então não é meu cérebro que está nublado — disse Alex. — Talvez Stella seja quem vai quebrar sua concha de *eu não acredito no amor.* São sempre os inesperados.

Eu nunca o tinha ouvido dizer tantas palavras em tão pouco tempo. Minha diversão se aprofundou. — Talvez, mas duvidoso.

Meus sentimentos por Stella eram... incomuns, mas não eram amor. Era difícil sentir algo que eu desprezava ativamente.

O amor fazia o mundo girar, tudo bem. Em ciclos intermináveis e tediosos que produziam músicas horríveis, filmes ainda mais horríveis e abominações anuais como o Dia dos Namorados.

Raramente encontrei algo que não fosse venenoso.

— Desde quando você se tornou tão tagarela? — Empurrei meu cavaleiro para uma posição defensiva. — Não me diga que você evoluiu para um ser humano real. Devíamos publicar um boletim no informativo de Valhalla. Os outros membros ficarão

emocionados.

O Valhalla Club não tinha um boletim informativo, mas seus membros tinham seus próprios métodos para rastrear a vida de seus amigos e inimigos.

— Por mais empolgados que estejam ao saber do seu novo status de relacionamento, tenho certeza. — O humor negro brilhou em seus olhos. Mais uma mudança do estoico Volkov que conheci anos atrás.

Continuamos o jogo, mas agora que Stella havia sido citada *novamente*, eu não conseguia parar meus pensamentos de se desviarem por caminhos que eles não tinham que percorrer.

Ela não havia postado nas mídias sociais desde a noite da arrecadação de fundos. Ela geralmente postava todos os dias. Ela não tinha me procurado para mais fotos, apesar do sucesso de seu primeiro post.

Ela estava duvidando do nosso acordo?

Um fio de algo frio e estranho desceu pela minha espinha. Levei várias batidas para identificá-lo.

Incerteza.

Algo tão estranho para mim quanto as tempestades eram para os desertos.

Temos um contrato. Ela não vai voltar atrás em sua palavra.

No entanto, a vontade de checar com ela prendeu minha atenção e a afastou das peças esculpidas de ébano e marfim espalhadas estrategicamente pelo tabuleiro.

— Xeque-mate. — A voz fria de Alex me arrastou de volta para a biblioteca.

Pisquei as imagens de olhos verdes e lábios exuberantes e examinei o layout final.

Alex executou um padrão de xeque-mate que eu deveria ter visto a um quilômetro de distância.

— Isso foi rápido. — A decepção sombreou seu rosto. — Você está fora do seu jogo hoje.

— Estamos apenas começando, Volkov. — Limpei o tabuleiro. — Fale comigo depois do segundo round.

Mas ele estava certo. Eu *estava* fora do meu jogo, tudo porque eu estava ocupado pensando em alguém que não tinha nada que ocupar meus pensamentos do jeito que ela fazia. Ela achava que seu aluguel no Mirage era baixo? Isso não era nada comparado a como ela vivia de graça na porra da minha cabeça.

Stella podia parecer doce e gentil, mas ela era mais perigosa para mim do que qualquer arma ou rival.

* * *

Depois de uma segunda partida de xadrez com Alex, onde me redimi com um xeque-mate lindamente executado após duas horas de jogo, voltei para casa precisamente às quinze para as dez.

Levei menos de um minuto para determinar que algo estava errado.

A porta do meu escritório estava aberta e eu *sempre* a fechava antes de sair.

Eu permitia que poucas pessoas tivessem acesso ao meu apartamento quando eu não estava aqui. *Nenhuma* delas viria tão tarde da noite.

A adrenalina queimou através da escuridão alimentada por

uísque no meu sangue.

Eu tinha aproveitado o serviço de carro particular de Valhalla para me levar para casa, dado o quanto eu bebi, mas tive presença de espírito suficiente para suavizar meus passos enquanto avançava em direção ao meu escritório.

Eu vislumbrei cabelos escuros através da abertura antes de abrir a porta, cruzar a sala em duas longas passadas e prender o intruso na parede com minha mão em volta de sua garganta.

A raiva gelada embaçou minha visão com um branco tingido de vermelho.

Eu não gostava de pessoas invadindo meu espaço pessoal. Tocando minhas coisas sem permissão. Invadindo *minha* casa e desafiando minha autoridade.

Meus dedos flexionaram em torno da coluna macia de sua garganta.

As vibrações de um suspiro de medo tremeram contra o meu domínio antes de se derramar no ar.

— *Christian*. — A familiaridade do apelo suave afastou a névoa dos meus olhos até que tudo que eu podia ver era verde.

Olhos verdes enormes e exuberantes, emoldurados por cílios escuros e acre de pânico.

Porra.

Um respingo ártico de reconhecimento arrancou minha mão de sua garganta.

Nós olhamos um para o outro, nossas respirações irregulares no espaço tranquilo entre nós – a dela de medo, a minha de adrenalina e arrependimento.

Um fio de raiva entrou na mistura e esticou minhas palavras. — Srta. Alonso. Importa-se de explicar *o que* você

está fazendo aqui?

Ela era uma das poucas pessoas no mundo que tinha a chave do meu apartamento, mas eu a instruí a visitá-lo durante janelas de tempo específicas. Sexta à noite não era uma delas.

Ela teve sorte de eu não ser do tipo primeiro atira, faz perguntas depois, como alguns dos meus homens.

Uma imagem de Stella com uma bala passou pela minha mente, e a frieza se formou na boca do meu estômago.

Ela ergueu o queixo, claramente não impressionada com a minha saudação e tom afiado. — Eu estava regando suas plantas como *você* me pediu. — Apesar de seu tom aguçado, sua respiração permaneceu superficial, e pequenos arrepios percorreram seu corpo até que meu tentáculo de raiva se dissipou.

Foi só então que notei o regador quebrado no chão. A água que escapou formou uma pequena poça brilhante contra a madeira personalizada, e as peças de cerâmica preta brilhante refletiram meu rosto de volta para mim.

Uma centena de rostos diferentes, divididos com bordas irregulares e feições distorcidas.

Arrastei meus olhos de volta para Stella. — Você está regando minhas plantas às nove horas da noite?

— Esqueci mais cedo porque estava ocupada. Você disse para vir apenas durante a semana, e eu não queria deixá-las sem todo o fim de semana. Elas são muito sensíveis a...

— Ocupada fazendo o quê?

Eu não me importava mais com as plantas.

— Coisas pessoais. — Em vez de desmoronar sob o peso do

meu olhar carregado, ela se endireitou e inclinou o queixo mais uma polegada. — Nós não estamos realmente juntos. Você não tem o direito de saber todos os meus movimentos.

Aborrecimento passou por mim com o lembrete.

— Eu tenho quando sua ocupação te leva a invadir meu apartamento às nove horas da noite.

— Eu não invadi. Eu tinha uma chave!

— Usada fora dos prazos estipulados. Um bom advogado poderia argumentar a meu favor.

Os olhos de Stella se estreitaram. Sua respiração finalmente se acalmou, e eu suspeitei que suas bochechas coradas não eram devido ao constrangimento. — Você é o especialista em segurança. Se você está tão preocupado, talvez você deva criar uma chave que *só* possa ser usada durante as janelas de tempo especificadas. Isso não seria difícil para um gênio como você, seria, Sr. Harper?

Eu permiti que uma risada suave escapasse.

O atrevimento de Stella vinha e ia como relâmpagos. Toda vez que aparecia, me eletrizava, porque era quando vislumbrava a verdadeira ela. A que jazia semiadormecida sob seu desejo calmo e desesperado de agradar cuidadosamente cultivado. Em algum lugar dentro daquele casulo de maneiras suaves estava uma borboleta brilhante desejando se libertar.

— Não seria nada difícil. — Meu olhar com as pálpebras pesadas enquanto eu a examinava da cabeça aos pés. — Mas então eu não voltaria para casa e encontraria você esperando por mim.

Uma lasca de estômago tonificado aparecia por baixo de seu moletom cinza curto, enquanto shorts curtos de veludo combinando se agarravam aos quadris e coxas. Uma extensão infinita de pernas lisas e douradas terminava com pés

descalços e unhas pintadas de vermelho.

Minha garganta secou. Eu ansiava por correr minhas mãos por seu corpo, ouvi-la suspirar de prazer enquanto explorava os contornos elegantes de suas curvas.

Ela estava vestida para dormir, sem um pingo de maquiagem no rosto ou joias adornando seus membros, mas ela brilhava tão intensamente que atingiu os cantos mais escuros da minha alma.

— Achei que você não queria isso. — Uma respiração nervosa veio à tona em sua resposta.

— Não assuma o que eu quero, Srta. Alonso. — Mantive minha voz calma, quase desinteressada, mas não havia nada de sereno na corrente crepitando no ar.

Um toque, e a sala se incendiaria.

— Anotado. — Os dedos de Stella se curvaram ao redor da bainha de seu short até que os nós dos dedos embranqueceram.

Meus olhos mergulharam em suas coxas, e desejo ardeu mais quente em minhas veias quando elas apertaram sob minha atenção.

Foi um pequeno movimento, nada mais do que uma sutil tensão de seus músculos, mas ela poderia muito bem ter se abaixado e acariciado a dureza doendo na minha virilha.

— Você deve sair — eu disse suavemente, as palavras ásperas com restrição.

Ela não se moveu.

— A menos que... — Eu levantei minha mão e desci pela lateral de seu pescoço até alcançar a vibração frenética de seu pulso. — Você queira ficar.

Eu deveria parar de tocá-la, e deveria manter distância, mas estava hipnotizado.

A deglutição de Stella foi audível no silêncio espesso e condensado.

— Eu não. — Ela vacilou um pouquinho na palavra *não.*

— Não? — Eu rocei meu polegar sobre sua pele. O pequeno ponto de contato queimou através de carne e osso até que o calor derramou em meu sangue. Eu levantei meus olhos para ela novamente, minha voz endurecendo. — Então por que você ainda está aqui?

Distração. Obsessão. Confusão.

Ela era todas essas coisas e muito mais.

Ela deveria ter sido um quebra-cabeça simples para quebrar e montar novamente, mas ela estava se mostrando mais complicada do que o esperado. Ela era como um quebra-cabeça faltando uma peça. Não importava o quanto eu procurasse, eu não conseguia encontrar a peça que faltava, e até que eu encontrasse, ela continuaria assombrando meus pensamentos.

Havia, é claro, outra explicação, mas eu a descartei no segundo em que ela veio à tona.

Aquela que me disse que eu não queria resolver Stella Alonso, porque assim que o fizesse, o fio que nos ligava seria cortado.

E por alguma razão irritante e desconhecida, eu não queria que fosse cortado.

Ela abriu a boca para responder, mas eu a soltei e dei um passo para trás, cortando-a sem dizer uma palavra.

— Está na hora de você ir embora. — Não era mais uma

sugestão, mas uma ordem. — Não me deixe encontrá-la em meu apartamento fora dos horários permitidos novamente, ou você descobrirá que há limites para minha generosidade.

Agradá-la esta noite foi um erro. Eu já tinha dobrado muitas regras para ela.

Se fosse qualquer outra pessoa no meu escritório, eu os teria punido pela transgressão, não fantasiaria sobre como sua pele se sentiria contra a minha.

O fogo faiscou nos olhos de Stella.

Eu esperava que ela respondesse, *antecipei* isso da mesma forma que um alcoólatra antecipa seu próximo gole de licor. Mas o fogo esfriou quase assim que acendeu, sufocado sob uma camada de gelo recém-formado.

— Entendido. — Ela enfiou a mão no bolso e pegou uma chave de bronze, a qual forçou na minha mão. — Na verdade, você não vai me encontrar em seu apartamento novamente, ponto final.

Eu não percebi o quão forte eu estava segurando a chave até que a borda irregular cavou na minha palma.

A batida da porta da frente reverberou no silêncio que se seguiu.

Eu geralmente gostava do silêncio. Era pacífico e restaurador, mas agora parecia opressivo, como um peso invisível pressionando meu peito.

A chave afundou mais na palma da minha mão antes de eu desenrolá-la e enfiá-la no bolso.

Dei a volta no regador quebrado e caminhei para o meu quarto, onde tirei minha gravata e a joguei na cama.

Não aliviou o aperto em expansão na minha garganta.

Sob o gelo, Stella estava ferida. Eu vislumbrei um grão disso antes de suas defesas entrarem em ação.

Uma pontada estranha atingiu meu peito antes que eu fizesse um barulho impaciente.

Porra, porra.

Eu tive um dia infernal. Não apenas com o trabalho, mas com todos os fodidos intrometidos da minha vida que se aglomeraram em cima de mim agora que eu estava finalmente 'namorando' alguém. Não tive tempo de analisar microexpressões.

Tirei minhas abotoaduras e meu relógio, que coloquei paralelos um ao outro na mesa de cabeceira.

Entendido. Na verdade, você não vai me encontrar em seu apartamento novamente, ponto final.

O que diabos isso significava? Se ela renegasse nosso contrato de aluguel...

Um músculo tiquetaqueou na minha mandíbula.

Eu não deveria me importar. Eu nem *gostava* das malditas plantas. Eu só as mantive porque meu designer de interiores insistiu que elas 'compunham o visual' e eu me recusei a admitir o fracasso deixando-as morrer.

Mas era o princípio da questão. Eu não poderia abrir um precedente onde as pessoas desistiam de um acordo comigo sem consequências.

A memória da dor passageira nos olhos de Stella ressurgiu como um mosquito irritante que não ia embora.

— Maldição do inferno.

Com um grunhido irritado, abandonei meus melhores instintos, bati a porta do quarto atrás de mim e desci as

escadas.

11

Stella

Christian Harper tinha coragem.

A raiva fervia no meu estômago quando destranquei meu apartamento e abri a porta com mais força do que o necessário.

Não era uma emoção que eu sentia com frequência, e corroeu minhas entranhas como ácido.

Eu não sabia por que reagi tão fortemente à dispensa de Christian. Eu tinha ouvido pior de Meredith e os trolls nas minhas seções de comentários.

Mas havia algo na maneira como ele fazia isso que arranhava minha pele.

Um segundo, eu pensei que ele iria me beijar. No próximo, ele estava me expulsando de seu apartamento. O homem virava quente e frio com mais frequência do que uma torneira quebrada.

Pior, houve um momento em que eu *quis* que ele me beijasse. Quando a curiosidade sobre o gosto daquela boca firme e sensual pulsou no ritmo da dor entre minhas coxas.

Frustração entrelaçava com minha raiva.

Eu não sabia como ele conseguia tirar tantas emoções adormecidas de mim.

Era sua aparência? Sua riqueza? Nenhuma dessas coisas tinha importado para mim antes. Eu conheci muitos idiotas ricos e bonitos para ser enganada por seu charme falso.

Coloquei minha bolsa em uma mesa próxima e forcei meus pulmões a se expandirem além da pressão. O confronto sempre me deixava no limite. Mesmo quando eu não estava errada, eu *sentia* que estava.

Você não vai me encontrar em seu apartamento novamente, ponto final.

A memória da minha declaração precipitada apagou qualquer efeito calmante que minhas respirações profundas pudessem ter.

Eu 'desisti' no calor do momento. Mas, por mais estúpido que fosse o acordo, *prometi* a ele que cuidaria de suas plantas em troca de um aluguel mais baixo.

E se ele aumentasse meu aluguel ou, pior, me despejasse? E se ele terminasse nosso acordo? Ainda não tinha ouvido falar da Delamonte, mas já tinha ganhado dez mil seguidores desde que postei a nossa foto a caminho da arrecadação.

Minha conta estava crescendo pela primeira vez em um ano e terminar nosso acordo mais cedo acabaria com qualquer impulso que eu tinha recebido.

Nenhum impulso era igual a nenhum crescimento, igual a menos dinheiro.

Arrependimento chutou minhas palpitações do coração em sobrecarga.

Era por isso que eu me treinei para suprimir explosões emocionais. As consequências sempre ofuscaram o alívio temporário.

Fechei os olhos e tentei voltar à minha respiração profunda.

Não funcionou.

Droga.

Eu estava muito cansada e nervosa para fazer ioga, então vasculhei minha bolsa em busca do meu telefone. A mídia social não era a melhor tática para reduzir a ansiedade, mas era uma grande distração. Eu só tinha que seguir meu feed do YouTube cuidadosamente selecionado de animais fofos, dicas de estilo e tutoriais de cabelo e maquiagem.

Qualquer outro aplicativo era um campo minado demais para navegar quando eu estava me sentindo assim.

Brilho labial, hidratante, recibo de café...

Fiz uma pausa quando minha mão roçou um envelope branco simples.

Eu não me lembrava de colocar isso na minha bolsa. Eu nem tinha *envelopes* para correspondência, já que fazia tudo por e-mail hoje em dia.

Peguei o envelope e deslizei um dedo sob a aba para abri-lo. Não estava marcado — sem destinatário, sem endereço do remetente, sem carimbo.

Uma folha de papel branco igualmente simples estava aninhada dentro.

O pressentimento deslizou pela minha espinha quando o desdobrei. A princípio, pensei que estava em branco, mas depois meus olhos se concentraram na única linha preta no topo.

Você deveria esperar por mim, Stella. Você não esperou.

Nenhuma ameaça direta, mas a mensagem era sinistra o suficiente para fazer meu jantar subir na minha garganta.

Memórias feias de dois anos atrás me inundaram com pressa.

Fotos espontâneas minhas na cidade – rindo com amigos pela janela de um restaurante, mexendo no meu telefone enquanto esperava o metrô, fazendo compras em uma butique em Georgetown. Cartas que variavam descontroladamente de declarações efusivas de amor a fantasias gráficas do que o remetente queria fazer comigo.

Tudo enviado para o meu endereço pessoal.

Isso continuou por semanas até que eu fiquei tão paranoica e estressada que não podia tomar banho a menos que Jules estivesse sentada do lado de fora na sala de estar. Mesmo assim, eu tinha sido atormentada por pesadelos do meu perseguidor invadindo minha casa e machucando-a antes que ele viesse atrás de mim.

Então, um dia, as cartas e fotos simplesmente pararam, como se o remetente tivesse fugido da face da terra. Eu pensei que ele ou se cansou de mim ou foi preso.

Mas agora...

O terror transformou meu sangue em gelo.

Eu estava vagamente ciente de que não havia me movido desde que li o bilhete. Eu *deveria.* Eu deveria checar a casa em busca de intrusos e chamar a polícia, não que eles tivessem ajudado na última vez que isso aconteceu.

Mas eu estava paralisada, congelada pela incredulidade e pelo gosto metálico e afiado do medo.

Fazia dois anos desde que eu tive notícias do meu perseguidor. Por que ele estava de volta *agora*? Ele sempre esteve lá, observando e esperando seu tempo? Ou ele saiu e voltou por qualquer motivo?

E se o bilhete estava na minha bolsa...

Minha respiração saiu mais rápido. Pequenos pontos pretos

dançaram na frente da minha visão enquanto a implicação se cristalizava.

Nenhum selo e endereço significavam que o perseguidor tinha chegado perto o suficiente para colocar o envelope na minha bolsa. Ele esteve bem *ali.* Ele provavelmente me tocou.

Aranhas invisíveis rastejavam sobre minha pele.

Eu limpei minha bolsa ontem à noite e não tinha visto o bilhete, então devia ter acontecido em algum momento daquele dia.

Meu cérebro percorreu a lista de lugares que visitei naquele dia.

Cafeteria. A orla de Georgetown para filmar uma campanha com meu tripé. A mercearia. O metrô. Apartamento de Christian.

A lista não era longa, mas, exceto pela casa de Christian, todos os lugares estavam lotados para alguém colocar o bilhete na minha bolsa sem que eu percebesse.

O silêncio do apartamento se transformou em algo espesso e ameaçador, interrompido apenas pela minha respiração ofegante.

Não importava o quanto eu tentasse, não conseguia oxigênio suficiente em meus pulmões, e eu...

O toque áspero e estridente da campainha rasgou o silêncio e fez todos os pelos da minha pele se arrepiarem.

Era o perseguidor. *Tinha que ser.* Ninguém viria visitar tão tarde da noite sem aviso prévio.

Oh, Deus.

Eu precisava me esconder, ligar para o 911, fazer *alguma coisa,* mas meu corpo se recusou a obedecer aos comandos do

meu cérebro.

A campainha tocou novamente, e minha luta ou fuga finalmente começou.

Eu tropecei em direção ao esconderijo mais próximo – uma mesa lateral ligada entre o sofá e o aparelho de ar-condicionado. A respiração fantasma do meu perseguidor roçou meu pescoço enquanto eu me arrastava para debaixo da mesa.

Eu podia *senti-lo* atrás de mim, uma presença malévola cujos dedos gelados agarraram minha camisa e espremeram o oxigênio dos meus pulmões.

O chão se inclinou e minha cabeça colidiu com uma das pernas da mesa enquanto eu tentava afundar o máximo possível na escuridão.

A dor era apenas um sussurro de sensação em comparação com os calafrios inundando minha pele.

Outro toque da campainha, seguido de batidas.

— Stella!

Eu não conseguia distinguir a quem a voz pertencia. Eu nem sabia se era real.

Eu só queria que isso fosse embora.

Eu puxei meus joelhos para o meu peito e passei meus braços ao redor deles. O ar-condicionado estava desligado, mas eu não conseguia parar de tremer.

Eu não estava pronta para morrer. Eu mal tinha vivido.

As batidas continuaram, mais altas e mais frequentes até que finalmente pararam. Seguiu-se uma pausa, seguida pelo som de uma chave girando na porta.

Passos ecoaram contra o piso de madeira, mas eles

pararam quando um gemido arranhou minha garganta.

Alguns segundos depois, um par de mocassins de couro preto parou na minha frente.

Fechei os olhos com força e me afundei no canto até que minhas costas bateram na parede.

Por favor, por favor, por favor...

— Stella.

Eu tinha um taser na minha bolsa. Por que eu não peguei meu taser? Eu apenas segurei a carta, que deixei cair no chão ao meu lado. Era inútil como arma, a menos que eu planejasse cortar o intruso com papel até a morte.

Estúpida, inútil, decepcionante...

Lágrimas queimaram atrás de minhas pálpebras fechadas.

Minha família se importaria se eu morresse? Eles podiam ficar tristes no início, mas, eventualmente, eles ficariam aliviados que a maior decepção da família se foi. Eles nem me quiseram. Eu tinha sido um acidente, uma interrupção em seu plano de longa data de ter apenas um filho.

Se eu morresse, eles poderiam finalmente colocar seu plano de volta nos trilhos. Se eu...

Uma mão agarrou meu queixo e o inclinou para cima.

— Stella, olhe para mim.

Eu não queria. Eu queria ficar no meu poço de negação para sempre.

Se eu não posso ver o monstro, ele não existe.

Mas a voz não parecia pertencer a um monstro. Parecia profunda e aveludada e autoritária demais para eu não obedecer.

Eu lentamente abri meus olhos.

Uísque. Incêndio. *Calor.*

Meus calafrios se dissiparam com a fúria acumulada brilhando sob aquelas piscinas escuras de preocupação, mas o rosto de Christian suavizou quando nossos olhares se conectaram.

— Você está bem.

Apenas três palavras, mas elas continham uma segurança tão calma que a represa dentro de mim finalmente se rompeu.

Um soluço rasgou da minha garganta, e a umidade derramou pelos meus olhos até que seu rosto ficou borrado.

Ouvi uma maldição baixa antes que braços fortes me engolissem, e meu rosto pressionou contra algo duro e sólido. Imóvel, como uma montanha em uma tempestade.

Eu me enrolei no abraço de Christian e deixei escapar semanas de estresse e ansiedade até secar. Não apenas pelo bilhete, embora esse tivesse sido o ponto de inflexão. Eram a *D.C. Style,* a minha família, a Delamonte, as minhas redes sociais e a sensação profundamente enraizada de que não importava o quanto eu tentasse, nunca corresponderia às expectativas daqueles ao meu redor. Que eu sempre seria uma decepção.

Era a minha *vida.*

Em algum lugar ao longo do caminho, tinha desviado tanto do curso que eu não conseguia mais ver o caminho principal.

Eu me sentia um fracasso total.

Christian não disse uma palavra enquanto eu soluçava minha frustração em seu peito. Ele apenas me segurou até que minhas lágrimas secassem o suficiente para que a mortificação

se infiltrasse no vazio deixado pelas minhas emoções expelidas.

— Eu sinto muito. — Eu levantei minha cabeça e passei as costas da minha mão contra minhas bochechas úmidas. Minha mortificação se aprofundou quando vi as manchas de lágrimas manchando sua camisa cara. — Eu... — solucei. — Eu arruinei sua camisa.

De todas as maneiras que eu imaginei a noite terminando, ter um minicolapso nos braços de Christian Harper não era uma delas.

Ele nem olhou para baixo. — É uma camisa. Eu tenho muitas.

Ainda estávamos no chão, e eu teria rido ao vê-lo sentado tão casualmente na madeira em suas roupas de grife se suas palavras não tivessem criado outro poço de umidade atrás dos meus olhos.

Uma hora atrás, pensei que ele era o maior idiota que existe. Agora...

Pisquei as lágrimas frescas. Eu já tinha me envergonhado o suficiente, muito obrigada, e eu não conseguia acompanhar minha montanha-russa de emoções.

Primeiro minha discussão com Christian, depois encontrando o bilhete.

O bilhete.

O pavor ressurgiu como uma onda lenta e insidiosa que lavou meu alívio de curta duração. Quem enviou a nota ainda estava lá fora. Ele não tinha sido uma ameaça física até agora, mas...

Meus olhos se desviaram para a carta aparentemente inocente.

Christian seguiu meu olhar. Seu rosto endureceu, e eu não o impedi quando ele pegou o papel e leu a mensagem digitada.

Quando ele ergueu os olhos novamente, sua cor âmbar fria escureceu em obsidiana.

— Quem mandou isso? — Seu tom calmo, quase agradável, contrastava com o perigo que tremeluzia no ar.

Eu puxei isso com força ao meu redor, tomando um estranho consolo em sua fúria silenciosa.

— Não sei. Cheguei em casa, vasculhei minha bolsa e o encontrei. — Eu engoli o nó na minha garganta. — Eu... já recebi bilhetes semelhantes antes. Mas já faz um tempo desde o último.

O lampejo de perigo acendeu em uma chama. A intensidade disso encharcou cada molécula de ar, mas em vez de me enervar, me fez sentir segura, como se fosse uma parede de titânio me protegendo do mundo exterior.

Eu nunca contei a ninguém, exceto Jules, sobre meu perseguidor antes. Eu *queria* dizer a Christian, mesmo porque ele era o especialista em segurança e teria ideias sobre como rastrear o criminoso. Mas eu estava caindo agora que a adrenalina de encontrar o bilhete havia passado.

A exaustão puxou meus olhos, e toda vez que eu abria minha boca para explicar a situação, um bocejo escapava.

Christian devia saber que eu não tinha energia para nada, exceto dormir, porque ele não pediu detalhes. Em vez disso, ele se levantou e estendeu a mão.

Depois de uma breve hesitação, saí de debaixo da mesa e a peguei.

A tontura tomou conta de mim quando ele me puxou para ficar de pé, mas quando passou, eu dei uma olhada no quão

normal meu apartamento parecia.

A mesma vela de aromaterapia na mesa de centro. O mesmo cobertor de caxemira pendurado nas costas da poltrona. Nenhum traço do pânico selvagem que passou por mim menos de trinta minutos atrás.

Sempre esperamos nosso mundo externo refletir nosso mundo interno, mas situações como essas me lembravam que o mundo continuaria, não importava o que acontecesse conosco individualmente.

Era igualmente reconfortante e deprimente.

Afundei no sofá enquanto Christian fazia uma rápida varredura de segurança no apartamento. Minhas pernas não aguentavam mais meu peso, e eu quase adormeci contra as almofadas cremes quando ele voltou para a sala.

— Você não pode ficar aqui. O apartamento é seguro — ele adicionou quando eu me endireitei com alarme. — Mas a pessoa que escreveu a nota ainda está por aí e provavelmente sabe onde você mora. Você tem que se mudar.

A ansiedade apertou meu estômago. — Para onde? Esta é a minha casa.

— Não é segura.

— Achei que o Mirage tinha a melhor segurança predial da cidade.

A única resposta de Christian foi um aperto na mandíbula.

Eu respirei fundo. Minha névoa de terror havia se dissipado o suficiente para que o pensamento racional afundasse novamente.

— Quem quer que seja o culpado, eles me pegaram do lado de fora do prédio. Não há nenhum lugar para onde possa me

mudar que seja mais seguro do que aqui. Além disso... — Meus dedos se apertaram na beirada do sofá. — Não vou deixar um covarde que se esconde atrás de cartas anônimas me expulsar da minha própria casa.

Eu passei muitos anos no banco do passageiro da minha vida, deixando outras pessoas me guiarem para onde eles queriam que eu fosse. Vivendo com medo de seus comentários sobre minhas ações e me fazendo pequena para caber em qualquer caixa que eles me colocaram. As expectativas dos meus pais, as exigências da minha chefe, os bilhetes do meu perseguidor, que me deixaram tão paranoica que pulei a cada bater de porta e estalar de um galho.

Eles agiam, eu reagia.

Eu estava cansada disso. Era hora de lutar contra o controle, e aprender a dizer *não* era o primeiro passo.

— Eu não estou me mudando — eu repeti.

Se o perseguidor tivesse invadido meu apartamento, teria sido um assunto diferente, mas ele não tinha. Além disso, eu estava certa. Não havia nenhum lugar que eu pudesse me mudar que fosse mais seguro do que o Mirage.

Christian olhou para mim, sua expressão esculpida em granito.

Eu me forcei a não desviar o olhar mesmo enquanto meu corpo lutava contra o peso de seu olhar.

Ele me viu vulnerável, mas eu me recusava a deixá-lo me ver fraca.

Minha respiração pressionou contra meus pulmões, e não foi até que Christian abaixou a cabeça em aceitação que eu a soltei.

Alívio e um grão de orgulho correram para preencher o

vazio.

Ele não disse uma palavra, mas tive a sensação inabalável de que tinha acabado de enfrentar um leão e vencido.

— Tudo bem, mas você não vai ficar aqui sem proteção extra.

Eu poderia viver com isso. Eu até aceitaria, contanto que a proteção extra não fosse muito intrusiva.

Por um segundo, pensei que Christian se ofereceria para passar a noite comigo, e odiei como meu coração pulou com o pensamento.

— Kage, eu preciso de você para uma tarefa... sim. Pernoite. — Várias batidas se passaram antes que ele falasse novamente, sua voz dura. — Eu não dou a mínima se você está jantando com o Papa ou transando com a porra da Margot Robbie. Quero você no décimo andar do Mirage em vinte minutos.

A decepção me percorreu antes que eu a esmagasse. Claro *que* Christian não ficaria comigo. Ele era o CEO. Esse tipo de trabalho provavelmente estava abaixo dele.

Ele desligou, e algo mexeu no fundo da minha mente no silêncio que se seguiu.

— Por que você veio me ver? Antes de você... — *Encontrar-me no meio de um ataque de pânico.* — Antes de perceber o que estava acontecendo.

Christian colocou o telefone no bolso. — Eu queria limpar o ar depois da nossa desavença.

Foi uma resposta suave e neutra. Quase suave *demais.*

— Por quê?

— Preciso de um motivo?

— Você tem uma razão para tudo, ou não faria isso.

O canto de sua boca se ergueu, mas ele não deu mais detalhes sobre sua resposta anterior.

Ele disse vinte minutos, mas alguém bateu na porta menos de dez minutos depois.

Esse *alguém* acabou por ser uma montanha de homem, todo músculos e tatuagens e bonito de uma forma que devia ser irresistível para mulheres com uma fraqueza por *bad boys*.

Kage, eu assumi.

Christian o informou sobre a situação, mas eles estavam tão quietos que eu não consegui entender o que eles disseram. Fosse o que fosse, trouxe uma carranca ao rosto de Kage que suavizou quando ele finalmente se virou para mim.

— Não se preocupe, baby. — Seu sotaque suave do Sul aliviou os nós em meus ombros como mágica. Ao lado dele, a mandíbula de Christian flexionou, mas aconteceu tão rápido que eu poderia ter imaginado. — Estarei aqui a noite toda. Ninguém está passando por mim. Eles não me chamaram de Montanha nas forças armadas por nada.

Eu reuni um pequeno sorriso. — Aqui eu pensei que era porque você é tão grande quanto uma montanha.

Os cantos dos olhos de Kage se enrugaram. — Isso também.

— Kage é um dos meus melhores. Como ele disse, ninguém vai passar por ele. — O rosto de Christian permaneceu impassível, mas quando ele descansou seu olhar em Kage, o sorriso do outro homem desapareceu.

Kage se afastou de mim como se eu tivesse pegado fogo de repente.

Eu bocejei de novo, cansada demais para pensar muito em sua estranha interação.

O sono puxou as bordas da minha consciência, e eu não resisti quando Christian me levantou do sofá com mãos firmes, mas surpreendentemente gentis.

— Não desmaie no sofá. O Sr. Unicórnio não gosta de dividir espaço para dormir.

— Engraçado. Se a coisa da segurança não der certo, você deveria ser um... — Outro bocejo dividiu meu rosto enquanto caminhávamos em direção ao meu quarto. — Um comediante.

— Vou manter isso em mente. — A resposta seca de Christian dominou a risada de Kage atrás de nós.

Quando chegamos ao meu quarto, eu caí na cama mais do que subi nela. Eu era um peso de chumbo, e a gravidade era uma âncora que me arrastava em direção ao meu colchão.

— Boa noite — murmurei. Meus olhos já estavam fechados, mas senti a presença de Christian no quarto como um cobertor de segurança quente. — E obrigada. Por...

Eu nunca terminei minha frase.

A última coisa que percebi foi uma mão quente alisando meu cabelo do meu rosto antes que a escuridão me puxasse para baixo.

* * *

Christian

Depois que Stella adormeceu, voltei para a sala para

encontrar Kage examinando o bilhete.

— Quem colocou isso na bolsa dela sabia como cobrir seus rastros — disse ele. — É genérico como o inferno. O papel, o tipo, a tinta... a menos que ele tenha sido descuidado o suficiente para deixar impressões digitais, não há como rastreá-lo apenas com isso.

Ele repetiu tudo que eu já tinha deduzido.

Se fosse uma mensagem digital, eu poderia ter caçado o remetente em pouco tempo. A evidência física era muito mais difícil de rastrear.

Quem mandou o bilhete foi esperto, mas eventualmente cometeria um deslize. Todo mundo cometia.

Minha mão flexionou quando a memória do terror nos olhos arregalados de Stella veio à tona. Fúria crepitava através de mim, sua queimadura fria ardendo de dentro para fora.

Eu a havia abafado mais cedo para poder me concentrar em Stella, mas agora ela voltou correndo como um maremoto.

Eu ia encontrar o filho da puta que escreveu esse bilhete para ela.

E eu ia fazê-lo pagar.

Não com uma bala – isso era bom demais para ele. Ele merecia algo mais doloroso. Mais prolongado.

Mas até então, eu precisava manter Stella segura.

— Eu quero você e Brock a seguindo até encontrarmos esse filho da puta — eu disse a Kage. — Não deixe ela te ver.

Depois de Kage, Brock era um dos meus melhores guardas, e ele havia retornado recentemente de um trabalho de três meses em Tóquio.

O ceticismo cruzou o rosto de Kage. — Ela vai ficar bem com isso?

— Ela não vai descobrir.

Se eu perguntasse a Stella, ela diria que não. Ela já tinha recusado se mudar; eu não estava dando a ela outra chance de comprometer sua segurança. A única razão pela qual eu concordei com a questão da mudança era porque ela estava traumatizada o suficiente sem que eu discutisse com ela logo após seu ataque de pânico.

Para onde ela teria se mudado, afinal? Como ela disse, o Mirage era o prédio mais seguro da cidade, uma voz na minha cabeça provocou.

Havia uma resposta óbvia, mas como ela não estava se mudando, o ponto era discutível.

— Certo. Você é o chefe. — Kage olhou para a porta fechada do quarto de Stella. — Surpreso que você não vai ficar com ela. Ela é sua namorada, e você mora no andar de cima.

Minha mandíbula se apertou.

Fiquei tentado. *Tão insanamente tentado.* Esse era o problema.

Eu não confiava em mim perto de Stella. Eu já tinha quebrado muitas regras para ela, e ficar com ela durante a noite iria cruzar a linha invisível que eu tinha traçado para mim.

Sempre foi uma dança para mim, perto o suficiente para saciar a fera dentro de mim e longe o suficiente para que eu nunca ficasse fora de controle. Uma guerra constante entre o querer e a preservação.

No entanto, eu vim para... não me desculpar, necessariamente, já que eu não pedi desculpa..., mas para

acertar as coisas entre nós.

Quando ela não respondeu, eu pensei que ela estava no chuveiro, mas quanto mais eu esperava sem resposta, mais minha mente evocava todos os tipos de cenários – de Stella se machucando, de um intruso que de alguma forma conseguiu passar pela segurança hermética da Mirage entrando em sua casa.

Eu nunca senti o tipo de pânico que me consumiu quando eu pensei que algo tinha acontecido com ela, e isso não estava bem, porra.

Ela já era um ponto fraco para mim; eu não podia permitir que aquele lugar crescesse.

— Eu separo minha vida profissional e pessoal. Isso é negócio — respondi a Kage em um tom cortante. Meu olhar queimou o ar entre nós. — Toque nela por qualquer motivo que não seja para salvar sua vida e você morre.

Eu não me importava há quanto tempo Kage e eu éramos amigos.

Ninguém a tocava, exceto eu.

Seu rosto se contorceu em uma carranca. — Dê-me mais crédito do que isso.

Ele não ficou feliz quando eu o afastei da mulher que ele levou para casa, mas ele apareceu como eu sabia que faria. Eu não confiava em mais ninguém para cuidar de Stella esta noite, nem mesmo em mim.

— Mande-me mensagens de texto com atualizações a cada hora. Eu não me importo se são quatro da manhã. Eu quero esses check-ins.

Isso era o mais perto de ficar com ela que eu me permitiria.

Kage suspirou. — Entendido.

Eu lancei um último olhar para a porta do quarto de Stella.

Cada célula do meu corpo gritava para eu não sair. Eu *desprezava* a ideia de que Kage estava olhando para ela ao invés de mim.

Quando ele a chamou de *baby* e ela sorriu para ele, eu cheguei perto de perder meu melhor empregado pelas minhas próprias mãos.

Em um raro momento de fraqueza, eu usei nosso falso arranjo de namoro para me aproximar dela, mas uma parte de mim secretamente esperava que isso quebrasse o mistério e acabasse com minha fixação por ela.

Em vez disso, estava fazendo o oposto. Quanto mais tempo eu passava com Stella, mais eu queria estar perto dela. Para deixá-la em lugares que eu nunca mostrei a ninguém.

Era inaceitável.

Passei por Kage, peguei o elevador até minha cobertura e fui direto para o bar.

As luzes de D.C. brilhavam como um tapete de estrelas do lado de fora das janelas do chão ao teto, mas não pude apreciar a vista. Eu estava muito ligado.

Se alguma coisa tivesse acontecido com Stella...

Gelo se espalhou pelas minhas veias.

Enchi meu copo com uma dose mais pesada do que o normal.

Sentei-me.

E esperei pela primeira mensagem de Kage.

12

Stella

Havia algo na manhã seguinte que sempre fazia os eventos da noite anterior parecerem surreais.

Menos de doze horas atrás, eu estava encolhida debaixo de uma mesa na minha sala de estar, convencida de que estava vivendo meus últimos momentos na terra.

Agora, eu estava bebendo meu smoothie diário de wheatgrass[8] e comendo torradas na cozinha como se fosse um dia normal.

Se não fosse pela presença de Kage, eu teria pensado que a noite passada tinha sido um sonho. Ou melhor, um pesadelo.

— Tem certeza de que não quer comida? — Uma pontada de culpa atingiu meu peito quando notei as manchas roxas sombreando seus olhos. Ele devia ter ficado acordado a noite toda e não sabia que seria chamado para um turno da noite. Quando foi a última vez que ele dormiu?

— Sim, eu tenho que sair logo, de qualquer maneira. Christian me deu permissão quando eu disse a ele que você estava acordada. — Kage me olhou com uma carranca. — Você vai ficar bem?

— Sim. Eu vou ficar bem. — Eu injetei ânimo extra na minha voz. Se eu *agisse* como se tudo estivesse bem, estaria tudo bem.

Além disso, à luz ofuscante do dia, meu pânico na noite passada parecia desproporcional à situação.

Foi apenas um bilhete.

Eu morava em um prédio altamente seguro, estava cercada de pessoas quando saía, e Christian ia fazer uma análise forense na carta. Ele era o melhor no que fazia; ele encontraria o culpado a qualquer momento. Eu tinha certeza disso.

Kage não parecia totalmente convencido pela minha resposta, mas ele não discutiu.

Depois que ele saiu, eu segui os movimentos da minha rotina matinal da melhor maneira que pude. Quarenta e cinco minutos de yoga, seguidos por quinze minutos de meditação diária e muitas horas em agonia sobre o que dizer a Christian, se eu dissesse alguma coisa.

Eu deveria agradecê-lo pelo que ele fez ontem à noite, mas toda vez que eu pegava meu telefone, a dúvida me paralisava.

Eu pensei que ele ficando comigo e pedindo a Kage para cuidar de mim era um grande negócio, mas se não fosse? Ele trabalhou em segurança por anos. Seus clientes incluíam bilionários e realeza, pelo amor de Deus. O que aconteceu comigo provavelmente não foi nem um pontinho em seu radar.

Além disso, ele não estendeu a mão o dia todo. Nada de mensagens ou ligações, não que eu devesse esperar outra coisa. Obviamente, Christian tinha coisas mais importantes para fazer do que tomar conta de mim. Ele dirigia uma empresa multimilionária, e nós nem estávamos namorando. Ele já tinha ido além pedindo a Kage para ficar comigo durante a noite.

Eu não queria me envergonhar fazendo de ontem à noite um negócio maior do que era, então mantive minha boca fechada e me ocupei me preparando para um evento de influenciadores com um designer de moda em ascensão naquela tarde.

Eu estava tentada a pular o evento, mas eu precisava de algo para tirar minha mente do bilhete e suas implicações.

Você deveria esperar por mim, Stella. Você não esperou.

Um arrepio percorreu minha espinha quando tranquei a porta do meu apartamento atrás de mim. Eu não bebia café há anos, mas estava tão nervosa que poderia ter bebido cinco doses de café expresso.

Está bem. Você estará em público. Tudo ficará bem.

* * *

O evento acabou sendo mais divertido do que eu esperava. Foi uma prévia da nova coleção da estilista Lilah Amiri, e as roupas ficaram *incríveis.* A mistura perfeita de elegância e sensualidade. A própria Lilah parecia genuinamente amigável, o que era raro no mundo da moda. Nós até trocamos informações de contato para que pudéssemos nos encontrar para tomar um café em algum momento.

Depois que ela pediu licença para falar com seu publicitário, parei na frente de um deslumbrante vestido preto semitransparente que brilhava com sutis fios dourados. A saia caída no chão em uma varredura luxuosa, e a maneira como ela brilhava sob as luzes fazia parecer que era tecido com as próprias estrelas.

O vestido era um estudo de qualidade, tanto do ponto de vista do design quanto do artesanato.

Minha mente vagou para a pilha de esboços de moda inacabados enterrados no fundo da minha gaveta. A culpa perfurou minhas entranhas enquanto eu tentava me lembrar da última vez que esbocei.

Foi há dois, talvez três anos?

Eu sempre quis começar minha própria marca de moda. Essa foi uma das razões pelas quais comecei a ser blogueira e aceitei o emprego na *D.C. Style.* Eu queria estabelecer um nome na indústria e fazer as conexões certas primeiro.

Mas em algum lugar ao longo do caminho, fiquei tão presa nas 'emergências' diárias, parcerias com marcas e número de seguidores que perdi de vista meu objetivo final.

Minha culpa engrossou.

Eu disse a mim mesma que não tinha dinheiro para começar minha própria marca de qualquer maneira, mas a verdade é que eu realmente não tentei fazer algo funcionar.

O zumbido do meu telefone me tirou dos meus pensamentos.

Natalia.

O medo apagou todas as outras emoções mais rápido do que uma vela em uma tempestade.

Eu não deveria me sentir assim sobre as ligações da minha irmã, mas elas eram quase tão estressantes quanto as ligações que eu costumava receber de Meredith.

Eu aliviei uma respiração profunda em meus pulmões.

Tranquila, calma, controlada.

— Oi, Nat. — Baixei a cabeça e caminhei até um canto tranquilo perto da saída.

— Oi. Houve uma mudança nos planos para o jantar — Natalia disse, seca e sensata como sempre. — Papai tem que sair para uma viagem de trabalho de última hora amanhã, então o jantar foi transferido para esta noite. Você pode estar lá às sete?

Meu batimento cardíaco vacilou. — *Esta noite*? — Verifiquei o relógio. Eram apenas cinco horas. — Nat, isso é em duas horas! Estou em um evento agora.

Estava terminando em breve, e não levaria muito tempo para eu chegar à casa dos meus pais no subúrbio da Virgínia, mas eu não estava pronta.

Achei que tinha mais uma semana para me preparar mentalmente para nosso jantar mensal em família.

Suor enevoou minha pele com o pensamento de entrar em um jantar da família Alonso despreparada.

— Embora eu tenha certeza de que seus compromissos de influenciadora são de vida ou morte... — sarcasmo pesou nas palavras de Natalia — estamos *todos* ocupados. Papai vai literalmente negociar um acordo de paz. Você pode vir esta noite, ou devo dizer a eles que você está ocupada?

Devo dizer a eles que você os está decepcionando mais uma vez?

Natalia e eu não éramos próximas, mas eu ainda podia ler o subtexto por trás de suas palavras.

— Não. — Agarrei meu telefone com tanta força que ouvi um pequeno estalo. — Eu estarei lá.

— Bom. Eles também querem que você traga seu namorado.

Meu estômago revirou. — O quê?

— Seu namorado — Natalia disse lentamente. — Aquele de quem você tem postado fotos no Instagram? Mamãe e papai querem conhecê-lo.

Sobre o meu cadáver.

De jeito nenhum eu levaria Christian para algo tão íntimo

quanto um jantar em família. Isso borraria muito as linhas do nosso arranjo.

— Ele não pode ir. Ele tem um importante jantar de negócios esta noite.

Eu estava ficando assustadoramente boa em mentir.

Primeiro para os meus seguidores, e agora para a minha família.

A bebida que eu tinha engolido mais cedo revirou no meu estômago, deixando-me tonta.

— Tudo bem — Natalia falou categoricamente. — Só você, então. Não se atrase. — Ela desligou.

— Foi adorável conversar com você também — eu murmurei.

Enfiei meu telefone na bolsa e peguei outro coquetel da bandeja de um garçom que passava.

Eu ainda estava um pouco enjoada, mas se eu fosse enfrentar minha família esta noite, eu precisava de toda a coragem líquida que eu pudesse obter.

* * *

Como esperado, meus pais não ficaram felizes quando eu apareci sem Christian. Eles estavam acostumados a conseguir o que queriam, e quando não o conseguiam, não era agradável para ninguém envolvido.

— É uma pena que seu namorado não conseguiu vir. — Mamãe colocou uma colher delicada de creme de milho em seu prato. — Eu esperava que ele se esforçasse mais para nos conhecer. *Especialmente* considerando que não sabíamos que

ele existia até Natalia nos contar. — A desaprovação gelou suas palavras.

Meus pais não eram ativos nas redes sociais, então não me surpreendeu que eles confiassem em Natalia para relatar minhas idas e vindas.

Tomei um gole de água, mas não fez nada para aliviar minha garganta ressecada ou meus nervos acelerados. — Ele não podia cancelar seu jantar e eu não queria dizer nada sobre nosso relacionamento até que fosse sério.

— *É* sério? — Meu pai ergueu as sobrancelhas.

Com seus 1,90m de músculo, Jarvis Alonso era intimidador tanto em estatura quanto em presença. Ele jogou futebol em Yale, formou-se como o melhor de sua classe e ocupou vários cargos nos setores público e privado antes de ascender ao seu cargo atual como Chefe de Gabinete do Secretário de Estado.

Enquanto isso, minha mãe era uma das principais advogadas ambientais da cidade e uma notória tubarão no tribunal.

Juntos, eles administravam a casa como administravam seus escritórios – com punhos de ferro.

— Quero dizer, não vamos nos casar tão cedo — eu disse levemente, evitando a pergunta.

— Você o chamou de *meu amor* na sua legenda. — Natalia alisou uma mão bem cuidada sobre seu cabelo. — Isso soa sério para mim. Há quanto tempo você está namorando mesmo?

Eu olhei para ela, e ela piscou de volta com inocência.

— Três meses. — Christian e eu concordamos que era um prazo decente para o nosso *relacionamento*. Era longo o suficiente para as pessoas pensarem que estávamos falando

sério, mas curto o suficiente para não levantar muitas perguntas sobre por que não contamos a ninguém que estávamos namorando até uma semana atrás.

— Ele está vindo para o nosso próximo jantar — minha mãe disse em sua voz de advogada. Era uma voz que ninguém desobedecia, incluindo meu pai. — Um mês deve ser um aviso adequado para ele limpar sua agenda.

Eu mantive meu tom uniforme. — Sim, claro.

Absolutamente não.

Vou inventar outra desculpa mais perto da data. Por enquanto, era mais fácil apaziguar meus pais do que discutir.

— Excelente. Agora que isso está fora do caminho, vamos dar a volta à mesa e compartilhar nossas realizações do mês passado. — Minha mãe se endireitou. Eu herdei sua altura e olhos verdes, mas não sua paixão pela carreira jurídica, para sua decepção. — Vou começar. Ganhei o caso contra a Arico Oil...

Eu empurrei minha comida em volta do meu prato enquanto meus pais e minha irmã compartilhavam seus últimos triunfos profissionais. Esta era a parte favorita do jantar de todos, exceto a minha. Isso dava a eles a chance de se gabar e me dava um caso grave de cólicas estomacais.

Depois que meu pai terminou de nos contar sobre a turnê por vários países que ele organizou, foi a vez da minha irmã.

— Como vocês sabem, eu estava concorrendo a uma promoção no trabalho. Eu tive uma *forte* competição, mas... — Natalia olhou ao redor da mesa, seu rosto brilhando de excitação. — Eu consegui! Ganhei a promoção! Você está olhando para a mais nova vice-presidente do Banco Mundial.

Ela sorriu enquanto meus pais explodiam em aplausos de congratulações e meu estômago caiu como uma âncora no

fundo do oceano.

— Parabéns, Nath. — Engoli o nó na garganta e forcei um sorriso. — Isso é incrível.

Fiquei feliz por ela, de verdade.

Mas, como sempre, o peso das minhas inadequações corroeu qualquer alegria que eu pudesse ter adquirido com as realizações da minha família.

Minha mãe estava salvando o meio ambiente, meu pai estava negociando a paz mundial e minha irmã estava a caminho de se tornar a presidente mais jovem da história do Banco Mundial.

O que eu estava fazendo?

Colocando minhas esperanças em uma campanha que eu poderia não conseguir, fingindo namorar um homem que eu não tinha certeza se gostava e mentindo para mais de novecentas mil pessoas sobre meu status de relacionamento.

Enquanto minha família estava tomando daiquiris no cruzeiro de luxo da vida, eu mal conseguia manter minha cabeça acima da água.

Depois que o burburinho sobre a promoção de Natalia acabou, todos os olhos se voltaram para mim.

— Stella — meu pai perguntou — o que você realizou este mês?

Fui demitida porque não verifiquei meu telefone por algumas horas em uma noite de sábado. Mas pelo lado positivo, ganhei dez mil seguidores depois de postar uma foto minha e do homem com quem estou namorando como um golpe publicitário.

— Bem. — Limpei a garganta e procurei algo seguro para compartilhar. — Meu blog foi destacado como um dos

melhores...

O toque do telefone do meu pai me interrompeu.

— Com licença. — Ele levantou um dedo. — Eu tenho que atender isso. — Ele se levantou e caminhou em direção à sala de estar. — Olá, senhor? Sim, este é um bom momento...

Olhei para minha mãe e Natalia, que estavam ocupadas discutindo como comemorar a promoção de Natalia.

Eu poderia muito bem ser invisível.

Alívio floresceu no meu estômago quando eu esfaqueei um tomate cereja e o trouxe à minha boca.

Pelo menos eu não tive que inventar alguma realização estúpida para satisfazer meus pais. Pela primeira vez, a falta de interesse deles na minha carreira foi uma bênção, não uma maldição.

Eu fiz todo o caminho até a sobremesa sem ter que responder a uma única pergunta quando meu telefone acendeu com uma nova mensagem.

Christian: Como está o jantar?

Uma vibração rápida perturbou meu peito.

Eu: Como você sabia que eu estava no jantar?

Christian: É hora do jantar. Pode me chamar de vidente.

Um pequeno sorriso curvou minha boca.

Espertinho.

Eu: A comida está ótima. A companhia poderia ser melhor.

Eu: Como foi seu dia?

Trocamos mensagens de texto por um tempo sobre o meu evento e o dia dele no escritório (chato, segundo ele). Foi nossa primeira conversa desde ontem à noite e surpreendentemente normal.

Nenhum de nós trouxe o bilhete até a sobremesa terminar.

Christian: Eu tenho algumas atualizações sobre a noite passada.

Christian: Quando você vai estar em casa?

Eu praticamente podia ouvir a mudança de tom sobre o texto.

Meu estômago apertou com os nervos enquanto eu digitava minha resposta.

Stella: Na próxima hora mais ou menos.

Os trens do metrô circulavam com menos frequência a essa hora da noite.

Christian: Dê-me seu endereço e eu enviarei um carro. Até encontrarmos a pessoa que enviou o bilhete, você não deveria pegar o metrô sozinha tão tarde da noite.

Um estranho calor deslizou por minhas veias.

Normalmente, eu teria recusado, mas *não* queria pegar o metrô sozinha novamente. A estação mais próxima da casa da minha família estava sempre assustadoramente vazia depois da hora do rush, e pegar um Uber seria muito caro.

Enviei-lhe o endereço conforme solicitado.

Christian: O carro estará aí em vinte minutos.

Christian: Vejo você em breve.

Outra vibração interrompeu meu batimento cardíaco.

A simples promessa em seu último texto não deveria me excitar tanto..., mas, por razões desconhecidas, excitava.

13

Christian

Eu dormi um total de três horas na noite passada. A antecipação das mensagens de hora em hora de Kage tornou qualquer coisa a mais impossível, e eu caí de sono naquela manhã depois que ele confirmou que Stella passou a noite bem.

Eu vivia pelos meus sistemas. Sete horas de sono por noite, treinos noturnos três vezes por semana na minha academia particular e trabalho complexo e reuniões importantes pela manhã, quando eu estava mais esperto, seguido por tarefas mais maçantes à tarde.

Minha disciplina me catapultou para onde estou hoje – CEO de uma empresa da Fortune 500[9] com uma vasta rede de inteligência e uma linha direta com quase todos os principais poderosos do mundo.

No espaço de vinte e quatro horas, Stella havia lançado esses sistemas em completa desordem.

Eu dormi até o meio-dia, remarquei minhas reuniões para depois do almoço e pulei meu treino para que eu pudesse fazer uma varredura mais completa de seu apartamento em busca de câmeras secretas ou dispositivos de vigilância antes que ela voltasse para casa.

Minha agenda interrompida deveria ter me irritado, mas a corrida no meu sangue quando a porta da frente dela se abriu parecia muito menos com raiva e muito mais como antecipação.

Apesar da minha promessa de ficar longe dela, sua ausência provou ser mais uma distração do que sua presença. Eu passei o dia todo perseguindo Brock por atualizações até que eu cedi e mandei uma mensagem para ela.

Encostei-me na parede quando Stella entrou, a cabeça inclinada sobre o telefone.

— Dica de segurança número um: não olhe para o seu telefone até que você esteja em um local seguro.

Ela pulou e gritou até me ver.

— Christian! — Ela colocou a mão sobre o peito, seu rosto dois tons mais pálido do que o habitual. — O que você está fazendo *aqui*?

— Procurando câmeras escondidas em seu apartamento. Não há nenhuma — eu adicionei quando ela empalideceu ainda mais.

— Você não pode entrar no meu apartamento sem avisar! Isso é uma invasão de privacidade.

— Privacidade não existe quando se trata de segurança. — Todos queriam privacidade até que estivessem em apuros. Então eles desistiam de chaves e senhas como se não fossem nada.

Eu simplesmente pulei o inevitável vai e vem com Stella sobre acesso e fui direto para a parte de proteção.

— Parece algo que um tirano diria.

— Que bom que você entende.

Seu olhar iluminou o ar entre nós com irritação. — Christian, deixe-me colocar em termos simples. É *ilegal* entrar em casas particulares sem permissão prévia, mesmo se você for o proprietário do prédio.

Hum. Acho que era.

Pena que eu dava a mínima para a lei.

Legalidade não significava certo, e ilegalidade não significava errado. Bastava olhar para o sistema de justiça fodido para perceber que a lei não era nada mais do que um castelo de cartas, criado para dar a seus cidadãos uma falsa sensação de segurança e enfraquecido por portas abertas apenas para alguns poucos selecionados.

Eu tinha que manter a aparência de um cidadão civilizado e cumpridor da lei, mas, como todos sabiam, as aparências enganavam.

E, às vezes, temos que fazer justiça com nossas próprias mãos.

— Você sabe quantos... — Os nós dos dedos de Stella ficaram brancos ao redor de seu telefone. — Você sabe quantos pesadelos eu tive de chegar em casa e encontrar um intruso na minha casa? De ser atacada enquanto estou no banho ou dormindo? Nossas casas deveriam ser nossos portos seguros, mas eu... — O pequeno estalo de sua voz causou uma estranha torção no meu peito. — Como posso me sentir segura sabendo que alguém pode entrar aqui a qualquer minuto e eu não... eu não...

Suas palavras deram lugar a respirações rasas e ofegantes. Eu podia ver a ansiedade florescendo em seus olhos até que o preto de suas pupilas engoliu o verde de suas íris.

Porra.

Eu sabia que ela poderia ficar chateada, mas também imaginei que ela iria querer alguém cuidando dela. Tomando as rédeas e cuidando da sua segurança para que ela não tivesse que se preocupar com isso. Eu queria – não, *precisava* – vigiá-la.

Foi um erro de cálculo raro da minha parte.

Esfreguei o polegar no mostrador do meu relógio, estranhamente inquieto tanto pelo meu erro quanto pela angústia palpável de Stella. Desvendá-la era um desafio constante.

Uma sensação de aperto se desenrolou em meu peito até que eu tive que me afastar da parede e caminhar em direção a ela para aliviar seu aperto.

— Você *está* segura. Não vou deixar nada acontecer com você. — Eu coloquei minhas mãos em seus ombros, firmando-a. — Stella. Não vai acontecer novamente. Agora respire para mim.

Eu suavizei a borda da minha voz de um comando para um pedido.

O ar estava espesso com reprimenda, e algo afiado e estranho perfurou meu intestino com os pequenos arrepios destruindo seu corpo.

O que era isso? Culpa? Remorso? Arrependimento?

Eu não sabia dizer, então me concentrei em Stella.

— É isso — murmurei quando sua respiração finalmente se acalmou e a cor voltou ao seu rosto. — Bem desse jeito.

Ela fechou os olhos e exalou uma última respiração profunda antes de dar um passo para trás. Um calafrio se instalou com a perda de calor.

— Eu sei que você está tentando ajudar, e eu aprecio isso — disse ela. — Mas você tem que me deixar saber o que está acontecendo. Esta é a *minha* vida.

Uma breve pausa antes de responder. — Eu entendo.

— Obrigada.

Assim, a tensão no ar se dissolveu.

A habilidade de Stella de deixar ir um rancor tão rápido quanto ela o tinha era tão desconcertante quanto impressionante.

Eu nunca esquecia nem um pouco. Nunca.

— Você disse que tinha atualizações para mim. Você encontrou quem enviou a nota? — Sua voz esperançosa enviou uma pontada no meu peito.

— Ainda não. — Minha mandíbula flexionou. A análise forense não revelou nada. — Mas nós vamos encontrá-lo. Não se preocupe.

Inclinei a cabeça em direção ao sofá e esperei até que Stella estivesse sentada antes de começar a trabalhar. — Você disse que ontem à noite não foi a primeira vez que você recebeu tal nota. Diga-me o que aconteceu antes.

Para rastrear o idiota, eu precisava de tanta informação quanto possível. Informação era ouro, e agora, eu estava no escuro.

— Não deixe nada de fora — acrescentei. — Mesmo os menores detalhes podem ser importantes.

Stella torceu o colar em seu dedo, sua expressão distraída. Várias batidas se passaram antes que ela finalmente falasse.

— Começou há dois anos — disse ela em voz baixa. — Cheguei em casa um dia e encontrei a primeira carta na minha caixa de correio. Era principalmente sobre o quão bonita a pessoa achava que eu era e como ele gostaria de me levar para um encontro. Fiquei apavorada que ele soubesse onde eu morava, mas o conteúdo não era particularmente alarmante. Parecia algo que um colegial escreveria para sua paixão secreta. Mas as cartas continuavam chegando, e ele começou a incluir fotos minhas junto com elas. Foi quando eu *realmente*

me assustei. Instalei um novo sistema de segurança e comprei um taser, mas ainda não sentia que era suficiente. Toda vez que eu saía ou entrava na minha casa, eu...

Um pequeno corte interrompeu as linhas delicadas de sua garganta. — Eu estava morando com Jules na época, o que ajudou um pouco. Mas eu também estava preocupada com ela ser pega no fogo cruzado se alguma coisa acontecesse. Eu contei a ela sobre as notas e ela insistiu que fôssemos à polícia, mas eles ignoraram a coisa toda. Eles basicamente me disseram para parar de postar tanto sobre minha vida e paradeiro nas mídias sociais se eu não quisesse que idiotas me procurassem.

Sua voz diminuía a cada palavra, assim como sua postura até que ela estava enrolada em posição fetal sentada.

Eu não precisava ser um leitor de mentes para ler o subtexto.

Uma parte dela achava que aqueles bastardos tinham razão.

— Eles disseram isso? — Minha resposta suave desmentiu a queimadura fria de raiva invadindo minhas veias.

Era hora de fazer uma ligação para o superintendente-chefe.

— O perseguidor parou logo depois, então acho que não importa. — Stella apertou mais o colar no dedo.

— Isto é importante. A polícia tinha um trabalho e não o fez. — Meus músculos se apertaram com a incerteza em seus olhos. — O que eles disseram foi besteira. Não é sua culpa. Milhões de pessoas postam a porra toda do que fazem nas redes sociais todos os dias. Isso não significa que eles estão convidando as pessoas para assediá-los. Você culparia uma mulher por ser agredida se ela estivesse usando uma saia

curta?

Ela se encolheu. — Claro que *não*.

— Exatamente. As pessoas fazem suas próprias escolhas. Você tem o direito de viver sua vida como quiser, sem se preocupar com idiotas que não conseguem conter seus piores impulsos.

— Eu sei. Eu só... — Stella hesitou, então balançou a cabeça. — Eu sei.

Ela ficou quieta por um momento antes de me dar um sorriso hesitante que descongelou um pouco do gelo no meu sangue. — Isso foi o máximo que ouvi você xingar desde que nos conhecemos.

Uma risada curta passou pela fúria esmaecida no meu peito e no ar.

— Às vezes, a situação exige isso. — Eu estendi meu braço. — Venha aqui, Butterfly.

Eu não gostava de confortar as pessoas quase tanto quanto não gostava de tê-las em meu espaço pessoal, mas considerando tudo o que ela passou, eu poderia quebrar minhas regras desta vez.

E todas as vezes que você quebrou as regras por ela, uma voz dentro da minha cabeça provocou. O que aconteceu com ficar longe dela? Hum?

Enfiei a voz em uma caixa de metal nos recessos mais escuros da minha mente e fechei a tampa.

Bastardo presunçoso.

Depois de uma breve hesitação, Stella se aproximou até que eu pudesse puxá-la para o meu colo. Ela não resistiu, e o calor deslizou pela minha pele enquanto eu passava o polegar

sobre a linha elegante de sua mandíbula.

— Você ainda tem as cartas de dois anos atrás? — perguntei.

Quanto mais provas físicas eu tivesse, melhor.

Ela assentiu. — Elas estão no meu quarto. Eu posso pegá-las.

— Bom. Eu vou pegá-las mais tarde. — Eu ainda não estava pronto para deixá-la ir. Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém se sentou no meu colo, mas a sensação era estranhamente calmante.

— Eu odeio isso. — A voz de Stella caiu para um sussurro. — Eu odeio me sentir impotente. Eu gostaria de *saber* o que ele quer. Ele está sempre falando sobre o que ele... o que ele gostaria de fazer comigo, mas até onde eu sei, ele nunca se aproximou de mim. Nenhum dos caras que deram em cima de mim parecem capazes de perseguir e assediar, mas acho que nunca sabemos. — Um pequeno tremor percorreu sua espinha. — Ele se foi por anos, e agora ele está de volta. Por quê?

Para isso eu tinha uma resposta. — Por minha causa. Olhe para o sincronismo — eu disse em resposta à sua confusão visível. — Você postou uma foto nossa nas redes sociais – sua primeira vez anunciando oficialmente um namorado. Alguns dias depois, ele envia uma nota dizendo que você deveria ter esperado por ele. Não sei para onde ele foi nos últimos dois anos, mas é óbvio que nosso relacionamento o desencadeou.

A explicação mais simples geralmente era a correta, e a sequência de eventos se alinhava perfeitamente demais para ser uma coincidência.

— Oh, Deus. — O rosto de Stella perdeu a cor. — Isso significa que eu deveria parar de postar sobre nós? E se da próxima vez ele aumentar as coisas?

— Não — falei com firmeza. — Vamos aumentar sua segurança, mas precisamos de novos posts para atraí-lo. Quanto mais cedo o encontrarmos, mais cedo poderemos colocar o bastardo atrás das grades. — *Ou seis pés do chão.* — Confie em mim. — Eu descansei uma mão tranquilizadora em suas costas mesmo quando meus músculos se contraíram com o pensamento de *alguém* a ameaçando. — Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Nem mesmo se eu tivesse que levar um tiro.

— Certo. Isso faz sentido. — Stella respirou fundo antes de outra carranca tocar seu rosto. — E se...

Eu esperei, a curiosidade aumentando com a cor crescente em suas bochechas.

— E se ele vier atrás de você e você se machucar?

Um fogo acendeu em meu peito, tão repentino e inesperado que teria me deixado de joelhos se eu estivesse de pé.

Meu pulso batia com o calor desconhecido correndo pelas minhas veias, mas mantive meu rosto impassível enquanto enrolava uma mão em volta de seu pescoço.

— Eu posso cuidar de mim mesmo, mas sua preocupação está devidamente registrada. — Minhas palavras se alongaram em um sotaque. — Eu não sabia que você se importava tanto com a minha segurança.

— Eu não me *importo*. Quero dizer, eu me importo, mas eu... você sabe o que quero dizer.

— Eu não tenho certeza se eu sei.

Eu segurei uma risada com seu adorável grunhido de frustração. — Você é *insuportável*.

— Já fui chamado de pior.

Stella estava sentada de lado no meu colo, tão perto que eu podia contar cada cílio emoldurando aqueles lindos olhos verdes e localizar a pequena pinta atrás de seu ombro direito.

Calor, luz e graça, tudo embrulhado em um pacote perfeito e bem ali para eu levar.

O desejo corria em minhas veias, mas eu o forcei a se afastar. Apesar de nossas brincadeiras, os músculos de Stella permaneceram tensos, e seus lábios estavam em carne viva de tanto que ela os estava mordendo.

Ela não estava tão calma quanto fingia estar.

Nossa bússola moral apontava em direções diferentes, mas nós dois usávamos máscaras para proteger nossa verdadeira natureza do mundo.

A única diferença eram nossos motivos por trás do engano e das mentiras que contávamos a nós mesmos.

Stella ergueu o queixo. — Tenho certeza de que você já foi chamado de todo tipo de coisa, mas você não é tão assustador quanto gostaria que as pessoas pensassem que é Christian Harper.

Meus olhos se estreitaram. — Não?

— Você baixou meu aluguel, concordou em ser meu namorado falso e está me ajudando a encontrar o perseguidor de graça. Essas não são as ações de alguém sem coração.

Se ela soubesse.

— Eu não os fiz por puro altruísmo.

— Talvez não os dois primeiros, mas o que você está ganhando ao me ajudar com o perseguidor? — ela desafiou.

— O mundo pensa que você é minha namorada. Não pode ter nada acontecendo com você ou ficaria ruim para mim. — A

mentira escapou tão facilmente da minha língua quanto meu próprio nome. — Afinal, sou o CEO de uma empresa de segurança.

Isso, e um mundo sem Stella nele não merecia existir.

Minha fome de montar seu quebra-cabeça me amarrou à sanidade e alimentou a pequena parte de mim que ainda acreditava em bondade e humanidade.

Era a ordem do meu caos, a chama do meu gelo.

Sem isso, eu não estaria ancorado, e esse seria o maior perigo – tanto para mim quanto para as pessoas ao meu redor.

A dúvida surgiu nos olhos de Stella. — Esse é o único motivo? — Ela parecia menos segura do que um minuto atrás.

Minha mão parou em sua nuca.

O ar entre nós se esticou tanto que vibrou contra a minha pele, e a mudança repentina na atmosfera nos arrastou para um lugar onde não havia nenhum bilhete ameaçador, nenhum perseguidor e nenhum arranjo falso.

Havia apenas o peso dela no meu colo, o cheiro dela em meus pulmões e o calor dela em minha alma.

Era cru, real, e viciante *pra* caralho.

— Você quer que haja outro motivo? — Uma pergunta e um desafio, disfarçados por um manto de suavidade.

Os lábios de Stella se separaram com uma exalação suave e audível. Uma dúzia de palavras não ditas consumiram aquela única respiração, e eu queria guardar cada uma delas para mim, guardá-las perto do meu peito do jeito que um dragão guarda seu tesouro.

Mas em vez de me dar o golpe que eu tanto desejava, ela balançou a cabeça lentamente.

— Não minta para mim, Stella. — Esfreguei meu polegar sobre sua nuca em um movimento preguiçoso e lânguido.

O som dela engolindo preencheu o espaço entre nós.

Seus dentes cavaram em seu lábio inferior exuberante, e o desejo de puxar seu cabelo para trás e saquear a suavidade de sua boca me consumiu.

Apenas um gosto.

O raciocínio de um viciado desesperado por sua próxima dose.

Eu nunca a tinha provado – ainda –, mas imaginei que ela seria ainda mais doce do que na minha imaginação.

Nossas respirações trovejavam juntas em uma batida irregular.

Um gosto. Então eu poderia saciar essa fome incessante dentro de mim.

Um gosto, e...

Um toque afiado partiu o ar tenso ao meio e me deixou com uma chicotada.

Os olhos de Stella se arregalaram um pouco antes que ela saísse do meu colo como se eu tivesse pegado fogo de repente.

Droga.

A irritação solidificou-se no meu peito com a interrupção enquanto eu me levantava e atendia a ligação. Caminhei até o canto da sala e virei as costas para que ela não pudesse ver o desgosto escurecendo meu rosto.

— É melhor que isso seja importante.

— E é. Tenho informações de que Rutledge pode pular do navio para a Sentinel. — Kage não perdeu tempo fazendo

rodeios. — Não é bom, porra, especialmente depois da situação de Deacon e Beatrix. As pessoas vão falar.

Minha irritação se intensificou.

Ao contrário de Deacon e Beatrix, Rutledge era uma de nossas maiores contas. Perdê-lo seria inaceitável.

— Explique.

Mudei de marcha para o modo de negócios enquanto Kage expunha o que tinha ouvido. O mundo da segurança executiva era pequeno, e podia-se aprender muito se tivesse olhos e ouvidos nos lugares certos.

— Ainda não está confirmado — disse ele depois de terminar. — Mas imaginei que você gostaria de saber. Se ele sair...

— Ele não vai. — A saída de Rutledge não seria um golpe fatal, mas faria a Harper Security parecer fraca. E em meus círculos, mostrar fraqueza era como derramar sangue em uma piscina de tubarões. — Vou conversar com ele. Enquanto isso, fique de olho na Sentinel. Eu quero saber se alguém na equipe sequer espirrar.

Eles estavam tramando algo. Uma vez foi sorte e duas vezes coincidência, mas três vezes? Esse era um padrão, e não um que eu particularmente gostasse.

— Entendido — Kage disse.

Desliguei, minha mente já trabalhando nas implicações de perder outra conta para a Sentinel. Eu não faria, é claro. Eu conhecia Rutledge bem, incluindo seus pontos fracos. Mas eu sempre gostei de ter um plano B para o caso de tudo dar errado.

Um dia desses, eu teria que cuidar da Sentinel para sempre.

Deveria ter exterminado todo o maldito sistema deles como eu queria.

Daria mais trabalho, mas eu poderia esconder meus rastros bem o suficiente para que ninguém pudesse me identificar como o culpado.

— Está tudo bem? — A voz de Stella me tirou de minhas reflexões. — Isso soou intenso.

— Sim. — Eu suavizei minha expressão em serenidade antes de me virar. — Apenas um contratempo no trabalho. Nada importante.

Se eu estivesse sozinho, já teria colocado as peças para a morte da Sentinel em movimento. Como não estava, e estava com Stella, deixei essas peças de lado.

Por enquanto.

— Espero que você não esteja planejando a ruína de um concorrente — disse ela solenemente. — Isso seria um pouco pesado para uma noite de sexta-feira.

Eu quase sorri, porque ela tinha acertado em cheio, e porque vi um vislumbre de seu brilho habitual em seus olhos.

Ela recuperou a compostura durante a minha ligação. O rosado se dissipou de suas bochechas, e ela estava enrolada no sofá ao lado daquele unicórnio roxo estúpido com uma leve curva de seus lábios.

— Não se preocupe. Mantenho a destruição no horário comercial, de segunda a sexta-feira. — Eu levantei uma sobrancelha para a travessura em seu sorriso crescente. — Importa-se de compartilhar a piada?

O brilho em seus olhos se iluminou. — Verifique meus Stories.

— Não tenho redes sociais. — A mentira saiu da minha língua, embora tecnicamente não fosse mentira.

Christian Harper não tinha redes sociais; CP612 tinha.

— Mesmo? — Stella balançou a cabeça. — Nós vamos ter que consertar isso, mas por enquanto... — Ela digitou algo em seu telefone. — Verifique suas mensagens.

Abri a mensagem dela e tive que piscar duas vezes para ter certeza de que estava vendo corretamente.

Ela enviou uma captura de tela de uma enquete do Stories. Uma foto minha, de costas e com o telefone no ouvido, ocupando o lado esquerdo da tela; um familiar unicórnio roxo dominava o lado direito.

A pergunta era simples: Com quem você preferiria se aconchegar? Sr. Harper ou Sr. Unicórnio?

— Você está perdendo, a propósito — disse Stella. — Sr. Unicórnio está vencendo você de cinquenta e três a quarenta e sete por cento.

Olhei para ela, certo de que estava ouvindo errado e que ela não teve a porra da audácia de me colocar contra um bicho de pelúcia esfarrapado com um olho torto em alguma pesquisa de mídia social absurda.

Eu também tinha certeza de que não poderia estar *perdendo* para aquele bicho de pelúcia.

— A enquete deve estar quebrada porque isso é ridículo. — Tentei não soar tão insultado quanto me sentia.

— Não está, mas você tem vinte e três horas e cinquenta e um minutos para recuperar o atraso. — O sorriso de Stella diminuiu, e um toque de nervosismo ressurgiu em seus olhos. — Atraí-lo com mais posts, certo?

Seu perseguidor.

Ela podia não estar disposta a admitir a atração entre nós, mas ela confiava em mim o suficiente para aceitar minha recomendação implicitamente.

Eu culpei a dor passageira no meu peito como azia. Meu médico ia ter as mãos cheias durante o nosso próximo check-up.

— Isso mesmo. E só para constar... — Eu bati na tela do meu telefone. — Você precisa de seguidores com melhor gosto se eles estão escolhendo um unicórnio em vez de mim. Estou usando Brioni, pelo amor de Deus.

A risada de Stella finalmente tirou um sorriso de mim.

Apesar do que aconteceu duas noites atrás, sua luz ainda brilhava, e ela era mais resiliente do que muitas pessoas, inclusive eu, lhe davam crédito.

Essa é minha garota.

14

Stella

25 de março

Já faz um mês desde o meu jantar com a Delamonte, e eu não ouvi um pio deles sobre a seleção de embaixadores da marca. Brady me garante que eles vão escolher em breve, mas ele vem dizendo isso há semanas. Neste ponto, estou convencida de que não consegui.

Pelo lado positivo, ainda estou ganhando seguidores e recebi duas novas ofertas de marcas na semana passada. Eles não pagam tanto quanto a Delamonte pagaria, mas cada coisa conta. Além disso, estou quase com 930 mil seguidores, o que é selvagem e um pouco deprimente. Acontece que tudo que eu precisava fazer era arrumar um namorado para ser mais interessante [suspiro].

Falando nisso... postei outra foto de Christian outro dia. A mesma que eu tirei dele quando estava em sua ligação (ele ainda não superou a derrota para um unicórnio na minha enquete. Eu disse que ele teria ganhado se ele tivesse mostrado a cara dele, o que foi tão bom quanto você esperaria). Não é meu trabalho mais criativo, mas ainda estou nervosa com meu perseguidor vendo uma foto nossa juntos e aparecendo.

Eu sei que Christian disse que precisamos atraí-lo, o que faz sentido. E confio nele para me manter segura. Eu dei a ele as cartas antigas do perseguidor e sua equipe está... fazendo o que quer que as pessoas de segurança façam com notas anônimas assustadoras.

Ainda assim, tenho um mau pressentimento de que tudo isso

pode dar errado muito rapidamente.

Eu não quero deixar a situação do stalker governar minha vida, e eu não vou.

Mas... vou ficar no meu apartamento e trabalhar no meu blog até receber uma atualização de Christian. Apenas no caso.

É melhor ficar segura do que me lamentar.

Gratidão diária:

1. *Entregas de comida/mercearia*
2. *Lindas roupas de dormir*
3. *Segurança do edifício*

* * *

— Vista-se. Estamos partindo em uma hora.

Fiquei boquiaberta com Christian, que estava na minha porta em uma camisa preta e jeans escuros. Foi a primeira vez que o vi em qualquer outra coisa que não um terno, e o efeito foi igualmente devastador de uma maneira completamente diferente.

— Com licença? — Tentei não olhar para a forma como sua camisa estava esticada sobre seus ombros largos e braços musculosos.

— Nós estamos partindo em uma hora — ele repetiu. — Há uma inauguração de uma galeria de arte que eu preciso ir. O código de vestimenta é casual elegante. Presumo que você possua uma roupa apropriada.

Eu estava vestindo um moletom curto e shorts. As chances de alguém me arrastar para fora do meu apartamento quando eu já tinha colocado minha roupa de dormir eram quase zero.

— Isso não estava em nosso calendário e estou ocupada. — Mantive minha mão na maçaneta, impedindo-o de entrar.

Ele não podia simplesmente aparecer e exigir que eu fosse a algum lugar com ele no último minuto. Eu precisava de tempo para me preparar mentalmente para passeios que envolviam extensa socialização com estranhos.

Christian me fixou com um olhar duvidoso. — Sim, você parece positivamente inundada com... — Seu olhar passou por cima do meu ombro, e minha pele aqueceu quando me lembrei do que ele encontraria. Uma caneca de Ben & Jerry's, *"O Diabo Veste Prada"* na tela e os restos de uma salada para viagem. — Lactose e tirania de revistas de moda. Já sente falta do seu antigo emprego?

— Eu assisto pelas roupas. — Apertei a maçaneta para ter força. — Sinto muito, mas da próxima vez que você quiser que eu o acompanhe a um evento, avise-me com mais de uma hora de antecedência.

Christian parecia imperturbável com a minha sugestão. — Eu não sabia que Richard Wyatt estaria na abertura até trinta minutos atrás.

Wyatt. O cliente que ele esperava conseguir no evento de arrecadação de fundos. — Achei que você já tinha fechado o negócio.

— Noventa por cento. Ele voltou com preocupações depois de revisar o contrato, e eu prefiro abordá-las pessoalmente hoje à noite. — Suas sobrancelhas baixaram com aprovação. — Quando foi a última vez que você saiu do seu apartamento? Você está murchando.

Minha boca se abriu em choque com a grosseria de seu comentário. — Eu não estou *murchando.* Estou apenas... hibernando.

Murchar era uma palavra usada para descrever plantas moribundas, não um ser humano saudável. Eu nunca tinha sido mais insultada, embora ele não estivesse totalmente errado.

Eu só saí do meu apartamento uma vez na semana passada, e isso foi para verificar as plantas de Christian. Tínhamos superado nossa discussão em seu escritório na semana passada, e eu tinha a chave de sua casa e minhas responsabilidades de regar de volta.

Eu estava sobrevivendo com smoothies e entregas de comida, o que não era bom para minha carteira *ou* cintura, e minha pele ansiava pelo calor natural do sol.

Mas toda vez que eu tentava sair, minha mente girava para a nota e todos os lugares que meu perseguidor poderia ter chegado até mim.

Esgotei a explosão de coragem que obtive na manhã seguinte ao encontro do bilhete e não tinha ideia de como reabastecê-lo.

— Chame como quiser. O resultado é o mesmo — disse Christian, claramente não impressionado com o meu eufemismo. — Cinquenta minutos para ficar pronta.

— Eu não vou.

— Quarenta e nove minutos e cinquenta e sete segundos.

— Nada mudou nos últimos três segundos. Eu. Não. Vou.

— Este foi o nosso acordo. — Sua voz fria enviou uma onda de indignação pela minha nuca. — Você me acompanha a eventos; eu poso em suas fotos e ajo como seu namorado. Você

não quer cortar o ímpeto quando está indo tão bem, quer?

Ele estava certo, mas isso não significava que eu apreciava Christian me dizendo o que fazer.

— Você está me *chantageando*?

Seu sorriso era todo charme preguiçoso e divertido. — Não chantageando. Persuadindo.

Agora ele gostava de eufemismos.

— A mesma coisa no seu mundo.

— Você está aprendendo. — Christian bateu no mostrador de seu relógio. — Quarenta e quatro minutos.

Nossos olhos se chocaram em uma batalha de desafio contra indiferença.

Eu não tinha vontade de sair do meu apartamento. Eu poderia viver aqui para o resto da minha vida e ser feliz. Era seguro, tranquilo e totalmente equipado com filmes, sorvete e internet. O que mais uma garota poderia querer?

Companhia humana. Brilho do sol. Uma vida, uma voz sussurrou.

Eu cerrei os dentes. *Cale-se.*

Obrigue-me. Eu praticamente podia ver a voz desencarnada mostrando a língua.

Discutindo comigo mesma e soando como uma aluna da quinta série. Isso tinha que ser um novo ponto baixo.

— Quarenta e dois minutos, Stella. — Os olhos de Christian piscaram com o brilho suave do perigo crescente. — Eu tenho um negócio para fechar, então se você insistir em se esconder como uma eremita assustada, diga-me agora para que eu possa encerrar nosso acordo.

Eremita assustada. As palavras deslizaram pela minha espinha como uma provocação.

Era assim que ele me via? Era isso que eu *era*? Alguém tão desconcertada por *um* bilhete anônimo que deixei que isso governasse minha vida?

Onde estava a garota da manhã seguinte, aquela que saiu de casa e jurou não deixar o medo vencer?

Ela era tão efêmera quanto a chuva da manhã e sonhos de perfeição. Sempre lutando para viver e sempre morrendo pela lâmina da minha ansiedade.

A maçaneta escorregou contra minha mão.

— Certo. — A palavra correu antes que eu pudesse mudar de ideia. — Eu irei.

Apenas para provar que eu não era tão fraca quanto o mundo pensava que eu era.

Nenhum sorriso, mas o brilho do perigo diminuiu até que meras brasas permaneceram. — Bom. Quarenta minutos.

Meus lábios se apertaram. — Você é, sem dúvida, o cronômetro de contagem regressiva mais insuportável que já existiu.

A risada de Christian me seguiu até o meu quarto, onde eu vasculhei meu armário antes de escolher uma blusa de seda sob um blazer, jeans e sapatilhas de veludo.

A apreensão rasgou meus nervos, mas mantive minha expressão neutra quando entrei novamente na sala de estar.

Tranquila, calma, controlada.

Christian não disse uma palavra quando me viu, mas seu olhar pressionou contra o meu corpo de uma forma que me aqueceu de dentro para fora.

Fomos para a galeria em silêncio, exceto pela suave música clássica que soava nos alto-falantes. Fiquei grata por ele não tentar puxar conversa. Eu precisava reunir todas as minhas energias para sair à noite quando meu corpo já estava em modo de *relaxamento em casa*.

Meus nervos se intensificaram quando a galeria apareceu.

Estou bem. Você está bem. Estamos bem.

Eu estava com Christian, e meu perseguidor não me atacaria no meio de uma festa pública.

Estou bem. Você está bem. Estamos bem, repeti.

Por sorte, a abertura da galeria estava menos cheia do que a arrecadação de fundos. Havia três dúzias de convidados no máximo, abrangendo uma mistura de tipos criativos e da alta sociedade. Eles perambulavam pelo espaço branco austero, conversando baixinho sobre taças de champanhe.

Christian e eu circulamos pela sala, conversando sobre tudo, desde o clima até a estação das flores de cerejeira. Eu participei onde pude, mas ao contrário da arrecadação de fundos, deixei que ele liderasse.

Eu estava cansada demais para ser espirituosa e charmosa, embora fosse *bom* estar em público novamente pela primeira vez em uma semana.

Fiquei ao lado de Christian até Wyatt chegar com sua esposa.

— Você faz o que tem que fazer — eu falei. — Vou conferir o resto da exposição.

Não havia como ouvi-los falar de negócios sem adormecer.

— Interrompa-me se precisar de mim. — Christian me nivelou com um olhar sombrio. — Estou falando sério, Stella.

— Eu vou. — *Eu não vou.* O pensamento de interromper alguém no meio da conversa me dava urticária. Era estranho e rude e eu preferia me jogar em uma piscina de gelo no auge do inverno.

Enquanto ele falava com Wyatt, percorri a exposição uma peça de cada vez. O artista Morten (somente o primeiro nome) especializou-se em realismo abstrato. Suas pinturas eram exuberantes, às vezes assustadoras, e sempre belas. Arrojados traços de cor representavam as emoções mais sombrias: raiva, inveja, culpa, desamparo.

Parei em frente a uma tela meio escondida no canto. Nela, uma linda jovem olhava para o lado com uma expressão melancólica. Seu rosto era tão realista que poderia ter sido uma fotografia se não fossem as listras de cor escorrendo por suas bochechas e em seu torso abstrato. As listras se fundiram em uma poça escura de água na parte inferior da pintura, enquanto seu cabelo preto se enrolava em seu rosto e se desvanecia em uma versão do céu noturno.

A peça não era tão grande ou chamativa quanto as outras pinturas, mas algo sobre ela puxou minha alma. Talvez fosse o olhar em seus olhos, como se ela estivesse sonhando com um paraíso que ela sabia que nunca alcançaria. Ou talvez fosse a melancolia de tudo isso – a sensação de que, apesar de sua beleza, sua vida era mais dias escuros e noites solitárias do que arco-íris e sol.

— Você gosta deste. — A voz de Christian me tirou do meu devaneio.

Eu estava olhando para a pintura por tanto tempo que não tinha percebido que ele havia terminado sua conversa com Wyatt.

Eu não me virei, mas o calor de seu corpo envolveu o meu ao mesmo tempo que arrepios apimentaram meus braços. Era

um paradoxo, muito parecido com o homem atrás de mim.

— A menina. Eu... — *Identifiquei-me com ela.* — Acho que ela é linda.

— Ela é. — A queda suave e significativa em sua voz me fez questionar se ele estava falando sobre a pintura ou qualquer outra coisa.

Uma semente de consciência floresceu com a perspectiva, e só cresceu quando ele descansou a mão no meu quadril. Era tão leve que era mais uma promessa do que um toque, mas me emocionou do mesmo jeito.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que desejei o toque de um cara.

— Você fechou o negócio? — A pegada na minha voz soou dolorosamente óbvia neste canto tranquilo onde nada existia, exceto calor, eletricidade e antecipação.

As luzes brilhantes diminuíram, então desapareceram na escuridão quando meus olhos se fecharam no deslizamento lento da mão de Christian na curva do meu quadril e na minha cintura.

Seu suave estrondo de satisfação vibrou pelo meu corpo e se estabeleceu no meu núcleo.

— Sim. — Ele roçou o outro lado da minha cintura com a mão antes que ela também descansasse contra o meu lado.

Eu não deveria ter fechado meus olhos. Na ausência de distração visual, ele me *consumia*. Meu mundo se estreitou com o peso de suas mãos na minha pele, o cheiro dele em meus pulmões e a carícia aveludada de suas palavras enquanto desciam pelo meu pescoço, sobre meus seios doloridos e para a necessidade pulsante entre minhas coxas.

Minha irritação anterior em relação a ele desapareceu,

substituída por um desejo tão feroz e inesperado que me deixou sem fôlego.

— Você ainda está pensando na pintura, Stella? — Sabendo que a diversão se aprofundou em algo mais sombrio, mais perverso.

O roçar da boca de Christian contra o meu pescoço enviou outra onda de arrepios espalhando pela minha pele.

Um gemido suave subiu na minha garganta e explodiu, espontaneamente, no ar espesso e lânguido.

A mortificação corou minha pele, mas isso também evaporou quando ele deslizou a mão da minha cintura para o meu estômago. Seus dedos rasparam a seda do meu top, logo abaixo do meu esterno até logo acima do meu jeans.

Os pulsos de desejo se intensificaram, tão duros e insistentes que minhas coxas se apertaram em uma tentativa de aliviar minha necessidade.

Só piorou.

Eu estava a segundos de me desfazer, e Christian mal tinha me tocado.

Um arrepio percorreu minha espinha ao pensar no que ele poderia fazer se realmente tentasse.

A curva de seus lábios marcou meu pescoço com satisfação masculina. — Vou tomar isso como um não. — Ele mergulhou o polegar, muito brevemente, no pequeno espaço entre a minha barriga e o cós da minha calça jeans.

— Abra os olhos, Stella. O fotógrafo está observando.

Meus olhos se abriram assim que ouvi o clique distinto do obturador de uma câmera.

O fotógrafo do evento.

O som veio da minha esquerda, o que significava que o ângulo era perfeito para capturar um momento de casal íntimo entre mim e Christian sem mostrar o rosto de Christian, que estava enterrado no lado direito do meu pescoço.

Um balde gelado de realização apagou o fogo no meu sangue.

Isso não era real. *Nada* disso era real, não importava quão bom ator Christian fosse.

Isso era negócio, e eu faria bem em me lembrar disso.

Eu o tirei de cima de mim e finalmente me virei para encará-lo.

— Bom trabalho. — Eu alisei a minha frente, tentando limpar a memória persistente de seu toque. — Essa foi a configuração perfeita. Você acha que o fotógrafo vai me deixar postar a foto? Com crédito, é claro.

Os olhos de Christian se estreitaram. Um leve rubor coloriu suas maçãs do rosto esculpidas, mas uma frieza sardônica enlaçou sua resposta.

— Tenho certeza que ele vai.

— Perfeito.

Um silêncio constrangedor encheu o ar previamente carregado antes que seu olhar voltasse para a pintura por cima do meu ombro. — Você não gosta só porque é bonita.

Não era uma pergunta, mas me parabenizei com a mudança de tópico. Era mais seguro do que o que havia acontecido entre nós alguns minutos atrás.

Agora, a mulher sem fôlego, movida pela luxúria que derreteu sob um simples toque parecia um sonho febril que deu errado.

Eu não perdia a cabeça por causa dos homens. Eu não pensava em suas mãos em mim ou me perguntava qual seria o sabor de seus beijos.

— É a peça que mais fala comigo — falei depois de uma breve hesitação.

Eu sofria demais pela mulher na pintura para a considerasse uma favorita, mas me fascinava de uma forma que poucas coisas faziam. Era como se o artista tivesse rastejado dentro da minha mente e jogado meus medos na tela para todos verem.

O resultado foi igualmente libertador e aterrorizante.

— Interessante. — O tom de Christian era ilegível.

— E você? Qual é a sua peça favorita? — O gosto de uma pessoa por arte revelava muito sobre ela, mas ele não havia demonstrado mais do que um interesse superficial pelas obras da galeria.

— Eu não tenho uma.

— Tem que haver *uma* que você goste mais do que as outras. — Eu tentei novamente.

Seu olhar poderia ter congelado o interior de um vulcão.

— Eu não sou um entusiasta da arte, Stella. Estou aqui apenas a negócios e não tenho vontade de perder tempo atribuindo preferências a objetos que não significam nada para mim.

Está bem então. Eu tinha atingido um nervo, embora não tivesse ideia de qual.

Christian não era uma pessoa expressiva por natureza, mas eu nunca o tinha visto desligar tão rápido. Todos os traços de emoção haviam desaparecido de seu rosto, deixando apenas

o vazio praticado para trás.

— Desculpe. Eu não sabia que arte era um assunto tão delicado — eu disse, esperando aquecer o frio repentino no ar. — A maioria ama.

No mínimo, eles não odiavam.

— A maioria das pessoas *ama* um monte de coisas. — O tom de Christian disse tudo o que ele precisava dizer sobre seus pensamentos sobre o assunto. — A palavra não tem significado.

Não se preocupe, Srta. Alonso. Eu não acredito no amor.

Suas palavras da noite do nosso acordo flutuaram em minha mente.

Havia uma história ali, mas extrair sangue de pedra seria mais fácil do que arrancar essa história dele esta noite.

— Não é um entusiasta da arte ou do amor. Anotado.

Eu não olhei para outra peça, e Christian não falou com mais ninguém. Em vez disso, caminhamos em direção à saída, vinculados por um acordo tácito de que era hora de encerrar a noite.

Não foi até que saímos que seus ombros relaxaram.

Ele inclinou um olhar de soslaio para mim durante nossa caminhada até seu carro. — É bom sair de casa, não é?

Eu chupei uma lufada de ar frio e fresco e inclinei minha cabeça para o céu. A lua alta e brilhante banhando o mundo em magia prateada.

A noite espreitava com perigos, mas essas sombras pareciam desaparecer sempre que Christian estava por perto.

Mesmo quando ele estava mal-humorado e espinhoso, ele

era uma fonte de segurança.

— Sim — eu disse. — É.

15

Stella

Apesar da minha relutância em comparecer à inauguração da galeria de arte na semana passada, isso quebrou minha proibição autoimposta de não sair de casa.

Eu também não tinha ouvido um pio do meu perseguidor desde a primeira nota, o que ajudou. Quando chegou na quarta-feira seguinte, eu tinha relaxado o suficiente para me aventurar em público sozinha novamente.

Essa era a coisa sobre os humanos. Estávamos programados para a sobrevivência e aproveitamos todas as oportunidades para nos convencer de que nossos problemas não eram tão ruins quanto pensávamos.

Esperança e negação. Dois lados da mesma moeda. Elas nos impediam de cair em um poço de desespero, mesmo nos momentos mais sombrios.

Visitei Maura, comprei mantimentos e encontrei Lilah para um café, onde extrai suas ideias de tudo relacionado ao design de moda.

A única pessoa que não vi foi Christian, que estava ocupado com o trabalho. Pelo menos, foi o que ele disse. Talvez ele estivesse tão desconcertado com nossa interação na galeria quanto eu.

Meu lápis parou na memória. A aspereza de sua voz, o cheiro inebriante de couro e especiarias, a forma como seu toque queimou minhas roupas e minha pele...

A inquietação floresceu em meu peito.

Eu me mexi no meu assento e balancei minha cabeça antes de canalizar o zumbido incessante para a tarefa em mãos – uma pilha de esboços de moda inacabados que eu tinha desenterrado das profundezas da minha gaveta depois do meu encontro com Lilah.

Eu colecionei dezenas deles ao longo dos anos. Comecei cada um com a intenção de terminar e o tornar *a* peça que lançaria minha marca, mas, inevitavelmente, a insegurança e a síndrome do impostor bateram, e eu o abandonei por outra sessão de fotos ou um post no blog. Coisas nas quais eu *sabia* que era boa e que tinham um histórico de sucesso.

Mas não desta vez.

Tentar e falhar é melhor do que não tentar.

As palavras de Lilah em nosso encontro me assombraram. Foi a primeira vez que alguém me disse que não havia *problema* em falhar.

O fracasso não tinha sido uma opção enquanto crescia. Era 10 ou nada. Uma vez, eu fiquei tão ansiosa com uma nota 8,5 que tirei em uma prova de matemática que tive urticária e tive que ir à enfermaria.

Thayer não estava muito melhor; a escola fervilhava de superdotados do tipo nota 10. Quanto à *D.C. Style* ... bem, veja o que aconteceu da última vez que cometi um erro.

Mas eu não morava mais em casa, não estava na faculdade e não trabalhava para ninguém além de mim mesma.

Eu podia fazer o que quisesse, especialmente com os acordos de parceria que estava conseguindo agora.

Eu não *queria* falhar, mas a ideia de que eu *poderia* sem que o mundo acabasse desencadeou minha criatividade.

Eu estava presa na última vez que tentei esboçar, traçando e refazendo as mesmas linhas até que joguei a coisa toda de lado por frustração.

Agora, meu lápis voava sobre a página enquanto eu detalhava os padrões de renda de uma blusa e a silhueta elegante de um vestido de noite.

Era um tipo diferente de saída criativa do meu blog e mídia social.

Aqueles, eu fazia para outras pessoas.

Isso, eu fazia por mim.

Eu adorava moda desde que coloquei uma cópia da *Vogue* da minha mãe no meu quarto aos oito anos. Não eram apenas as roupas em si; era a maneira como elas transformavam o usuário em quem eles queriam ser.

Uma princesa etérea, um CEO glamoroso, um roqueiro foda ou um ícone vintage. Nada estava fora dos limites.

Em uma casa onde as regras eram rígidas e o caminho para o sucesso era direto pela Ivy League em direção a qualquer uma das doze carreiras *aceitáveis*, o mundo caótico e colorido da moda me chamava como um canto de sereia no escuro.

Terminei meu primeiro esboço e passei para o segundo.

Uma pequena semente de orgulho brotou a cada esboço que eu completei. Para os outros, eram apenas desenhos, mas para mim, eram prova de perseverança depois de anos me segurando.

Às vezes, a vitória era tão simples quanto terminar.

Eu estava tão absorta no meu trabalho que não percebi quanto tempo havia passado até que meu estômago roncou em

advertência.

Uma olhada no relógio me disse que já eram duas da tarde. Eu estava desenhando sem parar desde nove.

Parte de mim estava tentada a pular o almoço e continuar desenhando para não perder o ímpeto, mas me forcei a me trocar e pegar um pouco de comida na cafeteria ao lado do Mirage.

Já passava da hora do almoço, mas a pequena loja fervilhava de atividade.

Como não queria me aventurar mais para tomar chá com um sanduíche, tomei meu lugar atrás de uma mulher carrancuda em um terno cinza e esperei.

Por hábito, peguei meu telefone e entrei no meu perfil.

Minha última foto foi a que o fotógrafo tirou de mim e Christian na galeria de arte. Estava indo ainda melhor do que a nossa foto de estreia, e minha contagem de seguidores já estava em 950K. Nesse ritmo, eu atingiria a marca de um milhão de seguidores no verão.

Em vez de excitação com a perspectiva, tudo que eu conseguia focar era a imagem dos braços de Christian em volta de mim.

Nós parecíamos tanto um casal de verdade. Às vezes, como quando ele me confortou na noite em que encontrei o bilhete ou me puxou para seu colo depois que contei a ele sobre meu perseguidor, nos *sentíamos* como um casal de verdade.

Desconforto se contorceu através do meu intestino.

A situação do perseguidor havia sobrecarregado nosso acordo. Isso me conectou a Christian mais do que havíamos planejado originalmente, e eu…

Uma notificação de chamada recebida substituiu a nossa foto na minha tela.

Delamonte Nova York.

A respiração foi roubada dos meus pulmões, e todos os pensamentos de Christian caíram no esquecimento quando eu atendi a chamada.

— Alô? — Minha saudação calma ocultava meus nervos. Esperança espiou por trás da massa agitada, mas eu a forcei de volta para as sombras.

Eu não queria cultivar minhas esperanças apenas para ficar desapontada quando – *se* – a Delamonte me dissesse que eles estavam indo em uma direção diferente.

— Oi, Stella, aqui é Luisa da Delamonte. Como você está?

— Estou bem. Como você está? — Limpei minha mão livre contra o lado da minha coxa.

— Estou bem — disse Luisa. — Peço desculpas por ligar para você do nada, mas achei que seria uma boa continuação do e-mail que enviamos esta manhã.

Meu estômago revirou. Eu estava tão ocupada com meus esboços que não tinha checado meu e-mail desde que acordei.

Claro que o único dia em que não verifiquei obsessivamente foi o dia em que tinha uma mensagem importante esperando por mim.

— Eu não tenho certeza se você já o viu. Caso você não tenha... — Eu podia ouvir o sorriso na voz de Luisa. — Quero estender formalmente uma oferta para você ser a embaixadora da marca Delamonte no próximo ano. Não anunciamos oficialmente o processo de seleção porque queríamos escolher nossos candidatos ideais sem sermos inundados com propostas não solicitadas, mas depois de muita deliberação,

achamos que você seria uma adição maravilhosa à família Delamonte...

Um zumbido alto abafou o resto de suas palavras, e eu olhei cegamente para o menu do quadro-negro enquanto a fila avançava.

Estender formalmente uma oferta... embaixadora da marca Delamonte no próximo ano... fazer uma adição maravilhosa à família Delamonte...

Eu queria me beliscar, mas não estava pronta para voltar à realidade caso isso *fosse* um sonho.

A campanha significava uma tonelada de dinheiro, o que significava que eu poderia facilmente pagar pelos cuidados de Maura e financiar os custos iniciais de uma linha de moda, o que significava...

O zumbido alto da máquina de café me arrastou para fora dos meus pensamentos rápidos o suficiente para pegar o final da declaração de Luisa.

— ...veja o contrato e nos avise. O prazo para aceitação ou recusa é na próxima semana, então reserve um tempo para pensar sobre isso.

Não preciso pensar nisso! Eu vou aceitar!

— Muito obrigada. Eu vou pensar. — A parte lógica de mim sabia que eu não deveria concordar com nada sem ler as letras miúdas primeiro, mesmo que fosse para um negócio dos sonhos.

— Excelente — Luisa disse calorosamente. — Espero que possamos trabalhar juntas. Sua estética é o epítome da nossa marca, e sua conta está indo muito bem. Cinquenta mil novos seguidores em apenas algumas semanas! Isso é incrível. E... antes que eu diga isso, eu quero que você saiba que não teve nada a ver com a nossa decisão..., mas Christian sempre teve

um gosto requintado. Não estou surpresa que se estende à sua vida amorosa. Ele nunca teve uma namorada de verdade antes, então o fato de vocês estarem namorando é bastante revelador.

Meu sorriso escureceu. A culpa diminuiu as pequenas bolhas efervescentes de vertigem que estavam correndo pelas minhas veias até um segundo atrás.

Eu ganhei esses seguidores porque estava mentindo para o meu público. É claro não era uma mentira maliciosa, e não machucava ninguém, mas a culpa me comeu do mesmo jeito.

— Como eu disse, isso não teve nada a ver com a nossa decisão. Mas é um bônus. — Luisa pigarreou. — De qualquer forma, tenho que correr para uma reunião, mas dê uma olhada no contrato e discuta com Brady. Enviamos uma cópia para ele também, então nos deixe saber se você tiver alguma dúvida.

— Eu irei, obrigada. — Desliguei a tempo de fazer meu pedido. Finalmente cheguei à frente da fila, mas estava tão tonta que não estava mais com fome, então apenas pedi um chá e um croissant.

Quando voltei para o Mirage, afoguei minha culpa pelo meu relacionamento falso com justificativas e euforia por conseguir o acordo com a Delamonte.

Eu seria a nova embaixadora da marca. Eu, Stella Alonso, o rosto de uma das maiores marcas de luxo do mundo.

Não era apenas um acordo de seis dígitos, mas abriria portas para mais oportunidades do que eu poderia sonhar. Eu poderia aumentar minhas taxas básicas, network com...

A virada da minha maçaneta me fez cair de volta à terra.

Estava trancada, o que significava que tinha sido *destrancada* antes de eu colocar minha chave.

Minha alta evaporou, substituída por uma sensação

estranha de rastejar na parte de trás do meu pescoço.

Eu tinha noventa por cento de certeza de que tinha trancado a porta ao sair. Eu estava me lembrando errado? O Mirage nunca teve um arrombamento, mas...

Olhei ao redor do corredor vazio, a sensação estranha se intensificando. Peguei meu taser da minha bolsa antes de destrancar a porta e avançar pelo meu apartamento. Parte de mim se sentia ridícula; a outra parte gritava comigo em advertência.

Não encontrei nada de errado na sala de estar, cozinha, banheiro ou no antigo quarto de Jules. O único lugar que restava para verificar era o meu quarto.

Eu lentamente empurrei a porta.

No início, tudo parecia normal. Cama intocada, janelas fechadas, sem gavetas abertas ou móveis revirados.

Eu estava à beira de relaxar quando meu olhar se prendeu no item esperando por mim na minha mesa de cabeceira.

E eu gritei.

16

Christian

Luisa: Para você saber, sua garota conseguiu o acordo.

Olhei para o meu telefone, de repente mais interessado no texto de Luisa do que no resumo de Kage sobre a situação de Rutledge.

Eu disse a ela para me atualizar quando ela tomasse uma decisão final, e ela escolheu corretamente, como eu sabia que faria.

Meu único arrependimento foi não ver o rosto de Stella e a forma como seus olhos deviam ter se iluminado quando ela recebeu a notícia.

Teríamos que comemorar mais tarde – por causa das aparências, é claro, já que era isso que um casal de verdade faria. Talvez um jantar em Nova York ou um fim de semana em Paris...

— ...poderia manter a conta Rutledge, mas não sabemos se a Sentinel – Christian, você está me ouvindo? — Uma pitada de aborrecimento apareceu na voz de Kage.

— Sim. Mantivemos a conta Rutledge, a Sentinel tentará roubar mais de nossos clientes, e eles supostamente estão trabalhando em algo grande, mas ainda não sabemos o que é. Continue. — Olhei para cima, meu rosto endurecendo. — E não me questione novamente.

A boca de Kage se apertou, mas ele continuou como ordenado.

— Ainda estamos coletando informações sobre o projeto secreto da Sentinel, mas achamos...

Baixei os olhos de volta para o meu telefone e abri o perfil de Stella. Ela não tinha postado nada de novo nos últimos dias, então resolvi examinar nossa foto na galeria de arte.

Mesmo de lado, ela era uma visão.

Cachos escuros exuberantes, pele impecável e linhas longas e magras que transformavam até as roupas mais simples em uma obra-prima.

Algo puxou meu estômago com a memória de como ela se sentiu sob minhas mãos. Do jeito que o cheiro dela encheu meus pulmões quando eu enterrei meu rosto em seu pescoço e o pequeno engate em sua voz quando eu a toquei.

Ela parecia tão extasiada com aquela pintura que eu quase não quis interrompê-la, mas não pude evitar.

Tentar ficar longe dela era como o oceano tentando ficar longe da costa.

Impossível.

Esfreguei meu polegar sobre a tela do telefone enquanto Kage falava.

Na verdade, eu não precisava convencer Wyatt de nada na inauguração da galeria. Ele já havia concordado em contratar a Harper Security; precisávamos apenas assinar o contrato, o que eu poderia agendar em horário comercial.

Mas de acordo com Brock, Stella não tinha saído de casa desde o jantar em família, e ela precisava de um empurrão para sair. Ela brilhava demais para ficar presa por medo.

— Qual é a atualização mais recente sobre as verificações de antecedentes? — eu interrompi o que Kage estava dizendo

para focar no assunto mais importante em mãos: o perseguidor de Stella.

Como esperado, ele estava se escondendo e foi cuidadoso com todas as notas que enviou a ela. Elas eram todas irritantemente genéricas, sem um único fragmento de evidência física para nos apontar na direção certa.

Na ausência de novas evidências, fiz Kage reunir uma lista de todos na vida de Stella, incluindo antigos colegas de classe, colegas de trabalho e outros influenciadores. A maioria das vítimas de stalking conhecia seu stalker de alguma forma, então esse era o melhor lugar para começar.

Kage franziu a testa, mas sabiamente não reclamou. — Nada suspeito ainda. Eu vou deixar você saber assim que conseguirmos um sucesso. — Ele hesitou, então disse: — Olha, eu sei que ela é sua garota, mas estamos usando muitos recursos em...

Ele foi interrompido novamente, desta vez por uma chamada no meu telefone.

Stella.

Era como se eu a tivesse conjurado com meus pensamentos.

Atendi, esperando que ela me contasse sobre o negócio com Delamonte. Ela derrubou essas expectativas imediatamente.

— Christian. — A voz de Stella falhou.

O gelo apagou o calor que se acendeu ao ver seu nome.

Algo está errado.

— Onde você está? — eu pulei as perguntas inúteis – *você está bem? o que há de errado?* — e fui direto ao cerne da questão.

Apesar da minha voz calma, minha mão se enrolou com tanta força ao redor do meu telefone que estalou em protesto.

— Casa. — Sua resposta foi quase inaudível.

— Eu estarei aí.

Não me incomodei em colocar o paletó antes de sair; a única coisa em que conseguia pensar era em como Stella devia estar chateada para ter que me ligar.

Se pudesse, guardaria todos os seus problemas para si mesma e tentaria resolvê-los sozinha. Sempre ajudando os outros e nunca pedindo para si mesma. O fato de ela não ter…

Meu coração desacelerou para uma batida profunda e ameaçadora, e minha mão flexionou com a necessidade repentina de estrangular alguma coisa antes que eu a forçasse a relaxar.

Até eu descobrir exatamente o que aconteceu, eu precisava manter a cabeça fria e não matar ninguém – especificamente Brock, que *deveria* estar cuidando de Stella.

Kage ficou boquiaberto enquanto eu abria a porta.

Eu nunca saí de uma reunião, nunca. Eu gostava de saber tudo o que estava acontecendo no meu negócio, mesmo que fosse chato *pra* caralho.

— Aonde você está…

— A reunião acabou. — Bati a porta atrás de mim, interrompendo-o no meio da frase.

Meus passos bateram em um ritmo frio e furioso enquanto eu chamava Brock no meu caminho para a garagem.

Por que *diabos* ele não tinha me alertado que algo estava errado? Qual era o sentido de ter alguém seguindo Stella se ele não podia fazer seu maldito trabalho?

— Stella. O que aconteceu? — eu mordi quando ele respondeu.

Houve uma pausa curta e assustada antes que ele respondesse. — Nada, senhor.

— Nada. — Minha voz caiu para temperaturas abaixo de zero. — Se *nada* aconteceu, por que ela acabou de me ligar, parecendo que estava à beira das lágrimas?

Outra pausa, esta atada com incerteza.

— Ela estava em casa a manhã toda. Ela foi à cafeteria, recebeu uma ligação e parecia muito feliz. Ela ainda estava sorrindo quando voltou para seu apartamento. Não sei o que aconteceu depois disso. — Ouvi um audível engolir. — Você me disse para não a monitorar quando ela estivesse dentro de sua casa.

Eu disse, e isso foi um maldito erro. *Que se fodam os limites.* Eles não se aplicavam quando se tratava de sua segurança.

Eu praticamente podia ouvir Brock suando na linha. — Chefe, eu juro, eu não...

— Falaremos sobre isso mais tarde.

Terminei a ligação e entrei no meu carro. Se ele não tinha informações úteis para mim, eu não perderia meu tempo falando com ele.

Meu único foco era chegar a Stella o mais rápido possível.

A fúria cintilou em meu peito, sua queimadura gelada um bálsamo para o pânico quente e desconhecido em meus pulmões enquanto eu acelerava em direção ao Mirage.

Entre meu McLaren e as ruas semivazias, cheguei lá em cinco minutos.

Quando cheguei ao apartamento de Stella, a encontrei na sala, olhando para uma folha de papel em suas mãos.

Eu não tive que ler para saber que era outra nota de seu perseguidor.

Carmesim contornou minha visão, mas mantive minha expressão neutra enquanto Stella levantava a cabeça para olhar para mim.

— Encontrei no meu quarto — ela sussurrou. — Ele estava dentro da minha *casa.* Ele nunca... esta é a primeira vez que ele... — Sua respiração superficial encheu o silêncio que se seguiu.

Eu reconheci seu ritmo errático e os pequenos arrepios destruindo seu corpo.

Ela estava à beira de um ataque de pânico.

Atravessei a sala e tirei a carta de suas mãos congeladas, o movimento suave em desacordo com o rugido violento do sangue em meus ouvidos.

Um olhar superficial revelou três palavras datilografadas.

Eu te avisei.

O rugido se intensificou.

— Ele não está mais aqui, mas vou verificar o apartamento apenas no caso. — Forcei uma nota calmante em minha voz, embora eu quisesse caçar o filho da puta e esfolá-lo vivo. — Fique aqui.

Calcei um par de luvas e varri o apartamento em busca de outros sinais de perturbação. Eu não encontrei nenhum, mas eu teria que fazer uma verificação mais completa mais tarde.

Por enquanto, eu precisava tirar Stella daqui.

Voltei para a sala de estar e tirei as luvas dos meus dedos. A varredura acalmou um pouco da raiva acumulada em minhas entranhas, mas a visão de Stella enrolada no sofá, os joelhos contra o peito e o rosto em branco, a trouxe de volta.

— Tudo parece limpo, mas você vai se mudar para a minha casa até resolvermos isso. — Minha voz era regular, mas firme.

Eu deveria ter ouvido meu instinto e insistido que ela fosse morar comigo depois da primeira nota, mas eu não queria pressioná-la muito, muito cedo.

Mas agora que o idiota tinha entrado no apartamento dela, no *meu prédio...*

Minha mão flexionou novamente.

Eu queria enrolá-la na garganta do agressor e espremer a vida dele enquanto implorava por misericórdia. Eu queria ver a luz drenar de seus olhos ao perceber o quanto ele tinha fodido isso.

As imagens reconfortantes de sua tortura combinavam com o gosto metálico de sangue na minha língua. Eu já podia sentir o *gosto* da vingança.

Uma vez que encontrasse o bastardo, ia gostar de fazê-lo se arrepender a cada segundo de sua existência miserável.

Respirei através da frieza que crescia em meu peito e dobrei a carta em um quadrado que enfiei no bolso.

Ajoelhei-me na frente de Stella para que estivéssemos no nível dos olhos.

— Meu apartamento é impermeável. *Ninguém* pode entrar sem minha permissão. Você viu os sistemas que tenho em vigor — eu disse, meu rosto suavizando. — Você estará segura lá. Você entende?

Depois de um longo silêncio, ela respondeu com um aceno minúsculo, quase imperceptível.

Movimento. Estávamos fazendo progressos.

Quando chegamos ao meu apartamento, levei Stella para o único quarto de hóspedes equipado com móveis de quarto.

Como nunca permitia hóspedes durante a noite, transformei os outros em algo mais útil: um centro de vigilância cibernética, um segundo escritório para videoconferências, um armário extra para meus ternos.

Com sua cama king-size, closet e banheiro privativo, o único quarto de hóspedes de verdade poderia passar por um quarto principal, mas Stella afundou na cama sem examinar seu novo ambiente.

— Descanse um pouco — eu disse a ela. — Eu cuidarei de mudar suas coisas.

Nenhuma resposta.

Reconhecia o choque quando o via. Por mais que eu quisesse ficar com ela, a melhor coisa que eu podia fazer era dar-lhe tempo para processar enquanto eu resolvia todo o resto.

Minha primeira ordem de trabalho depois que saí do quarto dela foi outra ligação para Brock, a quem ordenei que trouxesse o essencial – roupas de dormir, produtos de higiene pessoal, aquele unicórnio feio que Stella tanto amava.

Minha próxima ligação foi para o chefe de segurança do Mirage.

Charles atendeu depois de meio toque. — Senhor?

— Quero que todas as imagens de segurança do dia anterior sejam enviadas para mim dentro de uma hora. —

Dispensei as sutilezas e esfreguei meu polegar sobre o anel turquesa no meu bolso.

Por mais fria que fosse a temperatura ou por quanto tempo eu a deixasse intocada, a pedra estava sempre quente.

— É claro. De qual câmera?

— Todas elas. — Stella morava no décimo andar, mas o criminoso devia ter entrado e saído em outro lugar do prédio.

— *Todas* elas? Senhor, isso é...

— Alguém invadiu o apartamento da minha namorada hoje, Charles. — Meu tom fácil não combinava com o perigo que crescia sob sua superfície. — Você já deve saber disso, já que você é meu chefe de segurança. Talvez você até tenha uma pista sobre quem invadiu. Então me diga. Quais câmeras devo olhar, se não todas?

O silêncio trovejou por uma batida antes que ele respondesse. — Eu as terei para você em trinta.

— Bom. E Charles?

Uma engolir nervoso sacudiu a linha. — Sim, senhor?

— Demita todos os seguranças que estavam de serviço hoje.

Desliguei antes de ter que ouvir seus protestos tediosos.

A equipe de segurança do Mirage era boa, mas não insubstituível. Havia uma razão para eles estarem guardando um prédio e não meus clientes VIP.

E se eles não pudessem fazer *isso* direito, então eles não tinham nada que estar a meu serviço.

Fornecia à minha equipe salários e benefícios excepcionais, mas esperava um trabalho excepcional em troca.

Brock apareceu logo após minha ligação com Charles com uma mochila e o unicórnio. Ele os colocou na sala de estar antes de se virar e passar a mão sobre seu corte de cabelo.

— Chefe, eu...

— Você está dispensado esta noite.

Minha raiva havia esfriado o suficiente para eu reconhecer que não era culpa de Brock o perseguidor ter entrado no apartamento de Stella. Seu trabalho era ficar de olho nela, não em sua casa.

Ainda assim, minha irritação era forte o suficiente para transformar minhas palavras em lâminas.

Alívio se espalhou pelo rosto de Brock antes que ele ficasse tenso novamente. — Só para a noite, certo? Não para sempre?

Meus lábios se estreitaram.

— Certo. Entendido. — Ele assentiu e arrastou-se porta a fora. — Boa noite.

Eu exalei uma respiração longa e lenta e belisquei a ponte do meu nariz.

Às vezes, eu realmente desprezava as pessoas.

E objetos.

Olhei para o bicho de pelúcia esfarrapado poluindo minha sala de estar. Eu não entendia por que Stella o amava tanto, ou por que seus seguidores preferiam abraçá-lo e não a *mim* – eu odiava abraçar, mas era o princípio da questão – como ela o amava, engoli meu desgosto e o levei para o quarto de hóspedes junto com sua bagagem.

— Você tem uma visita. — Deixei cair a *coisa* na cama ao lado dela e resisti ao desejo de desinfetar minhas mãos.

Stella piscou para o unicórnio, mas não o tocou.

— Achei que você gostaria da companhia dele. — *Embora Deus saiba por quê.* — Eu também trouxe algumas de suas roupas e produtos de higiene pessoal.

Uma estranheza arrepiou minha pele com seu silêncio contínuo.

Porra, eu odiava isso. Menos de uma hora na minha casa, e ela já tinha me tirado ainda mais do equilíbrio.

Mas o desconforto valia a pena por saber que ela estava segura.

Agora, eu não confiava em ninguém ou em nada para protegê-la, exceto em mim mesmo.

Limpei a garganta e acenei para seu banheiro. — Um banho quente pode fazer você se sentir melhor. Lavar o dia.

Nenhuma resposta.

Quanto menos Stella reagia, mais a pressão no meu peito se expandia.

Não sabia de onde vinha, mas detestava tanto quanto detestava poliéster, incompetência e sobremesa.

Já que ela não parecia interessada em se mexer por ela mesma tão cedo, eu abri a porta do banheiro para ligar o chuveiro, mas imediatamente fiz uma careta.

Cristo.

Eu não tinha entrado neste banheiro desde que me mudei anos atrás, então eu assumi que o cheiro ruim tinha algo a ver com o ralo há muito tempo sem uso.

Minha governanta manteve o piso de mármore e os balcões completamente limpos, mas ela não disse nada sobre o cheiro.

Ninguém poderia fazer o seu trabalho direito?

Meus dentes cerraram enquanto eu trabalhava com minhas opções.

Obviamente, Stella não poderia usar este banheiro até que eu consertasse o cheiro. Havia outros banheiros de hóspedes disponíveis, mas eles também não eram usados há algum tempo.

Depois de um minuto de indecisão torturada, caminhei até meu banheiro privativo e abri as torneiras da banheira. Silenciosamente amaldiçoei o universo enquanto abria uma garrafa não utilizada de banho de espuma que eu nem me lembrava de ter comprado e lentamente despejei na água.

Você realmente sabe como foder um cara.

Eu não sabia como diabos acabei preparando um banho para outra pessoa como um maldito servo do século XIX, mas pelo menos não havia testemunhas da minha indignidade. Se alguém me visse assim, eu nunca o deixaria viver.

Stella não protestou quando voltei para o quarto de hóspedes e a carreguei para o meu banheiro junto com seus artigos de banheiro. Eu a coloquei no banco acolchoado perto da banheira e inclinei meu queixo para a banheira com cheiro de eucalipto.

— Todo seu até eu consertar um pequeno problema em seu banheiro — falei. — Há também um banheiro de hóspedes do outro lado do corredor e à sua esquerda, se você precisar usar o banheiro à noite.

Virei-me e já estava a meio caminho da sala quando ela me parou.

— Christian. Eu não... — Sua pequena voz disparou uma flecha direto nas minhas costelas. — Não quero ficar sozinha agora.

Droga.

Minha mão se curvou ao redor da maçaneta até que o metal queimou em minha carne.

— O que você está sugerindo? — Minha voz saiu baixa com um aviso que ela não deu atenção.

Apesar do meu estranho desejo de proteger Stella do perigo, eu não era um protetor por natureza. Minha versão de proteção sempre vinha embrulhada nos pedaços de uma vida extinta e amarrada com um laço sangrento.

Infelizmente para ela, ela era muito inocente e confiante para reconhecer o verdadeiro perigo quando o via.

— Você pode ficar comigo? — O constrangimento coloriu seu pedido. — Só por esta noite.

Meus músculos se contraíram com a sugestão. Eu me virei, observando seu rosto pálido e o jeito cauteloso com que ela olhava para a banheira, como se esperasse que um monstro emergisse de suas profundezas e a engolisse inteira.

— O banheiro está limpo, e eu estarei do lado de fora da porta.

Eu não era imune a más ideias, mas ficar no cômodo com ela enquanto ela tomava banho poderia ser a pior ideia que já existiu.

— Eu sei. Eu só... — Stella vacilou. — Não, você está certo. Isso foi... eu não sei o que eu estava pensando.

Um arrepio percorreu seu corpo. Ela não se moveu do banco.

Fechei os olhos por um breve momento enquanto minhas maldições silenciosas direcionadas ao universo aumentavam.

Eu não deveria. Eu realmente não deveria.

Eu já tinha cruzado uma linha ao trazê-la para minha casa e para a porra do meu *banheiro,* mas o olhar em seu rosto...

Virei as costas novamente, odiando-me mais a cada segundo que passava.

— Avise-me quando estiver pronta.

Apesar do meu tom curto, um suspiro de alívio tocou minhas costas e fez minha mandíbula apertar.

Eu não mudei de posição até que ouvi o barulho dela entrando na banheira.

Stella estava nua no meu banheiro.

Em circunstâncias normais, meu cérebro teria se apegado ao óbvio – o rosado de suas bochechas, a forma como sua pele brilhava com água, a fantasia das curvas doces que estavam sob as bolhas.

Em vez disso, uma dor profunda se instalou no meu peito com o quão pequena e vulnerável ela parecia naquela banheira gigante. Não mais o oásis de calma que ela apresentava ao mundo, mas uma tempestade à beira de quebrar.

Ela pegou seu xampu, mas eu a parei antes que ela fizesse contato.

— Eu vou fazer isso.

Em vez de discutir como eu esperava, Stella permaneceu quieta até que eu puxei o banco para a beirada da banheira e destampei seu xampu.

— Seu terno vai ficar molhado — ela murmurou.

Não dei uma olhada no meu Brioni personalizado. — Vou sobreviver.

Lavei seu cabelo, limpando cada mecha com muito cuidado

e massageando seu couro cabeludo com movimentos firmes e profundos até que ela afundou contra a lateral da banheira com os olhos fechados.

Seus cílios varreram contra suas bochechas em um leque escuro, e sua respiração gradualmente se equilibrou em um ritmo constante.

O calor embaçou os espelhos e inundou o quarto em uma névoa abafada.

Usar um terno em um banheiro quente era um inferno, mas eu não me incomodei em tirar o meu.

Era a primeira vez que tocava Stella por um período de tempo tão longo, e eu ia saborear cada segundo.

Não era sexual, mas o simples deslizar de seu cabelo contra minhas palmas diminuiu minha pulsação para um rastejar torturante antes de chutá-la em excesso.

Tocá-la me matou, então me trouxe de volta à vida novamente.

O rugido silencioso do meu coração vibrava em meus ouvidos. Lavei o xampu e passei o condicionador em seus fios.

A ironia de eu limpar Stella não passou despercebida. Ela era a alma mais pura que eu conhecia, e eu estava com sangue até o pescoço.

O anjo e o pecador.

Duas forças de oposição com nada nos prendendo exceto uma folha de papel e a necessidade insaciável em minha alma.

Eu não merecia tocá-la, mas eu a queria demais para me importar.

Depois que terminei de lavar o cabelo dela, peguei sua bucha, mergulhei na água e a ensaboei.

O toque suave da água contra a banheira apertou meu estômago.

— Incline-se para a frente. — A contenção engrossou a borda da minha voz.

Stella obedeceu.

Passei a bucha sobre suas costas, meus olhos rastreando cada centímetro de sua lenta jornada por sua pele lisa e nua.

O ar pulsava com energia tangível enquanto eu a arrastava por cima do ombro e pela frente. Baixo o suficiente para roçar o topo de seus seios, mas alto o suficiente para manter as coisas apropriadas.

O corpo de Stella ficou tenso quando meu braço roçou seu pescoço. Fiz uma pausa, percebendo a rapidez renovada de sua respiração.

Seu ritmo era diferente desta vez – mais pesado, mais árduo.

Calor faiscou em meu estômago, e eu me levantei tão abruptamente que ela pulou com o movimento. — Acabamos.

Havia algo de fodido em cobiçar alguém que estava traumatizada, mesmo para mim.

Eu puxei um roupão de banho que estava pendurado na parede e o segurei aberto, meus olhos desviados e minha mandíbula apertada.

Depois de um momento de hesitação, Stella saiu da banheira e entrou nele.

Apertei o cinto tão apertado que provocou um pequeno suspiro, mas pelo menos o roupão enorme a cobriu do pescoço até as panturrilhas.

Sequei seu cabelo rapidamente e estava prestes a empurrá-

la pelo quarto e para o corredor quando seu pedido anterior ressurgiu em minha mente.

Você pode ficar comigo? Só por esta noite.

Um novo conjunto de maldições queimou minha língua antes que eu as engolisse.

— Você quer ficar aqui esta noite? — perguntei rispidamente.

Ela abraçou a cintura e, após outro momento de hesitação, assentiu.

Foda-se minha vida.

Ainda assim, puxei minhas cobertas e acenei para a cama. — Descanse um pouco. Vamos lidar com tudo pela manhã.

Era início da noite, mas a exaustão cobria seu rosto e lançava sombras sob seus olhos.

Saí do quarto para pegar a roupa de dormir dela para que ela pudesse vestir algo mais agradável, mas quando voltei, Stella já estava dormindo. Foi a maior paz em que eu a vi em semanas.

Eu nunca deixei outra pessoa dormir na minha cama antes. Achei que a visão dela aninhada entre as sedas pretas e cinzas seria estranha, mas parecia certo.

Coloquei as roupas na mesa de cabeceira ao lado dela e tentei colocar o trabalho em dia, mas meu cérebro não conseguia se concentrar.

Com a segurança do meu prédio comprometida, as merdas incompetentes, mas irritantes da Sentinel respirando no meu pescoço, e mil e-mails para percorrer, tudo que eu conseguia pensar era na mulher dormindo a alguns metros de distância.

Ela estava na minha casa há menos de duas horas e já

estava causando estragos na minha vida.

Eu esfreguei a mão no meu queixo, minha irritação em guerra com meu desejo de protegê-la a todo custo.

Eu estava errado.

Stella não era uma distração. Ela era um perigo, não apenas para o meu negócio, mas para mim e para as partes de mim que eu não sabia que ainda existiam.

17

Stella

Acordei com o sol e o leve cheiro de couro e especiarias.

Esse foi o primeiro sinal de que algo estava errado, já que eu usava exclusivamente aromas de lavanda no meu quarto.

O segundo sinal era a cor dos lençóis. Seda cinza ardósia, luxuosa em sua simplicidade e amarrotada com o sono, mas muito longe dos de cor creme macios que eu comprei dois anos atrás.

A névoa do sono permaneceu enquanto eu olhava para o amassado no travesseiro ao lado do meu e tentava entender o que aconteceu na noite passada.

Eu estava claramente no quarto de um homem. As cores escuras e o relógio e as abotoaduras na mesa de cabeceira eram um sinal claro.

Eu tinha saído para beber e ficado com alguém na casa dele? Improvável.

Eu tinha passado a noite na casa de Ava? Mas seus quartos de hóspedes não eram assim e...

— Você está acordada.

Um grito arranhou minha garganta com a voz inesperada atrás de mim.

Eu me virei, meu coração trovejando de pânico até que quem falou saiu do banheiro e entrou em foco.

Cabelo escuro. Olhos de uísque. Rosto esculpido.

Christian.

Este era o quarto dele. Por que eu estava...

As memórias de ontem bateram em mim tão rápido e forte que tiraram o ar dos meus pulmões.

O bilhete no meu quarto, ligando para Christian, mudando-me para o lugar dele, ele me *dando banho* ...

Oh, Deus.

Medo e mortificação coagularam em meu estômago. Eu teria vomitado se tivesse comido algo mais do que um croissant ontem.

— Você não queria ficar sozinha, então eu deixei você ficar no meu quarto durante a noite. — Christian endireitou a manga. Eram oito da manhã, mas ele já estava vestido com um de seus ternos e mocassins. Seu cabelo estava perfeitamente penteado, seu rosto afiado e bem barbeado. — Isso foi uma exceção única, dado o que aconteceu, mas você vai dormir no quarto de hóspedes a partir de agora. Está lá por uma razão.

Eu fiz uma careta, tentando reconciliar o homem frio na minha frente com aquele que me carregou para seu quarto e cuidou de mim ontem.

Um rubor percorreu minha pele quando me lembrei do calor de seu corpo atrás de mim e do rastro de seu toque contra minha pele nua.

Não tinha sido sexual, e eu estava muito em choque para reagir na ocasião, mas a memória acendeu uma queimadura suave que me aqueceu de dentro para fora.

Os olhos de Christian escureceram como se ele pudesse ver diretamente em minha mente. — O café da manhã será servido em meia hora. Vejo você então.

Ele saiu antes que eu pudesse responder.

Achava que ele não era uma pessoa matinal.

Uma dor de cabeça latejava atrás da minha têmpora enquanto eu tentava entender as últimas vinte e quatro horas.

Ontem de manhã, acordei na minha própria cama me sentindo bastante otimista sobre a situação do perseguidor.

Agora, eu estava morando na casa de Christian Harper porque o perseguidor invadiu a minha.

Quem quer que fosse, sabia onde eu morava e podia arrombar um dos prédios mais seguros da cidade.

O medo diminuiu as batidas do meu coração.

Está bem. Você está bem.

Talvez ele pudesse invadir o Mirage, mas não poderia invadir a cobertura de Christian. Certo?

Ia pegar meu colar, apenas para perceber que não estava usando um.

Christian tinha trazido apenas o essencial na noite passada, o que significava que meus cristais estavam no andar de baixo no meu quarto.

A mordida de medo se intensificou com o pensamento de voltar ao meu antigo apartamento. Adorava aquele apartamento, mas não conseguia me imaginar voltando depois que o arrombamento destruiu sua santidade.

Eu odiava meu perseguidor por destruir aquela paz quase tanto quanto o odiava pelos bilhetes.

Depois de todos esses anos, eu ainda não conseguia entender por que ele tinha me escolhido como alvo. Foi a minha presença nas redes sociais? Minha aparência? Ou eu fui

apenas azarada o suficiente para chamar a atenção de algum idiota que tinha muito tempo em suas mãos?

Forcei uma inspiração profunda em meus pulmões.

Está tudo bem. Você vai ficar bem.

Era plena luz do dia, e Christian estava do lado de fora. Por mais mal-humorado que fosse, ele não deixaria nada acontecer comigo.

Eu não sabia por que, mas eu sentia a convicção disso em minhas entranhas.

Você vai ficar bem.

Repeti a segurança na minha cabeça enquanto ia para o quarto de hóspedes – também conhecido como meu novo quarto no futuro próximo – e troquei meu roupão de banho por uma roupa de dormir apropriada para o dia.

Quando entrei na sala de jantar, Christian já estava sentado na cabeceira da mesa com uma xícara de café, uma caneta e as palavras cruzadas do jornal daquela manhã.

A própria mesa gemeu sob o peso de um café da manhã completo. Jarras de vidro de café, suco, água e chá brilhavam ao lado de travessas de todos os tipos de itens de café da manhã imagináveis: ovos preparados de seis maneiras diferentes, bacon crocante, panquecas fofas de ricota com limão e waffles belgas e torradas.

Croissants, muffins e bolinhos enchiam duas grandes cestas de tecido, enquanto uma seção de tigela de smoothie do tipo faça você mesmo ostentava todas as frutas e coberturas que eu poderia pensar.

Era um bufê para vinte, não dois.

— Você está organizando uma festa de brunch? —

perguntei, sem saber por que alguém precisava *de* tanta comida para si.

— Não, mas Nina deu tudo de si, então você pode aproveitar.

Antes que eu pudesse perguntar quem era Nina, uma mulher de rosto redondo com um coque escuro e sorriso alegre entrou na sala.

— Eu sou Nina. — Ela deu a Christian um olhar de desaprovação antes de me entregar um copo de algo verde e cremoso. — Smoothie de wheatgrass[10], certo?

Eu relaxei sob o calor de sua simpatia. — Sim, obrigada. Como você sabia?

Esta devia ser a governanta de Christian e a chef de meio período. Eu nunca a conheci, embora soubesse que ela era a única pessoa que tinha as chaves de sua casa além de mim.

— Sr. Harper me disse que era o seu favorito. — Ela piscou para mim enquanto Christian olhava para ela.

— Isso é tudo por agora. Obrigado. — Sua despedida educada apenas parcialmente mascarou o fio da navalha correndo sob sua voz.

Nina reprimiu o que parecia ser uma risada antes de sair.

— Vejo que a cafeína não melhorou seu humor. — Enchi um prato com comida e me sentei ao lado dele. — Eu esperava que isso trouxesse o Dr. Jekyll de volta. O Sr. Hyde[11] não está fazendo isso por mim.

Ele sempre esteve do lado distante, mas eu senti a distância entre nós vividamente esta manhã.

— Engraçada. Vejo que uma noite de sono *melhorou* seu humor. — Christian dobrou as palavras cruzadas e as colocou

de lado antes de acrescentar: — Como você está se sentindo?

— Com fome. Eu não comi desde ontem de manhã — eu admiti.

Eu sabia que não era isso que ele estava realmente perguntando, mas eu não queria falar sobre o bilhete agora. Eu só queria comer e fingir que estava tudo normal.

Eu rasguei um pedaço do meu croissant e coloquei na minha boca. Um suspiro de prazer subiu na minha garganta.

Croissants eram um presente do céu. Eu tinha certeza disso.

— Bom. Eu não tinha certeza do que você estava com vontade, então pedi a Nina que fizesse um pouco de tudo — ele disse, seu tom áspero.

O calor cintilou para a vida em meu peito.

Dei-lhe um sorriso tímido, tocada pelo gesto, embora não tivesse sido ele quem cozinhou a comida.

Um leve toque de rosa coloriu suas maçãs do rosto.

Ele estava... corando?

Antes que eu pudesse entender a visão impressionante, o rosa desapareceu, e o rosto de Christian se transformou em granito novamente.

— Já que você está aqui, devemos rever as regras.

Minha testa franziu. — Ok...

— Você está aqui porque está em perigo, e já que agora está totalmente sob minha proteção, precisamos tomar as medidas apropriadas para garantir sua segurança — disse ele secamente. — Ficar aqui até pegarmos a pessoa que está deixando essas notas para você é o primeiro passo. Minha

equipe vai trazer o resto de seus pertences hoje. Enquanto estiver aqui, você dormirá no quarto de hóspedes e seguirá as regras da casa. Nada de trazer amigos ou homens... — Sua voz gelou com a palavra *homens.* — E nada de tocar em dispositivos irreconhecíveis. Há uma chance de cinquenta por cento de eles poderem matá-la. Fora isso, considere esta sua casa no futuro próximo.

Cinquenta porcento de chance de eles me matarem? Que tipo de dispositivos ele possuía?

— Oh. — Forcei um sorriso brilhante. — Bem, quem pode resistir a uma recepção dessas? Você realmente sabe como fazer uma garota se sentir toda quente e confusa.

Christian ignorou meu sarcasmo. — É bom que você não esteja postando onde você está em tempo real, mas eu quero que você espere vinte e quatro horas para postar em vez das três a quatro horas habituais. Varie sua programação e a mantenha imprevisível, incluindo as rotas que você faz para casa. Você também terá um guarda-costas. Brock cuidará de você quando não estiver comigo. Ele será discreto; você nem saberá que ele está lá, a menos que precise de ajuda. Finalmente...

— Ah, bom. Eu estava com medo de que era só isso. Prossiga.

— Você tem que dizer a verdade as suas amigas. — Christian me fixou com um olhar duro. — Se elas não sabem que você está em perigo, elas podem inadvertidamente *colocá-la* em perigo ou estar em perigo elas mesmas. A ignorância nem sempre é uma benção.

Meu sorriso desapareceu. Um protesto chegou até a ponta da minha língua antes que eu o engolisse.

Christian estava certo.

Por mais que eu odiasse deixar minhas amigas preocupadas e ter um guarda-costas observando cada movimento que eu fazia – semelhante a um perseguidor, embora com intenções menos nefastas – eu precisava da proteção.

Além disso, eu não podia deixar minhas amigas pensando que tudo estava bem quando não *estava.* E se o perseguidor as mirasse quando não pudesse chegar até mim? Eu nunca me perdoaria se algo acontecesse com elas porque não as avisei adequadamente.

Minhas unhas cavaram meias-luas em meus joelhos.

Tranquila, calma, controlada.

Tranquila, calma, controlada.

— Ok — eu finalmente disse. — Eu vou dizer a elas. Mas eu tenho algumas regras próprias.

Se esse novo arranjo de vida ia funcionar, eu precisava de algo a dizer. Christian era o especialista em segurança, mas esta era a *minha* vida.

— Claro que você tem. — A secura encheu a voz de Christian. Sem dúvida, ele se lembrava da minha insistência em incluir meu próprio conjunto de regras em nosso arranjo de namoro falso.

— Esta é sua casa, e eu respeitarei suas regras. Mas também peço que respeite minha privacidade. Isso significa não entrar no meu quarto sem permissão, mesmo quando – *especialmente* quando – eu não estiver lá. Não mexa nos meus pertences, mesmo que estejam em um espaço comum. Não me diga aonde posso ir ou quem posso ver, a menos que seja uma ameaça direta à minha segurança. E... — Meus dentes afundaram em meu lábio inferior enquanto eu contemplava meu último pedido.

— E? — Ele levantou uma sobrancelha escura.

Minhas unhas cavaram mais fundo na minha pele. — Nada de trazer mulheres para casa. Eu não me importo se você dormir com elas, mas elas não podem estar aqui enquanto eu estiver aqui. Não é... não vai parecer certo.

A exclusividade estava implícita, mas não explicitamente declarada em nosso contrato. Eu não tinha problemas em manter o celibato, mas duvidava que pudesse dizer o mesmo de alguém como Christian. Ele provavelmente tinha mulheres se atirando nele todos os dias, independentemente de seu status de relacionamento.

Uma estranha reviravolta torceu meu coração e o deixei revirar quando o imaginei com outra mulher.

Eu disse a mim mesma que tinha tudo a ver com manter as aparências e nada a ver com... mais nada.

A diversão de Christian desapareceu sob as poças de gelo âmbar. — Eu não traio, Stella.

— Não é traição quando não estamos namorando de verdade.

O que eu estava dizendo? Não era como se eu *quisesse* que ele dormisse com outras mulheres. Era muito arriscado e...

Meu estômago apertou. Devo ter engolido meu croissant muito rápido.

Tick. Tick. Tick. Eu assisti o músculo saltar em sua mandíbula com fascinação nervosa. A raiva de Christian era uma onda rolante, lenta e insidiosa enquanto engolia tudo em seu rastro. Mas quando ele falou novamente, seu tom era tão suave e sereno como um lago de verão.

— Anotado.

Anotado? Essa foi a resposta mais vaga que ele poderia ter dado, mas eu estava muito apreensiva para pedir esclarecimentos.

Nós não falamos novamente pelo resto da refeição.

Naquela tarde, enquanto Christian trabalhava em seu escritório em casa e a equipe de mudança trazia o resto dos meus pertences do meu apartamento, explorei os mais de setecentos metros quadrados de luxo de solteiro que seria meu lar por Deus sabe quanto tempo.

Eu vinha aqui toda semana para cuidar das plantas dele, mas saía logo depois. Eu nunca tive tempo para estudar meus arredores.

A cobertura de Christian ocupava todo o décimo primeiro andar do Mirage, que era tão alto quanto os prédios em D.C. devido ao limite de altura da cidade.

Piso de mármore cinza claro, móveis de couro preto, janelas do chão ao teto oferecendo uma vista de trezentos e sessenta graus da cidade. A casa refletia o homem: elegante, primorosamente decorada e bonita de uma forma fria, mas impessoal.

Ele tinha os toques luxuosos que se esperaria de alguém com sua riqueza, como uma piscina privada na cobertura e uma academia de última geração no corredor da sala, mas meu cômodo favorito era a biblioteca.

Pilhas de almofadas transformaram os peitoris profundos das janelas em recantos de leitura ensolarados, enquanto sofás laranjas modernos adicionavam um inesperado toque de cor. Centenas de livros alinhados nas prateleiras pretas personalizadas, e eu poderia dizer por suas lombadas desgastadas que Christian realmente os lia em vez de usá-los como adereços.

Foi aqui que eu escolhi passar pelo sacrifício e ligar para minhas amigas. Eu estava adiando o dia todo, mas eu não podia demorar muito mais.

Liguei para Ava primeiro. Bridget morava em Eldorra com bastante proteção, e Jules já sabia sobre o perseguidor, então não demoraria muito para atualizá-la.

— Ei! — Apesar das minhas circunstâncias nada ideais, a voz brilhante de Ava me fez sorrir. — E aí?

Muita coisa. — Não muito. Você está em casa? — Eu queria ter certeza de que ela não estava no trânsito quando soltasse a bomba.

— Sim, acabei de voltar. — Ouvi o fechamento de uma porta e uma voz masculina fraca ao fundo. Eu assumi que era seu noivo Alex.

Eu me senti melhor sabendo que Ava tinha Alex ao seu lado.

Alex Volkov era uma força própria e, embora me deixasse um pouco desconfortável – eu tinha quase certeza de que ele abrigava tendências psicopatas – ele colocaria sua vida em risco para proteger Ava.

— Excelente. — Eu torci a barra da minha camisa. Eu deveria ter escrito como eu iria dar a notícia para ela, mas era tarde demais agora. — Como foi o trabalho?

— Divertido, mas *além* de ocupado. Temos nosso Melhor do Ano chegando e...

Eu meio que escutei enquanto ela me falava sobre seu último trabalho de fotografia, seu casamento próximo e meu acordo com a Delamonte.

Eu precisava discutir o contrato com Brady, mas com tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, isso me

escapou completamente.

Fechar o negócio com a Delamonte me consumiu por meses. Agora que finalmente eu o consegui, era apenas um pontinho no meu radar.

O universo tinha um senso confuso de tempo.

— O que mais está acontecendo além da Delamonte? Como estão as coisas com Christian? — Ava perguntou. — Você não postou sobre ele desde a foto da galeria de arte. Isso foi muito fofo, a propósito.

Lá estava. A abertura que eu estava procurando.

Meu telefone deslizou contra a palma da minha mão enquanto eu forçava minhas próximas palavras pelo nó na minha garganta.

— Sobre isso. Eu, uh... — eu tossi. — Eu vim morar com ele ontem.

Houve um momento de silêncio antes de um incrédulo — *O quê*? — explodir sobre a linha.

Eu estremeci e segurei meu telefone longe do meu ouvido. Para alguém tão pequena, Ava tinha uma voz poderosa.

— Você *foi morar* com ele? Eu pensei que vocês fossem... — Ela baixou a voz para um sussurro. Alex devia estar por perto. — Só namoro falso. Por que de repente você está morando com ele?

— Essa é a outra coisa. — Meu peito se expandiu com uma respiração profunda e fortificante. — Eu...

Eu tenho um perseguidor.

As palavras ficaram na ponta da minha língua, mas eu não conseguia tirá-las.

Eu estava guardando meu segredo por tanto tempo, a ideia de compartilhá-lo com minhas amigas fazia meu coração bater como um animal preso contra sua jaula.

Christian e Jules sabiam a verdade, mas apenas por necessidade – Christian porque me encontrou na noite em que descobri o bilhete, Jules porque morávamos juntas quando o perseguidor fez sua primeira aparição. E ela não sabia que o perseguidor estava de volta.

— Eu, hum... — *Apenas diga.* Levantei-me e andei pela sala, inquieta demais para me sentar. — Eu me mudei porque eu... eu tenho um perseguidor. E ele invadiu meu apartamento ontem.

As palavras finalmente saíram e caíram no chão com um baque pesado. A força disso reverberou através dos meus ossos, mas o silêncio que se seguiu foi tão espesso que eu pude sentir o gosto do outro lado da linha.

— O quê? — Ava respirou. Mais suave desta vez, e tonta com o choque.

Parei ao lado da samambaia no vaso. Os cheiros terrosos da vegetação penetraram em meus pulmões, me aterrando e me dando coragem para explicar a situação. Comecei com as notas de dois anos atrás e terminei com minha descoberta de ontem.

Quanto mais eu falava, mais fácil era, embora um sussurro de desconforto permanecesse no meu estômago. Eu odiava preocupar minhas amigas.

— Então é por isso que eu vim morar com Christian — eu terminei. — É a coisa mais segura a se fazer enquanto o perseguidor ainda está à solta.

Esfreguei um polegar distraído no meu colar – ametista, para acalmar as energias e aliviar o estresse. Eu o procurei

imediatamente depois que os carregadores trouxeram minhas coisas.

Eu precisava de todo o alívio do estresse que pudesse obter.

— Sim, mas… — Ava soltou um suspiro. — Eu sinto muito. Ainda não consigo superar a parte em que isso começou há *três anos*, e você não me contou. Este não é um namorado secreto ou… ou um trabalho paralelo como dançarina, Stella. Você é minha melhor amiga, e sua *vida* estava em perigo. — Ela não parecia zangada; ela parecia magoada, o que era ainda pior. — Eu teria ajudado você.

— Não havia nada que você pudesse ter feito. Se alguma coisa tivesse acontecido com você por minha causa, eu nunca teria me perdoado.

Outra longa pausa. — Jules e Bridget sabem?

Meus dentes afundaram em meu lábio inferior. — Jules sabe sobre o primeiro lote de cartas porque morávamos juntas na época. Bridget não faz ideia. As notas pararam de chegar depois de alguns meses — acrescentei. — Então não foi um problema por muito tempo.

Até que elas recomeçaram.

— Deus — Ava respirou. — Isso ultrapassa os limites.

— Não mais do que ser sequestrada pelo tio psicopata do seu namorado, certo? — Eu escondi meus nervos com uma risada trêmula.

Apesar de seu comportamento ensolarado, Ava passou por eventos mais traumáticos do que eu.

— Certo. Eles poderiam fazer novelas de nossas vidas — ela disse secamente. — Ouça, apenas fique comigo até você pegar esse cara. Alex não se importará e resolverá as coisas. Na verdade, deixe-me chamá-lo. — Ela levantou a voz. — Alex,

você pode vir aqui? Eu tenho...

— Não! Não conte a ele. — Envolver Alex em algo assim era uma *má* ideia. Ele era tão suscetível de matar alguém quanto de ajudá-lo. — Eu tenho isso sob controle. Além disso, Christian é o especialista em segurança, e você já tem o suficiente sobre seus ombros com o casamento.

— Dane-se o casamento – merda. Espere. — Ava deve ter coberto o alto-falante porque suas palavras ficaram abafadas. — Não, baby, é claro que eu ainda quero me casar! Eu estava falando com Stella sobre a, hum, organizadora de casamentos... não, *não* a demita. Ela é ótima. Eu estava apenas frustrada no momento. Nervos nupciais, você sabe. Estou bem agora. Sim, eu prometo... por que chamei você? Uh, estou desejando aqueles novos biscoitos de limão e framboesa da Crumble & Bake. Você pode, por favor, descer e comprar alguns para mim? Obrigada! Amo você.

Ava retornou, parecendo sem fôlego. — Desculpe-me por isso. Alex tem estado tão nervoso sobre o casamento. Ele fez nosso florista chorar outro dia — ela suspirou. — Estamos trabalhando em suas habilidades interpessoais.

Normalmente, as noivas eram as que ficavam obcecadas com cada detalhe, mas Alex era do tipo extremo.

— De qualquer forma. — Ava ficou séria novamente. — Tem certeza de que não precisa de ajuda? Eu sei que Christian provavelmente está cuidando disso, mas Alex conhece todo mundo.

— Sim, eu tenho certeza. Não há necessidade de arrastar mais pessoas para a minha bagunça do que o necessário.

A situação já estava fora de controle, com a mudança e um guarda-costas e Deus sabe o que mais. A última coisa que eu queria era que se tornasse ainda mais um circo.

— Você não está nos arrastando a lugar nenhum. Queremos *estar* lá. Você é nossa amiga, Stella — Ava disse gentilmente. — Se você estiver em perigo, queremos ajudar. Isso é o que os amigos fazem. Isso é o que você faria por nós.

Um nó de emoção se formou na minha garganta. Natalia e eu éramos irmãs de sangue, mas Ava, Jules e Bridget eram minha família por escolha.

Nós estivemos lá uma pela outra nos altos e baixos, e mesmo se eu as tivesse protegido do pior da minha vida, apenas saber que elas estavam lá me ajudava a passar o dia.

Às vezes, tudo o que precisávamos era o conhecimento de que alguém em algum lugar se importava conosco.

— Eu sei. Se eu precisar de alguma coisa, eu vou te dizer. Eu prometo.

— Ok. — Apesar de sua relutância palpável, Ava não insistiu no assunto. — Fique segura. E não estou falando apenas sobre o idiota enviando notas para você.

Eu também estou falando sobre Christian.

Ela não disse isso, mas eu a ouvi alto e claro.

— Eu vou. — Tomei outra respiração profunda. — Eu tenho que ir, mas eu te amo.

Eu poderia dizer que Ava queria dizer mais, mas ela se conteve. — Amo você também.

Eu desliguei.

Uma já foi, faltam mais duas.

Liguei para Jules em seguida. Ela ia perder a cabeça, mas ela já sabia sobre o perseguidor, então talvez perdesse menos de sua merda?

Ah, quem eu estava enganando? Eu teria sorte se ela não aparecesse na minha porta empunhando um facão e um plano para vasculhar todos os bairros de D.C. até encontrá-lo.

— Ei, J — eu disse quando ela atendeu. — Você está em casa? Você não está perto de nenhum objeto pontiagudo, está? Bom, porque eu tenho algo para te dizer...

18

Christian/Stella

Passei o dia revisando as imagens de segurança de ontem. Foram horas de vídeos inúteis, mas continuei voltando ao mesmo ponto – uma 'falha técnica' de meia hora que coincidiu com a ida de Stella ao café.

O perseguidor não apenas invadiu seu apartamento; ele também invadiu o sistema de vigilância de circuito fechado do Mirage. Deveria ser impossível, mas os trinta minutos de estática que substituíram o que deveria ser uma visão cristalina do corredor do lado de fora do apartamento de Stella confirmaram isso.

Eu já havia ordenado uma revisão completa de emergência do sistema de segurança do prédio. Todos os códigos foram mudados, todos os cantos e recantos foram varridos em busca de evidências de adulteração. Todos voltaram limpos, o que significava uma coisa.

Ou foi um trabalho interno, ou o perseguidor teve ajuda interna.

Meu sangue gelou com a perspectiva.

Todos os funcionários tiveram que passar por uma extensa triagem antes que eu os contratasse, mas a vida seguia. Bastava uma dívida ou um ente querido em perigo para tornar uma pessoa vulnerável ao suborno e à persuasão.

Eu sabia; muitas vezes era eu quem subornava e persuadia.

Eu soltei uma respiração através de meus pulmões e dei de ombros para minha fúria com um sutil rolar de meus ombros.

Havia hora e lugar para os negócios. Jantar com Stella não era isso.

Eu já estava fazendo uma segunda rodada de verificações em todos que trabalhavam na Mirage e na Harper Security. Eu saberia até amanhã se alguém tinha fraquezas que estranhos pudessem explorar.

Até então, eu manteria os detalhes feios da investigação para mim.

Externamente, Stella havia se recuperado da invasão, mas ela era boa em esconder suas verdadeiras emoções.

Até mesmo suas amigas mais próximas achavam que ela era imperturbável quando os sinais de sua ansiedade eram tão claros – a maneira como sua respiração mudava e seus olhos escureciam, a maneira como ela torcia o colar no dedo sempre que estava chateada.

Ela não mostrava nenhum desses sinais agora, mas isso não significava que ela deixaria o que aconteceu para trás. Tinha sido apenas vinte e quatro horas, pelo amor de Deus.

— A propósito, Luisa me contou sobre o negócio da Delamonte — eu disse, preenchendo a calmaria em nossa conversa. — Parabéns.

Desde que a refeição começou, ela falou sobre tudo, exceto o arrombamento. Ela nem tinha mencionado como suas amigas receberam a notícia, não que eu me importasse. Eu só me importava que elas não a colocassem em perigo fazendo algo estúpido.

Mas se ela não quisesse falar sobre o que aconteceu, eu não a forçaria.

Em vez de se sentar ao meu lado como ela tinha feito no café da manhã, ela ocupou a cadeira do outro lado da mesa de oito pessoas.

A distância me irritou mais do que deveria, mas um pequeno sorriso tocou meus lábios quando seus olhos brilharam com a menção da Delamonte.

— Obrigada. Eu não posso acreditar que eu consegui o negócio. Eu ainda preciso falar com meu empresário e assinar o contrato, mas... — Seu sorriso diminuiu. — Bem, você sabe o que aconteceu. De qualquer forma. — Ela limpou a garganta e tomou um gole de água. — Estou animada. A campanha pode abrir muitas portas para mim.

— É isso que você quer? Trabalhar com marcas em tempo integral?

Do ponto de vista lógico, mudar Stella para minha casa foi uma das piores decisões que eu poderia ter tomado.

Ela era minha maior distração. Minha fraqueza.

Foi por isso que eu tentei manter distância naquela manhã, mas eu não apreciei ela me dizendo que ela não se importava se eu saísse e fodesse outras mulheres.

Como se eu tivesse sido capaz de me concentrar em qualquer outra mulher desde que a conheci.

Eu tinha durado menos de um dia tentando ficar longe dela.

— Acho que é bom para o curto prazo — disse Stella em resposta à minha pergunta. — Não tenho certeza se é sustentável a longo prazo. Eu na verdade...

Esperei enquanto a indecisão brincava em suas feições.

Era o olhar de alguém que tinha um segredo que estava

desesperado, mas com medo de contar.

— Eu *posso* começar minha própria marca de moda eventualmente. Não é uma coisa certa — ela se apressou. — Só uma ideia que tive. Veremos.

Minhas sobrancelhas se ergueram, mais intrigadas do que surpresas.

Stella começar uma linha de moda fazia mais sentido do que trabalhar em uma revista.

Algumas pessoas eram líderes, outras eram seguidores. Stella poderia pensar que ela era a última, mas ela era talentosa demais e brilhava demais para ser limitada pelas expectativas de outras pessoas.

— Eu penso que é uma grande ideia.

Ela piscou, claramente assustada com a minha resposta. — Sério? — Ela parecia duvidosa.

— Você já construiu uma marca com seu blog e mídia social. Construir uma segunda não deve ser difícil. — Minha boca se inclinou. — Correção. Não deveria ser *tão* difícil.

A testa de Stella franziu. — Eu nunca pensei sobre isso dessa forma.

— Confie em mim. Mesmo que você ainda não tenha um produto físico, provavelmente está mais adiantada do que pensa. — Ela tinha o conhecimento da indústria e do marketing, que muitas vezes era a parte mais difícil. Criar o produto real era fácil. — Você tem um plano de negócios?

Minha pergunta calma traiu o zumbido no meu sangue.

Eu estava arrastando a conversa, mas esta era a primeira vez que estávamos falando sobre algo real, algo diferente do meu trabalho, seu perseguidor e nosso acordo.

Stella compartilhava a maior parte de sua vida online, mas eu queria ouvir sobre isso em suas palavras. Eu queria entender como ela pensava, sentia e via o mundo.

Eu queria desvendar cada fio que a tornava ela *e* desnudá-los para que eu pudesse examiná-los. Descobrir o que havia nessa mulher, em particular, que me fascinava quando havia milhares que eram objetivamente tão bonitas e que me desejavam mais.

— Esboçar, costurar e orar pelo melhor conta?

Outro sorriso ameaçou florescer em seu tom esperançoso. — Impressionante, mas temo que você precise de algo mais concreto.

Ela suspirou. — Eu estava com medo disso. Eu posso fazer as coisas criativas, mas eu odeio matemática. Qualquer coisa além de contabilidade básica passa voando pela minha cabeça.

— Quando você atingir um certo nível de sucesso, pode contratar alguém para administrar o lado comercial das coisas para você. Até então... — Bati meus dedos na mesa. Uma vez, duas vezes. — Vou te ajudar.

As palavras pairaram entre nós, tão chocadas com sua existência quanto eu.

Entre o vazamento interno, seu perseguidor e a Sentinel respirando no meu pescoço, eu já tinha um milhão de coisas nos meus ombros. Eu não precisava adicionar uma porra de uma linha de moda à mistura.

Mas agora que a oferta estava feita, eu não podia voltar atrás.

E, para ser honesto, eu não queria.

Os olhos de Stella se arregalaram. — *Você* vai me ajudar. Pessoalmente?

— Acredito que isso está implícito na palavra *eu vou,* sim.

— Por quê?

— Isso importa?

Ela ergueu uma sobrancelha teimosa.

Suspirei. — Eu não estou escrevendo o plano *para* você, Stella. Vou enviar-lhe um modelo e analisá-lo à medida que avança. Não vai levar muito tempo.

Dependendo de como o rascunho dela fosse, poderia levar muito tempo, mas guardei isso para mim.

— Além disso, poderei dizer que estive lá desde o início quando você se tornar a próxima grande coisa — acrescentei.

— Você parece tão certo de que isso vai acontecer.

— Tenho *certeza*. — Eu tinha testemunhado negócios indo e vindo ao longo dos anos. Os que prosperaram eram muitas vezes liderados por pessoas com as mesmas qualidades: criativas, apaixonadas, disciplinadas e dispostas a aprender.

Stella tinha todas essas qualidades em abundância. Ela só precisava descobrir isso por si mesma.

Seu olhar tímido e de perguntas enviou um calor estranho em espiral pelo meu peito. — Eu, hum, na verdade esbocei alguns designs. Você quer ver?

Meu sorriso finalmente floresceu por completo, lento e lânguido. — Eu adoraria.

O silêncio acompanhou nossa caminhada até o quarto dela, onde ela puxou uma pilha de papéis da gaveta da mesa e me entregou.

— Eu queria uma linha que se encaixasse nos tipos de roupas que eu consigo comprar no dia a dia. Alta qualidade

com um mix de preços para diferentes consumidores. E muitos vestidos — acrescentou. — Eu amo vestidos.

Seus dentes afundaram em seu lábio inferior enquanto eu examinava os esboços.

— São apenas rascunhos. — Ela torceu o colar no dedo. — Eu não desenho há um tempo, então estou enferrujada...

— Eles são lindos.

Os esboços de Stella eram exuberantes e intrincadamente detalhados, cheios de cores ricas e silhuetas perfeitamente cortadas. Eram desenhos que pertenciam às passarelas de Milão e Paris, não enfiados no canto de um quarto em D.C.

Ela vacilou. — Sério?

— Sim, e eu não minto para poupar os sentimentos das pessoas. Se fossem terríveis, eu diria. Eles não são. — Devolvi os esboços a ela. — Você é talentosa. Não deixe ninguém, incluindo você mesma, dizer o contrário.

Os lábios de Stella se separaram uma fração com minhas palavras.

Foi um movimento minúsculo, mas meus olhos se fixaram neles como um ímã para o aço.

O ar ficou espesso, sufocando-nos com uma tensão que pulsava como uma bomba prestes a explodir.

— Você entende? — Minha voz era baixa, mas queimava entre nós como gravetos encharcados com gasolina.

Um gole visível rompeu as linhas delicadas de sua garganta.

— Sim. — A exalação suave de sua resposta roçou minha pele e puxou minha virilha.

Ela estava tão perto.

Eu poderia terminar o jogo agora, dobrá-la à minha vontade e atiçar as brasas da atração entre nós até que se incendiassem. Dar a ela um gostinho do que ela poderia ter se sucumbisse à inevitabilidade de nós.

Tudo.

— Bom.

Baixei a cabeça e, em um movimento sutil, quase inconsciente, meus lábios tocaram os dela.

Dois segundos. Uma sílaba. Um instante elétrico que queimou cada centímetro da minha pele.

Em algum lugar distante, um maço de papéis caiu no chão.

Eu inalei o suspiro suave de Stella como se fosse minha última gota de oxigênio, e um gemido subiu pela minha garganta com seu sabor doce.

Foi quase um beijo. Nós nem nos movemos, mas nosso breve contato me *consumiu.*

O ar em meus pulmões, a batida em meu coração.

Naquele momento, Stella era a única coisa que existia.

Eu a respirei. Exalei. E me afastei.

Nós nos encaramos.

Nosso quase beijo não durou mais do que uma fração de minuto, mas nós dois estávamos corados e ofegantes como se tivéssemos corrido uma maratona.

Surpresa e algo mais pesado escureceram seus olhos em poças de esmeralda.

— Christian... — O som do meu nome em sua respiração

rasa derramou luxúria direto em minhas veias.

Minha virilha apertou.

Eu não podia acreditar que tinha uma ereção depois de alguns segundos de contato casto, mas aqui estávamos nós.

— Nossa primeira reunião de negócios é na próxima semana. Venha preparada. — Eu arregacei minhas mangas, minha voz fria em desacordo com as chamas lambendo minha pele. Quando ficou tão quente aqui? — Boa noite, Stella.

Saí antes que ela pudesse responder.

Cada molécula do meu corpo exigia que eu ficasse e terminasse o que comecei, mas era cedo demais. Alguém invadiu a casa dela ontem, pelo amor de Deus.

Ainda assim, quando entrei no banheiro e deixei a água tão fria quanto possível, a queimadura no meu sangue permaneceu.

* * *

31 de março

Eu...

O que. acabou de. acontecer.

19

Stella

Uma semana depois de me mudar para a casa dele, descobri o segredinho sujo de Christian.

Em um canto escuro da sua toca, enfiado entre os DVDs de *"Cães de Aluguel"* e *"O Poderoso Chefão",* ele possuía uma edição de colecionador do *"Spice World"*.

Isso mesmo. Christian Harper, o CEO da Harper Security e possivelmente o homem mais aterrorizante que eu já conheci, possuía uma edição especial de um filme com uma banda de garotas dos anos 90 que, coincidentemente, era uma das minhas favoritas por nenhuma outra razão além de seu puro exagero.

Eu não sabia que as pessoas ainda possuíam DVDs, mas eu não estava desistindo da oportunidade de rever uma das minhas obsessões de infância em sua tela plana de última geração.

Com base no que eu observei de sua agenda, Christian não estaria em casa por mais duas horas, então eu me permiti me soltar.

Eu cantei e dancei junto com o filme, só parando para dar uma colherada no sorvete que estava na mesa de centro.

Eu não era a melhor cantora *ou* dançarina, então provavelmente parecia ridícula, mas estava feliz demais para me importar.

Foi um bom dia.

Eu assinei oficialmente o contrato com a Delamonte, e nossa primeira sessão de fotos estava marcada para a próxima semana em Nova York. Seria uma pequena seção de fotos, daí o prazo curto, mas fiquei empolgada para começar a parceria e visitar a cidade novamente.

Eu também terminei outro conjunto de esboços e comecei a preencher o modelo de plano de negócios que Christian me enviou. Não era tão chato quanto eu temia, embora algumas partes, como a análise financeira e o plano de produção, me dessem dor de cabeça.

Nenhum de nós mencionou nossa quase tentativa de beijo desde que aconteceu. Mantivemos nossas conversas estritamente em papo fiado, trabalho e minha linha de moda, o que estava muito bem para mim.

Na verdade, as coisas estavam *tão* normais entre nós que eu questionei se o *beijo* realmente aconteceu. Talvez tenha sido uma invenção da minha imaginação, nascida da mesma loucura que me compeliu a mostrar a ele meus esboços.

Eu nunca os tinha mostrado a ninguém antes.

Enquanto isso, os medos do meu perseguidor diminuíram, trancados atrás do vidro à prova de balas e das paredes reforçadas com aço da cobertura de Christian. Se eu pensasse muito sobre isso, a ansiedade voltava rapidamente, mas eu estava ocupada o suficiente para não *ter* que pensar nisso. Eu poderia me perder em minha bolha de autoilusão por... bem, não para sempre, mas por um tempo.

Então, como eu disse, foi um bom dia.

Girei, uma colher de sorvete na boca e os pés descalços contra o piso frio de mármore.

Eu estava tão envolvida na minha música e dança que não percebi que alguém havia entrado até que vislumbrei uma

figura escura no meu próximo rodopio.

Um grito de surpresa explodiu no ar antes que meu cérebro processasse a estrutura magra e musculosa e o terno sob medida.

A colher caiu da minha boca no chão e pingou sorvete de doce de leite derretido na frente da minha camisa.

— Não é a saudação usual que recebo das mulheres, mas uma melhoria em relação ao seu canto anterior. — Apesar do insulto irônico, a diversão suavizou as linhas finamente esculpidas do rosto de Christian.

Seus olhos, no entanto, eram tudo menos suaves. Eram lâminas envoltas em seda preta, suas bordas tão frias que queimavam quente contra minha pele.

Eles traçaram as linhas da minha garganta pelo meu torso até minhas pernas e pés nus antes de deslizar de volta para o meu rosto.

Lento e vagaroso, como um gato brincando com um rato.

O tempo todo fiquei parada, com medo de que qualquer movimento me cortasse e desnudasse meu coração selvagem e pulsante ao ar elétrico.

De repente, eu estava hiperconsciente de como meus shorts eram curtos, quanta pele meu moletom curto deixava à mostra e como eu devia parecer ridícula com máscara para os olhos no rosto e condicionador sem enxágue no cabelo, para não falar do fato de que eu estava dançando e cantando junto com as Spice Girls em sua sala de estar.

A mortificação perseguiu as chamas deixadas para trás por seu escrutínio, mas me agarrei às bordas esfarrapadas da minha dignidade com os dedos ensanguentados.

— Eu não estava *cantando.* Eu estava exercitando minhas

cordas vocais. — Inclinei-me e peguei a colher pegajosa do chão tão graciosamente quanto pude. — Eu também pensei que estava sozinha. Você nunca chega em casa tão cedo.

— Eu não sabia que você prestava tanta atenção na minha agenda. — O sotaque aveludado roçou minha pele como a mais sensual das carícias.

Christian saiu das sombras e caminhou em minha direção. Ele usava roupas de grife da cabeça aos pés, mas aqueles olhos âmbar brilhantes e a graça predatória com que se movia me lembravam uma pantera preguiçosamente perseguindo sua presa. Uma fera extraindo o inevitável porque se cansou da facilidade com que capturava o que queria.

— Eu não, mas nós moramos juntos há uma semana. Não preciso estudar suas idas e vindas para saber sua agenda.

Christian era um madrugador. Eu também, mas logo que subia no seu terraço para fazer yoga ao nascer do sol todas as manhãs, já ouvia seu chuveiro ligado e sentia o cheiro de café na cozinha.

Ele saía às sete e meia em ponto e voltava doze horas depois, parecendo tão polido quanto quando saiu pela porta.

Não era natural.

Tum. Tum. Tum.

Meu pulso bateu contra meu pulso e peito e em meus ouvidos quando ele parou na minha frente.

Especiaria e couro. Linhas pretas nítidas e abotoaduras prateadas. Intimidantes em sua perfeição, mas reconfortantes em sua familiaridade.

— Você sabe por que eu cheguei em casa mais cedo hoje? — Christian levantou a mão e, por um emocionante e aterrorizante segundo, esperei que ele segurasse meu seio.

Em vez disso, ele esfregou o polegar sobre o ponto de sorvete acima do meu peito.

O leve toque percorreu minhas veias e se acumulou entre minhas pernas.

— Não. — Eu mal me ouvi sobre a tempestade se formando no ar.

Os sons do filme haviam desaparecido há muito tempo, substituídos pelo tambor frenético do meu coração.

— Temos um compromisso. — A diversão encheu seus olhos com a minha carranca. — Nossa primeira consultoria de negócios.

Pisquei, meu cérebro muito nebuloso para processar suas palavras em tempo real.

Consultoria de negócios...

Vou agendar uma reunião semanal e adicioná-la ao seu calendário. Venha preparada.

— Oh. *Oh.* — Meu plano de negócios. O que eu só tinha preenchido pela metade.

A realidade lavou o filme de feromônios da minha visão e minha respiração voltou ao normal.

— Eu não terminei ainda — eu admiti. — Está apenas pela metade.

Pensar no que eu queria para o meu negócio levou mais tempo do que escrevê-lo.

Eu me preparei para uma palestra ou pelo menos um suspiro de decepção, mas tudo que Christian disse foi: — Deixe-me ver o que você tem até agora.

Peguei os papéis da mesa de centro e os entreguei a ele.

O fantasma de seu toque permaneceu na minha pele, mas a tensão de mais cedo se dissolveu em nervos enquanto eu esperava por seu feedback.

Depois de um silêncio interminável, ele me devolveu o documento. — Bom.

— Bom?

É isso?

— Sim, bom. O sumário executivo é claro e sucinto, e você claramente fez sua pesquisa de mercado. Poderia usar alguns ajustes, mas faremos isso depois que o rascunho completo estiver finalizado. — Seus lábios se curvaram. — Eu não esperava que você montasse um plano completo em uma semana, Stella, especialmente porque você nunca fez um antes.

O alívio afrouxou o nó no meu peito. — Você poderia ter me dito isso antes. Você quase me deu um ataque cardíaco!

Eu era a aluna que *sempre* terminava a lição de casa no prazo. O pensamento de perder uma tarefa fazia minha pele arrepiar.

Desapontamento. Falha.

Afastei as vozes insidiosas antes que pudessem cravar suas garras em mim, mas seus ecos permaneceram, amortecendo meu entusiasmo.

— Se eu te contasse, você teria feito tanto?

Suspirei com sua lógica. — Provavelmente não.

— Exatamente. — O olhar de Christian deslizou para a TV. — Embora eu me lamente por ter interrompido sua emocionante apresentação das Spice Girls. Você realmente perdeu sua oportunidade como membro de uma banda de garotas.

Eu estreitei meus olhos, bem ciente de que minha professora de música do ensino médio uma vez comparou minhas habilidades vocais com as de um gato moribundo.

Ela não tinha sido uma professora muito boa.

— Minha performance foi para mim, não para você. Você estava se intrometendo. — Eu removi minha máscara de olhos o mais casualmente possível. Entre o canto, a dança e o sorvete, eu me envergonhei o suficiente sem que um dos remendos deslizasse sozinho.

— É a minha casa.

— Ainda é educado anunciar sua presença.

— Eu teria, mas eu estava muito fascinado pela visão de você tropeçando pela minha sala como um bebê elefante bêbado. — O riso retumbou de seu peito com o meu suspiro indignado. Eu não era a melhor dançarina, mas era melhor dançarina do que um *elefante bêbado*. Provavelmente. Talvez. — De uma forma encantadora, é claro.

Minha dignidade nunca se recuperaria disso.

— É claro. Isso me faz sentir muito melhor. — Eu levantei meu queixo e mudei de assunto antes de explodir de pura mortificação. — Falando em performances, tenho minha primeira sessão de fotos com a Delamonte semana que vem. Em New York. — A risada de Christian morreu, embora traços de diversão permanecessem em torno de sua boca. — Datas?

Eu contei a ele.

— De acordo. Nós vamos pegar meu jato.

Olhei para ele, certa de que tinha ouvido errado. — Você vai comigo?

— A palavra *nós* implica isso, sim.

Em público, ele era tão educado e amigável, mas em particular, ele poderia ser um idiota sarcástico.

— Você não tem um negócio para administrar? — Ele devia ter coisas mais importantes do que acompanhar sua namorada falsa para uma sessão de fotos.

— Se minha empresa não consegue sobreviver dois dias sem mim, então não fiz meu trabalho como CEO. Para não mencionar, seu admirador secreto não tão amigável ainda está à solta. As chances são pequenas de que ele irá segui-la para New York, mas não queremos arriscar.

— Brock pode me acompanhar. Eu gosto dele. Ele é legal.

Eu o havia encontrado uma vez e nunca mais o vi, mas eu sentia sua presença calorosa e reconfortante sempre que eu saía de casa. Ter um guarda-costas não era tão ruim quanto eu imaginava.

Além disso, eu não estava tentada a fazer sexo com ele, o que era uma grande vantagem.

A expressão de Christian não mudou, mas a temperatura de repente caiu vinte graus.

— Brock não irá acompanhá-la. Eu vou. — Suas palavras continham tanto gelo que eu poderia tê-las usado para esculpir uma escultura de gelo. — O trabalho dele é ficar fora de vista e mantê-la segura. Nada mais. Ele tem feito seu trabalho, Stella?

Senti que era uma pergunta capciosa.

— Sim? — aventurei-me.

Eu não sabia o que irritava Christian, mas eu não queria que Brock fosse demitido.

— Bom.

Eu estava começando a odiar essa palavra.

Cruzei os braços, tanto para esconder o quão nervosa eu estava, como para me proteger das ondas árticas do descontentamento de Christian.

— Dia ruim no trabalho? — perguntei. — Ou se transformar em uma fera volúvel faz parte de sua rotina noturna?

Sua única resposta foi a pressão de seu olhar na minha pele.

Eu estava brincando, mas agora que olhei mais de perto, observei pequenos sinais de estresse. A tensão esticava sua mandíbula afiada, e um pequeno sulco enrugava sua testa. Seu corpo zumbia um tom escuro e inquieto de frustração.

— Dia ruim no trabalho? — eu repeti, mais suave desta vez.

Eu esperava que Christian ignorasse minha preocupação. Para minha surpresa, ele respondeu francamente. — Cliente difícil.

— Imagino que você lide com muitos desses.

A lista de clientes da Harper Security era de CEOs, celebridades e a realeza. Isso era uma tonelada de ego para uma empresa lidar.

— Não tanto quanto você esperaria. — Ele tirou o paletó e o pendurou no encosto do sofá. Sua camisa esticada sobre seus ombros largos, e seus músculos flexionados com cada movimento.

Pare. Agora não é a hora de cobiçar.

— Se alguém insiste em ser chato, nós mostramos a porta, e eles nunca podem voltar. Eu administro uma empresa de segurança, não uma creche. Não tenho tempo para cuidar de egos inflados. Dito isso... — Uma nota irônica surgiu em seu

tom. — Alguns egos estão ligados a contatos úteis. Este cliente está chateado porque eu assinei um contrato para prestar serviços ao seu concorrente. Ele está ameaçando retirar sua conta se eu não dispensar o concorrente.

Homens adultos eram realmente mais mesquinhos do que colegiais. — Eu suponho que ele é um grande cliente?

— Um dos meus maiores.

— Você não quer perder a conta, mas também não quer manchar sua reputação ou abrir um mau precedente ao soltar a outra — supus. Eu mordi meu lábio, pensando sobre isso. — Quero dizer, é uma questão de orgulho. Ele não quer que seu concorrente tenha o que ele tem, então por que você não oferece a ele algo extra? Atualize-o para um pacote VVIP e deixe claro que seu concorrente não tem o mesmo nível de acesso.

VIP era o padrão para seus clientes, mas VVIP era o próximo nível.

— Eu não tenho um pacote VVIP.

— Agora você tem. Pelo menos faça com que ele *pense* que você tem — eu emendei. — Coloque alguns recursos extras de segurança, leve-o para beber. Diga a ele para manter o pacote quieto porque está disponível apenas para alguns poucos selecionados. Uma espécie de clube secreto. Isso acalmará seu ego e ele ficará emocionado porque tem algo sobre seu concorrente. Pessoas assim só querem se sentir melhores do que alguém.

Foi uma lição que aprendi depois de anos trabalhando no mundo da moda.

Christian me examinou com um leve sorriso. — Talvez você tenha mais perspicácia nos negócios do que acredita. — Seu murmúrio baixo envolveu meus sentidos como um cobertor de veludo exuberante.

— Mais empatia do que perspicácia nos negócios — eu disse, envergonhada. — Ainda sou péssima em negociações e contabilidade.

Aprenda a aceitar elogios, baby. 'Obrigada' é uma resposta perfeitamente adequada.

A voz de Jules ecoou na minha cabeça.

Eu estava tentando, mas alguns elogios eram mais fáceis de aceitar do que outros.

— De qualquer forma, experimente e veja como fica. — Limpei minha garganta. — Enquanto isso, você precisa se desestressar. Você medita?

Ele olhou para mim.

— Vai te ajudar a dormir melhor.

Silêncio.

Está bem então. Acho que foi um *não.*

— Que tal yoga? — eu tentei. — Nós podemos fazer isso juntos. Eu vou treiná-lo através disso.

Christian parecia preferir se afogar em um tonel de ácido. — Eu aprecio a oferta, mas vou ficar com um banho quente e dormir — disse ele secamente.

— Chuveiro e sono não são suficientes. — Não com a profundidade das linhas de expressão esculpidas em sua testa. Os empresários eram todos iguais, sempre perseguindo o próximo grande negócio sem se preocupar com sua saúde até que fosse tarde demais.

Eu estalei meus dedos. — Ok, eu tenho uma ideia. Sente-se no sofá.

— Não estou meditando.

— Você já disse isso. — Não em tantas palavras, mas seu silêncio falou muito. — Não é meditação. Apenas sente-se. Por favor?

A suspeita espreitava em seus olhos, mas ele obedeceu.

Meu coração batia forte o suficiente contra minhas costelas para machucar quando cheguei por trás dele e descansei minhas mãos em seus ombros.

Seus músculos imediatamente se contraíram.

— O que — ele disse, sua voz baixa entrelaçada com tanto perigo que eu senti o gosto na minha garganta — você está fazendo?

— Fazendo uma massagem em você. — Forcei meus nervos em debandada para trás de um verniz de calma. *Isso é para ajudá-lo a relaxar. É isso.* — Não me diga que você também se opõe a isso.

Sua mandíbula se apertou.

A noite havia descido, cobrindo a janela do chão ao teto à nossa frente em preto como tinta. Nossos reflexos eram tão nítidos que a janela funcionava como um espelho.

— Você está me dando uma massagem. — A inflexão de suas palavras era impossível de ler.

— Foi o que eu disse. Agora, relaxe. — Eu mantive minha voz tão baixa e calmante quanto possível enquanto eu alisava minhas mãos sobre seu pescoço e ombros. Seus músculos se contraíram ainda mais, o que derrotou todo o propósito do exercício. — O *outro* tipo de relaxamento.

Eu adorava receber massagens, mas gostava de fazer quase tanto quanto. Havia algo tão satisfatório em sentir a tensão derreter sob minhas mãos e saber que ajudei alguém a se sentir melhor, mesmo que apenas temporariamente.

Demorou um pouco para Christian relaxar, mas ele gradualmente afundou no sofá e inclinou a cabeça para trás, os olhos fechados.

O ar zumbia com consciência e os sons misturados de nossas respirações suaves e uniformes.

Tentei me concentrar em meus movimentos e não na poderosa forma masculina envolta despreocupadamente abaixo de mim, como uma pantera em repouso após uma longa caçada.

Os músculos de Christian eram elegantes e esculpidos, todas as linhas sinuosas e força enrolada.

Como tudo nele, seu corpo era uma máquina letal e perfeitamente afiada.

Meus olhos foram até seu rosto e a escuridão de seus cílios contra as bochechas bronzeadas.

Lábios firmes e sensuais, maçãs do rosto esculpidas, um nariz reto e uma mandíbula tão perfeitamente moldada que Michelangelo deve ter esculpido ele mesmo.

Deveria ser ilegal alguém possuir um rosto assim.

Uma mecha de cabelo grosso e escuro roçou sua testa. Incapaz de evitar, alisei-o de volta e me deleitei com os fios macios enquanto massageava suavemente seu couro cabeludo. O cabelo de Christian tinha o comprimento perfeito - curto o suficiente para facilitar a manutenção, longo o suficiente para uma mulher passar as mãos por ele enquanto...

Pare. Foco.

Engoli a secura na garganta e a dor renovada na parte inferior da barriga.

Abaixo de mim, o ritmo da respiração de Christian mudou

para algo mais áspero, mais primitivo.

Deslizei as palmas das mãos por seu pescoço e sobre seus ombros.

Um pequeno suspiro cortou o silêncio quando sua mão se fechou sobre a minha, interrompendo seus movimentos. O aperto de ferro marcou minha pele com tanto calor que senti em meus ossos.

— O suficiente.

Contenção áspera e olhar de uísque.

Ele abriu os olhos, e eu já estava sendo consumida por eles quando me agarrei ao meu minúsculo fragmento restante de autossobrevivência e me arrastei para longe.

Tirei minha mão de debaixo da dele e dei um passo para trás, o coração na garganta, o pulso acelerado com pura adrenalina.

— Você tem razão. Isso deve ser suficiente. Espero ter ajudado. — *Tranquila, calma, controlada.* — De qualquer forma, eu... vejo você amanhã. Boa noite.

Pela segunda vez naquela semana, fugi para o meu quarto e tranquei a porta atrás de mim. Fechei os olhos e me encostei na madeira fria até que meus batimentos cardíacos diminuíram para um ritmo normal.

O que havia de *errado* comigo? Eu nunca tinha ficado tão agitada com um cara antes. Eu até visitei uma terapeuta sexual uma vez no caso de minha baixa libido ser motivo de preocupação, mas ela me assegurou que era normal. Nem todos experimentaram atração sexual o tempo todo ou da mesma maneira.

A menos que, aparentemente, eles morassem com Christian Harper. Eu não conseguia identificar o que havia

mudado.

Eu sempre pensei que ele era atraente, mas minhas reações a ele não tinham sido tão intensas ou frequentes até que ele me encontrou após o primeiro bilhete. Claro, a noite de gala tinha sido intensa, mas eu pensei que tinha sido um acaso.

Talvez meu cérebro estivesse confuso e achasse que nosso relacionamento falso era real? Ou talvez eu estivesse confundindo gratidão com algo mais profundo.

Qualquer que fosse a razão, eu desejava que os sentimentos estranhos fossem embora.

Escovei os dentes e me deitei na cama, mas o sono permanecia inalcançável graças à dor latejante e persistente em meu núcleo.

Finalmente, não aguentei mais.

Eu deslizei minha mão entre minhas pernas, e minha boca se abriu em um suspiro silencioso ao primeiro roçar de meus dedos sobre meu clitóris.

Eu não precisava de liberação sexual com frequência, mas aquele toque acendeu meses de frustração reprimida até que a única coisa que importava era perseguir um doce e inebriante alívio.

Minhas costas arquearam para fora do colchão enquanto eu brincava com meu clitóris com uma mão e meu mamilo com a outra. Eu estava hipersensível depois de não me tocar por tanto tempo, e faíscas de prazer correram pelo meu corpo, incendiando cada terminação nervosa.

Pequenos gemidos se misturavam com os sons escorregadios dos meus dedos contra meu clitóris enquanto um filme erótico familiar se desenrolava em minha mente.

Eu amarrada, o arranhão áspero das cordas arranhando minha pele enquanto um estranho sem rosto tinha um momento comigo.

Mãos na minha garganta, mordidas na minha pele e um ritmo duro e implacável que arrancou gritos inibidos da minha garganta.

Fantasias sombrias que eu só me entregava sob a cobertura da noite.

Eu nunca as revelei a amantes anteriores porque estava muito nervosa para compartilhá-las e porque não confiava neles para realizar os cenários da maneira que eu queria.

Ironicamente, em minhas fantasias, nunca foi sobre o homem. Meu amante fantasma permaneceu sem rosto todos esses anos, uma figura amorfa que não exigia uma identidade para me fornecer o que eu queria – a perda segura de controle e um interruptor para as preocupações incessantes que assolam meu cérebro. Nada além das picadas afiadas de prazer e dor adjacente.

Mas enquanto a umidade encharcava meus dedos e a pressão crescia entre minhas coxas, a figura sem rosto entrou em foco pela primeira vez desde que minhas fantasias começaram.

Olhos castanhos dourados. Sorriso letalmente suave. Um roçar quente de lábios contra os meus e um aperto implacável que cavou em minha pele com pressão suficiente para fazer minha cabeça girar.

O nó de pressão explodiu com tanta força que não tive tempo de gritar antes de cair sobre a borda, varrida em onda após onda de felicidade orgástica sem nada para me segurar, exceto visões de uísque, mãos ásperas e um homem que eu não deveria querer, mas não podia deixar de desejar.

20

Stella

Evitei Christian com a determinação de um fugitivo correndo do FBI na semana que antecedeu a Nova York.

Foi surpreendentemente fácil, considerando o quão cedo ele saía de manhã e o quão tarde ele voltava à noite. Suspeitei que ele pudesse estar me evitando também, e meio que esperava que ele desistisse de me acompanhar até a seção de fotos.

Sem essa sorte.

Na manhã do meu ensaio com a Delamonte, encontrei-me a 10 mil metros de altura, sentada em frente a um homem que parecia tão determinado a me ignorar quanto eu a ele.

Exceto por uma troca cortês de *bom-dia,* não tínhamos nos falado desde que saímos de casa.

Bebi minha água com limão e dei uma espiada em Christian. Ele estava trabalhando em seu laptop, sua testa franzida com concentração. Seu paletó estava no assento ao lado dele, e ele havia levantado as mangas de sua camisa para revelar seu relógio e antebraços musculosos e bronzeados.

Como eu não tinha percebido o quão sexy os antebraços eram até agora?

Olhei para onde seu Patek Philippe brilhava contra sua pele bronzeada. Jules estava certo. Havia algo sobre homens usando relógios...

— Algo em sua mente? — Christian não ergueu os olhos de seu computador.

Eu não estava fazendo nada de errado, mas meus batimentos cardíacos colidiram como se ele tivesse me pego roubando.

— Só pensando na seção de fotos — eu menti. Tomei outro gole de água.

Entre a tensão no avião e meu ensaio com a Delamonte naquela tarde, fiquei surpresa por conseguir manter qualquer coisa, mesmo líquidos, no estômago.

— O que você vai fazer enquanto eu estiver no set? — perguntei. — Vai para o escritório de Nova York?

A Harper Security estava sediada em D.C., mas tinha escritórios em todo o mundo.

— Eu não vou voar com você para Nova York para que eu possa me esconder em outro escritório. — Christian digitou algo em seu teclado. — Eu vou acompanhá-la no set.

Surpresa explodiu em meu peito, seguida por uma pontada de ansiedade. — Mas a sessão de fotos pode levar horas.

— Eu sei.

Esperei por uma elaboração que nunca veio.

Eu segurei um suspiro. Christian era mais volúvel do que um termômetro quebrado.

Por falta de algo melhor para fazer, acomodei-me mais profundamente em meu assento e examinei o luxo que nos cercava.

O jato particular de Christian parecia uma mansão no ar. Assentos de couro creme amanteigado formavam áreas de estar íntimas, e um elegante tapete azul marinho abafava os passos das duas atendentes elegantemente equipadas que pareciam ter saído da última edição da *Vogue*.

Além da cabine principal, o jato também ostentava um quarto, um banheiro completo, uma área de triagem para quatro pessoas e uma mesa de jantar posta com pratos de fundo magnético e talheres projetados para permanecerem parados durante a turbulência.

Devia ter custado uma fortuna.

Christian parecia tão confortável com seu ambiente opulento quanto alguém que cresceu com uma colher de prata na boca, mas minha pesquisa me disse que ele veio de uma família normal de classe média alta. De acordo com a única entrevista pública que ele já havia dado, seu pai tinha sido engenheiro de software e sua mãe administradora de escola.

— Por que você escolheu a segurança privada? — perguntei, quebrando o silêncio. — Você poderia ter ido para qualquer campo.

Christian se formou *summa cum laude*[12] no MIT. Ele poderia ter conseguido um emprego em qualquer lugar depois da formatura – NASA, Vale do Silício, CIA. Em vez disso, ele escolheu construir sua própria empresa do zero, sem garantias de sucesso, em um campo que poucos graduados do MIT tocaram.

— Eu gosto disso. — Christian finalmente olhou para cima, sua boca se curvando para o que quer que ele visse no meu rosto. — Rhys diz que é meu complexo de Deus. Saber o quão importante são as vidas em jogo e que estão em minhas mãos.

Eu tinha esquecido que Rhys costumava trabalhar para ele. Eles eram tão diferentes que era difícil imaginá-los existindo na mesma esfera.

Rhys, apesar de toda sua grosseria, seguia as regras (a menos que Bridget estivesse envolvida). Christian não parecia ter muito uso para regras, a menos que fossem as suas.

— Não é isso. — Posso não conhecer Christian tão bem, apesar de morar com ele, mas sabia que ele não faria nada por puro ego. Ele era muito prático e calculista que isso.

— Não, não é. Não inteiramente. — Ele esfregou o polegar sobre o mostrador do relógio. — Se eu apenas quisesse dinheiro, poderia obtê-lo de várias maneiras. Ações, vendendo software exclusivos... o que fiz, para levantar capital para a Harper Security. Mas uma vez que você atinge um certo nível de riqueza, o dinheiro é apenas dinheiro. Não acrescenta nenhum valor inerente além do ego. O que é mais importante é a sua rede. Acesso. As pessoas que você conhece e as coisas que elas estão dispostas a fazer por você. — Um sorriso, partes iguais de sensual e perigoso. — Uma dívida de um contato bem colocado vale mais do que todo o dinheiro do mundo.

Um arrepio de trepidação subiu pela minha espinha. O que ele disse fez sentido, mas a *maneira* como ele disse soava mais ameaçadora do que ele provavelmente pretendia.

— Falando de negócios... — Christian mudou de assunto tão facilmente que meu cérebro levou um minuto para recuperar o atraso. — Como está indo o plano de negócios?

— Bem. — Eu queria dizer mais, mas o roçar de seu joelho contra o meu me distraiu.

Eu não tinha percebido o quão perto estávamos durante nossa conversa.

Calor masculino e especiarias decadentes invadiram meus pulmões e me distraíram ainda mais antes que eu entendesse o resto das minhas palavras quase esquecidas. — Mas eu não quero falar sobre isso agora. Conte-me mais sobre você.

Seu minidiscurso agora foi minha primeira visão de como sua mente funcionava.

Christian usava seus ternos caros e charme como

armadura, e eu estava desesperada por uma fenda, por qualquer vislumbre do homem por trás da máscara.

Como foi a infância dele? Quais eram seus hobbies, seus objetivos e medos? O que o transformou em quem ele era?

Eu não sabia por que eu queria respostas para essas perguntas, mas eu sabia que o pequeno vislumbre que eu tive não era suficiente. Era muito intoxicante, como uma dose de tequila requintada direto no sangue de um alcoólatra.

— Eu não sou tão interessante. — Foi a resposta suave e praticada de alguém que passou a vida inteira trancando seus pensamentos e sentimentos privados dentro de um cofre.

— Você está errado. — Nossos olhares travaram como duas peças de um quebra-cabeça se encaixando. — Acho que você é um dos homens mais fascinantes que já conheci.

Foi uma admissão ousada, que fez seus olhos escurecerem em um âmbar rico e derretido.

— Um dos? — A suavidade lânguida de sua pergunta alimentou qualquer alquimia selvagem que queimava entre nós. Chamas escuras devoraram todo o oxigênio na cabine, deixando quase nada para meus pulmões comprimidos.

— Conte-me mais sobre você, e eu posso promovê-lo ao topo da lista.

Sua risada invadiu os bolsões de ar restantes no meu peito. — Touché.

Os olhos de Christian mergulharam na minha boca, e os restos de sua risada evaporaram. Preto engoliu o âmbar, deixando nada para trás, exceto promessas de pecado e prazeres sombrios.

Alfinetadas de energia nervosa zumbiam sob minha pele. A memória do nosso quase beijo quando me mudei pela primeira

vez ressurgiu, como tinha o mau hábito de fazer desde aquela noite.

Minhas unhas afundaram em meus joelhos, e eu esperei, sem respirar, sem me mover, enquanto Christian abaixava a cabeça

— Sr. Harper, desculpe a interrupção. Mas você queria que eu o alertasse quinze minutos antes do pouso.

A voz gentil da atendente cortou o momento em mil pedaços irregulares.

Uma onda fria de oxigênio correu de volta ao meu peito, seguida pela acre picada de decepção quando Christian recuou. Rosto em branco, todos os traços de desejo apagados como se nunca tivessem existido.

— Obrigado, Portia. — Perfeitamente uniforme, perfeitamente calmo, ao contrário do batimento cardíaco irregular trovejando atrás de minhas costelas.

Portia assentiu. Seus olhos voaram entre nós antes que ela desaparecesse em outra parte do jato.

Christian voltou sua atenção para o computador e não conversamos pelo resto do voo.

Foi bom assim.

Eu não poderia ter formado palavras adequadas se eu tentasse. Eu estava muito inquieta ao saber que Christian Harper estava prestes a me beijar novamente... e que eu queria desesperadamente que ele o fizesse.

* * *

Por mais nervosa que eu estivesse com as fotos da

Delamonte, eu estava grata pela distração dos meus sentimentos confusos em relação a Christian.

Eu o queria, mas não queria sair com ele (ou qualquer outra pessoa).

Morávamos juntos, mas mal nos conhecíamos.

O mundo pensava que estávamos namorando, mas mal nos beijamos.

As contradições eram suficientes para enlouquecer uma garota.

Uma vez que voltasse para D.C., eu precisava conversar com Ava e Jules o mais rápido possível. Eu estava muito enferrujada no departamento de meninos para resolver minha bagunça sozinha.

Mas, por enquanto, eu tinha algo mais urgente que exigia minha atenção: não estragar a primeira sessão de fotos da Delamonte do negócio de marca mais importante da minha vida.

Quando Christian e eu chegamos ao estúdio, já estava cheio de atividade. O fotógrafo, o maquiador, o cabeleireiro e vários assistentes e funcionários da Delamonte corriam de um lado para o outro, vaporizando peças de roupas e se preocupando com a iluminação e os adereços. Uma música pop tocava ao fundo, mas toda a comoção parou quando entrei.

Aranhas de ansiedade rastejaram sobre minha pele.

Não tinha nenhum problema em fazer sessões de fotos solo ou estar na câmera quando não podia *ver* as pessoas me observando. Ser o centro das atenções em uma sessão pessoal era uma questão totalmente diferente.

— Stella! — Luisa quebrou o silêncio e me cumprimentou com beijos calorosos nas duas bochechas. — Você está

maravilhosa. E Christian. — Suas sobrancelhas subiram em sua testa com botox. — *Isso* é uma surpresa.

— Estou na cidade a negócios. Além disso... — Christian descansou a mão na parte inferior das minhas costas. — Eu não pude resistir à primeira sessão de fotos de Stella.

Ele parecia e soava tão crível como um namorado orgulhoso e apaixonado que eu quase esqueci que estávamos fingindo.

Quase.

— Huh. — Luisa o olhou fascinada. — De fato.

Fiquei mais surpresa ao vê-la no set do que ela ao ver Christian. Como CEO da marca, supervisionar as sessões de fotos estava abaixo de seu salário.

Ela devia ter lido a confusão no meu rosto porque seus olhos brilharam com conhecimento. — Eu não pude resistir a aparecer também. As pessoas dizem que sou adepta ao microgerenciamento, mas esta campanha é meu bebê. Estou determinada a torná-la a melhor da história da Delamonte, e você, minha querida... — Ela deu um tapinha na minha mão. — Você vai ajudar a fazer isso acontecer.

O sanduíche que comi no almoço revirou meu estômago.

Certo. Nenhuma pressão.

Christian retirou-se para os fundos para atender ligações de negócios enquanto eu me sentava para fazer cabelo e maquiagem e conhecia todos no set, incluindo Ricardo, o fotógrafo interno da marca. Ele era um homem bonito na casa dos quarenta, com a pele bronzeada e um sorriso de paquera que ele me deu antes de desaparecer.

Eu segui seu olhar de repente cauteloso para onde Christian estava na saída, seu telefone em seu ouvido, mas sua

atenção fixa em nós.

— Seu namorado é intenso, hein? — Ricardo soltou uma risada nervosa antes de limpar a garganta. — Não importa. Hora de começar, baby. Temos mágica para fazer!

Ele era charmoso o suficiente para soltar uma frase tão brega, e durante a próxima hora, eu tentei o meu melhor para seguir sua orientação, posando e girando e contorcendo meu corpo em posições estranhas e não naturais até o suor escorrer pela minha espinha.

As luzes estavam insanamente quentes, e imaginei minha maquiagem derretendo até parecer um palhaço enlouquecido.

Além disso, era impressão minha ou Ricardo havia perdido um pouco do entusiasmo? Seus gritos encorajadores de 'linda!' e 'bonita!' gradualmente se afunilaram em 'vire para à esquerda' e 'mais à esquerda'. Logo, apenas os cliques e zumbidos de sua câmera encheram o estúdio.

Ninguém falou, mas o peso de seus olhares pressionou contra mim como uma segunda camada de roupa.

A dúvida penetrou no vácuo deixado no rastro de seu silêncio.

Finja que está em casa. Sua câmera está em um tripé de frente para você. Você aperfeiçoou as configurações e está pronta para fotografar. Você já fez isso mil vezes, Stella...

— Levante o queixo mais alto. — A instrução de Ricardo interrompeu a fantasia que eu tinha inventado de estar sozinha. — Solte sua mão... um pouco mais... relaxe esses ombros...

Não estava funcionando.

Ele não disse isso, mas eu podia *sentir.* A picada grossa e azeda de decepção contaminando o ar. Aquela que eu estava

tão acostumada a provar sempre que ia para casa.

Eu estava finalmente trabalhando com minha marca dos sonhos, e estava estragando tudo.

Lágrimas se acumularam atrás dos meus olhos, mas eu apertei minha mandíbula e as pisquei para trás. Eu *não* choraria no set. Eu poderia me segurar até que as fotos terminassem.

Além disso, esta era apenas a primeira sessão. Havia mais três. Iria praticar antes da próxima e melhorar... se eles me mantiverem.

O punho implacável de ansiedade estrangulou meus pulmões.

E se Delamonte rescindisse meu contrato? Eles eram autorizados a fazer isso?

Minha mente vasculhou as cláusulas do contrato, frenética em busca de uma que permitisse que a marca me dispensasse se eu não atuasse de acordo com seus padrões.

Por que não olhei mais de perto as entrelinhas? Eu estava tão empolgada que assinei depois de uma rápida verificação com Brady para garantir que não houvesse grandes bandeiras vermelhas. Mas e se...

— Stella, baby. — Paciência forçada soou na voz de Ricardo. — Vamos fazer uma pausa, vamos? Ande por aí, beba um pouco de água. Nós nos reuniremos em dez minutos.

Tradução: você tem dez minutos para se recompor.

Surgiram murmúrios baixos e vi uma carranca no rosto de Luisa antes que ela se virasse.

A onda de lágrimas pressionou mais forte contra a barragem da minha força de vontade.

Tranquila, calma, controlada. Tranquila, calma, controlada. Tranquila...

Especiaria quente e masculina encheu minhas narinas. Um segundo depois, o preto profundo do paletó de Christian apareceu.

Ele me entregou um copo de água. — Beba.

Eu bebi. Isso esfriou um pouco do suor que escorria pela minha espinha, mas o ar ainda estava muito quente, as luzes muito brilhantes. Eu me senti como um inseto zumbindo em uma lâmpada fluorescente, tentando escapar antes de morrer queimada.

— O que você está fazendo? — Perguntei quando Christian pegou meu copo vazio, colocou-o na mesa mais próxima e voltou para ficar na minha frente. Avaliando-me, da mesma forma que faria com um investimento potencial ou um quebra-cabeça não resolvido.

— Lembrando você do motivo de estar aqui. — Seu tom era suave, mas autoritário o suficiente para abafar as provocações desagradáveis que lotavam minha cabeça. *Desapontamento. Falha. Fraude.* — Por que você está aqui, Stella?

— Para uma sessão de fotos.

Eu não conseguia reunir energia para uma resposta melhor e menos fútil.

— Isso é o *para quê.* — Christian agarrou meu queixo e o inclinou até que meus olhos encontraram os dele. — Estou perguntando *por quê.* Por que, de todas as pessoas que poderiam estar no seu lugar, *você* está aqui?

— Eu... — Porque eu passei a última década cultivando uma imagem que se tornou uma gaiola tanto quanto uma tábua de salvação. Porque eu estava enganando meus seguidores e quase todo mundo que eu conhecia para alcançar

alguma medida estúpida e arbitrária de sucesso. Porque eu estava desesperada para provar que *poderia* ter sucesso para pessoas que nem se importavam.

A espessura entupiu minha garganta.

— Porque eles escolheram você. — A voz fria de Christian cortou meus pensamentos confusos. — Toda blogueira do mundo mataria para estar onde você está, mas a Delamonte escolheu *você*. Não Raya. Nenhuma das outras mulheres no jantar ou nas páginas das revistas. Esta é uma marca multibilionária, e eles não teriam investido em você se não achassem que você pode fazer isso.

— Mas eu não posso. — Meu sussurro revelou a verdade comovente. Eu era uma impostora, uma garotinha brincando de se vestir com roupas de adulto. — Você vê como está indo. Sou um desastre.

— Você não é um desastre. — A precisão guiada de sua declaração atingiu a concha de incerteza em meu peito. Amassada, mas não destruída. — Já faz uma hora. *Uma* hora. Pense em quanto tempo você investiu para chegar onde está agora. Quanto você conseguiu? Quantas pessoas você superou? Você minimiza suas realizações como comuns quando as considera extraordinárias em qualquer outra pessoa.

Christian manteve seu aperto no meu queixo enquanto passava o polegar pela minha bochecha. Ele estava perto o suficiente para que eu pudesse ver as manchas douradas em seus olhos, como estrelas caídas nadando em poças de âmbar derretido.

— Se você se visse do jeito que as outras pessoas a veem — ele disse calmamente. — Você nunca mais duvidaria.

Curiosidade e algo infinitamente mais doce e perigoso vibrou para a vida em meu coração. — Como as outras pessoas

me veem?

Os olhos de Christian não deixaram os meus.

— Como se você fosse a coisa mais linda e notável que eles já viram.

As palavras acenderam cada molécula do meu corpo e as dissolveram em uma piscina de calor insuportável e delicioso.

Nós não estávamos falando sobre outras pessoas, e nós dois sabíamos disso.

— Esta é uma sessão de fotos, Butterfly. — Outro roçar de seu polegar, outro galope do meu coração. — O primeiro tempo foi de treino. O segundo é seu. Você entende?

Era impossível não me deixar levar pela confiança de Christian.

Em vez de adicionar um tijolo às minhas preocupações sobre não corresponder às expectativas, sua fé em mim me fortaleceu o suficiente para trancar aquelas vozes feias e provocantes na minha cabeça de volta na caixa onde elas pertenciam.

— Sim — falei, meus pulmões apertados, mas minha respiração mais fácil do que tinha sido durante toda a tarde.

— Bom. — Seus lábios mergulharam e tocaram os meus no mais suave dos beijos.

Não era a primeira vez que chegávamos tão perto, mas parecia mais fácil.

Menos um beijo, mais uma promessa.

Meus nervos se acalmaram enquanto tudo ao meu redor desaparecia por um longo momento.

Então o momento se foi, e ele também, mas o calor de sua

presença e o roçar fantasma de sua boca permaneceram.

Outra vibração interrompeu meu batimento cardíaco.

Tranquila, calma, controlada.

Eu endureci minha espinha e encarei Ricardo novamente com um sorriso.

— Estou pronta.

Se a primeira metade das fotos foi um desastre, a segunda metade foi uma revelação. O que quer que estivesse me bloqueando se soltou, e os cliques rápidos do obturador de Ricardo encheram o estúdio com entusiasmo renovado.

Click. Click. Click.

E nós terminamos.

Eu não tinha me movido mais do que alguns centímetros o tempo todo, mas meu coração trovejou como se eu tivesse acabado de correr a Maratona de Nova York.

— Perfeito! Você é *impressionante,* baby, apesar do, ah, começo difícil. — Ricardo piscou para mim. — Você foi *feita* para a câmera. As fotos finais vão ficar lindas!

— Obrigada — murmurei, mas eu mal ouvi o resto do seu jorro.

Meus olhos vasculharam o local totalmente branco até encontrarem Christian.

Ele ficou no canto de trás. Ainda em uma ligação de negócios, ainda lindo em seu terno e gravata, e ainda me observando com aqueles olhos de uísque sobre gelo.

Apesar do telefone pressionado em seu ouvido e dos olhares famintos de todas as mulheres e vários homens na sala presos nele, ele não desviou o olhar quando eu lhe dei uma piscadela

brincalhona e um sorriso.

Era um tipo de coisa improvisada, de momento, e não o tipo de ação que eu normalmente faria com um homem que eu mal tinha beijado.

Mas eu estava voando alto depois das fotos, e Christian estava tão composto o tempo todo que eu queria derrubá-lo.

Só uma vez, só um pouquinho.

Nada, no entanto, poderia ter me preparado para a devastação que seu sorriso preguiçoso e de resposta causou em meu coração.

As borboletas adormecidas no meu estômago ficaram loucas, e, de repente, eu soube, com toda a certeza do mundo, que elas estavam ali para ficar.

21

Stella

Naquela noite, ausente de quaisquer outros planos, acompanhei Christian para jantar na casa de seu amigo Dante.

Eu conheci Dante antes da noite da nevasca, mas eu tinha esquecido o quão intimidante ele era. Mesmo em uma simples camisa preta e calça, ele comandava a autoridade de uma maneira diferente de Christian, mas igualmente poderosa.

Christian era a lâmina de um assassino finamente afiada embainhada em veludo; Dante era um martelo queimando brilhante com intenção mortal. Letal e marcante, sem ambiguidade quanto ao dano que poderia infligir se cruzado.

Sua noiva Vivian, por outro lado, tinha o rosto caloroso e amigável, com lindos olhos escuros e um sorriso agradável.

Curiosamente, ela era rápida em agraciar a todos com aquele sorriso, *exceto* Dante. O casal de noivos não se olhou uma vez desde que Christian e eu chegamos.

— Eu não sabia que você estava namorando Christian quando eu te conheci. — A voz profunda de Dante me puxou para longe da minha curiosidade e enviou um arrepio de prazer pela minha espinha. *Sotaques italianos.* Eles faziam isso por mim todas as vezes. — Agora faz sentido.

Ele lançou um olhar duro para Christian, que bocejou.

Para duas pessoas que diziam ser amigos, eles não agiam de maneira particularmente amigável um com o outro.

— O que faz sentido? — perguntei.

— Como ele está distraído ultimamente. — Dante girou seu vinho em sua taça. — Você não concorda, Christian?

— Meus lucros recordes neste trimestre dizem o contrário — Christian soltou. Ele descansou a mão na minha coxa, o toque tão casual, mas possessivo, enviou calor para o meu núcleo.

— Não é o seu negócio que está com problemas — Dante disse secamente.

Christian olhou para ele com tanto interesse quanto alguém ouvindo um discurso de venda de seguros. Ele esfregou o polegar sobre minha pele nua. Suavemente, apenas uma vez, mas foi o suficiente para nublar meus pensamentos.

Eu estava tão focada na pressão quente de sua mão que não conseguia me concentrar em mais nada, nem mesmo na comida deliciosa.

O que há de errado comigo?

Eu nunca tinha perdido a cabeça por um cara assim. Era desconcertante.

Vivian cortou a tensão crescente com uma interrupção bem cronometrada. — Você e Stella formam um lindo casal. — Ela lhe lançou um olhar divertido. — Nunca pensei que veria o dia em que Christian Harper arranjaria uma namorada.

— Nem eu, mas Stella me pegou de surpresa. — A resposta foi tão calorosa e íntima que quase acreditei.

Minha frequência cardíaca disparou quando as borboletas no meu estômago ficaram selvagens novamente.

Tomei um grande gole de vinho para acalmá-las.

É só para mostrar. Não é real.

Christian vestia afeição casual com a mesma facilidade com

que vestia um de seus ternos. Não havia razão para acreditar que suas ações eram algo mais do que um jogo de disfarce.

Além do nosso quase, mas não realmente beijo, duas semanas atrás, ele nunca indicou que queria que fôssemos reais.

Claro, ele tinha ido além quando se tratava do perseguidor, mas isso era literalmente uma questão de vida ou morte. Não significava que ele *gostava* de mim.

Atraído por mim? Possivelmente, mas eu não acho que ele queria nada mais do que sexo.

Minha cabeça girou. Tudo parecia muito confuso depois que ele me beijou hoje, mesmo que fosse apenas para me distrair dos meus nervos.

Eu acreditava firmemente que, se alguém lhe mostrava quem era, melhor acreditar. E Christian havia indicado uma e outra vez que não estava interessado em um relacionamento real.

O dia em que as pessoas pararem de pensar que poderiam mudar alguém que não queria ser mudado seria o dia em que menos corações se partiriam.

Eu queria um relacionamento de verdade um dia, mas não pensava nem por um segundo que poderia mudar Christian Harper.

É só para mostrar. Não é real.

Por sorte, a tensão que cobria a mesa se dissolveu gradualmente à medida que o jantar prosseguia, afogada por boas bebidas e boa comida.

Quando o prato principal chegou, Vivian e Dante estavam conversando, embora suas conversas consistissem principalmente em pedir ao outro que passasse a comida.

Mas não importava quem estava falando, metade da minha atenção permanecia sintonizada em Christian. Ele se sentou a centímetros à minha direita, sua presença era uma distração viva e seu cheiro enchia meus pulmões e nublava meus pensamentos.

Sorrisos fáceis, fala arrastada e pele dourada pela luz fraca e neblina alimentada pelo vinho.

Era a primeira vez que o via em um ambiente de grupo tão relaxado, e finalmente entendi como as pessoas podiam ser sugadas por seu charme e subestimá-lo.

Por todo o seu cuidado e preocupação comigo, eu nunca duvidei da crueldade que estava sob seu verniz civilizado. Mas aqui, vendo-o rir e brincar com graça sem esforço, quase acreditei que ele não era nada mais do que um playboy rico com apenas dinheiro e bons momentos em sua mente.

Christian se virou para responder a uma pergunta de Vivian, mas seu polegar fez outro deslizar lento sobre a minha pele.

É só para mostrar. Não é real.

Uma pequena gota de suor se formou na minha testa. Eu estava usando um vestido sem mangas, mas estava queimando.

— Como você e Christian se conheceram? — perguntei a Dante, tanto para distrair o toque de Christian e porque eu estava realmente curiosa.

Eu não tinha conhecido nenhum dos outros amigos de Christian (Brock e Kage não contavam já que trabalhavam para ele), e eu estava morrendo de vontade de conhecer a história deles.

— Fui o primeiro cliente dele. — Dante se recostou na cadeira. — Ele era um garoto recém-saído da faculdade...

— Você é três anos mais velho que eu — Christian interrompeu.

Nosso anfitrião o ignorou. — Eu dei uma chance a ele. Melhor e pior decisão que já tomei.

— Pior? — Christian zombou. — Você se lembra do que aconteceu em Roma? — Ele se virou para mim enquanto Dante revirava os olhos. — Estávamos transportando joias para uma nova loja na cidade...

Um sorriso puxou meus lábios enquanto ele contava a história sobre como ele impediu o Grupo Russo de perder milhões de dólares em diamantes.

Não porque a história era engraçada, mas porque Christian estava o mais relaxado que eu já tinha visto.

Ele era tão calculado e no controle o tempo todo que vê-lo relaxar em torno de amigos era como dar uma olhada por trás da cortina no verdadeiro *ele.*

Era legal.

Melhor do que legal.

Se ele agisse assim o tempo todo...

Tomei outro gole de vinho antes de terminar meu pensamento.

Não vá lá.

— Se há uma coisa que você deveria saber sobre ele, Stella — Dante disse depois que ele terminou — é que ele tem um senso inflado de autoimportância. Poderíamos ter lidado com a situação das joias sem a ajuda dele.

— Confie em mim, eu sei. — Uma risada subiu na minha garganta quando Christian deslizou um olhar meio divertido, meio exasperado em minha direção.

— Você está do lado de quem?

— Fácil. — Eu sorri. — Dante.

A mesa caiu na gargalhada enquanto ele apertava minha coxa e se inclinava mais perto até que sua boca roçou minha orelha.

Meu pulso pulou.

— Não é muito namorada da sua parte — ele murmurou.

— Se você não consegue lidar com um pouco de provocação, você não está pronto para uma namorada — eu sussurrei de volta.

Sua risada me atravessou como uma fita de veludo escuro.

Eu relaxei em meu assento com um sorriso persistente.

As provocações, as brincadeiras, a abertura sobre seu passado (mesmo que fosse relacionado ao trabalho) ... quase nos sentíamos como um casal de verdade.

Depois do jantar, Vivian me levou para um passeio pela cobertura enquanto Dante e Christian discutiam negócios.

A casa de Christian era toda de linhas limpas e minimalismo moderno, mas a dos Russo era uma prova de bom gosto à decadência. Veludos valiosos, sedas exuberantes e porcelanas lindamente cortadas, tudo arranjado de uma maneira extravagante, mas nunca cafona. A única coisa que parecia fora do lugar era a pintura horrível em sua galeria de arte.

Eu tinha grande respeito por todos os trabalhos criativos, mas, honestamente, aquela peça parecia que um gato vomitou por toda a tela.

— Eu não sei por que Dante comprou isso. — Vivian parecia envergonhada. — Ele geralmente tem um gosto mais

exigente.

O elogio saiu de má vontade, como se ela estivesse relutante em atribuir quaisquer qualidades positivas ao seu noivo.

Suprimi a vontade de perguntar o que aconteceu entre eles.

Seria rude me intrometer nos negócios de outras pessoas, especialmente quando eram meus anfitriões e eu tinha acabado de conhecê-los.

Quase voltamos para a sala de jantar quando ouvimos vozes saindo de uma fresta na porta do escritório de Dante.

— ...não posso manter Magda para sempre — Dante disse. — Você deveria estar feliz por eu não ter jogado no lixo depois da façanha que você fez com Vivian e Heath.

Vivian congelou enquanto minha testa franzia com confusão.

Quem são Magda e Heath?

Que façanha?

— É uma porra de uma pintura, não um animal selvagem. — Christian parecia entediado. — Quanto à Vivian, já se passaram meses e deu tudo certo. Deixa para lá. Se você ainda está chateado, você não deveria ter me convidado para jantar.

— Fique feliz que as coisas *tenham dado certo* com Vivian — Dante disse friamente. — Se...

Ele parou quando Vivian tossiu, seu rosto inexplicavelmente vermelho.

Um segundo depois, a porta se abriu, revelando um Dante surpreso e um Christian impassível.

— Vejo que você terminou o passeio mais cedo. — O tom

seco de Dante cortou o silêncio que se seguiu. Um leve rubor coloriu suas maçãs do rosto quando ele olhou para uma silenciosa Vivian.

— Desculpe. — Minhas próprias bochechas aqueceram ao sermos pegas espionando. — Nós estávamos a caminho da sala de jantar e ouvimos... — Eu parei, não querendo confirmar que estávamos ouvindo sua conversa, embora isso fosse claramente o que estávamos fazendo.

— Nós estávamos apenas terminando — disse Christian suavemente. Não havia sinal da ira que eu tinha ouvido antes. — Dante, Vivian, foi adorável.

Eu me despedi também, e descemos o elevador até o saguão em silêncio. Mas quando chegamos à calçada, não consegui mais me segurar.

— O que é *Magda*?

Agora que deixamos os Russos, não me incomodei em fingir que não os tinha ouvido.

Christian havia dito que era uma pintura, mas eu não entendia por que Dante a estava segurando para ele. Christian nem *gostava* de arte.

— Nada com que você precise se preocupar. — Sua resposta curta foi mais fria do que o ar fresco da noite girando em torno de nós.

O caloroso e descontraído Christian do jantar foi substituído por seu gêmeo distante mais uma vez.

Eu tentei novamente. — Que truque você fez com Vivian e Heath? — *Além disso, quem diabos é Heath?*

Normalmente, eu não era tão intrometida, mas esta noite era minha melhor chance de fazer Christian se abrir. Ele revelou um pouco de como ele era por trás de sua máscara

perfeita mais cedo; eu só precisava cavar mais fundo.

— Também nada com que você precise se preocupar.

— Isso não é uma resposta.

Chegamos ao prédio dele, que ficava a apenas alguns quarteirões da casa de Dante.

— Você sabe tudo sobre mim, e eu não sei nada sobre você — acrescentei. — Como isso é justo?

— Você sabe muito sobre mim. — Christian acenou para o porteiro, que inclinou o chapéu em saudação. — Onde moro, onde trabalho, como tomo meu café da manhã.

— Todo mundo pode descobrir essas coisas com uma simples pesquisa no Google. Eu só quero...

— Deixe para lá, Stella. — Não havia mais nenhum disfarce de gentileza, apenas o corte afiado de uma lâmina me rasgando em tiras. — Eu não quero falar sobre isso.

Minha mandíbula ficou tensa.

— Certo. — Apesar da minha resposta fria, a frustração borbulhou quente e descontrolada dentro de minhas veias.

Conheci Christian no ano passado. Nós vivíamos juntos e fingíamos ser um casal há semanas, mas eu não sabia nada sobre ele além do superficial.

Enquanto isso, ele sabia coisas sobre mim que eu nunca compartilhei com mais ninguém. Minha história com meu perseguidor. Minha ansiedade. Meus sonhos de começar uma linha de moda. As pequenas, mas importantes partes da minha vida que eu mantive em segredo até mesmo dos meus amigos mais próximos.

Eu confiava nele, mas ele claramente não sentia o mesmo por mim.

Algo mais amargo brotou sob a frustração.

Dor.

Christian não era nada além de um mestre em fazer as pessoas acreditarem em coisas que não existiam.

É só para mostrar. Não é real.

Não nos falamos novamente até chegarmos ao apartamento dele, onde lhe dei *boa noite* e me retirei para o quarto de hóspedes antes que ele pudesse responder.

Eu não conseguia dormir, então fiquei ali olhando para o teto enquanto o silêncio frio e escuro tirava minha frustração para revelar a dor por baixo.

Eu estava mais atraída por Christian do que por qualquer homem em anos. Não só isso, eu estava começando a *gostar* dele. A maneira como ele me confortou depois que encontrei o bilhete no meu apartamento, a maneira como seus sorrisos derramaram borboletas no meu estômago e a fé inabalável que ele demonstrou em mim durante a sessão de fotos... tudo isso corroeu minha resistência tão lentamente que eu não percebi quanto de mim mesma eu havia bloqueado até sentir a picada de sua rejeição.

Queimou como ácido na pele crua, e era minha culpa. Eu nunca deveria ter baixado a guarda.

Apesar de toda a minha aversão a relacionamentos, eu era uma romântica no mais secreto canto do meu coração, e eu estava apavorada que, como tudo o mais que eu mantive escondido, Christian iria desvendar essa parte de mim até que fosse impossível juntá-la novamente.

Ele era perigoso, não apenas para seus inimigos, mas para aqueles próximos a ele.

E a única maneira de me salvar era garantir que eu ficasse

o mais longe possível dele.

22

Stella

Um passo para frente, dois passos para trás.

Isso resumia meu relacionamento com Christian.

Eu pensei que estávamos fazendo um progresso real. Considerando a facilidade com que ele se fechou para mim depois do jantar na casa de Dante, esse não era o caso.

Eu não guardava rancor com frequência, mas fazia uma semana desde que voltamos para D.C., e eu ainda não tinha me livrado de toda a minha dor.

Não havia nada mais perturbador do que considerar alguém um amigo apenas para perceber que ele não sentia o mesmo por você. O equilíbrio desigual em qualquer relacionamento fazia minha pele ficar tensa.

Deixa pra lá, Stella. Eu não quero falar sobre isso.

Não era como se eu tivesse pedido a ele para revelar seus segredos mais profundos e sombrios. Dante sabia o que aconteceu com Magda e Vivian, então não poderia ser tão ruim.

Embora, eu não tivesse uma longa história com Christian como ele tinha, mas ainda assim.

Passei meu cartão no balcão de autoatendimento com mais força do que o necessário.

Eu visitei Maura naquela manhã e parei na mercearia para comprar mais wheatgrass para meus smoothies a caminho de casa.

Dica top: não faça compras quando estiver frustrada.

Fui para pegar o wheatgrass e estava saindo com dois sacos de pipoca, meio litro de sorvete, uma barra de chocolate tamanho grande e um pacote de seis de iogurte grego.

O ar-condicionado estava no máximo, mas um calafrio mais profundo e sinistro varreu minha pele quando eu me virei para sair.

Todos os pelos dos meus braços e da minha nuca se arrepiaram.

O rugido do sangue em meus ouvidos abafou todos os outros ruídos enquanto eu examinava meus arredores com um aperto forte no meu telefone.

Eu não vi ninguém suspeito, mas a sinistra mudança no ar era tão tangível que eu senti o gosto no fundo da minha garganta.

Alguém está me observando. O aviso suave e cantante passou pela minha cabeça.

E esse alguém não era Brock, cuja presença era invisível, mas sempre calorosa e reconfortante.

Um arrepio percorreu minha espinha.

Eu não tive notícias do meu perseguidor desde o arrombamento nem recebi nenhuma atualização de Christian. Eu não tinha pedido por elas; parte de mim não queria saber.

Fora de vista, fora da mente, exceto que obviamente não era verdade.

Quem quer que fosse o idiota, ele estava lá fora, provavelmente esperando por outra oportunidade para atacar.

Eu não havia mencionado minha mudança nas redes sociais, mas ainda morava no mesmo prédio. Se ele pôde

invadir meu apartamento...

Pare com isso. Ele não pode invadir a casa de Christian.

Ele também não podia me machucar quando eu estava em público. Brock estava lá. Eu não podia vê-lo, mas ele estava.

Está bem. Você está bem.

Ainda assim, forcei minhas pernas a se moverem e caminhei o mais rápido que pude de volta ao Mirage.

O frio evaporou sob as chamas do final da tarde. Assim que tranquei a porta do apartamento de Christian atrás de mim, quase me senti tola por como uma mera sensação me paralisou no meio de um supermercado lotado em plena luz do dia.

Está bem. Você está bem.

Eu torci meu colar em volta do meu dedo e puxei respirações lentas e profundas pelos meus pulmões até que os vestígios de medo desaparecessem.

Sim, meu perseguidor estava lá fora, mas ele não conseguiu chegar até mim.

Podia estar chateada com Christian agora, mas confiava nele para me proteger.

Ele encontraria o perseguidor em breve. Então toda a situação passaria e eu poderia voltar à minha vida normal.

Eu tinha certeza disso.

* * *

Minha maratona de evitar Christian com sucesso terminou naquela noite quando ele voltou para casa tão cedo que o sol ainda estava baixo no céu e derramava raios dourados de luz

sobre o chão cinza claro.

Eu tinha acabado de terminar uma pré-entrevista com Julian, o colunista de estilo de vida da *Washington Weekly*. Ele estava fazendo um perfil aprofundado sobre mim e o cargo de embaixadora da Delamonte, e passamos a última meia hora discutindo tópicos e logística.

Eu estava desenhando na sala quando a porta da frente se abriu e todos os pelos do meu corpo se arrepiaram com a consciência.

Eu não precisava ver Christian para *senti-lo*. Ele consumia todos os cômodos em que entrava.

Não olhe, não olhe...

Eu olhei.

Com certeza, lá estava ele, atravessando a sala como um rei para o seu trono.

Ombros largos. Maçãs do rosto afiadas. Terno caro.

— Saindo mais cedo? — Levantei-me e enfiei meu caderno de desenho embaixo do braço. Eu não gostava de me sentar perto de Christian. Isso me fazia sentir ainda mais em desvantagem do que eu já estava. — Ainda é horário comercial.

Eram as primeiras palavras que eu falava com ele desde Nova York, e eu estaria mentindo se dissesse que não me deram uma corrida inebriante.

Seus passos diminuíram até que ele parou na minha frente. — Achei que você gostaria de comemorar.

A confusão puxou minhas sobrancelhas juntas. — Celebrar o quê?

— Você atingiu um milhão de seguidores, Stella. — Christian me observou, sem sorrir, mas seus olhos brilharam

com um leve toque de diversão. — Uma hora atrás.

Um milhão de seguidores.

Não havia *nenhuma maneira* de eu já ter atingido esse marco. Quando verifiquei ontem à noite, eu estava apenas em… novecentos e noventa e seis mil, mais ou menos algumas centenas.

Oh, meu Deus.

Considerando o quão rápido eu estava crescendo desde que comecei a 'namorar' Christian, quatro mil novos seguidores da noite para o dia estava totalmente dentro do reino das possibilidades.

— Se você não acredita em mim, verifique por si mesma. — Era como se ele tivesse lido minha mente.

Eu arrastei meus olhos para longe dos de Christian e peguei meu telefone. Um pequeno tremor sacudiu minha mão quando entrei no meu perfil e me concentrei no número no topo.

1 milhão

Um milhão de seguidores.

Oh. Meu. Deus.

A pressa de ver aquele número foi tão forte que fiquei tonta.

Eu sabia que isso aconteceria eventualmente, mas *atingir* esse marco era surreal.

Um arrepio percorreu minha espinha.

Eu fiz isso.

Eu fiz isso!

Um sorriso estourou, e precisei de toda a minha força de

vontade para não pular e gritar como uma criança de doze anos no show de seu cantor pop favorito.

Um milhão tinha sido a meta desde que comecei minha conta. Não era meu *único* objetivo, mas tinha sido o grande. O bilhete dourado. A validação de que era um sucesso, de que não errei ao seguir o caminho que estava trilhando e que as pessoas gostaram do meu conteúdo e gostaram de *mim.*

Depois de anos criando conteúdo e milhares de posts, finalmente consegui.

Olhei para o meu perfil, esperando os céus se abrirem, anjos cantarem e confetes choverem ao meu redor em parabéns.

No mínimo, eu esperava que os deuses do Instagram aparecessem e colocassem uma estrela dourada na minha mão por alcançar um marco tão grande.

Nada.

A alegria de me juntar ao clube de um milhão de seguidores ainda estava lá, mas eu também esperava... *mais.*

Alguma sensação de realização que validaria todo o trabalho duro que eu tinha colocado em minha conta e a sensação de que eu tinha conseguido, o *que* fosse.

Mas, além de um texto animado e cheio de emojis de Brady e uma caixa de entrada cheia de DMs, eu era a mesma pessoa de uma hora atrás, com as mesmas preocupações e inseguranças.

Algo irregular e sombrio perfurou minha emoção até que eu flutuei lentamente de volta à terra.

De alguma forma, parecia pior conseguir algo e ainda se sentir insatisfeita do que não conseguir.

Eu tinha um milhão de seguidores, mas nunca me senti tão vazia.

Enfiei meu telefone no bolso e tentei esconder minha decepção.

— Eu não sabia que você estava observando minha contagem de seguidores tão de perto — eu disse.

Christian não mordeu a isca. Em vez disso, ele enfiou a mão no bolso e pegou uma distinta caixa vermelha e dourada.

— Para você — disse ele. — Um presente de parabéns.

Curiosidade e hesitação guerrearam dentro de mim.

Deveria aceitar? Eu não me sentia bem em aceitar um presente dele quando éramos pouco mais que um acordo de negócios, mas o que ele poderia ter me dado? Considerando o tamanho e a marca, tinha que ser uma joia.

No final, a curiosidade venceu.

Peguei a caixa e a abri lentamente, meio que esperando que algo saltasse para mim, mas minha respiração ficou presa na minha garganta quando vi o que estava aninhado contra o veludo preto.

Santo Inferno.

Era um relógio – o relógio mais lindo e extravagante que eu já tinha visto. Diamantes e esmeraldas formavam delicadas borboletas na face polida, e diamantes menores cravejavam a faixa de platina.

— É uma peça de edição limitada que ainda não chegou ao mercado — disse Christian tão casualmente como se fosse um brinquedo de plástico que ele comprou no shopping. — Existem apenas cinco no mundo. Um deles agora pertence a você.

Corri meus dedos sobre o rosto de joias. O relógio devia

valer uma fortuna.

— Como você conseguiu isso? — A pergunta foi um sussurro no fim da luz solar.

Eu sabia a resposta antes que ele respondesse.

O que Christian Harper queria, Christian Harper conseguia.

— Eu tenho meus contatos.

O impulso de serotonina ao segurar uma joia deslumbrante se desvaneceu, substituído por cautela.

Eu não conseguia segurar nenhum sentimento feliz nos dias de hoje.

Fechei minha mão ao redor do relógio até que as joias cortaram minha palma. — Por que você está me dando isso?

— Eu te disse. É um presente de felicitações.

— Você disse que eu não havia atingido um milhão de seguidores até uma hora atrás. Você conseguiu comprar este relógio *e* voltar para casa nesse tempo?

Ele respondeu com um elegante encolher de ombros. — Tenho bons contatos.

Meu padrão era confiança, mas provei a amargura de sua mentira na minha língua.

Os diamantes cavaram sulcos mais profundos em minha pele antes que eu afrouxasse meu aperto.

— É lindo, e eu aprecio o sentimento, mas não posso ficar com isso. — Eu estendi o relógio.

Desejei poder guardá-lo, mas sempre desejei coisas que não podia ter.

Amor. Afeição. Valor. Algo profundo e incondicional que eu poderia chamar de meu.

No grande esquema das coisas, um relógio não era nada. Era lindo, e eu odiava o quanto eu queria algo que não significava nada, mas era apenas um acessório. Se alguém quisesse, poderia comprá-lo.

Essas outras coisas, nenhuma quantia de dinheiro poderia comprar.

A expressão de Christian cintilou pela primeira vez desde que ele entrou. — Eu dei a você. É seu.

— Estou devolvendo. É demais — falei com firmeza. — Este é um relógio de *diamantes,* Christian. Deve valer dezenas de milhares de dólares.

— Noventa e dois mil e seiscentos.

Eu vacilei tanto com o número quanto com seu tom frio.

— É só dinheiro. Eu tenho bastante. — As sobrancelhas de Christian mergulharam em um V. — Pensei que você ia gostar. Você disse que precisava de um relógio novo.

Eu *tinha* dito isso. Foi um comentário improvisado que fiz semanas atrás.

Eu não podia acreditar que Christian se lembrava disso.

— Se eu usar isso, serei roubada no instante em que sair de casa. Mesmo se eu não... — Eu arrastei uma respiração pelos meus pulmões comprimidos.

O oxigênio atiçou as chamas da velha frustração até que incinerou minhas inibições e o resto das minhas palavras se derramaram.

— Não é apenas o relógio. É tudo. Nosso acordo, meu guarda-costas, morando aqui sem pagar aluguel, levando seu

jato para Nova York. Sinto que sou sua amante, exceto que não estamos fazendo sexo. Você não é meu namorado. Não tenho certeza se somos amigos. Então me diga, *por que* você está fazendo tudo isso? E não me diga que é para me parabenizar pela minha contagem de seguidores ou porque você se sente culpado por alguém ter invadido meu apartamento. Sou otimista, não idiota.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu suspeitaria que Christian estava tentando me atrair para algum estranho arranjo sexual. Mas ele era rico e lindo o suficiente para não precisar atrair ninguém para nada. As pessoas fariam fila para fazer sua oferta sem que ele tivesse que pedir.

Por que ele estava me dando um tratamento especial quando ele mal me conhecia?

Tique. Taque. Tique. Taque.

A marcha ensurdecedora dos segundos que passavam no relógio de parede combinava com o músculo saltando na mandíbula de Christian.

Nenhuma palavra, apenas silêncio.

Ele era um cofre, cheio de segredos e lacrado com uma fechadura que nem mesmo um ladrão mestre poderia abrir. O perigo pulsava ao redor dele, gritando para eu parar e voltar antes que fosse tarde demais.

Como uma tola imprudente, eu segui em frente.

— Eu não espero que você responda. Você nunca responde. Mas, embora eu seja grata por sua ajuda com o perseguidor, não posso tirar mais de você do que já tirei.

Eu segurei o relógio ainda mais. Suas mãos permaneceram ao seu lado, mas o peso de seu olhar era uma pressão física contra minha pele.

— Assinamos um contrato, mas os limites ficaram turvos desde que me mudei. É hora de voltarmos aos termos originais do nosso acordo. Estamos juntos apenas em público, por razões mutuamente benéficas, e somos companheiros de casa até encontrarmos meu perseguidor e colocá-lo atrás das grades. Isso é *tudo* o que somos. Nada mais nada menos.

As palavras empilharam como tijolos na parede que eu estava construindo entre ele e meu coração equivocado.

Tique. Taque. Tique. Taque.

Apenas minha respiração irregular interrompia a agonizantemente lenta passagem do tempo.

Meus pés não se moveram um centímetro desde que Christian chegou em casa, mas meu peito arfava como se eu tivesse acabado de escalar o Monte Everest.

— Nada mais nada menos. — Sua repetição preguiçosa das minhas palavras enviou um arrepio de desconforto na minha espinha.

Minha garganta estava muito apertada para permitir a passagem de ar suficiente. Tudo ao nosso redor zumbia de modo incessante e perigoso, como um aviso antes de uma tempestade.

Ele deu um passo em minha direção. Dei um passo instintivo para trás, e outro, e outro, até que minha parte inferior das costas bateu no sofá e meu coração bateu forte o suficiente para machucar.

— É isso que somos, Stella? Companheiros de casa que estão se vendo por razões *mutuamente benéficas?* — A pergunta era suave e aveludada, mas seus olhos brilhavam como a ponta de uma lâmina recém-afiada.

As palmas das mãos de Christian afundaram nas almofadas de cada lado de mim, efetivamente me prendendo.

Levou toda a minha força de vontade para não me encolher para não o tocar. Um contato, e eu queimaria em chamas. Eu tinha certeza disso.

Mas eu me recusei a dar a ele a satisfação de me ver me esconder, então levantei meu queixo e tentei não pensar nos meros centímetros que separavam meu corpo do dele.

— Isso é tudo o que devemos ser.

— Eu não perguntei a você o que deveríamos ser. Perguntei-lhe o que somos.

— Você nunca responde minhas perguntas — falei desafiadoramente. — Por que eu deveria responder a sua?

O zumbido se intensificou, varrendo sobre nós como um maremoto sobre a costa. Os olhos de Christian escureceram até que as pupilas quase obscureceram o ouro derretido de suas íris.

— Suas perguntas. — O corte cruel de seu sorriso injetou gelo em minhas veias, e de repente me arrependi de perguntar qualquer coisa a ele. — Você quer saber *por que,* Stella? Por que te dei o relógio, por que te mudei para minha casa, meu *santuário,* quando moro sozinho há mais de uma década e planejava fazê-lo pelo resto da minha vida?

Cada palavra cravava adrenalina no meu sangue até que eu estava me afogando nela. Nele. Neste vórtice selvagem que fui sugada sem nenhuma rota de fuga à vista.

— É porque você não me olhou nos olhos desde Nova York. Porque você é tudo em que eu consigo pensar, não importa onde eu esteja ou com quem eu esteja, e pensar em você machucada ou chateada me faz querer arrasar esta cidade. — Uma maldade suave, quase desesperada, cobriu sua voz. — Nunca quis tanto alguém e nunca me odiei tanto por isso.

O vórtice me arrastou mais fundo, submergindo-me sob as

ondas de mil emoções diferentes. Quaisquer palavras que eu pudesse ter falado estavam muito emaranhadas em meu peito para escapar.

Um sorriso amargo cortou aquele rosto de partir o coração. — *Esse* é o porquê, porra.

Em uma corrente de ar frio, Christian se foi.

A porta se fechou atrás dele, e eu desabei contra o sofá, o relógio pendurado em meus dedos e as ruínas do mundo como eu o conhecia aos meus pés.

23

Christian

Valhalla em uma noite de sexta-feira era pura depravação, mas em vez de participar do jogo de pôquer de alto risco no cassino ou me deliciar com o clube de cavalheiros no porão, virei minha sexta bebida no bar.

Scotch, auto aversão e raiva queimavam meu sangue enquanto a morena ao meu lado tagarelava.

Três horas e duas vezes mais bebidas não tinham descongelado o gelo preto que cobria minhas veias desde que deixei Stella sozinha no apartamento. Nem as mulheres flutuando ao meu redor, todas elas bonitas e realizadas em seu próprio direito.

Uma magnata de cosméticos. Uma herdeira de doces. Uma supermodelo que parecia despreocupada em abandonar o magnata da mídia com quem ela apareceu.

— Estou hospedada em um hotel próximo. — A modelo se inclinou para mais perto até que sua voz baixa e rouca perfurou o barulho e chegou aos meus ouvidos. — Talvez você gostaria de se juntar a mim?

Passei o polegar pela borda do meu copo e a observei em silêncio.

Sua pele corou um vermelho fraco sob meu escrutínio.

Parte de mim estava tentado a aceitar sua oferta e afogar minhas frustrações com calor e sexo. Esse tinha sido o meu plano quando comecei a flertar com ela.

Mas esse era o problema. Nenhuma supermodelo ou sexo poderia apagar Stella da minha mente por um único maldito segundo.

Irritação percorreu minhas veias.

— Não interessado. — Minha resposta saiu mais dura do que o normal, e a irritação se aprofundou.

Eu precisava dar o fora daqui. Eu estava muito no limite. Se eu ficasse, poderia fazer algo de que me arrependeria.

Antes que a modelo pudesse responder, seu acompanhante finalmente percebeu que ela havia se afastado depois que ele terminou sua conversa com outro membro do clube.

Ele veio em nossa direção, seu rosto nublado com desagrado sombrio.

— Anya. Eu disse para você ficar ao meu lado. — Ele fechou uma mão proprietária em torno de seu pulso e olhou para mim.

Olhei de volta, entediado.

Victor Black, CEO de um império de mídia composto por dezenas de jornais e sites inúteis, mas amplamente lidos.

Ele também era um dos membros mais irritantes do Valhalla.

— Desculpe. — Anya não parecia nada arrependida.

— Harper. — Victor me deu um sorriso desagradável. — Você não deveria passar sua noite de sexta-feira com sua namorada em vez de flertar com o encontro de outro homem?

Meu sorriso congelou com a menção indireta de Stella.

Se não estivéssemos em público...

— Você está certo — falei amigavelmente. — Divirta-se com

seu par.

O sorriso de Victor vacilou com a minha resposta agradável. Uma pitada de pânico surgiu em seus olhos quando me levantei e deixei cair uma nota de cem dólares no pote de gorjetas.

— Aonde você está...

Saí sem ouvir o resto de sua pergunta insípida e fiz uma parada em seu carro esporte premiado.

Podia não ter uma arma comigo já que Valhalla não permitia armas dentro do clube, mas isso não significava que eu não tivesse outras armas menos óbvias à minha disposição.

Dois minutos e um dispositivo plantado depois, entrei no meu carro e dirigi para casa.

Quando cheguei ao Mirage, assisti às imagens de segurança do lado de fora da casa de Victor no meu telefone. Como esperado, ele saiu logo depois de mim; seu carro parou em sua garagem menos de dez minutos depois que eu cheguei.

Ele e Anya saíram do carro e entraram em sua casa.

Esperei até que a porta se fechasse atrás deles antes de ativar o dispositivo.

Eu não podia ouvir a filmagem, mas eu podia ouvir o *estrondo* na minha cabeça quando seu carro explodiu em chamas.

Quando Victor correu para fora, já era um pedaço de metal retorcido e enegrecido sob o fogo furioso.

Pela primeira vez naquela noite, eu abri um sorriso genuíno.

Muito melhor.

Enfiei meu telefone no bolso e ajeitei meu paletó enquanto saía do carro.

Ele provavelmente poderia adivinhar quem estava por trás da morte prematura de seu carro, mas ele não faria nada sobre isso. Ele teve sorte de eu não o explodir quando ele estava *nele.*

Infelizmente, o alívio que ganhei fodendo com Victor durou pouco.

Cada passo mais perto do meu apartamento me lembrava o que aconteceu com Stella.

Morávamos na mesma casa, mas eu podia senti-la se esvaindo.

Você não é meu namorado. Não tenho certeza se somos amigos.

Minha mandíbula apertou.

Eu comprei o relógio para ela na esperança de que ele preenchesse a distância que havia surgido desde Nova York. Isso saiu pela culatra.

Eu tinha ido para Valhalla esperando tirar minha mente dela. Isso saiu pela culatra também.

Eu poderia ter ido para casa com qualquer mulher que eu quisesse, e eu escolhi voltar para casa com aquela que não me queria.

Uma risada amarga chamuscou minha garganta.

O destino era uma puta do caralho.

* * *

Afrouxei o nó da minha gravata quando entrei em minha

casa. Minha autoaversão anterior ardeu mais quente no meu peito.

Fiz uma carreira sem perder a calma, mas perdi a calma quando Stella tentou devolver o relógio.

Isso é tudo o que somos. Nada mais nada menos.

Por que você está fazendo algo disto?

Porque eu nunca quis tanto alguém, e nunca me odiei tanto por isso. Por isso, porra.

Os ecos da nossa conversa envolveram o ar.

Eu pretendia ir direto para o meu quarto, mas parei quando avistei o cabelo escuro encaracolado espreitando do topo do sofá e o cheiro da vela com aroma de lavanda favorita de Stella. Ela tremeluzia sobre a mesa de centro, ao lado de pernas longas e nuas e um punhado de lápis de desenho.

Arrastei meu olhar sobre a extensão de pele lisa e shorts de algodão até encontrar um par de olhos verdes cautelosos.

— Você ainda está acordada. — Álcool e desejo áspero carregou minha observação.

Stella geralmente estava na cama nesse horário, ou pelo menos em seu quarto. Eu não acreditava, por um segundo, que ela ia dormir tão cedo.

Por que ela estava me evitando? Não poderia ser porque eu me recusei a contar a ela sobre *Magda* e Vivian. Essa conversa tinha sido trivial na melhor das hipóteses.

— Eu não conseguia dormir, então pensei em fazer um desenho. — Ela voltou seu olhar para seu bloco de desenho. — Onde você estava?

Apesar de seu tom casual, uma tensão visível cobria seus ombros.

Parte do gelo finalmente derreteu. As gotas de calor correram pelas minhas veias e arrancaram um sorriso sombrio de mim.

— Por que você pergunta?

— Você se foi por horas. A curiosidade é natural.

Ela era boa em blefar; eu era melhor em detectar besteira.

Atravessei a sala até ficar atrás dela. Nossos reflexos brilhavam de volta para nós na janela, tão nítidos que eu podia traçar cada detalhe de seu rosto – os longos e grossos cílios, a leve inclinação de seus olhos verdes como de um gato, a delicadeza de seu queixo e a curva elegante de seu rosto.

— Eu saí para beber. — Meu tom casual não combinava com a batida do meu pulso.

Eu queria envolver seu cabelo na minha mão e puxar sua cabeça para trás até que seus olhos estivessem nos meus. Marcar aquela pele perfeita com meus dentes e reivindicar sua boca em um beijo tão profundo que apagaria a noção de que éramos *apenas colegas de casa.*

Minhas mãos flexionaram antes que eu as forçasse a relaxar. *Ainda não.*

Eu esperei muito tempo para desperdiçar todo o meu trabalho duro em um momento impetuoso.

Se Stella sentiu o perigo se acumulando atrás dela, ela não demonstrou nada além de apertar ainda mais os ombros. Seu lápis voava sobre a página, desenhando e sombreando os detalhes de um vestido longo sem pausa.

— Sim. Eu posso sentir o cheiro do álcool. — A tensão dificultou sua resposta casual. — Scotch... e perfume?

— Com ciúme? — A seda envolveu meu tom suave e

zombeteiro.

— Não tenho razão de estar. — Ela continuou desenhando, mas os traços eram mais rápidos, mais raivosos. — Somos apenas colegas de quarto.

— Isso não é uma resposta. — Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Minha voz tornou-se persuasiva enquanto seu lápis desacelerava. — Pergunte-me o que você realmente quer saber, Stella.

Seus cílios tremeram antes de se levantarem e seus olhos encontraram os meus na janela.

Stella podia usar uma fachada fria o quanto quisesse, mas tinha um coração mole e usava esse coração na manga.

Eu podia identificar a dúzia de emoções diferentes girando sob aquelas profundezas cor de jade – raiva, frustração, desejo e algo mais escuro, mais desconhecido.

— Com quem você estava? — A indiferença se agarrou às suas palavras, mas estava escancarada o suficiente para eu identificar a vulnerabilidade subjacente.

Ela se importava, e aquela pitada de emoção me matou mais do que qualquer golpe de uma espada poderia.

— Três mulheres.

Eu pressionei minha mão contra seu ombro, forçando-a a ficar quieta quando ela estremeceu com a minha resposta.

— Elas estavam no mesmo bar que eu — falei. — Eu poderia ter fodido qualquer uma delas. Ter feito com que aceitassem todas as coisas imundas e pervertidas que eu poderia pensar. Suas bocas no meu pau, minhas mãos em seus cabelos...

Os lábios de Stella se apertaram. O orgulho acendeu uma

faísca desafiadora em seus olhos, mas a crueza esticou suas feições tensas, e detectei um pequeno tremor sob meu toque.

— Ainda assim, eu não as toquei. Eu não queria. Nem um pouquinho. — Baixei a cabeça, meu peito em chamas de quão perto ela estava. Cada respiração a trouxe mais fundo em minha órbita, mas eu teria trocado todas elas se isso significasse que eu poderia tê-la, *toda* ela, por apenas um momento. — Talvez eu devesse. Talvez então, você entenda como me sinto.

Minha respiração roçou sua bochecha enquanto eu deslizava minha palma sobre a curva de seu ombro e para baixo em seu braço. — Eu não sou um homem ciumento, Stella. Eu nunca invejei alguém pelo que eles têm ou com quem eles estão, e ainda assim... — Meus dedos deslizaram até seu pulso. — Tenho inveja de cada pessoa para quem você sorri... — Um roçar em seus dedos. — Cada risada que eu não ouço... — Meu toque mergulhou em seu joelho e fez uma lenta e lânguida jornada até sua coxa. — Cada brisa que toca sua pele e cada som que sai de seus lábios. Isto. É. *Enlouquecedor.*

Fiz uma pausa na bainha de seu short. Meu coração trovejou, deslizando em um ritmo primitivo que combinava com a aspereza da minha voz. O ar rodopiava com desejos desenjaulados tão potentes que ameaçavam consumir nós dois.

Stella tinha parado de desenhar completamente. Seu lápis estava frouxo em seu aperto fraco, e ela estava quieta, tão quieta, exceto pela música frenética de seu pulso.

Eu ouvi isso sobre a corrida quente de sangue em minhas veias. Era o canto de uma sereia me chamando para a perdição, e era tão lindo que eu poderia ter sucumbido mesmo sabendo que isso me levaria ao inferno.

— Christian...

Cada músculo se contraiu com o sussurro do meu nome.

Parecia tão doce vindo de sua boca, como se fosse o som da salvação em vez da ruína.

Ela foi a única pessoa que já disse meu nome assim.

Minha mão enrolou em torno de sua coxa. Aspereza cavou na carne macia antes que eu a soltasse e me endireitasse, me odiando mais a cada segundo.

— Vá para o seu quarto, Stella. — Meu comando duro quebrou a intimidade crua do momento. — E tranque sua porta.

Uma batida de hesitação. Uma expiração irregular.

Então um farfalhar de papéis e uma perda de calor enquanto ela fugia da sala.

Esperei até ouvir a porta dela fechar antes de soltar minha própria respiração controlada.

Meus passos bateram no ritmo do meu coração quando caminhei para o banheiro, tirei minhas roupas e liguei o chuveiro o mais frio possível.

As rajadas geladas de água atingiram minha pele, mas não fizeram nada para reprimir o desejo furioso dentro de mim e incinerar tudo em seu caminho até que apenas visões de olhos de jade e cachos escuros e exuberantes permaneceram. O aroma fantasma de flores verdes rodopiava no chuveiro, tão invisível, mas tangível como a sensação de seda quente sob meu toque.

Stella tinha cauterizado tão profundamente em minha consciência que ela era tudo que eu podia cheirar. Tudo que eu podia sentir. E, mesmo quando fechei os olhos, tudo o que eu podia ver.

A necessidade na minha virilha pulsava mais forte.

Droga.

Eu mordi uma maldição baixa antes de ceder e agarrar meu pau. Estava duro e inchado e já pingava pré-sêmen, e meus movimentos eram ásperos, quase com raiva enquanto eu trabalhava em direção a uma liberação muito necessária.

Eu poderia tê-la beijado. Eu poderia ter agarrado seu cabelo e a marcado com minha boca até provar que não havia nada *falso* sobre o fogo escuro que queimava entre nós.

A única coisa que me segurou foi um fio fino de autocontrole, tecido de lógica fria e os fragmentos mais fracos da minha consciência há muito destruída.

Eu estava bem ciente do fato de que, se qualquer um de nós cedesse, eu estaria condenando não só a mim, mas ela ao inferno.

Eu a tocaria com as mãos ensanguentadas e a beijaria com a boca de um enganador. Ela estaria subindo na cama com um monstro, e ela nem sabia disso.

Parte de mim a queria tanto que não me importava; a outra parte era protetora o suficiente para que eu a mandasse para um lugar onde nem mesmo eu pudesse encontrá-la.

Era um paradoxo, assim como todas as coisas na minha vida que se relacionavam a ela.

Mas se esse fio tivesse quebrado...

Fechei meus olhos, meu aperto forte e minha respiração áspera.

Ela poderia estar embaixo de mim agora, suas unhas arranhando minhas costas e meu nome um gemido em sua boca...

Meu orgasmo enrolou na base da minha espinha,

lentamente no início, depois mais rápido até explodir em um momento ofuscante e ensurdecedor.

— Porra!

A força da minha liberação abafou minha maldição, mas quando eu desci da minha alta, tudo o que restou foi água fria e o brilho zombeteiro da luz do teto.

Eu descansei minha testa contra o azulejo gelado e contei minhas inspirações profundas.

Uma. Duas. Três.

O quarto de Stella ficava no corredor do meu. Apesar do que eu disse a ela, uma porta trancada não seria muita proteção.

Quatro. Cinco. Seis.

Continuei contando até que meu batimento cardíaco desacelerou para um ritmo normal e a clareza afugentou o uísque em meu sangue e a névoa em meu cérebro.

Não era a noite certa para fazer uma jogada.

Eu esperei tanto tempo. Eu poderia esperar mais um pouco.

Porque quando eu reivindicasse Stella como minha, eu faria isso tão bem que não haveria um pingo de dúvida em nenhuma de nossas mentes sobre a quem ela pertencia... ou a quem eu pertencia em troca.

24

Stella

Para constar, eu *não* estava com ciúme das mulheres que Christian viu na noite passada. Eu estava apenas preocupada com ele estar fora por horas, já que ele era meu namorado – bem, namorado falso – e isso criaria muitas dores de cabeça para mim se algo acontecesse com ele.

Isso era tudo.

Minha pele se arrepiou com a consciência enquanto esperávamos que Josh ou Jules atendessem a porta.

Era sua inauguração tardia, e Christian tinha conseguido um convite já que Rhys e Bridget estavam na cidade tanto para a festa quanto para algum evento diplomático. Algo sobre querer ver Rhys e não poder se encontrar com ele individualmente.

Eu tinha planejado evitar Christian até que eu resolvesse meus sentimentos confusos em relação a ele, mas agora eu tinha que passar um dia inteiro com ele enquanto sua confissão e advertência soavam como um disco quebrado na minha cabeça.

Eu nunca quis mais ninguém, e nunca me odiei tanto por isso.

Vá para o seu quarto, Stella. E tranque sua porta.

Minha imaginação não conseguia resistir a fantasias do que teria acontecido se eu não tivesse ido embora depois de seu aviso... ou se eu não tivesse trancado minha porta como ele me

disse para fazer.

Mãos ásperas. Beijos de uísque. Passos no escuro.

O calor desceu pelo meu torso e se acumulou entre minhas coxas.

Agarrei meu presente de boas-vindas mais perto de mim enquanto minha respiração acelerava.

Apesar do meu amor por cristais, tarô e todas as coisas místicas, eu não acreditava em magia. Não do tipo feitiços e vassouras, de qualquer maneira. Mas naquele momento, eu tinha certeza de que Christian poderia rastejar dentro da minha mente e ver cada fantasia suja e perversa que eu tinha dele.

Seu olhar fazia um buraco na minha bochecha enquanto a fria tarde de abril se transformava em uma fornalha. O sol abriu um caminho implacável sobre minha pele exposta e diminuiu meu batimento cardíaco enquanto o silêncio envolvia mãos apertadas em volta da minha garganta.

Eu poderia ter sufocado ali mesmo nos degraus da frente se Jules não tivesse aberto a porta da frente e me salvado.

— Stella! Christian! Eu *pensei* ter ouvido vocês — ela borbulhou. — Estou tão feliz que vocês vieram!

A tensão desmoronou, puxando o olhar de Christian para longe de mim e afrouxando a corda que me segurava de pé até que eu caí contra a minha caixa de velas de presente com uma mistura de alívio e decepção.

— Nós não perderíamos isso por nada no mundo. — Eu empurrei a caixa para ela, esperando que ela não pudesse perceber minha inquietação. Uma vez que Jules farejasse um cheiro de fofoca, ela a perseguiria como um cachorro atrás de um osso. — Isto é para você. Feliz inauguração da casa.

Seus olhos se iluminaram. Ela *vivia* para presentes. Uma vez ela me disse que era uma pena que o Papai Noel não fosse real porque, mesmo velho quanto era, ela transaria com ele se isso significasse que ela acordaria com um presente diferente todas as manhãs.

Embora, isso foi depois de três gemadas durante os feriados, mas ainda assim. A mente de Jules Ambrose funcionava de maneira fascinante.

— Obrigada! Entrem, entrem. Todo mundo já está na sala. — Ela pegou o presente com uma mão e abriu mais a porta com a outra. — Apenas tire os sapatos e deixe-os na porta. *Eu* pessoalmente não me importo, mas Josh é chato sobre isso. — Ela revirou os olhos em exasperação bem-humorada.

— Isso é porque eu não quero pessoas trazendo a sujeira da cidade por todos os nossos andares, sua bárbara. — Josh veio por trás dela e beijou sua bochecha antes de nos cumprimentar com um sorriso com covinhas.

— Ei, pessoal. Bem-vindos à nossa humilde morada. — Ele esticou um braço dramático ao redor da casa de dois andares.

Eu tinha visitado antes, então eu estava familiarizada com os pisos de madeira e a decoração encantadoramente incompatível – os tapetes rosas fofos de Jules ao lado dos móveis de couro preto de Josh, suas almofadas vermelhas em forma de lábios compensando as pinturas horríveis espalhadas nas paredes.

Josh era agradável aos olhos, mas seu gosto por arte era, na melhor das hipóteses, questionável.

— Arte bonita — disse Christian.

— Obrigado. — O outro homem sorriu. — Eu mesmo escolhi.

— Eu posso dizer.

Lancei um olhar rápido para Christian, mas sua expressão era impassível.

— Eu *não* sou uma bárbara. — Jules ainda estava presa no que Josh a chamou. — Quanto à sujeira, é para isso que serve a limpeza.

— Sim? E quem faz a limpeza? — ele perguntou enquanto caminhávamos em direção à sala de estar. Seu corpo esguio se movia facilmente em torno dos esquis apoiados ao acaso contra a porta aberta do armário do corredor da frente e a caixa vazia de Crumble & Bake meio deslizando de uma mesa lateral.

Ele era um médico de emergência no Hospital Universitário Thayer, mas com seu cabelo escuro desgrenhado, pele bronzeada e maçãs do rosto pontiagudas, ele também poderia interpretar um na TV.

— Eu faço — disse Jules afetadamente. — Quando tenho tempo.

— A última vez que você *teve tempo,* você o gastou fazendo um tratamento facial em casa.

— Minha pele precisa de mimos. Ser advogada é estressante. — Ela jogou o cabelo por cima do ombro. — Posso lembrá-lo que a última vez que *você* teve tempo, você o gastou levando uma surra de Alex no xadrez?

Josh fez uma careta. — Eu não levei uma *surra.* Eu estava preparando o terreno. Descobrindo suas fraquezas.

Jules deu um tapinha no braço dele com uma mão calmante. — Pronto, querido. Está bem. Eu ainda te amo, mesmo que você seja péssimo em estratégia.

Engoli uma risada de suas brigas. Algumas coisas nunca mudavam.

Entramos na sala de estar, onde o resto do grupo estava

esparramado em dois sofás de couro.

Bridget pulou e me abraçou no instante em que me viu. — Stella! É tão bom ver você!

— Você também. — Eu a apertei com força. Para o resto do mundo, ela era uma rainha, mas para mim, ela sempre seria a garota com quem eu assistia *"The Bachelor"* e ficava acordada até tarde bêbada discutindo a filosofia de vida quando estávamos na faculdade. — Como a vida de realeza está tratando você? Decapitou alguém ultimamente? — eu provoquei.

Ela soltou um suspiro exagerado. — Infelizmente não, embora estivesse tentada a condenar o ministro do Interior à guilhotina. Rhys me convenceu a desistir.

Ela lançou um olhar brincalhão para o marido, cuja estrutura musculosa de 1,90m fazia o sofá em que ele estava sentado parecer um móvel de boneca.

— Metade eu convencendo você, metade o fato de ninguém mais usar guilhotinas. — A diversão suavizou seus olhos cinzentos endurecidos pela batalha.

— Eu poderia trazê-las de volta. Eu sou a rainha. O que eu digo vale. — Bridget afundou no assento ao lado dele com altivez régia, embora seu rosto brilhasse com malícia.

Um sorriso dividiu seu rosto. — Claro que pode, princesa — ele murmurou outra coisa muito baixo para eu ouvir. Fosse o que fosse, fez as bochechas de Bridget ficarem rosadas de prazer.

Jules cutucou Josh nas costelas com um suspiro sonhador. — Por que você não *me* chama de princesa? É tão fofo.

— Porque você não é uma princesa. Você é um demônio — ele disse, ganhando um olhar profundo. — E é assim que eu

gosto. — Ele a puxou para seu peito e plantou um beijo dramático em seus lábios.

Jules fez uma tentativa desanimada de empurrá-lo, mas o riso borbulhou de sua garganta. — Boa defesa, Chen.

A atmosfera alegre aliviou minha tensão anterior quando me inclinei para abraçar Ava.

Ela estava enrolada ao lado de Alex, que olhava com desgosto as interações doces dos outros casais enquanto ele colocava um braço protetor em volta dos ombros dela.

— Se você quer se envolver em demonstração pública de afeto também, agora é a hora — eu brinquei.

Ela riu. — Anotado, mas estamos bem por enquanto. — Sua voz caiu para um sussurro. — Alex é alérgico a demonstrações públicas de afeto.

— Não sou *alérgico*. — Ele fez uma careta quando Jules colocou os braços em volta do pescoço de Josh e disse algo que fez seu rosto suavizar. — Só incomodado.

— Alex tem ansiedade de desempenho — disse Josh sem desviar o olhar de Jules. — Está tudo bem, cara. Acontece com os melhores de nós. Talvez você possa investir no desenvolvimento de uma pílula que ajude no seu problema. Será como Viagra para beijadores.

— Se eu fosse investir no desenvolvimento de qualquer coisa, seria uma focinheira personalizada para mantê-lo quieto.

Uma covinha travessa apareceu na bochecha de Josh. — Alex Volkov gastando todo esse dinheiro de pesquisa e desenvolvimento comigo? Estou honrado.

Jules enterrou o rosto no peito dele, os ombros tremendo de tanto rir.

Ava colocou a mão no braço de Alex. — Não os mate — ela advertiu. — Não podemos perder uma dama de honra *e* padrinho tão perto do casamento.

— O termo *padrinho* é propaganda enganosa. — Alex prendeu Josh com um olhar sombrio. — Eu deveria trocar você por outra pessoa.

— Você pode tentar, mas eu sou seu único amigo, e quem pode dar uma despedida de solteiro melhor do que eu? Isso mesmo, ninguém. — Josh respondeu sua própria pergunta. — Além disso, eu já fiz o depósito para o jumbo banana float[13] e as cartas de pôquer personalizadas. Elas são ilustradas com um desenho de Ava e um robô de terno.

Virei a cabeça para que Alex não pudesse ver meu sorriso.

Além de Ava, Josh era a única pessoa que poderia se safar provocando Alex assim.

Talvez.

— Christian, é bom vê-lo novamente! — Ava cantarolou antes que seu noivo estrangulasse seu irmão até a morte na sala deste último. — Eu não sabia que você estava vindo.

Eles se conheceram uma vez no casamento de Bridget, mas conhecer alguém uma vez nunca a impediu de tratar alguém como se fosse um velho amigo.

— Eu não perderia a oportunidade de sair com os amigos de Stella — disse Christian facilmente.

Ele descansou a mão na parte inferior das minhas costas, e eu quase me afastei do puro calor dele antes de me lembrar que deveríamos estar namorando.

Eu cedi e disse às minhas amigas que elas poderiam contar a seus parceiros para que todos aqui soubessem que estávamos fingindo, mesmo que elas não tivessem dito.

Ainda assim, devia manter o ato por uma questão de simplicidade ou não?

A indecisão apertou meus músculos.

Christian devia ter percebido minha hesitação porque sua mandíbula flexionou enquanto sua mão se demorava por um segundo extra antes que ele a retirasse.

Alívio e decepção lutaram pelo domínio em meu peito.

Enquanto isso, a sala ficou em silêncio enquanto seis pares de olhos faziam pingue-pongue entre nós. Eu não era a única insegura sobre como tratar nosso relacionamento; eu podia ver a confusão rabiscada nos rostos dos meus amigos.

Uma sombra estranha escureceu a sala antes de Jules bater palmas.

— Já que todos estão aqui, vamos começar o happy hour! Eu tenho uma nova receita de margarita que estou louca para que vocês experimentem...

Ninguém a questionou, mesmo que mal fosse meio-dia.

Várias margaritas caseiras e muitas batatas fritas depois, eu me encontrei em um sofá com Ava, Jules e Bridget enquanto Christian, Alex, Josh e Rhys estavam sentados à nossa frente.

Eu mantive minha regra de duas bebidas por festa, mas Josh tinha sido tão pesado com a sua dose que minha cabeça girava como se eu tivesse bebido meia dúzia de doses de tequila.

— Precisamos de uma viagem de garotas em breve. — Bridget inclinou a cabeça para trás e bocejou. — Algo divertido. Estou tão cansada de viagens diplomáticas. Voo milhares de quilômetros para sorrir e apertar a mão de um bando de velhos. Eu poderia fazer a mesma coisa no Parlamento *sem* o jet lag.

— Sim! — Jules se animou com a perspectiva de um fim de semana selvagem no exterior. — Ava, sua despedida de solteira está chegando. Vamos torná-la grande. Vamos torná-la inesquecível. Vamos fazer...

— Segura e legal — disse Ava com firmeza. — Eu não preciso ir para a cadeia novamente.

Ava, Jules e eu fomos presas durante a despedida de solteira de Bridget depois que Jules deu um soco na cara de um idiota por apalpar Ava. Felizmente, Bridget já havia saído, mas nosso período em uma cela fria de Eldorra não era uma das minhas melhores lembranças.

— Novamente? — A cabeça de Bridget apareceu. — Quando vocês estiveram na prisão?

— Uh... — As bochechas de Ava coraram. — Isso foi uma figura de linguagem?

Nós nunca dissemos a Bridget o que aconteceu porque ela iria surtar. Além disso, Alex nos socorreu e cuidou das consequências – ou seja, manteve isso fora da imprensa – então sem danos, sem culpa.

— Você disse *de novo.* — A suspeita obscureceu as feições elegantes de Bridget.

— Ela está falando sobre a vez em que invadimos a torre do relógio na faculdade e encontramos a segurança do campus — Jules interrompeu. — De qualquer forma, *é claro* que a despedida de solteira será segura e legal. Gosto de viver a vida no limite, mas não quero que Alex me mate, muito obrigada.

Nós olhamos para Alex, que estava ouvindo Josh detalhar os trinta e seis usos diferentes para um jumbo banana float com uma expressão de dor.

Do outro lado do sofá, Rhys e Christian estavam conversando, suas vozes muito baixas para eu ouvir. Rhys

estava carrancudo; Christian parecia divertido.

Deveria ser ilegal tanta beleza ocupar um espaço tão pequeno. Mas enquanto cada homem era devastador por si só, meu olhar foi irresistivelmente atraído para a forma esguia descansando mais perto da porta.

Christian virou a cabeça no exato momento em que minha atenção pousou nele. Nossos olhares se encontraram, e uma corrente elétrica de algo primitivo chamuscou meu sangue.

A nebulosidade turvando minha cabeça de repente não tinha nada a ver com as margaritas.

— Esqueça a viagem por enquanto. — A voz de Jules arrastou minha atenção de volta para ela, embora os olhos de Christian permanecessem uma marca quente na minha pele. — O que é que foi isso?

— O que foi o quê? — Meu coração ricocheteou no meu peito.

O sabor persistente de morango e tequila se dissolveu em especiarias e uísque na minha língua. Era como eu imaginava que seria seu gosto – como calor, pecado e masculinidade pura e não filtrada.

— *Isso.* — Olhos como lâminas de avelã perfuraram minha ignorância fingida. Ela inclinou a cabeça uma fração de polegada em direção a Christian. — A tensão sexual é tão espessa que posso cortá-la com uma faca de manteiga.

— Não há tensão sexual. — A menos que você conte a dor no meu núcleo e a consciência apertando minha pele.

— Há. Até eu sinto. — Ava levantou o cabelo do pescoço. — Se ficar mais quente, vou ter que fazer Alex rever sua regra de não demonstrações públicas de afeto.

— Exatamente. — Jules levantou-se abruptamente,

chamando a atenção dos homens e interrompendo Josh quando ele alcançou o número vinte e cinco no uso do banana float.

— Tudo certo? — ele perguntou.

— Sim. Só precisamos usar o banheiro. — Ela agarrou meu pulso e me puxou para cima e para a parte de trás da casa. Ava e Bridget nos seguiram. — Não comam todas as batatas fritas enquanto estivermos fora!

— Sou médico, e ainda não consigo encontrar uma razão médica para as garotas sempre terem que usar o banheiro ao mesmo tempo — ouvi Josh meditar quando saímos.

— Você é um idiota — Alex disse.

Suas vozes desapareceram quando Jules nos puxou para o banheiro de hóspedes e fechou a porta atrás de nós.

— Por que eu sinto que isso é um interrogatório do FBI? — Inclinei-me contra o balcão e olhei minhas amigas com cautela.

— Porque é. — Jules colocou as mãos nos quadris e adotou sua voz de advogada. — Agora, diga-nos a verdade. Você, Stella Alonso, está tendo ou já teve relações sexuais com Christian Harper?

— *Não.*

— Você quer?

Dois segundos de hesitação foram suficientes para provocar suspiros ao redor.

— Eu sabia! — O triunfo brilhou nos olhos de Jules. — Eu estou tão feliz por você! *Finalmente,* alguém por quem você se sente atraída. Christian é gostoso, e você está morando na mesma casa que ele. É como a configuração perfeita para uma aventura sexy.

Bridget estava menos entusiasmada. — Eu pensei que este era um relacionamento falso — disse ela suavemente. — O que mudou?

— Como Jules disse, ele é muito bonito. — Agarrei instintivamente meu colar de cristal. A pedra quente e clara deveria limpar minha mente e ajudar meu foco, mas meus pensamentos caíram na minha cabeça em espiral. — Também... — Após outro momento de hesitação, eu contei tudo o que aconteceu.

Nova York, a estranha aversão de Christian à arte, o relógio, sua confissão sobre me querer.

Quando terminei, três pares de olhos me prenderam no balcão de mármore com graus variados de choque (Ava), preocupação (Bridget) e prazer (Jules).

— Eu tinha a sensação de que ele estava interessado em você desde o dia em que o conhecemos — Jules disse sabiamente. — A maneira como ele olhou para você quando assinamos o contrato? *Uau*. — Ela se abanou. — Ouça, se você quiser sair e explodir a mente dele, não ficarei ofendida. É uma nova estação, baby. Hora de limpar essas teias de aranha da sua vida sexual. Será como uma limpeza de primavera para sua vagina.

Estremeci com a imagem mental.

— Eu não pularia em nada tão rápido. — Uma carranca marcou a testa de Bridget. — Christian é, bem, você já conhece meus pensamentos sobre ele. Sou eternamente grata por ele ter ajudado a mim e ao Rhys com nosso problema de vazamento de fotos, mas ele não é alguém a quem você recorre se quiser um relacionamento sério.

— É por isso que eu disse explodir, não namorar — disse Jules. — Aposto que ele é uma fera na cama. Ele só tem essa vibe.

O calor manchou minhas bochechas. — O que Josh diria se soubesse que você está secretamente avaliando as proezas sexuais de outros homens?

— Ele diria que ainda é melhor do que eles, e estaria certo. Nossa vida sexual é fantástica. — Jules lançou um olhar de desculpas para Ava. — Desculpe.

— Vou fingir que não ouvi essa última parte. — Ava aceitou o relacionamento entre Josh e Jules com a condição de que eles nunca discutissem sua vida sexual na frente dela.

Ela se virou para mim, seus olhos escuros quentes com preocupação e curiosidade. — A questão é, você *quer* apenas sexo com ele? Ou você quer algo mais?

— Não seja ridícula — disse Jules. — Stel não está interessada em namorar. Certo?

O cristal flamejou contra minha palma. Eu não respondi, mas meu silêncio falou muito.

— Oh. — O sorriso de Jules lentamente se desvaneceu. — *Ah.*

Ah, estava certo.

Eu não sabia se queria namorar Christian, mas sabia que o queria.

E eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que a química sombria entre nós explodisse em algo que nenhum de nós poderia voltar.

25

Christian

— Que *diabos* você acha que está fazendo?

— Estou bebendo e curtindo sua companhia encantadora. — Eu levantei meu copo. — É bom ver você de novo, Larsen.

— Gostaria de poder dizer o mesmo.

Rhys estava resmungando desde que cheguei, o que não era um grande desvio de seu comportamento habitual, mas agora que as meninas estavam fora da sala, ele voltou toda a força de sua ira para mim.

— Um ano sendo Príncipe Consorte e você esqueceu nossa história. Nossa amizade. — Eu amarrei meu tom com decepção cuidadosamente elaborada. — Achei que você fosse diferente, mas é verdade o que dizem. O poder absoluto corrompe totalmente.

Usei *amizade* no sentido mais amplo do termo. Nosso relacionamento complicado e difícil começou com Rhys salvando minha vida e ele se afastando da Harper Security para ficar com Bridget. O caminho entre esses pontos estava cheio de desentendimentos, farpas e uma estranha mistura de respeito mútuo e suspeita.

— Pare com essa besteira, Harper. — O olhar de Rhys estalou com irritação. Clássico de Larsen. Se ele pensasse mais, precisaria de um cirurgião plástico para esculpir a carranca de seu rosto. — Eu disse para você ficar longe de Stella. Eu não me importo se é falso. Ela está morando com você, e eu não confio em você sob o mesmo teto que ela.

— Você parece terrivelmente preocupado com a vida amorosa dela — falei lentamente. — Alguma coisa que Bridget deveria saber?

O ar pingava com um perigo silencioso, mas ninguém parecia preocupado, exceto os guarda-costas reais se mexendo inquietos no fundo da sala.

Josh assistiu entre nós com fascínio do outro lado de Rhys enquanto Alex percorria seu telefone, parecendo entediado.

— Estou preocupado *por causa* de Bridget — Rhys rosnou. — Stella é sua melhor amiga. Você fode com ela, Bridget vai ficar chateada. O que significa que vou ficar chateado.

— Ah, entendo. — Eu girei minha bebida em meu copo antes de tomar um gole pensativo. — Deve ser cansativo, ter suas emoções tão intimamente conectadas com as de outra pessoa. Funciona ao contrário, ou é uma coleira de mão única que só ela pode puxar?

Josh soltou uma risada.

— Você age com diversão — disse Rhys sem olhar para ele. — Como se Jules e Ava não fossem pegar no pé de vocês se algo acontecer com Stella.

O sorriso de Josh desapareceu. Alex ergueu os olhos de seu telefone, aqueles frios olhos verdes perfurando minha pele pela primeira vez desde que cheguei.

Nós não tínhamos nos falado além de um aceno obrigatório de saudação.

Não escondemos nossa quase amizade, mas também não a anunciamos ao mundo porque não havia nada *a* anunciar. Além de nossas partidas mensais de xadrez e a interação ocasional de negócios, raramente nos víamos.

— Obviamente que estou preocupado — disse Josh,

girando cento e oitenta para dirigir sua próxima pergunta a mim. — Quais são suas intenções com Stella?

— Eu não tenho que me explicar para você. Eu nem te conheço.

Uma mentira. *Magda* tinha caído inadvertidamente em suas mãos antes de Dante a comprar, o que significava que eu sabia tudo sobre Josh Chen. Seu histórico familiar, suas notas na escola de medicina, seu time de basquete favorito e como ele tomava seu café.

Ele era um menino de ouro com um traço sombrio, mas não com quem eu precisava me preocupar agora que *Magda* não estava mais em sua posse.

— Você está sentado na minha casa, namorando uma das melhores amigas da minha irmã *e* da minha namorada, então você, na verdade, precisa se explicar — Josh disse. — Se você não gosta, sinta-se à vontade para sair.

Suspirei, lamentando minha decisão de participar dessa maldita festa.

Se Stella não tivesse sido tão inflexível em participar, eu poderia ter passado o dia fazendo algo mais produtivo, como caçar seu perseguidor, reorganizar minha biblioteca ou terminar as palavras cruzadas de ontem.

Qualquer coisa era melhor do que essa conversa insuportável.

— Você sabe... — A expressão de Rhys ficou especulativa. — Bridget me contou sobre todas as coisas que você fez por Stella. Abaixando o aluguel dela, concordando com o acordo de namoro, mudando-a para sua casa quando algum idiota a assustou. — A especulação se transformou em um brilho de conhecimento que disparou uma dúzia de sinos de alerta. — Pensei que você não gostasse das pessoas em seu espaço

pessoal. Algum motivo para você estar dando tratamento especial para ela?

— Tenho meus motivos. — Tirei um fiapo de minha manga, a imagem de calma imperturbável, mesmo quando o desconforto deslizou pelo meu peito.

Rhys era um pé no saco real, não só porque ele era uma das poucas pessoas sem medo de me enfrentar, mas porque ele era observador *pra* caralho e me conhecia melhor do que ninguém, exceto Dante.

Meu aborrecimento aumentou ainda mais quando ele me examinou com… diversão? O que diabos era tão engraçado?

— Tenho certeza que sim. — O humor alongou seu sotaque. — Desenvolvendo sentimentos, Harper?

— Só a irritação por ser interrogado. — Meus dentes de trás se apertaram antes que eu me recuperasse e relaxasse. — O que eu faço da minha vida e do meu tempo não é da sua conta.

O sorriso de Rhys se alargou. — Desvio. O que significa que estou certo. — Sua risada baixa aguçou as bordas do meu descontentamento. — Ah, isso é engraçado. Nunca pensei que veria o dia.

Ao lado dele, os dedos de Josh voavam sobre seu telefone com uma velocidade alarmante.

Meus olhos se estreitaram. — Você está mandando mensagens para Jules?

— Claro que não. Mas caso você esteja se perguntando, as garotas estarão no banheiro por… — Ele verificou seu telefone. — Pelo menos mais meia hora.

Jesus Cristo.

De todas as pessoas de quem Stella poderia ser amiga, ela tinha que escolher *essas* pessoas.

— Ter sentimentos não é nada para se envergonhar. — Um pequeno sorriso quebrou o gelo na expressão de Alex. — Você vai se acostumar com isso.

O Alex Volkov que conheci há três anos nunca diria uma coisa dessas, nem mesmo de brincadeira.

Mais um sinal de que o amor transformava as pessoas mais sensatas em tolas. Era o suficiente para fazer um homem querer caçar Cupido e amarrar o bastardo usando suas próprias flechas.

Irritação se expandiu em meu peito. — Não venha com isso sobre mim. Pelo menos eu não desisti da minha empresa para seguir uma garota por um ano na esperança de que ela me poupasse um segundo olhar.

— No entanto, eu tenho a garota e você está sentado em um sofá discutindo com os parceiros de suas amigas — Alex disse suavemente. — Se você não tem sentimentos por Stella, você não ficaria tão preocupado com isso.

— Exatamente. — Josh assentiu como se me conhecesse, embora tivéssemos trocado um total de cinco palavras antes de hoje.

Meu sorriso era puro gelo. — Eu gastaria mais tempo aprimorando suas habilidades no xadrez e menos me preocupando com os negócios de outras pessoas, Josh. Já venci Alex no xadrez. E você?

O sorriso de Josh desapareceu. — O que você quer dizer, você derrotou Alex no xadrez? Quando vocês jogaram xadrez juntos? — Ele virou a cabeça para Alex. — Você tem jogado xadrez com *outra pessoa?*

Alex fechou os olhos brevemente antes de abri-los e olhar

para mim, sua expressão cheia de veneno gelado.

Meu sorriso se alargou. — Temos um encontro de xadrez de pé todos os meses. — Eu girei minha bebida no meu copo. — Ele não te contou?

Josh parecia ferido. — Você tem outro *melhor amigo secreto?* Mas... *eu* sou seu melhor amigo! Consegui um banana float para sua despedida de solteiro!

— Eu não quero um banana float, e ele *não é* meu melhor amigo. — O olhar de Alex se intensificou.

Dei de ombros, meu significado claro. *O que você pode fazer? É a vida.*

Não era minha culpa que ele fosse tão antissocial que seu melhor amigo surtasse por ele passar tempo com outra pessoa.

— Eu não posso acreditar. Encontro de xadrez recorrentes — Josh murmurou furiosamente. — Foi por *isso* que você não assistiu ao último filme da Marvel comigo? Porque você sabe que estou morrendo de vontade de ver esse filme há semanas...

Rhys estava muito ocupado rindo para prestar atenção ao drama que se desenrolava a menos de um metro de distância.

— Espere até eu contar a Bridget. Ela vai *adorar* isso.

Meu bom humor temporário evaporou. — Você não vai dizer merda nenhuma a ela.

— Claro que não vou. — Sua grande estrutura tremeu de alegria.

Meus dentes de trás se apertaram com irritação.

Se havia uma coisa que eu desprezava, além de incompetência e o Dia dos Namorados, eram as pessoas se metendo nos meus assuntos pessoais.

Em outro momento, Alex e Rhys concordariam. Agora, eles estavam muito amarrados por suas outras metades para se comportarem com um mínimo de respeito próprio. Alex fazendo uma piada? Rhys está abrindo mão de sua privacidade por uma vida inteira de paparazzi e cortes de fitas?

Era nauseante.

Stella e eu éramos diferentes.

Eu não a amava, mas a queria com uma intensidade que deixava o conceito frágil e usado de amor no pó. Não era doce ou melado. Não havia arco-íris ou unicórnios, apenas desejo afiado com aspereza e escuridão.

Dias quentes de junho. Sorrisos secretos. Turquesa.

Eu esperei muito tempo.

Eventualmente, eu a pegaria e, uma vez que conseguisse, nunca mais a deixaria ir.

26

Stella

Terminei a primeira peça da minha coleção quatro dias depois da inauguração da casa de Josh e Jules.

Ela estava pendurada na parte de trás da minha porta em um monte de seda e linhas sinuosas, sua cor dourada um forte contraste com o fundo de madeira escura.

Não era perfeita e o tecido era caro, o que significava que eu precisava de uma opção melhor no atacado se quisesse aumentar a produção, mas estava *feito.* A primeira evidência tangível de que meus sonhos não eram apenas sonhos e que eu estava finalmente dando passos concretos para torná-los realidade.

Um rascunho completo, não importava quão imperfeito, ainda era melhor do que nenhum rascunho.

E este era o meu próprio modelo, o meu próprio design. Este não era apenas um vestido de padrão simples rápido que eu fiz durante umas férias de Natal. Este era meu.

Muito planejamento é uma forma de procrastinação. As palavras de Lilah no nosso encontro no café ecoaram na minha cabeça enquanto eu corria minha mão sobre o corpete do vestido. O deslizamento suave dele contra minha pele enviou um arrepio pelo meu sangue. *Se você quer uma marca, você precisa de um produto. Crie um ótimo produto e* depois *se preocupe com todo o resto.*

O 'todo o resto' incluía preços, fornecimento, alcance de compradores de varejo e milhares de outros detalhes que me

sobrecarregavam toda vez que eu olhava para minha lista de tarefas, mas eu tinha um produto e um plano.

Todo o resto fluiria a partir daí.

Uma emoção estranha brotou na minha garganta, tão desconhecida que levei um minuto para identificá-la: orgulho.

Eu não senti isso quando atingi um milhão de seguidores ou quando acordei no dia seguinte com uma enxurrada de ofertas de colaborações de marcas. Mas agora, de pé na frente de um vestido que levei um dia para costurar e uma vida inteira para criar, o brilho quente do orgulho cresceu sobre mim.

Minha vida inteira, eu criei para outras pessoas. Minhas postagens no blog eram para meu público, minhas fotos eram para meus seguidores, minhas notas eram para meus pais e minhas ideias eram para a *D.C. Style* quando eu trabalhava lá.

Esta era a primeira vez em muito tempo que eu fazia algo por *mim,* e honestamente? Era muito bom.

A falta de peso se expandiu em meu peito e tirou um sorriso enorme de mim. Eu nem me importava que meu jantar mensal em família fosse naquela noite. *Nada* poderia me derrubar…

Meu telefone acendeu com uma chamada de Natalia.

…exceto uma conversa com minha irmã.

Meu sorriso diminuiu, mas a vertigem permaneceu o suficiente para que minha voz saísse mais animada do que o normal quando atendi.

— Ei, Nat.

— Este é um lembrete de que mamãe e papai estão esperando que você traga seu namorado esta noite. — Natalia

dispensou as sutilezas. — O lembre de vir preparada com uma conquista para compartilhar.

Sim, esperava-se que os convidados compartilhassem suas realizações em um jantar da família Alonso. De que outra forma minha família julgaria se eles eram dignos de outro convite?

— Christian não pode ir. — Coloquei Natalia no viva-voz para terminar de me arrumar. Eu perdi a noção do tempo cobiçando meu vestido, e eu deveria estar na casa dos meus pais em uma hora. — Ele quer estar lá, mas ficou doente no último minuto. Febre, calafrios, tudo.

Foi assustadora a facilidade com que a mentira derramou da minha língua.

Ela caiu no chão com um *tinido* suave, juntando-se às dezenas de outras inverdades que eu disse nos últimos meses.

— Sério. — O tom de Natalia ficou plano com suspeita. — Quão conveniente.

Eu torci meu cabelo em um coque, esperando que ela não pudesse ouvir o rápido tamborilar do meu coração. — É lamentável, mas a doença não está de acordo com nossos horários pessoais.

Mais mentiras. Eu poderia ganhar muito dinheiro como vendedora de carros se minha linha de roupas não desse certo.

A culpa espetou meu peito, mas eu segurei firme. De jeito nenhum eu submeteria o meu pior inimigo a jantar com a família Alonso. Além disso, eu precisava de uma mente clara e todas as minhas faculdades para lidar com meus pais, e se havia uma coisa em que Christian era bom, era obscurecer meu julgamento.

— Mamãe e papai não vão ficar felizes — Natalia avisou. — Eles estavam ansiosos para conhecer seu namorado.

Mais como se estivessem ansiosos para o interrogar. Jarvis e Mika Alonso tinham uma lista estrita de requisitos que esperavam de um futuro genro e, embora Christian preenchesse quase todas as caixas – rico, instruído, culto – o processo de interrogatório seria uma tortura.

— Você posta muito sobre ele. Deve ser sério.

Minha irmã era tão óbvia sobre colher informações que eu teria rido se não estivesse doente dos nervos.

— Estamos levando as coisas dia a dia. — Espalhei blush em minhas bochechas. — Tenho certeza de que mamãe e papai vão entender. Além disso, você sabe como mamãe é com germes. Ela não iria querer um convidado doente no jantar...

— Na verdade, estou me sentindo muito melhor.

Eu me virei, meu pulso disparou com a visão de Christian encostado na moldura de madeira, sem paletó e com uma mão no bolso. Uma mecha de cabelo escuro caiu em seu olho, implorando-me para penteá-la para trás.

— Eu estava fora de área ontem, mas estou novo hoje. — Ele se dirigiu a Natalia pelo viva-voz, mas seus olhos não deixaram os meus. — Então, Stella, baby, eu poderei acompanhá-la para jantar depois de tudo.

Isso não estava acontecendo.

Christian *nos* ouviu na *única* vez em que coloquei Natalia no viva-voz.

Alguém nos céus devia me odiar. Talvez eu não devesse ter faltado tanto à igreja desde que saí da casa da minha família.

O que você está fazendo? Eu murmurei, esperando que meu olhar transmitisse toda a extensão do meu descontentamento.

Sua única resposta foi um sorriso que me fez reconsiderar minha posição sobre a não-violência.

Tu não farás nenhum mal... a menos que seu namorado falso estivesse tentando atrapalhar um jantar com sua família autoritária.

Então, novamente, o jantar devia ser punição suficiente. Uma refeição com os Alonsos faria até mesmo o poderoso Christian Harper correr para as colinas.

— Oh! — Uma rara surpresa passou pela voz de Natalia antes que ela se recuperasse. — É bom ouvir isso. — As bordas de suas palavras suavizaram agora que ela sabia que outra pessoa estava na sala. — Nós nos vemos em uma hora, então.

— Sim, vocês verão. Estou ansioso por isso — Christian falou lentamente.

Desliguei antes de expressar a irritação borbulhando em minhas veias. — *O que* foi isso?

Tranquila, calma, controlada. Tranquila, calma...

— Eu concordando em jantar na casa da minha namorada. — Christian se endireitou e passou a mão pela gravata. — Nós estamos namorando há meses. Está na hora de conhecer seus pais, você não acha?

— Na verdade, não estamos namorando.

— Eles não sabem disso. — Sua refutação calma só me enfureceu mais. — Eu tenho que conhecê-los eventualmente. Há um limite de quantas desculpas você pode dar. Dessa forma, tiramos o encontro do caminho e eles param de atormentá-la.

Ele tinha um ponto. Ainda assim, eu odiava como ele tinha feito isso.

O jantar era em menos de uma hora, e eu não estava mentalmente preparada para uma refeição com Christian *e* minha família.

Como meus pais reagiriam a ele? Como *ele* reagiria a *eles?* Eu tinha visto como Christian podia encantar uma mesa em Nova York, mas isso tinha sido com amigos.

A última vez que levei um menino para casa – Quentin Sullivan, baile de formatura – meus pais o interrogaram tão implacavelmente sobre seu GPA, as aceitações na faculdade e o plano de cinco anos que ele começou a chorar durante o passeio de limusine para o baile. No minuto em que chegamos, ele murmurou algo sobre ter cometido um erro e passou o resto da noite dançando com outra garota.

Christian não tinha ideia no que ele tinha se metido.

* * *

Nossa viagem para a casa dos meus pais foi tão silenciosa quanto a de Josh e Jules no fim de semana.

Sua confissão sobre me querer era o elefante em todos os espaços em que estávamos juntos, mas nenhum de nós abordou isso.

Eu não sabia *como* lidar com isso. Talvez fosse mais fácil se eu não o quisesse também, mas toda vez que eu tentava trazer isso à tona, meus nervos tomavam conta de mim.

Eu dei uma espiada em Christian. O ar entre nós zumbia com uma centena de palavras não ditas. Elas apertavam meus pulmões e cortavam o fluxo de oxigênio até eu ficar tonta.

O ar-condicionado estava ligado, mas eu abri a janela e respirei um pouco de ar fresco.

Paramos em um sinal vermelho.

Christian não disse uma palavra sobre a janela, mas o calor de seu olhar era como uma marca contra a minha pele.

Mantive meus olhos para fora da janela e longe dele até chegarmos à casa dos meus pais, onde preocupações maiores abafavam nossa tensão.

Como esperado, minha família o cumprimentou como faria com qualquer convidado – educados e acolhedores na superfície, mas secretamente avaliando-o em cada movimento que ele fazia e cada palavra que saía de sua boca.

Ele trouxe conosco um vinho tinto vintage de dois mil dólares de sua extensa coleção de vinhos, o que o tornou querido para minha mãe, mas meu pai era mais difícil de impressionar.

— Já ouvi falar de você. — O tom de Jarvis sugeriu que o que ele ouviu não foi particularmente lisonjeiro para Christian. — Harper Security, correto?

— Sim, senhor. — Christian me passou a tigela de purê de batatas. Ele vestiu uma roupa mais casual do que seus ternos usuais para o jantar, mas de alguma forma, a camisa de botão e o jeans o fizeram parecer ainda mais intimidante, como um lobo em pele de cordeiro. Uma pitada de desafio disfarçado de sorriso flertou nos cantos de sua boca. — Eu trabalho com o governo de vez em quando. Conheço bem o secretário Palmer.

O rosto do meu pai se transformou em uma máscara de linhas sombrias com a menção de seu chefe. — Tenho certeza que sim.

O tilintar de pratos e copos substituiu a conversa até o prato principal. A calmaria me deu a chance de ensaiar minha resposta para nosso tradicional compartilhamento de realizações.

Terminei a primeira peça da minha coleção de moda. Ah, esqueci de te contar? Estou começando uma marca de moda. Eu tenho um...

— Como está indo seu trabalho na *D.C. Style*? — A pergunta de Natalia cortou minhas reflexões internas.

Eu ainda não tinha contado à minha família que tinha sido demitida. Toda vez que eu tentava, as palavras chegavam até a metade da minha garganta antes de murcharem e morrerem.

— Está bem. — Levei meu copo de água aos lábios e esperei que ninguém detectasse o leve tremor em minha mão.

— Hum. — O raspar do garfo de Natalia contra seu prato soou como pregos contra um quadro-negro. — Sabe o que é engraçado? Eu estava no bairro outro dia. Eu tinha uma reunião perto do seu escritório, então pensei em passar e dizer oi. Mas quando eu apareci, a recepcionista disse que você não trabalhava mais lá. Ela disse que você não trabalhava há quase dois meses.

Todo o movimento parou como se ela tivesse pressionado *pausa* na cena. Não éramos mais pessoas, mas estátuas de cera de nós mesmos, congeladas em um quadro grotesco de choque e negação.

Christian foi o único que mostrou uma pitada de vida. Seu calor preocupado acariciou minha pele repentinamente gelada, e a subida e descida uniforme de seu peito estabilizou alguns dos meus nervos.

Eu pensei que sua presença no jantar me deixaria fora de controle, mas estava fazendo exatamente o oposto.

Eu não poderia dizer o mesmo para meus pais, no entanto.

A pele do meu pai perdeu a cor, e a boca da minha mãe formou um surpreendente O vermelho. Levava muito para surpreender Jarvis e Mika Alonso, e uma parte louca e fútil de

mim queria sacar meu telefone e registrar o momento para a posteridade.

— Eu disse a eles que devia ser um erro. — Os olhos de Natalia me prenderam como um inseto no chão. — De jeito nenhum você foi demitida e não nos contou. Certo, Stella?

Arrependimento revestiu a parte de trás da minha língua na forma de bile.

A vontade de mentir de novo era tão grande que quase me arrastou sob seu feitiço, mas eu não poderia manter a farsa para sempre. Eventualmente, eles descobririam a verdade.

Era hora de parar de se esconder e admitir o que aconteceu.

— Não foi um erro. Não estou mais trabalhando na *D.C. Style*. — Cada sílaba arranhava minha garganta ao sair. — Fui demitida em meados de fevereiro.

O silêncio se apoderou da sala por mais uma batida antes de explodir em maldições e gritos.

— Meados de fevereiro! Como você pôde esconder isso de nós por tanto tempo? — minha mãe exigiu em japonês.

Ela cresceu em Kyoto e voltava para sua primeira língua sempre que estava chateada.

— Estava esperando o momento certo para contar a vocês — respondi em inglês.

Eu não praticava japonês há anos, mas sua cadência era tão familiar que me senti como se estivesse sentada na escola de fim de semana novamente. Meus pais estavam muito ocupados para ensinar a mim e a Natalia os detalhes, então eles nos matricularam em aulas de espanhol, alemão e japonês quando éramos crianças. Eles disseram que era para nos ajudar a nos conectar com nossa herança mista, mas eu

suspeitava que tinha mais a ver com o fato de a proficiência em língua estrangeira parecer boa nas inscrições para a faculdade.

— E o que você tem feito todo esse tempo? — O murmúrio silencioso da raiva do meu pai se infiltrou em todos os cantos da sala. — Você não encontrou um novo emprego em dois meses?

Eu torci meu colar em volta do meu dedo até cortar minha circulação.

Tranquila, calma, controlada.

— Não me candidatei a outro emprego de escritório. Eu ganho muito dinheiro com meu blog e acabei de assinar um contrato de campanha com uma grande marca. Seis dígitos. Estou ganhando uma renda em tempo integral.

— Talvez, mas não é uma renda *estável.* — Jarvis apertou os lábios com tanta força que não eram nada além de uma barra branca contra sua pele morena. — O que acontece quando os negócios acabarem? Ou se você perder seu contrato? Que tal um fundo de emergência? Quanto você tem na poupança?

Ele disparou as perguntas como balas.

— Eu... — Olhei para Christian, que inclinou o queixo em uma demonstração silenciosa de apoio. Sua expressão era plácida, mas algo turbulento espreitava sob seus olhos. Um arrepio percorreu minha espinha antes de encarar o pelotão de fuzilamento novamente.

— Eu não pretendo me tornar uma influenciadora em tempo integral. Eu realmente... — *Apenas diga.* — Vou criar meus próprios designs. Para uma linha de moda. E ainda tenho um pouco de economia, mas vou reabastecer assim que receber meu próximo pagamento para a campanha da Delamonte.

Uma guilhotina de silêncio pairava suspensa sobre a mesa antes de cortar o ar e desencadear outra explosão.

— Você não pode estar falando sério! — Mika agarrou seu garfo com uma mão branca. — Uma *designer de moda?* Stella, você se formou em Thayer. Você pode ser qualquer coisa! Por que diabos você escolheria o design?

Meu pai estava preso na outra parte da minha bomba. — O que você quer dizer, você tem um pouco de economia *sobrando?* Para onde foi o resto?

O suor umedeceu a minha nuca.

É tudo ou nada.

Meus pais já estavam chateados comigo. Eu poderia também arrancar o Band-Aid do meu outro segredo e lidar com as consequências de uma vez.

— Estou pagando pelos cuidados de Maura em uma instalação de repouso para idosos. — Eu soltei meu colar e coloquei minhas mãos sob minhas coxas para evitar que elas tremessem, mas meu joelho direito saltava com os nervos.

Era uma coisa boa que minha mãe não podia ver, ou ela gritaria comigo por isso também. De acordo com as superstições japonesas, sacudir a perna convidava os fantasmas da pobreza ou algo assim. Era uma das maiores implicâncias da minha mãe.

— Ela tem Alzheimer — continuei. Minha mão se curvou ao redor da borda da cadeira para apoio. — Eu venho pagando por sua hospedagem e alimentação nos últimos anos. Foi para lá que a maior parte do meu dinheiro foi.

Desta vez, o silêncio não era uma lâmina; era uma jiboia se enrolando em meus membros e me estrangulando até minha respiração sair em pequenas rajadas de ar.

Minha mãe empalideceu até parecer um recorte de papel dela mesma. — Por que você faria isso?

— Porque ela não tem mais ninguém, mãe. Ela cuidou de mim...

— Ela *não* é da família — Mika falou. — Nós somos gratos pelos anos que ela passou com vocês, garotas, e eu entendo por que vocês têm uma ligação com ela. Mas ela não é sua babá há mais de uma década, e você não está nadando em dinheiro, Stella. Você está desempregada, pelo amor de Deus. Mesmo quando você trabalhava na *D.C. Style,* seu salário era lamentável. Gastar dezenas de milhares de dólares por ano cuidando de uma ex-funcionária da família quando você não está financeiramente estável é o mais irresponsável, tolo...

A raiva acendeu um fósforo no meu estômago e erradicou cada grama de culpa pelas minhas mentiras.

Eu odiava como meus pais dispensavam Maura como uma mera *ex-funcionária da família* quando ela era muito mais. Ela cantou para eu dormir quando criança, ela me guiou pelos turbulentos anos da puberdade e resistiu à tempestade da minha angústia do início do ensino médio com notável paciência. Ela esteve lá para cada joelho ralado e cada coração partido de adolescente, e ela merecia mais do que um reconhecimento passageiro por tudo que ela fez.

Sem ela, meus pais não estariam onde estão hoje. Ela manteve a casa unida enquanto eles construíam suas carreiras em lendas.

— Maura *é* família. Ela foi mais mãe para mim do que você jamais foi! — As palavras explodiram antes que eu pudesse detê-las.

O suspiro de Natalia abafou o barulho do garfo contra o prato. Ela não disse uma palavra depois que revelou minha demissão da *D.C. Style,* mas seus olhos eram do tamanho de

pires enquanto ela olhava para mim boquiaberta.

Nenhuma de nós respondia nossos pais desde nossa adolescência rebelde. Mesmo assim, nossa rebelião tinha sido leve – um comentário sarcástico aqui, uma noite de fuga para a festa de um amigo lá.

Nós não éramos as garotas-propaganda de mau comportamento, mas eu... *oh, Deus.* Eu basicamente disse à minha mãe que ela era uma mãe de merda. Na frente de um convidado e do resto da nossa família. No jantar.

A massa que comi mais cedo revirou meu estômago, e eu enfrentei a possibilidade muito real de vomitar em todo o conjunto de pratos favorito de Mika.

Minha mãe cambaleou como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa. Se ela estava pálida antes, ela era um fantasma agora, suas bochechas completamente empalidecidas como se alguém tivesse sugado a vida dela.

Pela primeira vez, Mika Alonso, uma das advogadas mais temidas da cidade, a mulher que tinha uma resposta para cada pergunta e uma refutação para cada argumento, ficou sem palavras.

Eu gostaria de me sentir bem com isso, mas tudo o que senti foi náusea. Eu não queria machucá-la. Eu não esperava que minhas palavras *a* machucassem porque elas eram tão óbvias. Minha mãe nunca esteve por perto quando eu era criança. Uma vez ela brincou que Maura era nossa mãe de aluguel.

Mas não havia como negar a dor enchendo seus olhos e torcendo seu rosto em uma versão irreconhecível de si mesma.

Ao lado dela, o rosto do meu pai também estava irreconhecível, exceto que o dele estava escuro com uma fúria mal controlada.

— Você passou dos limites, Stella. — Sua voz baixa enviou outra onda de náusea contra minhas entranhas. — Peça desculpas à sua mãe. Agora mesmo.

A parte de trás das minhas coxas estavam pressionadas contra o topo das minhas mãos enquanto minha cabeça girava com mil respostas.

Eu poderia pedir desculpas e suavizar as coisas. Qualquer coisa para apagar a mágoa da minha mãe e a raiva do meu pai.

A garotinha em mim ainda se encolhia com o pensamento de deixar meus pais loucos, mas qualquer coisa menos que total honestidade seria apenas uma pomada temporária para uma ferida purulenta.

— Desculpe se te machuquei, mãe. — O som quebrado na minha voz combinava com o que dividia meu peito. — Mas Maura praticamente me criou. Nós duas sabemos que é verdade, e ela não tem mais ninguém para cuidar dela. Ela passou os primeiros anos de sua vida cuidando de mim e me tratando como se eu fosse sua própria filha. Não posso deixá-la sozinha agora quando ela precisa de mim.

Não olhei para Natalia, que gostava de Maura, mas não tinha o mesmo vínculo com ela. A carreira de meus pais só decolou quando eu tinha cinco anos e Natalia dez. Até então, ela já era muito velha para formar o mesmo apego à nossa babá que eu tinha.

Ela não ficaria do meu lado. Ela nunca ficou.

Além de uma pequena hesitação, minha mãe não reagiu às minhas palavras. Meu pai, por outro lado, ficou ainda mais irritado.

Jarvis Alonso não aceitava bem as pessoas que desobedeciam a suas ordens.

O trovão engoliu o castanho geralmente quente de seus

olhos até que se tornaram um preto duro e implacável.

Eu nunca tive medo do meu pai, pelo menos não no sentido físico. Mas naquele momento, eu estava com medo dele.

Quando voltou a falar, foi em um grunhido retumbante que normalmente reservava para discussões sobre ditadores estrangeiros e células terroristas.

— Stella Rosalie Alonso, se você não se desculpar com sua mãe neste instante, eu vou...

— Eu sugiro que você não termine essa frase.

A voz calma de Christian cortou a fumaça tóxica da raiva do meu pai como se ela não existisse.

Como Natalia, ele ficou em silêncio desde que o jantar saiu dos trilhos, mas a tensão que se derramava dele dizia mais que mil palavras.

Se a fúria do meu pai era uma tempestade que se aproximava, a de Christian era um tsunami escuro e silencioso. Quando aqueles em seu caminho sentissem o cheiro do perigo, já era tarde demais.

E enquanto meus olhos corriam entre o maxilar pulsante do meu pai e o olhar letal de Christian, eu tive uma sensação de que a noite ruim só iria piorar.

27

Christian

— Você está me ameaçando em minha própria casa? — Uma ponta de aço correu sob a voz de Jarvis Alonso.

— Não é ameaça, senhor. *Sugestão.*

O contraste entre meu tom educado e a tensão crepitante no ar encharcou um comentário de outra forma respeitoso com zombaria.

Eu descansei minha mão na coxa de Stella debaixo da mesa, acalmando-a. Ela tinha feito um trabalho admirável de manter sua expressão calma, mas pequenos arrepios tremeram sob meu toque.

Eu adiei dizer qualquer coisa enquanto pude. Não era da minha natureza ficar quieto quando confrontado com a injustiça feita a mim, e cada maldito desrespeito contra Stella era um desrespeito contra mim. Mas para ela, este era um problema pessoal com sua família. Ela precisava enfrentá-los e dizer sua parte sem que mais ninguém interferisse.

Eu poderia lidar com os pais dela ficando com raiva, mesmo que eles estivessem me irritando a noite toda. Mas o que eu não iria tolerar era que ninguém, nem mesmo a carne e o sangue de Stella, a fizesse tropeçar em culpa para que ela desse um pedido de desculpa que não mereciam.

Fixei Jarvis com um sorriso agradável que não combinava com meu tom gelado.

— Se você está se perguntando por que sua filha

esconderia coisas de você, olhe no espelho — eu disse. — Veja como você reagiu. Em vez de apoiá-la, você a atacou. Em vez de se orgulhar de sua motivação e paixão, você a forçou a entrar em uma caixa à qual ela não pertence. Stella é uma das pessoas mais altruístas, criativas e brilhantes que conheço, mas você a menospreza por não se conformar com suas definições limitadas de sucesso. Por quê? Porque você tem vergonha de ter uma filha que ousou se desviar do caminho rígido que você mesmo tomou? Seu orgulho é mais importante para você do que a felicidade dela, mas você está surpreso que ela considere a *única* adulta que estava lá para ela enquanto crescia ser mais parente dela do que qualquer um de vocês.

Dirigi a última frase ao pai e à mãe dela, que não se mexeram desde a explosão de Stella.

A mulher devia estar em choque.

Bom. Ela merecia isso.

A raiva era um monstro no meu intestino, destinado aos pais de Stella por pularem em sua garganta sobre suas malditas finanças sem pensar em como ela estava se sentindo, e sua irmã por expor sua saída da *D.C. Style* de uma maneira tão cruel e vingativa.

Quantas das inseguranças de Stella eram resultados de crescer em um lar tão crítico?

A maioria delas, aposto.

A única rédea da minha raiva era a presença de Stella e o fato de que esta era sua família. Apesar de seu relacionamento tenso com eles, ela provavelmente não reagiria bem se eu esvaziasse suas contas bancárias ou atacasse seus dispositivos com vírus destrutivos. Havia um código particularmente desagradável que eu desenvolvi por tédio no ano passado que poderia coletar e destruir todos os dados em um dispositivo infectado até que o dispositivo não fosse nada mais do que um

pedaço inútil de metal em menos de dez minutos.

Jarvis olhou para mim, uma veia pulsando tão forte em sua têmpora que eu esperava que ela explodisse a qualquer segundo.

— Este é um assunto de *família* — Jarvis rosnou. — Eu não me importo há quanto tempo você está namorando Stella. Você não é, e nunca será, família. Conheço sua reputação, Christian Harper. Você finge que é um homem de negócios honesto, mas é uma cobra na relva. Você tem sangue nas mãos e se acha que vou deixar você chegar perto da minha filha depois desta noite, está muito enganado.

Eu o examinei com um leve sorriso.

Poucas coisas me divertiam mais do que pessoas tentando me ameaçar.

Ele era o pai de Stella, o que lhe oferecia algum grau de proteção.

Mas que segredos se escondiam nos esgotos cibernéticos de sua vida digital? Cavava fundo o suficiente, e sempre achava alguma coisa. Históricos de pesquisa do Google, fotos, cliques em links e e-mails e salas de bate-papo privadas. A vida online das pessoas estava repleta de informações, a maioria lançada tão casualmente que o proprietário não pensava duas vezes em como poderia incriminá-lo.

Era uma mina de ouro para alguém como eu.

Se Jarvis Alonso pensasse que poderia segurar Stella sobre minha cabeça, ele descobriria com que rapidez e facilidade eu poderia expor os seus segredos.

— Deixe Christian fora disso. — A voz suave e feroz de Stella interrompeu minhas reflexões. — Eu não me importo com rumores infundados ou o que você *pensa* que sabe sobre ele. Aqui está o que eu sei por experiência própria: ele não tem

sido nada além de prestativo desde que nos conhecemos. Ele me encorajou a seguir meus sonhos e acreditou em mim quando eu mesma não acreditava. Ele tem me apoiado mais nos poucos meses em que o conheço do que você tem feito em toda a minha vida, e não vou deixar você insultá-lo por me defender.

Eu estava tão assustado que quase vacilei antes de me segurar.

Algo quente e estranho se moveu em meu peito, corroendo as barreiras de aço que eu tinha erguido.

Ninguém tinha me defendido antes. Nunca.

Eu não precisava ou queria que ela o fizesse, mas Stella sempre foi a exceção a todas as minhas regras, e vê-la tão forte e de olhos claros com convicção acendeu uma onda de orgulho no meu peito.

Sua convicção era equivocada porque eu era exatamente o que seu pai me acusou – uma cobra na relva, um monstro com mãos ensanguentadas e um passado ainda mais sangrento. Mas depois de me ver através de seus óculos cor de rosa, desejei, pela primeira vez na vida, ser o homem que ela pensava que eu era.

Implacável, talvez, mas honrado em sua essência.

Na realidade, os únicos pedaços de honra que eu possuía nesses dias eram os refletidos em seus olhos.

— Saiam. — Jarvis nem sequer piscou com o discurso de Stella. Sua fúria era uma coisa silenciosa, mas era abrangente em sua intensidade. Não haveria nenhum diálogo com ele esta noite. — Se você prefere ficar do lado de um estranho que conhece há alguns meses em vez de sua família, então você não pertence a esta mesa.

Stella ficou rígida enquanto sua mãe respirava fundo. —

Jarvis...

— Agora mesmo, Stella. — Ele ignorou o protesto quebrado de sua esposa. — *Vá embora* antes que eu mesmo te expulse.

Natalia se mexeu, desconforto finalmente deslizando sobre seu rosto com a tempestade de merda que ela desencadeou. — Papai...

— No momento ideal. Estávamos prestes a pedir licença. — Dobrei meu guardanapo em um quadrado limpo e o coloquei sobre a mesa antes de empurrar minha cadeira para trás. — Stella.

Coloquei uma mão gentil em seu ombro, despertando-a de seu estupor.

Ela se levantou e, depois de um último olhar para sua família congelada, me seguiu porta afora.

O silêncio nos seguiu para dentro do carro e pela estrada como um intruso indesejado, mas deixei-o quieto até que Stella o quebrou.

— Ele me expulsou. — Ela olhou pela janela, parecendo atordoada. — Meu pai nunca gritou comigo antes.

— Você atingiu um nervo. Ele não teria reagido tão fortemente se uma parte dele não soubesse que você estava certa.

— Sim, bem. — Ela soltou uma risada aguada. — Agora você sabe por que eu não queria você no jantar. Minha família sabe ser disfuncional.

Um sorriso sombrio tocou meus lábios. Se ela achava que sua família era disfuncional, era porque ela não sabia sobre a minha.

Não que ela jamais fosse saber.

— Já vi piores. — Parei em um sinal vermelho e dei uma olhada em Stella, meu rosto suavizando. — Você não precisava me defender.

— Eu quis. — A convicção em sua voz enviou uma estranha pontada no meu peito. — Você não merecia ser atacado assim. Você estava me defendendo, e era justo que eu fizesse o mesmo. — Um toque de vermelho coloriu suas maçãs do rosto. — Além disso, o que eu disse era verdade. Mesmo que você me irrite às vezes. — Minha boca se curvou com seu uso incomum, mas adorável do termo *irritar*. — Você é uma boa pessoa por baixo de tudo.

Eu teria rido de sua avaliação se ela não tivesse afiado a ponta de uma lâmina que se encaixou perfeitamente entre minhas costelas.

— Você deposita muita fé nas pessoas. Eu não sou o cavaleiro que você pensa que sou — falei suavemente.

Foi um aviso tanto quanto um elogio.

Eu geralmente zombava daqueles que eram ingênuos o suficiente para acreditar que as pessoas eram inerentemente boas quando havia tanto mal no mundo. Bastava ligar o noticiário para testemunhar as profundezas da depravação em que a humanidade poderia e iria afundar.

Mas, por alguma razão, a crença inabalável de Stella na bondade das pessoas tocou uma corda dentro de mim que eu não sabia que existia.

Ela não era a única luz de otimismo ao meu redor, mas ela era a única que importava.

— Talvez não. Mas você também não é o vilão que pensa que é. — As luzes da rua que passavam lançavam um brilho quente e dourado em seu rosto, destacando suas feições delicadas e a confiança brilhando naqueles lindos olhos de

jade.

Se ao menos você soubesse...

A luz ficou verde. Meus olhos permaneceram nela por um segundo extra antes de eu olhar para frente e pisar no acelerador.

Nós não nos falamos novamente durante a viagem, mas no próximo sinal vermelho, eu enrolei minha mão sobre a dela no console central e a mantive lá até chegarmos em casa.

28

Stella

27 de abril

Há uma chance de cinquenta por cento de que meu pai vai me deserdar esta noite. Eu nunca o vi tão bravo, nem mesmo quando arranhei seu Benz novinho em folha depois que tirei minha carteira de motorista e o peguei secretamente para um passeio. (Em minha defesa, aquele cachorro surgiu do nada).

Mas sabe qual é a pior parte? Não é a dor nos olhos da minha mãe ou a forma como minha irmã me denunciou. Não é nem meu pai me chutando para fora de casa.

É o fato de que eu não teria mudado o que fiz mesmo sabendo qual seria o resultado.

Sempre fui a filha quieta e obediente. Aquela que fez tudo o que meus pais pediram, que se desculpou mesmo quando eu não precisava, e que saiu do caminho para garantir que todos estivessem felizes.

Mas cada pessoa tem um limite, e eu alcancei o meu.

Tenho certeza de que nada que eu fizer será bom o suficiente para minha família, então por que tentar? Eu podia muito bem dizer a eles a verdade sobre como me sentia. Eu deveria ter feito isso há muito tempo. Mas honestamente, eu não acho que eu teria encontrado coragem para fazer isso esta noite se Christian não estivesse lá.

É irônico. Eu não queria que ele fosse, mas ele acabou sendo a melhor parte da minha noite. Há algo nele... não sei como

explicar. Mas ele me faz sentir que posso ser quem eu quiser.

Melhor ainda, ele me faz sentir como se eu pudesse ser quem eu <u>sou.</u>

Isso soa brega? Provavelmente.

Eu me encolhi lendo essa frase agora, mas está tudo bem. Você é o único que vai ver isso de qualquer maneira, e eu sei que você não vai julgar.

Na verdade, isso descreve perfeitamente como me sinto em relação a Christian, como se ele não me julgasse, não importa o que eu diga ou faça. E em um mundo onde estou constantemente sendo julgada – online e na vida real – essa é a melhor sensação do mundo.

Gratidão diária:

1. *Completando a primeira peça da minha coleção*
2. *A função de viva-voz*
3. *Christian mais cedo Christian*

* * *

— Você vai fazer as malas para três dias ou três meses? — Christian olhou minha montanha de bagagem com uma sobrancelha erguida.

— É o *Havaí,* Christian. — Enfiei outro maiô na minha mala estofada. — Só meus cuidados com o cabelo ocupam uma bolsa inteira. Você sabe o quanto a praia e a umidade causam estragos nos cabelos cacheados?

— Não. — Seu olhar estava iluminado com diversão.

— Exatamente. — Levantei-me para recuperar o fôlego.

Meus músculos doíam de horas de empacotamento. Eu adiaria até o último minuto, mas precisava terminar *hoje,* já que sairia amanhã para a grande sessão de fotos da Delamonte no Havaí.

Eu não me importava. Fazer as malas era uma distração bem-vinda dos nervos nadando no meu estômago e do espectro da minha família.

Eu não tinha ouvido um pio deles desde o nosso jantar, duas semanas atrás, nem tinha entrado em contato com eles.

A velha Stella teria ligado para eles na manhã seguinte, desculpando-se profundamente e afundando-se em culpa pelo que havia acontecido.

Embora, eu *me* sentisse culpada, mas não o suficiente para recuar da batalha silenciosa travada na família Alonso. Enquanto eu me arrependia de ter machucado meus pais, eu estava magoada por eles nem sequer tentarem entender de onde isso vinha. Além disso, eu ainda estava irritada com minha mãe chamando Maura de *ex-funcionária* e meu pai insultando Christian.

Fiquei mais surpresa do que ninguém com a forma como meus instintos protetores surgiram durante o discurso do meu pai. Christian não precisava de ajuda para se defender. Eu nem pensei que ele tivesse se ofendido; insultos ricocheteavam nele como balas de borracha de titânio.

Ainda assim, eu odiei ouvir como meu pai falou com ele. Ele não merecia isso.

— Como você está se sentindo sobre o Havaí? — Christian perguntou.

Ele estava trabalhando em casa hoje, mas ainda estava vestido de terno e gravata.

Típico.

— Excelente. — Minha voz saiu mais alta que o normal. — Animada.

Limpei as palmas das mãos do lado de fora das coxas e tentei acalmar o *tamborilar* do meu coração.

Era meia verdade. Eu *estava* animada. O Havaí era lindo, e o ensaio fotográfico seria o marco da nova campanha da Delamonte. As fotos estariam *em toda parte* – online, em revistas, talvez até em outdoors.

Eu não queria ser modelo profissional, mas a campanha do Havaí poderia fazer grandes coisas para minha carreira. Eu já havia ganhado dinheiro suficiente com parcerias de marcas no mês passado para cobrir minhas despesas pelo resto do ano; a campanha impressa da Delamonte aumentaria ainda mais meu profile[14].

Mas uma sessão de fotos tão importante também vinha com muita pressão. Pesava em meus ombros e corroía minha excitação até minha cabeça girar com os piores cenários.

Eu estava ficando mais confortável posando na frente das câmeras de outras pessoas desde minha primeira sessão da Delamonte em Nova York, mas o Havaí era diferente. O Havaí era o maior.

E se eu congelasse e não me recuperasse como em Nova York?

E se todas as fotos saíssem horríveis?

E se eu ficasse doente e *não conseguisse* tirar fotos ou quebrasse minha perna no caminho para o set ou algo assim?

A marca estava gastando muito dinheiro na viagem e só tínhamos três dias para acertar.

Se eu errasse...

Abaixei minha cabeça e me concentrei em dobrar um vestido de verão para que Christian não visse o pânico em meus olhos.

Eu deveria saber que isso não o enganaria.

— Nervosa? — ele perguntou, estranhamente astuto como sempre.

Eu engoli o nó na minha garganta. — Um pouco. — *Muito.*

A Delamonte poderia me demitir por incompetência no meio da campanha? Eu tinha que falar com Brady e revisar o contrato novamente. Talvez eles pensassem que cometeram um erro e contratassem Raya ou...

— Não fique. Você vai se sair muito bem.

— Você tem muita confiança em mim.

— Você tem muito pouca. — Sua voz estava mais próxima desta vez, um toque de veludo contra a pele nua do meu pescoço e ombros.

Virei-me, meu pulso saltando uma batida com sua proximidade.

Nunca quis tanto alguém, e nunca me odiei tanto por isso.

A memória de suas palavras faiscou como eletricidade entre nós. Seus olhos brilharam com algo luminoso e quente antes de escurecer novamente, e meu coração voltou ao seu ritmo normal.

— Partimos amanhã de manhã às oito. — Christian acenou para a minha bagagem. — Vou contratar um carregador para você.

— Você está exagerando. Eu não estou levando *tanta* coisa.

Duas malas grandes, uma mochila e uma bolsa pareciam perfeitamente razoáveis para três dias no Havaí.

— Vamos concordar em discordar. E sobre segurança... — A diversão seca de Christian se desvaneceu em algo mais sério. — A seção de fotos do Havaí não é um segredo, mas eu ainda quero que você adie a postagem de sua presença até que estejamos de volta em D.C.

Meu estômago mergulhou por um motivo totalmente diferente.

Entre a confissão de Christian, meu jantar em família e a preparação para a seção de fotos, eu empurrei as preocupações sobre meu perseguidor para o fundo da minha mente. Agora eles voltaram rugindo em uma onda gigante.

— Já temos alguma pista?

Eu não tinha pedido a ele atualizações regulares. Quanto mais eu me concentrava nisso, mais ansiosa eu ficava, mas não pude resistir desta vez.

— Nada de concreto, mas estamos chegando lá. Ele pode não te seguir até o Havaí, mas é melhor prevenir do que remediar.

— Certo. — Esfreguei o polegar sobre meu colar de cristal. — Certo.

O rosto de Christian suavizou. — Tudo vai dar certo, com a sessão de fotos *e* o perseguidor. Confie em mim.

Essa era a parte assustadora. Eu confiava.

— Descanse um pouco. Temos um longo voo amanhã — disse ele. — E Stella? Deixe o unicórnio.

— Eu não estava planejando levá-lo — resmunguei enquanto Christian ia embora.

Depois que ele saiu, eu coloquei o Sr. Unicórnio de volta em seu poleiro perto da minha cama. — Nós vamos visitar o Havaí juntos outra hora — eu disse a ele com pesar.

Ele era meu fiel companheiro sempre que eu viajava sozinha, mas como Christian estava se juntando a mim, não *precisava* levá-lo. Eu apenas gostava de ter um pouco de familiaridade quando visitava novos lugares.

Terminei de embalar.

Minhas emoções variaram da excitação ao medo ao nervosismo e vice-versa, mas me sentia melhor sabendo que Christian estaria comigo.

As borboletas no meu estômago vibraram novamente com o pensamento de três dias no paraíso com ele.

Era uma viagem de trabalho, mas ainda assim.

Eu tinha a estranha sensação de que o que acontecesse no Havaí mudaria minha vida.

29

Stella

Christian e eu chegamos a Kauai depois da hora do jantar na noite seguinte.

Em vez de nos aventurarmos no restaurante do hotel, o que exigiria muito esforço, pedimos serviço de quarto e nos instalamos na sala de estar da villa[15].

Fiel à sua maneira, Christian deu uma olhada no quarto que a Delamonte reservou para mim e nos remanejou para a última villa restante.

Dei uma espiada nele enquanto comíamos em um silêncio amigável.

Ele se recostou em seu lado do sofá, parecendo irritantemente sexy com sua camisa amarrotada e cabelos desgrenhados. Nenhum de nós parecia o nosso melhor depois de viajar o dia todo, mas seu desleixo só o deixou mais gostoso, não menos.

— Gosta do que está vendo? — ele arrastou.

— Sim. — Fiz questão de olhar ao redor da linda casa. Ela ostentava vistas deslumbrantes sobre o Pacífico, e a sala de estar se abria para uma varanda mobiliada, que por sua vez levava diretamente à nossa praia particular. — Este lugar é deslumbrante.

Não era isso que ele estava perguntando, mas não havia necessidade de inflar seu ego. Ele sabia que eu sabia que ele era gostoso, então qual era o sentido de dizer isso?

A risada de Christian aqueceu meu estômago como chocolate quente decadente.

Havia uma certa magia em vê-lo fora dos limites de D.C. Como no jantar de Dante, ele caiu em uma versão mais relaxada de si mesmo.

Sem terno, riso fácil.

— Eu gosto dessa versão de você. — Eu segurei minha caneca perto da minha boca. — Você é mais... — Eu procurei a palavra certa. — Acessível.

Um sorriso brincou nos cantos de sua boca. — Eu sou?

— Vamos colocar desta forma. Christian D.C. parece que iria matá-lo se você o cortasse no trânsito. Christian Havaí parece que lhe daria uma carona se visse seu carro quebrado na beira da estrada.

O som rico de sua diversão encheu os cantos da sala mais uma vez. — Estamos no Havaí há menos de duas horas.

— Exatamente. Imagine o que três dias no paraíso farão com você. — Tomei um gole de chá pensativa. — Dançando em uma camisa com estampa havaiana? Juntando-se a mim para a yoga do nascer do sol? *Abandonando a carne vermelha?* As possibilidades são infinitas.

— Stella. — Ele se inclinou para frente, seu rosto sério. — O dia em que eu usar uma camisa com estampa havaiana é o dia em que as vacas voarão.

— Você nunca sabe a velocidade com que a tecnologia está progredindo. Pode acontecer — eu disse, implacável. — Você sabe qual é o seu problema?

— Por favor, diga. Estou muito interessado na resposta.

Ignorei seu sarcasmo inútil. — Você se leva muito a sério e

trabalha demais. Você deveria tirar mais férias, ou pelo menos se conectar com a natureza de vez em quando. Faz bem para a alma.

— É tarde demais para minha alma, Stella.

Apesar de seu tom leve, senti que ele não estava brincando.

Meu sorriso desapareceu. — Falou como um verdadeiro pessimista.

— Realista.

— Cínico.

— Cético. — Os lábios de Christian puxaram para cima na minha carranca. — Devemos continuar jogando o dicionário de sinônimos ou passar para um tópico mais interessante?

— Nós vamos seguir em frente, mas só porque eu quero poupá-lo da indignidade de perder — eu disse majestosamente.

— É muita gentileza da sua parte.

Eu não apreciei o riso conhecedor soando em sua voz, mas deixei passar. Ele estava pagando por esta bela villa, afinal, e ele me salvou de passar dez horas em um assento de avião apertado, assistindo a filmes antigos e tentando evitar que minhas pernas adormecessem.

Havia poucas coisas mais desconfortáveis do que ser uma pessoa grande na econômica.

Afundei mais no sofá e deliberei sobre um bom assunto antes de dizer: — Conte-me algo sobre você que eu ainda não saiba.

Eu tinha perdoado Christian por me deixar de fora depois do jantar de Dante, mas eu não tinha desistido de tentar arrancar mais informações pessoais dele. Eu não me importava se elas eram tão simples quanto seu super-herói favorito

enquanto crescia; eu só queria *algo.* Saber coisas sobre Christian não ajudaria muito a proteger meu coração, mas estávamos presos juntos por um futuro imediato e eu queria fazer o melhor possível.

Parte de mim esperava que ele evitasse a pergunta como de costume, mas para minha surpresa, ele respondeu prontamente. — Não gosto de sobremesa.

Um suspiro horrorizado subiu na minha garganta. — *Todas* as sobremesas?

— Todas as sobremesas — ele confirmou.

— *Por quê?*

— Eu não tenho inclinação a açúcar.

— Existem sobremesas não doces.

— Sim, e eu não gosto delas. — Ele deu uma mordida calma em sua comida enquanto eu olhava para ele incrédula.

— Retiro o que disse. Sua alma é definitivamente suspeita. Não é normal alguém não gostar de sobremesa. — Procurei uma explicação plausível. — Talvez você ainda não tenha conhecido a sobremesa certa.

Quem poderia odiar baklava, cheesecake e sorvete? O diabo, era quem odiaria.

— Talvez eu encontre isso quando encontrar minha alma gêmea — Christian brincou.

— Você brinca, mas pode acontecer. E quando isso acontecer, eu vou... — Eu vacilei.

Ameaças não eram meu forte.

— Sim? — Ele parecia estar segurando outra risada.

— Eu nunca vou deixar você ouvir o final disso.

— Esperando por isso. — Christian teve pena de mim depois da minha resposta esfarrapada e mudou de assunto. — Hora de retribuir, Butterfly. Diga-me algo que eu não sei sobre você.

— Você não pode procurar tudo o que quer saber em um de seus computadores sofisticados? — Eu estava apenas meio brincando.

— Prefiro ouvir isso de você.

Por alguma razão, isso enviou uma vibração pelo meu peito.

Eu planejei compartilhar algo bobo e alegre, como assistir a leituras de tarô do YouTube quando me sentia para baixo porque as leituras sempre davam um toque tão positivo nas coisas ou como eu separava minhas roupas no meu armário em cores por diversão porque o resultado era tão esteticamente agradável.

Em vez disso, falei: — Às vezes, fantasio em descobrir que fui adotada.

A vergonha chacoalhou em meu intestino. Eu nunca, nunca compartilhei esse sentimento com ninguém, e ouvi-lo em voz alta fez minha pele formigar de culpa.

Eu não vinha de uma família ruim. Eles eram críticos e tinham grandes expectativas, mas não eram fisicamente abusivos. Eles pagaram a minha faculdade integralmente, e eu cresci em uma bela casa com roupas bonitas e férias agradáveis. Comparada com a maioria das pessoas, vivi uma vida incrivelmente privilegiada.

Mas nossas vidas eram nossas. Sempre haveria pessoas melhores e piores do que nós. Isso não tornava nossos sentimentos menos válidos. Poderíamos reconhecer o quão bom estávamos em alguns aspectos enquanto criticávamos outras

partes.

Para seu crédito, Christian não me condenou por ser uma pirralha ingrata. Ele não disse absolutamente nada.

Em vez disso, ele esperou que eu terminasse sem julgamento em seus olhos.

— Eu surtaria se isso realmente acontecesse, mas é a fantasia de ter outra família por aí que é mais... como uma família, eu acho. Menos competição, mais apoio emocional. — Tracei a borda da minha caneca com o dedo. — Às vezes, eu me pergunto se minha irmã e eu estaríamos mais próximas se meus pais não tivessem nos colocado tanto uma contra a outra. Eles não passavam muito tempo conosco porque estavam muito ocupados com o trabalho, e o tempo que *passavam* conosco era focado sobre qual criança poderiam se gabar mais. Aquela que teve as melhores notas, as atividades extracurriculares mais impressionantes e as aceitações na faculdade... Natalia e eu estávamos tão ocupadas tentando superar uma à outra enquanto crescíamos que nunca nos conectamos.

Um sorriso triste tocou meus lábios. — Agora ela é vice-presidente do Banco Mundial e eu estou desempregada, então... — Eu dei de ombros, tentando não imaginar mais dezenas de jantares em família onde eu me sentaria envergonhada enquanto meus pais elogiariam minha irmã.

Isto é, se eu fosse convidada para jantares futuros. Depois da minha briga com eles, eu não tinha tanta certeza.

— Eu nunca me encaixei na minha família, mesmo quando estava empregada, de qualquer maneira. Eles são práticos. Fui eu que passei minha infância olhando pela janela sonhando acordada com moda e viagens em vez de empilhar meu currículo com atividades de incentivo à faculdade. Quando eu tinha quinze anos, criei um quadro de manifestação para a

Parsons, minha faculdade dos sonhos, e o cobri com fotos do campus e uma carta de aceitação simulada que datilografei.

Meu sorriso se tornou melancólico com a memória do meu eu adolescente otimista. — Funcionou. Recebi uma carta de aceitação real no meu último ano, mas tive que recusá-la porque meus pais se recusaram a pagar por uma 'faculdade impraticável'. Então acabei em Thayer.

Eu não me arrependi. Se eu não tivesse frequentado Thayer, nunca teria conhecido Ava, Bridget e Jules.

Ainda assim, às vezes eu me perguntava o que teria acontecido se eu tivesse frequentado a Parsons. Eu teria pulado o capítulo *D.C. Style* da minha vida*?* Talvez. Eu já seria uma designer com vários desfiles de moda? Menos certo, mas provavelmente.

— Isso vindo de alguém que viu muitos competidores entrarem e saírem ao longo dos anos — disse Christian, tirando-me dos meus pensamentos. — Você não pode medir seu sucesso com base no progresso de outra pessoa. E eu conheci sua família. Confie em mim, é melhor que você não se encaixe.

Soltei uma pequena risada. — Talvez.

Foi bom tirar tudo isso do meu peito, e ajudou Christian e eu não sermos tão próximos quanto eu era das minhas amigas. Isso me fez menos autoconsciente sobre as coisas que eu estava compartilhando.

O sono puxou as bordas da minha consciência, mas eu não queria ir para a cama quando Christian e eu estávamos finalmente tendo uma conversa real.

A seção de fotos não começaria até o final da manhã de amanhã de qualquer maneira.

Só mais meia hora. Então eu vou dormir.

— E sua família? — Tomei outro gole de chá. — Como eles são?

Christian nunca falava sobre seus pais, e eu não tinha visto uma única foto deles em sua casa.

— Mortos.

O chá desceu pelo buraco errado. Eu cuspi uma série de tosses enquanto Christian terminava seu jantar como se ele não tivesse soltado uma bomba com a casualidade de alguém mencionando que sua família estava fora da cidade no fim de semana.

— Eu sinto muito — eu disse assim que me recuperei. Pisquei para afastar as lágrimas do meu ataque de tosse. — Eu... eu não sabia.

Era uma coisa tola de se dizer, porque é *claro* que eu não sabia, ou não teria perguntado, mas não consegui pensar em uma resposta melhor.

Eu assumi que os pais de Christian moravam em outra cidade e/ou ele tinha um relacionamento ruim com eles. Eu nunca teria imaginado que ele era um órfão.

— Aconteceu quando eu tinha treze anos, então não se sinta mal por mim. Foi há muito tempo. — Apesar de seu tom casual, sua mandíbula apertada e ombros rígidos me disseram que ele não era tão não afetado quanto fingia ser.

Uma dor profunda floresceu em meu peito. Treze anos era muito jovem para perder os pais. *Qualquer* idade era muito jovem.

Eu poderia estar chateada e frustrada com minha família, mas se eu perdesse algum deles, ficaria devastada.

— Eles eram seus pais. Não há limite de tempo para lamentar a perda da família — falei gentilmente. Eu hesitei,

então perguntei: — Com quem você morou depois que eles...

— Minha tia me criou até morrer quando eu estava na faculdade. — Christian respondeu minha pergunta inacabada. — Estou sozinho desde então.

A dor se espalhou até que cada parte de mim formigava com a necessidade de confortá-lo.

Ele não responderia bem a um abraço, mas as palavras poderiam ser tão, se não mais, poderosas.

— Não tenha pena de mim, Stella — ele disse, tom seco. — Prefiro estar sozinho.

— Talvez, mas há uma diferença entre estar sozinho e estar *só*. — A primeira era a ausência de companhia física; a última era a ausência de apoio emocional e interpessoal.

Eu gostava de ficar sozinha também, mas apenas no primeiro sentido da palavra.

— Não há problema em se sentir triste — acrescentei suavemente. — Eu prometo que não vou contar a ninguém.

Não perguntei como seus pais morreram. Eu poderia dizer que já estávamos esticando os limites de sua vontade de compartilhar, e eu não queria destruir a frágil intimidade do momento.

Christian me encarou com uma expressão imperceptível.

— Vou manter isso em mente — ele finalmente disse, sua voz um pouco mais áspera do que o habitual.

Eu esperava que ele terminasse a conversa ali, mas para minha surpresa, ele continuou sem que eu insistisse.

— Meu pai foi a razão pela qual entrei no mundo dos computadores. Ele era engenheiro de software e minha mãe era administradora de escola. De muitas maneiras, eles eram a

família americana de classe média por excelência. Morávamos em uma bela casa suburbana. Joguei baseball, e todas as sextas-feiras à noite pedíamos pizza e jogávamos jogos de tabuleiro.

Prendi a respiração, tão fascinada pelo raro vislumbre de sua infância que tive medo de respirar caso quebrasse o feitiço.

— A única coisa que não se encaixava nessa foto — disse Christian — era o relacionamento deles. Meus pais se amavam. Loucamente. Profundamente. Mais do que qualquer outra pessoa no planeta.

De todas as coisas que eu esperava que ele dissesse, isso nem sequer estava entre as top mil, mas engoli minhas perguntas e deixei que ele continuasse.

— Eu cresci ouvindo as histórias malucas de seu namoro. Como meu pai escrevia uma carta para minha mãe todos os dias enquanto estudava no exterior e caminhava três quilômetros até o correio de manhã porque não confiava no sistema de correspondência da universidade. Como ela fugiu de casa quando seus pais ameaçaram cortá-la se ela não terminasse com ele porque eles queriam que ela se casasse com o filho de um rico empresário local. Ela acabou fazendo as pazes com meus avós, mas em vez de fazer um grande casamento, meus pais fugiram e se mudaram para uma pequena cidade no norte da Califórnia. Eles me tiveram menos de um ano depois.

A névoa das memórias escureceu os olhos de Christian. — Eles se estabeleceram no que as pessoas de fora podiam considerar uma vida comum, mas nunca perderam esse fogo um pelo outro, mesmo depois que eu nasci.

A maioria das pessoas sonhava com o tipo de amor que seus pais tinham, mas ele falava sobre isso como se fosse uma maldição, não uma bênção.

— No entanto, você não acredita no amor — falei.

Como isso era possível? O cinismo da maioria das pessoas em relação ao amor vinha de vê-lo reduzido ao mínimo esqueleto do que já foi. Divórcios feios, promessas quebradas, brigas chorosas. Mas parecia que seus pais tinham sido um exemplo brilhante do que *poderia* ser.

— Não. — O corte mordaz do sorriso de Christian em seu rosto levantou arrepios em meus braços. — Porque o que meus pais tinham não era amor. Era ego e destruição disfarçados de afeto. Uma droga que eles continuaram perseguindo porque lhes dava uma alta que não conseguiam em nenhum outro lugar. Isso nublou seus julgamentos em detrimento de si mesmos e de todos ao seu redor, e deu-lhes cobertura para fazer todas essas coisas irracionais porque ninguém os questionou já que era por *amor.*

Ele se inclinou para trás, seu rosto duro. — Não foram apenas meus pais. Olhe para o mundo ao nosso redor. As pessoas matam, roubam e mentem em nome dessa emoção abstrata que dizem ser nosso objetivo final. Amor conquista tudo. O amor cura tudo. Etc etc. — A curva de seu lábio me disse quanto respeito ele tinha por tais chavões. — Alex desistiu de uma empresa multibilionária. Bridget quase perdeu um país. E Rhys abriu mão de sua privacidade, o que importava mais para ele do que qualquer quantia em dinheiro. É completamente ilógico.

— Alex conseguiu sua empresa de volta — eu apontei. — Bridget fez isso funcionar, e Rhys não abriu mão de *toda* a sua privacidade. Às vezes, os sacrifícios são necessários para a felicidade.

— Por quê?

Pisquei, tão assustada com a franqueza de sua pergunta que levei um minuto para responder.

— Porque é assim que o mundo funciona — eu finalmente disse. — Não podemos ter tudo o que queremos sem fazer alguns compromissos. Se os humanos fossem robôs, eu concordaria com sua avaliação, mas não somos. Temos sentimentos, e se não fosse por amor, a raça humana não sobreviveria. Procriação, proteção, motivação. Tudo depende dessa emoção.

Foi a resposta menos romântica e, portanto, a mais eficaz que eu poderia ter dado.

— Talvez. — O encolher de ombros de Christian expressou a profundidade de seu ceticismo mais do que as palavras poderiam. — Mas há uma segunda questão, que é que as pessoas usam o *amor* com tanta frequência que perde todo o significado. Eles amam seus cachorros, carros, happy hours e o novo corte de cabelo do amigo. Dizem que o amor é uma coisa grandiosa e maravilhosa quando é o contrário. É inútil na melhor das hipóteses e perigoso na pior.

— Existem vários tipos de amor. O jeito que eu amo moda é diferente do jeito que eu amo meus amigos.

— Graus variados da mesma doença. — Uma diversão sombria encheu seu rosto quando eu estremeci com a palavra *doença.* — É aqui que você vai tentar mudar minha mente? Convencer-me de que o amor, de fato, faz o mundo girar?

— Não — eu disse com sinceridade. — Você já se decidiu. Nada que eu diga vai mudar isso. A única maneira de mudar de ideia é através da experiência, não das palavras.

Surpresa passou por seus olhos antes de submergir sob algo mais pesado, mais sonolento.

— E você acha que isso vai acontecer? — Seu sotaque baixo condensou o ar entre nós. — Que eu vou me apaixonar e engolir minhas palavras?

Dei de ombros, o movimento casual em desacordo com as batidas rápidas do meu coração. — Talvez. Eu não sou uma vidente.

Secretamente, eu esperava que acontecesse. Não porque eu tivesse ilusões de ser a pessoa que poderia, entre aspas, mudá-lo, mas porque todos mereciam experimentar o amor verdadeiro pelo menos uma vez na vida.

— Uma das cláusulas do nosso contrato — disse Christian, me observando com aqueles olhos oniscientes — é que eu não me apaixonasse por você.

Minha boca secou. — Sim.

— Por que você colocou essa condição, Stella?

— Porque eu não quero que você se apaixone por mim.

Ele não sorriu para a minha piada espirituosa. Um longo silêncio se passou antes que ele falasse novamente.

— Você e eu, não somos tão diferentes — disse ele suavemente.

Uma faísca acendeu e queimou todo o oxigênio entre nós. O som do meu pulso se desvaneceu em um assobio distante.

Diga alguma coisa, Stella.

Mas seu olhar manteve minha voz cativa, e antes que eu pudesse libertá-la, seu telefone tocou e destruiu o momento em pedaços.

Os olhos de Christian permaneceram em mim por mais uma fração de segundo antes que ele atendesse a ligação. Ele caminhou até a varanda, onde o rugido distante das ondas abafava sua parte da conversa.

O peso no meu peito diminuiu, deixando-me tonta e zonza. Eu senti como se estivesse submersa no oceano na última hora

e apenas subi para respirar.

Sempre foi difícil respirar perto de Christian.

Uma noite no Havaí, faltam duas.

Achei que a viagem seria simples. Chegar, fazer as fotos, sair.

Mas, como percebi rapidamente, nada que envolvesse Christian Harper era simples.

* * *

Christian

— Alguém invadiu o sistema de segurança do Mirage — Kage disse, soando sombrio. — Nossa equipe cibernética confirmou que era o resultado de um dispositivo semelhante ao Scylla.

Mordi de volta uma maldição.

A última coisa que eu queria era discutir o trabalho tão tarde da noite na porra do Havaí. Embora, era ainda mais tarde para ele, mas Kage trabalhava todas as horas e sua atualização foi perturbadora.

Eu desenvolvi Scylla dois anos atrás. Com o nome do lendário monstro grego que devorava homens de navios que navegavam muito perto, o dispositivo não exigia um download ou uma porta USB para invadir um sistema. Só precisava estar a poucos metros do alvo para o proprietário controlar remotamente o dispositivo e foder tudo como bem entendesse.

Ninguém sabia que Scylla existia, exceto as pessoas da

Harper Security e Jules, a quem eu emprestei o dispositivo no ano passado. Ela não sabia o que era quando o usou e, mesmo que soubesse, não tinha os esquemas para isso, o que significava uma coisa.

O traidor ainda estava na Harper, e eles estavam de alguma forma ligados ao perseguidor de Stella.

Fúria fria ondulava através de mim.

Eu executei uma segunda rodada de verificações em todos que eu empregava após o hack de vigilância do Mirage com um foco especial naqueles mais próximos de mim, incluindo Brock e Kage. Eles voltaram limpos.

Eu tinha demitido alguns funcionários levemente desconfiados, mas eles não eram de alto nível o suficiente para saber sobre Scylla.

Além disso, a menos que o perseguidor de Stella fosse um desenvolvedor, deveria ter sido quase impossível para ele replicar os esquemas de Scylla... a menos que ele colocasse as mãos no projeto escondido em meu escritório.

Minha mente girou com mil possibilidades, mas quando falei, minha voz estava calma. Rocha sólida.

— Puxe todas as imagens de segurança da área ao redor do prédio. Quero vídeo de cada canto e vitrine que tenha uma câmera dentro de um raio de cinco quarteirões do Mirage. A menos que o hacker possa se teletransportar, ele deve ter ido a algum lugar depois da invasão. Encontre-o.

Desliguei após o grunhido de afirmação de Kage.

A filmagem não era minha prioridade. Minha principal prioridade era descobrir quem na minha empresa estava tentando me sabotar, mas até que eu voltasse para D.C., reunir e exibir as imagens daria aos meus homens algo para fazer enquanto eu caçava o traidor.

Entre as notícias de Scylla e o progresso paralisado do perseguidor de Stella, maio estava se tornando um mês de merda.

A irritação cresceu em meu peito enquanto eu calculava meu próximo movimento.

Se eu estivesse aqui por qualquer motivo além de Stella, eu voaria de volta para D.C. na primeira hora da manhã, mas eu não poderia deixá-la sozinha quando havia um psicopata à solta mirando nela.

Eu menti quando disse a ela que não havia notícias. Eu interceptei mais três notas dele em sua caixa de correio. Elas continham ameaças básicas, nada de novo, e ainda não eram rastreáveis – por enquanto.

As chances de ele segui-la aqui eram pequenas, mas não zero.

Pelo menos, foi o que eu disse a mim mesmo.

Voltei para a sala e tranquei a porta de vidro deslizante atrás de mim.

Já era meia-noite. Eu estava bem acordado graças à adrenalina das notícias de Kage, mas Stella desmaiou no sofá durante a minha ligação.

Eu gentilmente tirei sua caneca vazia de sua mão e a coloquei sobre a mesa antes de pegá-la e levá-la para o quarto. Ela estava em um sono tão profundo que nem se mexeu.

O luar cortou uma faixa prateada na escuridão quando eu a deitei na cama.

Eu puxei o edredom mais apertado ao redor dela, a gentileza da ação um nítido contraste com o rugido no meu sangue. Parecia quase obsceno tocar Stella enquanto visões de sangue e desmembramento enchiam meu cérebro, mas eu não

conseguia desligar a parte de mim que ansiava por vingança.

O banho frio que tomei amorteceu minha raiva, mas não a apagou completamente. E, porque eu precisava de uma saída para minha frustração que não envolvesse liberação física, a primeira coisa que fiz quando saí do banheiro foi abrir meu laptop.

Pulei a janela aberta com palavras cruzadas inacabadas – preferia jogos físicos, mas me contentava com versões digitais quando necessário – e abri o arquivo que guardava especificamente para momentos como esse.

Dei uma olhada na lista de nomes antes de escolher o presidente de um grande banco multinacional. Ele nunca foi e nunca seria um cliente da Harper Security. Ao contrário da crença popular, eu tinha padrões fodidos para as pessoas com quem me associava, e esse cara era um trabalho desagradável. Peculato, fraude fiscal, três processos de assédio sexual de suas ex-assistentes que foram resolvidos fora do tribunal e uma propensão a dar tapas em sua esposa e nas mulheres com quem a traiu. E isso era apenas a ponta do iceberg.

— Você está prestes a ter um dia muito ruim quando acordar — eu disse à foto de seu rosto vermelho de olhos redondos.

Levei menos de cinco minutos para invadir suas contas bancárias e redirecionar os fundos para várias instituições de caridade por meio de doações anônimas e uma rede de servidores proxy. Era quase embaraçoso como era fácil. A senha do homem era o modelo do seu primeiro carro e seu aniversário, pelo amor de Deus.

Deixei um pouco de dinheiro para sua esposa junto com o nome de um bom advogado de divórcio antes de encaminhar algumas informações ao IRS[16] que o governo dos EUA acharia muito interessante. Como a cereja do bolo, coloquei suas

informações à venda na dark web, enviei várias fotos humilhantes de sua última visita à sua amante para todos os duzentos mil funcionários do banco e, porque o babaca uma vez tentou roubar uma vaga de estacionamento de mim, invadi o carro dele, apaguei o GPS e eliminei todos os dados do veículo.

Quando terminei, eu me sentia calmo o suficiente para deslizar na cama ao lado de Stella.

Ao contrário do que ela disse anteriormente sobre natureza, nada limpava a alma como um bom ataque cibernético.

Eu acalmei quando Stella soltou um murmúrio e colocou sua perna sobre a minha. Ela devia ter gostado do calor, porque alguns segundos depois, ela passou o braço em volta da minha cintura e se aconchegou no meu peito.

Mesmo que ela já estivesse dormindo, ela soltou um pequeno bocejo que se derreteu em um suspiro satisfeito e então... silêncio.

Eu olhei para ela, esperando que acordasse ou pelo menos se movesse novamente.

Ela não o fez.

A julgar pela subida e descida constante de seu peito, ela voltou a dormir e não tinha intenção de se desvencilhar de mim tão cedo.

Eu odiava abraçar depois do sexo e abraçar *sem* sexo ainda mais, mas em vez de empurrar Stella para longe, afastei uma mecha de cabelo de seu rosto e a examinei ao luar espiando pelas cortinas.

O brilho prateado acariciava sua pele de uma forma que a fazia parecer etérea. Um anjo dormindo nos braços de um monstro.

Poucas pessoas confiavam em mim o suficiente para fechar os olhos quando eu estava na sala, e aqui estava ela, abraçada a mim como se eu fosse um maldito ursinho de pelúcia. Completamente inconsciente da violência se formando a apenas alguns centímetros de distância.

Minha mão deslizou de seu cabelo para a curva elegante de sua bochecha. Eu a tracei até seu queixo, mantendo meu toque leve como uma pluma para não a acordar. Eu queria gravar cada detalhe dela em minha mente até que eu pudesse fechar meus olhos e imaginá-la tão vividamente como se ela estivesse na minha frente.

Talvez então eu entendesse o poder que essa mulher tinha sobre mim. Como alguém tão inocente e de coração puro podia ter se marcado tão profundamente em minha psique que eu sentia a queima agonizante disso tanto tempo depois de nos conhecermos?

Meu toque permaneceu contra o rosto de Stella antes que eu o deixasse cair.

Traços invisíveis do sangue cobrindo minhas mãos riscaram suas bochechas. Eram as mesmas mãos que se encaixavam facilmente ao redor do metal de uma arma e terminavam vidas com o simples apertar de um botão. As mãos de um mentiroso na melhor das hipóteses, as mãos de um assassino na pior.

Eu não deveria tocá-la e manchá-la com meus crimes, passados e futuros. Ela merecia brilhar sem a escuridão ameaçando consumi-la, e se eu fosse um homem melhor, eu a deixaria ir.

Mas eu não era.

Minha consciência trêmula recuou com as manchas invisíveis de vermelho contra sua pele enquanto uma parte torcida e possessiva de mim se emocionou com a visão.

Mas se havia uma coisa em que ambos os lados concordavam, era que ela era minha.

E agora que ela estava na minha vida, não havia como deixá-la ir.

30

Stella

Acordei na manhã seguinte com lençóis amarrotados e o estômago cheio de borboletas, em parte por causa das fotos e em parte por causa do leve cheiro de couro e especiarias no ar.

Christian se foi, mas pequenas picadas de calor consumiram minha pele com a visão dos lençóis amarrotados em seu lado da cama.

Eu sabia que a villa tinha um quarto. O assistente da recepção nos disse isso quando ele nos deu o upgrade. Mas o pensamento de compartilhar um espaço tão íntimo com Christian, mesmo que eu estivesse desmaiada nesse tempo, me eletrizou de uma forma que não tinha na primeira noite em que dividimos a cama.

Pare com isso. É só dormir.

Eu compartilhava camas com minhas amigas o tempo todo quando viajávamos juntas. *Isso* não era grande coisa, então agora também não deveria ser.

Claro, eu não queria fazer sexo com minhas amigas, mas essa era uma distinção menor.

Forcei meus olhos para longe da cama e me preparei.

Já que a Delamonte estaria fornecendo as roupas e maquiagem no set, não demorou muito para eu colocar um vestido de linho simples e domar meu cabelo em algo gerenciável.

Quando entrei na sala, vi Christian trabalhando na

varanda, parecendo muito estressado para sua primeira manhã no Havaí.

— Bom Dia. — Parei ao lado de sua mesa. Uma xícara de café vazia e uma torrada pela metade estavam ao lado de seu laptop junto com um jogo de palavras cruzadas completo. — Você acordou cedo.

— Estou trabalhando no horário da Costa Leste. — Ele levantou a cabeça, sua testa alisando quando me viu. — Você está pronta para a sessão de fotos?

— Sim. — *Um pouco. Talvez. Provavelmente.*

Minha incerteza deve ter vazado porque seu rosto suavizou ainda mais. — Você vai se sair muito bem.

— Obrigada. — Eu torci meu anel no meu dedo antes que suas palavras penetrassem. *Você vai se sair muito bem.* — Você não vem comigo?

— Hoje não. Surgiu uma emergência de trabalho.

— Oh. — A decepção floresceu em meu estômago até que eu a esmaguei. Obviamente, ele não ia ficar parado e me ver tirar minhas fotos durante toda a viagem. Ele tinha coisas melhores para fazer. — Nada tão ruim, eu espero.

— Nada que eu não possa lidar. — Christian acenou com a cabeça para o menu do serviço de quarto na mesa. — Você quer algo para comer antes? Posso ligar para a cozinha.

— Não, já estou atrasada. — Eu também poderia vomitar se comesse alguma coisa antes das fotos, mas guardei isso para mim. — Acho que, hum, vejo você mais tarde.

Saí, sentindo estranhamente como se estivesse me despedindo do meu namorado antes de uma longa viagem. O que era ridículo, porque ele *não* era meu namorado, e nosso hotel ficava a apenas quinze minutos a pé do set.

Quando cheguei, não reconheci ninguém, exceto o fotógrafo Ricardo e a diretora de moda da Delamonte, Emmanuelle, que me cumprimentou com uma enxurrada de beijos nas bochechas.

— Stella! Como foi seu voo? Você está adorável. Estamos tão empolgados para as fotos... vamos falar sobre cabelo e maquiagem, sim? Estamos um *pouco* atrasados...

O turbilhão de atividades que se seguiu foi tão caótico que tirou todos os pensamentos de Christian da minha cabeça. Eles me arrastaram do cabelo e da maquiagem para a montagem das minhas fotos de teste, e quando a sessão de fotos real estava pronta para começar, eu não conseguia me concentrar em nada, exceto não estragar muito ao ponto da Delamonte me demitir na hora.

Estou bem. Eu posso fazer isso.

Estávamos fotografando uma linha diferente a cada dia – roupas de resort hoje, sapatos e acessórios amanhã e joias no dia seguinte.

Eu estava grata pelas silhuetas soltas porque se eu tivesse que me espremer em algo mais justo, eu poderia desmaiar ali mesmo na praia.

— Incline sua cabeça em direção ao sol... sim, assim mesmo! — gritou Ricardo. — Perfeito!

Talvez fosse o sol e a brisa do mar ou minha alta por estar no Havaí pela primeira vez. Ou talvez fosse porque eu já tinha fotografado com Ricardo antes e estava mais confortável trabalhando com ele.

Fosse o que fosse, derreteu meus nervos até que finalmente relaxei o suficiente para tirar as vozes feias e inseguras da minha cabeça.

Pelo resto da manhã e início da tarde, virei e posei na

direção de Ricardo. Paramos de vez em quando para trocar de roupa, mas fora isso, a sessão de fotos foi perfeita.

Emmanuelle estava em êxtase.

— Você está indo muito bem! — ela jorrou durante um de nossos intervalos. — Espere até eu mostrar a Luisa as provas. Ela vai se *emocionar*...

Eu sorri e acenei com a cabeça, mas meus olhos estavam ocupados procurando na praia por um flash de cabelo escuro e pele bronzeada.

Nada.

Christian disse que não conseguiria, mas eu esperava...

Não importava.

Eu o veria mais tarde. Nós estávamos compartilhando um quarto, pelo amor de deus, e enquanto eu o queria aqui, eu não *precisava* dele aqui.

Eu poderia fazer isso sozinha.

A percepção me atingiu assim que Emmanuelle terminou de falar.

— Você não concorda? — ela me encarou com expectativa.

— Sim. — Eu não tinha ideia do que ela estava falando. — Você tem razão.

— *Exatamente!* Mantas para o outono são exageradas. Estou pensando em malha escovada...

Eu posso fazer isso sozinha.

Repeti as palavras na minha cabeça.

Passei anos construindo minha marca sozinha, mas desde o acordo com a Delamonte e o reaparecimento do meu

perseguidor, eu estava fora do eixo. Insegura de mim mesma.

Eu contava com a confiança de Christian e uma pequena parte de mim estava convencida de que eu teria estragado as fotos de Nova York se não fosse por ele.

Mas eu completei a sessão de fotos esta manhã sozinha, e fiz um trabalho muito bom.

Um sorriso floresceu em meus lábios.

— Stella, precisamos de você de volta aqui! — Ricardo chamou de sua posição perto da água. — Você está pronta?

Eu ainda estava com meu sorriso quando voltei ao meu local designado, meus passos mais leves do que tinham sido durante todo o dia.

— Estou pronta.

* * *

Christian

O trabalho me manteve ocupado durante a maior parte da viagem ao Havaí. Por mais que eu quisesse acompanhar Stella em suas sessões de fotos, eu tinha contratos para negociar, reuniões virtuais para participar e uma porra de um traidor para pegar.

Mas quando chegou nosso último dia na ilha, não consegui mais ficar longe. Remarquei minhas reuniões e peguei o barco do hotel para a costa de Nā Pali, onde estava acontecendo sua última sessão de fotos.

A areia branca e sedosa se movia sob meus pés descalços

enquanto eu caminhava em direção à praia particular onde a Delamonte tinha montado seu local.

Eu tinha visitado centenas de locais ao longo dos anos, mas a costa litorânea selvagem continuava sendo um dos lugares mais impressionantes que eu já tinha visto.

Dramáticos penhascos cor de esmeralda elevavam-se a milhares de metros acima do Pacífico, seus cumes íngremes e vales estreitos curvando-se em torno de praias imaculadas a seus pés em um abraço protetor. Cachoeiras de plumas brancas caíam em cascata por cavernas marinhas esculpidas nas falésias, seu rugido suave se misturando com o bater das ondas contra as praias arenosas.

A costa era uma obra de arte forjada pelos artesãos mais talentosos da natureza, o mais próximo de Shangri-La no mundo moderno, mas não era a coisa mais bonita presente.

Nem de longe.

Parei na borda do set.

Stella estava na água rasa, seus braços cobrindo seu peito nu e seus cachos uma nuvem selvagem ao redor de seu rosto. Seu biquíni branco simples compensava o extravagante colar de esmeraldas em volta do pescoço.

Ela estava muito focada na câmera para me notar ainda, então eu a absorvi.

O sol da tarde dourava sua pele e formava uma auréola ao redor de suas curvas suaves. Seu rosto parecia quase nu de adornos. Nenhuma maquiagem óbvia, apenas enormes olhos verdes, lábios exuberantes e pele que se aprofundou em um marrom quente depois de dias ao sol.

Ela parecia Vênus emergindo do mar azul profundo, apenas mil vezes mais espetacular.

Meu coração desacelerou para combinar com o fluxo e refluxo sensual da água quando ela se virou e posou de acordo com as instruções do fotógrafo.

Ao contrário da primeira sessão de fotos, ela parecia à vontade aqui, com o vento farfalhando seus cabelos e as ondas batendo em suas coxas.

Uma deusa em seu elemento natural.

— E está feito! — Ricardo gritou depois de um curto período de tempo. — Você é *linda,* baby. Perfeição absoluta.

Stella respondeu com um sorriso tímido. Ela deixou cair os braços um centímetro - não baixo o suficiente para se despir para o grupo, mas o suficiente para que as ondas de seus seios espreitassem sobre seu abraço.

Um pico letal de possessividade percorreu meu sangue.

Eu permiti que meus olhos se demorassem nela por mais um segundo antes de arrastá-los para longe para avaliar Ricardo com um olhar frio.

Modelos seminuas eram constantes no mundo da moda, mas isso não me impediu de repentinamente querer arrancar os olhos do único membro masculino da equipe – um que estava olhando um pouco agradecido demais para Stella.

Ricardo Frenelli, quarenta e seis anos, divorciado duas vezes com uma filha que tinha um mau hábito de cocaína, empregado na Delamonte nos últimos oito anos. Muito respeitado na indústria da moda, mas ele tinha um problema secreto com jogos de azar e devia uma tonelada de dinheiro a pessoas a quem você não queria dever um centavo.

Eu tinha feito minha pesquisa após a primeira sessão de fotos.

— Sr. Harper! — Emmanuelle finalmente me notou.

Sua saudação atraiu a atenção de todos na praia, incluindo Ricardo, cuja cabeça virou para mim. Seu bronzeado ficou branco com o meu sorriso.

As pessoas se assustavam tão facilmente hoje em dia.

Uma vibração de movimento mudou minha atenção de volta para o oceano. Stella não se moveu de seu lugar na água, mas ela se virou para mim. Surpresa, prazer e uma sugestão de algo não identificável passaram por seus olhos quando encontraram os meus.

Minha ira em relação a Ricardo caiu no esquecimento, abafada pelo zumbido elétrico no ar.

Eu conheci muitas mulheres bonitas na minha vida. Mulheres com cabelos perfeitos, pele perfeita e corpos perfeitos. Supermodelos e estrelas de cinema e herdeiras moldadas pelo melhor que o dinheiro pode comprar.

Nenhuma delas se comparava com Stella. Ela brilhava de uma forma que não tinha nada a ver com sua beleza exterior.

A escuridão sempre era atraída pela luz, mas eu não fui atraído apenas por ela; eu estava totalmente obcecado. Eu me jogaria em sua chama e a deixaria me queimar vivo se isso significasse que seu calor era a última coisa que eu sentiria antes de morrer.

Seus lábios se separaram em uma exalação afiada, como se a força da minha necessidade fosse tão grande que arrancou uma reação física dela.

— ...não sabia que você estava vindo. — A voz bajuladora de Emmanuelle zumbiu como um mosquito irritante no meu ouvido. — Você deveria ter nos contatado. Nós teríamos...

— Saíam. — Não tirei os olhos de Stella, que estava tão imóvel que parecia uma estátua esculpida no oceano.

Emmanuelle vacilou. — Desculpe?

— Você e sua equipe têm cinco minutos para desocupar esta praia. Vou levar Stella de volta no meu barco.

Eu aluguei um barco particular no hotel e o ancorei mais abaixo na praia, não muito longe do próprio barco fretado da Delamonte.

As bochechas de Emmanuelle ficaram vermelhas. Eu não era o chefe dela, mas, como a maioria das pessoas, ela era suscetível à autoridade, não importava de que forma ela viesse. Ainda assim, ela fez um último esforço para se manter firme.

— Não podemos arrumar tudo tão rápido. — O nervosismo diluiu o impacto de seu protesto. — Também precisamos limpar e guardar o colar primeiro. Vale mais de setenta mil...

— Mande a conta para mim.

Eu não poderia dar a mínima para quanto custava o colar. Eu queria que todos, exceto Stella, fossem embora.

Quando a diretora não se moveu, levantei uma sobrancelha. — Preciso me repetir? — perguntei agradavelmente. Verifiquei meu relógio. — Quatro minutos, Sra. Lange.

Ela finalmente percebeu o aviso velado no meu tom e saiu correndo.

Dois minutos depois, o grupo se foi deixando nada além de pegadas para trás.

— Eu deveria estar preocupada? — O vento trouxe a voz doce e provocadora de Stella aos meus ouvidos. Ela ainda estava no oceano, mas a partida do pessoal quebrou o feitiço que a mantinha quieta. — Você não está planejando me matar aqui agora que você assustou o pessoal, está?

— Eles estavam me irritando. — Aproximei-me da costa até chegar à fronteira natural que demarca a areia seca de suas irmãs úmidas e agitadas pelas ondas. — E eu não os assustei. Eu apenas pedi que eles saíssem.

— O que você teria feito se eles não tivessem cumprido?

Uma brisa forte chicoteou um cacho em seu rosto. Ela o afastou com uma mão enquanto mantinha a outra abraçada sobre o peito.

Ela parecia diferente aqui. Sem a ameaça próxima do perseguidor pairando sobre sua cabeça e a proximidade de sua família arrastando-a para baixo, ela estava mais brilhante, mais despreocupada, com um brilho brincalhão em seus olhos que ofuscava as esmeraldas em seu pescoço.

— Eu teria deixado passar como o cavalheiro que sou. — Um sorriso abriu caminho em minha boca pela forma como suas sobrancelhas formaram arcos gêmeos de ceticismo.

— Você disse que não era um cavalheiro.

— Eu não. Você disse.

— E eu estava certa.

Meu sorriso se transformou em uma risada suave que prometia todos os tipos de maneiras que eu poderia provar que ela estava certa.

— Venha aqui, Stella.

31

Christian

Stella não se moveu, embora uma pitada de desejo escureceu seus olhos ao meu comando de veludo.

— O que você vai fazer se *eu* não obedecer? — Seu tom permaneceu leve, mas a eletricidade no ar se intensificou até que penetrou sob minha pele e estalou em minhas veias.

Meu sorriso assumiu uma curva mais perigosa. — Fique na água e descubra.

Eu lhe daria dez segundos antes de ir atrás dela.

Fazia quarenta e oito horas desde a nossa última interação real, e eu já ansiava por sua proximidade como um viciado faminto por mais.

Eu tinha desistido de qualquer conceito de distância entre nós. Eu não estava apenas fascinado por ela – um quebra-cabeça para resolver. A obsessão parecia simples para mim agora.

Eu *precisava* dela.

— Você precisa trabalhar para dizer a palavra *por favor.* Eu prometo que não vai te matar.

Apesar de sua observação seca, Stella finalmente se moveu. Seu corpo alto e esbelto cortou as águas rasas com graça fluida até que a água caiu em cascata e deixou apenas pequenas gotas brilhantes para trás.

Ela parou na minha frente, tão perto que eu podia sentir o

cheiro fraco de protetor solar de coco e flores verdes misturadas com o beijo salgado do oceano.

Eu não acreditava no paraíso, nem acreditava que poderia alcançá-lo mesmo que existisse, mas ela cheirava exatamente como eu imaginava que o paraíso cheiraria.

— Não posso prometer algo que ainda não foi testado, baby. — Eu escovei meus dedos sobre a joia aquecida pelo sol pendurada em seu pescoço.

Setenta mil dólares por um momento a sós com ela.

Valeu a pena.

O ritmo de sua respiração vacilou. — Você está me dizendo que nunca disse a palavra *por favor.*

— Nunca precisei. As pessoas fazem o que eu quero de qualquer maneira. — Uma risada vibrou no meu peito com o adorável resmungo de Stella.

— Eu deveria ter ficado na água e feito você dizer *por favor* antes de sair. Ensinar-lhe uma lição. — Ela me olhou com curiosidade. — O que você está fazendo aqui, afinal? Achei que você tivesse trabalho.

— Terminei. — Nem tudo, mas o resto podia esperar. — Eu não poderia sair sem visitar o set pelo menos uma vez.

— Eu não sei se me observar ficar de pé e fazer beicinho é excitante — ela riu. Seus braços se apertaram sobre o peito, mas nenhum de nós fez um movimento em direção às suas roupas, que estavam dobradas em uma toalha a poucos metros de distância.

— Eu poderia assistir você contar cada grão de areia na praia e seria excitante.

Eu não era um homem paciente, nem um que lidava bem

com a inquietação. Era por isso que eu gostava tanto de quebra-cabeças. Eles me davam o estímulo que eu precisava para me manter são, porque Deus sabia que eu não podia contar com outras pessoas para me manter interessado.

Stella era a única exceção. Sua mera presença me fascinava mais do que qualquer monólogo divagante sobre filme, viagem ou qualquer merda que as pessoas gostassem de falar.

Sua risada se desvaneceu em uma respiração vacilante com a convicção na minha voz.

— Mas se você quer saber a verdade... — Minha mão deslizou de seu colar para a delicada inclinação de seu ombro. — Eu não vim para assistir a sessão de fotos.

Um arrepio suave percorreu seu corpo quando meu toque percorreu seu antebraço.

— Então por que você veio? — A pergunta dela se expandiu entre nós como se fosse a coisa mais importante na praia.

— Por você. — Parei na pele macia e nua acima de seu cotovelo. O sol brilhava no céu, mas não era nada comparado às faíscas que se acendiam no ar. Milhares de brasas salpicaram minha pele e acenderam um rastro de fogo no meu braço e no meu peito. — Solte seu braço para mim, baby. Quero ver você.

Foi o mais perto que cheguei de implorar.

O silêncio nos envolveu e sufocou quaisquer vestígios remanescentes de leveza. Em seu lugar havia algo escuro e texturizado que pesava sobre meus ombros enquanto eu esperava a resposta de Stella.

A coluna delicada de sua garganta saltou enquanto seus olhos seguravam os meus.

Seus olhos sempre foram sua característica mais expressiva, como janelas claras cor de jade para seus pensamentos mais íntimos. Cada medo, cada desejo, cada sonho e insegurança.

Pela primeira vez, não consegui decifrar o que ela estava pensando olhando para ela, mas pude *sentir* a indecisão a torcendo por dentro.

Estávamos avançando em direção a essa linha em nosso relacionamento desde que assinamos nosso acordo, mas ambos sabíamos que, se a cruzássemos, não haveria como voltar atrás.

Meu pulso desacelerou para combinar com a espera interminável.

Então, lentamente, muito lentamente, Stella baixou o braço, e meu pulso mudou de câmera lenta para rápida enquanto pulsava ao ritmo frenético do meu coração.

Eu não tirei meus olhos de seu rosto até que ela parou com o braço ao seu lado e um rubor avermelhado sob seu bronzeado. Só então deixei meu olhar deslizar para baixo e me deleitar com a visão diante de mim.

Seios firmes e exuberantes com mamilos marrons doces que eu ansiava por provar. Curvas delicadas e membros graciosos que mergulhavam e subiam sob quilômetros de pele luminosa como um roteiro para um paraíso que eu nunca alcançaria. E um pedacinho de tecido branco que cobria seu ponto mais íntimo.

Meu pau se transformou em pedra enquanto uma fera se agitava em meu peito, rosnando para eu tomá-la e marcá-la até que ficasse claro para cada pessoa a quem ela pertencia.

A mim.

A respiração de Stella a deixou em baforadas rasas

enquanto ela se movia sob meu escrutínio. Ela claramente não estava acostumada com alguém olhando para ela por tanto tempo, mas quando ela se moveu para se cobrir novamente, eu a parei com um aperto em seu pulso.

— Não. — O desejo engrossou as bordas da minha voz. — Você não precisa se cobrir na minha frente.

— Eu não... eu não estou... — Sua garganta se moveu novamente com um gole visível. — Faz um tempo desde que alguém me viu assim. — Constrangimento cobriu sua admissão.

A chama feroz da possessividade queimava em minhas entranhas, mil vezes mais quente do que quando peguei Ricardo olhando para Stella depois da filmagem.

Claro, eu sabia que ela devia ter ficado nua na frente de outros homens antes, assim como eu sabia que queria arrancar a pele da carne desses homens e deixá-los apodrecer sob o sol quente por ousar colocar os olhos nela.

Ninguém jamais seria digno dela.

— Defina *um tempo.* — Meu pedido preguiçoso não escondia a corrente de perigo que corria por baixo dele.

A cautela cintilou para a vida em seus olhos. — Anos.

A besta em meu peito estava totalmente de acordo agora, e queria pressionar ainda mais. Exigir o nome de cada fodido homem que a tocou para que eu pudesse lhes fazer uma boa visita de manutenção.

Foi preciso muita força de vontade, mas prendi esses desejos.

Eu a estava deixando no limite e não queria desperdiçar nosso último dia no Havaí focado em pessoas insignificantes.

Podia não ser o primeiro, mas seria muito bem o último.

Porque uma vez que eu a levasse, eu nunca a deixaria ir.

— Entendo. — Minha voz se suavizou em veludo novamente. — E quando foi a última vez que alguém tocou em você assim, Stella?

Acariciei seu seio, mapeando a suave ondulação com a palma da mão antes de roçar o polegar sobre seu mamilo. Ele endureceu instantaneamente, e um sorriso discreto surgiu em minha boca em sua inspiração afiada.

— Eu... eu não me lembro.

Gotas de suor brotaram no alto da testa de Stella quando meu toque ficou áspero, e eu belisquei seu mamilo com força suficiente para provocar outro suspiro ainda mais agudo.

Sua mão disparou para agarrar meu pulso. — *Christian.*

Meu nome saiu de seus lábios em uma súplica doce e ofegante, mas poderia muito bem ser o tiro de uma pistola soando.

Uma palavra, e toda a força do meu desejo saiu de sua coleira.

Eu queria engolir o som do meu nome de sua boca, ver se ela tinha um gosto tão doce quanto o fazia soar ou se era sujo e lascivo, como o pecado verbalizado. Mais do que isso, eu queria me enterrar dentro dela, pintá-la com meu esperma, e arruiná-la tão completamente que faria a queda dos anjos parecer brincadeira de criança.

Eu nunca iria para o céu, mas isso não importava, desde que ela governasse ao meu lado no inferno.

Stella foi feita para ser minha rainha.

Penhascos imponentes cercavam a praia, suas paredes

íngremes desgastadas pelos elementos, e um suspiro escapou da garganta de Stella quando eu a empurrei contra a rocha próxima.

Meu pau latejou em sincronia com o meu pulso enquanto eu enganchava um dedo dentro do cós do biquíni de Stella e o arrancava com um puxão forte.

Um gemido torturado retumbou em meu peito ao vê-la já molhada e brilhando para mim. Ela parecia uma deusa mítica contra a rocha escura, todos os membros sinuosos e pele morena. Joias rodeavam seu pescoço onde eu desejava que minhas mãos estivessem, adornando, acariciando e possuindo-a.

O latejar se intensificou até que era tudo que eu podia ver e ouvir.

Eu queria cair de joelhos e adorá-la com minha boca. Para tocá-la, saboreá-la, *afogar-me* nela.

Necessidade e fantasia correram através de mim de uma vez, mas haveria tempo para todas elas mais tarde.

Eu finalmente a tinha em minhas mãos, e eu não iria apressar nenhuma parada ao longo do caminho.

— Você está encharcada *pra* caralho, Butterfly. — A luxúria tornou minha voz irreconhecível quando eu coloquei a mão entre suas pernas. Sua cabeça caiu para trás contra a parede, e um gemido se espalhou no vento quando eu brinquei preguiçosamente com seu clitóris, circulando e esfregando o broto inchado até que seus sucos escorregassem em meus dedos. — Você gosta disso, hum? Estando bem espalhada e sendo fodida com o dedo onde qualquer um pode ver você?

Ninguém iria. E se o fizessem, eu os mataria antes que eles pudessem sair com memórias de sua forma nua embutidas em seus cérebros.

Stella era minha e só minha.

Ela estava ofegando tão alto que o som quase abafou o rugido do meu pulso.

Eu nunca perdi o controle durante o sexo. Meus encontros anteriores foram transacionais, saídas para descarga física e nada mais.

Com ela, eu estava desfeito antes mesmo de começarmos.

— Eu te fiz uma pergunta, Stella. — A sedosidade da minha declaração era contrária ao jogo implacável que eu jogava com sua excitação, puxando-a para a borda e retirando-a pouco antes dela cair. — Responda-me.

— Eu... — Stella atingiu o auge quando eu pressionei contra um ponto particularmente sensível. — Eu não...

— Resposta errada. — Eu apertei sua garganta com minha outra mão, prendendo-a contra a parede rochosa enquanto eu empurrava suas pernas mais largas com minha coxa. Eu mantive a pressão do meu polegar contra seu clitóris e deslizei um dedo dentro de seu calor úmido e apertado.

O desejo ardeu mais quente com cada centímetro mais profundo que eu ia e cada ofego de sua respiração contra a minha pele.

Eu queria engolir cada ofego e sentir cada suspiro contra meus lábios até que eu a consumisse e a fizesse minha de todas as formas.

— Vou perguntar de novo. — Eu empurrei meu dedo ao máximo e o retirei lentamente, arrancando o gemido mais alto dela até agora. — Você gosta de ser fodida com o dedo a céu aberto como uma boa putinha?

Stella se contorceu, seu corpo instintivamente se rebelando contra o ataque de sensações, mas suas lutas eram inúteis

contra meu aperto de ferro.

— *Sim.* — Sua admissão derramou como um soluço sufocado. — Por favor… oh, Deus…

Sua cabeça inclinou para trás novamente enquanto eu arrastava meus dedos e esfregava um círculo preguiçoso em seu clitóris com o polegar antes de bater de volta.

Stella não era uma gritadora, mas seus pequenos suspiros e gemidos eram as coisas mais sensuais que eu já tinha ouvido.

Ela se contorceu contra a rocha, suas pálpebras pesadas e sua boca entreaberta em um gemido incessante. Uma mão espalmou contra a rocha enquanto a outra agarrou meu cabelo com força suficiente para arder.

A luxúria encharcava o ar tão completamente que bastaria um roçar para acender o fósforo na gasolina do nosso desejo.

Finos brilhos de suor que não tinham nada a ver com o calor tropical cobriam nossos corpos, e a natureza aberta de tudo isso – o vento nas minhas costas, o oceano a poucos passos de distância – apenas aumentava o erotismo.

Não havia nada artificial sobre este momento. Era real e cru e tão perfeito *pra* caralho que eu queria nos manter aqui para sempre, problemas em D.C. que se danassem.

— Grite para mim, baby. — Eu empurrei um segundo dedo dentro dela, esticando-a. Meu pau doía para substituir minhas mãos. Eu estava perto de me perder, e ela nem tinha me tocado. — Deixe-me ouvir o quanto você ama isso.

Os sons molhados e imundos dos meus dedos bombeando dentro e fora dela me disseram o que eu precisava saber, mas eu queria *ouvi-la*.

Eu queria que ela se soltasse.

O volume dos gemidos de Stella aumentou, mas ela ainda se conteve, seus músculos visivelmente tensos pelo esforço.

— Por favor — ela choramingou. — Eu não posso... eu...

— Deixe ir, Stella. — Minha boca roçou sua orelha. — Quando eu disser para você gritar, eu quero que você grite. Ou eu vou te curvar e bater em sua bunda até que você me *implore* para deixar você gritar.

Um sorriso surpreso, mas perverso tocou meus lábios quando ela apertou meus dedos com a ameaça.

Aumentei o ritmo das minhas estocadas enquanto abaixava minha cabeça e puxava seu mamilo em minha boca.

Eu gemi.

Ela tinha um gosto tão bom quanto eu imaginava. Doce e perfeito, feito apenas para mim.

Eu lambi e chupei, provocando a ponta até que endureceu em um pico feito de diamante. Mudei para o outro seio, alternando para frente e para trás e lambendo e sugando como se eu fosse um homem faminto.

Eu não conseguia o suficiente.

O gosto dela contra a minha língua era o paraíso. Sedosa e viciante, como uma injeção de pura luxúria na minha corrente sanguínea.

Eu gentilmente apertei meus dentes em torno de um de seus mamilos, passei a língua firme em sua ponta sensível e puxei ao mesmo tempo em que pressionei contra seu clitóris.

Depois de um momento sem fôlego e suspenso, ela finalmente se despedaçou.

O grito de liberação de Stella encharcou o ar quando ela gozou em um orgasmo trêmulo, de curvar os dedos do pé, que

vibrou contra o meu corpo.

Eu levantei minha cabeça, ignorando a dor insistente na minha virilha para absorver sua expressão atordoada.

— Boa menina — eu murmurei, retirando minha mão.

Permanecemos em nossas posições enquanto Stella recuperava o fôlego – suas costas pressionadas contra a rocha, meu corpo curvado sobre o dela em um escudo protetor.

Ela virou aqueles olhos verdes sonolentos para mim, parecendo tão inocente e contente que formou um punho de ferro em volta do meu coração.

— Beije-me. — Seu sussurro lavou minha pele e apertou meus músculos até que cada molécula do meu corpo zumbiu com antecipação.

Eu não deveria, pelo bem de nós dois.

Dá-la liberação era uma coisa. Beijar era outra.

Eu poderia possuir cada orgasmo. Eu poderia ficar enterrado dentro dela para sentir seus tremores quando ela cedesse a mim. Mas um beijo? Tocaria uma parte de mim que eu mantive enterrada e escondida.

Um beijo com ela não seria apenas um beijo. Seria a porra do meu fim.

Uma sombra de incerteza passou pelos olhos de Stella diante da minha hesitação, e foi aquela fração de segundo de escuridão que me matou.

Ela viveu toda a sua vida se sentindo indesejada por aqueles mais próximos a ela.

Eu não poderia fazê-la sentir o mesmo.

Não quando eu precisava dela mais do que minha próxima

respiração, e não quando eu preferiria cortar meu braço do que negar-lhe qualquer coisa.

Minha resistência desmoronou como um castelo de areia na maré alta.

Soltei uma maldição baixa antes de gemer, agarrar seu cabelo e bater minha boca na dela.

Apesar do que eu disse sobre o amor ser uma droga, Stella era minha maior droga.

Uma tentação sem escapatória.

Uma obsessão sem fim.

Um vício sem cura.

* * *

Stella

Christian beijava do jeito que eu imaginei que ele fodia: quente e dominante, com um sussurro de sensualidade que suavizava sua borda implacável.

Isso fez com que cada beijo que eu tive antes parecesse uma imitação, porque a boca de Christian Harper na minha era nada menos que uma revelação.

As defesas que construí ao redor do meu coração desmoronaram.

Eu estava caindo, tonta com o gosto dele e a forma como ele agarrou a parte de trás do meu pescoço, cada inspiração irregular e suspiro exalado uma troca de partes de mim que eu não sabia que tinha que dar.

Ele me moldou contra ele e tirou minhas camadas, uma por uma, até que restasse apenas *eu.*

Sem paredes, sem máscaras.

Pela primeira vez, eu me senti livre.

Eu enrolei minhas mãos em seu cabelo enquanto ele enganchava suas mãos sob minhas coxas e me levantava sem quebrar o beijo. Eu instintivamente envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura e estremeci quando senti a dureza de sua excitação contra meu estômago.

Eu não ligava muito para sexo. Minhas experiências anteriores foram medíocres, e eu só fiz isso porque tinha esperança de que *um dia* entenderia o motivo de todo aquele estardalhaço.

Mas nesse momento, a única coisa que eu conseguia pensar era se Christian era tão habilidoso na cama quanto ele era com os dedos.

Quando eu disser para você gritar, eu quero que você grite. Ou eu vou dobrar você e bater em sua bunda até que você me implore para deixá-la gritar.

A memória de suas palavras espalhou fogo líquido em minhas veias.

Ele passou a língua ao longo da costura dos meus lábios, exigindo entrada novamente, e eu concedi. Um suspiro de prazer derivou da minha boca para a dele quando seu polegar acariciou minha nuca e ele me devorou tão completamente que eu não sabia onde terminava e ele começava.

Ele tinha gosto de calor e especiarias, uma combinação tão viciante que eu poderia facilmente passar o resto da minha vida consumindo-o e só ele.

Uma pontada de dor aguçou o prazer quando ele mordiscou

meu lábio inferior e sorriu para o meu suspiro de surpresa.

— Você pediu um beijo, Stella. — A voz áspera de Christian se espalhou pelo meu estômago. — É assim que eu beijo.

As palavras tocaram minha pele como chamas abertas.

Eu puxei seu lábio inferior entre meus dentes. Gentilmente puxando-o. E libertando-o.

— Do jeito que eu gosto — falei.

Seu gemido resultante trouxe um sorriso ao meu rosto. Eu normalmente não era tão ousada, mas adorava a ideia de que poderia fazer Christian Harper perder o controle.

— Você vai ser a minha morte. — Ele levantou uma mão e esfregou um polegar sobre minha bochecha, seus olhos escurecendo enquanto as sombras subiam à superfície. — Você nunca deveria ter me deixado te beijar, Stella. Porque um gosto não é suficiente.

Suas palavras e o toque de seu olhar me aqueceram mais do que o sol tropical. — Quem disse que tem que ser um?

Ele soltou outro gemido antes de me beijar novamente, faminto e completamente, como um homem sedento.

O delicioso deslizar de sua língua contra a minha renovou a dor entre minhas pernas, e tudo desapareceu, exceto o calor de sua pele, a batida do meu coração e a firmeza de seu toque.

Eu nunca quis alguém tanto quanto eu queria Christian, e a pressão dos meus seios nus contra seu torso me fez muito consciente da escolha que fiz quando deixei cair os braços para ele.

Risco acima da segurança. Desejo acima do conforto.

Sem arrependimentos.

Não foram as palavras sujas ou desejos pecaminosos. Não foi o jeito que ele me fodeu com os dedos ou colocou a mão em volta da minha garganta.

Foi o beijo e o jeito que isso me fez sentir, como se eu pudesse ser a versão mais verdadeira de mim mesma.

Suspirei de prazer com o comando hábil da boca de Christian.

Eu poderia ter ficado lá para sempre, envolta em seus braços em uma praia isolada, mas o ar finalmente esfriou e o sol poente lançou longas sombras sobre nossos corpos.

— Que horas é a festa de encerramento? — ele murmurou.

A pergunta penetrou na névoa em minha mente.

Droga. Eu quase me esqueci da festa de encerramento da Delamonte naquela noite. — Hum... — Eu procurei a resposta através da neblina. — Oito.

— São quase sete. — Christian acariciou o polegar sobre meu quadril. — Devemos voltar em breve.

— Certo. — Tentei esconder minha decepção quando ele me colocou de pé.

— Você deve amar esse vestido — ele disse enquanto eu colocava meu maiô e jogava o vestido que eu tinha usado na sessão de fotos por cima. A peça de algodão branco com estampa de limão era uma das minhas favoritas. — Você o usou cinco vezes desde que a primavera começou.

Minha respiração vibrou no meu peito antes de sair em uma expiração surpresa. — Eu não percebi que você notava o que eu estava vestindo.

— Eu noto tudo em você.

Não houve respirações trêmulas desta vez. Não havia

nenhuma respiração, apenas um sorriso que não podia conter e uma vertigem que teria me levantado do chão se a presença de Christian não me prendesse ao seu lado.

Eu não respondi, mas a alta me seguiu de volta ao nosso hotel.

No entanto, uma vez que comecei a me preparar para a festa de encerramento, a vertigem gradualmente se dissipou, deixando um vazio para minhas dúvidas rastejarem como insetos necrófagos.

Eu beijei Christian.

Christian, meu namorado falso.

Christian, o homem que me disse diretamente que não acreditava no amor.

Christian, que incendiou meu coração mesmo quando uma voz na minha cabeça avisou que o fogo poderia me destruir de dentro para fora se eu não tomasse cuidado.

Não só eu o beijei, eu *pedi* para ele me beijar depois que eu deixei ele me levar ao orgasmo em uma praia durante uma viagem de trabalho.

O que eu fiz?

Era por isso que eu não deveria ser deixada sozinha com meus pensamentos. Eu arruinava todos os bons momentos analisando-os até a morte.

Coloquei meus brincos.

Está bem. Tudo vai ficar bem.

— Você está bonita.

Meu coração pulou uma batida. Virei minha cabeça, e minhas dúvidas recuaram para as sombras mais uma vez

quando vi Christian encostado no batente da porta, me observando me preparar.

O calor adormecido em seus olhos acendeu um rastro de pequenos fogos em minha pele enquanto a memória do que fizemos antes pulsava entre nós como uma coisa viva.

Se não tivéssemos que sair da praia...

— Obrigada. — Minha voz saiu mais rouca do que o normal. Eu me virei para o espelho e levantei meu cabelo do meu pescoço. — Fecha para mim?

As batidas suaves de seus passos combinavam com as batidas do meu pulso.

— Eu amo esse vestido em você. — Seu olhar deslizou sobre meu vestido de seda em uma carícia elétrica.

Respire.

— Eu pensei que você não acreditasse no amor — eu provoquei.

— Você tem razão. Essa foi a palavra errada. — Christian tocou as minhas costas enquanto seus olhos encontraram os meus no espelho.

— Porque o amor é comum. Mundano. E você, Stella... — O suave ruído do zíper encheu o ar quando ele o arrastou pela minha espinha em um delicioso, torturantemente lento movimento.

Minha respiração deixou meus pulmões tanto pela sensualidade do movimento quanto pela intimidade crua de suas próximas palavras.

— Você é extraordinária.

32

Stella

A festa de encerramento da Delamonte deveria ter sido o ponto alto da minha viagem, uma celebração de tudo o que realizamos nos últimos três dias.

Em vez disso, passei a totalidade dela repetindo aquela tarde na minha cabeça.

A memória do meu beijo com Christian ficou comigo até a sobremesa, assim como o deslizar fantasma de seu toque. Fechando o zíper do meu vestido, ele despertou mais calor em mim do que qualquer um dos meus parceiros anteriores com sexo real.

Eu suprimi isso durante o jantar, mas o calor floresceu novamente quando a porta do quarto se fechou atrás de nós.

Nós não tínhamos falado desde que o jantar terminou, mas a mera antecipação do que *poderia* acontecer raspou contra a minha pele tão seguramente quanto um toque calejado.

O ambiente zumbia com falta de ar quando Christian caminhou até a cômoda, sua forma magra e poderosa cortando a escuridão como uma lâmina recém-afiada através da seda.

O sangue rugiu em meus ouvidos e abafou tudo, exceto meus batimentos cardíacos e o suave farfalhar de seus movimentos.

— Você não tem nenhum outro compromisso esta noite, eu presumo. — Seu tom estava relaxado, mas quando ele se virou, seus olhos ardiam com tanto calor que pensei que iria entrar

em combustão com a pura intensidade disso.

Uma corrente elétrica uniu nossos olhares enquanto ele removia as abotoaduras com uma precisão lenta e deliberada que fez minha boca ficar seca.

Mãos ásperas. Olhos de uísque. Controle.

— Não.

O sussurro desceu e apertou meus mamilos em pontos duros e doloridos.

Meus pulmões mal se expandiram com minhas tentativas de inspirar e expirar.

— Bom. — *Clink. Clink.* Os sons de suas abotoaduras batendo na bandeja de prata ecoaram no escuro e latejaram na minha barriga. — Tire seu vestido, Stella.

Seu comando enganosamente suave queimou todo o oxigênio na sala e incendiou cada molécula do meu corpo.

Minhas respirações ficaram rasas.

Era isso.

A bifurcação na estrada.

Eu poderia seguir o caminho seguro e dizer não a ele, ou eu poderia jogar a cautela ao vento e fazer o que meu coração e meu corpo estavam gritando para eu fazer.

Eu segurei o olhar de Christian quando levei minha mão atrás.

Um minuto depois, meu vestido se amontoou em volta dos meus pés em uma poça de seda branca.

Sem sutiã, sem acessórios, apenas um pedacinho de calcinha e um coração batendo rápido demais.

A expressão de Christian não mudou.

De pé ali nua e aberta para ele, eu teria pensado que ele não se comoveu se não fosse por seus olhos. Pupilas negras engoliram o âmbar quando ele fechou a distância entre nós, e quanto mais perto ele chegava, mais quente eu queimava.

— Diga-me. — O pequeno deslizar de seu dedo sobre meu quadril foi o suficiente para fazer meu pulso acelerar. — Você quer sexo ou quer ser *fodida*?

Minhas coxas se apertaram involuntariamente com o jeito que ele disse *fodida*. Era o ronronar escuro de um predador brincando com sua presa, fazendo-a implorar por sua própria destruição antes de atacar.

A única diferença era que eu não me sentia presa.

Eu tinha uma escolha, e nunca me senti tão poderosa.

A umidade se acumulou entre minhas coxas. Eu estava tão molhada que podia senti-la escorregando na minha pele, mas ainda estava meio tentada a seguir o caminho seguro. O sexo fácil e comum, onde eu não tivesse que desnudar nenhuma parte de mim, exceto meu corpo.

Minha mente guerreou com todas as outras partes de mim pelo controle.

Você quer sexo ou quer ser fodida?

Eu mantive meus desejos presos por tanto tempo, mas talvez fosse finalmente a hora de libertá-los.

Eu não queria beijos suaves e carícias gentis.

Eu queria pele e sangue. Eu queria unhas arranhando suas costas e hematomas em meus quadris.

Os comandos. A liberação. O esquecimento.

Eu queria tudo.

— Eu quero ser fodida. — Meu sussurro era quase inaudível.

— Não consigo te ouvir. — Seus dedos deslizaram sobre a umidade da minha calcinha, e eu lutei contra um gemido com a fricção deliciosa.

Constrangimento e luxúria queimaram através de mim em igual medida.

— Eu quero ser fodida — eu repeti.

Mais forte desta vez, mais confiante, mas não foi suficiente.

— Mais alto, Stella. Use sua voz. — Sua voz endureceu, suas palavras impiedosas. — *Diga-me o que você quer.*

Ele pressionou um polegar firme no meu clitóris, seu toque tão brutal quanto seu comando. Uma sensação de calor branco faiscou através de mim e abafou meu constrangimento.

— Eu quero ser fodida! — As palavras explodiram de mim, cruas e filtradas, seguidas por um gemido necessitado quando Christian esfregou o polegar em mim.

Seu sorriso era o de um monstro perigosamente sedutor prometendo todos os tipos de atos imundos e devassos. — Isso foi o que eu pensei.

Ele rasgou minha calcinha com um puxão forte antes de sua boca cair sobre a minha, engolindo meu suspiro e gemendo quando agarrou meu cabelo com força suficiente para fazer meus olhos lacrimejarem.

O puxão forte se dirigiu para o meu núcleo como se houvesse um fio elétrico ligando diretamente os dois. Meu couro cabeludo latejava no ritmo do meu clitóris, e minha mente estava tão nublada pelo desejo que não percebi que

tínhamos nos movido até minhas costas baterem na cama.

Eu assisti enquanto Christian tirava suas roupas, revelando ombros largos e esculpidos e seu sexy V que levava até seu...

Oh, meu Deus.

Minha boca secou ao ver seu pau. Longo, grosso e duro, com uma gota de pré-sêmen brilhando na ponta. Era tão grande que eu involuntariamente me apertei com o pensamento disso me enchendo.

O colchão afundou sob seu peso, e seu polegar encontrou meu clitóris novamente, circulando e acariciando até que estivesse inchado e carente e implorando por *mais.*

— Como você gostaria de ser fodida, Butterfly? — Ele manteve o polegar no meu clitóris e empurrou um dedo dentro de mim, trabalhando mais fundo com cada movimento. Um gemido subiu pela minha garganta enquanto meu corpo se iluminava sob suas manipulações eróticas. — Sobre suas costas e bem aberta, ou de quatro, pegando cada centímetro do meu pau nessa bocetinha apertada?

Se eu não estivesse perdida em uma névoa de luxúria, eu poderia ter ficado envergonhada por suas palavras sujas. Mas eu estava muito longe, e Christian era o único homem com quem eu realmente fantasiava.

Ele era cada coisa escura que não podia ser sussurrada e ato sujo que eu secretamente ansiava.

— Ambos. — Mais gemidos saíram quando ele colocou outro dedo dentro de mim e bombeou para dentro e para fora – lentamente no início, depois cada vez mais rápido até que ele encontrou um ritmo que fez minha cabeça girar. — O mais forte que puder.

Ouvi um gemido, seguido por um comando áspero.

— Fique em suas mãos e joelhos.

Eu fiz como me foi dito. O ar frio roçou meu sexo sensibilizado quando me virei e me posicionei de quatro. Eu estava encharcada, pingando por todas as minhas coxas e provavelmente arruinando os lençóis antes mesmo de começarmos.

Eu ouvi o leve rasgo do papel alumínio antes que o calor do corpo de Christian me envolvesse. Ele agarrou meu cabelo com uma mão e meu quadril com a outra com força suficiente para machucar.

— Lembre-se... — Eu soltei um pequeno grito quando ele puxou minha cabeça para trás até que sua boca estivesse próxima ao meu ouvido. A cabeça de seu pau deslizou contra minha entrada escorregadia, até que eu praticamente ofegava com antecipação. — Você queria isso duro.

Ele soltou meu cabelo, me empurrou de bruços no travesseiro e bateu dentro de mim com um único impulso poderoso.

Soltei um pequeno grito. Eu estava molhada o suficiente para que ele deslizasse facilmente, mas ele era tão grande que era quase doloroso.

A dor guerreou com o prazer enquanto meus olhos lacrimejavam e meus músculos internos se esticavam ao máximo.

— *Porra,* você é apertada. — Outro gemido mais gutural. — É isso, baby. Você pode levá-lo.

Christian segurou firme em meus quadris e acariciou seus polegares sobre a curva da minha bunda em movimentos suaves enquanto eu lutava para acomodar seu tamanho.

Minha respiração saiu em ofegos macios. Eu estava incrivelmente cheia, mas gradualmente a dor diminuiu e deu

lugar a uma pressão deliciosa.

Meus dentes se abriram o suficiente para um gemido baixo escapar.

Eu o empurrei de volta, desesperada por mais.

Mais atrito, mais movimento, mais *qualquer coisa.*

Ouvi uma risada, seguida por um suave: — Boa menina.

Então Christian entrou em mim novamente, desta vez com tanta maldade que tirou o fôlego dos meus pulmões.

Eu gritei, minha mente em branco com a invasão repentina e forte. Prazer escuro explodiu através de mim, e eu mal tive tempo de recuperar o fôlego antes que ele começasse a se mover novamente.

Uma mão ficou no meu quadril enquanto a outra pressionou a parte de trás do meu pescoço, forçando meu rosto mais fundo no travesseiro.

Mãos ásperas.

Golpes selvagens.

Um ritmo punitivo e carnal que fez gemido após gemido sair da minha boca.

— Você é tão boa, porra — Christian resmungou. — É como se sua boceta fosse feita para mim. Cada porra de centímetro.

Ele se retirou até que apenas a ponta permanecesse dentro de mim, fez uma pausa, então mergulhou de volta com um impulso brutal. De novo e de novo, até que a cabeceira bateu contra a parede e abafou meus gritos e gemidos sussurrados.

Lágrimas e baba encharcaram meu travesseiro enquanto Christian me batia sem piedade. Eu tinha sido reduzida a destroços, mantida junta com nada além de prazer

entorpecente e as mais suaves picadas de dor.

Não era sexo. Foi pura foda dura... e era exatamente o que eu precisava.

Os caras com quem eu dormi anteriormente me trataram como se eu fosse uma boneca de porcelana na cama. Suas intenções eram boas, mas o sexo tinha me excitado tanto quanto uma partida de golfe.

Eu não queria gentil. Eu queria paixão em sua forma mais crua. Eu queria o esquecimento que vinha com o prazer e o conhecimento de que, não importava de que forma esse prazer viesse, eu podia confiar na pessoa que o entregava para não me machucar.

Porque, por mais duro que Christian fosse, eu nunca me senti mais segura.

Outro grito saiu dos meus lábios quando ele colocou o punho em volta do meu cabelo e puxou minha cabeça para trás novamente.

— Você está pingando em todo o meu pau, baby. Olhe para você. — Ele passou o polegar sobre minha bochecha úmida. Eu estava uma bagunça, meu rosto manchado de lágrimas e meu corpo tremendo de luxúria. — Um anjo prestes a gozar sendo fodida como uma prostituta.

Um arrepio elétrico percorreu todo o meu corpo com suas palavras.

— Por favor — eu solucei. — Eu preciso – eu não – *por favor*...

Eu não sabia o que estava implorando. Por liberação, para ele ir mais forte, para isso nunca acabar.

Tudo o que eu sabia era que ele era o único que poderia me dar.

— Por favor, o quê? — Christian manteve uma mão em punho no meu cabelo enquanto ele estendia a outra ao redor do meu sexo sensibilizado.

— Por favor, eu preciso...

Minha resposta se transformou em um grito rouco quando ele beliscou meu clitóris. Meu cérebro entrou em curto-circuito, e meu corpo disparou com prazer tão intenso que instintivamente tentei fugir.

Eu só consegui alguns centímetros antes de Christian me arrastar de volta.

— Tente isso de novo, e eu vou bater em você com tanta força que você não vai conseguir se sentar. — Eu gritei quando sua palma pousou na minha bunda com um tapa de advertência. Ele levantou a mão e a fechou em volta da minha garganta. — Eu quero *sentir* você gozando no meu pau, Stella. — Seus dedos cavaram mais forte na minha pele com cada palavra.

Eu só pude responder com uma série de gemidos ininteligíveis. Eu perdi minha voz para a necessidade enrolada sob minha pele, ameaçando me dividir em pedaços e me transformar nas ruínas da pessoa que eu fui uma vez.

A que jogou do lado seguro toda a sua vida, que tinha tanto medo de ir atrás do que queria que não ousava expressar seus desejos em voz alta.

Ela quebrou sob o toque de Christian, e eu não a queria mais de volta.

Fechei os olhos, imaginando a cena obscena em que estávamos. Eu de quatro, minha cabeça puxada para trás e minhas costas arqueadas enquanto Christian me batia por trás. Uma mão em volta da minha garganta, a outra mão segurando meu cabelo. Uma leve marca vermelha de quando

sua palma atingiu minha bunda...

O calor desceu pela minha espinha, crescendo e crescendo até eu explodir em mil pontos brilhantes de luz. Eles correram pelas minhas veias e acenderam um fósforo em cada terminação nervosa até que me consumiram inteira.

Oh, Deus. Não admira que outras pessoas adorassem sexo. Se era assim que *deveria* ser...

Eu ainda estava agarrada aos restos do meu orgasmo quando Christian me virou de costas. Seus braços envolveram meu corpo, e sua boca roçou a minha enquanto suas estocadas diminuíam em... não algo suave, mas devagar. Mais sensual.

— Eu ainda posso sentir sua boceta ondulando em volta do meu pau. — Ele segurou meu seio e esfregou o polegar sobre o bico rígido. — Tão linda quanto eu imaginava.

Ele me beijou mais forte, sua boca reivindicando a minha e suas mãos mapeando minhas zonas mais erógenas enquanto ele me fodia em direção a outro orgasmo.

— Bem aí — eu ofeguei quando ele atingiu um ponto dentro de mim que fez meus dedos do pé enrolarem. Agarrei-me a ele, minhas pernas bem abertas para levá-lo tão fundo quanto ele poderia ir. — Mais forte. Por favor, eu... *oh, Deus...* — Meus gemidos ficaram mais altos quando ele aumentou o ritmo e os tremores de um segundo clímax estremeceram através de mim.

Lentamente no início, então tudo de uma vez quando Christian beliscou meu mamilo e entrou em mim com tanta força quanto no início da noite.

Eu gritei quando onda após onda de prazer passou por mim.

Eu o senti estremecer dentro de mim antes que ele também gozasse com um gemido, mas eu fui varrida por uma euforia tão intensa que abafou todo o resto.

Isso durou o que pareceu uma eternidade antes que eu finalmente caísse em uma pilha suada e sem sentido.

Pela primeira vez, as vozes dentro da minha cabeça ficaram em silêncio. Eu estava flutuando em uma nuvem de felicidade pós-orgástica e queria ficar aqui para sempre.

Sem dúvidas, sem inseguranças, sem super análises. Apenas os sons suaves e irregulares da minha respiração e a pressão da boca de Christian contra a minha pele enquanto ele beijava meu pescoço e torso.

A gentileza de seu toque estava em completo desacordo com a selvageria de sua foda, mas parecia tão certo que não questionei.

Eu quase ronronei de contentamento quando ele me rolou para o meu lado e alisou a mão sobre minha bunda. Seus dedos fortes amassaram o músculo até eu derreter em uma poça desossada.

— Você fez tão bem — ele murmurou. — Uma menina tão boa.

Suas palavras me envolveram como um cobertor macio e acenderam outra brasa de calor no meu estômago.

Acho que era isso que acontecia quando as meninas com necessidade de validação acadêmica cresciam. Elas desenvolviam um fetiche por exaltação.

— Devemos fazer isso todas as noites — falei sonolenta. Tinha sido um longo dia, e por mais que eu quisesse uma segunda rodada, estava tão cansada que mal conseguia manter os olhos abertos. — É melhor que yoga.

Ele riu, um suave estrondo de ruído que era pura satisfação masculina.

— Não consigo pensar em um elogio maior. — Ele moveu

seu corpo para cima até que ele se deitou ao meu lado e deu um beijo no topo da minha cabeça. — Sem reclamações de mim se você quiser fazer disso sua rotina noturna.

— Hum. — Fechei os olhos e me aconcheguei mais perto dele.

Por mais suave que este momento fosse, uma parte de mim conhecia Christian, e eu havia entrado em um novo território perigoso em nosso relacionamento. E enquanto meus instintos de autopreservação estavam fazendo o possível para soar o alarme, eu também sabia que não havia como voltar atrás.

33

Christian

Ela estava sonhando. Eu poderia dizer pela forma como seus lábios se curvavam e os ruídos suaves que ela fazia durante o sono.

Eu me perguntei com o que ela estava sonhando e se esse sonho me incluía.

Se não, isso era inaceitável.

Pressionei um beijo suave em seu ombro e passei um braço possessivo em volta de sua cintura.

Seja no céu ou no inferno, em sonhos ou na vida real, Stella era minha.

E eu não compartilhava.

Ela se mexeu e soltou um pequeno e adorável bocejo antes de seus olhos se abrirem e encontrarem os meus.

— Bom dia.

Um sorriso tocou meus lábios em seu tom tímido.

— Bom dia, Butterfly. Bons sonhos?

— Mmmm. — Ela se esticou e se aconchegou mais perto de mim.

— Com o que você estava sonhando?

— Eu realmente não me lembro. Algo envolvendo um barco? Eu continuo querendo começar um diário de sonhos, mas sempre esqueço.

Optei por não perguntar o que era um diário de sonhos.

— Você estava sozinha no sonho? — perguntei casualmente.

— Hmm, agora que você mencionou, havia *alguém* no barco comigo — disse ela. — Cabelo escuro, pele bronzeada, um pouco mais velho que eu, mas muito bonito...

Um sorriso presunçoso surgiu em meus lábios.

Stella estalou os dedos. — Eu me lembro agora. Era Ricardo!

Ela soltou uma gargalhada quando eu a rolei e prendi seus braços acima de sua cabeça.

— Você acha isso engraçado — rosnei, mas um sorriso ameaçou escapar com o brilho em seus olhos.

— Eu só estava dizendo a verdade — ela brincou. — Não me diga que você está com ciúme de um sonho. Eu não achei que você seria um daqueles caras que ficam pegajosos depois do sexo.

— Eu te disse, Stella. Tenho ciúme de tudo quando se trata de você. — Algo escuro e possessivo se moveu através do meu peito. — E não foi apenas sexo.

Sexo era uma transação, algo que as pessoas faziam para passar o tempo e encontrar liberação física. Qualquer um podia fazer sexo. Mas ninguém poderia me rasgar e me juntar do jeito que ela poderia.

— Eu estava brincando, Sr. Rabugento. — Stella levantou a cabeça e deu um beijo leve na minha boca. — Eu não me lembro do sonho, mas se eu *me* lembrasse, teria certeza de que era com você.

— Você só está dizendo isso para me fazer sentir melhor —

eu resmunguei.

Seus lábios se contraíram. — Está funcionando?

— Não. — Mas meus ombros relaxaram e eu soltei seus pulsos enquanto sua risada percorria meu peito.

Achava que Stella já teria perdido seu mistério. Morávamos juntos por dois meses; eu já deveria ter ficado entediado e seguido em frente.

Mas quanto mais eu a conhecia, mais ela se encaixava em meu ser.

Ela era um estudo de contrastes, o quebra-cabeça mais fascinante que eu já havia encontrado – força e vulnerabilidade, calma e caos, inocência e libertinagem. A mulher cujo sorriso gentil acalmava a fera selvagem dentro de mim era a mesma que a soltava com seus gritos e súplicas por *mais.* Para eu levá-la e marcá-la como minha.

Stella Alonso havia consumido meu mundo de uma forma que tornava impossível voltar atrás. Havia apenas antes dela e depois dela.

Ficamos ali por um tempo e mergulhamos no silêncio confortável antes que ela falasse novamente.

— Gostaria que pudéssemos ficar mais tempo. — Seu suspiro melancólico puxou meu coração. — Eu não quero voltar para a cidade ainda. Ainda não explorei a ilha. Foi tudo para a Delamonte o tempo todo.

— Então vamos ficar.

Tomei a decisão sem pensar. Parecia que minha configuração padrão era dar a Stella tudo o que ela queria.

Eu esperava que ninguém descobrisse essa fraqueza. Seria catastrófico para mim e para ela.

Seus olhos se arregalaram de prazer antes de ela balançar a cabeça. — Não podemos. Você tem trabalho e já se passaram três dias.

Eu tinha mais do que trabalho. Eu tinha uma bagunça do caralho que exigia tratamento imediato.

A parte fria e racional de mim insistia que eu voltasse para D.C. hoje como planejado originalmente. Ficar no Havaí seria a pior decisão que eu poderia tomar, e eu não construí um império tomando más decisões.

Mas era a primeira vez de Stella no Havaí e, apesar de seu protesto, podia ver o brilho de esperança em seus olhos.

Ela realmente queria ficar, e eu preferiria perder um império do que a ver triste em minhas mãos.

Sussurros dos segredos que guardei e das mentiras que contei surgiram antes que eu os destruísse.

— É o fim de semana — falei. — Vamos partir na segunda-feira. Dois dias extras não vão doer.

Esperançosamente.

Seu rosto se iluminou. — Ok. Quero dizer, se você insiste.

Minha boca se curvou em um sorriso indulgente enquanto ela divagava sobre todas as coisas que ela queria fazer.

Ontem à noite, nosso beijo na praia...

Eu tinha chegado a um acordo com a minha escolha. Eu não iria me segurar mais do que eu queria.

E não importava o quanto eu tentei negar no passado, isso era o que eu queria desde que a vi pela primeira vez. Stella em meus braços, feliz, segura e *minha.*

Mas tão perfeito como tudo estava conosco agora, eu sabia

que se ela descobrisse a verdade, ela me odiaria.

E era por isso que ela nunca poderia descobrir.

* * *

Stella

Como tínhamos apenas dois dias para explorar Kauai, Christian e eu colocamos o máximo possível em nosso itinerário.

Caminhadas, velas ao pôr-do-sol, passeios de helicóptero, visitas a museus locais e praias isoladas... fizemos tudo.

Acordamos ao nascer do sol e voltamos ao nosso hotel depois do jantar, onde passamos horas explorando um ao outro tão completamente quanto fizemos na ilha.

Fosse lento e suave ou áspero e duro, o sexo com Christian era tanto uma liberação emocional quanto física.

No entanto, em nosso último dia, ficamos com algo mais discreto, já que Christian tinha uma reunião do conselho e teríamos que voar de manhã cedo.

Eu não sabia o que a coisa discreta *era* desde que ele planejou isso como uma surpresa, mas fiquei intrigada. Ele assumiu o controle de nosso itinerário porque já tinha estado em Kauai antes, e não me decepcionou.

— *Essa é* a surpresa? — Olhei para a Harley estacionada ao nosso lado enquanto Christian colocava um capacete em mim. — Eu nunca teria imaginado você como um cara do tipo moto. É meio sexy.

Mais do que sexy. Em uma simples camiseta branca e jeans, ele era devastador. Era mais do que as roupas, no entanto.

Dois dias de sol e relaxamento haviam tirado sua máscara cuidadosamente cultivada para revelar o homem brincalhão e encantador por baixo, e eu queria segurá-lo o máximo que pudesse.

— Meio? — Ele arqueou uma sobrancelha escura enquanto montava na moto. O motor rugiu para a vida e enviou uma emoção através do meu sangue.

— Eu não posso fazer uma determinação final até ver como são suas habilidades reais de condução — falei solenemente. — Então sim, por enquanto, é meio.

— *Você* está falando sobre habilidades de condução? — Sua sobrancelha subiu mais alto. — Butterfly, você quase acabou com nosso guia ontem.

Eu *sabia* que ele não deixaria isso passar. — Não foi minha culpa — eu bufei. — Ele veio do nada!

Christian apertou os lábios, e levei um segundo para perceber que ele estava reprimindo o riso.

— Não é engraçado. — Minhas bochechas queimaram. Talvez eu não fosse a *melhor* motorista do mundo, mas tentei. — Eu me senti mal por você nos levar a todos os lugares, então eu ofereci... *pare de rir.*

— Eu nunca riria de você — disse ele com um sorriso. — Eu também nunca vou entrar em um carro com você ao volante novamente.

— Retiro o que disse. — Subi na garupa da moto e passei meus braços ao redor de sua cintura com uma carranca descontente. — Você não é nada sexy.

— Está bem. — Seus ombros tremiam de tanto rir enquanto nos afastávamos do nosso hotel. — Tenho certeza de que posso fazer você mudar de ideia.

— Duvido — murmurei, mas o vento engoliu minhas palavras enquanto descíamos as estradas arborizadas da ilha.

Levamos vinte minutos para chegar ao nosso destino. Era uma praia isolada no North Shore e, embora fosse quase pôr do sol, estava vazia, exceto pelo lindo piquenique montado na areia.

Diferentes almofadas e cobertores cercavam uma mesa baixa coberta por um sedoso pano branco. Pequenas velas tremeluziam ao lado de uma garrafa de vinho e uma suntuosa mesa de jantar.

Eu respirei fundo. — Como você...

— Eu mandei o hotel preparar algo. — A boca de Christian se curvou. — Não se preocupe. Eles vão desfazer tudo depois que terminarmos de comer. Nenhum grão de lixo será deixado para trás.

— É lindo.

Um nó estranho se formou na minha garganta.

Estava finalmente afundando que esta era nossa última noite na ilha. Tanta coisa aconteceu desde que chegamos, e eu me enganei pensando que a fantasia poderia durar para sempre.

O Havaí era um sonho, mas não era algo que pudéssemos levar conosco.

O que aconteceria quando voltássemos para D.C.? Voltaríamos ao *status quo*[17]?

Era fácil agir como um casal quando éramos apenas nós no

paraíso, mas não *éramos* um casal. Nós nunca tivemos essa conversa, e sexo não significava necessariamente nada nos dias de hoje.

Algumas pessoas faziam sexo com a mesma pessoa por meses e *ainda* não consideravam o relacionamento exclusivo.

Christian e eu nos acomodamos à mesa. O jantar estava objetivamente delicioso, mas eu mal o provei porque estava muito ocupada imaginando o que aconteceria assim que desembarcássemos do avião amanhã.

Finalmente, não consegui mais segurar.

Eu odiava quebrar o feitiço, mas se não tivéssemos *a* conversa, a incerteza me comeria viva a noite toda.

Estamos namorando? Isso é uma coisa de amigos com benefícios? Você quer continuar o que quer que seja 'isto' em D.C.?

Percorri todas as maneiras de trazer o assunto à tona, mas estava com muito medo de sua resposta para usar qualquer uma das minhas opções iniciais.

Em vez disso, tomei o caminho covarde.

— Obrigada pelos últimos dias. Eles foram exatamente o que eu precisava. — Enfiei os dedos dos pés na areia fria e mantive os olhos na mesa. — Nós formamos um belo casal falso, não é?

As palavras queimaram como ácido ao sair.

— Casal falso com benefícios — acrescentei, esperando aliviar a atmosfera repentinamente tensa.

Eu dei uma espiada em Christian. Seu rosto parecia ter sido esculpido em granito, mas seus olhos ardiam escuros e intimidantes.

— Casal falso? — Sua voz sedosa enrolou gelo em minha garganta.

Um arrepio percorreu minha pele, mas continuei. — Esse foi o nosso acordo. Alguns beijos e sexo não mudam nada.

Eu não era ingênua o suficiente para pensar que só porque ele dormiu comigo, ele queria algo mais do que um bom tempo. Tínhamos cedido a algo entre nós, mas isso não significava que eu tivesse qualquer compromisso dele.

Eu tinha visto muitas pessoas terem seus corações partidos por causa de tal suposição, e eu me recusava ser uma delas.

— Eles não mudam, não é? — Mais baixo. Mais perigoso. — Então o que exatamente esses *poucos beijos e sexo* significam para você?

Algo me disse que eu não deveria responder, mas eu fiz de qualquer maneira. A autopreservação nunca foi meu forte quando se tratava de Christian.

— Uma fantasia. Nada disso é real. — Apontei para a praia. — *Nunca* foi real. O Havaí é um sonho, mas está terminando amanhã, e eu quero definir as expectativas certas antes de voltarmos para D.C. Você mesmo disse. — O nó na minha garganta cresceu. — Você não acredita no amor.

Apesar da minha aversão a relacionamentos, eu era uma romântica no coração.

Quando encontrasse a pessoa certa, eu *queria* ser arrebatada por aquele amor grandioso e que tudo consumia. O tipo de amor que obrigou Alex a se mudar para outro país por Ava, que deu a Bridget e Rhys a coragem de ir contra um país, e que transformou anos de animosidade entre Josh e Jules em algo lindo.

Esse tipo de amor existia. Eu testemunhei com meus

próprios olhos.

Mas não era algo em que Christian acreditasse, e embora eu soubesse que ele me queria, ele não me queria o suficiente para mudar uma crença tão arraigada.

Homens como Christian Harper não mudavam por ninguém.

— O amor não tem nada a ver com isso. — Sua resposta dura provou meu ponto.

O gosto amargo da decepção brotou na minha língua. — Exatamente.

— Foi você quem me disse para não me apaixonar por você, Stella. Lembra-se disso? — Aqueles olhos escuros perfuraram os meus.

— Sim, e eu quis dizer isso. — Resisti à vontade de torcer meu colar no dedo como sempre fazia quando estava nervosa. Era meu hábito, e aposto que Christian já tinha percebido. — Eu ainda quero.

Porque se Christian se apaixonasse por mim, eu não confiava em mim mesma para não me apaixonar por ele em troca.

E eu tinha a sensação de que o amor com ele não seria doce ou fácil. Seria catastrófico.

— As coisas ficaram muito complicadas comigo me mudando, a situação do perseguidor, e esta viagem — falei quando Christian permaneceu em silêncio. — As regras originais do nosso acordo estão ficando confusas. Talvez precisemos ver outras pessoas para não...

Eu não tive a chance de terminar antes de sua boca cobrir a minha e ele me beijar com uma maldade suave e desesperada que eu senti da cabeça aos pés.

— Diga-me... — Ele enrolou uma mão em volta da minha nuca. — Isso parece *falso* para você?

Não. Esse era o problema. Parecia muito real, assim como a possibilidade de que ele poderia quebrar meu coração.

— Quero deixar algumas coisas claras. — Os lábios de Christian roçaram os meus com cada palavra. — Toque em outro homem, ele morre. Deixe outro homem tocar em você, ele morre. Diga-me *que* não posso tocar em você... — Seu aperto aumentou na parte de trás do meu pescoço enquanto sua voz baixava. — E eu vou morrer, porra.

Uma dor agarrou meu coração e torceu. — Christian...

— *O amor* nada mais é do que uma palavra. — A intensidade de suas palavras roubou o fôlego restante dos meus pulmões. — Não se trata de palavras. É sobre nós. Você acha que eu iria atrapalhar minha agenda e voar para o Havaí no meio de uma semana de trabalho por outra pessoa?

— É um bom destino — respondi fracamente.

— Achei que era óbvio, mas caso não seja, você é minha, Stella. — Seu toque marcou minha pele com possessividade quente. — Eu não quero ver outras mulheres, e com certeza não quero que você veja outros homens. — Gelo congelou na palavra *homens.* — Você pertence a mim. Exclusivamente. Não há um mundo ou vida onde isso não seja verdade.

A emoção ardia no fundo dos meus olhos, mas consegui sorrir através do aperto no meu peito.

— Christian Harper, você está me convidando para sair?

— Sim. — Simples, inequívoco. *Real.*

Parecia quase cômico que alguém como ele fizesse algo tão mundano quanto convidar uma garota para sair, mas isso não impediu meu estômago de vibrar ou minha mente de brincar

nos últimos dois meses.

No papel, nosso relacionamento era falso, mas não havia nada falso na maneira como ele cuidou de mim, me apoiou e acreditou em mim. Também não havia nada falso sobre o que eu sentia quando estava com ele, como se pudesse ser *eu* e ele me quisesse de qualquer maneira, com falhas e tudo.

— Então... — A boca de Christian roçou a minha. — O que você diz, Butterfly? Quer dar uma chance real a essa coisa de namoro?

Eu não deveria. Havia tantas maneiras de isso dar errado, mas isso não era verdade para todos os riscos que as pessoas corriam?

Sem risco, sem recompensa.

Pela primeira vez, desliguei a parte super analítica do meu cérebro e fui com o que meu coração me disse para fazer.

— Sim. — Simples. Inequívoco. *Real.*

Senti seu sorriso contra meus lábios antes que ele me beijasse novamente. Mais suave desta vez, com mais ternura.

Ternura não era uma palavra que eu pensava que associaria com Christian, mas ele constantemente me pegava de surpresa.

Eu me derreti nele e deixei seu gosto, toque, e as últimas horas do nosso sonho me levaram para um lugar onde minhas preocupações não existiam.

Eu estava acostumada a ficar sozinha. Mesmo quando eu estava cercada por pessoas, uma parte de mim se isolava até que eu sentia como se estivesse assistindo a um filme da minha vida em vez de vivê-lo.

Eu nunca tinha pertencido a alguém, nem alguém jamais

pertenceu a mim. A ideia era igualmente emocionante e aterrorizante.

Mas o que foi ainda mais aterrorizante foi a percepção de que eu não me importava de pertencer a Christian.

Nem um pouco.

34

Stella

Christian e eu estávamos oficialmente namorando. Parecia estranho, não só porque era algo que eu jamais pensei que aconteceria, mas também porque para o mundo exterior, nada havia mudado. Aos olhos deles, éramos um casal o tempo todo.

Eu postei minhas fotos do Havaí depois que voltamos para D.C., e nossas fotos de casal eram ótimas, como esperado. Eu ainda estava atualizando meu Instagram, embora minha atenção agora estivesse dividida entre isso e minha linha de moda.

As únicas pessoas que sabiam que nosso relacionamento pré-Havaí *não* era real eram Christian, eu e minhas amigas, que receberam meu anúncio com muito menos surpresa do que a bomba anterior.

De acordo com Jules, tinha sido 'inevitável' com base em como estávamos fodendo um ao outro na inauguração de sua casa.

Christian e eu tivemos nosso primeiro encontro de verdade uma semana depois que voltamos do Havaí. Nós nos levamos para nossos lugares favoritos em D.C. – o Jardim Botânico dos EUA por mim, o Eastern Market por ele.

Correção: um *vendedor* específico no Eastern Market por ele.

— Sr. C! — O rosto do vendedor se enrugou com um sorriso banguela quando viu Christian. — Bom te ver de novo! E com uma senhora adorável ao seu lado também. — Ele piscou para

mim. — O que você está fazendo com um ogro como ele?

Ele apontou o polegar para Christian, que balançou a cabeça.

— Beleza não é tudo. — Eu acariciei a mão de Christian. — Ele tem outras grandes qualidades.

O vendedor riu enquanto meu novo namorado suspirava de exasperação, embora um brilho de humor surgisse em seus olhos.

— Stella, conheça Donnie. Aspirante a comediante e marceneiro extraordinário. — Ele bateu um quebra-cabeça na mesa. — Esta é a única razão pela qual eu aguento sua velha bunda.

— Minha velha bunda tem mais sabedoria do que você no seu dedo mindinho — Donnie retrucou.

Um sorriso abriu caminho em meu rosto enquanto eu examinava suas mercadorias. — Estas são *incríveis*.

A mesa ostentava os mais intrincados trabalhos em madeira que eu já tinha visto, incluindo modelos de veleiros, telas dobráveis em miniatura e uma seleção de quebra-cabeças incompreensíveis.

— Obrigado. — Orgulho brilhou no rosto de Donnie. — Isso me mantém ocupado agora que estou aposentado.

Christian e eu conversamos com Donnie por um tempo até que outros clientes o puxaram para longe. Acabamos comprando dois quebra-cabeças (Christian) e um conjunto de lindas pulseiras esculpidas (eu).

— Eu diria que nosso primeiro encontro foi um sucesso. — Eu balancei minha sacola de compras enquanto caminhávamos para um restaurante próximo para jantar.

— Claro que foi. Eu o planejei.

Minha boca caiu. — Olá? Você se esqueceu do jardim antes? Nós *dois* planejamos o encontro.

— Sim, mas eu nos conduzi o dia todo.

— Não é assim que o planejamento funciona!

Christian riu enquanto eu levemente empurrava seu braço.

Além de seu hábito irritante de levar crédito pelos encontros que *ambos* planejamos, Christian era um ótimo namorado. Vago e mal-humorado às vezes, especialmente depois de um dia estressante no trabalho, mas atencioso e solidário quase o tempo todo.

Eu quase me mudei para o quarto dele e transformei o quarto de hóspedes em um armário de roupas. Ele trabalhava em casa duas vezes por semana para que pudéssemos passar mais tempo juntos e, embora passássemos a maior parte desses dias fazendo nossas próprias coisas – ele em seu laptop e eu em meus planos para a linha de moda, era bom tê-lo por perto.

Em suma, eu não poderia ter pedido um relacionamento real mais perfeito.

Ainda assim, levei mais duas semanas depois do nosso primeiro encontro antes de convidar Christian para se juntar a mim em uma visita à casa de Maura.

Eu nunca tinha trazido ninguém para vê-la antes, e a perspectiva me deu nos nervos. E se ela não gostasse dele? E se *ele* não gostasse *dela?* E se ela ficasse agitada e...

Pare. Vai ficar tudo bem.

Respirei fundo e tentei acalmar meu pulso acelerado quando paramos na frente de seu quarto.

— Aqui. — Empurrei o tembleque que trouxemos para as mãos de Christian. — Você o segura. Eu não me importo se você não gosta de sobremesa. Você precisa agradá-la.

— Aqui eu pensando que meu charme seria suficiente — ele falou lentamente, mas pegou a sobremesa sem reclamar.

— Eu duvido. — Eu torci a maçaneta. — Ela não é facilmente seduzida por homens.

Mas é claro que ele provou que eu estava errada.

Maura o *amou*, e não apenas por causa do tembleque, embora isso ajudasse.

Christian entrou na sala como o príncipe encantado, entregando-lhe a sobremesa e elogiando-a pelo seu colar. Menos de dez minutos depois, estavam rindo de uma piada que ele fez como se eles se conhecessem desde sempre.

Eu os observei, boquiaberta.

Foi um dos melhores dias de Maura, e ela parecia animada, mas ainda assim. Foi desconcertante vê-los ficarem tão íntimos tão rápido quando até *eu* tinha que aquecê-la um pouco toda vez que a visitava.

Eu não tinha certeza se ficava feliz por eles se darem tão bem ou descontente por ela se dar bem com ele melhor do que comigo.

– Hoje é dia de puzzle[18] – disse Maura. — Eu gosto de puzzle. Você gosta de puzzle? — Ela estreitou os olhos para Christian como se sua resposta fosse determinar se eles poderiam continuar sua nova amizade.

Um sorriso se espalhou por seu rosto. — Eu amo puzzle.

— Que tipo?

— Todo tipo. Palavras cruzadas, quebra-cabeças,

criptogramas...

— Eu gosto mais de quebra-cabeças — Maura o interrompeu no meio da frase. — É... — Ela hesitou, e eu podia vê-la quebrando seu cérebro para a frase certa.

Olhei para Christian enquanto os minutos passavam. Ele esperou que ela continuasse sem uma pitada de aborrecimento ou impaciência.

Algo quente aqueceu a boca do meu estômago e se expandiu em meu peito.

— É satisfatório — Maura finalmente disse. A palavra saiu lenta e hesitante, como se ela estivesse testando se era o termo certo. — Quando as peças se encaixam e você vê a imagem inteira.

Christian olhou para ela, sua expressão indecifrável. — Sim — falou calmamente. — Isso é.

Eu tinha visto muitas interações de Christian Harper nos últimos três meses, mas o que estava aqui hoje? Esse era com quem eu mais conseguia me ver me apaixonando.

Pisquei para afastar minha emoção indesejada e colei um sorriso brilhante.

— Maura, você gostaria de dar uma volta no jardim? É um lindo dia.

Seu rosto se iluminou. — Sim, por favor.

— Milady. — Christian estendeu o braço.

Ele estava apostando pesado, mas Maura deu uma *risadinha* quando pegou seu braço. Eu nunca, nem uma vez em todos os meus anos de convivência, ouvi Maura rir.

Inacreditável.

Ele devia ter a magia do diabo do seu lado.

— Como vocês se conheceram? — ela perguntou enquanto caminhávamos pelo jardim de rosas. Era o favorito dela, e nós paramos a cada meio metro para que ela pudesse fazer ooh e aah sobre as flores exuberantes.

— Nós... — Eu quase contei a ela a história que Christian e eu inventamos, mas fui com uma espécie de verdade. Parecia errado mentir para ela. — Moramos no mesmo prédio e temos alguns amigos em comum. Tive alguns problemas e Christian me ajudou.

— Oh. Que legal da parte dele — disse Maura. Ela deu um tapinha na mão dele. — Você é um cavalheiro. Eu posso apenas dizer.

Ele sorriu e levantou uma sobrancelha para mim por cima da cabeça.

Revirei os olhos, mas não pude deixar de sorrir.

Por mais insuportável que ele ficasse depois de encantar Maura sem esforço, eu adorava como eles se davam bem. Nada me estressava mais do que as pessoas de quem eu gostava não se dando bem.

Era por isso que meu último jantar em família havia me custado tanto. Entre o Havaí e minha linha de moda, eu estava ocupada o suficiente para enfiar isso no fundo da minha mente, mas ainda me assombrava.

Eu me recusava a ceder primeiro, no entanto. Se minha família quisesse falar comigo, eles sabiam onde me encontrar.

Maura, Christian e eu vagamos pelos jardins por um tempo até que Maura se cansou e voltamos para o quarto dela.

— Eu gosto dele — ela disse quando Christian foi ao banheiro. — Um jovem tão bonito. Charmoso também.

Eu a encarei. — Você... tem uma *queda* por ele?

Ela bufou. — Claro que não! Estou velha demais para ter *quedas.* Além do mais, ele só tem olhos para você.

Meu rosto aqueceu. — Eu não...

— É verdade. — Ela tossiu e pegou sua xícara de chá. — Ele não... ele... — Suas mãos tremiam quando ela levou o copo mais perto de sua boca. Quase tocou seus lábios antes que ela o deixasse cair, e se quebrou em uma dúzia de pedaços irregulares.

A boca de Maura se abriu. Seus olhos se arregalaram e assumiram um familiar olhar selvagem.

— Está bem. Está tudo bem — falei rapidamente. — É apenas uma xícara. Vou chamar as enfermeiras para...

— Não é *apenas uma xícara*! — Sua respiração acelerou. — Está quebrada e é... é... — Seu olhar disparou ao redor da sala.

— Tudo vai ficar bem. — Eu mantive minha voz calma apesar da forma como meu estômago caiu. Ela estava ficando visivelmente agitada e, uma vez agitada, era quase impossível acalmá-la sem sedação. — Vou chamar uma enfermeira e eles vão limpar. Elas estão...

— Já estão a caminho. — A voz de Christian interrompeu a conversa. Eu não o ouvi entrar, mas ele se moveu rapidamente pela sala e se ajoelhou na frente dela. — Há novas xícaras na sala de convívio, junto com puzzles. Você gostaria de jogar um juntos?

Os olhos de Maura ainda estavam brilhantes de pânico, mas sua respiração diminuiu para algo parecido com o normal. — Puzzles?

— Um quebra-cabeça — ele confirmou. — O mais novo deles. Você será a primeira pessoa a completá-lo.

— Eu... sim. Eu gosto de quebra-cabeças. — Ela soltou seu estrangulamento em seu braço. — Eu fiz um quebra-cabeça de um poodle uma vez. Eu tinha um poodle. É a minha raça de cachorro favorita...

Ela começou a falar sobre as melhores e piores raças de cães enquanto Christian a guiava para a sala de convívio.

Eu os segui, minha garganta apertada.

— Obrigada — eu disse, uma vez que Maura estava feliz com seu chá e quebra-cabeça. — Por... — Eu gesticulei em direção ao corredor onde seu quarto estava situado. — E por vir comigo.

— Há maneiras piores de passar o meu dia. — Christian entrelaçou seus dedos nos meus e colocou nossas mãos em sua coxa. — Obrigado por me convidar.

Olhei para nossas mãos entrelaçadas e não pude impedir que meu coração se expandisse tanto que tornava difícil respirar.

Estou com tantos problemas.

* * *

Naquela noite, depois de visitarmos Maura, Christian e eu participamos de nosso primeiro evento de negócios dele como um casal de verdade.

O significado não passou despercebido por mim, embora o evento real tenha me entediado até as lágrimas. Foi uma reunião de tecnologia, e passei a maior parte sorrindo, balançando a cabeça e fingindo que me importava com o que as pessoas estavam dizendo enquanto Christian fazia networking.

— A UE[19] está nos matando com seus regulamentos — resmungou o homem com quem ele estava falando. — É insustentável!

Eu sufoquei um bocejo enquanto Christian respondia.

A regulamentação da tecnologia não era tão interessante quanto os filhotes de tartarugas.

Enquanto o outro homem falava sobre alguma nova lei que acabava de ser aprovada, coloquei a mão no braço de Christian e sussurrei: — Vou ao banheiro. Eu volto já.

Ele acenou com a cabeça, e eu escapuli antes que eu tivesse que ouvir mais uma reclamação sobre a UE.

Não havia fila para o banheiro, então aproveitei para arrumar meu cabelo e maquiagem e conferir minhas notificações. Minha contagem de seguidores ainda estava crescendo, mas era mais lenta agora do que nos estágios iniciais de nosso 'relacionamento'.

Eu não me importava tanto quanto antes. Juntar-me ao clube de milhões de seguidores tornou mais fácil conseguir grandes parcerias, mas também me fez perceber o quão pouco o número significava em um nível pessoal.

Coloquei meu telefone na minha bolsa e saí do banheiro.

Cheguei na metade do caminho de volta para Christian quando os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Eu reconheci aquele calafrio; era o que eu sentia quando alguém me observava.

Minha cabeça se ergueu, e eu vasculhei a sala freneticamente em busca de qualquer coisa – ou alguém – suspeito.

Nada. Apenas um monte de gente de terno, reclamando das últimas leis regulatórias e se gabando do valor de mercado de

suas empresas.

Você está sendo paranoica. Seu perseguidor não está aqui. Este é um evento fechado

Um grito subiu, mas ficou preso na minha garganta quando alguém agarrou minha bunda e apertou. Duro.

Eu me virei e olhei incrédula para o homem que me olhava de soslaio.

Ele piscou para mim e ficou olhando como se não tivesse me *apalpado* no meio de um evento profissional.

Eu estava muito atordoada para dizer qualquer coisa antes de ele sair.

A interação durou menos de um minuto, mas foi o suficiente para me fazer sentir como se estivesse coberta por uma camada de sujeira que nunca poderia limpar.

— O que há de errado? — Christian percebeu meu desconforto no instante em que voltei para o seu lado.

Ele estava de costas, então ele não tinha visto o que aconteceu. O homem com quem ele estava falando também se afastou, deixando-nos sozinhos.

— Nada. — Eu me mexi sob seu olhar cético antes de admitir: — Alguém me apalpou no meu caminho de volta do banheiro.

Christian se acalmou.

— Quem? — Seu tom era calmo, quase agradável, mas continha algo que evocou um frio ártico sob minha pele.

Meu corpo traiu a vozinha me alertando para não contar a ele.

Eu instintivamente lancei meus olhos para o bar, onde o

homem que tinha me apalpado estava dando em cima de uma mulher desinteressada.

Christian seguiu meu olhar.

— Eu vejo. — Sua inflexão não mudou, mas o pressentimento deslizou pela minha espinha como a pele fria e escamosa de uma cobra.

Algumas pessoas ardiam quando estavam com raiva, mas Christian parecia frio. Quanto mais quieto ele ficava, mais as pessoas precisavam se preocupar.

— Não é grande coisa — falei ansiosamente. Eu não queria que ele fizesse nada que pudesse colocá-lo em problemas ou que ele pudesse se arrepender mais tarde. — Foi apenas um esbarrão de passagem. Não vale a pena fazer uma cena.

— Eu não vou fazer uma cena. — Christian colocou sua taça de champanhe vazia em uma mesa próxima, seu rosto ilegível. — Na verdade, eu terminei aqui. Você está pronta para partir?

Eu balancei a cabeça e dei um suspiro silencioso de alívio. *Graças a Deus.*

Entre as conversas entorpecentes e o idiota que não conseguia manter as mãos para si mesmo, eu estava pronta para deixar a noite para trás.

Ainda assim, quando saímos do prédio e caminhamos até o carro de Christian, eu não conseguia afastar a sensação de que quem tinha despertado meus alarmes internos antes não tinha sido o homem que me apalpou, mas outra pessoa.

35

Christian

A porta se fechou com um *estalo* silencioso atrás de mim.

No silêncio do meu escritório satélite[20], soou como um tiro.

O homem sentado lá dentro pulou, seu joelho batendo contra minha mesa enquanto se virava para me encarar.

Eu o reconheci do evento de tecnologia da noite passada. Algum empresário de baixo escalão que se infiltrou na reunião.

Eu o deixei esperar aqui sozinho porque não estava preocupado com ele roubando ou bisbilhotando. Reservava meu escritório satélite para mais... conversas desagradáveis, e não continha nada além de móveis básicos de escritório.

— Estou esperando há meia hora — ele declarou a porra do óbvio como se eu não pudesse dizer o tempo.

— Você esperou? — Eu estava pouco me importando sobre quanto tempo ele teve que esperar. Frank Rivers era um alimentador de fundo. Ele esperaria duas horas se eu quisesse. — Desculpe.

Caminhei até minha mesa e me sentei em frente a ele.

O silêncio desceu novamente enquanto eu o estudava. Meu olhar desapaixonado varreu de seu cabelo castanho ralo para sua camisa verde brega. Sua jaqueta esticava um pouco apertada demais sobre os ombros, e uma película de suor pontilhava seu lábio superior.

— Você sabe por que eu pedi essa reunião? — eu puxei

conversa.

— Não. Seu cara não disse. — Os olhos de Frank correram ao redor. Eu fiz Kage trazê-lo, e eu teria rido de seu óbvio nervosismo se eu tivesse um pingo de diversão dentro de mim. — Acho que tem a ver com meu novo negócio. — Seu peito inchou um pouco.

— Seu novo negócio.

Ele desabafou. — Sim. Eu... eu pensei que você queria falar de negócios. Oferecer-me segurança.

Desta vez, eu ri, embora o som não tivesse humor.

Eu não daria segurança para Frank Rivers mesmo se ele me pagasse um bilhão de dólares e se oferecesse para limpar minha bunda todos os dias pelo resto da minha vida.

— Não. Não é por isso que eu queria ver você. — Abri a gaveta da minha mesa. — Ouvi dizer que você é um grande fã de uísque.

Surpresa passou por seu rosto, seguida de confusão. — Sim...

— Eu mesmo sou fã. — Peguei uma caixa preta distinta com letras douradas.

A julgar pela inspiração aguda de Frank, ele a reconheceu imediatamente.

— Uísque Yamakazi de vinte e cinco anos — confirmei com um sorriso. — Custou vinte mil.

Eu tinha uma garrafa de Yamakazi de cinquenta e cinco anos que custava quarenta vezes mais, mas nunca a desperdiçaria com escória como Rivers.

— Você gostaria de um pouco? — perguntei educadamente.

Com o aceno ansioso de Frank – o homem estava praticamente salivando – eu abri a garrafa e enchi os dois copos de cristal que estavam na minha mesa.

Meu lábio se curvou com desdém quando Frank atacou o dele antes que eu terminasse de servir o segundo.

Sem boas maneiras. Emily Post devia estar se revirando no túmulo.

— Eu tenho uma pergunta — falei antes que o copo alcançasse totalmente seus lábios carnudos. — Quando você apalpou minha acompanhante no evento ontem à noite, qual mão você usou?

Ele congelou. Toda a cor empalideceu de sua pele. — O que... eu...

— Minha acompanhante — Eu me inclinei para trás, deixando minha própria bebida intocada. — Alta, cabelo escuro encaracolado, vestido preto. A mulher mais bonita do evento.

— Eu... eu não sabia... eu não sabia que ela era sua acompanhante. — A desculpa gaguejante de Frank era quase tão patética quanto sua etiqueta. — Desculpe...

— Eu não estou interessado em seu pedido de desculpa. Estou interessado em uma resposta. — A ponta finamente afiada da minha raiva cortou minha máscara cordial. O pensamento dele mesmo respirando na presença de Stella, e então a tocando, fez o ácido queimar no meu sangue. — Qual. Mão?

Manchas de suor brotaram na camisa de Frank. — Di-direita.

— Entendo. — Meu sorriso voltou. — Abaixe a bebida.

Ele a segurava com a mão direita.

— Eu juro, eu não sabia! Eu... cheguei tarde e...

Meus olhos se estreitaram.

Depois de um momento de hesitação, ele colocou a bebida na mesa com um tremor. Eu poderia jurar que ouvi um gemido de verdade.

Meu desdém se aprofundou. *Patético.*

Esperei até que a palma da mão de Frank atingisse a superfície de madeira antes de puxar a lâmina da minha gaveta e enfiá-la em sua mão. Carne e osso cederam como manteiga ao aço frio e afiado.

Um uivo desumano atravessou a sala enquanto eu franzia a testa para o sangue se acumulando no mogno vintage.

Talvez eu devesse ter feito isso em uma superfície mais barata, mas, infelizmente, era tarde demais.

Voltei minha atenção para Frank. Seus olhos se arregalaram de dor, e suspiros ofegantes deixaram sua garganta enquanto o suor escorria pelos lados de seu rosto.

— Você cometeu um erro, Sr. Rivers. — Eu mantive meu aperto no cabo da lâmina enquanto me inclinava para frente.

— Você tocou o que era meu. E se há uma coisa que eu odeio... — Eu empurrei a faca mais fundo, deixando a ponta serrilhada rasgar sua carne com lentidão agonizante até que seus gritos atingiram um tom desumano. — São pessoas tocando o que é meu.

— *Por favor.* Eu sinto muito. Eu... oh, Deus. — Ele soltou um soluço de dor.

O cheiro forte de urina encheu o ar.

Ah, porra. Aquela era uma cadeira de couro feita sob medida.

Meus dentes de trás se apertaram, mas uma olhada no relógio me disse que eu precisava terminar isso.

— Estou de bom humor, então vou deixar sua mão intacta. — Eu poderia ter estendido nossa sessão por mais uma hora, mas era noite de taco com Stella, e eu precisava comprar os ingredientes no caminho para casa.

— Mas se você tocar, olhar ou *pensar* em Stella novamente... — Eu empurrei a lâmina até que a única parte visível restante fosse o cabo. Frank havia perdido a voz de tanto gritar e só conseguiu sufocar um soluço de dor. — Sua mão não será a única coisa que vou cortar.

Eu me endireitei, então fiz uma pausa.

— Ah, eu esqueci que você queria experimentar o uísque. — Peguei seu copo e o inclinei. O conteúdo pingou em sua mão devastada até que o copo estava vazio e os gritos renovados de Frank ricochetearam nas paredes.

Hum. Acho que ele ainda tem alguma voz nele, afinal.

Não havia nada como um pouco de álcool em uma ferida aberta para levar a dor para casa.

— Não se preocupe em me reembolsar pelo álcool desperdiçado — falei. — Vou tirar da sua conta. Argent Bank, número de conta 904058891314, número de roteamento 087945660, correto?

Ele me encarou, os olhos inchados de lágrimas e vidrados de dor.

— Vou tomar isso como um sim. — Eu acariciei sua bochecha. — Vamos manter isso entre nós, certo? Eu odiaria outra conversa com você.

Cheguei no meio do caminho até a porta antes de parar. Uma imagem mental do filho da puta agarrando a bunda de

Stella passou pela minha mente, e a raiva ressurgiu, agitando-se como ondas negras geladas sob minha pele.

— Eu mudei de ideia. — Eu me virei. — Afinal, não estou de bom humor.

O tiro cortou o ar. Frank caiu sobre a mesa com um buraco na nuca e olhos abertos e sem vida.

Enfiei a arma de volta no meu paletó e saí para o corredor, onde Kage estava encostado na parede.

— Não me diga que você atirou nele — falou quando me viu. O escritório era à prova de som, mas ele avaliou corretamente minha expressão. — Que bagunça do caralho.

— Ele me irritou. — Verifiquei meu relógio. *Droga.* A única mercearia que vendia a salsa favorita de Stella fechava em quinze minutos. — Limpe isso para mim, sim?

— Eu sempre faço — disse ele secamente.

Nem todos na Harper Security sabiam sobre o lado menos legal do negócio, mas Kage tinha visto merda suficiente em sua vida para manter sua moral flexível. O mundo não era preto e branco; ninguém sabia disso melhor do que alguém que viveu no cinza.

Lavei minhas mãos no banheiro ao sair e inspecionei minhas roupas em busca de manchas de sangue antes de ir ao supermercado.

36

Stella

— Isso é tudo que eu precisava. Obrigado pelo seu tempo — disse Julian.

Tínhamos terminado nossa última entrevista para o meu perfil na *Washington Weekly*. Tivemos uma série de conversas temáticas em torno de diferentes aspectos da minha vida nas últimas semanas, e hoje discutimos minha linha de moda por uns bons quinze minutos depois que eu mencionei isso de passagem.

Foi fora do registro, já que a Delamonte não gostaria que eu falasse sobre minha própria marca em uma história que deveria ser sobre eles, mas eu estava animada para discutir isso com alguém que não fosse Christian ou minhas amigas. Tornava-a mais real.

— É claro. Deixe-me saber se você tiver quaisquer perguntas adicionais — falei calorosamente.

— Eu vou, e eu vou te enviar um e-mail quando a história estiver rolando. Parabéns novamente por tudo.

Desliguei e me espreguicei com um bocejo. Era fim de tarde, mas eu me sentia como se estivesse acordada por vinte e quatro horas seguidas. Eu tinha terminado todas as amostras para minha coleção na semana passada e passei o dia tirando fotos delas para futuros materiais de marketing.

Eu estava acostumada a fazer sessões de fotos, mas não tinha percebido o quanto era mais difícil tirar fotos de produtos para um site do que para um blog.

Peças da seção de fotos foram espalhadas por toda a sala, incluindo adereços, roupas e equipamentos de câmera.

Eu me forcei a sair do sofá para que eu pudesse arrumar a bagunça antes que Christian chegasse em casa.

Nossos jantares eram minha parte favorita do dia. Ele sempre chegava em casa cedo o suficiente para ajudar na cozinha (embora eu suspeitasse que era em parte porque ele não confiava em mim perto do forno depois do incidente do alarme de fumaça), e passávamos as noites relaxando e conversando.

Eu gostava de encontros chiques e festas de gala tanto quanto qualquer outra garota, mas nada me deixava mais feliz do que simplesmente passar um tempo com alguém que eu...

— Desculpe, estou atrasado.

Eu me endireitei e me iluminei quando Christian entrou.

Eu finalmente entendi por que minhas amigas se entusiasmavam com seus parceiros. Toda vez que eu o via ou ouvia sua voz, as borboletas ficavam loucas.

— Eu tive que comprar mais salsa. — Ele me beijou e colocou sua sacola de compras na mesa de centro.

Eu me iluminei ainda mais.

— Essa é a marca que eu gosto? — Reconheci o nome estampado na sacola. Era a única mercearia da cidade que vendia minha salsa favorita.

— Sim. — A boca de Christian se inclinou quando eu gritei e espiei dentro da bolsa. A mercearia ficava do outro lado da cidade, então eu raramente ia até lá, embora tivesse alguns dos meus itens mais amados e difíceis de encontrar.

A visão dos dois potes de vidro me deixou

extraordinariamente feliz. Não era a salsa em si; foi o fato de ele ter se esforçado para comprá-la para mim.

— Parabéns, você acabou de ganhar o prêmio de Namorado da Semana.

— Eu? — Ele colocou as mãos em meus quadris enquanto eu enrolava meus braços em volta do seu pescoço. — Qual é a minha recompensa?

— Isso. — Dei-lhe outro beijo mais longo e sorri com seu gemido suave.

Foi só quando passei a mão pelas costas dele que notei a tensão em seus músculos.

Eu me afastei e o examinei com uma pequena carranca. — Está tudo bem? Você parece tenso.

— Sim. — A expressão de Christian não vacilou. — Apenas uma pequena irritação no trabalho.

— Hum. — Eu me preocupava com ele às vezes. Ele tinha um trabalho importante, mas todo aquele estresse não era bom para ninguém.

Apesar de meus melhores esforços para convencê-lo, ele também se recusava a praticar yoga ou meditação.

Uma ideia surgiu na minha cabeça. Estava tão fora do personagem que quase a descartei, mas eu era uma nova eu, mais ousada. Eu poderia tentar coisas novas.

Talvez.

— Sente-se no sofá. — Eu reprimi a reviravolta de nervos no meu estômago e mantive minha voz casual. — Posso pensar em algo que vai ajudá-lo a relaxar.

Christian fez como eu pedi.

— Outra massagem? — ele falou lentamente, mas seus olhos escureceram quando eu caí de joelhos diante dele.

— Tipo isso. — Peguei seu cinto. Sua mão agarrou meu pulso antes que eu fizesse contato, e o ar mudou para algo mais pesado, mais condensado.

— O que — ele disse, sua voz caindo para um tom áspero que fez minhas coxas apertarem — você está fazendo?

— Eu te disse. — Eu puxei meu pulso livre de seu aperto e soltei seu cinto, meu coração palpitando como o de um beija-flor nervoso. — Estou ajudando você a relaxar.

Christian e eu nos revezamos iniciando o sexo, mas eu nunca fui tão ousada sobre isso.

Normalmente, bastava um certo olhar ou sorriso meu e ele entendia a dica. Mas isso... estava muito fora da minha zona de conforto.

Ele não me parou de novo, mas o calor de seu olhar se instalou no meu estômago.

Minha boca secou quando finalmente o tirei de sua calça.

Ele já estava duro, sua excitação grossa e pingando pré-sêmen. Ele me deixou definir o ritmo enquanto eu lentamente o levava pela minha garganta, mas ele era tão grande que eu tinha que pausar a cada poucos segundos para me ajustar.

Eventualmente, no entanto, eu o levei ao máximo e fiquei lá por um minuto com meus lábios esticados contra a base de seu eixo.

Eu cantarolei com orgulho antes de começar a me mover. Lentamente no início, depois mais rápido à medida que me sentia mais confortável com seu tamanho e ângulo.

Christian soltou uma maldição baixa e enroscou as mãos

no meu cabelo quando eu me acomodei em um ritmo, lambendo e chupando até que seus músculos apertaram sob meu toque. Eu achatei minha língua e corri ao longo da parte inferior de seu pênis enquanto me retirava, então gentilmente chupei a cabeça e a deslizei todo o caminho pela minha garganta novamente.

Seu aperto aumentou no meu cabelo.

— *Porra,* Stella. — O gemido torturado de Christian enviou outra flecha de luxúria ao meu núcleo. — Isso é bom *pra* caralho, baby.

Gemi de satisfação e redobrei meus esforços. A baba escorria dos cantos da minha boca cheia e escorria pelo meu queixo, mas eu não parei.

O boquete era para ele, mas cada gemido e deslizamento de seu calor contra minha língua pulsava entre minhas pernas como se fosse para mim.

Eu adorava saber que eu poderia excitá-lo assim. Que eu poderia dar e ter prazer à vontade.

Eu estava de joelhos, mas tinha o poder de trazê-lo aos seus.

— Eu sabia que você aguentaria. Cada centímetro, assim. — Seu elogio tomou conta de mim enquanto eu engasgava ao redor da base de seu pau. — Boa menina.

A dor se aprofundou, e eu não aguentei mais. Mudei de posição para poder esfregar contra sua perna enquanto aumentava meu ritmo e saboreava o gosto quente e erótico dele.

Era mais fácil eu gozar quando estava moendo em algo do que usando meus dedos, e a pressão firme contra meu clitóris misturado com os sons sujos e desleixados do boquete me levou mais alto em direção à liberação a cada segundo que

passava.

Eu estava encharcada e provavelmente fazendo uma bagunça em suas calças, mas eu estava muito perdida em uma névoa de luxúria para me importar.

— Eu posso sentir o quão molhada sua boceta está. — Christian puxou minha cabeça para trás, então eu olhei diretamente para ele, meus olhos lacrimejando por levá-lo tão fundo por tanto tempo. — Isso te excita, hmm? Moendo contra minha perna enquanto você engasga com meu pau?

— Mmmph. — Meu gemido abafado de afirmação foi interrompido em um suspiro quando ele abruptamente me puxou de cima dele, me pegou e me empurrou contra a janela em um movimento fluido.

O desejo se acumulou entre minhas pernas com a pressão do vidro contra minha bochecha e o calor dele nas minhas costas.

Eu adorava quando ele era assim.

Rude. Exigente. Uma fera sem gaiola.

Christian arrancou as alças do meu vestido dos meus ombros e puxou o corpete para baixo para descobrir meus seios.

— Quando você gozar... — Ele levantou a saia com a outra mão e enganchou o dedo no cós da minha calcinha. — Vai ser com meu pau dentro da sua boceta, não na sua garganta.

Ouvi o rasgo da renda e o inconfundível rasgo do papel alumínio.

Então ele estava dentro de mim, me fodendo tão profundo e forte que a sala ecoou com os sons dos meus gritos.

Minhas mãos espalmadas contra a janela, que embaçou

com minha respiração ofegante.

Era feita de vidro matizado para que as pessoas não pudessem ver o interior, mas ainda havia algo tão deliciosamente sujo em ser levada contra ela enquanto as pessoas seguiam suas vidas do lado de fora, alheias ao que estava acontecendo acima de suas cabeças.

Christian me golpeou selvagemente, golpes afiados e brutais que embaralharam meus pensamentos em nada.

Não havia vestígios do refinado CEO. Sem ternos, sem charme educado, apenas seu pau me enchendo e sua mão em volta da minha garganta enquanto ele me fodia como um animal por trás.

Seu comprimento esticou meus músculos internos em uma queimadura apertada enquanto eu ficava na ponta dos pés tentando levá-lo mais fundo. Cada esfregar dos meus mamilos duros como pedra contra o vidro frio enviava outra faísca para o inferno construindo na base da minha coluna.

Respirações ásperas e gemidos necessitados misturados com o tapa de carne contra carne e os sons molhados e escorregadios de seu pênis perfurando em mim.

A sinfonia suja girou ao nosso redor, me arrastando cada vez mais alto até que eu corria em direção ao orgasmo.

— Christian, *por favor.* — Seu aperto na minha garganta roubou meus gritos e os transformou em súplicas roucas. — Eu preciso... eu vou...

Perdi o resto da minha frase para outra onda de prazer quando ele estendeu a mão para acariciar meu clitóris.

Uma vez. Duas vezes. Apenas o suficiente para aprofundar a dor, mas não o suficiente para quebrar a coleira da minha liberação chegando.

— Eu amo quando você implora tão docemente por mim. — Ele enterrou o rosto no meu pescoço e beliscou a pele. — Você precisa gozar, hmm?

— *Sim.* — Minha resposta saiu em um soluço.

— Então seja uma boa menina e empurre essa boceta bonita de volta para mim.

Obedeci sem pensar. Eu arqueei minhas costas para que pudesse foder enquanto ele agarrava meus quadris com as duas mãos e empurrava em mim. Gritos e gemidos quebrados caíram quando meu corpo tremeu como o de uma boneca de pano pela força combinada de nossos esforços.

— Só assim — ele gemeu. — Você está tão linda assim, espalhada com meu pau enterrado dentro dessa boceta apertada.

A eletricidade substituiu o sangue em minhas veias. Eu estava iluminada de dentro para fora, um fio vivo de sensação que ele alimentava mais quente com cada impulso.

O aperto de Christian na minha garganta ficou mais forte enquanto ele chegava mais perto de mim e beliscava meu mamilo com a outra mão.

— Goze para mim, baby.

Isso foi tudo o que precisou.

Meu orgasmo finalmente se libertou. Ele quebrou suas restrições e me consumiu inteira, enviando uma onda de calor do topo da minha cabeça até a ponta dos meus pés.

Meu corpo se curvou com a intensidade do prazer, e eu teria caído no chão se Christian não estivesse me segurando.

Eu ainda estava flutuando quando ele me virou e me levantou para que minhas costas ficassem contra o vidro e

minhas pernas enganchadas em sua cintura.

Ele ainda não tinha gozado, mas seus golpes diminuíram em um ritmo mais suave.

— Eu amo sentir você gozar ao meu redor. — Ele beijou seu caminho do meu pescoço para a minha boca. — Você é perfeita *pra* caralho.

As palavras me atingiram em algum lugar profundo e vulnerável.

A emoção se alojou em minha garganta, mas eu passei meus braços ao redor de seu pescoço e o montei mais rápido, mais confortável em assumir a liderança do que examinar os sentimentos que sua declaração trouxe à tona.

A respiração de Christian endureceu. Seus músculos ficaram tensos, e eu podia senti-lo pulsando dentro de mim antes que ele finalmente gozasse com um gemido alto.

Nós nos abraçamos na descida, nossas peles escorregadias de suor e nossas testas pressionadas uma contra a outra enquanto prendíamos o fôlego.

— Então — eu ofeguei. — Você se sente mais relaxado?

Sua risada retumbou contra a minha pele e me fez sorrir. Eu adorava arrancar uma risada real dele. Eram mais comuns nos dias de hoje, mas ainda eram fontes de orgulho.

— Sim, Butterfly. Eu me sinto.

— Bom. — Agarrei-me a ele enquanto ele nos carregava para o chuveiro.

Se eu estivesse com outra pessoa, nunca teria encontrado coragem para fazer o que acabei de fazer. O medo da rejeição teria sido muito forte, mesmo com alguém que eu estava namorando.

Mas essa era uma das minhas coisas favoritas sobre Christian. Eu poderia ser quem eu era e quem eu aspirava ser na mesma medida.

Eu nunca tinha que me preocupar quando estava com ele.

37

Christian

Minhas noites com Stella eram a única paz que eu tinha.

Meus dias eram um tumulto de trabalho e caos. Passei o último mês eliminando suspeitos para o traidor, descobrindo como diabos alguém criou um dispositivo semelhante a Scylla, qual era a conexão desse alguém com o perseguidor de Stella e rastreando o próprio bastardo perseguidor.

Eu já tinha uma lista de suspeitos para o vazamento. Cada nome fazia meu sangue gelar, mas eu tinha que ter cuidado com a forma como lidava com a situação. Eu não poderia fazer um movimento público até ter certeza de quem era o traidor. A lealdade corria nos dois sentidos, e as acusações falsas eram a maneira mais rápida de semear ressentimento entre as fileiras.

Eu tinha a armadilha perfeita em mente, mas precisava esperar até o torneio anual de pôquer da Harper Security para montá-la. Até então, eu não podia confiar em ninguém da empresa com informações confidenciais.

Quanto a Scylla, eu quase podia garantir que a Sentinel estava por trás do dispositivo de imitação. Eles imitaram tudo o que eu fiz; copiar hardware patenteado era o próximo passo lógico. Eu também não os descartaria quanto a subornar ou chantagear quem quer que fosse o traidor.

Eu me sentei nessa suspeita. Primeiro, lidaria com o traidor. Então, eu iria atrás da Sentinel.

O único ponto de interrogação restante eram seus laços com o perseguidor de Stella e quem era o filho da puta.

Eu vasculhei os contatos de Stella, mas ela interagiu com tantas pessoas ao longo dos anos que era impossível reduzi-los a um grupo de suspeitos decente. O perseguidor poderia ser qualquer um, desde um antigo colega até o barista que fazia sua bebida todos os dias.

Parte de mim admitia que eu poderia ter ido mais longe em *todas* as minhas investigações se não tivesse me distraído. Eu queria passar tempo com Stella, o que significava não ter longas horas ou horas extras no escritório.

Eu a levava em encontros todo fim de semana, jantava com ela todas as noites e transava com ela até o esquecimento todas as noites, o tempo todo sabendo que deveria gastar esse tempo fazendo outra coisa.

A capacidade de Stella de foder com minha tomada de decisão racional cristalizou-se um pouco mais de uma semana após a morte oportuna de Frank Rivers.

Cliquei repetidamente em minha caneta enquanto olhava para a nota na minha mesa.

O perseguidor esteve escondido desde o Havaí. Sem novas notas e sem contato... até agora.

Clique. Clique.

Duas frases, datilografadas e entregues em um envelope simples e sem identificação. Estava guardado com o resto de nossa correspondência, embora não contivesse um endereço.

Você não pode protegê-la, e você NUNCA a terá. Ela é minha.

Sussurros de raiva roçaram meus sentidos.

A mensagem em si não era preocupante. Parecia algo que uma criança petulante escreveria.

O que *era* preocupante eram as três fotos que o

acompanhavam: uma de Stella tomando café da manhã na cafeteria perto do Mirage, uma dela tirando fotos no National Mall e uma dela saindo do supermercado.

Todas elas foram tiradas nas semanas desde que voltamos do Havaí.

A raiva engrossou e cobriu minha pele com gelo. Fiquei tentado a ceder e descontar em um dos muitos nomes que mantinha em meu banco de dados para esse propósito, mas reprimi o desejo para calcular meu próximo passo.

Eu não podia confiar em ninguém além de mim mesmo com a segurança de Stella, nem mesmo Brock. Ele não era um dos meus suspeitos, mas ele não tinha notado que o perseguidor se aproximou o suficiente para tirar aquelas fotos dela, o que era um grande equívoco.

Embora, seu trabalho era proteção, não vigilância, mas ainda me irritava.

O perseguidor ressurgiu após semanas de silêncio, e aposto que uma análise forense de sua nota retornaria os mesmos resultados de sempre.

Nada.

Quem quer que fosse, ele era muito bom em manter as mãos limpas e sorrateiras o suficiente para chegar tão perto de Stella sem que ela ou Brock percebessem.

Se alguma coisa acontecesse com ela…

Meu estômago se apertou.

D.C. não era segura até eu resolver minha bagunça interna. Eu não poderia me concentrar em rastrear o perseguidor se não pudesse confiar em meus homens.

Clique. Clique.

Eu me decidi no segundo clique.

Coloquei minha caneta na mesa, enfiei o bilhete e as fotos no bolso interno do paletó e dirigi para casa.

Stella estava na cozinha quando cheguei. Ela estava tão ocupada misturando aquele smoothie de wheatgrass atroz que ela adorava e cantarolando junto ao rádio que ela não percebeu minha entrada até que eu a envolvi em meus braços por trás e beijei seu pescoço.

— Christian! — Surpresa em deleite encheu sua voz. — Você está em casa cedo.

— Dia lento no trabalho — eu menti.

Eu a respirei, assegurando-me de que ela estava segura e em meus braços. Ela cheirava a sol e flores verdes, e eu deixei o cheiro dissolver um pouco da tensão em meus músculos antes de falar novamente.

— Eu tive uma ideia.

— Uh, oh — ela brincou. — Eu deveria estar assustada?

— Eu duvido. Está no seu quadro de visão.

Eu tinha visto a lista que ela prendeu no quadro de cortiça do nosso quarto. Ela disse que a criou na faculdade e nunca o jogou fora.

A lista consistia em três coisas: uma parceria da marca com a Delamonte, uma longa viagem pela Itália e um closet. Dois desses três foram riscados.

Stella virou-se para me encarar completamente. Seus olhos se arregalaram com choque e um toque de esperança.

— Itália — confirmei. — Férias de verão. Podemos fazer uma viagem de um mês pelo país. Roma, Milão, Costa Amalfitana...

Tirar ela da cidade era a resposta óbvia até eu resolver a bagunça do meu lado, e sua lista de desejos me deu a desculpa perfeita para a viagem.

Eu não queria contar a Stella sobre o último bilhete do perseguidor. Tinha sido dirigido a mim, não a ela, e eu não queria assustá-la. Não quando eu ainda não tinha uma solução clara.

— *Outra* viagem? — A dúvida coloriu sua voz. — Mas acabamos de voltar do Havaí.

Ela estava certa. Tínhamos retornado de Kauai apenas um mês atrás. Era muito cedo para outra viagem, especialmente com tudo que eu tinha sobre os ombros.

Mas o pensamento daquele idiota possivelmente colocando as mãos nela...

Levaria apenas um deslize. Uma distração, um erro, e eu poderia perdê-la para sempre.

Forcei meus pulmões a se expandirem após um raro ataque de pânico.

— A primeira metade não contou porque era para trabalhar — falei. — Foi basicamente um fim de semana prolongado.

Stella balançou a cabeça. — Estou começando a suspeitar que você realmente não trabalha quando entra no escritório. Eu nunca conheci um CEO com mais tempo de férias do que você.

Minha boca se inclinou para cima apesar de mim. — É um tipo diferente de trabalho.

Ganhei um salário decente da Harper Security, mas a maior parte do meu patrimônio líquido veio de software e hardware secretos que desenvolvi e vendi para o maior lance. Havia certos grupos com os quais eu não fazia negócios –

terroristas, certos governos e alguns indivíduos desagradáveis.

Fora isso, todo mundo era um jogo justo, e eles pagavam um resgate de rei por tecnologia que seus concorrentes não tinham.

Passei cinquenta por cento do meu tempo de escritório executando a Harper Security e a outra metade no desenvolvimento.

— Tem certeza de que um mês não é muito tempo? — Traços de dúvida permaneceram. — Não podemos simplesmente nos levantar e sair por tanto tempo.

— Sou um bilionário. Podemos fazer o que quisermos. — Eu sorri para o seu revirar de olhos brincalhão. — Considere isso meu presente de aniversário.

— Nós já comemoramos seu aniversário — ela apontou.

Eu fiz trinta e quatro na semana passada. Nós comemoramos com um fim de semana de comida, sexo e eu comendo sua boceta até que ela gozou no meu rosto.

Foi um bom aniversário.

— Além disso, não faz sentido que você me leve na viagem dos *meus* sonhos para o seu aniversário. Devemos ir a algum lugar que você queira ir. — Stella enganchou os braços em volta do meu pescoço. — Desembucha, Harper. Qual é o destino da sua lista de desejos?

— Não tenho um, e mimar você *é* para mim. — Eu deixei minha testa cair na dela. A nota e as fotos queimaram um buraco no meu bolso. — Última chance, Butterfly. Você está dentro ou você está fora?

— Quando você coloca *dessa* forma... — Um sorriso vertiginoso se espalhou por seu rosto. — Estou dentro.

— Perfeito. — Beijei-a novamente, desta vez na boca.

Foda-se a racionalidade.

Quando se tratava da segurança de Stella, o pensamento racional não existia.

38

Stella

16 de junho

EU VOU PARA A ITÁLIA!

Ok, eu só tinha que tirar isso do meu peito porque eu ainda não consigo acreditar. Eu queria visitá-la por tanto tempo, mas continuei adiando porque eu não queria ir por apenas uma semana. Eu queria fazer a coisa toda como Christian disse. Veneza, Roma, Positano... nunca encontrei tempo nem dinheiro, mas agora, aqui estou eu, fazendo as malas para uma viagem de um mês.

Eu mal posso esperar. Já mandei uma mensagem para Bridget pedindo uma lista de atrações imperdíveis. Eu sei que Christian já visitou a Itália muitas vezes antes, mas ele é um cara. Não é o mesmo. (Além disso, Bridget conhece todos os cafés mais fofos e as melhores butiques).

Eu me sinto um pouco desconfortável por estar gastando tanto do seu dinheiro. Eu disse isso a Jules outro dia, e ela me disse para não me preocupar com isso porque Christian tem tanto dinheiro que a quantia que ele gasta comigo é como centavos para ele. Acho que isso é verdade.

Toda vez que tento pagar por algo, ele se recusa e diz que eu deveria investir esse dinheiro na minha marca. Essa foi a única coisa pela qual tracei uma linha. Eu não queria que ele jogasse dinheiro na marca. Se eu fizer isso, quero fazê-lo por meus próprios méritos. Não quero ter sucesso só porque tenho um namorado rico que pode me bancar.

Mas, se estou sendo 100% honesta, é difícil protestar muito sobre a viagem porque eu quero muito.

Uma viagem com tudo pago para a Itália? Esse é o sonho de toda garota.

Gratidão diária:

1. *Listas de desejos*
2. *Itália*
3. *O melhor namorado do mundo <3*

* * *

A Itália era tão incrível quanto eu imaginava. A comida, a beleza, a cultura... tudo correspondeu às minhas expectativas e muito mais.

Embora, parte disso tinha a ver com Christian nos dando acesso VIP em todos os lugares para que pudéssemos evitar as multidões e explorar em nosso lazer, mas não era apenas isso. Havia algo mágico no ar que derreteu meu estresse e transformou minhas preocupações em memórias distantes.

Ao contrário do Havaí, que teve um elemento de trabalho apesar da segunda metade da viagem sonhadora, a Itália foi puro escapismo.

Fiz vídeos e fotos, mas eram mais para memórias do que para redes sociais.

Eu não poderia compartilhar que eu estava atualmente na Itália, então eu estava postando fotos antigas.

Fora isso, não havia trabalho, nem câmeras, só nós.

Na Itália, eu não era a embaixadora de uma marca ou uma criadora de conteúdo em busca da foto perfeita. Eu era apenas uma garota de férias com o namorado.

Foi libertador... *quando* o referido namorado não estava sendo um idiota sobre minhas habilidades de condução.

— É uma Vespa. Quão difícil isso pode ser? — Eu plantei minhas mãos em meus quadris e nivelei Christian com um olhar insultado.

— Não estou dizendo que é difícil. Estou dizendo que há muitos pedestres que você pode atropelar na cidade. — Sua boca se contraiu com o meu suspiro.

— *Não* vou atropelar ninguém. Eu tenho zero mortes veiculares no meu turno, muito obrigado.

— E as quase mortes?

Eu não signifiquei isso com uma resposta.

Era nosso primeiro dia inteiro em Roma e nossa segunda semana na Itália. Voamos para Milão, descemos para Florença e chegamos a Roma ontem à noite.

Tínhamos um dia inteiro de atividades pela frente, e eu insisti em usar Vespas para nos locomover.

Podia ser clichê, mas alguém poderia dizer que visitou Roma sem andar de Vespa pelo menos uma vez?

Infelizmente, Christian e eu tínhamos opiniões diferentes sobre quantas deveríamos alugar. Eu pensei que seria divertido se cada um tivesse a sua enquanto ele estava convencido de que eu mataria alguém se fosse deixada por conta própria.

Aparentemente, ele não superou o incidente do quadriciclo no Havaí. Não foi minha culpa; eu estava apenas enferrujada. Eu raramente precisava dirigir um carro em D.C. quando o

metrô e os ônibus estavam lá.

Ele suspirou quando viu que eu não estava recuando.

— Vamos fazer um acordo. Você me deixa ensiná-la a operar uma, e se você passar no teste, você pode obter a sua própria.

— O que é isso, a autoescola? — resmunguei, mas concordei.

Secretamente, eu estava feliz por ele ter se oferecido para me ensinar porque eu não tinha ideia de como dirigir uma Vespa. Não poderia ser tão diferente de andar de bicicleta, certo? A única diferença era que tinha um motor.

Alugamos nossas scooters em nosso hotel e ficamos no pátio enquanto Christian me guiava pelo procedimento adequado.

— Sente-se ereta e dobre os cotovelos um pouco... um pouco mais. Assim. — Christian ajustou minha posição até que eu me sentei corretamente na Vespa. — Agora encontre seu equilíbrio deslocando seu corpo para a esquerda e para a direita.

Segui suas instruções até que ele me declarou pronta para o teste.

— Não fique tão nervoso — falei enquanto ele apertava meu capacete. — Eu vou ficar *bem.* Estou literalmente dirigindo pelo pátio.

— Hum.

Eu não apreciei a quantidade de ceticismo imbuída naquele barulho.

Liguei a moto e acelerei.

Vê? Isso não foi tão ruim. Eu estava indo muito bem. Os

paralelepípedos eram um *pouco* difíceis de navegar, mas eu podia...

— Merda!

Eu me virei tarde demais e bati de lado em um dos vasos de flores gigantes que cercavam o café ao ar livre do hotel.

Eu gaguejei até parar e desliguei o motor enquanto Christian vinha para o meu lado.

Nós olhamos para a rachadura gigante no vaso de terracota. Por sorte, era tão cedo que o café ainda não havia aberto, mas o jardineiro que trabalhava nas proximidades viu tudo.

Ele balançou sua cabeça. Pensei ter ouvido um fraco *mio Dio* antes que ele voltasse às suas tarefas de poda.

Desci da Vespa e sem dizer nada entreguei as chaves a Christian.

Meu *pequeno* incidente com a Vespa de lado, nossa parada em Roma foi o mais tranquila possível até nosso penúltimo dia, quando Christian e eu visitamos um dos principais museus de arte da cidade.

Eu estava hesitante em colocar tantos museus em nosso itinerário, já que ele não era fã de arte, mas ele insistiu que fôssemos a quantos eu quisesse.

Estamos na Itália, Butterfly. Você não pode visitar a Itália sem visitar seus museus.

Para seu crédito, Christian escondeu bem seu desgosto. Se eu não soubesse de antemão sobre sua aversão à arte, teria pensado que ele *gostava* das exposições.

— Não tem *como* isso ser uma pessoa. — Parei na frente de uma pintura que chamou minha atenção e tentei analisar o

que exatamente ela representava. — Existiam ilusões de ótica no século XVIII?

Em um segundo, parecia o retrato de um nobre. No próximo, parecia uma sinistra mesa de frutas.

Era inquietante, mas também meio genial.

— Christian? — Virei-me para sua estranha falta de resposta e o encontrei olhando para algo do outro lado da galeria.

Segui seu olhar para onde um menino estava no canto. Ele puxava insistentemente o que eu presumi ser a manga de sua mãe, mas a mulher estava muito ocupada bajulando as pinturas e tirando fotos para prestar atenção nele.

O queixo do menino balançou, mas em vez de chorar, ele apertou a mandíbula e olhou para o comprimento da galeria.

Seus olhos encontraram os de Christian, que olhou de volta com o que quase parecia uma expressão simpática.

Eu coloquei uma mão em seu braço. — Christian — falei, minha voz mais suave. — Você está bem?

Ele quebrou o contato visual e voltou sua atenção para mim. A tensão se derramava dele em ondas, e o conjunto de seus ombros estava visivelmente mais apertado do que quando chegamos.

— Sim. — Seu sorriso não me enganou por um segundo. — Estou bem.

— Você o conhece? — Fiz um gesto sutil na direção do menino, mas quando olhei novamente, ele e sua mãe tinham ido embora.

— Não. Ele... — Christian esfregou a mão sobre sua mandíbula. — Ele me lembrou alguém. Isso é tudo.

Eu tinha um pressentimento de que sabia quem era esse *alguém.*

— Vamos tomar uma bebida —falei. — Já vi tudo o que queria ver aqui.

Ele não discutiu.

Saímos do museu e fomos para um café próximo. Escondido em uma rua tranquila longe dos turistas, estava abençoadamente vazio, exceto por um casal mais velho e uma mulher incrivelmente chique com um cabelo preto e elegante.

Christian e eu nos sentamos no canto da área de jantar ao ar livre. Os outros clientes estavam tão longe que poderíamos estar sozinhos.

Esperei até que o garçom colocasse nossas bebidas na mesa e desaparecesse na cozinha antes de falar.

— A pessoa que aquele garoto te lembrou. Era você? — Eu mantive minha voz suave. Eu não queria que Christian sentisse que eu o estava emboscando, mas nós estávamos namorando tempo o suficiente para que eu não fosse tão cautelosa sobre abordar seu passado como eu costumava ser.

Ele era naturalmente cauteloso, e eu entendia isso. Também não saia por aí compartilhando detalhes sobre minha vida pessoal com quem quisesse ouvir. Mas se fôssemos fazer nosso relacionamento funcionar, ele precisava se sentir tão confortável se abrindo para mim quanto eu me sentia com ele.

Eu pensei que Christian poderia ignorar minha pergunta do jeito que ele sempre fazia, mas ele me surpreendeu com um aceno de cabeça eventual.

— Antes que você pergunte, eu não fui negligenciado quando criança — disse ele. — Não do jeito que você pensa. Meus pais não eram abusivos. Como eu disse, eles eram a família americana por excelência, exceto...

Eu esperei, não querendo empurrá-lo.

— Eu lhe disse que meu pai era engenheiro de software. O que eu não te contei foi como ele ganhou dinheiro extra. — Christian se recostou na cadeira. — Você já ouviu falar do ladrão de arte, O Fantasma?

Meus olhos se arregalaram de surpresa com a mudança aparentemente repentina de assunto, mas eu assenti.

Eu aprendi sobre ele na minha aula de crime artístico e direito em Thayer. O Fantasma, assim chamado porque roubou dezenas de obras de arte de valor inestimável sem deixar vestígios de evidência, foi um dos ladrões de arte mais notórios do final do século XX. Ele operou por quase uma década antes de a polícia finalmente pegá-lo e atirar nele quando ele tentou fugir.

Os detalhes de sua morte eram obscuros e as obras de arte roubadas nunca foram recuperadas.

Eu lhe disse que meu pai era engenheiro de software. O que eu não te contei foi como ele ganhou dinheiro extra.

As palavras de Christian se repetiram na minha cabeça, e minha respiração ficou presa na garganta.

— Seu pai. Ele era...

— Sim.

A palavra silenciosa caiu com a força de uma bomba nuclear.

Oh, meu Deus.

A identidade do Fantasma *nunca* havia sido revelada publicamente, nem mesmo depois de sua morte. Ninguém sabia por que, mas os rumores eram muitos. Alguns disseram que ele tinha uma família poderosa que pagou às autoridades,

outros disseram que sua verdadeira personalidade era tão comum que as autoridades ficaram envergonhadas por não o ter pegado antes.

No espaço de cinco segundos, Christian acabara de responder a um dos maiores mistérios do mundo da arte.

Eu ainda estava pensando nessa nova e explosiva informação quando Christian continuou.

— Ironicamente, ele não era o grande amante de arte da família. Minha mãe era. Ele alegou que roubou as pinturas como prova de seu amor por ela. Sua vontade de arriscar tudo só para fazê-la feliz. Você pensaria que ela tentaria convencê-lo a desistir, mas ela o encorajou. Às vezes, ela até se juntava a ele. Ela adorava a emoção e a ideia de que ele iria a tais extremos por ela. Eles tentaram esconder o que estavam fazendo de mim quando eu era mais jovem, mas acabei entendendo. Havia muitas coincidências entre as misteriosas *viagens de negócios* do meu pai e as datas em que a arte roubada era divulgada no noticiário. Quando confrontei meu pai sobre isso, ele confessou.

Christian me deu um sorriso duro. — Mesmo quando criança, eu não era do tipo que compartilhava os detalhes sujos da minha vida com ninguém. Ele sabia que podia confiar em mim para não compartilhar seu segredo.

Meu peito se apertou com o pensamento de um jovem Christian sendo sobrecarregado com um segredo tão grande.

Talvez seus pais não tivessem sido fisicamente abusivos, mas parecia que eles não se importavam com seu bem-estar emocional ou mental.

— Quando eu tinha treze anos, ele fez outro assalto. Em vez de um museu, ele tentou roubar a casa de um rico empresário. O empresário havia adquirido uma grande obra de arte em leilão, e minha mãe estava desesperada para tê-la. Meu

pai quase se safou, mas disparou um alarme e foi pego ao sair. Ele se recusou a se render, e a polícia atirou nele quando ele tentou roubar uma arma de um policial e fugir novamente. Ele morreu no local.

— Minha mãe enlouqueceu quando ouviu a notícia. Dois dias depois que meu pai morreu, ela decidiu que não poderia viver sem ele e colocou uma bala na própria cabeça. Eu estava na escola. Minha tia veio, me chamou no escritório do diretor e me contou. — Outro sorriso mais amargo atravessou o rosto de Christian. — É como uma versão suburbana fodida de Romeu e Julieta. Romântico, não é?

Uma dor profunda e dolorosa se desenrolou atrás das minhas costelas.

Eu não conseguia imaginar como era crescer na família em que ele cresceu, ou perder ambos os pais em uma idade tão jovem. Eu não tinha o melhor relacionamento com os meus pais, mas pelo menos eles estavam vivos.

— Minha mãe preferiu morrer a viver sem meu pai, mas ela estava perfeitamente bem deixando seu único filho para trás. — A risada mordaz de Christian queimou meus pulmões. — O amor de uma mãe é o maior amor de todos, certo? Isso é besteira.

A dor se espalhou atrás dos meus olhos.

Eu peguei a mão dele e enrolei a minha sobre ela.

— Eu sinto muito — falei baixinho. Eu não sabia mais o que dizer.

Desejei ter palavras mágicas que eu pudesse proferir para o fazer se sentir melhor. Mas nada poderia mudar o passado, e as pessoas tinham que lidar com seus traumas em seu próprio tempo.

Christian estava segurando o dele por décadas. Seria

preciso mais do que algumas palavras bonitas para curá-lo.

A melhor coisa que eu poderia fazer era estar lá para ele quando finalmente estivesse pronto para enfrentá-lo.

— Eu nunca disse isso a ninguém antes. — A expressão assombrada permaneceu em seus olhos por mais um momento antes de desaparecer.

— Agora que arruinei uma bela tarde italiana com minha pobre história triste, devemos ir. — Christian se levantou, seu rosto uma máscara impassível mais uma vez. — Temos reservas para o almoço em meia hora.

— Você não estragou tudo. — Eu apertei sua mão. — Eu me importo mais com você do que com qualquer refeição chique ou passeio em museu.

A mandíbula de Christian flexionou. Seu olhar segurou o meu por um breve e ardente momento antes que ele se virasse.

— Nós devemos ir — ele repetiu, sua voz rouca de emoção.

Deixei o momento passar. Eu senti que ele atingiu seu limite para introspecção pessoal hoje.

Pagamos e saímos do café, mas quando nos aproximamos da rua principal, ele parou. — Stella.

— Hum?

— Obrigado por ouvir.

A dor voltou com força total. — Obrigada por me dizer.

Christian pensou que tinha arruinado nossa tarde quando, na verdade, ele conseguiu melhorar. Não porque eu gostava de ouvir os detalhes comoventes de sua infância, mas porque ele finalmente me deixou entrar.

Bastava de se esconder atrás de suas paredes.

Apesar de todos os hotéis de luxo em que ficamos, das refeições gourmet que comemos e das atividades extravagantes que fizemos, essa foi a melhor parte de nossa viagem até agora.

Por mais sonhadoras que tenham sido nossas férias, adorei não porque estava na Itália, mas porque estava na Itália com *ele.*

E isso fez toda a diferença do mundo.

39

Christian

A Itália era uma estranha dicotomia de calma e caos. Passei meus dias visitando monumentos locais e fazendo compras com Stella e minhas noites monitorando a situação em D.C. depois que ela adormecia.

Eu tinha pedido um favor a Alex para ficar de olho nas coisas para mim enquanto eu estivesse fora. Ele não tinha nenhuma atualização incomum para mim, mas eu permaneci no limite. Meu instinto me disse que algo estava se formando no horizonte e que eu não gostaria muito do que era.

Até que eu tivesse uma visão mais clara do que eu estava enfrentando, no entanto, não havia nada que eu pudesse fazer.

Afastei os pensamentos de D.C. da minha mente enquanto Stella e eu descíamos uma rua sinuosa em Positano. Estava se aproximando do pôr do sol, e tons pastéis pintavam o céu em uma paleta suave de rosa, roxo e laranja.

Estávamos na terceira semana de nossa viagem à Itália e deixamos as cidades para trás pelo charme à beira-mar da Costa Amalfitana. Havíamos passado por Salerno e Ravello e chegamos ontem a Positano. Em seguida seria Sorrento, seguido por nossa última parada em Capri.

Um sorriso brincou em minha boca quando Stella inclinou a cabeça para trás com uma expressão sonhadora.

Ela sempre foi bonita, mas na Itália, livre das pressões da cidade e da ameaça à espreita de seu perseguidor, ela era uma pessoa diferente. Mais feliz, mais brincalhona e despreocupada,

mesmo comparada ao Havaí.

Entrelacei meus dedos nos dela quando retomamos a caminhada em direção a um ponto para assistir ao pôr do sol. Eu normalmente odiava ficar de mãos dadas, mas eu poderia fazer uma exceção ocasional. Afinal, estávamos de férias.

— Então, a Itália atende às suas expectativas? — perguntei.

— Não. — Um sorriso travesso apareceu na minha sobrancelha levantada. — Superou. Este lugar é... — Ela suspirou. — *Incrível.* Quero dizer, olhe para isso.

Meu sorriso floresceu quando ela soltou minha mão e girou. Seu vestido branco rodopiou em torno de suas coxas, e o sol poente dourava sua pele como ouro.

Ela parecia tão contente e em paz que eu desejei poder nos manter aqui para sempre, abrigados em uma bolha e intocados pelos perigos que espreitavam em casa.

— Prefiro olhar para você — eu disse.

Stella parou na minha frente, sem fôlego de seu giro. Seu olhar se fixou no meu, e o ar de verão ficou mais pesado entre nós, doce com os aromas de limão verbena e sol.

— Para alguém que afirma que não é romântico, você diz as coisas mais românticas. — Ela arrancou uma pétala de uma árvore próxima e a enfiou no bolso da minha camisa de linho. — Estou de olho em você, Christian Harper. Por baixo desse exterior duro e cínico... — Ela apertou a mão contra o meu peito. — Você é um cara de coração mole.

Eu teria rido se ela não estivesse meio certa.

Apenas para você.

Eu levantei sua mão e enrolei a minha protetoramente ao

redor dela.

— Se você contar a alguém, terei que matá-lo. — Sorri para suavizar a afirmação, embora não estivesse brincando.

No meu mundo, a fraqueza era inaceitável, e ela era a maior fraqueza que eu tinha.

Stella me deu um olhar exasperado. — Você sempre tem que trazer a morte para isso.

Eu ri.

Continuamos caminhando até chegarmos ao mirante. Aninhado no alto das colinas e escondido do tráfego turístico, oferecia uma vista perfeita dos edifícios em tons pastel e do mar azul profundo abaixo.

Stella descansou a cabeça no meu ombro e olhou sonhadoramente para a paisagem. — Estou apaixonada por este lugar.

Eu envolvi um braço em volta de sua cintura e a puxei para mais perto. Meus olhos se demoraram nas linhas delicadas de seu perfil, traçando um caminho desde os cachos escuros soltos que ondulavam ao redor de seu rosto até o brilho em seus olhos e a curva de seus lábios.

Eu não ligava muito para arte, mas se eu pudesse imortalizá-la naquele momento como uma pintura, eu o faria.

O sol poente lançava um brilho lindo sobre a ilha, mas não me incomodei em olhar para a vista. Eu mantive meu olhar em Stella.

— Eu também.

* * *

Stella

Meu relacionamento com Christian podia ser medido em mudanças incrementais. Começou com minha mudança para o Mirage e avançou passo a passo – nosso quase beijo, sua confissão, jantar com minha família, Havaí, nosso beijo de verdade e um milhão de outros momentos que nos transformaram de estranhos em algo muito mais.

Mas nosso tempo na Itália, especialmente depois do que ele compartilhou sobre sua família, pareceu mais do que uma mudança incremental.

Parecia um ponto de virada.

Talvez o ponto de virada devesse ter sido nossa primeira vez fazendo sexo ou quando concordamos em namorar oficialmente, mas Christian nunca compartilhou tanto sobre si mesmo quanto em Roma. E não tinha sido qualquer coisa; foi uma parte fundamental de sua educação, algo que o moldou em quem ele era hoje.

Ele finalmente se abriu. Seu passado era feio e confuso, mas era real, e isso era tudo que eu podia pedir.

Virei a cabeça e vi Christian ajustar algo no painel de instrumentos do barco.

Eu o tinha visto comandar um barco antes no Havaí, mas isso foi no escuro. À luz do sol, vestindo nada além de short de banho Tom Ford preto e quilômetros de pele bronzeada, ele parecia um deus grego que desceu do Monte Olimpo.

— Você deveria comandar um barco com mais frequência. — Eu me espreguicei, deleitando-me ao sol. — É sexy.

Era algo que eu teria medo de dizer a qualquer outra pessoa, mas eu não precisava me preocupar quando estava

com Christian. Eu poderia dizer qualquer coisa e ele não iria julgar ou rir de mim.

Seus olhos brilharam com diversão. — Bom saber. — O timbre rico e levemente rouco de sua voz enviou um arrepio delicioso pela minha espinha.

No momento, estávamos ancorados na costa de Capri, nossa última parada na Itália.

Não havia ninguém por perto além de nós, uma brisa suave e o leve cheiro de protetor solar de coco e maresia tingida do sal. As famosas rochas Faraglioni da ilha destacavam-se à distância como sentinelas montanhosas emergindo das profundezas azuis do mar Tirreno, e o balanço suave do barco dava uma qualidade onírica à cena.

Na verdade, todo o mês passado tinha sido um sonho, e eu estava com medo de acordar e descobrir que tudo tinha sido uma invenção da minha imaginação.

Havia magia na realidade, não importava quão temporária.

— Você está pensando demais de novo. — Christian sempre sabia quando eu descia em espiral pelos caminhos escuros da minha mente.

— Eu não posso evitar — eu admiti. — É minha configuração padrão.

Ele se acomodou ao meu lado e passou um braço musculoso em volta da minha cintura. — No que você está pensando?

— Sobre como isso não parece real — eu disse suavemente. — É muito bom para ser verdade.

Toda vez que algo bom acontecia comigo, algo terrível espreitava nas beiradas, esperando para me arrastar para baixo.

Meu relacionamento com Christian tinha sido perfeito até agora, mas uma parte de mim estava esperando por aquele acidente inevitável.

— É *verdade.* — Ele pressionou sua boca na base da minha garganta. — E se não for, vou encontrar uma maneira de torná-lo real. — Seus beijos queimaram um caminho pelo meu pescoço até minha boca. — Não há nada que eu não faria por você, Stella.

Meu coração se expandiu tão rápido e cheio que pensei que poderia explodir.

— Eu sei — eu sussurrei.

Christian deu um beijo leve na minha boca antes de deslizar a mão sobre meu quadril. — Bom. Agora... — Ele enganchou um dedo na corda do meu biquíni. — Vamos aquietar essa sua mente hiperativa, vamos?

O ar mudou. O calor afogou a emoção suave de um momento atrás, de repente, minha pele corada não tinha nada a ver com o sol escaldante acima.

Eu arqueei uma sobrancelha em uma tentativa de ir com calma. — Como você propõe que façamos isso?

Seu sorriso perverso se curvou como um fio sensual de fumaça no meu estômago. — Tem muita corda no barco, Butterfly.

A sugestão pulsava com dolorosa insistência entre minhas coxas. Ele sabia que eu gostava de ser amarrada, mas...

— Aqui? — eu chiei.

Estávamos no mar aberto. Não havia mais ninguém por perto, mas alguém *poderia* aparecer a qualquer momento.

— Ninguém vai nos ver. Eu prometo. — Christian me

observou com cuidado, seus olhos como poças de âmbar banhado em ouro na luz do sol. — Você confia em mim?

Meu pulso vibrou com os nervos, mas depois de um segundo longo e hesitante, eu assenti.

Se ele dizia que ninguém nos veria, ninguém nos veria.

Eu nunca diria a ele porque eu não queria inflar seu ego em proporções do tamanho de Júpiter, mas eu estava convencida de que Christian poderia derrubar as estrelas se ele quisesse.

Minhas reservas derreteram quando senti a primeira mordida da corda em volta dos meus pulsos. Eu tinha tirado meu biquíni por suas ordens, e me deitado de bruços no assento acolchoado no final do barco enquanto ele amarrava meus pulsos acima da minha cabeça.

Quanto mais apertados os nós, mais molhada eu ficava.

Eu costumava me sentir envergonhada ou tímida com minhas tendências sexuais, mas estar com Christian tinha colocado a maioria das minhas preocupações em escanteio. Ele nunca me fez sentir mal sobre o que eu queria na cama. Ele me empurrava para fora da minha zona de conforto e abraçava minhas fantasias tão completamente que pareciam normais – o que *eram*, de acordo com minha pesquisa online, mas havia uma diferença entre saber algo e sentir.

Ainda assim, meu corpo se apertou de surpresa quando vi o lenço de seda em suas mãos.

— Se você quer que eu tire, fale — Christian avisou.

— Ok. — Minha voz estava mais alta que o normal.

Eu nunca tinha sido vendada durante o sexo. O pensamento de não ver o mundo ao meu redor fez meu estômago revirar, mas minha tensão aliviou quando ele

amarrou o lenço em volta dos meus olhos.

A sugestão da luz do sol filtrando através da seda fina foi o suficiente para me ajudar a relaxar.

Eu esperei.

E esperei.

Ouvi Christian se movendo ao redor do barco, mas ele não me tocou.

Na ausência de estimulação visual, todos os meus pensamentos se voltaram para o quão vulnerável eu estava naquele momento. Minhas mãos amarradas, meus olhos cobertos, meu corpo nu e exposto ao seu olhar.

Ele poderia fazer o que quisesse comigo.

Antecipação estremeceu sobre minha pele.

Ouvi um *tinido* suave e passos se aproximando.

Meus músculos ficaram tensos, esperando por…

Um ruído suave de surpresa escapou quando algo frio pressionou entre meus seios.

Um cubo de gelo.

Não tocou meus mamilos, mas eles imediatamente endureceram com o frio próximo. Eles cutucaram meu biquíni, tão sensível que o atrito enviou um formigamento direto para o meu núcleo.

— É um dia quente — disse Christian preguiçosamente. — Precisamos esfriar você antes de começarmos.

Minha respiração ficou ofegante quando ele arrastou o cubo de gelo até meu estômago, depois subiu novamente, repetidamente até derreter contra a minha pele.

Ouvi outro *tilintar,* seguido pelo deslizamento de outro cubo de gelo sobre meu mamilo.

Arrepios irromperam por toda parte.

Meus mamilos não estavam mais apenas duros; eles eram quase dolorosos com a necessidade quando ele os circulou com o cubo e o esfregou sobre os picos firmes.

Justo quando eu não aguentava mais, quando o prazer e a dor formavam uma queimadura insuportável, o calor úmido da boca de Christian substituiu o frio.

A mudança repentina de temperatura enviou ondas de choque pelo meu corpo.

— *Christian* — engasguei. — Oh, Deus.

Não era apenas o gelo, as amarras apertadas em meus pulsos e o jeito que eu as puxava e torcia faziam tudo parecer incrivelmente erótico. Era o jogo entre o quente e o frio, o aumento dos meus sentidos devido à venda, e a maneira como ele levava seu tempo dando prazer a cada centímetro do meu corpo.

Meu pescoço, meus seios, meu estômago... quando ele se moveu entre minhas pernas, eu já era uma bagunça molhada e escorregadia tanto da minha excitação quanto do gelo derretido.

Um ruído entre um suspiro e um ganido subiu pela minha garganta quando ele esfregou um cubo caloroso sobre meu clitóris inchado.

— Você tem a boceta mais bonita que eu já vi — Christian gemeu. — Abra mais para mim, baby.

Eu abri mais minhas pernas, e ele empurrou o gelo dentro de mim ao mesmo tempo em que chupou meu clitóris em sua boca.

Um cubo de gelo. Um movimento de sua língua. Um alcance de sua mão para beliscar meu mamilo.

Isso foi tudo o que precisou.

Minha boca se abriu em um grito silencioso quando meu orgasmo explodiu atrás dos meus olhos e viajou pelo meu corpo em ondas elétricas. Era como se as sensações fossem tão intensas que tinham tirado minha capacidade de gritar, suspirar ou fazer qualquer outra coisa, exceto queimar em um fogo tão quente que me desintegrei ali mesmo no convés do barco.

Sem pensamentos, sem palavras, apenas uma pilha desossada de prazer.

O orgasmo continuou aparentemente para sempre, mas quando finalmente cedeu, o som voltou em uma onda ensurdecedora.

Afundei mais na almofada, meu peito arfando com respirações irregulares.

Eu estava tão atordoada que não ouvi Christian trocando de posição até que ele colocou minhas pernas em seus ombros.

— Você está tão linda amarrada e com os olhos vendados. — A ponta de seu pau roçou meu sexo ainda sensível enquanto sua voz se tornava áspera. — Não há ninguém por perto, Stella. Eu posso fazer você gritar tão alto quanto eu quiser. Fodê-la o mais forte que sua boceta aguentar até que você goze em todo o meu pau.

Um gemido necessitado me deixou.

Eu tinha acabado de gozar, mas eu *precisava* dele dentro de mim.

Eu adorava quando ele usava os dedos e a boca, mas não havia nada melhor do que a sensação de Christian me

alongando e me enchendo.

A parte mais íntima dele na parte mais profunda de mim.

Nada mais se comparava.

— Você gosta disso, não é? — ele provocou. — A ideia de eu destruir essa boceta apertada enquanto você está indefesa e amarrada?

— *Sim.* Por favor — eu implorei. — Foda-me.

Outro gemido.

Uma pausa.

E então um golpe de seu pau dentro de mim enquanto ele me fodia como eu tinha pedido.

Não, não fodia, ele me devastava, me virando do avesso com seu toque e suas palavras.

Meu corpo estava praticamente dobrado em dois com meus tornozelos perto de minhas orelhas e minhas mãos amarradas juntas acima da minha cabeça enquanto Christian batia em mim.

Brutalmente. Impiedosamente. Perfeitamente.

Cada impulso me enviou deslizando em direção à borda do assento, e meu mundo se transformou em uma névoa de sexo, suor e calor.

A venda tornou tudo duas vezes mais intenso – a sensibilidade da minha pele, a sensação de seu pau dentro de mim, os sons de guinchos e gemidos quebrados misturados com seus grunhidos e o tapa obsceno de carne contra carne.

Eu ansiava pela liberação, mas não queria que terminasse.

As mãos de Christian apertaram meus tornozelos quando ele se inclinou sobre mim e forçou minhas pernas mais para

trás.

Eu era flexível o suficiente para que o ângulo não doesse. No entanto, isso permitiu que ele deslizasse mais fundo do que nunca, e eu não pude segurar um suspiro com a nova sensação.

A dor no meu centro atingiu um nível excruciante.

— Tão apertada. Tão molhada. Tão *minha*. — Um arrepio passou por mim com a possessividade escura em sua voz. — Goze para mim, Stella.

Ele ficou enterrado dentro de mim enquanto ele estendia uma mão para baixo para beliscar meu clitóris.

Desta vez, meus gritos ecoaram no ar abafado enquanto meu corpo tremia com a força do meu clímax. Eu gozei com tanta força que as lágrimas brotaram dos meus olhos e escorreram pelo meu rosto por trás da venda.

— Boa menina.

Christian beijou as lágrimas e diminuiu seus impulsos, prolongando minha liberação até que ele torceu cada gota de prazer de mim.

Foi só quando fiquei mole de prazer que ele também gozou com um gemido alto.

Ficamos ali por um tempo, ofegantes e extasiados. Quando nossas respirações finalmente desaceleraram, ele se soltou de mim e removeu a venda.

O mundo explodiu em cores novamente, e eu pisquei algumas vezes para me ajustar à luz.

— Espero que isso tenha ajudado com os seus pensamentos excessivos. — Christian desamarrou minhas mãos, sua declaração casual em desacordo com a selvageria

com que ele tinha acabado de me foder.

Ele alisou os dedos suaves sobre onde a corda tinha mordido em meus pulsos até que a queimadura fraca diminuiu.

— Sim. — Soltei uma risada sem fôlego. — Melhor tipo de cura.

Christian ficou à vista, sua pele corada da nossa sessão mais recente. De alguma forma, ele parecia ainda mais lindo do que antes.

Suas sobrancelhas se ergueram sob meu escrutínio. — O que há de errado?

— Nada. — Meu sorriso cresceu. — Absolutamente nada.

Eu não queria me mexer, mas me forcei a sentar e colocar meu biquini para o caso de encontrarmos outros barcos mais tarde.

Christian afundou no assento ao meu lado e passou um braço em volta dos meus ombros enquanto eu me aconchegava mais perto dele.

O balanço suave do barco, o bater suave das ondas, o contentamento quieto e sonolento no ar...

Eu não poderia ter pedido uma tarde mais linda.

Passei a mão preguiçosa no abdômen e no peito de Christian. Eu raramente tinha a chance de absorvê-lo assim. Ele sempre era quem cuidava de mim, não o contrário.

Eu descansei minha mão em seu peito e beijei meu caminho ao longo da curva de seu ombro, até seu pescoço e ao longo de sua mandíbula.

Christian permaneceu parado, deixando-me explorá-lo à vontade.

O mundo o via como um CEO rico e bonito, o que ele era. Mas havia outra camada de Christian Harper sob seu exterior cuidadosamente cultivado.

Eu percebia o jeito que ele olhava para mim como se eu fosse a coisa mais linda que ele já tinha visto.

Eu ouvia isso na maneira como ele me encorajava e me defendia.

E eu sentia isso no jeito que ele me segurava como se ele nunca quisesse me soltar.

Eu pressionei meus lábios no canto de sua boca, meu coração doendo por uma razão que eu não conseguia nomear.

Homens ricos e bonitos eram uma dúzia, mas homens com corações como o dele eram uma raça rara.

Ele não era perfeito, mas era perfeito para mim.

Meus lábios roçaram os dele uma vez. Duas vezes.

Talvez fosse o sol, a calmaria sonhadora depois de um mês na Itália, ou minha persistente alta pós-orgástica.

Fosse o que fosse, abriu uma garrafa escondida de coragem que derramou na minha língua e empurrou três pequenas palavras para fora.

— Eu te amo — eu sussurrei.

Eu sabia que ele não acreditava no amor.

Eu sabia que havia uma forte chance de ele não dizer isso de volta.

Mas eu tinha que dizer a ele de qualquer maneira.

Já era hora de parar de me impedir de fazer as coisas que eu queria por causa de como as pessoas *podiam* reagir.

O corpo inteiro de Christian ficou imóvel. Até sua respiração parecia ter cessado.

Eu levantei minha cabeça. Uma tempestade escura e tumultuosa se formou em seus olhos e carregou o ar com eletricidade.

— Stella... — Sua voz crua envolveu meu coração como uma videira. — Eu não mereço o seu amor.

— Você merece isso mais do que ninguém. — Seu batimento cardíaco trovejava sob minha mão. — Eu não estou esperando que você diga isso de volta agora. Mas eu queria que você soubesse.

O peito de Christian subia e descia com respirações irregulares. Ele enrolou a mão em volta do meu pescoço e pressionou a testa na minha.

— O dia em que te conheci — disse ele. — Foi o dia mais sortudo da minha vida. Você sempre foi a parte mais brilhante do meu mundo, Butterfly. E você sempre será.

A profundidade da emoção em suas palavras picou meus olhos. — Você não me parece um cara que acredita na sorte.

— Eu acredito em tudo quando se trata de você.

Inclusive amor.

A implicação ressoou no timbre de sua voz e na maneira como ele me beijou novamente, como se estivesse se afogando e eu fosse sua única fonte de oxigênio. Vital. Preciosa. Amada.

Eu me derreti em seu abraço e deixei que ele me arrebatasse do jeito que sempre fazia.

Christian tinha seus problemas com a palavra com A, então eu entendia por que era difícil para ele dizer isso em voz alta.

Mas eu não precisava ouvir quando *sentia*. E minha

convicção em nosso amor era tão forte, o alto da minha confissão foi tão grande, que abafaram as pequenas e insidiosas vozes sussurrando que as maiores quedas sempre vinham depois das maiores altas.

40

Stella

Infelizmente, todos os sonhos tinham que acabar.

Nossa viagem de barco em Capri foi nosso último dia inteiro na Itália antes de Christian e eu voltarmos para D.C. com duas novas malas de presentes e lembranças e minha confissão de amor atrás de nós.

A velha eu teria se sentido envergonhada por dizer essas palavras e não as ouvir de volta, mas a nova eu (porque ainda havia partes da velha eu lá) estava mais confortável deixando as coisas acontecerem em seu próprio tempo.

Dito isto, nosso retorno à cidade foi mais chocante depois da Itália do que depois do Havaí. Depois de um mês afastados, Christian foi imediatamente arrastado pelo caos do trabalho, e passei uma boa semana respondendo os e-mails, correspondências e tarefas que se acumularam enquanto estávamos fora.

Visitei Maura, trabalhei no meu plano de marketing, bebi com Ava e Jules e fiz um milhão de coisas.

A adaptação à minha vida diária normal foi mais difícil, em parte porque eu estava fora por mais tempo e em parte porque havia *muito mais* a fazer desta vez.

Quando a semana terminou, eu estava cansada, mal-humorada e precisando desesperadamente de uma longa sessão de yoga restauradora.

Decidi levar aquela segunda-feira devagar e estava fazendo

meu habitual smoothie matinal quando meu telefone acendeu com uma chamada recebida.

— Olá?

— Oi, Stella, aqui é Norma.

Minha mão congelou sobre o liquidificador.

Norma era uma das minhas enfermeiras favoritas na Greenfield, mas ela não ligava do nada a menos que algo estivesse errado.

Coloquei a meia xícara de gelo de volta no balcão e enrolei meu colar em meu dedo.

— Maura está bem?

Ela parecia bem quando a visitei ontem, mas qualquer coisa poderia ter acontecido desde então. Ela poderia ter tido uma convulsão, uma queda, ter batido a cabeça...

Os piores cenários corriam desenfreados pela minha cabeça.

— Ela está fisicamente bem. — A voz calmante de Norma aliviou alguns dos meus nervos. — Mas ela, ah, lembrou do que aconteceu com Phoebe e Harold esta manhã.

Só assim, os nervos voltaram correndo. — Oh, não.

Não acontecia com frequência, mas sempre que Maura se lembrava do marido e da filha, ficava extremamente agitada. A última vez que isso aconteceu, ela jogou um vaso em uma enfermeira. Se ela estivesse com força total, a enfermeira estaria em coma agora.

— Como eu disse, ela está bem agora — Norma me assegurou. — Infelizmente, tivemos que sedá-la.

Meu estômago se apertou. Pedi na Greenfield que me

ligassem sempre que sedassem Maura. Não era algo que eles faziam de ânimo leve. A sedação significava que ela teve um dia *muito* ruim.

— Eu vou agora mesmo. — Eu já estava a meio caminho da porta quando Norma me parou.

— Não há necessidade. Eu sei que você quer vê-la, mas ela já está dormindo e você acabou de visitá-la ontem. — Sua voz suavizou. — Eu só liguei para lhe dar o aviso. Não se estresse muito com isso, hum. Essas coisas acontecem, e nós temos tudo sob controle. Eu prometo.

Ela estava certa. Por mais que eu odiasse a ideia de deixar Maura sozinha depois que ela ficou tão chateada, os funcionários da Greenfield eram profissionais. Eles eram treinados para lidar com tais situações e podiam fazer isso com muito mais eficiência do que eu.

— Certo. — Forcei um sorriso embora Norma não pudesse me ver. — Obrigada pela sua ligação. Por favor, deixe-me saber se houver alguma atualização.

— Eu informarei.

Desliguei e fui terminar o café da manhã, mas estava distraída demais para sentir o gosto de qualquer coisa.

Talvez eu devesse passar pela Greenfield mais tarde para o caso...

Meu telefone tocou novamente, desta vez com uma nova mensagem que provava que o dia poderia, de fato, piorar.

Natália: STELLA

Natália: Que diabos é isso?

Uma foto da minha sessão no Havaí acompanhou seu texto. A campanha impressa da Delamonte finalmente foi ao ar

junto com meu perfil na *Washington Weekly*. Julian tinha feito um ótimo trabalho escrevendo, e Luisa ficou emocionada. Ela me enviou um e-mail ontem falando sobre isso.

Aparentemente, minha família estava menos feliz.

Eu podia ver por que eles poderiam ficar chocados. Minhas costas estavam viradas para a câmera na foto que Natalia enviou, mas eu estava obviamente de topless. Minha parte de baixo do biquíni cobria os pedaços necessários e nem um centímetro a mais.

A composição era artística, não desprezível, mas ainda era provavelmente a coisa mais escandalosa em que um Alonso já havia se envolvido.

Stella: Uma foto

Eu não estava com vontade de satisfazer a demanda de Natalia por respostas.

Eu sabia que minha família iria surtar com as fotos do Havaí, mas eu não me importava. Nós não tínhamos falado desde o nosso jantar há quase três meses. Talvez fosse orgulho e teimosia nos mantendo separados, ou talvez eu estivesse certa o tempo todo. Eles não poderiam se importar menos se eu era parte da família ou não.

Eles só se importavam com o que eu estava fazendo se os envergonhasse. Não fiquei nem um pouco surpresa que a primeira mensagem de Natalia para mim em meses envolvesse críticas.

Natália: Você está NUA

Natalia: Mamãe e papai estão pirando!

Stella: Estou SEMINUA. E se mamãe e papai estão pirando, eles mesmos podem me dizer. Eles são adultos. Eles não precisam de você agindo como porta-voz deles o

tempo todo.

Estávamos enviando mensagens de texto, mas eu praticamente podia ouvir seu silêncio atordoado.

Eu passei minha vida fazendo o que minha irmã queria e deixando ela me empurrar. Eu estava cansada disso.

Se meus pais tivessem um problema comigo, eles poderiam dizer na minha cara.

E se Natalia tivesse um problema com *isso,* ela poderia enfiar isso em seu você sabe onde.

Os três pontos que indicavam que ela estava digitando apareceram, desapareceram e depois apareceram novamente.

Natalia: Não sei o que deu em você ultimamente, mas não é fofo. VOCÊ É uma adulta, Stella. Aja como uma.

Natalia: Além disso, seminua não é muito melhor do que totalmente nua.

Natalia: Papai é o chefe de gabinete de um secretário. Como você acha que isso vai refletir nele?

Irritação afundou suas garras em minha pele.

Discutir com Natalia era como discutir com uma parede de tijolos. Ela nunca recuava ou tentava ver o lado da outra pessoa. Ela estava sempre certa, e todo mundo estava sempre errado.

Em vez de mandar uma mensagem de volta, eu liguei para ela.

Quando ela atendeu, eu não lhe dei a chance de falar.

— Eu. Não. Ligo. — Desliguei e coloquei meu telefone no silencioso.

Eu estava agindo como uma pirralha? Talvez.

Eu me arrependeria da minha minibirra mais tarde? Provavelmente.

Mas eu lidaria com isso quando chegasse a hora. Por enquanto, chocar minha irmã ao silêncio foi o ponto mais brilhante da minha manhã.

Ainda assim, eu não conseguia me concentrar no trabalho, então vesti uma camiseta velha e shorts e me voltei para a única coisa que me fazia sentir melhor quando estava super estressada: *limpeza pesada*.

Comecei na cozinha e fui mais fundo na cobertura, tirando o pó e limpando cada canto e fenda. Nina limpava uma vez por semana, mas sua última visita tinha sido há cinco dias, então havia muito o que fazer.

Minhas amigas pensavam que era uma tática estranha de alívio do estresse, mas era a tarefa perfeita e sem pensar. Além disso, cada passagem de um pano úmido na poeira parecia que eu estava limpando a energia estagnada, o que era um bônus.

Eventualmente, cheguei ao escritório de Christian.

Hesitei do lado de fora das portas fechadas.

Só entrava em seu santuário interno para regar suas pobres plantas, das quais continuei cuidando mesmo depois de me mudar. Ele se ofereceu para contratar outra pessoa para fazer isso, mas eu me apeguei a elas.

Christian não se importaria se eu entrasse quando ele não estivesse lá, certo? Ele estava bem comigo indo para regar as plantas. Se ele *não* me quisesse lá, ele teria me dito.

Depois de outro momento de hesitação, abri as portas.

Passei mais tempo no escritório de Christian do que em qualquer outro lugar desde que eu fui muito cuidadosa em colocar tudo de volta exatamente onde estava.

A sala era um escritório monocromático com suas paredes cinza-claro, cadeira de couro preto, vidro maciço e mesa de metal. Até o globo no canto era preto e cinza.

Aparentemente, ele era tão alérgico à cor quanto à arte.

— Christian ainda não sabe, mas vamos adicionar um pouco de vida a você — eu disse a sua mesa. Estava vazia, exceto por seu laptop, dois monitores extras, um peso de papel e um suporte cinza fosco contendo quatro canetas Montblanc idênticas. — Eventualmente.

Limpei a mesa e estava tão ocupada tentando descobrir o que era o peso de papel – um jaguar? Um javali? Um gato deformado? – que acidentalmente derrubei o porta-canetas dele.

Ajoelhei-me e peguei as canetas, mas calculei mal a distância do chão até a mesa e acidentalmente bati minha cabeça contra a parte de baixo ao subir.

— Ai! — Estremeci com a forte explosão de dor.

Talvez os planetas estivessem desalinhados porque hoje *não* era *o* meu dia.

Esperei até que a tontura passasse antes de me levantar novamente. Desta vez, deslizei minha mão contra a lateral da mesa enquanto subia para não cometer o mesmo erro.

É por isso que não posso ter uma mesa de vidro. Ela se misturava um pouco bem *demais* com o ambiente.

Meus dedos roçaram uma pequena protuberância, mas não prestei muita atenção até que me levantei e notei que uma das gavetas havia se aberto.

Parecia diferente das outras. Menor, feita de metal preto em vez de cinza, e aninhada dentro de uma gaveta maior cheia de material de escritório.

Um compartimento secreto.

— Oh, meu Deus. — Eu o encarei incrédula.

Eu sabia que Christian tinha todos os tipos de aparelhos e dispositivos à sua disposição, mas uma *gaveta secreta?* Seriamente? Achei que só existiam em filmes.

Eu deveria fechá-la e seguir em frente. Provavelmente continha informações confidenciais que não eram da minha conta, mas a curiosidade levou a melhor sobre mim.

Uma *espiada* não faria mal, certo? Além disso, o conteúdo parecia inócuo. Apenas um monte de pastas pretas simples.

Peguei o fichário de cima e o abri.

Parecia um monte de texto chato até meus olhos se concentrarem no nome no topo.

Stella Alonso.

Pisquei duas vezes para ter certeza de ter lido isso claramente, mas não importava quanto tempo eu olhasse, as palavras não se moveram.

Passei rapidamente pelo resto da página e percebi que não era apenas um texto aleatório sobre escolas, aniversários e hobbies. Era sobre *mim.*

Tudo sobre a minha vida – meu aniversário, meus amigos, meus hobbies e onde eu estudei, começando com a pré-escola até a faculdade – era apresentado em preto e branco.

Por que Christian teria um arquivo sobre mim? Para olhar para o meu passado para que ele pudesse eliminar o meu perseguidor?

Eu já tinha dito a ele tudo o que sabia, mas talvez ele estivesse preocupado que eu tivesse perdido alguma coisa.

No entanto, quando folheei o resto do fichário, isso claramente não era o caso.

Minha vida inteira foi destilada nestas páginas. Tudo, desde informações básicas como as ocupações dos meus pais até minhas comidas favoritas, atividades extracurriculares da escola e meu maldito professor favorito na faculdade. Ele até tinha uma lista de todas as pessoas que eu já namorei.

Eu vou ficar doente.

Bile cobriu minha garganta, mas eu coloquei o fichário para baixo e peguei o segundo com as mãos trêmulas.

Era pior que o primeiro. Continha dossiês completos não só sobre mim, mas sobre todos os mais próximos a mim, incluindo minha família, amigos, Maura e namorados anteriores.

A terceira pasta abrigava uma coleção de mídia – minhas fotos de formatura da faculdade, um artigo do *Thayer Chronicle* sobre a campanha de comida de férias que eu organizei e uma foto minha participando do meu primeiro desfile de moda que chegou a algum site de fofocas de influenciadores anos atrás, para nomear alguns.

As fotos e artigos eram todos de domínio público. Não havia fotos privadas ou espontâneas, mas vê-las com o resto dos meus arquivos me deu vontade de vomitar.

Por um segundo, pensei que ele poderia ser meu perseguidor, mas não fazia sentido logisticamente. Eu também conhecia Christian bem o suficiente para saber que ele não me aterrorizaria do jeito que meu perseguidor fez.

Não bem o suficiente para que você antecipasse que ele tivesse um dossiê sobre sua vida inteira, uma voz insidiosa cantou na minha cabeça.

Talvez Christian tivesse uma boa razão para os arquivos,

mas ainda era uma enorme invasão de privacidade. Ele não tinha cavado apenas na minha vida; ele cavou em todos que eu conhecia.

Ele fez isso sem o meu consentimento, e ele escondeu isso de mim.

Há quanto tempo ele tinha esses arquivos? Dias? Semanas? *Meses?*

Meu estômago se rebelou, e eu mal cheguei ao banheiro mais próximo antes do meu café da manhã fazer um reaparecimento bagunçado.

Lágrimas ardiam em meus olhos enquanto eu vomitava.

Por essa hora, na semana passada, estávamos em um barco na Itália. Eu disse a ele que o amava, e ele me beijou como se me amasse de volta.

Sete dias pareciam uma vida inteira – tempo suficiente para um sonho se transformar em pesadelo.

Talvez ele precisasse dessa informação para rastrear meu perseguidor. Talvez ele quisesse ter certeza de que ninguém na minha vida era um serial killer. Talvez... talvez...

Eu estava tentando ser otimista, mas tudo que eu conseguia pensar era em Christian sentado em sua mesa, analisando minha vida com a facilidade de alguém digitando na busca do Google.

Mesmo que ele não fosse meu perseguidor, ele cruzou muitos dos mesmos limites. Passou por cima de muitas das mesmas linhas.

A vontade de vomitar aumentou novamente. Eu já tinha vomitado todo o conteúdo no meu estômago, então eu só podia vomitar água na privada.

Eu tenho que sair daqui.

Ele não estaria em casa por mais algumas horas, mas eu não podia arriscar que ele saísse cedo do escritório e me encontrasse assim.

Eu não podia fingir que estava tudo bem quando parecia que nada ficaria bem novamente.

Eu me forcei a sair do chão e rapidamente me limpei antes de entrar em nosso quarto. Embora eu tivesse uma tonelada de coisas guardadas no quarto de hóspedes, eu praticamente me mudei para o quarto de Christian depois do Havaí.

Ele limpou uma seção de seu armário para mim, e a visão das minhas roupas penduradas ao lado de seus familiares ternos escuros torceu meu coração em um nó excruciante.

— Não faria mal para você usar algo diferente de preto, cinza e azul marinho, você sabe. — Estava deitada na cama, enrolada no edredom e vendo Christian se vestir.

Terno. Gravata. Relógio. Abotoaduras.

Eu nunca pensei que ver um cara colocar abotoaduras seria sexy, mas ele fazia tudo parecer sexy.

— Outras cores ferem meus olhos.

— Eu uso outras cores o tempo todo.

— Isso é diferente. Eu amo tudo o que você veste.

Meu estômago revirou, e eu caí de volta no meu travesseiro com um suspiro. — Não é justo que você possa encerrar todas as discussões dizendo coisas assim.

A risada de Christian permaneceu na sala muito depois que ele saiu.

A memória arrancou um sorriso de mim, mas desapareceu

quando minha realidade atual afundou novamente.

As pastas. Os segredos. A necessidade de dar o fora daqui antes que ele voltasse para casa.

Eu não podia enfrentá-lo agora, não quando minhas emoções estavam tão cruas e em todo lugar.

Eu precisava de tempo para pensar e espaço para processar *longe* dele.

Tirei meus olhos da sua seção do armário e joguei o essencial em uma mochila. Algumas mudas de roupa, produtos de higiene pessoal e o Sr. Unicórnio, que eu peguei na saída.

No último minuto, rabisquei uma nota rápida para Christian e deixei em sua mesa do escritório. Isso e os arquivos deviam ser autoexplicativos.

Eu não estava pronta para falar com ele, mas me preocupava com o que ele poderia fazer se voltasse para casa e descobrisse que saí sem deixar vestígios.

Abracei o Sr. Unicórnio apertado contra o meu peito enquanto pegava o elevador até o saguão. Eu não me importava que eu fosse uma adulta andando em público com um bicho de pelúcia. Ele era o único homem que nunca me decepcionaria.

Eu sabia que Brock estava de olho em mim e que ele alertaria Christian para onde eu tinha ido, mas eu lidaria com isso mais tarde.

Por enquanto, havia apenas um lugar que eu poderia ir que era quase tão seguro quanto o de Christian costumava ser.

— Ava? — Liguei para ela no meu caminho para fora do prédio. Minha voz tremeu, mas me recusei a chorar. *Não agora, não aqui.* — Posso passar por aí? Algo… algo aconteceu.

41

Christian

O perseguidor voltou à clandestinidade durante nossa viagem à Itália, como esperado. Era isso que eu queria; eu precisava dele fora do caminho enquanto eu resolvia a bagunça na minha empresa.

Alex não havia relatado nada suspeito enquanto eu estive fora, mas o instinto me dizia que o perseguidor estava planejando algo maior do que alguns bilhetes bobos e queria voar sob o radar até que pudesse concretizar.

Sua nota para mim provavelmente tinha sido um deslize. Um erro induzido pelo ego que o compeliu a provar que não estava com medo de mim e que não iria embora.

No entanto, eu precisava expulsar o traidor antes de poder lidar com ele de forma eficaz.

O torneio anual de pôquer da Harper Security aconteceria em algumas semanas. Era a única época do ano em que quase todos os funcionários podiam se reunir em um só lugar para uma noite de diversão e relaxamento. As únicas pessoas que não podiam fazer isso eram aquelas em empregos de longo prazo, mas os meus suspeitos estariam lá. Eu tinha certeza disso.

Afrouxei minha gravata enquanto pegava o elevador até meu apartamento. O trabalho era um show de merda esses dias, e minhas noites com Stella eram as únicas coisas que me mantinham são.

Eu te amo.

Meu coração disparou com a lembrança.

Fazia uma semana desde que Stella virou meu mundo de cabeça para baixo, e eu ainda estava me recuperando do impacto.

Eu ficava dizendo a mim mesmo que não acreditava no amor, que o que eu sentia por ela *não* era amor, mas ela quebrou essa ilusão com uma simples frase.

No minuto em que ela disse essas palavras e olhou para mim com aqueles lindos olhos verdes, eu soube a verdade.

Eu estava apaixonado por ela.

Aconteceu lentamente. Pouco a pouco, pedaço por pedaço, como um quebra-cabeça se tornando inteiro, até que eu não pudesse mais negá-lo ou ignorá-lo.

Eu acredito em tudo quando vem de você.

Isso foi o mais próximo que eu pude chegar de admitir a verdade em voz alta. Uma das minhas crenças fundamentais de vida havia se quebrado, e eu não tive tempo de processar.

Quando eu finalmente dissesse as palavras, eu queria que elas fossem reais. Sinceras.

As portas do elevador se abriram.

Entrei no corredor e na minha cobertura, mas parei dois passos para dentro. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram em advertência.

Uma estranha quietude pairava no ar. Normalmente, Stella estava na sala tirando fotos ou trabalhando em sua coleção. Mesmo que ela estivesse em outro lugar, eu a *sentia* quando chegava em casa. Sua presença quente e calmante preenchia qualquer espaço em que ela estivesse.

Essa presença foi substituída pelo cheiro de limão do

desinfetante.

Nina não estava programada para vir hoje, então Stella devia ter sido a única que limpou. Ela só fazia isso quando estava particularmente estressada.

Acelerei meus passos e verifiquei seus cômodos favoritos. Ela também não estava na biblioteca, quarto ou cozinha, nem estava no terraço onde costumava fazer yoga. Eu não tinha nenhuma mensagem perdida dela, e ela não atendeu quando liguei.

— Stella? — chamei. Minha voz soava calma apesar do meu pânico crescente.

Nenhuma resposta.

Ela está bem.

Ela provavelmente saiu para tomar ar fresco ou fazer um lanche. Se algo estivesse errado, Brock teria me contatado.

Cristo, por que está tão quente aqui?

Eu empurrei as mangas da minha camisa para cima. O ar-condicionado estava no máximo, mas eu estava queimando.

Voltei para a sala de estar, mas vi algo que me fez parar ao longo do caminho.

A porta do meu escritório estava aberta.

Eu *sempre* a fechava antes de sair para o trabalho, e Stella nunca entrava lá, exceto para cuidar das plantas. Mesmo assim, ela fechava a porta ao sair.

Eu puxei minha arma do meu cós e a mantive na mão quando entrei no escritório.

Pressentimento frio percorreu a parte de trás do meu pescoço.

A primeira coisa que notei foram os papéis caídos na minha mesa, junto com três pastas pretas simples, mas distintas.

A segunda coisa que notei foi a nota escrita em sua letra delicada.

Precisamos conversar sobre os arquivos, mas não estou pronta. Voltarei quando estiver.

Eu soltei uma série de maldições.

Eu não deveria ter deixado os arquivos em algum lugar onde ela pudesse tropeçar neles, mas eu queria mantê-los por perto e não consegui jogá-los fora depois de todos esses anos.

E se ela os visse e pensasse...

— Stella! — Desta vez, meu pânico foi audível.

Eu sabia que ela não estava lá, mas isso não impediu que meu estômago girasse com o silêncio.

Porra, baby, onde diabos você está?

Agarrei-me à esperança de que ela tivesse saído para reunir seus pensamentos e voltaria naquela noite até que eu entrei novamente em nosso quarto e fiz um balanço do que estava faltando.

Suas roupas favoritas. Seus artigos de banheiro. Aquele maldito unicórnio.

Meu sangue rugiu em meus ouvidos.

Stella não tinha saído durante a tarde.

Stella havia ido embora, ponto final.

* * *

Depois do meu ataque inicial de pânico cego, eu me recompus e liguei para Brock. A menos que Stella escapasse dele, o que eu duvidava, ele tinha que saber onde ela estava.

Levei menos de um minuto para conseguir a localização dele. Ela estava segura, e ele simplesmente pensou que ela estava visitando uma amiga.

Eu teria despedaçado ele por uma suposição tão idiota – quem diabos visitava sua amiga com uma porra de um unicórnio de pelúcia? – se eu não estivesse tão focado em chegar a Stella o mais rápido possível.

Claro, ela teve que escolher o único lugar onde eu não poderia facilmente entrar e exigir vê-la.

— Volkov! — Eu bati na porta. — Abra a porra da porta!

Eu estava batendo e tocando a campainha nos últimos cinco minutos, e eu usei toda a minha paciência.

Eu tinha feito muito trabalho técnico desagradável para Alex ao longo dos anos. Eu tinha sujeira suficiente sobre ele para enterrá-lo vivo, e se ele não respondesse nos próximos trinta segundos...

A porta finalmente se abriu.

Em vez dos frios olhos verdes de Alex, encontrei-me olhando para um metro e meio de suspeita velada.

— Oh. É você. — Uma carranca marcou o rosto normalmente amigável de Ava quando ela me viu. — Você está interrompendo nosso lanche.

— Eu quero falar com ela.

— Não sei de quem você está falando.

Meus dentes de trás se apertaram. — *Stella.*

A mão de Ava apertou a maçaneta. Ela parou bem na entrada, impedindo-me de entrar. — Ela não está aqui.

— Isso é uma merda. Eu sei que ela está aqui. — Eu abandonei a abordagem mais suave. — Afaste-se, Ava, ou eu vou...

— Cuidado como você termina essa frase, Harper. — Alex apareceu ao lado de sua noiva, seus olhos como lascas de gelo cor de jade enquanto percorriam minha aparência desgrenhada.

Gravata afrouxada, sem paletó, cabelo desgrenhado pelo número de vezes que passei meus dedos por ele em frustração.

Era o mais despenteado que eu tinha me apresentado desde que atingi a maldita puberdade, mas não me importei.

Eu só me importava com uma coisa, e isso era ver Stella.

Minha mandíbula flexionou. — Eu não vou embora até vê-la.

Olhei para Alex, que olhou de volta com uma expressão entediada. Ele não dava a mínima para o drama de outras pessoas, a menos que envolvesse diretamente Ava, mas ele sabia o quão teimoso eu era.

Eu quis dizer o que eu disse. Eu acamparia no maldito corredor até poder falar com Stella.

Eu só precisava explicar.

Ela iria entender. Ela precisava.

Alex lançou um olhar para Ava, que balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Você ouviu o que ele fez! Ele... — Ela parou, obviamente percebendo que ela estragou tudo.

A confirmação de que Stella estava lá dentro renovou meu fogo.

— Stella! — gritei.

Desespero e algo mais pesado, mais estranho se instalaram em meu peito.

Temor.

Não medo de que Stella estivesse em perigo físico, mas medo de não a ver e de perdê-la para sempre.

— Apenas me deixe falar com você. — Eu nem sabia se ela podia me ouvir, mas eu tinha que tentar. — Eu…

— Sai. Daqui. — Ava empurrou contra o meu peito. Para alguém tão pequena, ela era surpreendentemente forte. — *Ela não quer te ver.*

— Gente, tudo bem.

Todos nós congelamos ao som da voz de Stella.

Meus olhos procuraram por cima do ombro de Alex até encontrá-la.

Ela estava no meio da sala, seu rosto pálido. Ela não olhou para mim enquanto falava com Ava. — Deixe-o entrar.

— Mas Stel, e se ele…

— Eu só quero acabar com isso — disse Stella. — Ele não vai fazer nada enquanto vocês estiverem aqui.

Uma lança de dor atravessou meu coração. — Eu nunca te machucaria.

Ela não me reconheceu.

Ava soltou a maçaneta e deu um passo para o lado com óbvia relutância.

Imediatamente passei por ela e ignorei os olhares de advertência dela e de Alex enquanto seguia Stella mais fundo

no apartamento.

Ela começou a andar antes de eu entrar totalmente, mas eu a acompanhei facilmente até chegarmos ao que devia ser o quarto dela.

Sua mochila estava no chão ao lado do unicórnio, e suas roupas cobriam a cama.

Meu estômago apertou com a visão.

Eles não deveriam estar aqui. Ela pertencia a *mim*, na minha casa, não na porra do quarto de hóspedes de sua amiga.

Stella fechou a porta e finalmente me encarou.

Agora que eu estava mais perto, eu podia ver o vermelho nos olhos dela e colorindo seu nariz. O pensamento de que eu era responsável por suas lágrimas fez meu coração doer da maneira mais dolorosa.

— Stella...

— Não. — Ela abraçou a cintura com os braços. — Só quero saber uma coisa. Você é o perseguidor? — Sua voz vacilou na última palavra.

Eu empalideci. — *Não*.

Eu tinha feito muitas coisas moralmente questionáveis e absolutamente horríveis na minha vida, mas eu nunca iria aterrorizá-la assim.

— Então por que você tem esses arquivos sobre mim? — Seu queixo tremeu. — Nós nos conhecemos no ano passado, mas aquelas fotos são de *anos* atrás. As informações sobre mim, meus amigos, minha família... que possível razão você poderia ter para cavar tão fundo?

O anel turquesa pesava no meu bolso. Um símbolo dos segredos que guardei e das mentiras que contei.

— Porque a primeira vez que te vi não foi no dia em que você assinou o contrato do Mirage — eu disse. — Foi há cinco anos.

A boca de Stella se abriu em choque.

A verdade emergiu em pedaços depois de anos escondida.

— Eu estava sentado do lado de fora de um café em Hazelburg. Você estava passando quando alguém pegou sua bolsa e correu.

Eu não tinha me importado com um roubo tão pequeno, mas fiquei intrigado o suficiente para ficar e assistir a cena se desenrolar.

— Eu me lembro daquele dia — Stella disse calmamente. — Era meu último ano de faculdade. Eu estava voltando da aula para casa.

Eu balancei a cabeça. — Um transeunte pegou o garoto, a polícia veio, e deveria ter sido isso. Mas quando você descobriu que ele roubou sua bolsa porque precisava do dinheiro para comprar comida, você *deu* a ele todo o dinheiro que tinha em mãos em vez de prestar queixa.

— Tem certeza? — O policial olhou para a morena como se não acreditasse no que estava ouvindo. — Você quer dar a ele o dinheiro?

— Sim. — Ela olhou para o adolescente mal-humorado. Ele olhou de volta para ela, mas eu vi o menor brilho de esperança em seus olhos. — O dinheiro significa mais para ele do que para mim.

— Ele tentou roubar de você. — O oficial parecia tão perplexo quanto eu.

Eu me encostei em um prédio próximo, mexendo em meu

telefone, mas toda a minha atenção estava focada na interação acontecendo a menos de três metros de distância.

Eu não sabia o que me compeliu a ficar por perto depois que o garoto foi pego, mas eu estava feliz por ter feito isso.

Eu estava entediado o dia todo, mas isso... isso era interessante.

Por que diabos alguém daria dinheiro para a pessoa que tentou roubá-lo?

— Sim, eu sei — disse a morena pacientemente. — Mas ele é apenas um garoto, e ele precisa do dinheiro. Acusações não são necessárias.

O oficial balançou a cabeça. — É o seu dinheiro.

Eu o desliguei enquanto ele fechava o caso e examinava a morena, fascinado.

Eu a ouvi dizer seu nome quando a polícia chegou.

Stella Alonso.

Ela parecia ter vinte e poucos anos, com cabelos escuros encaracolados, olhos verdes e um sorriso rápido e caloroso. Ela era linda, mas não foi isso que me cativou.

Era a gentileza com que ela falava. O absurdo de sua ação. O otimismo inabalável em seus olhos, mesmo quando uma tentativa de assalto em plena luz do dia, deveria ter abalado sua fé na humanidade.

A maneira como ela reagiu não foi nada do que eu esperava. Se havia uma coisa que nunca deixava de despertar meu interesse, eram as pessoas que subvertiam minhas expectativas.

Um sorriso curvou meus lábios pela primeira vez naquele dia.

Eventualmente, o oficial saiu depois de dar um aviso severo ao adolescente. O garoto permaneceu como se quisesse dizer alguma coisa. Ele devia ter pensado melhor porque logo saiu correndo sem dizer uma palavra, nem mesmo um agradecimento.

Stella não parecia perturbada.

Ela simplesmente colocou a bolsa no ombro e foi embora como se nada tivesse acontecido.

Ao fazê-lo, algo escorregou de sua mão.

Eu não a chamei para alertá-la sobre o item perdido. Em vez disso, esperei até que ela desaparecesse na esquina antes de me aproximar e pegar o anel turquesa do chão.

Tirei o anel do bolso. A pedra geralmente quente parecia gelada na palma da minha mão.

Stella olhou para ele por um segundo antes de inspirar profundamente.

— Meu anel. Estava sempre caindo porque era muito solto. Eu pensei que... — Seus olhos encontraram os meus novamente. — Você teve isso esse tempo todo?

Eu engoli em seco. — Isso me lembrava você.

Eu o mantive como um símbolo de sua bondade. Um lembrete de que, em meio a toda morte e caos, uma luz existia em algum lugar do mundo.

Alguns dias, aquela luz foi a única coisa que manteve minha alma intacta.

— Fiquei fascinado — eu disse. — Você era um enigma, um quebra-cabeça que eu não conseguia resolver. Eu não entendia como alguém poderia ser... *boa* o suficiente para fazer o que

você fez. Então eu pesquisei sobre o seu passado.

Não consegui ler a expressão de Stella, mas ela não disse nada, então continuei.

— Começou com informações básicas, mas foi em espiral até se transformar no que você viu. Quanto mais eu aprendia sobre você, mais eu queria saber.

Não queria. *Necessitava*.

Ela era uma contradição viva, e ela consumiu meus pensamentos de uma forma que ninguém e nada tinha feito antes ou depois.

A blogueira de moda que passava horas montando a roupa perfeita e a voluntária que passava seu tempo livre limpando o lixo dos parques.

A estrela da mídia social que estava grudada em seu telefone, mas sempre estava lá para suas amigas.

A introvertida que viveu sua vida aos olhos do público online.

A calma e o caos, o silêncio e a tempestade.

A calma para o meu caos, o silêncio para a minha tempestade.

Eu estava obcecado por Stella Alonso há cinco anos e não conseguia me arrepender.

— Quanto tempo isso durou? — Stella finalmente perguntou, sua voz monótona.

Minha mão se fechou ao redor do anel. — Quase um ano.

— Um ano. — Ela empalideceu ainda mais. — Você esteve me perseguindo por *um ano?*

— Eu não estava perseguindo você. Eu... — Culpa e

frustração apertaram meu peito. — Além das informações gerais, tudo o que eu sabia era de conhecimento público.

Era uma desculpa esfarrapada.

Eu não a segui fisicamente, mas usei todas as ferramentas à minha disposição para cavar através de sua vida. Nada e ninguém ao seu redor estava fora dos limites.

Não era perseguição no sentido tradicional, mas eu cruzei limites enormes, no entanto.

— Eu parei quando... — *Percebi o quão apegado eu estava ficando.* Mesmo assim, eu sabia que Stella era uma distração perigosa, e me ressenti do poder que ela tinha sobre mim. Tinha sido partes iguais fascinantes e frustrantes.

— Eu parei depois disso — eu terminei. — Eu não cavei mais fundo, e eu só sabia o que você postava online. Eu não tinha ideia sobre seu perseguidor, Greenfield ou qualquer coisa que aconteceu que você não falou publicamente.

Levou toda a minha força de vontade para ficar longe fisicamente, mas não importava o quanto eu tentasse esquecê-la, eu não conseguia.

Eu não tinha falado uma palavra com ela, e ela permaneceu no fundo da minha mente por anos.

Então, por um golpe de sorte, sua melhor amiga se apaixonou por Rhys, que encaminhou Stella para meu prédio, e o resto era história.

— Isso não muda o fato de que você mentiu para mim esse tempo todo. — Stella envolveu os braços mais apertados em volta da cintura. — Você me deixou acreditar que nunca nos conhecemos antes.

— Porque não *tínhamos nos conhecido.* Eu não deveria ter enganado você, mas eu não posso mudar o passado. Se eu

tivesse dito o que fiz, você teria ido embora.

Depois de desejá-la por tanto tempo, finalmente tive Stella por perto e não arrisquei afastá-la.

— Eu vou destruir os arquivos — eu disse desesperadamente quando Stella permaneceu em silêncio. — Eu nunca vou olhar para eles novamente, e podemos seguir em frente. — Cada palavra arranhava meu peito.

Sua risada sem humor queimou meus pulmões. — Não podemos seguir em frente disso.

Minha frustração aumentou. Eu não estava acostumado a ser assim, e era mais difícil do que o normal encontrar as palavras certas.

— Por que diabos não?

Por que ela não entendia? Por que eu não podia fazê-la ver que eu tinha mudado nos meses em que estivemos juntos? Que eu não era a mesma pessoa de quando fiz aquele arquivo.

— Porque foi uma *invasão de privacidade!* — ela gritou. Lágrimas escorriam por suas bochechas. — Você *não* teve minha permissão para cavar em minha vida assim. Mas essa sempre foi a nossa história, não é? Você sabe *tudo* sobre mim, e eu não sei nada sobre você. Você quer que outras pessoas sejam um livro aberto enquanto você mantém o seu fechado. Achei que você era tão atencioso e perspicaz porque sabia todas essas coisas sobre mim. Minhas comidas favoritas, minhas flores favoritas..., mas você tinha aquele dossiê estúpido o tempo todo. Foi tão fácil? Bastava abrir o arquivo e ver que besteira você podia jogar no meu caminho para me fazer me apaixonar por você?

Uma sensação estranha queimava atrás dos meus olhos. — Não vejo esse arquivo há anos. Juro...

— Você é o mesmo que meu perseguidor. — A respiração de

Stella ficou rasa. — Não, você é *pior,* porque pelo menos ele não me fez me apaixonar por uma mentira.

Suas palavras me perfuraram como uma faca no meu coração.

— Eu nunca te machucaria — eu repeti.

— Você já machucou.

A faca torceu com mais força.

— Eu confiei em você — ela sussurrou. — Eu confiei em você quando eu mal te conhecia. Acho que foi minha culpa. — Sua risada amarga me fez estremecer. — Você me contou sobre sua família, mas eu nem sei se a história é verdadeira. Isso também era mentira? Eu não tenho ideia de quem você é ou do que você é capaz. Seus sonhos, seus medos...

— Meu sonho é estar com você. E meu maior medo — eu disse, minha voz baixa e áspera de emoção. — É perder você.

Um pequeno soluço sacudiu seu corpo.

Meu coração rachou com o som. Porra, matava-me ser o único causando suas lágrimas.

No fundo, eu sabia que não merecia seu perdão, mas isso não me impediu de instintivamente alcançá-la e querer confortá-la.

Ela se encolheu antes que eu fizesse contato. — Não me toque.

Se ela me trouxe à vida com três palavras *eu te amo*, ela me matou com um número igual. *Não me toque.*

Cada sílaba se arrastou pelo meu coração já destruído como uma lâmina de barbear recém-afiada, deixando nada além de ruínas para trás.

— Eu não posso fazer isso — ela disse, seus olhos brilhando com lágrimas. — Vou tirar o resto das minhas coisas do seu apartamento amanhã.

Pânico cru raspou em minhas veias.

Eu não podia perdê-la. Assim não.

Agarrei-me a única coisa que me restava. — Não é seguro. Seu perseguidor ainda está lá fora.

Stella apertou a mandíbula. — Brock pode ficar, mas é isso. Eu preciso de espaço. Não consigo pensar agora. Eu só preciso... — Sua respiração estremeceu. — Eu preciso que você vá.

Eu tinha quebrado ossos. Fui baleado. Perdi-me no deserto por dias de merda com o sol queimando minha pele.

Nada disso doeu tanto quanto isso.

— Não faça isso. — Minha voz falhou. — Butterfly, por favor.

Eu nunca implorei nada a ninguém. Nem quando meus pais morreram, nem quando precisei de dinheiro para iniciar minha empresa, e nem quando enfrentei a morte iminente nas mãos de um senhor da guerra irritado.

Mas eu ficaria feliz em ficar de joelhos e implorar se isso significasse que Stella ficaria comigo.

— Eu não quero que você fique de olho em mim mais. — Ela continuou como se eu não tivesse falado. — Não através de Brock, Alex, Ava ou qualquer outra pessoa. Não através do meu blog ou redes sociais. Eu sei que você poderia se você quisesse, mas eu estou pedindo a você... — A última palavra quebrou com lágrimas não derramadas. — Para me deixar em paz, Christian.

O ar ficou em silêncio, exceto pelos sons dolorosos de nossas respirações.

Eu estava me afogando. Afogando-me em emoções que nunca havia sentido antes, em águas escuras que saturavam meus pulmões e tornavam impossível alcançar a superfície.

Pânico. Vergonha. Arrependimento.

— Você quer saber outro segredo, Stella? — Minha voz estava irreconhecível em sua crueza. — Eu não posso dizer não para você. — Não quando se tratava das coisas que importavam. — Mas eu sempre estarei aqui se você precisar de mim, não importa a distância ou o tempo. Não me importa se estamos em continentes diferentes ou se daqui a cinco, cinquenta anos. Eu nunca quero que você acorde e sinta que está sozinha porque você não está. Você sempre me terá.

Meus olhos ardiam quando minha última e maior verdade raspou minha garganta. — Eu te amo. Muito.

Achei que dizer essas palavras pela primeira vez seria estranho.

Não foi.

Elas pareciam estar esperando para encontrar seu lar todos esses anos e o encontraram nela.

Stella apertou os olhos. Um soluço quebrado sangrou por seus lábios, mas por outro lado, ela não respondeu à minha confissão.

Era o que eu esperava, mas a agonia torceu meu intestino mesmo assim.

Eu me permiti olhar para ela uma última vez antes de sair e fechar a porta atrás de mim.

Não havia mais nada a dizer.

Ignorei os olhares curiosos de Alex e Ava quando saí do apartamento, meu corpo entorpecido. Pedaços do meu coração estavam espalhados por todo o quarto dela, e minha mente se transformou em um looping infinito de suas lágrimas. Até o sangue parecia ter desaparecido das minhas veias, deixando nada além de um vazio frio para trás.

Não sobrou nada de mim quando tirei todas as partes que pertenciam a ela.

Estou pedindo para você me deixar em paz, Christian.

Sair foi contra todos os meus instintos. Cada molécula do meu corpo exigia que eu ficasse e lutasse por ela, implorando e pedindo até que ela me perdoasse.

Mas eu já tinha cruzado muitos limites com ela, e não podia cruzar outro. Não quando ela explicitamente me pediu para não fazer isso.

Eu quis dizer o que eu disse.

Eu daria a Stella qualquer coisa que ela quisesse, mesmo que isso me matasse no processo.

42

Stella

Esperei até que a porta se fechasse atrás dele antes de desabar.

Soluços arruinaram meu corpo enquanto eu afundava no chão e finalmente deixava o fluxo total de minhas lágrimas fluir.

Eu te amo. Muito.

As palavras ecoaram na minha cabeça como uma provocação, assim como a imagem do rosto de Christian antes de sair.

A agonia em seus olhos. O tormento em sua voz. A fragilidade que eu sentia com tanta certeza como se fosse minha porque *era.*

Meu coração se partiu em mil pedaços irregulares, e cortou e se desfez até que eu não conseguisse parar de sangrar.

Era muito possível que eu morresse aqui mesmo, com os joelhos colados ao peito e minha confiança em frangalhos.

Eu acreditava que ele estava arrependido, e acreditava que ele me amava da maneira que sabia.

Mas isso não mudava o fato de que nosso relacionamento foi construído sobre uma mentira. Ele *sabia* o quanto o perseguidor me traumatizou. O quanto eu odiava a invasão de privacidade e a perda de controle sobre minha própria vida.

Christian fez o que fez antes que o perseguidor aparecesse,

mas ele ficou com esses arquivos por anos e nunca me contou.

Ele segurava todas as cartas enquanto eu segurava apenas as sobras que ele me deu.

Nosso desequilíbrio de poder não era sobre dinheiro ou segurança; era sobre confiança. Eu sempre dei mais do que recebi dele.

O pensamento dele sentado em sua mesa cutucando as partes mais íntimas da minha vida com o mero apertar de um botão enviou outro arrepio na minha espinha.

Puxei minhas pernas mais apertadas contra meu peito e enterrei meu rosto em meus joelhos.

Eu sou tão, tão estúpida.

Eu tinha visto todos os sinais de alerta e os ignorei porque estava muito envolvida na emoção de me apaixonar pela primeira vez.

Estarei sempre aqui se precisar de mim.

Eu deveria estar feliz por Christian ter ido embora. Em vez disso, meu coração se afundou no meu peito enquanto uma enxurrada de memórias tocava na minha cabeça.

Entre no carro, Stella.

Eu nunca quis mais ninguém, e nunca me odiei tanto por isso.

Porque o amor é comum. Mundano. E você, Stella... você é extraordinária.

Eu acredito em tudo quando se trata de você.

Uma semana atrás, estávamos na Itália e estávamos felizes.

Parte de mim desejava nunca ter tropeçado naquele compartimento secreto ou examinado aqueles arquivos. Então

ainda seríamos felizes, e eu não estaria sentada nas ruínas do que costumávamos ser.

Christian era o único espaço seguro que eu tinha, e agora ele se foi.

Meus soluços ofegantes encheram o casulo de meus braços e pernas. Eu estava chorando tanto e por tanto tempo que minhas costelas doíam e eu não conseguia sugar oxigênio suficiente para meus pulmões.

Eu não conseguia respirar. Eu não podia – eu precisava...

— Stella?

Eu ouvi a voz de Ava seguida por uma batida, mas os sons foram silenciados, como se estivessem vindo para mim debaixo d'água.

Eu estava me afogando em dor, e não sabia como sair.

— Está tudo bem. — A voz de Ava estava mais próxima. Ela devia ter entrado quando eu não respondi. — Oh, baby, vai ficar tudo bem. Eu prometo.

Ela passou os braços em volta de mim e esfregou círculos suaves nas minhas costas enquanto eu inclinava minha cabeça contra seu peito e chorava até que eu ficasse sem lágrimas.

Parte de mim tinha previsto esse acidente desde o início. Meu relacionamento com Christian tinha sido muito perfeito, e nada tão bom poderia durar para sempre.

O que eu não esperava era o quanto o acidente iria me quebrar.

Mas a parte mais aterrorizante não era meu coração partido. Era a possibilidade de eu nunca conseguir colar as peças novamente.

43

Christian

— Você tomou sete drinques em duas horas, amigo. — O barman olhou para mim com uma expressão duvidosa.

— E estou pedindo um oitavo. — Pronunciei cada palavra com fria precisão. Eu não xinguei ou balancei. Eu poderia estar bêbado e ninguém saberia. — Você tem algum problema com isso?

Ele ergueu as mãos e balançou a cabeça.

— É o seu fígado.

Absolutamente certo.

Era meu fígado e meu dinheiro. Eu poderia fazer o que diabos eu quisesse com eles.

Virei o copo que ele deslizou em minha direção e o esvaziei em um minuto.

O álcool tinha parado de queimar quatro drinques atrás, e tinha gosto de água descendo.

Isso me irritou. De que adiantava o álcool se não entorpecia do jeito que deveria?

— Este assento está ocupado? — Uma loira deslizou para o banco ao lado do meu antes que eu pudesse responder.

Vestido minúsculo. Pernas longas. Lábios que fariam Angelina Jolie chorar de inveja.

Não lhe dei uma segunda olhada. — Não interessado.

Era a mesma merda todas as vezes. Um cara não poderia beber em paz sem ser perseguido?

Eu poderia ter me livrado do problema e bebido em casa, mas o apartamento estava muito deprimente esses dias. Eu também não queria ir ao Valhalla Club já que todo mundo lá era intrometido *pra* caralho. Ninguém gostava de ver um membro caído mais do que os outros membros.

Então aqui estava eu, escondido em algum bar de merda perto do escritório, afogando minhas mágoas em uísque igualmente de merda.

Se meu fígado se rebelasse, não seria pela quantidade de bebidas. Seria da qualidade delas.

A loira ofendida saiu bufando, claramente não acostumada a ser rejeitada.

Que drama.

Duas semanas desde que Stella e eu terminamos.

Duas semanas de inferno implacável, onde *tudo* me lembrava dela. O liquidificador com o qual ela preparava seus smoothies, a banheira onde ela tomava banho, a cafeteria onde ela comprava seus doces. Mesmo as malditas árvores e plantas lá fora me lembravam dela.

Foi o suficiente para me fazer querer me trancar em uma caixa escura de concreto e nunca mais sair.

O tilintar dos sinos acima da entrada me tirou da minha patética autopiedade e chamou minha atenção para a porta.

Meu coração parou.

Cachos escuros. Olhos verdes. Sorriso caloroso.

Stella.

Por um segundo, pensei que estava alucinando e a conjurei de meus pensamentos.

Então sua voz veio em minha direção, tão real e tangível quanto a almofada de vinil rachada do meu banco e o jogo de beisebol mudo passando na TV.

Eu me endireitei, meu ânimo subindo até que vi o cara de pé ao lado dela. Ele parecia vagamente familiar e disse algo que a fez sorrir.

Minha mão se apertou ao redor do meu copo enquanto uma onda negra e gelada de possessividade ondulava através de mim.

Quem quer que fosse o cara, eu queria matá-lo.

Meus olhos os seguiram enquanto eles se sentavam em uma mesa do outro lado da sala.

Stella ainda não tinha me notado. Ela disse algo mais para o filho da puta morto, mas ela devia ter sentido o peso do meu olhar porque ela finalmente olhou para cima.

Nossos olhares colidiram como faíscas no ar.

Nosso relacionamento se transformou em cinzas, mas o fogo entre nós ainda estava lá, queimando espaço e oxigênio até que fôssemos as únicas pessoas que restavam.

Meu sangue rugiu com o doce alívio de vê-la novamente.

Ela me pediu para deixá-la em paz, e eu deixei. Nós dois aparecendo no mesmo bar na mesma noite teria sido uma coincidência, mas nada era uma coincidência quando se tratava dela.

Era o destino.

O sorriso de Stella desapareceu. Ela se virou, e os sons do bar voltaram em um assobio doloroso.

Eu não tinha certeza do que era pior – vê-la e não poder tocá-la ou falar com ela, ou saber que me ver fez com que sua luz diminuísse.

A inquietação e o desejo de rasgar a garganta do homem com quem ela estava falando se agitaram sob minha pele.

Em vez de pedir outra bebida, deslizei para fora do meu banquinho e abri caminho pela multidão até o banheiro.

A picada de água fria contra meu rosto limpou a neblina da minha visão.

Desistir dela foi a coisa mais difícil e o maior sacrifício que ela poderia ter pedido. Foi contra todos os meus instintos.

Ela nunca saberia se eu verificasse sua mídia social ou blog. Mas toda vez que eu ia pegar o telefone ou abrir o perfil de Stella, algo me segurava.

Estou pedindo para você me deixar em paz, Christian.

Eu puxei uma toalha de papel do dispenser e sequei minhas mãos antes de sair no corredor.

Dei dois passos antes de parar.

Stella estava no final do corredor, sua silhueta alta e esguia contra as luzes do bar. Ainda assim, eu podia ver a forma como seus lábios se separaram em surpresa.

Nós nos encaramos.

A música pulsava a alguns metros de distância, mas aqui, neste corredor, havia apenas silêncio e o zumbido de coisas que eu queria, mas não podia dizer.

Eu sinto muito.

Eu sinto sua falta.

Eu te amo.

Uma explosão de risadas do salão principal quebrou o feitiço. Meu rosto escureceu quando olhei por cima do ombro dela e vi o cara com quem ela chegou brincando com o garçom.

A violência pulsava através de mim ao pensar nele tocando Stella. Segurando-a e fazendo-a rir.

Eu nunca odiei mais ninguém.

Stella devia ter percebido o brilho em meus olhos porque ela seguiu meu olhar e empalideceu.

Caminhei pelo corredor, com a intenção de sair antes de ceder ao desejo de tocá-la. Ela me parou com um aviso baixo no meu caminho.

— Se alguma coisa acontecer com ele, eu nunca vou te perdoar.

As únicas palavras que ela falou comigo depois do nosso rompimento, e elas foram para salvar outro homem.

Um músculo da minha mandíbula flexionou antes de eu passar por ela e sair pela porta.

A frieza invadiu meu peito.

Apenas quando eu pensei que tinha experimentado todas as maneiras que um coração poderia quebrar, ela provou que eu estava errado.

* * *

Stella

Eu caí com partes iguais de alívio e decepção depois que Christian foi embora.

Disse a mim mesma que tinha ido ao corredor para retornar uma ligação, mas poderia ter feito isso fora do bar. A verdade era que eu *queria* aquela interação passageira com ele, e eu me odiava por isso.

Depois de duas semanas, minha explosão de raiva se desvaneceu em uma dor profunda e incessante.

Eu não o havia perdoado, mas sentia tanto a falta dele que era difícil respirar.

Ironicamente, o resto da minha vida estava agitada depois do nosso rompimento. Era como se agora que minha vida amorosa estava em ruínas, o universo estava trabalhando horas extras para me compensar em outras áreas.

A campanha impressa da Delamonte e a entrevista à *Washington Weekly* abriram uma nova enxurrada de oportunidades, como esperado. Luisa estava em êxtase com o andamento da parceria. Maura não teve nenhum problema desde a sedação, o perseguidor não reapareceu e meu blog e mídia social estavam prosperando. Eu não tinha anunciado publicamente meu término com Christian, mas eu não estava mais postando sobre ele. Isso não prejudicou meu engajamento tanto quanto eu pensava, embora eu não me importasse muito de qualquer maneira.

Eu também comecei a procurar butiques locais para a minha coleção. Na verdade, eu estava aqui comemorando com Brady porque uma delas finalmente concordou em receber algumas peças de teste.

No geral, minha vida estava indo muito bem... exceto por Christian e minha família.

Falando nisso...

Respirei fundo e me concentrei novamente na razão pela qual eu tinha me afastado de Brady. Uma rápida olhada me

disse que ele ainda estava falando com o garçom e que Christian não estava à vista.

Talvez eu estivesse sendo paranoica, mas eu poderia jurar que houve um momento em que Christian olhou para ele como se fosse capaz de matá-lo.

Disquei o número da minha última chamada perdida e tentei acalmar meus nervos enquanto o telefone tocava.

Ela atendeu no terceiro toque.

— Oi, Stella.

— Oi, mãe.

Era a primeira vez que conversávamos desde nosso jantar em família em abril.

Quatro meses.

Foi o maior tempo que passamos sem contato, e ouvir sua voz novamente causou um nó na minha garganta.

Eu tinha minhas razões para atacar do jeito que fiz durante o jantar, mas ela ainda era minha mãe.

— Como você está? — Um raro fio de hesitação correu sob sua voz.

— Estou bem. — Eu torci meu colar em volta do meu dedo. — Desculpe, eu perdi sua ligação. Saí com um amigo e não vi antes.

— Tudo bem. Não é nada importante. — Ela limpou a garganta. — Eu li sua entrevista na *Washington Weekly.* Foi ótima, e suas fotos da Delamonte são lindas.

Todo o ar deixou meus pulmões. De todas as coisas que eu esperava que ela dissesse, isso nem estava no reino da possibilidade.

— Sério? — perguntei em voz baixa.

Minha confiança cresceu nos últimos meses, mas sempre haveria uma garotinha dentro de mim que não queria nada além da aprovação dos meus pais.

— Natalia disse que você e papai ficaram chateados com as fotos.

Minha última conversa com minha irmã ainda deixou um gosto amargo na boca.

— Bem, teríamos preferido que você usasse mais roupas — minha mãe disse secamente. — Mas ficamos mais chocados do que chateados. A entrevista, no entanto... eu não tinha ideia de que você tinha feito tanto com o seu blog, ou que você se sentia tão ligada com moda desde tão jovem.

Eu não apontei que era algo que eu estava tentando dizer a ela desde que eu estava no ensino médio. Eu não queria começar outra discussão.

— A entrevista é a única razão pela qual você ligou? — Eu não ficaria surpresa. Meus pais adoravam qualquer coisa que fizesse a família parecer boa. — Não nos falamos há meses.

Minha mãe ficou quieta por um minuto. — As emoções de todos estavam exaltadas depois do jantar — ela finalmente disse. — Depois que as coisas se acalmaram, eu não tinha certeza se você queria saber de nós. Você sempre liga, e quando não ligou... você ficou tão chateada...

Você sempre liga.

Tradução: Eu sempre me desculpei primeiro.

Minha mão se enrolou mais apertado em torno do meu telefone. — Meu pai me disse para sair, e eu não sabia se você se importava que eu não estivesse por perto.

Minha mãe soltou um suspiro agudo. — Claro *que* nos importamos. Você é nossa filha.

Eu torci o colar com mais força. — Às vezes, não parece — falei, minhas palavras quase inaudíveis.

— Ah, Stella. — Ela parecia mais angustiada do que eu já tinha ouvido. — Nós não...

Aplausos estridentes do bar abafaram o resto de sua frase. Os Nationals deviam ter marcado um ponto; seu jogo contra os Rangers estava passando em todas as TVs.

Quando o barulho cessou, minha mãe falou novamente. — Você está saindo com um amigo, então este não é o melhor momento para conversar. Talvez possamos todos nos encontrar como uma família em breve? Não um jantar. Algo mais casual onde possamos apenas conversar.

— Eu gostaria disso — eu disse suavemente.

Eu não queria guardar rancor, especialmente contra minha família.

Eu não os via há tanto tempo, e eu não estava mais com raiva. Eu estava apenas triste.

Depois que desliguei, fiquei no corredor e tentei entender os acontecimentos do dia.

Minha ligação com a butique, vendo Christian, conversando com minha mãe...

Era muito de uma vez, mas a única coisa que eu conseguia focar era o quanto eu queria compartilhar o que aconteceu com Christian.

Não apenas a boutique e minha mãe, mas *tudo.*

Como eu acidentalmente usei o leite errado para o meu smoothie naquela manhã e quase engasguei com o sabor.

Como Ava e Jules se ofereceram para serem modelos para minha coleção.

Como eu estava orgulhosa de todo o alcance local que tinha feito.

O quanto eu sentia falta dele.

Eu estava tão acostumada a compartilhar os detalhes da minha vida com Christian que mesmo o diário não preenchia o vazio.

Na verdade, eu não tinha tocado no meu diário desde que terminamos; estava cheio de muitas lembranças nossas.

Eu estava chateada com ele, e eu queria que ele estivesse aqui. Ambas as coisas podiam ser verdade ao mesmo tempo.

Claro e escuro. Chama e gelo. Sonhos e lógica.

Nosso relacionamento sempre foi uma dicotomia. Fazia sentido que sua morte também fosse.

44

Christian

O pôquer anual da Harper Security acontecia na sala multiuso da empresa, que havia sido transformada em um mini cassino com bar aberto e meia dúzia de mesas de pôquer.

Geralmente era restrito apenas aos funcionários. Este ano, quebrei minha própria regra e convidei Rhys, que estava na cidade sem Bridget pela primeira vez para algum evento diplomático, e Alex, como agradecimento por ficar de olho nas coisas para mim enquanto eu estava na Itália. Josh foi convidado por padrão desde que ele insistiu em vir quando descobriu que Alex estaria presente.

Eu o deixei. Eu tinha muitas outras coisas para me preocupar do que com sua ilusão de que eu estava tentando roubar seu melhor amigo.

Nós quatro nos sentamos em uma mesa perto do bar. O ar estava vivo com os sons de risos, copos tilintando e cartas embaralhadas, mas a alegria não fez nada para aliviar meu humor negro.

— A quantos torneios de poker você compareceu no passado? — Josh perguntou a Alex desconfiado.

A exasperação encheu o rosto de Alex. — Eu disse a você, este é o meu primeiro.

— Apenas me certificando. — Josh pegou uma carta de seu baralho e a jogou na mesa. Rei de copas. — Desde que você jogou *dezenas de partidas de xadrez* com *ele* — apontou o polegar para mim — e eu não soube disso por literalmente

anos.

Alex suspirou.

— Se você vai continuar fazendo a mesma pergunta repetidamente, você pode ir embora — falei friamente. Eu não tinha tempo para as besteiras de Josh.

— Alguém está mal-humorado. — Ele ergueu uma sobrancelha. — É porque Stella terminou com você?

Minha mandíbula flexionou enquanto Alex e Rhys escondiam seus sorrisos por trás de suas cartas.

Eu tinha feito um trabalho decente de não pensar em Stella esta noite até que a porra do Josh Chen a trouxe à tona.

Você não pode matar um convidado, uma voz na minha cabeça me lembrou.

Na verdade, eu poderia fazer qualquer merda que eu quisesse, mas então eu teria que lidar com Alex. Eu também presumi que Stella não ficaria muito feliz por eu matar o irmão de sua melhor amiga.

— Não estou temperamental. *Você* é simplesmente irritante.

Eu não sabia o que Stella disse a seus amigos sobre nós, mas desde que ela se mudou para a casa de Alex e Ava, era óbvio que não estávamos mais juntos.

Josh deu de ombros. — Talvez, mas pelo menos não estou solteiro.

Minha mão torceu em direção a minha arma.

— Continue provocando-o, e ele vai te matar. — Rhys me conhecia muito bem. Ele ficou quieto a maior parte da noite, mas o humor iluminou seus olhos quando ele olhou para mim.

— Tem alguma coisa engraçada? — Joguei fora uma carta

sem olhar para ele.

— Por incrível que pareça, tem. Christian Harper choramingando por uma garota — ele falou lentamente. — Nunca pensei que veria o dia.

Uma enxaqueca se formou atrás da minha têmpora.

— Eu não estou *choramingando.* — Levou toda a minha força de vontade para não socar o sorriso de comedor de merda de seu rosto. — Eu não *choramingo*.

O que eu estava fazendo nas últimas semanas não era choramingar. Era... processar.

— Não foi isso que Alex disse — como sempre, Josh falou, embora a conversa não tivesse nada a ver com ele. — Ele disse que você apareceu na casa dele chorando no dia em que Stella se mudou.

— Eu não estava chorando, porra!

A sala ficou em silêncio enquanto todas as cabeças giravam em minha direção.

Eu vi a boca de Brock cair e as sobrancelhas de Kage subirem pelo canto do meu olho.

Eu nunca gritava.

Nem quando eu descobri sobre o roubo de *Magda*, e nem quando a merda deu errado no trabalho. Mas foram duas semanas infernais, e eu percorria o banco de dados de pessoas para foder quando tinha um dia ruim.

Havia tantos computadores que eu poderia invadir antes que perdesse o brilho.

Eu teria me esforçado mais para arquivar uma nova lista de nomes se achasse que ajudaria, mas não.

Eu não precisava de mais pessoas para foder.

Eu precisava de Stella.

— Oh. Devo ter me lembrado errado — Alex disse suavemente.

Se eu não soubesse melhor, eu poderia jurar que havia riso em seus olhos.

— Lembra quando você me deu merda depois da situação de Bridget? — Rhys estava praticamente em êxtase, esse bastardo. — Você disse que o amor é, e cito, *tedioso, chato e totalmente desnecessário. As pessoas apaixonadas são as mais insuportáveis do planeta.* — Seu sorriso se alargou. — Quer pegar isso de volta?

Meus dentes rangeram em irritação.

— É profundamente preocupante que você possa me citar palavra por palavra. Encontre um novo hobby, Larsen. Ficar obcecado por mim não é saudável. — Eu empurrei minha cadeira para trás, muito irritado para ficar sentado por mais tempo.

— Aonde você está indo? É sua vez! — Josh protestou. — Estamos no meio de um jogo!

Eu o ignorei e saí com a risada de Rhys nas minhas costas, a irritação percorrendo minhas veias.

Eu *disse* aquelas coisas que ele citou. Agora eu era um daqueles idiotas insuportáveis, ansiando pela única mulher que já partiu meu coração.

Karma era uma cadela ainda maior que o destino.

Entrei na cozinha e me servi de outra bebida. Era apenas a minha segunda da noite. Eu armei a armadilha para o traidor mais cedo, mas eu precisava manter minha cabeça limpa para

o caso.

Quatro suspeitos. Quatro informações diferentes que eu casualmente coloquei em uma conversa sobre como eu desenvolvi um novo dispositivo que fazia Scylla parecer uma brincadeira de criança.

O traidor não seria capaz de resistir a vazar essa informação para a Sentinel. Uma vez que ele o fizesse, eu só tinha que olhar para os detalhes do que vazou para identificar o rato.

Era uma armadilha simples, mas funcionava sempre. Eu só precisava reunir todos os suspeitos em uma sala para poder conversar sem levantar suspeitas. Todos os meus homens sabiam que eu não discutia essas coisas pelo telefone.

E se o traidor fosse quem eu pensava que era...

Esvaziei meu copo.

Minha vida estava uma merda, e o álcool era a única coisa que me fazia sentir melhor esses dias.

Isso e as cartas.

Minha mente piscou para a gaveta da minha mesa.

— Ei. — A voz rouca de Rhys me arrastou de volta para a cozinha. — Você está bem?

— Nunca estive melhor. — A mordida amarga das minhas palavras tensionou o ar.

Ele se inclinou contra o balcão e cruzou os braços. Seus olhos se moveram do conjunto apertado de minha mandíbula para o meu copo vazio e vice-versa.

Sua risada anterior desapareceu, substituída por simpatia. — Você está mal.

Eu não respondi.

— Quanto você fodeu? — Suas sobrancelhas se ergueram quando eu permaneci em silêncio. — Tanto, hein?

— É complicado.

— Essas coisas sempre são — Rhys suspirou. — Seja lá o que você fez, provavelmente não é tão ruim quanto você pensa. Stella é uma das pessoas mais legais que conheço. Ela vai te perdoar. Ela só precisa de tempo.

Talvez. Mas a privacidade era uma das coisas mais importantes para Stella, e eu cruzei tanto essa linha que não conseguia vê-la.

Seu perseguidor a aterrorizou por meses, e o fato de que eu a lembrava um pouco do bastardo...

O álcool agitou meu estômago.

— Rhys Larsen dando conselhos sobre relacionamentos. O inferno deve ter congelado. — Levei sua declaração para um tópico mais seguro.

Rhys bufou. — Congelou no dia em que você pronunciou a palavra *amor* de uma maneira não degradante. — Ele se endireitou e colocou a mão nas minhas costas. — Se Volkov conseguiu recuperar sua garota depois de um ano, há esperança para você. Só não estrague tudo de novo.

Eu me servi de outra bebida depois que ele saiu e bebi sozinho na cozinha da empresa.

Minha vida realmente tinha ido para a merda.

45

Christian

Só voltei para casa às duas da manhã.

Meus passos ecoaram contra o piso de mármore no meu caminho para o meu escritório. Eu tinha começado a odiar a caminhada da porta da frente. Passava por muitos quartos silenciosos e muitos fantasmas de nossas memórias.

Stella viveu comigo por apenas alguns meses. Eu vivi sozinho por anos sem ela e estava bem.

Mas agora que ela se foi, a cobertura parecia vazia, como se todo o coração e a alma tivessem sido sugados dela, deixando nada além de uma casca oca para trás.

A porta do meu escritório se abriu silenciosamente, e eu afundei no meu assento sem acender as luzes.

Eu destruí todos os arquivos que eu tinha sobre Stella no dia depois que ela os encontrou, mas sua presença fantasma manchou o que costumava ser um santuário.

Ainda assim, eu preferia o escritório ao meu quarto, onde seu perfume suave permanecia nos lençóis e travesseiros semanas depois. Às vezes, eu a ouvia rir. Outras vezes, eu rolava e poderia jurar que ela estava ao meu lado, provocando-me como sempre fazia.

Eu inclinei minha cabeça para trás.

O uísque e a adrenalina do torneio de pôquer permaneciam no meu sangue.

Brock tinha sido o grande vencedor. Ele estava de folga já que Stella estava em casa à noite, mas eu não o parabenizei. Era difícil olhar para ele quando ele me lembrava dela.

Era ainda mais difícil não perguntar sobre ela.

Eu o instruí a me alertar imediatamente se ela estivesse em perigo, mas fora isso, sua vida atual permanecia um mistério.

Fiquei tentado a ligar para Jules para obter informações também. Ela me devia por tirá-la de uma situação difícil no ano passado, e ela era uma das melhores amigas de Stella. Se alguém sabia o que Stella estava pensando e sentindo, era ela.

O último pedido de Stella para mim era a única coisa que me impedia. Era uma coleira que eu poderia quebrar facilmente, mas me algemava de uma forma mais eficaz do que amarras de ferro.

Eu me sentia tão estúpido por sentir tanto a falta dela e ainda mais estúpido pelo mecanismo de enfrentamento que desenvolvi desde que ela partiu.

Eu levantei minha cabeça e abri a gaveta secreta que costumava guardar seus arquivos. Agora, estava cheia de cartas que eu nunca tinha enviado.

Uma para cada dia que estivemos separados.

Era o tipo de comportamento sentimental e patético que eu ridicularizei no passado. Se o Christian do passado pudesse me ver agora, ele atiraria em mim e me tiraria do meu sofrimento.

Eu não me importava. As cartas eram a única maneira de falar com ela nos dias de hoje, e escrevê-las era quase terapêutico.

Elas cobriram uma série de tópicos, desde trechos da minha vida crescendo até meus livros favoritos e o quanto eu desprezava palhaços (eu estava convencido de que eles eram o

diabo em forma humana, exceto menos divertido). As cartas eram como capítulos de livros separados, jogados juntos no caos que compunha minha vida.

A única coisa que tinham em comum era que eram todas para ela.

Stella disse que não sabia nada sobre mim, então eu me dediquei para ela.

Peguei uma caneta e comecei a escrever a carta daquela noite. Quando terminei, a exaustão turvou minha visão, mas guardei a carta cuidadosamente na gaveta junto com suas irmãs.

Em vez de me retirar para o meu quarto, fiquei no meu escritório e olhei pela janela para o céu escuro da noite.

Minha coleção de plantas se alinhava no peitoril, em silhueta contra o luar.

Elas só precisam de um pouco de amor e atenção para prosperar.

Eu estava regando e cuidando delas religiosamente desde que Stella partiu. Ela adorava aquelas plantas.

Mas não importava o quanto eu cuidasse delas, elas ainda pareciam tristes e caídas, como se soubessem que seu cuidador habitual se foi e nunca mais voltaria.

— Eu sei — falei. Eu não podia acreditar que tinha ido tão baixo para conversar com as plantas, mas aqui estávamos nós. — Eu também sinto falta dela.

* * *

30 de julho

Stella,

Tenho uma confissão: nunca quis um animal de estimação, nem quando era criança.

Meus pais me perguntaram uma vez se eu queria um cachorrinho, e eu disse a eles em termos inequívocos que não queria.

Não é porque eu odeio animais. Sempre achei que era muito trabalho para pouca recompensa. Eu não entendia por que alguém levava um cachorro ou gato para sua casa, tratava-o como um filho e amava-o por anos quando sabia que a vida útil desse animal era muito menor do que a dele.

Era como se ele estivesse pedindo para que seu coração fosse partido.

Agora eu entendo.

É porque o tempo que passaram juntos valia a pena.

Antes que você fique com raiva, não estou comparando você a um animal. Mas se eu tivesse a chance de voltar no tempo e sair do café um minuto antes de você passar ou ficar no meu escritório em vez de passar no apartamento no dia em que você assinou o contrato, eu não o faria.

Mesmo sabendo qual seria o resultado.

Mesmo sabendo que eu acabaria tendo meu coração partido.

Porque todos os dias mais bonitos da minha vida foram com você, e eu não trocaria isso por nada no mundo.

Prefiro ser infeliz agora, depois de ter sido amado por você, do que ser feliz sem ter conhecido você.

* * *

6 de agosto

Stella,

Lembra quando você me encontrou no saguão na noite em que assinamos nosso acordo? Você mencionou que um encontro devia incluir jantar, bebidas e mãos dadas. Ou, como alternativa, aconchegar-se em um banco com vista para o rio, seguido de palavras doces sussurradas e um beijo de boa noite.

Na época, foi a coisa mais atroz que eu já tinha ouvido, mas se você voltar para mim... eu tenho tudo planejado.

Vamos jantar no meu restaurante italiano favorito em Columbia Heights. É um lugar minúsculo, dificilmente grande o suficiente para acomodar uma dúzia de pessoas ao mesmo tempo, mas eles fazem o segundo melhor nhoque do mundo (depois do da minha avó).

Ela não está mais aqui, mas quando eu era criança, ia à casa dela depois da escola e ela passava horas me ensinando a cozinhar. Além do meu tempo com você, esses dias foram os mais felizes. Rindo com ela na cozinha, rolando a massa e colocando farinha em nós mesmos enquanto a velha música dos anos sessenta que ela adorava tocava ao fundo.

O nhoque dela era meu prato favorito. Infelizmente, sua receita se perdeu depois que ela morreu, mas quando eu experimentei neste restaurante... foi o mais próximo que encontrei de como ela costumava fazer.

Eu sei que desviei um pouco do assunto, mas queria compartilhar essa história com você. Eu nunca contei a ninguém sobre como eu aprendi a cozinhar antes.

De qualquer forma, acho que você adoraria o restaurante. Depois disso, tomaríamos uma bebida em um bar próximo, depois iríamos para a orla de Georgetown e nos sentaríamos em

um banco à beira do rio. Poderíamos nos beijar e dar as mãos e sussurrar quantas palavras doces você quisesse.

Porque se esse encontro acontecer, significa que você me perdoou. E se eu tiver você de volta, nunca mais lhe darei uma razão para ir embora.

* * *

12 de agosto

Stella,

São duas e meia da manhã enquanto escrevo isso.

Não durmo há quase vinte e quatro horas.

Mas eu não conseguiria dormir sem te contar isso...

Estou tentando, Butterfly. Estou me esforçando pra *caralho.*

Para ficar longe de você. Para não pensar em você. Para não te amar.

Minha vida seria muito mais fácil se eu pudesse seguir em frente, mas sei que não posso.

Mesmo que você nunca me perdoe.

Mesmo que você nunca mais fale comigo.

Mesmo se você seguir em frente.

Eu ainda vou te amar.

Você sempre será minha primeira, última e único amor.

46

Stella

Naquele fim de semana, minha família e eu nos encontramos em uma cafeteria na Virgínia.

Sentamo-nos em uma cabine perto da saída. Era o canto mais tranquilo do restaurante, que fervilhava com o brunch de domingo.

Meu pai usava sua camisa polo azul favorita, minha mãe usava suas pérolas exclusivas e minha irmã usava saltos letais e uma expressão levemente irritada, do jeito que sempre faziam durante nossas refeições mensais.

Era como se nosso jantar em família tivesse se transplantado para uma cabine de couro verde em vez da premiada mesa de mogno dos meus pais.

As únicas diferenças eram as janelas ensolaradas e o silêncio constrangedor cobrindo a mesa depois que ficamos sem conversa fiada.

— Então. — Minha mãe limpou a garganta. — Como está Maura?

Pisquei com a escolha do tema, mas respondi prontamente. — Ela está indo bem. Ela tem seu jardim e puzzles na Greenfield, então ela está feliz.

Minha mãe assentiu. — Bom.

Outro silêncio caiu.

Estivemos evitando o elefante na sala a tarde toda. Nesse

ritmo, estaríamos aqui até a hora de fechar.

Fechei minhas mãos em volta da minha caneca e tomei coragem com o calor que se infiltrava em minhas palmas.

— Sobre o que aconteceu no jantar... — Todos ficaram visivelmente rígidos. — Desculpe-me se eu feri seus sentimentos, mãe — falei suavemente. — Essa não era minha intenção. Mas você precisa entender por que estou pagando pelos cuidados de Maura. Ela sempre esteve lá quando eu precisei dela. Agora é ela quem precisa de mim, e não posso deixá-la se virar sozinha. Ela não tem mais ninguém.

— Eu entendo. — Minha mãe deu um pequeno sorriso quando me assustei de surpresa. — Eu tive tempo para pensar sobre isso nos últimos meses. A verdade é que sempre tive um pouco de inveja do seu relacionamento com Maura. A culpa é minha, claro. Eu estava muito ocupada com minha carreira para passar muito tempo com vocês, garotas. Quando eu percebi o quanto eu tinha perdido, vocês já estavam crescidas. Vocês não queriam mais passar tempo conosco. Praticamente temos que forçá-las a vir aos nossos jantares de família.

— Não é que eu não queira passar tempo com vocês. É... — Minhas bochechas aqueceram. — É o jogo das conquistas.

Parecia estúpido quando dito em voz alta, mas toda vez que eu pensava naquele 'jogo divertido', a ansiedade rastejava sob minha pele e corroía meus nervos.

— Isso transforma tudo em uma competição — eu disse. — Você, papai e Natalia têm esses empregos de alta importância, e eu sou... bem, vocês sabem. Eu amo moda e não tenho vergonha disso. Mas toda vez que jogamos esse jogo, sinto que sou a maior decepção na mesa.

— Stella. — Minha mãe parecia aflita. — Você não é uma decepção. Admito que nem sempre entendemos suas escolhas e, sim, desejamos que você tivesse escolhido uma carreira

financeiramente mais estável do que a moda. Mas você nunca poderia nos decepcionar. Você é nossa filha.

— Nós queremos o que é melhor para você — meu pai acrescentou rispidamente. — Nós não estávamos tentando impedi-la de fazer o que você amava, Stella. Só não queríamos que você acordasse um dia percebendo que cometeu um erro quando já fosse tarde demais.

— Eu sei. — Eu não tinha dúvidas de que meus pais queriam o que era melhor para mim. Foi a maneira como eles fizeram isso que foi o problema. — Mas eu não sou mais uma criança. Vocês têm que me deixar tomar minhas próprias decisões e erros. Se minha linha de moda decolar, ótimo. Se isso não acontecer, terei aprendido algumas lições importantes e farei melhor da próxima vez. Só sei que é isso que quero fazer. Não posso voltar a trabalhar para outra pessoa.

Meus pais trocaram olhares enquanto Natalia se mexia ao meu lado.

— Eu tenho uma quantia decente de dinheiro de alguns acordos de grandes marcas que eu assinei, e eu... — Eu hesitei antes de terminar. — Fiz minha primeira coleção. Uma butique local concordou em vendê-la, então espero que isso traga mais dinheiro também.

Eu também planejava fazer um lançamento oficial online, mas queria testar as águas primeiro.

Os olhos da minha mãe se arregalaram. — Sério? Oh, Stella, isso é incrível!

— Obrigada — eu disse timidamente. Tracei a alça da minha caneca com o polegar. — Então, vocês não estão bravos por eu não estar procurando um emprego de escritório?

Outra troca de olhares.

— Obviamente, você está indo bem com suas parcerias e a

linha de moda começou bem. — Meu pai tossiu. — Não há razão para você conseguir um emprego de escritório se não é isso que você quer. *Mas...* — falou quando um sorriso floresceu no meu rosto — ...se você tiver problemas, você precisa nos dizer. Não esconda como você fez com o desastre da *D.C. Style*.

— Eu não vou — eu prometi.

— Bom. Agora, onde está aquele seu namorado de boca esperta? — ele resmungou. — Foi desrespeitoso, a maneira como ele falou comigo em minha própria casa, mas suponho que ele não estava totalmente errado.

Meu sorriso escureceu. — Nós, hum... — Engoli o nó repentino na minha garganta. — Nós terminamos.

Três pares de olhos surpresos se voltaram para mim.

Considerando a maneira como Christian e eu nos defendemos no jantar, eles provavelmente pensaram que duraríamos mais do que alguns meses.

Eu também.

— Sinto muito — minha mãe disse simpaticamente. — Como você está?

Forcei um sorriso. — Eu ficarei bem.

— Você vai encontrar alguém melhor. — O tom do meu pai ficou acalorado. — Nunca gostei dele. Se você conhecesse alguns dos rumores. — Ele parou quando minha mãe lhe deu uma cotovelada forte nas costelas — Mas eu acho que eles não importam agora — ele terminou com outro resmungo.

Mudei de assunto e a conversa ficou mais leve até que meu pai saiu para atender uma ligação e minha mãe foi usar o banheiro.

Natalia ficou visivelmente quieta a tarde toda, mas ela se

virou para mim quando eles estavam fora do alcance da voz.

Eu endureci, preparando-me para outro comentário crítico ou sarcástico.

Em vez disso, ela parecia quase envergonhada quando olhou para mim. — Eu não queria trazer isso à tona de novo na frente de mamãe e papai — disse ela. — Mas eu sinto muito pelo jeito que eu te denunciei sobre a *D.C. Style*. Eu não quis ser malvada.

— Não quis?

Seus olhos se arregalaram antes de um rubor tomar conta de suas bochechas. — Talvez um pouco — ela disse calmamente. — Você estava certa quando disse que tudo parece uma competição.

— Não precisa ser.

— Não. — Natalia me examinou com uma expressão curiosa. — Você mudou. Você está...

— Mais ousada? — falei com um pequeno sorriso.

O sorriso dela combinava com o meu. — Sim.

Esse foi um dos maiores presentes de Christian para mim. Não joias caras ou viagens extravagantes, mas a coragem de falar por mim mesma.

Minha irmã e eu voltamos a ficar em silêncio quando nossos pais voltaram.

Senti-me estranhamente cansada de repente, mas talvez essa fosse a emoção que me drenava.

— Temos que sair para um evento, mas jantar em família em breve? — minha mãe perguntou esperançosa. — Embora talvez devêssemos pular a parte das conquistas e simplesmente aproveitar a refeição.

Soltei uma risada sufocada. — Provavelmente é uma boa ideia.

Respirei seu perfume familiar quando ela me abraçou.

Minha família se abraçava o tempo todo em público, mas isso era principalmente para mostrar. Tínhamos que fazer nossa parte como a família perfeita.

Desta vez, parecia real.

Brock esperou até minha família sair antes de aparecer.

Ele desistiu de tentar se fundir nas sombras desde o meu rompimento com Christian. Eu não tinha certeza se era por ordem de seu chefe ou se ele estava mais preocupado agora que eu não estava mais morando na casa de Christian.

De qualquer forma, eu apreciei e me ressenti.

Apreciei porque gostei da sensação de segurança.

Fiquei ressentida porque ele me lembrava Christian, e cada lembrete era uma facada no coração.

— Você está pronta para sair, ou você quer ficar mais tempo? — perguntou Brock. Talvez fosse a iluminação, mas ele parecia vários tons mais pálido do que quando entrou. — Podemos...

Ele balançou em seus pés.

Uma pontada afiada de preocupação puxou minhas sobrancelhas juntas. — Você precisa se sentar? Você não parece tão bem.

Na verdade, também não me sentia muito bem. Minha letargia anterior se intensificou e puxou meus membros e pálpebras. O rosto de Brock nadou diante de mim até que eu pisquei o borrão.

— Sim, eu... — Ele agarrou a borda da mesa. — Eu... — Seu rosto ficou branco fantasmagórico antes de ficar vermelho. — Fique aqui. Eu volto já.

Ele disparou em direção ao banheiro. A porta se fechou. Um segundo depois, ouvi o som fraco, mas inconfundível de vômito.

Meu próprio estômago revirou com o barulho.

Eu esperava que não estivéssemos tendo uma intoxicação alimentar, mas algo estava claramente errado.

Minha visão turvou novamente. Desta vez, piscar não ajudou.

Eu me levantei, esperando que a mudança de altitude clareasse minha cabeça, mas uma onda instantânea de tontura me forçou de volta ao meu assento.

O que está acontecendo?

Eu só tinha tomado chá com um bolo. Você podia *ter* intoxicação alimentar com chá e doces?

Pontos pretos dançaram na frente dos meus olhos, e o pânico apertou meus pulmões.

Ar. Eu preciso de ar.

Eu tropecei para fora da cabine em direção à entrada.

Brock disse para ficar e esperar por ele, mas o barulho ao meu redor se transformou em um peso de concreto no meu peito. Não importava quantas respirações profundas eu tomasse, eu não conseguia afastá-lo.

Mas...

Cheguei no meio do caminho até a porta quando algo me atingiu. E se alguém tivesse drogado a mim e a Brock e

estivesse *esperando* que eu fosse embora? Parecia absurdo, mas coisas mais estranhas aconteceram.

Fiz uma pausa na saída e tentei organizar meus pensamentos cada vez mais confusos.

Se eu ficasse, poderia sufocar. Se eu saísse, poderia estar me jogando direto nas mãos de um atacante hipotético.

Pense, Stella.

Eu estava sendo paranoica? Não faria mal dar uma rápida volta no ar fresco, certo? Eu poderia ficar bem perto do...

Alguém veio atrás de mim perto o suficiente para tocar, e percebi que estava bloqueando a porta.

— Sinto muito — eu murmurei. As palavras saíram arrastadas. — Eu vou sair do seu caminho.

— Não se desculpe — disse a figura. — Você acabou de tornar as coisas *muito* mais fáceis para mim.

Algo frio e duro pressionou minhas costas.

Eu estava tão fora de mim que meu cérebro levou vários segundos para registrar o que era.

Uma arma.

Meu pânico explodiu em um grito preso que nunca saiu da minha garganta.

Afinal, não é tão paranoica. Eu estava tão atordoada por estar certa que não conseguia processar o que estava acontecendo. Eu sentia como se tivesse caído no meio de um thriller de ação sem aviso prévio.

— Não grite. — A arma pressionou com mais força. — Ou isso será muito confuso para todos os envolvidos.

Como ele foi capaz de fazer isso em público? Ninguém

percebeu o que estava acontecendo?

Mas era a hora do almoço, e meu corpo estava protegendo o dele, e...

Meus pensamentos se misturaram ainda mais.

Eu não tinha energia para resolver o que estava acontecendo, nem tinha escolha.

Segui a figura para fora e teria tropeçado e caído se ele não me segurasse.

O mundo era uma névoa caleidoscópica de concreto e buzinas distantes.

Eventualmente, os sons desapareceram, e houve apenas o barulho do cascalho sob nossos pés.

— Desculpe-me antecipadamente. — Agora que estávamos em algum lugar quieto, a voz soou mais clara. Mais familiar. Eu tinha ouvido antes. *Onde?* — Isto vai doer.

Eu não tive a chance de processar suas palavras antes que algo duro me batesse na cabeça e a escuridão total me envolvesse.

47

Christian

O e-mail do CEO da Sentinel para seu principal desenvolvedor cibernético encheu a tela do meu computador.

Era uma função que Kurtz havia copiado de quem mais? Eu, já que a maioria das empresas de segurança não desenvolvia software ou hardware, mas esse não era o problema.

O problema era o que estava no e-mail.

Como esperado, o traidor correu direto para a Sentinel com as informações que eu lhe dei no torneio de pôquer.

Ele trabalhou mais rápido do que eu pensava; tinha sido apenas dois dias.

Li e reli a última linha do e-mail, que incluía os detalhes que mudei para cada suspeito para analisar de quem era o vazamento.

Agora eu sabia.

Gelo correu pelas minhas veias quando eu saí do aplicativo de e-mail e peguei as imagens de vigilância da frente do seu prédio.

Esperei até que ele entrasse em seu carro antes de me levantar, vestir meu paletó e caminhar calmamente até a garagem do Mirage.

Em vez do meu McLaren, selecionei o sedã cinza que usava quando seguia alguém. Era totalmente normal e se misturava

com todos os outros veículos na estrada.

Coloquei um rastreador nos carros de todos os suspeitos semanas atrás, então não demorei muito para seguir o traidor até um ferro-velho abandonado nos arredores da cidade.

Kurtz já estava esperando lá com um sorriso maroto.

Eu queria arrancar todos os seus dentes e enfiá-los na porra da sua garganta, mas me forcei a respirar através da minha névoa carmesim.

Paciência. Eu lidaria com ele mais tarde.

Estacionei em um local que estava fora do alcance deles, mas me dava uma visão indireta deles através de um dos espelhos retrovisores dos velhos carros de sucata.

Foi lá que vi Kage sair do carro e cumprimentar Kurtz.

Minha mão apertou o volante.

Dos quatro suspeitos, Kage tinha sido o mais e menos provável.

O mais, porque ele era o que estava melhor posicionado para acessar as informações vazadas de alto nível.

O menos, porque ele tinha sido a coisa mais próxima que eu tive de um irmão na Harper Security desde que Rhys partiu.

A raiva rolou pelo meu sangue em uma onda gelada e implacável. Ela me implorou para liberá-la, para destruir não apenas as pessoas no ferro-velho, mas tudo o que eles amavam.

A empresa de Kurtz. A reputação de Kage. Seu dinheiro, suas famílias...

Eu forcei o desejo para baixo. *Mais tarde.*

— Você tem o modelo? — perguntou Kurtz.

— Ainda não. É um dispositivo totalmente novo. — Kage passou a mão sobre seu corte de cabelo. — Ainda não tenho os detalhes e não posso vazar tão cedo ou ele vai suspeitar. Ele já está em alerta por causa de Scylla.

— Então por que diabos você contou a ele sobre a cópia? — O sorriso de Kurtz se transformou em uma carranca. — Agora ele sabe que tem um problema.

— Eu tive que tirá-lo da minha bunda — Kage rosnou. — Manter a confiança dele. Ele estava ficando desconfiado sobre por que eu estava demorando tanto para descobrir o que aconteceu. É aquela maldita mulher que ele está namorando. — Seu tom escureceu ainda mais.

Eu não tinha contado a ninguém, exceto Brock, que Stella e eu tínhamos terminado. Não era da maldita conta deles.

— Não se preocupe com ele rastreando a cópia de volta para você. Ele está tão distraído com a boceta que tem sorte que a empresa ainda esteja funcionando corretamente. Ele tirou um mês de folga para brincar de guia turístico para ela pela Itália, pelo amor de Deus.

— Ah, sim. Stella. Eu a conheci. Pelo menos é uma boa boceta. — Kurtz riu, e minha raiva se aprofundou em uma nuvem tingida de carmesim. — Você conhece Harper. Ele está tão cego pela arrogância que acha que pode lidar com qualquer coisa e que ninguém ousaria traí-lo. Eu adoraria ver o rosto dele ao descobrir sobre Axel.

Kage bufou. — Aquele filho da puta estava me dando nos nervos. Sempre tentando puxar meu saco e me superar. Graças a porra nós fizemos dele o alvo e Harper caiu nessa. Um problema a menos sobre meus ombros.

Eu suspeitava que Axel não fosse responsável pelo roubo de *Magda* quando descobri outro vazamento meses atrás.

A confirmação provocou uma rara pontada de arrependimento, mas eu não podia mudar o passado, então não adiantava agonizar sobre o que aconteceu.

A melhor coisa que eu podia fazer era levar justiça ao *verdadeiro* traidor.

— Sim, bem, isso tinha que ser feito. Pena que nunca descobrimos o que havia de tão especial naquela pintura hedionda. Passamos por todo esse problema para obtê-la apenas para ter que vendê-la antes que Harper a rastreasse de volta para nós — resmungou Kurtz.

— Isso é uma coisa que ele nunca disse a ninguém, nem mesmo a mim. — Kage deu de ombros. — Se descobrir, eu te aviso.

— Faça isso. — O sorriso de Kurtz não era diferente de um tubarão sorrindo para a presa. — Enquanto isso... — Ele pegou uma maleta do porta-malas de seu carro. — Sua segunda metade do montante pelas informações de Scylla. Somente dinheiro, conforme solicitado.

Uma maleta? Sério?

Eu não conseguia decidir o que me irritava mais – o rosto de Kurtz, a traição de Kage ou o fato de que eles estavam agindo como vilões em um drama policial ruim na TV.

— Você deve realmente odiá-lo para fodê-lo assim — disse Kurtz enquanto Kage contava o dinheiro. — Pensei que você e Harper fossem irmãos de armas até você se aproximar de mim alguns anos atrás.

— Nós éramos — Kage falou friamente. Ele fechou a maleta. — As coisas mudam. Ninguém quer viver na sombra de outro para sempre.

— Ambição. Adoro ver isso. — Kurtz deu-lhe um tapinha no ombro. Kage fez uma careta, mas o CEO da Sentinel não

pareceu notar. — Sabe, quando você nos contatou pela primeira vez, eu pensei que você estava armando para mim, mas você provou ser um aliado útil. Estou morrendo de vontade de ver Harper sendo humilhado há anos. — Ele entrou em seu carro e piscou. — Bom fazer negócios com você, como sempre.

Kurtz foi embora.

Eu lidaria com ele mais tarde. Agora que eu tinha confirmado que a Sentinel estava por trás da imitação de Scylla, eu sabia que eles também tinham fornecido o dispositivo para o perseguidor de Stella. Esse fato por si só lhes renderia mais do que uma pequena falha no sistema.

Kage jogou a pasta no porta-malas e caminhou até o banco do motorista enquanto eu saía do meu carro, meus passos silenciosos contra a terra macia.

— O que quer que ele tenha pagado, não foi suficiente. — Minha observação casual ricocheteou nas pilhas de metal retorcidas que nos cercavam.

Parei a poucos metros de onde ele estacionou.

Para seu crédito, Kage congelou apenas por dois segundos antes de se recuperar.

Ele se endireitou e me encarou, sua boca relaxando em um sorriso fácil. — Christian. O que você está fazendo aqui?

Apesar de seu tom casual, vi as emoções em seus olhos.

Surpresa. Pânico. Temor.

— Tinha algum tempo livre. Decidi checar meu melhor funcionário. — Meu sorriso combinava com o dele.

Seus olhos se contraíram com a palavra *funcionário.*

Olhamos um para o outro, o ar tenso com os aromas de

ferro enferrujado e violência crescente.

Agora que estávamos cara a cara, permiti que minhas emoções reinassem livremente pela primeira vez desde que vi o e-mail de Kurtz.

Kage era meu empregado mais antigo. Meu braço direito.

Era uma vez, ele salvou minha vida, e ele era uma das poucas pessoas em quem eu confiava.

Sua traição torceu minhas entranhas como arame farpado e espremeu gotas de sangue.

Uma gota para cada refeição que compartilhamos, cada conversa que tivemos, cada problema que enfrentamos juntos e cada situação difícil que passamos.

A poça carmesim encheu meu estômago de ácido e corroeu minha armadura até que a dor e outra pontada de arrependimento sobre o que eu tinha que fazer surgiram.

Eu aliviei uma respiração através dos meus pulmões.

A armadura se reconstruiu e prendeu minhas emoções flutuantes de volta em sua jaula.

Cinco segundos. Esse foi o tempo que eu permiti que o sentimentalismo ficasse.

— O que foi isso? — Eu quebrei o silêncio. — Você queria um salário mais alto? Mais reconhecimento? Uma porra de emoção porque você está tão entediado?

Kage abandonou o ato de bancar o idiota.

— Não é pelo dinheiro. É sobre *você.* — Ressentimento vazou em suas palavras. — Se não fosse por mim, a empresa não estaria onde está hoje. *Sou eu* quem comanda as operações do dia a dia enquanto você viaja ao redor do mundo com sua porra de avião particular e hotéis chiques. É o seu nome na

porta. Você é aquele a quem todos bajulam. Você é o CEO, e eu sou uma porra de um empregado. Eu não sou seu parceiro. Sou apenas um soldado ao seu comando. Toda vez que vou a algum lugar, as pessoas só me perguntam sobre *você.* Estou *farto* disso.

Ah, porra. Fiquei quase desapontado pelo motivo de sua traição ser tão banal. A inveja e o ressentimento eram tão mundanos quanto eu pensava que o amor era.

Mas essa era a coisa sobre os humanos. Suas emoções mais básicas eram as mais perigosas.

— Mais reconhecimento, então — eu disse suavemente. — O suficiente para você correr para o nosso maior concorrente e foder com seu amigo e o que você disse que ajudou a construir. Você poderia ter falado comigo, mas você não falou. Isso não faz de você um herói, Kage. Isso faz de você um maldito covarde.

Kage *me* ajudou no começo da empresa e desempenhou um papel fundamental nas operações da empresa. Eu o compensei extremamente bem por ambas as coisas ao longo dos anos.

No entanto, a Harper Security floresceu não por causa de suas operações, mas por meus contatos e pelo lado cibernético que construí. Kage tinha pouco interesse em networking e ainda menos conhecimento de desenvolvimento cibernético. Seu raciocínio era falho.

A única coisa que ele estava certo era a minha distração. Eu o teria pegado mais cedo se não fosse por Stella.

Eu tinha um pequeno pressentimento desde as contas de Deacon e Beatrix, nas quais ele trabalhou de perto, mas eu o ignorei por assuntos mais importantes.

— Pelo menos a Sentinel aprecia o que estou fazendo por eles, e eu tenho que ver *você* cair um pouco. Tem sido divertido

jogar de espião. Sabotando você por dentro e você nem sabia porque estava tão envolvido com a porra da sua namorada enquanto eu mantinha a empresa funcionando. — O sorriso de Kage congelou. — Você não me trata como um amigo há muito tempo, Christian. Você me trata como um lacaio idiota em quem você pode simplesmente mandar. Como se você não estivesse morto com uma bala na cabeça se eu não tivesse salvado sua bunda.

A memória cintilou na frente dos meus olhos.

Colômbia, dez anos atrás. As coisas ficaram confusas com um traficante de armas e eu me vi no meio de um tiroteio.

Eu ainda me lembrava do calor sufocante, os tiros rápidos salpicados de gritos, e a força de Kage me puxando para fora do caminho milissegundos antes de uma bala perfurar a parte de trás da minha cabeça.

Ele estava protegendo um empresário local corrupto, e nós saímos de uma situação impossível.

Agora aqui estávamos, uma década depois, à beira de outro tiroteio.

Meus olhos estavam nos de Kage, mas minha atenção estava voltada para a protuberância em sua cintura e a pressão da minha arma entre meu quadril e minhas costas.

— Pessoal é pessoal, negócios são negócios — falei friamente. — Quando estamos trabalhando, você é um *empregado.*

O olho de Kage se contraiu novamente.

— Suponho que as contas de Deacon e Beatrix também foram obra sua.

— Eu fiz o que tinha que ser feito. A Sentinel estava ficando impaciente depois que *Magda* acabou sendo um fracasso. —

Ele ergueu uma sobrancelha. — E você vai me dizer o que há de tão especial sobre essa pintura, afinal?

— Manter isso um mistério. Torna a vida mais interessante. A questão agora, é claro... — Minha voz suavizou. — É o que fazer com você.

Eu não tolerava traidores. Eu não me importava se eles eram amigos, familiares ou alguém que salvou minha vida.

Uma vez que eles cruzavam essa linha, eles tinham que ser tratados.

O silêncio pulsou por uma batida extra antes de Kage e eu sacarmos nossas armas e dispararmos ao mesmo tempo.

Tiros explodiram, seguidos pelo tinido de metal batendo em metal.

Eu me abaixei atrás do esqueleto enferrujado de um carro, meu coração batendo forte, meu pulso vivo com adrenalina.

Eu poderia facilmente acabar com ele com um tiro. Sua mira era boa; a minha era melhor.

Um tiro, no entanto, era muito fácil para uma traição tão grande.

Eu queria que doesse.

— Você não vai me matar — Kage gritou. Vi seu reflexo nas janelas do carro à minha frente. Ele se escondeu atrás de um caminhão perto de onde estava, mas sua arma e uma lasca de seu jeans apareciam por trás da velha armação de metal. — Aqui não. Eu conheço você. Você provavelmente está pensando em maneiras de me torturar agora.

Eu não mordi a isca. Eu não ia gritar em um ferro-velho como um ator de segunda mão em um filme de ação.

Meu telefone tocou com um novo texto.

Eu teria ignorado, dada a minha atual... distração, mas um instinto de alerta puxou meus sentidos.

Algo está errado.

Desviei os olhos para a tela por um milissegundo.

Brock: 23, District Café

Meu cérebro traduziu automaticamente o código da empresa em uma mensagem completa, dado o contexto.

Incapacitado, preciso de olhos em Stella o mais rápido possível. Estamos no District Café.

Pânico como eu nunca tinha conhecido enrolou minha espinha e cravou em meu sangue.

Algo aconteceu com Stella.

Ele não disse isso, mas eu *senti.* O mesmo instinto de alerta que me obrigou a verificar meus textos no meio de um maldito tiroteio tocou os alarmes tão alto que quase abafou a voz de Kage.

— Isso não vai acontecer — continuou ele. Sua voz era áspera com excitação e um toque de arrependimento. — Apenas um de nós está saindo daqui vivo, e não vai ser você.

Tomei minha decisão em um instante.

— É aí que você está errado. — Saí de trás da estrutura do carro.

Kage deixou seu esconderijo e apontou sua arma para mim, mas eu puxei o gatilho antes que ele pudesse atirar.

O tiro ecoou no ferro-velho vazio, seguido por outros três.

Um no peito, um na cabeça e um em cada rótula, caso sobrevivesse e decidisse tolamente continuar a luta.

Ele cambaleou, depois caiu no chão.

Mantive minha arma apontada para ele enquanto caminhava. O farfalhar suave da grama deu lugar ao barulho do cascalho até que eu parei sobre ele.

Olhos vazios e bem abertos, boca aberta. O sangue se acumulando abaixo dele em uma poça crescente e manchando o chão com um carmesim escuro.

Eu não tive que verificar seu pulso para saber que ele estava morto.

Uma década juntos em minutos, tudo porque ele se ressentiu de mim por suas escolhas.

Passei por cima do cadáver de Kage e voltei para o meu carro.

Eu não tinha tempo ou capacidade para mais sentimentalismo. Qualquer um que me traísse estava morto para mim, literal e figurativamente.

Quando alguém, se alguém, encontrasse Kage, seu corpo teria sido despedaçado por animais selvagens.

Kurtz era a única pessoa que poderia ser um problema, mas não diria nada. Um Kage morto era inútil para ele, e ele não arriscaria seu próprio pescoço para apontar a polícia na direção certa.

Como eu era o patrão de Kage, teria que inventar uma boa história para contar às autoridades e ao resto da empresa, mas isso não demoraria muito. Eu descobriria os detalhes mais tarde.

23.

A mensagem de Brock se repetia na minha cabeça enquanto eu disparava para fora do ferro-velho. Meu pânico

aumentou novamente, misturado com uma dose saudável de medo.

Quando eu peguei a estrada principal, eu já tinha esquecido tudo sobre Kage.

A única coisa que importava era Stella.

48

Christian

Meus instintos de alerta de mais cedo soaram mais alto quanto mais me aproximava da cafeteria, e eles se transformaram em pavor quando cheguei para encontrar Brock vomitando suas tripas no banheiro.

Não havia Stella à vista.

Ele conseguiu delinear o básico do que aconteceu antes de voltar a vomitar sobre o vaso sanitário.

Eu não me incomodei em interrogá-lo mais. Cada segundo contava, e ele não estava em condições de ficar de pé, muito menos falar.

Em vez disso, fui direto para o balcão, meu sangue como água gelada em minhas veias, e exigi ver as imagens de segurança das últimas duas horas.

Cinco minutos de balbucios e protestos tediosos depois, o gerente da cafeteria exibiu as imagens em seu escritório apertado.

Meu coração disparou enquanto eu assistia as cenas granuladas na tela.

Stella e Brock entraram. Eles fizeram um pedido no balcão e se sentaram em mesas separadas antes da família dela chegar.

Apesar da gravidade da situação, senti uma pontada de orgulho pela forma como ela assumiu o controle da conversa. Eu não podia ouvir o que eles estavam dizendo, mas eu podia

ler sua linguagem corporal.

Depois que sua família saiu, Brock se aproximou dela novamente, mas seus passos estavam mais trêmulos do que quando ele entrou. Ele e Stella tiveram uma troca rápida antes de ele correr para o banheiro. Um minuto depois, ela se levantou e balançou, em seguida, sentou-se novamente. Seu rosto estava pálido, e ela parecia estar tendo problemas para respirar.

Meus dedos ficaram brancos contra o encosto da cadeira do gerente.

Alguém tinha que tê-la drogado. Essa era a explicação mais simples e plausível.

A vontade de entrar na tela e confortá-la, então pulverizar o bastardo que fez isso com ela, me dominou.

Stella levantou-se novamente e cambaleou em direção à porta. Ela estava bem perto da saída, e só andou alguns metros antes que alguém aparecesse atrás dela.

Meus sentidos ficaram em alerta máximo.

Olhei para a figura. Alto, boné de beisebol, jaqueta escura.

Eles pararam na saída e saíram ao mesmo tempo.

Eu não consegui ver o que aconteceu devido ao ângulo, mas a forma como os ombros da figura se mexiam, a jaqueta no meio do verão, a maneira cuidadosa como ele manteve o rosto longe da câmera...

Ele tinha uma arma. Eu tinha certeza disso.

Eu também tinha certeza de ter visto aquela jaqueta antes.

Meu pulso rugiu com certeza letal.

— Rebobine a fita — eu ordenei. — Pare.

O vídeo parou onde Stella e Brock fizeram seus pedidos. A mesma figura estava ao lado deles no balcão. Ele pagou sua bebida em dinheiro e tamborilou os dedos até que Brock virou as costas para dizer algo a Stella.

O que aconteceu a seguir levou apenas alguns segundos.

Um alcance casual dentro de sua jaqueta, um toque rápido do que pareciam ser dois pequenos pacotes nas canecas de Stella e Brock, e retornou a beber seu café.

Ele foi rápido.

Ele também escorregou.

Quando ele virou a cabeça para a frente novamente, eu peguei um vislumbre de seu perfil. Eu tinha visto isso antes durante duas verificações de antecedentes separadas.

Filho da puta.

Todas as peças se encaixaram no lugar.

Como ele entrou no Mirage. Por que não havia nenhuma evidência dele saindo do prédio. Sua conexão com Stella.

Eu não me incomodei em agradecer ao gerente ou chamar Brock, que ainda estava incapacitado no banheiro.

Em vez disso, enviei um código preto para a empresa junto com o nome do perseguidor e instruções para encontrá-lo e Stella o mais rápido possível.

Reservado para emergências extremas, o alerta de código preto chamava todos os agentes da área para uma nova missão.

Eu nunca o tinha usado nenhuma vez até agora.

Se o perseguidor era esperto o suficiente para evitar a detecção por tanto tempo, ele era esperto o suficiente para não

ligar o celular ou usar seu carro pessoal.

Ainda assim, tínhamos as informações necessárias para localizá-lo.

Eu só esperava que, quando o fizéssemos, não fosse tarde demais.

49

Stella

Uma pontada de sensação me arrastou dos poços escuros e turvos da inconsciência.

Começou como um formigamento nos dedos das mãos e dos pés. Então foi a dura pressão da madeira sob minhas coxas. Finalmente, foi a áspera abrasão das cordas em volta dos meus pulsos e uma dor latejante atrás dos meus olhos.

As únicas vezes que eu estive amarrada foi com Christian, mas isso foi consensual. Isso... eu não sabia *o que* era isso.

Tudo o que eu sabia era que doía, e minha garganta estava seca, e minha cabeça latejava como se alguém tivesse enfiado uma britadeira ou dez ali.

Âncoras de concreto arrastaram minhas pálpebras. A escuridão não era suave e gentil como a deriva gradual para o sono. Era interminável e ameaçadora, como o peso da terra depois de ser enterrado vivo.

Forcei meus pulmões a se expandirem além do meu pânico crescente.

Respire. Pense. O que aconteceu?

Eu me esforcei para classificar os eventos do dia.

Lembrei-me de encontrar minha família no café. Brock correndo para o banheiro. Náusea, tontura, falta de ar... e a pressão fria de uma arma contra minhas costelas. Uma voz, depois escuridão.

Oh, Deus.

Eu tinha sido sequestrada.

A percepção afundou com garras frias e afiadas.

O desejo de entrar em pânico me consumia, mas cerrei os dentes e me forcei a ficar no presente.

Eu *não estava* morrendo assim. Eu não estava morrendo de jeito nenhum. Não por um longo, longo tempo.

Eu abri meus olhos por pura força de vontade. A tontura distorceu minha visão antes que meus arredores tomassem forma.

Eu estava em algum tipo de cabana em ruínas feita de metal ondulado e madeira. Uma espessa camada de sujeira cobria as janelas e diminuía a luz do sol espalhada pelo chão. Não havia móveis além da cadeira à qual eu estava presa e uma mesa torta que continha um pedaço de corda e, quase risivelmente, um recipiente de comida para viagem.

Bile cobriu minha garganta.

Onde eu estava? A julgar pela luz, não fazia muito tempo desde que fui nocauteada, o que significava que não poderíamos ter ido longe demais.

— Você está acordada.

Minha cabeça virou em direção à voz familiar, e um segundo acesso de tontura tomou conta de mim.

Quando clareou, a bile engrossou.

Eu sabia por que a voz era tão familiar.

— Não. — O chiado soou pateticamente fraco.

Julian sorriu. — Surpresa?

O jornalista de estilo de vida mais famoso de D.C. parecia diferente fora dos limites brilhantes de sua foto na *Washington Weekly* e da única vez que nos encontramos pessoalmente.

Foi para a minha sessão de fotos da entrevista, e ele foi legal. Modesto.

Ele tinha sido ainda mais simpático durante as doze vezes em que nos falamos ao telefone.

Mas agora que olhei mais de perto, vi o brilho louco em seus olhos e a falta de naturalidade de seu sorriso.

Era o sorriso de um psicopata.

Meu pulso disparou.

— Eu pensei que você poderia estar. — Julian alisou uma mão sobre a frente de sua camisa. — Você não se lembra de mim, não é?

— Você é um jornalista da *Washington Weekly.* — Minha língua parecia grossa na minha boca.

Ele devia ter colocado algo na minha bebida no café. Fosse o que fosse, seus efeitos permaneceram e nublaram as bordas da minha consciência.

— Obviamente. — Eu poderia jurar que ele revirou os olhos. — *Antes disso,* Stella. Tivemos uma aula juntos em Thayer. Teoria das Comunicações com o Professor Pittman. Você sentou duas cadeiras na minha frente e à minha direita. — Um sorriso de reminiscência apareceu. — Gostava dessa aula. Foi onde eu te vi pela primeira vez.

Thayer. Teoria das Comunicações.

Flashes rápidos de um garoto loiro quieto sentado no fundo da sala filtraram através da minha mente, mas eu tinha feito aquela aula *anos* atrás. Eu mal me lembrava de como era o

professor, muito menos dos meus colegas.

— Eu não te disse durante nossas muitas conversas adoráveis. Eu queria ver se você se lembrava. — Seu sorriso se transformou em uma carranca. — Você não se lembrou, mas tudo bem. Eu era uma pessoa diferente naquela época. Menos bem sucedida, menos digno de você. Eu lhe disse como me sentia com minhas cartas, mas eu tinha que fazer algo de mim mesmo antes de saber que você me aceitaria. É por isso que não entrei em contato com você antes. Mas agora... — Ele abriu os braços. — Finalmente podemos ficar juntos.

— Ficar juntos? Você *me sequestrou!*

Eu não conseguia entender o que ele estava dizendo. A situação era muito surreal.

— Sim, sobre isso. Lamento ter que nocauteá-la, mas tornou as coisas mais fáceis. — O pedido de desculpas soou em sua voz. — Eu iria desamarrar você também, mas não posso fazer isso até que conserte você.

A cena estava ficando mais surreal a cada segundo. — O que você está falando?

— Christian Harper. — O nome gotejava tanto ácido que até queimou no fundo da minha garganta. — Você acha que ainda está apaixonada por ele. Eu posso ver isso em seus olhos.

Oh, Deus. Christian.

A importância total do que estava acontecendo me atingiu.

Julian estava claramente maluco, e ele me amarrou no meio de Deus sabe onde. Eu poderia tentar escapar, mas não tinha carro e ainda estava tonta por ter sido atingida na cabeça.

Havia uma forte possibilidade de eu nunca mais ver

Christian, minhas amigas ou minha família.

O pânico subiu mais alto no meu peito, mas eu o forcei de volta.

Vou arranjar um plano. Eu precisava.

Até então, eu precisava manter Julian falando em vez de fazer… o que quer que ele tivesse planejado para mim.

Meu estômago embrulhou. — Eu não estou mais namorando Christian.

Deus, eu gostaria de estar.

Desejei estar em seu apartamento agora, fazendo tacos enquanto ele me provocava por colocar muito queijo no meu e resmungava quando respondia minhas mensagens de mídia social em vez de prestar atenção nele.

Lágrimas quentes se acumularam em minhas pálpebras inferiores.

— Eu não disse que você ainda está namorando-o — Julian retrucou. — Eu disse que você ainda está *na ilusão de que o ama!*

Sua voz aumentou antes que ele respirasse fundo e passasse a mão sobre sua camisa novamente.

— Está bem. Não é sua culpa — ele disse suavemente. — Ele enganou você. Enganou você a se apaixonar pela aparência e pelo dinheiro. Mas *somos nós* que devemos ficar juntos. Eu sei disso desde que te vi pela primeira vez. Sonhei com você depois daquele primeiro dia de aula, sabe.

Outro sorriso tomou conta de seu rosto. — Eu sonhei que estávamos casados e morando em uma pequena cabana na floresta. Tivemos dois filhos. Trabalhava o dia todo, e quando chegava em casa, você estava me esperando. Foi bonito. Eu

nunca tinha sonhado com uma garota antes. Se isso não é um sinal de Deus, o que é?

Um *sonho?* Eu tinha passado pelo inferno por causa de um maldito *sonho?*

Respire.

O ar grosso raspava em meus pulmões.

— Não há ninguém mais bonita do que você, Stella. Você sempre foi tão quieta e gentil comigo, mesmo quando todo mundo me ignorava ou zombava de mim. Você tem as qualidades que procuro em uma esposa. Você é perfeita para mim.

Eu não era a mesma pessoa que tinha sido na faculdade, mas estava claro que ele não me via como eu mesma. Ele só me via como um troféu, algo que ele poderia possuir.

— Como você conseguiu todas essas fotos minhas? — Eu movi minhas mãos atrás de mim tanto quanto eu ousei, procurando por algo, *qualquer coisa,* que eu pudesse usar para romper a corda. — Como você invadiu meu apartamento?

Minha respiração acelerou quando eu bati no que parecia uma saliência dura e afiada na parte de trás da cadeira. Parecia um prego.

A cadeira era tão velha que eu não ficaria surpresa. Honestamente, eu não me importava com *o* que era. Eu só me importava se isso poderia desgastar as cordas o suficiente para eu me libertar.

Mantive meus olhos em Julian enquanto trabalhava minhas amarras com o prego o mais discretamente possível.

— Eu sempre fui bom em cavar sobre pessoas. Jornalista, sabe. Além disso, eu me misturo com a multidão. Torna mais fácil seguir alguém sem que ele saiba. Quanto ao seu

apartamento... — Julian sorriu. — Essa é a melhor parte! Eu tenho um apartamento no Mirage também. Minha avó passou para mim depois que ela morreu. Não moro lá em tempo integral, mas tenho as chaves. Somos praticamente vizinhos. Fiquei tão chateado quando você não me notou na única vez em que dividimos um elevador, mas você estava muito ocupada olhando para o seu telefone. — Ele soltou um bufo.

Eu fiquei quieta. Eu estava muito focada na minha tarefa.

Por sorte, Julian gostava de fazer uma produção da sua história, andando e gesticulando enquanto me contava o que fez.

Toda vez que ele virava as costas, eu trabalhava mais rápido, então diminuía quando ele me encarava novamente.

O suor escorria dos meus esforços, mas a corda se afrouxou o suficiente para não machucar mais na minha pele.

Só um pouco mais...

— Foi mais difícil invadir o sistema de vigilância, mas tive ajuda para isso. Contratei a Sentinel Security. Eles são o maior concorrente de Harper, e imaginei que aproveitariam qualquer oportunidade para derrubá-lo. Eu tinha razão. Eles me deram um dispositivo sofisticado que eu poderia usar, e o resto é história.

Ele parou na minha frente.

Eu congelei, rezando para que ele não olhasse por cima da minha cabeça e pelas minhas costas.

— Eu fiz tudo isso por *você,* Stella. Porque eu amo você. Eu só queria não ter deixado você por dois anos. Infelizmente, tive que voltar para casa e cuidar da minha avó. — Ele parecia irritado. — Foi ela que me deixou o apartamento e todo o dinheiro que precisávamos. Ela era grande nos negócios imobiliários, e desde que meus pais morreram, eu fiquei com

tudo.

— Você começou a namorar Harper enquanto eu estava fora, o que não foi muito legal. — A desaprovação formou uma profunda ruga em sua testa. — Mas eu estou de volta, e você está fora da casa daquele idiota. Eu tive que ficar quieto por um tempo depois que voltei, você sabe. Não podia arriscar Harper me rastreando. A parte boa é que tive tempo de planejar tudo isso.

Julian se ajoelhou e alisou meu cabelo do meu rosto. — Nós podemos finalmente ficar juntos *depois* que consertarmos você. Eu não acho que vai demorar muito, no entanto. Algumas semanas comigo e você verá. Fomos feitos um para o outro.

Ele sorriu.

Uma sensação de mal-estar inundou meu estômago.

Ele estava delirando. *Além* do delírio.

Ele disse que me amava, mas o que ele estava fazendo não era amor.

O amor me aceitava como eu era, com defeitos e tudo.

O amor acreditava em mim mesmo quando eu não acreditava em mim mesma.

O amor se traduzia em momentos tranquilos e beijos suaves, alegria sem fôlego e mãos ásperas, tudo em um.

Amor era o que Christian me deu.

Ele cruzou fronteiras e manteve segredos, mas ele nunca faria *isso.* Ele nunca me drogaria ou me machucaria intencionalmente.

Eu sabia que deveria jogar junto até que eu pudesse escapar, mas mesmo o pensamento de fingir querer estar com Julian me fez querer vomitar.

— Julian... — Eu o olhei nos olhos.

Ele sorriu, seu rosto brilhante com antecipação doentia.

— Prefiro *morrer* do que estar com você.

Eu dei uma cabeçada nele o mais forte que pude.

Seu uivo de dor ricocheteou pela cabana.

Luzes atravessaram minha visão com a força do impacto, mas eu não tinha tempo a perder. Eu forcei meus pulsos o mais forte que pude atrás de mim até que a corda desgastada estalou contra a saliência.

Por sorte, Julian não tinha amarrado minhas pernas, e eu cambaleei até a porta. Eu quase consegui antes que mãos fortes me puxassem de volta.

Eu bati no chão com um *baque.*

Julian me prendeu no chão e algemou meus pulsos acima da minha cabeça.

— Solte-me! — Eu lutei contra seu aperto.

— Você é minha — ele disse calmamente, como se estivéssemos em um piquenique no parque e ele não estivesse me segurando como refém. — Será muito mais fácil se você ceder, Stella. Eu não quero te machucar.

Eu não poderia continuar lutando para sempre. Minha energia já estava desaparecendo, meus músculos doloridos e meus pensamentos misturados com pânico.

Virei minha cabeça um pouco para a direita, e minha respiração engatou quando vi minha bolsa a alguns metros de distância.

Meu taser.

Eu sempre mantinha isso comigo. Se eu pudesse alcançá-

lo...

Julian seguiu meu olhar e riu. — Oh, não se preocupe com seu taser. Tirei as pilhas. Eu... — Sua frase foi cortada com outro uivo mais animalesco quando aproveitei sua distração, afundei meus dentes em seu pescoço e rasguei.

O som úmido e nauseante de carne rasgando cortou o ar.

Seu aperto afrouxou. Eu o empurrei para rastejar em direção à entrada.

Eu não olhei para trás. Meu estômago revirou com o sangue metálico na minha boca, mas eu não tinha tempo para pensar no meu desgosto.

Peguei a maçaneta e a usei para me puxar para cima...

Um grito de frustração raspou minha garganta quando Julian me arrastou de volta. Ele me jogou de cara na parede ao lado da porta.

A dor explodiu na minha cabeça. Minha visão estalou e chiou como a estática em uma TV antiga.

— Você me decepcionou, Stella. — Perigo transformou o grunhido de Julian em algo sombrio e sinistro. O sangue de sua ferida no pescoço pingou na minha pele e queimou como ácido. — Eu estava tentando ser legal. Achei que você tivesse entendido. Se eu não posso ter você... — A pressão de sua arma contra a parte de baixo do meu queixo enviou uma onda gelada de medo pela minha espinha. — Ninguém pode.

Soltei um pequeno grito quando ele puxou minha cabeça para trás. A arma estava fria, mas sua respiração estava quente e sinistra contra meu pescoço.

— Talvez você esteja além da salvação. Você foi arruinada. Mas está tudo bem. Podemos ficar juntos em nossa próxima vida. — Ele beijou meu pescoço. Um arrepio de desgosto

percorreu minha espinha. — Nós somos almas gêmeas. Almas gêmeas sempre encontram o caminho de volta uma para a outra.

Ele engatilhou a arma.

Dor e terror se dissolveram em dormência. Fechei os olhos, não querendo que esta cabana fosse a última coisa que veria antes de morrer.

Minha respiração desacelerou enquanto eu mentalmente me retirava para o meu lugar mais seguro.

Olhos de uísque. Murmúrios quentes. Couro e especiarias.

Lágrimas silenciosas escorriam pelas minhas bochechas.

O tempo diminuiu enquanto fragmentos da minha vida passavam pela minha mente. Vestir-me de boneca Bratz com minhas amigas para o Halloween, montar quebra-cabeças com Maura, férias em família na praia, postar meu primeiro post no blog, ligações com Brady e tardes em cafés e sessões de fotos à beira d'água... e Christian.

De todas as pessoas que eu mais sentiria falta, ele ocupava o primeiro lugar.

Eu te amo.

Um tiro alto sacudiu meus tímpanos.

Eu me encolhi e esperei pela explosão de dor, mas ela nunca veio.

Em vez disso, ouvi o bater de uma porta, seguido por gritos e uma violenta rajada de ar quando o corpo de Julian foi arrancado do meu.

Meus olhos se abriram e eu assisti, atordoada, quando meia dúzia de homens entrou na cabana com armas na mão.

Um deles subjugou Julian facilmente enquanto os outros varriam o espaço.

Tudo aconteceu tão rápido que eu ainda estava na porta quando uma presença calorosa e familiar tocou o lado do meu pescoço.

Não pode ser.

Mas quando me virei, lá estava ele.

Cabelo escuro. Olhos brilhantes. Rosto esculpido com raiva fria e impiedosa.

Christian.

Meu soluço preso finalmente se libertou.

Por mais brava que eu estivesse quando encontrei os arquivos, e por mais que ele tivesse traído minha confiança no passado, não havia ninguém que eu preferisse ver naquele momento do que ele.

— Stella. — O alívio suavizou as pontas afiadas de sua fúria.

Ele disse meu nome como uma oração, um sussurro tão cru e sincero que obliterou qualquer resistência que eu pudesse ter.

Eu não pensei. Eu não falei.

Eu apenas atravessei a sala e me joguei em seus braços.

50

Christian

Ela está aqui. Ela está segura.

Repeti as palavras na minha cabeça enquanto segurava Stella com força.

Pequenos arrepios percorriam seu corpo, e embora ela fosse quase tão alta quanto eu, ela parecia frágil. Quebrável.

Proteção feroz queimava em meu peito.

— Está tudo bem, baby — eu murmurei. — Você está bem. Você está segura.

Ela enterrou o rosto mais fundo no meu pescoço, seus soluços suaves torcendo meu coração como um trapo torcido.

Eu a estava segurando novamente pela primeira vez em semanas, mas não era assim que eu queria que fosse.

Não com ela machucada, ferida e aterrorizada.

O alívio que senti ao vê-la viva deu lugar a uma raiva renovada.

Meu olhar frio encontrou Julian por cima do ombro de Stella.

Ele olhou de volta para mim, seus olhos cheios de ódio, mas ele não disse uma palavra enquanto Steele e Mason o seguravam com restrições.

Eu reconheci o rosto de Julian em sua biografia da *Washington Weekly.* Eu também o reconheci pela verificação de

antecedentes que fiz com a avó dele quando ela comprou seu apartamento no Mirage. Depois que ela morreu, a propriedade passou para ele.

Eu não me envolvia nos detalhes mundanos da rotatividade de inquilinos, então não tinha conectado esse detalhe.

Não é de admirar que não houvesse nenhuma evidência de que ele deixou o Mirage depois que invadiu o apartamento de Stella. Ele esteve dentro dele o tempo todo.

— Mantenha-o vivo — eu disse. — Eu vou lidar com ele pessoalmente.

Eu queria o prazer de despedaçar o bastardo eu mesmo.

No entanto, um vislumbre de orgulho acendeu em meu peito quando vi a ferida feia em seu pescoço. Stella devia ter arrancado um pedaço dele antes que chegássemos.

Essa é minha garota.

Steele assentiu. — Pode deixar.

Nós rastreamos Julian através do cartão de crédito que ele usou para alugar o carro, então rastreamos o carro até esta cabana de merda na floresta da Virgínia. O GPS integrado do carro tornou isso fácil.

Eu não queria correr nenhum risco, então chamei um punhado de homens para me acompanhar e despachei outro para pegar Brock.

Julian devia ter drogado ele e Stella com substâncias diferentes – uma para incapacitar Brock e tirá-lo da sala, a outra para desorientá-la.

Eu não queria nada mais do que esfolá-lo vivo, mas Stella era prioridade.

Eu esfreguei a mão em suas costas. — Vamos fazer um

check-in em um hotel e te limpar — murmurei. — Eu tenho um médico que pode nos encontrar lá e dar uma olhada em suas feridas.

Eu odiava hospitais. Toda aquela maldita papelada e segurança frouxa. Era mais fácil cuidar dela sozinha.

Quando ela deu um pequeno e silencioso aceno de cabeça, deixei meus homens para lidar com a bagunça na cabana e gentilmente a guiei para o meu carro.

Minha raiva explodiu novamente com a visão de seus cortes e hematomas na luz do dia, mas eu a reprimi.

Mais tarde. Assim que eu tivesse certeza de que ela estava bem, eu poderia levar todo o tempo que quisesse para desmantelar Julian.

Stella não falou enquanto eu me afastava da cabana.

Eu queria levá-la de volta para o meu apartamento, mas não queria violar os limites que ela havia estabelecido durante o nosso rompimento.

No entanto, quando chegamos ao hotel decente mais próximo, ela não se moveu do carro.

Ela olhou para a entrada, os nós dos dedos brancos ao redor dos joelhos.

— Podemos ir para a sua casa em vez disso? — ela perguntou baixinho. — Quero estar em algum lugar seguro.

Meu coração rugiu para a vida, mas eu mantive minha voz calma. — É claro.

O Dr. Abelson já nos esperava quando chegamos ao Mirage. Ele estava tecnicamente aposentado, mas um de meus clientes me encaminhou para ele anos atrás, quando mencionei a necessidade de um médico particular e discreto.

Aparentemente, Abelson precisava de algo além de golfe e televisão para passar o tempo durante a aposentadoria.

Eu não precisava que os outros residentes fizessem perguntas, então nos levei pela entrada dos fundos até minha cobertura.

Eu tinha uma sala especial reservada para tratamento médico e assisti impacientemente enquanto Abelson se apresentava a Stella e verificava seus ferimentos.

— Ela está bem? — eu exigi depois de um período de tempo interminável que na realidade foi menos de trinta minutos.

— Ela tem alguns cortes e hematomas, além de uma leve concussão, mas ela vai ficar bem — disse ele. — Nada que o tempo e o descanso não curem.

O diagnóstico deveria ter me acalmado, mas tudo em que me concentrei foi na palavra *concussão.*

Acrescentei mentalmente mais quinze minutos ao meu tempo com Julian.

— Eu vou fazer isso — falei quando ele se moveu para enfaixar um de seus cortes. — Você pode sair. Obrigado.

Além de um pequeno levantar de sobrancelhas, Abelson não reagiu ao meu pedido.

— Quero saber o que aconteceu? — ele perguntou enquanto arrumava sua mala. Ele manteve a voz baixa

Stella estava sentada do outro lado da sala. Ela ficou em silêncio durante o exame, mas isso não significava que ela não podia nos ouvir.

— Não. — Ele estava de plantão para lidar com problemas médicos, mas eu o mantinha por fora como exatamente esses problemas surgiam.

— Foi o que eu imaginei. — Ele balançou sua cabeça. — Ligue-me se surgir alguma complicação. Eu não prevejo que elas irão, mas você tem o meu número.

Era por isso que eu gostava de Abelson. Era discreto, competente e não fazia perguntas desnecessárias.

Depois que ele saiu, terminei de enfaixar os cortes de Stella.

As pontas dos meus dedos roçaram sua pele enquanto eu gentilmente pressionava as bandagens sobre suas feridas. O zumbido constante do ar-condicionado se misturou com nossas respirações suaves, e uma corrente elétrica enrijeceu meus músculos até que eu terminei minha tarefa.

— Se você estiver com fome, eu posso fazer comida para nós — eu disse.

Ela balançou a cabeça. — Só quero tomar banho e dormir.

Eu não discuti. Em vez disso, eu a guiei para o corredor e parei entre o quarto de hóspedes e meu quarto.

Eu não deveria perguntar. Eu sabia que isso poderia cruzar os limites novamente, e que ela poderia não estar pronta. Mas eu tinha que tentar.

— Fique comigo. — Suavizei as palavras em um pedido, não em uma ordem. — Só por esta noite. Por favor.

Estávamos na segurança da minha cobertura, mas não era suficiente.

Eu quase a perdi, e eu precisava dela por perto.

Eu precisava vê-la, tocá-la, confortá-la. Tranquilizar-me porque ela estava realmente aqui e não era uma invenção da minha imaginação.

Só então eu poderia respirar.

Uma eternidade de segundo se passou, seguida por um pequeno aceno de cabeça, doce alívio, e o *clique* da porta do meu quarto se fechando atrás de nós.

Stella e eu nos revezamos no banho.

Ela mudou todos os seus pertences para a casa de Ava, então eu dei a ela uma das minhas camisas velhas para vestir.

A visão dela na minha roupa puxou meu coração.

Isso não significava que ela me perdoou ou que estávamos juntos novamente. Ela passou por uma experiência traumatizante, e suas ações agora não eram indicativas de seu comportamento regular.

Mas era um progresso, e eu aceitaria qualquer coisa que conseguisse.

— Como você me achou? — ela perguntou quando eu deslizei na cama ao lado dela.

Ela recuperou um pouco de sua cor depois do banho, e ela estava conversando novamente.

Mais progresso.

Outro arrepio de alívio abrandou minha tensão.

— Brock me mandou uma mensagem e eu o vi nas imagens de segurança da cafeteria. — Eu dei a ela um resumo rápido do que aconteceu, deixando de fora a parte sobre Kage e o ferro-velho.

— Ele vai ficar bem?

Stella *ficaria* preocupada com outra pessoa mesmo sendo ela que tivesse sido sequestrada.

O canto da minha boca chutou para cima. — Sim. Ele vai ficar bem com um pouco de descanso.

— Bom. — Ela meio que me encarou com uma mão debaixo de sua bochecha.

Apesar do que ela disse sobre querer dormir, ela parecia relutante em fazê-lo.

— Fale comigo, Butterfly. O que está em sua mente?

— Bem, eu tive um dia emocionante.

Outro sorriso cruzou meus lábios. Piadas, por mais secas que fossem, sempre eram um bom sinal.

— Mas eu não quero falar sobre o que aconteceu agora. — Ela se mexeu para me encarar completamente. — Conte-me uma história.

— Um conto de fadas? — eu provoquei.

Ela balançou a cabeça. — Algo real.

Eu pensei sobre isso antes que meu sorriso desaparecesse gradualmente. — Quão real você quer, Stella?

— Tão real quanto possível. — Sua voz suavizou. — Conte-me uma história sobre você.

Fiquei quieto por um momento antes de falar novamente.

— Eu lhe contei sobre meu pai e como meus pais morreram. O que eu não te contei foi o que minha mãe deixou para trás. — As palavras saíram desbotadas, como móveis cobertos de poeira depois de tanto tempo escondidos. — Foi um bilhete de despedida.

A polícia encontrou no local. Minha tia não queria que eu visse, mas eu insisti.

Ainda me lembrava de como cheirava, como tinta e o perfume favorito da minha mãe. Minha pele ainda estava quente do sol da tarde, mas não consegui parar de tremer

quando li o bilhete.

— Ela me disse o quanto me amava e não queria me deixar, mas que não tinha escolha. Que ela não poderia viver sem meu pai e que a irmã dela cuidaria de mim.

Um sorriso amargo tocou meus lábios. — Imagine dizer ao seu filho que você o *amava* antes de deixá-lo sozinho no mundo. Sabendo que ele perderia a única família que restava porque você não conseguia ficar por aqui o tempo suficiente para *tentar?* Foram dois dias. Foi isso. Não fiquei triste quando li aquela carta, Stella. Fiquei com *raiva,* e fiquei feliz com isso, porque a raiva é mais fácil do que o abandono.

— Mas minha mãe também deixou outra coisa para trás. Sua única tentativa de pintar. Ela adorava arte, mas era uma péssima artista, e nem meu pai conseguiu mentir e dizer que era bom. Colocamos no porão, mas depois que ela morreu, eu desenterrei e mantive. Eu não sabia por quê. Talvez porque me ressentisse do que a arte fizera à minha família e gostava de ver sua feiura e caos imortalizados na tela. Eu também tinha o bilhete dela e, quando fiquei mais velho, retrabalhei a moldura e o coloquei dentro dela. A parte mais fodida foi, eu dei o nome dela para aquilo. *Magda*.

— Sim — eu disse quando os olhos de Stella se arregalaram. — A mesma *Magda* que você me ouviu falando com Dante. Eu deveria ter jogado fora a pintura e o bilhete há muito tempo, mas não consegui fazer isso. Não eram os itens em si. Era o que eles simbolizavam – o que meus pais fizeram e como eles me abandonaram. Eu odiava *Magda*, mas ela era a coisa mais importante da minha vida. O suficiente para que eu a tivesse sob vigilância. Até falsifiquei documentos dizendo que é essa obra de arte inestimável para que ninguém questionasse por que eu estava gastando tantos recursos nela.

Uma risada áspera deixou minha garganta. — Parece um ardil estupidamente elaborado para algo tão simples, mas essa

pintura sempre me fodeu. Eu nunca poderia deixá-la ir. Aquela obra de arte hedionda simbolizava tudo o que ela amava mais do que eu. Sempre que eu olho para aquilo, eu *a vejo*. Eu a vejo sentada, escrevendo aquele bilhete, então estourando seus miolos.

Stella se encolheu com a imagem visual, mas eu estava longe demais para parar.

— Eu me vejo sentado na minha sala de aula quando o diretor me chamou em seu escritório. Vejo o rosto da minha tia e o funeral e os olhares de pena que todos me deram depois que ela morreu. A cidade não sabia a verdade sobre meu pai; o empresário de quem ele estava roubando não queria nenhum alarde extra sobre o caso, e ele pagou as autoridades para manter tudo em segredo.

Engoli um estranho nó na minha garganta. — O amor de uma mãe por seu filho deve ser o maior amor de todos. No entanto, não foi suficiente para ela ficar comigo.

Stella ficou quieta durante toda a minha história, mas agora ela me olhava com mil palavras nos olhos.

— Christian... — ela respirou, sua voz grossa com lágrimas não derramadas.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. — Esta não é uma história triste, Butterfly — eu disse rispidamente. — Não se sinta mal por mim. Já superei isso há muito tempo.

Era uma história pesada para contar, dado o dia que ela teve, mas ela queria real. E minha história com *Magda* era tão real quanto possível.

— Eu não acho que você superou isso — ela falou suavemente. — Não se você ainda está ficando com a pintura.

— Tecnicamente, Dante está ficando com ela. — Eu evitei sua observação.

— Como ele conseguiu?

— O quadro foi roubado, depois vendido em uma série de vendas imobiliárias. — Eu não entrei nos detalhes sujos sobre Kage, Sentinel, e como, na mãe de todas as coincidências, caiu nas mãos de Josh. Eu a encontrei antes de Josh a comprar e recuperar a nota, mas deixei as vendas da pintura seguirem seu curso para rastrear quem a roubou. Eu estava certo sobre Sentinel e errado sobre Axel. — Dante agiu como meu procurador e a comprou de volta, já que eu não queria que mais pessoas soubessem sobre minha conexão com ela. Ela está na casa dele enquanto eu descubro o que fazer com isso.

— Descobriu? — Stella perguntou. — Descobriu o que fazer com isso?

— Ainda não. Mas eu vou.

Ficamos ali, nossas respirações se entrelaçando no espaço comprimido entre nós.

Stella estava certa. Eu não tinha superado *Magda.* Eu a empurrei para o fundo da minha mente por causa de tudo o que aconteceu nos últimos meses, mas eu ainda podia sentir seu aperto esquelético em mim.

Eu poderia destruí-la, ou poderia viver em seu domínio para sempre.

Mas isso era uma decisão para outro dia.

— Posso te contar um segredo? — sussurrou Stella. — Quando eu estava na cabana e pensei que estava prestes a morrer... a pessoa em quem eu mais pensava era você.

Suas palavras me abriram e cravaram em meu coração – tanto a parte sobre ela quase morrer, quanto a parte em que ela pensou em mim.

— Não estou dizendo que superei cem por cento o que você

fez porque não superei — disse ela. — Mas também entendo por que manteve as coisas em segredo e não soube como dizer a verdade. Também percebi que estava errada quando comparei você ao Julian. Você nunca me machucaria do jeito que ele fez. E, para ser honesta, eu... — Stella visivelmente engoliu em seco. — Sinto a sua falta.

A compressão no meu peito afrouxou e minha boca se suavizou em um sorriso genuíno. — Posso trabalhar com isso.

— Também... — Um rubor se espalhou por suas bochechas. — *Talvez* eu consiga aumentar a porcentagem se você me der um beijo de boa noite.

O riso retumbou em meu peito. — Eu *definitivamente* posso trabalhar com isso.

Eu a puxei para mais perto. — Eu também senti sua falta — acrescentei suavemente antes de pressionar um beijo suave em sua boca. Eu poderia beijá-la para sempre, mas me forcei a recuar depois de contar até três. Agora não era hora para uma sessão de beijo quente e pesado. — Isso é tudo que você está recebendo por agora. Você precisa descansar.

Stella suspirou. — Provocador.

Apesar de seus resmungos, ela adormeceu minutos depois.

Eu a aconcheguei mais perto do meu peito e, depois de semanas de noites agitadas, deixei o ritmo suave de sua respiração finalmente me embalar para dormir.

51

Stella

Dormi até o meio-dia do dia seguinte. Foi o mais tarde que eu já acordei, mas os eventos do dia anterior tinham cobrado seu preço. Mesmo depois de sólidas dezesseis horas de descanso, a nebulosidade turvava meu cérebro enquanto eu caminhava para a cozinha.

Ser drogada e sequestrada. Descobrir que meu antigo colega de classe e o repórter que escreveu aquela entrevista incrível sobre mim era meu perseguidor. Quase morrer, depois ser resgatada por Christian, passar a noite em sua casa, e meio que fazer as pazes com ele.

Eu tive tempo para processar, então foi mais fácil entender o que aconteceu, mas ontem foi tão surreal que eu ainda sentia como se estivesse andando à beira de um sonho.

Era segunda-feira, então eu esperava que Christian estivesse no trabalho. Mas quando entrei na cozinha ensolarada, eu o encontrei parado junto à máquina de café expresso, vestido com uma camisa e calça pretas em vez do terno habitual.

Pisquei com surpresa. — Você está aqui.

— *É* a minha casa — disse ele secamente. Ele acenou para a variedade de pratos cobertos na ilha da cozinha. — Nina está aqui e fez o café da manhã. Panquecas de ricota com limão, sua favorita.

Meu estômago roncou com a menção do café da manhã. Eu tinha comido um bolo no almoço e pulei o jantar ontem, então

ficaria feliz com *qualquer* tipo de comida.

— Como você está se sentindo? — ele perguntou, observando enquanto eu comia as panquecas.

Deus, estas eram boas. Possivelmente as melhores panquecas que já comi.

— Vou sobreviver. — Meus músculos doíam e minha cabeça ainda doía um pouco, mas não era nada crítico. — Você não deveria estar no trabalho?

— Vou sair em breve. — Christian colocou sua caneca de café na pia. — Eu tive que contar a Ava o que aconteceu desde que ela ficou preocupada quando você não voltou para casa ontem à noite. Ela adivinhou corretamente que você estava comigo.

Eu estremeci. Eu tinha esquecido totalmente de deixar Ava saber que eu estava bem.

— Ela contou a Jules. — Seu tom secou ainda mais. — Elas devem estar aqui em breve. Elas podem te fazer companhia enquanto eu lido com Julian.

— Você está deixando elas entrarem em sua casa? Achei que você não gostasse de convidados.

— Achei que você não gostaria de ficar sozinha. — A carranca de Christian se aprofundou. — Se não for esse o caso, direi a elas para não virem.

— Não. Está bem. Vai ser bom vê-las. — Ele estava certo sobre eu não querer ficar sozinha.

Ver minhas amigas me daria uma sensação de normalidade, embora eu soubesse que elas deviam estar pirando.

— O que você vai fazer com Julian? — perguntei, com

certeza eu não queria saber a resposta, mas estava curiosa demais para não perguntar.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu insistiria que deixasse a polícia cuidar disso.

No entanto, tentar convencer Christian a entregar um caso à polícia seria inútil, e eu não tinha a melhor experiência com a polícia.

Com minha sorte, Julian escaparia de uma sentença pesada e voltaria às ruas em alguns meses.

Os olhos de Christian escureceram. — Nada que ele não mereça.

Um calafrio percorreu minha espinha com a calma letal de sua resposta. De repente, perguntei-me, em um nível mais visceral, por que ele estava vestindo roupas casuais e totalmente pretas em vez de um terno.

Christian provou que ele era um homem melhor do que eu esperava.

Mas eu sabia com uma clareza repentina e ofuscante que ele também era capaz de coisas piores do que eu poderia imaginar.

Nossos olhares se encontraram. Meu batimento cardíaco desacelerou sob o peso de sua avaliação.

Ele sabia que eu sabia, ou pelo menos eu tinha um pressentimento. E ele queria ver se eu o condenaria. Tentaria detê-lo.

Meu garfo afrouxou na minha mão. Mas eu não disse uma palavra.

O toque da campainha quebrou o feitiço, e instintivamente olhei para a sala de estar.

Nina devia ter atendido a porta porque eu ouvi os sons fracos das vozes das minhas amigas seguidos pelo barulho de passos.

— Se você tiver tempo hoje... — A voz calma de Christian chamou minha atenção de volta para ele. — Olhe na gaveta onde você encontrou os arquivos. Há algo lá para você.

A incerteza incomum em seu tom despertou uma semente de curiosidade e algo mais quente que deslizou por mim como mel derretido.

As vozes das minhas amigas ficaram mais altas.

Christian se moveu para sair, mas eu o parei antes que ele chegasse à porta.

— Christian.

Ele se virou para olhar para mim.

— Não dê a ele nenhum pedaço de sua alma — falei suavemente.

Julian fez sua cama, e era hora de se deitar nela. Mas Christian... eu não queria que ele fizesse nada que pudesse assombrá-lo, especialmente se fosse por mim.

Especialmente se quebrasse qualquer parte dele.

— Uma das minhas coisas favoritas sobre você — ele disse, sua voz como o mais escuro dos veludos — é que você acha que eu tenho algum pedaço sobrando.

Eu ainda estava de pé na cozinha depois que ele saiu, sua presença era uma corrente de ar fria e persistente em seu rastro.

Eu só tive alguns segundos para respirar o silêncio antes que minhas amigas entrassem na cozinha e me envolvessem em um casulo de abraços e preocupação.

— Desculpe-me, eu não liguei ontem — eu disse, abraçando Ava. — Tanta coisa aconteceu, e isso escapou completamente da minha mente.

— Eu entendo — ela me assegurou. — Estou feliz que você esteja bem.

— O que eu *não* entendo — disse Jules. — Por que você está na casa de Christian. Achei que vocês tinham terminado. O que diabos aconteceu?

O que não aconteceu?

— É uma longa história — eu disse. — Vocês podem querer se sentar primeiro...

* * *

Duas horas e uma recontagem exaustiva do meu sequestro e das consequências depois, eu me vi olhando para três estátuas de queixo caído. Duas pessoalmente e uma no FaceTime, já que Bridget estava em Eldorra, mas me mataria se eu a deixasse de fora disso.

Aparentemente, Christian tinha apenas dito a Ava que eu tive um 'encontro' com meu perseguidor, então noventa e cinco por cento da minha história foi um choque completo para elas.

Jules se recuperou primeiro.

— Primeiro de tudo, Julian merece a *prisão.* — Ela tremeu de fúria. — Em segundo lugar, vou *para* a cadeia pelo que farei se algum dia me deparar com ele. Eu vou cortar as bolas dele, você está me ouvindo? Vou cortá-las com um facão e enfiá-las na garganta dele para que ele se engasgue...

— *Ok*, eu acho que já tivemos violência suficiente para a

semana — Ava cortou. Preocupação vincou sua testa. — Stel, você tem certeza de que ele está bem? Ele não vai escapar nem nada?

Eu balancei minha cabeça. — Eu duvido. A Harper Security está com ele.

— E quanto a Christian? — perguntou Bridget. Ela estava no que parecia ser seu escritório, e um retrato gigante de algum velho monarca eldorriano olhou para mim por trás dela. — Isso significa que vocês estão juntos novamente?

— Nós estamos... — Eu hesitei. — Resolvendo as coisas.

— Isso é ótimo! — De todas as minhas amigas, Jules era a mais entusiasmada com Christian. Provavelmente porque ele baixou muito nosso aluguel quando nos mudamos para o Mirage. — Ele não é um cara tão ruim. Quero dizer, às vezes ele faz coisas ruins. Esses arquivos não foram legais, e você tinha todo o direito de terminar com ele. *Mas*... — Sua voz suavizou. — Ele realmente te ama.

Engoli o nó de emoção na minha garganta. — Eu sei.

Felizmente, a conversa logo voltou para um terreno mais seguro com Jules detalhando todas as maneiras criativas que ela assassinaria Julian (para grande desgosto de Ava).

A companhia das minhas amigas me fez voltar à realidade.

Quando a hora do almoço passou, no entanto, eu gentilmente, mas com firmeza, insisti que elas fossem pelo resto do dia e que eu não precisava de babá.

Apreciava a companhia e preocupação delas, mas tinha esgotado minha bateria social para o dia. Eu precisava de um tempo sozinha para recarregar.

A porta se fechou atrás delas, e eu respirei em silêncio.

Nina também tinha ido embora, então era só eu e a cobertura vazia.

Quando me mudei, achei que era fria e impessoal, como um showroom[21] de modelos. Agora, estar aqui era como voltar para casa.

Aquele era o sofá onde eu tinha criado minha coleção, essas eram as plantas que eu cuidei com carinho por meses...

E esse foi o escritório onde encontrei os arquivos que destruíram tudo.

Parei em frente à entrada. Pela primeira vez, Christian deixou a porta aberta.

Se você tiver tempo hoje, procure na gaveta onde encontrou os arquivos. Há algo lá para você.

Ficar longe era impossível.

Meus batimentos cardíacos colidiram um com o outro enquanto eu caminhava até sua mesa e acionava o mecanismo da gaveta secreta.

O compartimento deslizou silenciosamente.

Senti uma pontada de surpresa quando vi seu conteúdo.

Em vez de pastas pretas, a gaveta estava cheia de cartas. Havia pelo menos uma dúzia delas, escritas à mão em papel de carta creme simples.

Eu reconheci os rabiscos ousados e elegantes de Christian imediatamente.

Folheei-as, meu ritmo cardíaco subindo a cada folha que aparecia.

Estavam todas endereçadas a mim e datadas desde o dia em que terminamos.

Uma carta para cada dia que estivemos separados.

Emoção inchou na minha garganta com o pensamento de Christian sentado aqui noite após noite, me escrevendo cartas que eu poderia nunca ver.

Exceto que eu estava aqui agora, a seu pedido, e eu não poderia ter me contido se quisesse.

Afundei em sua cadeira, peguei a primeira carta e comecei a ler.

52

Christian

— Olá, Julian.

Examinei o perseguidor de Stella, que estava amarrado com algemas pesadas prendendo seus braços e pernas afastados. Pregos prendiam suas palmas das mãos à parede atrás dele, enquanto hematomas pretos e azuis manchavam seu corpo como uma peça obscena de arte abstrata.

Estávamos no armazém que comprei para esse propósito específico. Remoto, à prova de som e protegido o suficiente para que uma formiga não pudesse rastejar pelo chão sem que eu soubesse.

Nem todos os meus caras estavam bem com o trabalho sujo, o que era bom.

Eu só precisava de alguns, e eles fizeram seu trabalho preparando o bastardo para mim. Eu não poderia deixá-lo esperando *muito* confortavelmente enquanto eu cuidava de Stella.

Meu olhar foi para o chão.

Uma pequena poça de sangue manchou o concreto cinza liso.

Isso também era bom.

Cresceria em breve.

O rosto de Julian estava tão abatido que era irreconhecível, mas o calor de seu olhar me fez sorrir.

Ele tinha um pouco de luta sobrando nele. *Bom.*

Isso tornaria nossa sessão muito mais divertida.

— Lamento dizer-lhe isso, mas você pode ter problemas para escrever mais notas no futuro. — Coloquei um par de luvas, minha voz casual enquanto examinava a variedade de ferramentas disponíveis para mim em uma mesa próxima.

Uma dúzia de lâminas diferentes. Soquetes de bronze. Chaves de fenda, chicotes, pregos, ganchos...

Hum. Escolhas, escolhas.

— Vai se foder — Julian cuspiu.

Meus homens foram relativamente suaves com ele. Devia ter lhe dado uma falsa sensação de segurança de que o que ele passou era tão ruim quanto foi.

Eu sorri. Se ao menos você soubesse.

— *Linguagem,* Sr. Kensler. Honestamente. Sua avó não lhe ensinou boas maneiras? — Eu selecionei uma das lâminas. Eu tinha um fraquinho por facas.

Elas eram letais, precisas, versáteis. Tudo o que eu gostava em uma arma.

— Aqui está a coisa. — Eu pressionei a ponta da faca em seu esterno. — Não gosto de sujar as mãos. Sangue não combina com nenhuma das minhas roupas. Mas às vezes... — Eu arrastei a faca pelo seu torso. O sangue jorrava e serpenteava por seu corpo como finos riachos vermelhos. — Alguém me irrita o suficiente para eu abrir uma exceção.

Fiz uma pausa na carne macia de sua barriga, então enfiei a lâmina com tanta força que ele teria caído se não tivesse sido amarrado.

Um grito desumano rasgou de sua garganta, seguido por

um segundo grito quando eu arranquei a faca.

— Aqui está a coisa, Julian. — Continuei como se nada tivesse acontecido. — Ela *nunca* será sua. Ela sempre foi minha. E seu maior erro... — Larguei a faca ensanguentada na mesa e selecionei um cutelo. — Foi machucar alguém que era minha.

Eu não disse o nome de Stella. Seu nome não merecia viver em um lugar onde reinava a dor e a morte, mas ambos sabíamos de quem eu estava falando.

Manchas de sangue. Pele machucada. Olhos aterrorizados.

Meu pulso batia com a memória.

Eu geralmente ficava no controle durante essas sessões. Tranquilo, calmo, até mesmo conversador enquanto eu trabalhava no sujeito.

Mas sempre que eu imaginava o olhar assombrado em seus olhos, ou o roxo e preto estragando sua pele linda, algo escuro e gelado se enraizava em meus pulmões.

Raiva, e a necessidade primordial de rasgar em pedaços qualquer um que sequer *pensasse* em machucá-la.

Se eu estivesse um minuto atrasado, ela teria morrido. Sua luz teria se apagado, simples assim.

A raiva se enrolou e explodiu através da lâmina afiada do cutelo, que esmagou carne e osso até que um uivo animalesco de agonia dividiu o ar.

— Vê? — Meu peito arfou com a força do meu balanço quando a mão direita de Julian atingiu o chão com um *baque*. — Será difícil escrever de novo. Ou digitar.

Isso foi o suficiente para sua luta derreter como sorvete no concreto quente, o que foi decepcionante.

Quebrá-los era muito mais satisfatório quando eles não se dobravam tão rapidamente.

— Por favor — Julian ofegou. Lágrimas escorriam por suas bochechas e escorriam pelo queixo. — Eu sinto muito. Eu…

— O que você teria feito se eu não tivesse aparecido? Teria a estuprado? Ou a matado?

— Não — ele balbuciou. Ele tremeu quando eu troquei as lâminas novamente. — Eu… eu não queria machucá-la. Eu…

Era tarde demais.

Uma imagem de Stella presa embaixo dele, chorando e ensanguentada, passou pela minha cabeça.

Eu perfurei seu peito e ignorei seus gritos.

O simples fato de que ele colocou as mãos sobre ela e causou-lhe um segundo de dor…

Quando eu estava na cabana, e pensei que estava prestes a morrer...

Achei que ia morrer...

Prestes a morrer...

Minha visão se afundou.

Um rosnado se soltou quando eu arranquei um quadrado da carne de seu perseguidor com um rasgar cruel.

Outro uivo sacudiu a lâmpada nua que iluminava o espaço.

Eu não me entregava a essas sessões de armazém com frequência. As pessoas que me cruzaram tinham que ter cometido pecados grandes o suficiente para justificar tal tratamento, e como eu disse, eu não gostava de manchar minhas roupas com sangue.

Mas machucar Stella? Não havia crime maior do que esse no meu livro.

Os sons dos gritos e súplicas de Julian se afogaram sob o maremoto da minha raiva. Meu mundo encolheu para um que consistia apenas em metal, sangue e agonia. O estalo de osso, o som molhado de carne rasgando, os elementos mais básicos de um homem saindo das costuras de seu torso eviscerado como enchimento de uma boneca velha.

Eu poderia ter passado o dia inteiro trabalhando em Julian. Vinte e quatro horas não eram nada comparadas aos meses de inferno que ele fez Stella passar.

Talvez eu tivesse ficado, se não tivesse voltado à mesa para trocar minha faca cega e desgastada por uma nova e visto a mensagem esperando por mim.

Eu deixei meu telefone ao lado das lâminas. O texto na tela estava comicamente fora de lugar, um lembrete chocante de que a vida existia fora dessas paredes.

Stella: *Venha para casa para mim.*

Minha respiração desacelerou.

Eu estava encharcado de suor e salpicado de sangue. Minha contenção habitual quebrou sob o peso da dor de Stella, mas suas palavras me amarraram de volta à terra.

Uma imagem de Stella olhando para mim com aqueles olhos verdes suaves naquela manhã substituiu o armazém.

Não dê a ele nenhum pedaço de sua alma.

Eu pensei que não tinha mais nenhuma, mas eu estava errado. Havia um pedaço restante, e pertencia a ela.

Carmesim gradualmente recuou da minha visão.

Larguei a faca e olhei para o homem quebrado e quase

inconsciente pendurado na parede.

O desejo de fazê-lo sofrer mais ainda estava lá, enrolado como uma cobra viciosa em meu intestino.

Mas o desejo de voltar para Stella era mais forte.

Venha para casa para mim.

— Você teve sorte — falei.

Peguei minha arma.

Três tiros estrategicamente disparados depois, o perseguidor de Stella não era nada mais do que um monte de carne sem vida e ensanguentada.

Por ela, eu dei a ele a maior misericórdia que eu era capaz de dar: uma morte mais rápida.

Saí do porão enquanto Steele e Mason entravam para limpar a bagunça.

A tortura não os intimidava; eles estavam ainda mais confortáveis com as sessões do armazém do que eu.

Ao contrário de Kage, eles também não tinham outra ambição além de se destacarem nos papéis que já ocupavam. Foi por isso que eu os selecionei para supervisionar a detenção de Julian.

Ainda assim, eu teria que revisar os processos da empresa depois que voltasse ao escritório. Alterar códigos de acesso, reestruturar equipes. Eu não queria arriscar outra situação como Kage.

Mas até lá...

Entrei no banheiro do armazém, lavei o sangue, troquei de roupa e fui para casa para Stella.

* * *

Stella

— Você está em casa.

Meu coração disparou quando a porta se abriu e Christian entrou.

À primeira vista, ele parecia o mesmo de quando saiu – camisa preta, calça preta, rosto assustadoramente bonito –, mas um olhar mais atento revelou a tempestade silenciosa se formando em seus olhos.

— Você me pediu para voltar para casa. — Ele assistiu, corpo imóvel, mas o olhar queimando como uma chama aberta, enquanto eu diminuía a distância entre nós. — Então aqui estou.

Sua voz áspera de veludo continha uma nota de cautela.

Fazia cinco horas desde que ele saiu, e nós dois sabíamos que ele não estava no escritório.

— É... — Eu parei, não querendo dizer o nome de Julian.

— Você não precisa mais se preocupar com ele.

— Certo. — Engoli as centenas de perguntas que se amontoavam em minha garganta e segui por um caminho mais seguro. — Eu li as cartas.

Todas as vinte. Cada uma torceu meu coração como um nó esticado, porque eu sabia o quão difícil era para Christian compartilhar qualquer coisa sobre sua vida pessoal.

Aquelas letras não eram apenas letras – eram pedaços dele, derramados de sua alma e pintados de preto.

E eu amei cada pedaço, não importava o quão falho ou quebrado ele pensasse que era.

A tempestade nos olhos de Christian ameaçou me sugar em seu vórtice.

— Eu quis dizer o que escrevi — ele disse calmamente. — Cada palavra.

— Eu sei. — Eu pressionei meus lábios em sua mandíbula. Ele ficou parado, seus músculos tensos e sua respiração acelerada enquanto eu beijava um caminho da sua mandíbula até o canto de sua boca.

— Bem-vindo ao lar — eu sussurrei.

Um pequeno estremecimento passou por ele antes que ele virasse a cabeça e nossas bocas se encontrassem. A estática me encheu quando ele segurou meu rosto com uma mão e enrolou a outra mão em volta do meu pescoço.

O beijo da noite anterior tinha sido suave, gentil. Um alívio para as águas após a nossa separação e um conforto após um dia infernal.

Este era paixão e desespero, uma recuperação completa do que éramos e o nascimento do que poderíamos ser.

Sem mentiras, sem segredos, apenas nós.

Afundei no familiar deslizar da língua de Christian contra a minha e o calor de sua mão contra a parte de trás do meu pescoço.

Não fiz perguntas sobre o que ele fez nas cinco horas em que esteve fora.

O mundo não era preto e branco, não importava o quanto eu desejasse que fosse.

E, às vezes, encontrávamos nossa felicidade nos tons de

cinza.

53

Stella

— Então? O que você acha? — Christian assistia com antecipação juvenil enquanto eu levava uma garfada de nhoque à minha boca.

Fingi refletir antes de proclamar: — O melhor que já comi.

Seu sorriso fez as borboletas no meu estômago rolarem. — Eu disse a você — falou, exalando uma autossatisfação brincalhona.

Estávamos jantando em um pequeno restaurante italiano no coração de Columbia Heights. Foi o que Christian mencionou em suas cartas, e era tão encantador quanto eu imaginava.

Em vez de mesas individuais, uma mesa de madeira rústica se estendia no meio, grande o suficiente para acomodar uma dúzia de pessoas. Um candelabro à luz de velas banhava a sala com um brilho âmbar tremeluzente, uma vitrine de panelas e frigideiras de cobre pendurada na parede de tijolos expostos.

Parecia que estávamos comendo na casa de alguém, especialmente porque Christian havia reservado o restaurante, então éramos apenas nós e o garçom.

— Não seja muito presunçoso. — Apontei meu garfo para ele. — O encontro está apenas pela metade. Eu ainda tenho que avaliar você em suas habilidades de segurar as mãos, abraçar e palavras doce.

— É claro. Minhas desculpas — ele demorou. — Não queria

me precipitar.

— Desculpas aceitas. — Eu me perdi no resto da minha refeição e mal reprimi um sorriso com sua expressão risonha.

Fazia um mês desde que voltamos, e passamos esse tempo explorando os contornos do nosso novo relacionamento.

Sem namoro falso, sem medo de perseguidor nos forçando a ficar juntos, sem se esconder atrás de gestos chamativos e presentes caros.

Apenas nós, com defeitos e tudo, indo a encontros normais e vivendo vidas normais.

Bem, tão normal quanto a vida poderia ser com Christian, de qualquer maneira.

De uma forma perversa, meu sequestro redefiniu nosso relacionamento para melhor. Nada oferecia clareza como quase morrer.

Na maioria das vezes eu tinha deixado a provação para trás, embora às vezes eu ainda fosse atormentada por pesadelos de notas surpresa e uma cabana em ruínas na floresta. Mas eu daria um jeito nisso. Só levaria tempo.

Eu também voltei para a casa de Christian há duas semanas. Eu não queria mais me impor entre Alex e Ava, especialmente com o casamento chegando em algumas semanas. Eu poderia ter voltado para o meu antigo apartamento agora que eu não tinha uma ameaça do perseguidor pairando sobre minha cabeça, mas, honestamente, eu não queria morar em outro lugar.

Seu apartamento era casa.

— A propósito, você ouviu o que aconteceu com o CEO da Sentinel? — perguntei. — Foi selvagem.

Eu tinha certeza de que ele tinha escutado, mas eu tinha que trazer isso à tona.

O fim da Sentinel dominou as manchetes no mês passado. Aparentemente, eles estavam trabalhando em um novo pedaço de código que de alguma forma se autodestruiu e destruiu sua infraestrutura tão completamente que era impossível reconstruir. Informações confidenciais sobre seus clientes também vazaram e causaram um grande alvoroço, dado o alto perfil de alguns desses clientes e a sensibilidade de alguns desses dados.

Se isso não bastasse, as autoridades prenderam o CEO da Sentinel, Mike Kurtz, naquela manhã por peculato e fraude fiscal. A coisa toda foi uma bagunça.

— Sim. Não estou surpreso que tenha acontecido do jeito que aconteceu — Christian disse suavemente. — As empresas devem manter-se na sua rota. A Sentinel é uma corporação de segurança. Eles não tinham negócios para se aventurar no desenvolvimento cibernético quando essa não era sua área de especialização.

— Enquanto você, Sr. CEO de Segurança, também é um especialista em cibernética — eu provoquei.

Seu sorriso se espalhou por mim como mel aquecido pelo sol. — Exatamente.

— Acho que você não sabe nada sobre o código no qual eles estavam trabalhando — acrescentei casualmente.

Um encolher de ombros desinteressado. — Nadinha.

Eu deixei *pra* lá. Ele era vingativo e eu tinha aceitado isso sobre ele.

Além disso, a destruição da Sentinel veio de dentro para fora. Ninguém poderia culpar Christian por um erro de sua parte.

A conversa passou para a marca Stella Alonso, lançada oficialmente na semana passada. Não era um nome original, mas as etiquetas homônimas eram obrigatórias. Eu verifiquei duas vezes com a Delamonte primeiro, mas eles estavam bem com o lançamento, desde que não interferisse com meus deveres de embaixadora. Tínhamos públicos-alvo diferentes, de qualquer maneira. Os deles eram ultrassofisticados, enquanto o meu se inclinava para a faixa intermediária do espectro de luxo.

Quando o jantar terminou, eu estava cheia de vinho e tonta.

Era a noite perfeita para um encontro. Simples, casual, *real.*

— Ainda não — disse Christian quando me movi para sair. Ele se recostou na cadeira, a imagem de masculinidade sensual e contentamento preguiçoso. — Venha aqui, Stella.

Uma corrente elétrica deslizou pelo ar e se estabeleceu entre minhas coxas.

— Por quê?

A única resposta de Christian foi um arco de suas sobrancelhas escuras.

Certo.

Levantei-me e caminhei ao redor da mesa, sem saber se devia minha firmeza ao vinho ou à umidade escorregando em minhas coxas.

A mera antecipação do que poderia acontecer me excitava tanto quanto um toque real.

Quando cheguei até Christian, ele se levantou, empurrou o prato para o lado e me levantou sobre a mesa em um movimento suave.

Meu pulso disparou, mas a racionalidade se agarrou às bordas da excitação florescente.

— Christian — eu assobiei. — Nós vamos ter problemas!

As cortinas estavam fechadas e cobriam a porta da frente, protegendo-nos dos transeuntes. Nosso garçom estava desaparecido, mas isso não significava que ele não pudesse aparecer a qualquer minuto.

— Ninguém está aqui, Butterfly — Christian falou lentamente. — Eu paguei ao garçom para sair até eu dar um sinal a ele. Os cozinheiros se foram. Somos apenas nós.

Ele empurrou meu vestido em volta da minha cintura e enganchou os dedos no elástico da minha calcinha.

O ar se condensou em algo fino e infinitamente inflamável.

— O que você está fazendo?

— Comendo a sobremesa. — Christian se afastou dos meus quadris para que ele pudesse puxar minha calcinha para baixo antes de retornar ao seu lugar.

— Você não gosta de sobremesa. — Minha voz virou fumaça, tão insubstancial quanto os restos de minha resistência.

O sorriso lento e de resposta de Christian pulsava no meu sangue.

— Eu mudei de ideia.

* * *

Christian

— *Oh, Deus*. — O gemido ofegante de Stella faiscou no meu sangue como uma chama contra a gasolina.

Suas mãos emaranhavam no meu cabelo enquanto eu subia suas pernas em meus ombros e dava a seu clitóris outra longa e lânguida lambida.

— Acabamos de começar, baby — falei lentamente. — Este vai ser um longo percurso.

Eu puxei seu broto inchado em minha boca e chupei, deleitando-me com a forma como ela estremeceu e ofegou ao meu redor.

Eu adorava comer a boceta de Stella. O gosto, o cheiro, o jeito que ela apertava meus dedos quando eu os bombeava dentro dela e batia *naquele* ponto.

Era o banquete mais inebriante do mundo.

Seus gritos de prazer me estimulavam enquanto eu lambia e chupava essa boceta doce até que ela estava pingando em cima de mim, seu lindo clitóris inchado pela minha atenção e seus sucos escorregadios na minha língua.

Depois de um tempo, eu me afastei, meu peito arfando enquanto eu admirava a visão diante de mim. Tão molhada e perfeitamente preparada para o evento principal.

— *Agora* — eu disse. — Estou pronto para a sobremesa.

Abri mais suas coxas, abaixei minha cabeça e a devorei.

Os gritos e gemidos de Stella se transformaram em gritos deselegantes enquanto eu alternava entre tocar nela e adorar seu clitóris e fodê-la com minha língua. Mais forte, mais intenso que da primeira vez, como se eu estivesse morrendo de sede no deserto e ela fosse minha única fonte de salvação.

— *Christian.* — Meu nome quebrou em um soluço. Ela

agarrou meu cabelo, seus músculos tensos com desejo.

— Você tem um gosto tão bom. — Eu enterrei meu nariz nela e a respirei. Sua boceta era como o néctar mais doce do mundo, e eu estava faminto por isso.

Eu queria beber cada gota e voltar para mais. Horas. Dias. Pelo resto da porra do tempo.

Eu nunca seria capaz de obter o suficiente dela.

— Você quer saber qual é o seu gosto? — Eu deslizei dois dedos dentro dela e levantei minha cabeça para que eu pudesse vê-la.

Stella olhou para mim, os olhos semicerrados de desejo e brilhantes com uma confiança clara e pura.

Isso me desfez.

Meu pau estava tão duro que parecia que iria se abrir com a pressão, mas as paredes ao redor do meu coração desmoronaram, expondo o órgão macio e pulsante a todos os seus caprichos e desejos.

— Como mel e especiarias. — Eu empurrei meus dedos mais fundo. Ela estava tão apertada que eu podia *senti-la* se esticando ao meu redor, centímetro por centímetro, até que eu estava com os nós dos dedos dentro dela.

— Como doçura e pecado. — Dentro. Fora. Lento e completo, deixando-a sentir cada deslizamento de fricção.

Um estremecimento de corpo inteiro a percorreu.

— Você tem gosto... — Eu removi meus dedos e abaixei minha cabeça. — De *minha*.

Um grito agudo ecoou pela sala enquanto o corpo de Stella se curvava para fora da mesa. Seus músculos ficaram tensos, vibrando com a força de seu orgasmo quando ela gozou na

minha língua.

O desejo queimou o combustível em minhas veias, mas eu levei meu tempo, saboreando vagarosamente cada gota enquanto onda após onda passava por ela.

Finalmente, seus gritos diminuíram em um gemido atordoado, e ela se esparramou, com os membros soltos e saciada, na mesa.

— Minha parte favorita da refeição — falei preguiçosamente. — Você estava certa. — Eu dei a seu clitóris uma lambida final e lânguida. — Eu só precisava encontrar a sobremesa certa.

54

Stella

O casamento de Alex e Ava aconteceu no início de outubro, em um lindo vinhedo em Vermont. Impressionante folhagem vermelha, laranja e amarela transformou o cenário em um conto de fadas outonal, e o lindo céu caía sobre nós como um lençol de seda azul e aquecida pelo sol.

Bridget, Jules e eu estávamos de um lado do extravagante arco de casamento floral em vestidos de dama de honra combinando, enquanto Alex, Josh, Rhys e Christian estavam do outro.

Originalmente, Alex não queria padrinhos, mas somente um, então Ava o convenceu do contrário.

Um farfalhar de folhas soou antes que os acordes familiares da marcha nupcial enchessem o ar e Ava aparecesse.

Eu não chorava em público com frequência, mas a umidade pinicava meus olhos quando ela andou pelo corredor no braço de Ralph.

Ralph era o antigo instrutor de Krav Maga de Alex e o mais próximo que Alex e Ava tinham de um pai nos dias de hoje. Eles o visitavam todo Dia de Ação de Graças, e seu rosto brilhava de emoção como se ela fosse sua filha de verdade.

— Estou chorando? — Jules sussurrou ao meu lado. — Não posso dizer se é o vento ou não.

— Não — eu disse através do meu sorriso. Não olhei para ela, temendo que qualquer movimento quebrasse o poço que

continha minhas lágrimas. — Eu estou?

— Não... bem, um pouco. Mas nosso rímel é à prova d'água, então está tudo bem.

— *Shh* — Bridget assobiou. — *Ninguém* está chorando. — Ela discretamente enxugou uma lágrima de sua bochecha.

Ava se aproximou.

A saia de seu lindo vestido em forma de sereia se arrastava atrás dela em uma nuvem de tule macio, renda e seda, adornada com texturas onduladas que lembravam as cristas das ondas do mar.

Seu rosto estava radiante, seus olhos brilhantes e seu sorriso ainda mais luminoso.

Ela estava tão linda e feliz que meu peito esquentou até eu não sentir mais o frio do outono.

Bridget foi a primeira das minhas amigas a se casar, mas o casamento de Ava atingiu um nível diferente. Ela e Alex tiveram talvez o passado mais sombrio e o caminho mais difícil para o felizes para sempre. Vê-los superar tudo isso para finalmente estarem juntos foi incrível.

À nossa frente, Alex parecia uma estátua em sua imobilidade. Ele estava sempre sintonizado com Ava, mas naquele momento, ele olhou para ela como se o mundo fosse o céu noturno e ela fosse a única estrela existente.

Pela primeira vez, seus olhos não estavam escondidos sob uma camada de gelo. O amor cintilou, tão claro e brilhante que eclipsou o sol.

Isso se intensificou quando Ava chegou ao altar, e ele murmurou algo que fez suas bochechas corarem de prazer.

Seus olhos se demoraram um no outro antes de encararem

o pastor, que começou a cerimônia oficial.

— Caros amados, estamos reunidos aqui hoje para celebrar Alex Volkov e Ava Chen no sagrado matrimônio...

Enquanto seu discurso continuava, meus olhos se conectaram com os de Christian.

Nossos lábios se curvaram e nossos olhares se demoraram antes de voltarmos nossa atenção para o casamento.

A velha e insegura eu continuaria checando para confirmar que ele ainda estava lá e que ele não era uma fantasia que eu inventei.

A nova eu sabia que ele não era.

Ele era real, e não importava o que acontecesse, ele sempre estaria lá.

* * *

A recepção daquela noite aconteceu no restaurante do vinhedo, que havia sido esvaziado para dar lugar a uma pista de dança, duas longas mesas de banquete e um palco de música ao vivo. Vigas de madeira expostas cruzavam o espaço, dando-lhe um ar de charme rústico, mas não havia nada de rústico nos pratos de porcelana gravados personalizados, nos cinquenta mil dólares em arranjos florais de luxo ou no cantor mundialmente famoso se apresentando no palco.

Como esperado, Alex não poupou despesas.

— Você deveria ter pedido a ele uma banheira de diamantes — Jules disse a Ava. — Ele teria feito isso acontecer.

Ava precisava de um descanso de toda a agitação exigida da noiva, então Bridget, Jules e eu a levamos para um canto

enquanto o resto dos convidados bebiam e dançavam.

— Jules — Ava disse pacientemente. — O que eu faria com uma banheira de diamantes no meu casamento?

— Rolaria nela como a cadela rica que você é. E quero dizer isso da maneira mais afetuosa. — Os olhos de Jules brilharam com malícia. — *Ou* você pode distribuí-los para seus convidados, especificamente para suas maravilhosas damas de honra, que não lhe trouxeram problemas em Barcelona.

Eu gaguejei com a menção da viagem de despedida de Ava. — *Jules.*

— O quê? Foi uma diversão inofensiva. Quem diria que Alex ficaria tão chateado com strippers masculinos? Era uma *despedida de solteira.*

— Acho que foram menos os strippers e mais a parte de *acordar em um hotel estranho em Ibiza* — Bridget disse secamente.

— Acho que foram os dois — decidi.

Estávamos bem, mas os caras não ficaram nada satisfeitos quando descobriram, bem, tudo.

Honestamente, eles não deveriam falar depois do que aconteceu com *eles* e o banana float.

— Gente, por favor. — Ava levantou a mão, parecendo aflita. — Sem diamantes, sem conversa sobre Barcelona.

— Tudo bem — Jules resmungou. — Mas *eu* achei a viagem divertida. Foi como a faculdade novamente.

— Como era a faculdade novamente? — Alex se aproximou com Josh, Rhys e Christian a reboque. Ele beijou a testa de Ava, e ela se aconchegou ao seu lado, seu sorriso florescendo tão largo que *me* fez sorrir.

— Ontem à noite — Bridget disse suavemente antes que Jules pudesse romper a artéria de Alex mencionando. — Noite das garotas. Assim como na faculdade.

— Você estava falando sobre a Espanha, não estava? — Christian murmurou quando o assunto da conversa mudou.

Ele passou os braços em volta de mim por trás, envolvendo-me com calor.

— Estou convencida de que você pode ler mentes.

Sua risada vibrou pela minha espinha. — Suas expressões de culpa a denunciam todas as vezes. — Ele beijou meu pescoço. — Você está linda, Butterfly.

Formigamento correu de onde seus lábios tocaram meu pescoço para o resto do meu corpo.

— Você também. Ser padrinho combina com você — eu provoquei.

— Não se acostume com isso. Eu só fiz isso porque devo um favor a Volkov — falou secamente. Aparentemente, Alex tinha cuidado de seus negócios ou algo assim durante nossa viagem à Itália. — Você sabe como é lidar com Josh com tanta frequência? Você deveria ter visto ele e aquele maldito banana float na despedida de solteiro.

Eu sufoquei uma risada.

— É melhor você cuidar de Ava — Josh estava dizendo agora. — Se alguma coisa acontecer com ela, se ela for comida por um animal selvagem ou algo assim, eu vou te caçar e usar um bisturi de maneiras que *não são* aprovadas pelo conselho médico.

Rhys bufou uma risada enquanto Alex deu a seu padrinho um olhar irônico. — O que exatamente você acha que vamos fazer em nossa lua de mel?

— Assistir leões e outras *coisas* que eu prefiro não pensar que meu melhor amigo e irmã farão. — Josh estremeceu de desgosto. — Talvez eu devesse me juntar ao seu safári para ficar de olho nas coisas, apenas no caso.

Alex e Ava partiriam para seu safári/lua de mel na praia no Quênia e nas Seychelles amanhã.

Houve um tempo em que a aquafobia de Ava a impedia de chegar perto da água, mas ela superou ao longo dos anos com a ajuda de Alex.

Jules revirou os olhos. — Deixe-os em paz. Você *não* vai passar a lua de mel com eles.

— Isso seria perturbador de muitas maneiras — acrescentou Bridget.

— *Ninguém* aprecia minhas boas ideias — Josh murmurou. Ele olhou para Rhys esperançoso. — Larsen?

— Deixe-me colocar desta forma — disse Rhys. — Se você tentasse ir comigo e Bridget em nossa lua de mel, eu teria jogado você para fora do avião após a decolagem. *Sem* paraquedas.

Uma risada subiu na minha garganta, mas ignorei o resto das brigas dos meus amigos quando Christian me virou e descansou as mãos nos meus quadris.

— Seus amigos são outra coisa. — Ele parecia meio divertido, meio horrorizado, embora Alex e Rhys também fossem seus amigos.

— Eles são... únicos — eu reconheci com uma risada. — Mas eu os amo.

De alguma forma, quatro estranhas que foram aleatoriamente designadas para o mesmo dormitório em seu primeiro ano de faculdade evoluíram para o que éramos agora –

uma família lindamente bagunçada e perfeitamente imperfeita que passou por nossa cota de altos e baixos, mas sobreviveu até o outro lado.

Houve um tempo após a formatura em que eu temia que nossa amizade se desgastasse fora dos limites do campus e da estrutura de nossas vidas universitárias. Os anos provaram que isso não era verdade. De fato, nossa amizade se fortaleceu depois de ser testada pela vida real.

Natalia era minha irmã de sangue, mas Ava, Bridget e Jules sempre seriam minhas irmãs por escolha.

— Se você estiver disposta, eu quero te levar a algum lugar depois da recepção — disse Christian, desviando meus pensamentos. — Vai ser uma viagem rápida. Dois dias no máximo.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Onde?

— É uma surpresa. — Ele me beijou. — Confie em mim.

Eu confiava.

— Eu deveria tirar uma foto deste momento — Rhys falou lentamente quando ele e Bridget passaram por nós. Meus amigos se juntaram para dançar depois que a música mudou para uma lenta, e a prima de Ava, Farrah, e seu marido, Blake, puxaram ela e Alex para longe. — Um Christian Harper apaixonado. Que visão. Eu deveria enviar para a rede da Harper Security. Os caras iriam adorar.

Christian estreitou os olhos. — Olha quem fala, Larsen. Não vi fotos suas participando de uma festa do chá real na outra semana? Com um gato no colo, nada menos.

A cor subiu nas maçãs do rosto de Rhys. — Não foi uma *festa do chá* — ele rosnou. — Foi uma *cerimônia de almoço,* e Meadows fica chateada quando a deixamos sozinha por muito tempo. Pelo menos eu não comprei toda a porra de *wheatgrass*

da mercearia...

Bridget chamou minha atenção e balançou a cabeça.

Homens, ela murmurou, sua expressão de afeição exasperada.

Eu sufoquei uma risada.

Os caras nunca iriam admitir, mas seus insultos e discussões eram como eles demonstravam carinho um pelo outro.

E enquanto eu balançava com a música nos braços de Christian, ouvia o ronco reconfortante de sua voz e o calor familiar da risada dos meus amigos, eu senti algo que me iludiu por tanto tempo na minha vida.

Felicidade, em sua forma mais pura e completa.

55

Christian

Na noite seguinte ao casamento dos Volkovs, levei Stella comigo de avião para minha cidade natal.

Eu não tinha pisado em Santa Luisa, Califórnia, desde que meus pais morreram. Fazia duas décadas, mas a pequena cidade litorânea ao longo da costa norte continuava a mesma.

Ruas tranquilas, um centro pitoresco, edifícios de estuque coloridos.

Voltar aqui era como voltar no tempo. Eu tinha mudado, mas todo o resto permaneceu o mesmo.

Stella estava quieta quando paramos em frente a um armazém no bairro industrial desolado da cidade. Nosso carro era o único na rua, e muitas das portas de metal dos armazéns estavam enferrujadas pelo desuso, inclusive a que estava diante de nós.

Eu não tinha contado a Stella o motivo de nossa visita, mas ela sabia que eu cresci aqui e, portanto, a visita devia ter algo a ver com meus pais.

Ela estava certa.

Apertei um botão e a porta do armazém se abriu com um gemido. Uma nuvem de ferrugem velha se formou antes de se dissolver na luz do sol há muito esquecida.

— Oh, meu Deus. — O sussurro atordoado de Stella ecoou pela sala quando entramos e ela viu o que continha.

Dezenas de peças de arte preenchiam o pequeno espaço, desde pinturas a óleo de valor inestimável até pequenas esculturas modernas. Muitas das pinturas murcharam após vinte anos de negligência, mas algumas peças resistentes permaneceram intactas.

— Bem-vinda à minha herança, o tesouro roubado do meu pai — falei, as palavras vazias e autodepreciativas. — Minha mãe me deu a localização em seu bilhete.

Estava codificado – ela sabia o quanto eu adorava quebra-cabeças mesmo quando criança –, mas eu não tinha tentado decifrá-lo até algumas semanas atrás. Levei menos de um minuto.

— Você já visitou antes? — Stella perguntou suavemente.

— Não.

Eu tinha feito arranjos virtuais antes de chegarmos, mas era a primeira vez que o via pessoalmente.

Achei que a visão do legado de meu pai me deixaria com raiva. Foi para isso que ele dedicou seu tempo e energia em vez de seu único filho. Foi isso que o matou e, por extensão, minha mãe e nossa família.

Eu deveria ter sentido a mesma raiva que senti quando li pela primeira vez o bilhete de despedida de minha mãe.

Em vez disso, não senti nada, exceto o desejo irresistível de queimá-lo inteiro – não por maldade, mas por exaustão.

Eu estava cansado dos sussurros dos fantasmas do meu passado.

Stella passou os dedos sobre uma escultura próxima. Eles saíram com uma fina camada de poeira.

— O que você vai fazer com tudo isso?

— Se eles não puderem ser salvos, destruí-los. Se puderem, doá-los ou devolvê-los aos seus donos originais.

Tudo feito anonimamente, é claro.

— Exceto... — Eu parei na frente de uma pintura familiar. — Esta.

Sua moldura dourada brilhava na luz fraca, o marrom e verde que salpicavam sobre ela uma hedionda aproximação de arte.

— *Magda* — supôs Stella. — Eu a reconheço da galeria de Dante.

— Sim.

Eu enfiei o bilhete da minha mãe de volta no porta-retratos, então finalmente fiz Dante mandá-la de volta para onde ela pertencia.

Olhei para os redemoinhos de cor até que eles se confundiram em um caleidoscópio escuro.

Em retrospectiva, ela era tão inconsequente. Um problema complicado de minha própria concepção, fabricado para me proteger do meu passado.

Todos achavam que ela era importante porque continha algum grande segredo de negócios ou revelação chocante quando a verdade era muito mais simples.

Ela representava a parte do meu passado que eu nunca fui capaz de deixar de lado. Uma ferida que eu cobri com curativos temporários para esconder a doença purulenta que estava me comendo vivo de dentro para fora por décadas.

Não nos falamos novamente até que eu levei a pintura para um terreno baldio perto dos armazéns.

Além dos prédios, não havia nada ao redor, exceto metal e

concreto. Um pássaro circulou no alto, seu grasnar ecoando no espaço aberto, e o sol quente batia com intensidade incomum.

Era a última vez que eu pisaria em Santa Luisa. Eu poderia muito bem sair com um estrondo.

Peguei um isqueiro do meu bolso e o abri.

— Medo de fogo, Butterfly?

Stella balançou a cabeça e deslizou sua mão na minha novamente. — Não.

— Bom.

Segurei o isqueiro na pintura. Os óleos eram tão inflamáveis que as chamas explodiram quase imediatamente, engolindo a pintura e a carta que ela continha inteira.

Eu assisti desapaixonadamente enquanto o fogo torcia o legado de minha mãe em uma pilha enegrecida e irreconhecível, mas quando Stella apertou minha mão, eu dei um pequeno aperto de volta.

Eu poderia ter feito isso sozinho, mas eu a queria comigo. Se não fosse por ela, eu ainda estaria mantendo aquela pintura, odiando-a, mas incapaz de deixá-la ao mesmo tempo.

Mas agora que eu finalmente tinha um futuro pelo qual valia a pena viver, era hora de deixar o passado de uma vez por todas.

56

Stella

Um ano depois

Eu assistia dos bastidores enquanto Ayana, a supermodelo mais incrível do momento, desfilava pela passarela. Sua pele escura impecável brilhava sob as luzes e proporcionava o contraste perfeito com a peça principal da minha coleção: um vestido roxo marcante que poderia ser usado de dia ou de noite, dependendo dos acessórios usados.

O resto das modelos seguiu atrás dela para a caminhada de encerramento até que todas saíram da passarela.

— Stella, *vá.* — Minha nova assistente Christy me cutucou. — Essa é sua vez de brilhar!

Certo. Eu posso fazer isso.

Respirei fundo e saí, hesitante no início, depois com mais confiança à medida que os aplausos se intensificavam.

Eu fiz uma reverência, minha pele aquecendo com prazer.

Meu primeiro desfile de moda em Milão.

Depois de dezenas de noites sem dormir, ataques de pânico e crises de insegurança, finalmente acabou e, com base no rugido ao meu redor, um sucesso retumbante.

Eu não podia acreditar.

Eu fiz isso. Um sorriso se espalhou pelo meu rosto. *Eu fiz isso!*

Era difícil imaginar que fazia apenas um ano desde o lançamento oficial da marca Stella Alonso. Seu perfil disparou em um tempo surpreendentemente curto, graças ao apoio de Bridget, que usava pelo menos um item meu em todos os eventos públicos, se possível. Dela, sussurros sobre a marca chegaram a outros cantos da Europa e depois a Hollywood onde, no mais surreal dos momentos, eu assisti Kris Carrera-Reynolds andar pelo tapete vermelho usando um dos meus designs.

Seu marido, o ator de filmes de ação Nate Reynolds, ganhou seu primeiro Oscar naquela noite.

Desde então, tinha sido uma escalada ascendente constante.

Brady não era mais meu empresário desde que me afastei de minhas contas pessoais para me concentrar na marca, mas ainda falava com ele com frequência. Eu também me tornei uma boa amiga de Lilah. Ela não pôde vir esta noite por causa de seu próprio show, mas ela foi fundamental para me ajudar a começar.

Eu não era ingênua o suficiente para pensar que minha grande onda duraria para sempre, mas eu iria surfá-la enquanto durasse.

— Isso aí, Stella! — Uma voz familiar se ergueu acima do barulho. — Você arrasou, baby!

Procurei na multidão até que meus olhos pousaram em um grupo de rostos familiares na primeira fila. Meu sorriso cresceu.

A sala estava cheia de pessoas da moda e celebridades, mas as pessoas com quem eu mais me importava estavam bem na minha frente.

Alex e Ava, que brilhavam com a gravidez. Ela estava com

quatro meses, e sua barriguinha tinha acabado de começar a aparecer.

Rhys e Bridget, que estava majestosa como sempre no vestido azul Stella Alonso que ela tinha tornado um sucesso cult.

Josh e Jules, quem gritou a declaração *arrasadora* e parecia que estava prestes a correr para o palco até que Josh a puxou de volta.

E minha família, cujos raios de orgulho se enroscaram em meu peito e se acomodaram ali como um cobertor quente. Minha mãe, meu pai, minha irmã... eles estavam todos aqui.

Nosso relacionamento tinha percorrido um longo caminho ao longo do ano passado. Não era perfeito, mas que família era?

O que importava era que eles apareceram.

Finalmente, meu olhar foi para a pessoa mais importante na sala.

Ele estava em sua cadeira em um derramamento de lã e seda italiana, tão bonito que ele poderia ter modelado no palco se eu tivesse desenhado roupas masculinas.

Christian não gritou e aplaudiu como todo mundo, mas a curva de seus lábios e o calor em seus olhos disseram mais do que as palavras poderiam.

Meu coração disparou no meu peito.

Eu te amo, eu murmurei.

Aquelas piscinas de uísque brilhavam e dançavam sob as luzes fracas.

Ele não precisava dizer isso para eu ouvi-lo.

Eu também te amo.

* * *

Depois do meu show, Christian e eu ficamos mais duas noites em Milão antes que ele me levasse para Positano.

Eu protestei sem entusiasmo, dizendo que tinha muito trabalho para sair de férias, mas honestamente, não demorou muito para me convencer.

Eu me apaixonei pela Costa Amalfitana antes mesmo de visitá-la, e me apaixonei ainda mais depois de visitá-la.

O cheiro de sal e água encheu meu nariz enquanto caminhávamos pela praia.

Eu nunca iria superar o quão bonito este lugar era. Não apenas por causa de sua aparência, mas por causa do que significava para mim e para Christian.

Não era a semente do nosso amor. Isso foi plantado muito antes de pisarmos na Itália. Mas era o lugar onde havia florescido, desdobrando-se sob os céus do Mediterrâneo como a tela mais bonita do mundo.

— Um centavo por seus pensamentos. — Christian caminhou ao meu lado, seu terno trocado por uma camisa casual de linho e calça.

— Apenas um centavo? Achei que você fosse um bilionário.

— Vinte e cinco então. Oferta final — disse ele com a seriedade de quem negocia um contrato multimilionário.

Eu ri. — Tudo bem, eu aceito, mas meus pensamentos podem ser muito sentimentais para você. — Olhei para o oceano, minhas palavras suaves com reminiscências. — Estou pensando em nossa primeira viagem para cá e no quanto eu

amo este lugar. Visitamos muitos lugares juntos, mas a Itália... a Itália sempre será especial.

— Estou feliz que você pense assim. — O murmúrio de veludo de Christian roçou minha pele, junto com uma aspereza estranha que eu nunca tinha ouvido antes. — Eu não conseguia decidir se faria isso no Havaí ou na Itália, mas parece que fiz a escolha certa.

— Fazer o quê? — Virei-me e a respiração desapareceu dos meus pulmões.

Porque diante de mim, emoldurado por colinas cobertas de tons pasteis e os tons dourados do pôr do sol, estava uma visão que eu nunca havia imaginado.

Christian Harper em um joelho, caixa de veludo aberta na mão para revelar um deslumbrante anel de diamante cravejado de esmeraldas.

Lágrimas turvaram minha visão enquanto eu pressionava a mão na boca.

Quando ele falou novamente, a aspereza estranha ainda estava lá, mas foi envolvida com tanto amor e esperança que eles reduziram meu mundo a este momento com este homem.

— Stella, você quer se casar comigo?

EPÍLOGO

Stella

Quatro Anos Depois

— Tire sua sexta-feira de folga — eu disse a minha assistente. Christy e eu paramos em frente ao meu escritório. — Posso sobreviver a uma tarde sozinha.

— Tem certeza? Eu posso...

— *Sim*. Vai. — Eu a enxotei. — Aproveite o clima. Está lindo lá fora.

— Ok — ela disse relutantemente. — Envie uma mensagem ou ligue se precisar de alguma coisa. O que me lembra, eu esqueci uma coisa. — Um sorriso malicioso substituiu sua ansiedade por sair mais cedo do trabalho, mesmo que fosse parte da política de férias da empresa. — Você tem uma visita.

Minha testa franziu com a adição inesperada à minha agenda e o brilho travesso em seus olhos. — Quem...

Minha pergunta foi interrompida com uma inspiração afiada quando abri a porta e vi quem estava lá dentro.

Traje escuro. Olhos de uísque. E um buquê das rosas mais lindas que eu já vi.

Um sorriso lento e devastador se espalhou por seu rosto quando ele me viu.

Ao meu lado, Christy suspirou e desmaiou visivelmente.

Ela não era a única.

Mesmo depois de três anos de casamento, aquele sorriso nunca deixou de fazer meu coração palpitar.

— Bom dia, Butterfly. — O timbre preguiçoso de sua voz enviou uma lufada de calor pelo meu estômago.

— O que você está fazendo aqui? — eu suspirei. — Achei que você estava em uma viagem de negócios.

Ele partiu para Londres dois dias atrás e não estava programado para voltar até domingo.

— Voltei cedo. — Ele deu de ombros casualmente. — Senti a sua falta.

Foi uma coisa boa que eu ainda estava segurando a maçaneta. Caso contrário, eu poderia ter derretido direto no chão.

— Aham — Christy limpou a garganta. — Vou tirar essa sexta-feira de folga agora. Tenham um bom fim de semana.

Ela piscou para mim antes de sair.

Eu teria ficado mortificada com a insinuação em sua voz se não estivesse tão distraída com o lindo espécime masculino parado a menos de um metro e meio de distância.

— Já se passaram cinco minutos, Sra. Harper — Christian falou lentamente. — Você vai fazer seu marido esperar ainda mais por um beijo?

— Você — falei — é inacreditável.

Então eu corri e joguei meus braços ao redor de seu pescoço, meu coração inchando enquanto o estrondo de sua risada enchia a sala.

Eu o beijei, bebendo em seu gosto e cheiro como se estivéssemos separados por meses, não dias.

— Não posso deixar passar a oportunidade de visitar minha talentosa esposa em seu escritório — disse ele quando finalmente nos separamos. Ele passou os braços em volta da minha cintura enquanto eu enterrava meu rosto em seu peito e respirava o cheiro rico e familiar dele. Era o cheiro de amor, conforto e segurança. Meu cheiro favorito em todo o mundo. — Escritórios no Soho. Você oficialmente conseguiu, Stella Alonso Harper.

A marca Stella Alonso se expandiu rapidamente nos últimos anos para incluir roupas, acessórios e fragrâncias. Seu escritório havia se expandido de acordo.

Sorri com a provocação de Christian, mas uma súbita pontada de melancolia me atingiu.

Nós nos mudamos para Nova York depois que nos casamos, e nossos dois negócios agora estavam sediados em Manhattan.

Jules e Ava permaneceram em D.C., mas nós três e Bridget nos víamos pessoalmente pelo menos duas vezes por ano: uma vez para nossa viagem anual de meninas e outra para as férias.

Minha família visitava algumas vezes por ano e vice-versa.

Era uma vida maravilhosa, mas havia uma pessoa que eu sentia muita falta.

— Gostaria que Maura estivesse aqui para ver isso — eu disse suavemente. — Ela teria adorado.

Maura foi ao nosso casamento, onde ela esteve mais lúcida do que eu a vi em anos.

Um mês depois, logo que Christian e eu voltamos de nossa lua de mel, ela faleceu enquanto dormia.

Fiquei arrasada, mas sabia que ela estava pronta para ir e que estava em um lugar mais feliz agora. Mesmo que ela não

tivesse se lembrado de mim nos últimos anos de sua vida, uma parte de mim se perguntava se ela estava esperando que eu encontrasse minha casa antes de seguir em frente.

— Ela sabe. — Christian parecia tão confiante que acreditei nele.

— Desde quando você se tornou o otimista de nós dois?

— Desde que me casei com você. — Ele passou a mão pelas minhas costas. — Eu culpo aqueles smoothies de wheatgrass que você me faz beber todas as manhãs. Eles devem estar emaranhados com alguma coisa.

Minha gargalhada quebrou minha melancolia restante. — Eles vão prolongar sua vida, Sr. Harper. Eu quero muitos, muitos anos com você.

— Não anos, baby. Para todo sempre. — Christian inclinou meu queixo para cima, e meu coração palpitou novamente. — Mas, por precaução, devemos aproveitar ao máximo o que temos.

Um meio suspiro, meio riso saiu da minha garganta quando ele varreu os papéis da minha mesa e me colocou em cima dela.

— *Christian* — eu adverti sem fogo. — Isso era uma semana de trabalho!

— Vou arrumar mais tarde — disse ele preguiçosamente. — Mas, enquanto isso, posso pensar em algumas maneiras de fazer as pazes com você.

Então ele se ajoelhou diante de mim e abriu minhas pernas, e, de repente, o trabalho era a última coisa em minha mente.

* * *

Christian

Uma coisa que ninguém me contou sobre ser casado era quantas vezes eu tinha que interagir com os amigos da minha esposa.

Feriados, aniversários, jantares quando eles estavam na cidade... meu calendário outrora voltado para os negócios agora estava repleto de coisas como fodidas noites da Broadway e Natal nos von Aschebergs.

Nós mudamos o encontro nos feriados, então este ano estávamos na casa de férias de Rhys e Bridget na Costa Rica.

Especificamente, estávamos na sala de estar deles para a noite anual de jogos de tabuleiro da véspera de Natal.

Terminei meu vinho e esperei pelas inevitáveis reclamações. Acontecia todos os malditos anos.

— Não tem como você não estar trapaceando. — Josh olhou para o tabuleiro do Monopólio com descrença. *Sem parar.* — Como você ganha *todas as vezes?*

— O que posso dizer? Eu trabalho no setor imobiliário — Alex falou lentamente. — Talvez se jogarmos um jogo de tabuleiro médico, você possa ter uma chance.

— Eu me recuso a acreditar. — Josh sentou-se de cócoras. — *Todo* Natal...

— Pronto, pronto. — Jules deu um tapinha em seu braço. — É apenas um jogo de tabuleiro.

Seu anel de diamante brilhava sob as luzes com cada movimento. Ela e Josh finalmente ficaram noivos no verão passado, embora ainda não tivessem marcado a data do

casamento.

— Não é apenas um jogo de tabuleiro, Red. É meu orgulho. Minha dignidade. Meu...

— Dinheiro falso? — Ava ergueu uma sobrancelha. — Você diz a mesma coisa *todos* os anos.

— Sim, bem, isso não o torna menos verdade — Josh resmungou. Ele se inclinou até ficar no nível dos olhos de sua sobrinha e sobrinho de três anos e meio. — Seu pai é um trapaceiro.

Nenhuma das crianças parecia impressionada com sua acusação.

— Papai ganhou! — Sofia insistiu.

— Isso mesmo, Little Sunshine[22]. — Alex lançou um olhar presunçoso na direção de Josh antes que ele a pegasse e a beijasse na bochecha. Ela riu com prazer. — Seu tio Josh é um péssimo perdedor.

Seu irmão gêmeo Niko se agachou e bateu no tabuleiro com pequenos punhos. — Tio perdedor! Papai vencedor!

As peças do Monopólio voaram com a força de sua pancada.

Eu silenciosamente amaldiçoei quando uma delas caiu no meu vinho. De jeito nenhum eu beberia o resto quando estava infectado por uma peça de jogo suja.

Enquanto isso, Josh avançou em Niko de brincadeira, que deu uma gargalhada quando começou a fazer cócegas nele.

— Não posso acreditar que você me traiu assim, amigo — Josh rosnou, sua voz grossa com diversão. — Nós deveríamos ser uma equipe.

Ao lado deles, a filha de Bridget e Rhys observava sua briga

com uma expressão mistificada que era madura demais para sua idade.

Com seus cabelos loiros e olhos cinzas, a pequena Camilla von Ascheberg era um clone em miniatura de seus pais. Ela também parecia surpreendentemente régia para uma criança de dois anos em seu vestido azul e laço de cabelo combinando.

Sua testa franziu quando Josh e Niko acidentalmente derrubaram um copo de água.

— Papai. — Ela puxou a manga de seu pai e apontou para o derramamento.

Eu poderia jurar que ouvi uma nota de desaprovação.

— Não se preocupe com isso, baby — Rhys suspirou. — Acontece todos os anos.

— Eu nunca pensei que diria isso, mas a filha de Rhys é a única que não é um terrorzinho — murmurei para Stella. Pelo menos Camilla teve a decência de ficar quieta.

Eu assisti, horrorizado, enquanto Sofia brincava com o cabelo de Alex.

— Papai! Tranças! — Ela torceu os fios em algo que não se assemelhava a uma trança de forma alguma. — Olha!

— Elas estão ótimas — disse ele com indulgência enquanto ela continuava a massacrar seu cabelo perfeitamente penteado.

Eu estava convencido de que um impostor havia trocado de corpo com o Alex normalmente gelado no dia em que se tornou pai. Não fazia sentido.

Stella riu. — Os gêmeos são adoráveis, e você sabe disso.

— Eu não conheço tal coisa — eu disse, embora, no que dizia respeito às crianças, Sofia e Niko *eram* muito fofos.

Olhei de volta para Rhys.

— Eu pensei que ver você ser amarrado por uma garota era ruim — eu falei lentamente enquanto ele e Bridget falavam com uma Camilla agora risonha. — Duas é ainda pior.

Agora que o jogo havia terminado, o resto do grupo havia parado para fazer suas próprias coisas até o jantar.

Josh ainda estava tentando (e falhando) fazer Niko dizer que o *tio Josh é um vencedor.*

Ava estava tirando fotos de Alex e Sofia, que passou a escalar seu pai como se ele fosse um trepa-trepa.

Stella se sentou ao meu lado, assistindo nossa conversa com diversão. Ela estava acostumada com minha estranha amizade com Rhys. Uma vez, ela tentou chamar de bromance, o que eu parei imediatamente.

Absolutamente não, porra. Eu não era um cara do tipo *bromance,* e nem Rhys, que parecia imperturbável com meu último comentário.

— Você fala muita mer-*besteira* para alguém que já comeu palavras uma vez — ele emendou quando Bridget deu a ele um olhar de advertência.

— Vamos, baby. Vamos olhar as lindas flores enquanto seu pai, uh, conversa com o tio Christian. — Ela pegou Camilla e a levou para os jardins, sem dúvida preocupada que começaríamos com os palavrões a qualquer momento.

— Eu também estarei de volta — Stella disse rapidamente. — Vou pegar um pouco de água.

Esperei até que ela saísse antes de arquear uma sobrancelha para Rhys. — Não faço ideia do que você está falando.

— Claro que não, Sr. Eu Não Acredito no Amor.

Irritação acendeu em meu peito. — Você *ainda* está falando sobre isso? Já faz cinco... — Baixei a voz para que Sofia e Niko não ouvissem. — Cinco *malditos* anos.

— Oh, eu vou te dar merda sobre isso pelo resto de nossas vidas, então se acostume com isso — disse Rhys. — E quando você tiver filhos, você vai engolir suas palavras de novo. — Ele se inclinou para trás e entrelaçou as mãos atrás da cabeça com um sorriso presunçoso. — Bom histórico disso acontecer.

Eu não podia suportar sua bunda.

Antes que eu pudesse responder, Stella colocou a cabeça para fora da cozinha. — Christian? Você pode vir aqui? Eu preciso da sua ajuda com uma coisa.

— Estarei aí. — Eu me levantei e prendi um Rhys rindo com um olhar frio. — Enquanto eu ajudo minha *esposa,* você pensa em quando Camilla crescer e começar a namorar — falei, tirando o sorriso do rosto dele. — Divirta-se.

Satisfação me encheu quando ouvi seu rosnado baixo.

Quando entrei na cozinha, encontrei Stella bebendo o que devia ser seu quinto copo de água naquela noite.

— Tem certeza de que não quer vinho? — Ela não era uma grande bebedora, mas geralmente tomava um ou dois copos. — É uma ótima safra.

— Sim, eu tenho certeza. — Ela pousou o copo e olhou para mim com uma expressão estranhamente nervosa. — Eu não posso beber álcool agora.

Ela disse isso com significado, como se eu devesse saber o que isso significava.

Por que me importaria que ela não estivesse bebendo

álcool? Embora, era um pouco estranho que ela...

Não posso beber álcool agora.

Eu repeti suas palavras.

Não pode. Não, não quero.

Ela *não podia* beber álcool, o que provavelmente significava...

Meu pulso desacelerou em uma batida longa e incrédula.

— Eu não queria te contar na frente dos outros, mas também não podia esperar mais. — A voz de Stella baixou. — Christian, estou grávida.

— Você está grávida — eu repeti.

As palavras ecoaram na minha cabeça, muito douradas com o choque para afundar completamente.

Stella confirmou com um aceno de cabeça, seu rosto brilhando com partes iguais de excitação e nervosismo.

Grávida. Bebês. *Nosso* bebê.

A respiração deixou meus pulmões de uma só vez.

Fechei a distância entre nós com dois passos largos e a beijei ferozmente, meu coração batendo forte o suficiente para machucar.

Esqueça cada pensamento pouco caridoso que tive sobre crianças.

Seríamos pais. Eu seria pai e veria Stella crescer com nosso filho. Um garotinho, talvez, com cachos e pele morena. Ou uma garotinha com os olhos verdes de sua mãe e sorriso doce.

Uma proteção feroz agarrou meu peito.

O bebê nem tinha nascido, e eu já queria protegê-lo com

minha vida.

Um menino ou uma menina, não importava. Tudo o que importava era que ele era nosso.

— Isso significa que você está feliz? — Stella perguntou esperançosa quando nos separamos.

Minha risada era áspera de emoção. — Claro que estou feliz, baby. Como eu poderia não estar?

Eu precisava encontrar o melhor obstetra do país o mais rápido possível, além de reformar a cobertura (que atualmente não era à prova de crianças), levar Stella para comprar roupas de maternidade, reservar um chá de bebê...

— Bem, você acabou de chamar os filhos de nossos amigos de pequenos terrorzinhos, então... — Sua voz tinha um tom de provocação.

— Sim, mas não o *nosso* filho.

Nosso filho nunca faria com meu cabelo o que a de Alex fazia com o dele.

Stella me deu um olhar irônico. — Por mais que eu goste de acreditar que nosso bebê será o primeiro bebê no mundo que não grita ou chora, há uma chance de que isso não aconteça. Eu quero que você esteja preparado.

— Eu não me importo. Ele poderia gritar e chorar o quanto quisesse, e ainda seria como sua mãe. — Eu escovei seus lábios com os meus. — Perfeito.

Um pequeno estremecimento de prazer percorreu seu corpo.

— Eu estava certa todos esses anos atrás — ela murmurou. — Você, Christian Harper, tem um coração mole.

Eu ri baixinho. — Só para você, Butterfly.

Beijei minha esposa novamente, e deixei seu calor me envolver enquanto o riso de nossos amigos vinha da sala de estar.

A cena era tão brega e aconchegante que o antigo eu pré-Stella a desprezaria em princípio. Mas essa era a diferença entre aquela época e agora.

Era uma vez, eu não acreditava no amor.

Agora, percebia que o amor era a última peça que faltava no quebra-cabeça da minha vida.

Com isso, eu estava finalmente inteiro.

EPÍLOGO ESTENDIDO

Stella

—O que você acha? — Eu deslizei as cortinas do provador. —Essa cor me desbota?

Christian estava sentado na área de espera da boutique, com um ar lamentavelmente deslocado entre todos esses tons de veludo rosa e dourado. Uma enorme pilha de bolsas de compras descansava a seus pés, e meu mate latte meio vazio empoleirado na mesa lateral ao seu lado.

Estávamos fazendo compras há horas, mas fiel ao que era, ele parecia tão calmo e composto como quando tínhamos saído de casa.

—Não. — Seu olhar deslizou pelo comprimento do meu vestido amarelo com estampas florais. —Você está linda.

— *Christian*. — Exasperação e carinho teceram através da minha voz. —Você disse isso sobre cada item que eu experimentei hoje.

Um encolher de ombros casual. —É verdade. Você fica linda em tudo.

— Mas eu não posso *comprar* tudo.

—Por que não?

—Por que não? — Eu me desdobrei por uma boa resposta. Tecnicamente, podíamos pagar, e tínhamos espaço suficiente para guardar tudo. — É demais.

—Não existe tal coisa.

—Você sempre diz isso também.

A boca de Christian enrolou em um sorriso preguiçoso e arrogante que mandou borboletas voando pelo meu estômago. *Maldito seja ele*. Ele sabia que eu não conseguia resistir a esse sorriso.

—Então você deveria saber melhor do que discutir, Butterfly. Se você quer o vestido, leve o vestido.

Eu deslizei meu lábio inferior entre meus dentes. Eu *gostei* do vestido, e precisava de um novo guarda-roupa, agora que minha barriga de grávida tinha crescido a um tamanho em que calças de ioga elásticas e maxi vestidos floridos não cabiam mais.

—Muito bem — falei com relutância, sem convicção. — Se você insiste.

Sua risada me seguiu até o provador mesmo depois que fechei as cortinas e coloquei um sorriso no meu próprio rosto.

Tínhamos passado o dia inteiro fazendo compras e atualmente estávamos em uma boutique de roupas de maternidade de luxo no Soho. Era uma reserva de hora marcada, então éramos as únicas pessoas na loja, exceto a gerente da loja e sua assistente.

Christian ficava preocupado que eu ficasse de pé por muito tempo, mas eu precisava sair um pouco depois de trabalhar em casa a semana toda. Meu estúdio de design estava localizado acima de uma pizzaria e, às vezes, os cheiros do restaurante subiam as escadas. Normalmente eu adorava o cheiro de pizza assada na hora; cinco meses de gravidez eu queria vomitar cada vez que sentia o cheiro de molho de tomate.

Assim, até passar esta fase da minha gravidez, eu estava trabalhando em casa num futuro próximo.

Depois que mudei de roupa e pagamos o valor absurdo,

praticamente pude ver os símbolos de dólares em estilo de desenho animado nos olhos da gerente quando ela nos cobrou, entramos no carro que estava esperando lá fora.

—Você ainda está com disposição para tacos? — perguntou Christian enquanto o motorista se afastava da calçada.

A boutique foi nossa última parada do dia. Era quase hora do jantar, e como era terça-feira, estávamos prontos para tacos de acordo com a tradição das terças-feiras do Taco que eu havia iniciado todos aqueles anos atrás.

No entanto, como meu gosto pelos alimentos tinha mudado tanto durante minha gravidez - um dia, eu ansiava por picles; no dia seguinte, eu os odiava - ele sempre teimava que eu acordaria um dia com uma profunda aversão por tacos.

Christian nunca admitiria isso, mas ele amava secretamente nossa tradição semanal. Eu tinha perdido *uma* noite durante todo o nosso casamento até agora porque Jules tinha estado na cidade em uma viagem rápida, e ele tinha falado sobre isso por uma semana depois.

—Sim. — Eu enrolei meus dedos nos dele. — Prometo, se eu não quiser comer nada, você saberá disso.

—Hmm. Como quando você me acordou às duas da manhã porque queria sorvete e atum, e quando eu finalmente os levei, você chorou... — ele provocou.

Minhas bochechas aqueceram. — Era o tipo errado de atum — falei em um tom tão digno quanto eu podia reunir. — Eu queria atum-rabilho e você levou o albacora.

Os olhos de Christian se enrugaram num sorriso. Se eu não estivesse sentada, eu teria desmaiado naquele momento e ali.

Alguns pensariam que a minha atração por ele teria diminuído depois de quase quatro anos de casamento, mas só

tinha se tornado mais forte. Quanto mais eu o conhecia, mais me apaixonava por ele, e descobria algo novo sobre Christian Harper a cada dia.

Ontem, eu tinha aprendido que ele podia construir uma placa de circuito a partir do zero e que vê-lo fazer isso poderia levar a... uma noite interessante, especialmente se alguém estivesse constantemente excitada graças aos hormônios da gravidez.

Hoje, descobri que ele tinha desenvolvido um fraquinho por chá depois de anos declarando-o inferior ao café preto (eu o peguei bebendo um gole da minha bebida mais cedo, apesar de sua xícara cheia de expresso).

Eram pequenas coisas, mas eram as pequenas coisas que importavam.

—Bem, agora temos um freezer inteiro de todo tipo de atum que você poderia querer. — Christian se inclinou e beijou a parte de cima da minha barriga. Ele falou diretamente para o bebê. —Quatro meses a mais, amor. Esperemos que antes disso eu não fique falido de satisfazer os caprichosos hábitos alimentares de sua mãe.

Uma risada borbulhou na minha garganta mesmo quando meu coração derretia ao ver Christian já tão paterno.

Tinha vivido um breve momento de preocupação quando lhe disse pela primeira vez que estava grávida - não porque estivesse preocupada que ele ficasse chateado ou que fosse um pai ruim, mas porque eu estava preocupada que *ele* duvidasse de si mesmo. Ele não tinha tido os melhores modelos de pais enquanto crescia e, apesar de sua confiança, eu sabia que uma parte dele estava nervosa por ser pai de primeira viagem.

Eu também, mas ter Christian ao meu lado fazia tudo muito menos nervoso. O que quer que acontecesse, nós descobriríamos juntos

— Se você não quer ficar falido, talvez não devesse ter gastado vinte mil dólares no sistema de monitoramento de bebês — eu soltei.

— Isso é apenas o corpo do sistema. Tenho que atualizá-lo mais perto de seu nascimento. — Ele riu novamente ao meu suspiro profundo. — Comando uma empresa de segurança, Butterfly. Você não pensou que eu iria descuidar da segurança do nosso filho, não é mesmo?

— Não sonharia com isso — falei secamente. Enfiei meus dedos no cabelo dele quando beijou minha barriga novamente antes de levantar a cabeça para me dar um beijo apropriado nos lábios.

Um suspiro de prazer saiu de minha boca para a dele.

Eu nunca me cansaria de beijá-lo. Era melhor do que toda a ioga, journaling[23] e as massagens do mundo juntos.

Bem, talvez não as massagens, mas chegava perto.

Infelizmente, nosso beijo foi interrompido quando chegamos ao nosso apartamento. Nossa cobertura em New York ocupava os dois andares superiores de um edifício pré-guerra no Upper East Side e ostentava uma vista arrebatadora do Central Park. Era um upgrade da antiga casa de Christian na cidade, embora fosse no mesmo bairro.

Deixamos minhas compras no quarto de hóspedes que se tornou um closet cheio, tomamos banho e nos trocamos antes de montarmos juntos a mesa de tacos na cozinha. Tecnicamente, não precisávamos nos dar ao trabalho de montar toda uma mesa, pois éramos apenas nós dois, mas eu adorava o ritual de fazer algo tão doméstico com Christian. Era a minha parte preferida da semana.

—Estou pensando em nomes de bebês — ele disse casualmente enquanto enchia uma das tigelas com salsa. — E

eu tenho uma sugestão.

Minhas sobrancelhas subiram. — Você quer mudar Dahlia e Adrian para outra coisa?

Depois de muito debate, tínhamos decidido manter o gênero de nosso bebê uma surpresa, por isso tínhamos mantido todo o nosso planejamento neutro. Tínhamos decorado o berçário em um verde pálido com a ajuda de Farrah, prima de Ava e uma designer famosa de interiores, e tínhamos agonizado sobre os nomes dos bebês durante meses antes de nos estabelecermos em Dahlia se fosse uma menina e Adrian se fosse um menino.

A ansiedade deslizou por minha pele só de pensar em passar por todo o processo de escolha de nomes novamente.

—Não, esses nomes são perfeitos. Mas.... — Christian enroscou a tampa do frasco de salsa de novo. — Pensei que se tivéssemos uma garota, seu nome do meio poderia ser Maura.

Eu congelei, meu coração torcido ao mencionar minha antiga babá. Ela tinha partido há anos, mas eu ainda sentia muito a falta dela.

Só esperava que eu pudesse criar minha filha tão bem quanto ela me criou.

— O que você acha? — Christian me observou com cuidado. O mais ínfimo franzir cruzou sua testa. — Pensei que seria uma bela homenagem, mas não é preciso se você não quiser.

—Não. Eu acho... — Eu engoli o caroço repentino na minha garganta. —Eu acho que seria perfeito.

A emoção engrossou minha voz em algo quase irreconhecível. Não por causa da menção de Maura, necessariamente, mas por causa da proposta de Christian.

Todos pensavam que ele era uma espécie de monstro implacável, e talvez nos negócios, ele fosse. Mas ele era também uma das pessoas mais atenciosas e cuidadosas que eu já tinha conhecido.

—Bom. — Seu rosto amoleceu antes que um brilho malicioso lhe acendesse os olhos. —E se tivéssemos um menino, seu nome do meio poderia ser Christian, em homenagem ao melhor marido do mundo.

Eu ri através do montante de lágrimas atrás dos meus olhos. Culpei meus hormônios; hoje em dia chorava por qualquer coisa.

— Ou talvez devesse ser Rhys, em homenagem ao padrinho dele... — Minha brincadeira cortou em um guincho quando Christian me puxou em direção a ele e enrolou meus cabelos em sua mão.

—Você está sempre me provocando — ele rosnou, mas seu rosto estava iluminado de diversão. — Um desses dias...

— Suas ameaças deixaram de funcionar contra mim há muito tempo, Sr. Harper. — Pisquei a umidade que ameaçava derramar em minhas bochechas e coloquei meus braços em volta de seu pescoço —Além disso, você adora a provocação.

—Eu amo *você* — ele corrigiu. — Há uma diferença.

—Mesma coisa, e eu também te amo. — Apertei meus lábios nos dele num beijo suave. — Não importa o quão rabugento você fica às vezes.

Eu reprimi outra gargalhada dele, mas ela acabou se derretendo quando Christian aprofundou o beijo e soltou meus cabelos para enrolar sua mão na parte de trás do meu pescoço.

Eu afundei em seu abraço, nossos tacos esquecidos.

Não havia câmeras, não havia convidados, não havia

distrações. Só nós.

Era por isso que eu adorava tanto nossas noites de jantar. Elas não eram chiques ou vistosas, mas não precisavam ser.

Às vezes, os momentos mais simples eram os mais bonitos.

* * *

Christian

Quatro Meses Depois

—Para de surtar. — Alex me observava andar de um lado para o outro fora da sala de parto com uma expressão entediada. — É impróprio.

—Não estou surtando — falei com os dentes rangendo. O ritmo dos meus passos aumentou, assim como o meu ritmo cardíaco.

Mas por que diabos estava demorando tanto? Stella estava lá dentro há mais de oito horas. Isso era um bom ou mau sinal quando se tratava de dar à luz?

Tudo o que eu tinha lido sobre o parto nos últimos nove meses se dissolveu sob o peso do pânico que me atravessava as veias.

Eu queria estar na sala de parto com Stella, mas depois de muito debate durante nossa correria louca para o hospital depois que sua bolsa estourou, sua mãe se juntou a ela. Eu teria brigado mais se não estivesse preocupado que o meu estresse aumentasse o estresse de Stella.

Eu puxei o colarinho da minha camisa.

Odiava me sentir assim fora de controle. Não poder vê-la e saber como ela estava indo só piorava as coisas.

—Você *está* surtando. — Rhys cortou meus pensamentos caóticos. Ele sentava-se do outro lado de Alex com as pernas estendidas. Ele era tão alto que seus sapatos quase tocavam o outro lado do corredor. — Puxe um pouco de ar. Vá lá fora tomar um pouco de ar fresco.

Irritação enrolou através de mim.

Cristo, um cara não poderia se preocupar em paz? Não entendia por que todos os amigos de Stella tiveram que aparecer quando ela entrou em trabalho de parto. Sua família também estava aqui, mas pelo menos seu pai e sua irmã tinham ido jantar em vez de me irritar.

Alex, Ava, Josh, Jules... até Rhys e Bridget estavam aqui. Eles eram os padrinhos do nosso bebê, mas mesmo assim. Eles não tinham um país para governar?

—Tudo vai ficar bem — disse Bridget calmamente. —Você mesmo disse. O Dr. Moon é o melhor e fez um excelente trabalho com Sofia e Niko. Você não tem nada com que se preocupar.

O Dr. Moon era o melhor obstetra do país. Ele morava em Chicago, mas eu o tinha trazido de avião para New York no mês passado para que ele pudesse estar de prontidão para quando Stella entrasse em trabalho de parto. Eu tinha pagado uma soma ultrajante pelo luxo, mas valeu a pena.

Entretanto, só porque ele era o melhor, não significava que ele fosse infalível.

O suor frio grudou em minha testa com estatísticas de complicações no parto e taxas de mortalidade materna passavam por minha cabeça.

Se algo acontecesse com Stella ou com o bebê...

—Eu tenho biscoitos — Ava ofereceu. —Vai ajudar a acalmar seus nervos, e você não comeu o dia todo. Você prefere red velvet, gotas de chocolate, passas e aveia ou pedaços duplos de chocolate?

Pelo amor de Deus.

—Não quero nenhum, caralho... — Os meus dentes apertaram quando Alex estreitou os olhos em aviso. Normalmente, eu não me importava se ele estava chateado ou não, mas Ava estava realmente tentando ajudar, e eu já estava farto sem entrar em uma discussão com Alex. — Não, obrigado — falei com mais calma. — Não quero nenhum biscoito.

—Vamos fazer uma revanche no xadrez. — Josh não tinha desistido de me bater ou a Alex no xadrez pelo menos uma vez. — Fiz o download de um desses aplicativos para dois jogadores no meu telefone. Derrotei Red duas vezes ontem à noite.

— E eu venci você três vezes — Jules disse docemente. — Engraçado como você deixou *essa* parte de lado.

Uma veia palpitou na minha têmpora. — Não estou jogando na porra de um aplicativo de xadrez. Esses algoritmos são tão previsíveis que é insultante...

O lamento tênue, mas distinto, de um recém-nascido cortou no ar.

Todos se calaram. Sete cabeças giraram na direção da porta da sala de parto, incluindo a minha, e meu coração pulou na minha garganta quando finalmente foi aberta para revelar a mãe da Stella.

Ela respondeu à minha pergunta mais urgente antes que eu a fizesse.

— Stella e o bebê estão bem — ela me tranquilizou. Ela parecia cansada, mas feliz. —Tudo correu bem.

Meu relacionamento com os pais da Stella havia percorrido um longo caminho ao longo dos anos. Meu respeito foi crescendo por Mika e Jarvis Alonso, embora eu nunca os perdoasse pela maneira como a trataram enquanto ela crescia. Ainda assim, eles estavam tentando, e voaram para New York na semana passada para poder estar com ela quando entrasse em trabalho de parto.

—Darei a vocês dois alguns minutos a sós. — O rosto de Mika se amoleceu em um sorriso enquanto ela se afastava. — E Christian? Parabéns.

Consegui um breve aceno de reconhecimento antes de entrar e fechar a porta atrás de mim. Os amigos de Stella respeitosamente ficaram para trás, embora eu pudesse dizer que as mulheres estavam morrendo de vontade de vê-la.

O Dr. Moon e as enfermeiras estavam limpando o pós-procedimento, mas eu mal notei. Eu estava muito concentrado em Stella, que estava sentada na cama do hospital parecendo suada, exausta, e tão linda que meu coração doía. Ela estava sorrindo para o pacote em seus braços, mas ela olhou para cima quando me ouviu entrar.

Nossos olhos trancaram, e uma estranha pressão se construiu dentro do meu peito até eu pensar que poderia explodir dele.

—Está pronto para conhecê-la? — ela perguntou suavemente. Um pequeno sorriso tocou em seus lábios para a minha característica falta de fala.

Ela. Uma filha.

Eu tenho uma filha.

Meu sangue rugiu em meus ouvidos.

Eu não conseguia fazer minha voz funcionar, então eu simplesmente acenei com a cabeça enquanto caminhava.

Eu beijei a testa de Stella e deixei meus lábios permanecer por um minuto antes de me afastar.

Ela está bem. O bebê está bem. Elas estão ambas saudáveis e vivas.

—Conheça Dahlia Maura Harper. — Lágrimas brilharam nos olhos de Stella, mas ela estava sorrindo tão amplamente que senti o calor em meus ossos enquanto tirava o precioso pacote de seus braços.

Eu olhei a recém-nascida adormecida nos meus braços. Ela era tão pequena e delicada que tive medo de esmagá-la se eu a segurasse com muita força. Ela estava enrolada para que eu só pudesse ver seu doce rosto rosado, mas isso não impediu que um amor feroz e esmagador surgisse dentro do meu peito.

Um segundo a segurando. Foi tudo o que eu precisei para me apaixonar por ela e saber, com certeza infalível, que eu faria qualquer coisa para protegê-la.

Quando finalmente encontrei minhas palavras, elas saíram roucas e grossas de emoção. — Ela é perfeita.

Assim como sua mãe.

Eu balancei Dahlia em meus braços enquanto Stella nos observava com aquele sorriso lindamente suave dela. O ar estava calmo, e tudo o que eu podia ouvir era o bater do meu coração enquanto segurava minha filha pela primeira vez.

Eventualmente, teríamos que compartilhar este momento com seus amigos e família, mas por enquanto, eu aproveitaria o luxo da paz que só nos pertencia.

Eu, Stella e Dahlia.

A família que eu nunca pensei ter, e a única família que eu precisava.

Fim



Notes

[←1]

D. C. é a abreviatura de Distrito de Colúmbia (District of Columbia), onde está localizada a cidade de Washington, que é a capital e o distrito federal dos EUA.

[←2]

Significa o uso de um produto ou serviço para promover outro.

[←3]

Ela quis dizer que beijar seria permitido dependendo da situação.

[←4]

Em inglês o termo *aesthetic* significa estética, julgamento e percepção do que é considerado belo. É usado para relacionar imagens a cores e estilos que combinem, abuso de conceitos e inspiração relacionada.

[←5]

Bolsa de mão.

[←6]

Pedra ornamental.

[←7]

Borboleta.

[←8]

Wheatgrass é a primeira folha germinada da planta de trigo comum, usada como alimento, bebida ou suplemento alimentar.

[←9]

A Fortune 500 é uma lista anual compilada e publicada pela revista Fortune que contém as 500 maiores corporações dos Estados Unidos por receita total em seus respectivos anos fiscais.

[←10]

Grama de trigo.

[←11]

“Dr. Jekyll and Mr. Hyde” é um filme estadunidense de 1941, do gênero drama de horror. Aqui no Brasil conhecido como “O Médico e o Monstro”.

[←12]

Summa Cum Laude (Com a Maior das Honras, em latim) representa a maior distinção e é o reconhecimento por obter a máxima qualificação possível em uma titulação universitária.

[←13]

Referência à uma boia gigante no formato de banana.

[←14]

Perfil

[←15]

Uma acomodação mais luxuosa e completa.

[←16]

O Internal Revenue Service é um serviço de receita do Governo Federal dos Estados Unidos.

[←17]

Expressão que faz referência ao estado em que as coisas de encontravam antes.

[←18]

Um jogo, brinquedo ou problema projetado para testar engenhosidade ou conhecimento.

[←19]

União Europeia.

[←20]

Um escritório satélite é uma filial de uma empresa maior que está fisicamente separada do escritório principal da organização.

[←21]

Um showroom é um grande espaço usado para exibir produtos ou entretenimento.

[←22]

Pequeno Raio de Sol.

[←23]

Journaling é uma escrita atenta e reflexiva, que se assemelha a um diário, e consiste em escrever de forma regular sobre acontecimentos, vivências e emoções do dia a dia.